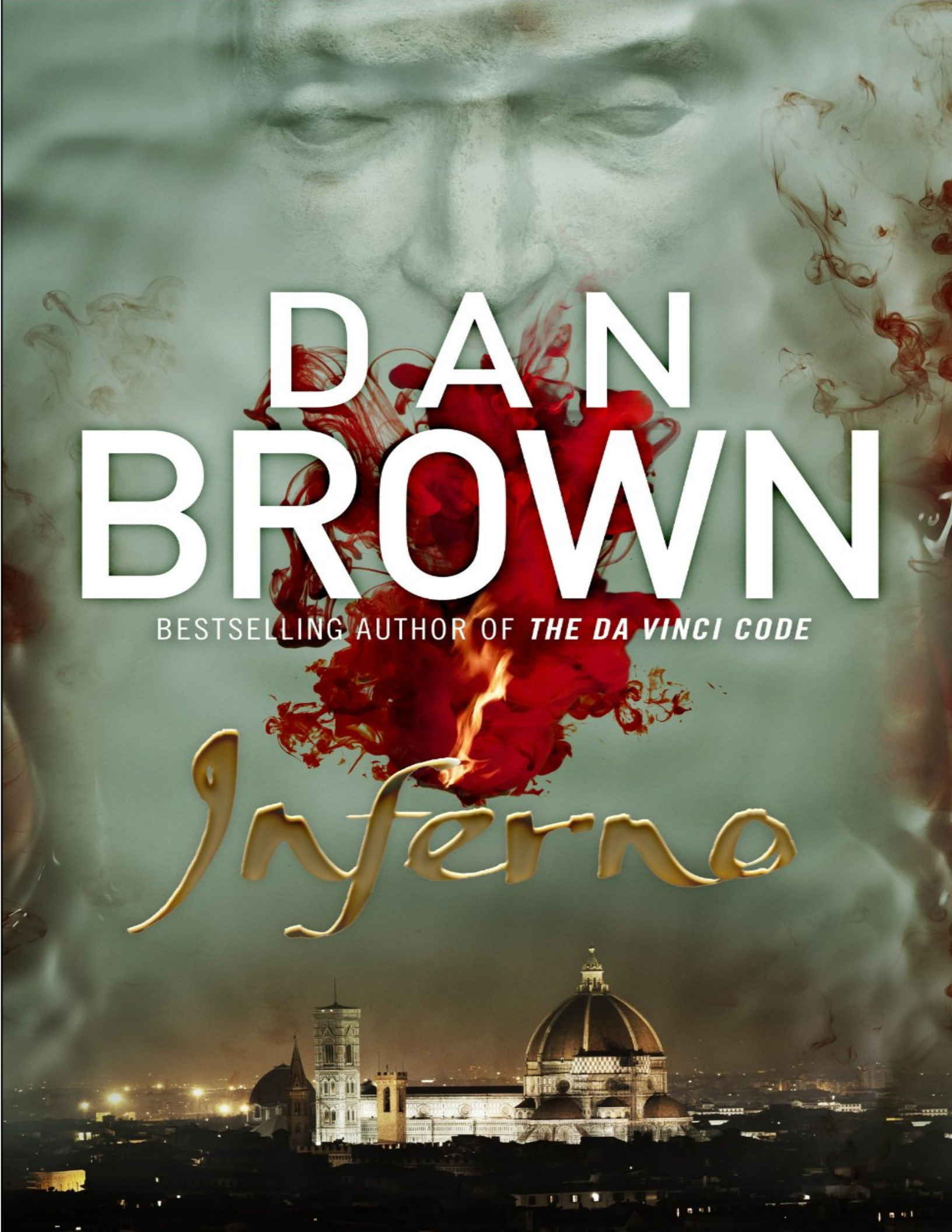
O autor de O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



INFERNO


DAN
BROWN
BESTSELLING AUTHOR OF THE DA VINCI CODE
Inferno

Inferno



O Arqueiro

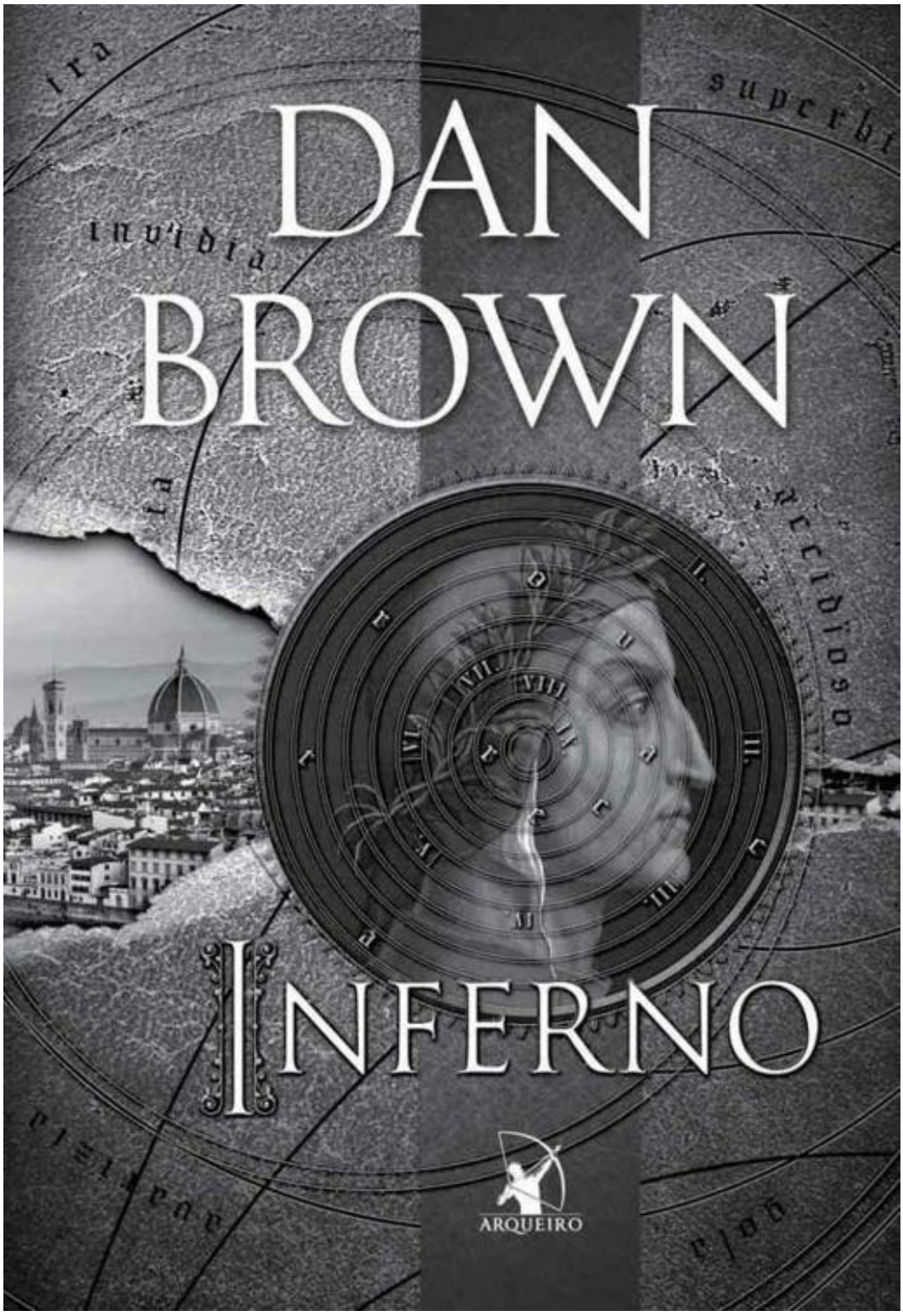
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


DAN
BROWN
INFERNO
ARQUEIRO

Título original: *Inferno*
Copyright © 2013 por Dan Brown
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou lugares é mera coincidência.

Gráfico " Special Report: How Our Economy Is Killing the Earth" (*New Scientist*, 16/10/08) Copyright © 2008 Reed Business Information – UK.
Todos os direitos reservados. Distribuído por Tribune Media Services.

tradução: Fabiano Morais e Fernanda Abreu

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Hermínia Totti e Rafaella Lemos

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Michael J. Windsor

imagens de capa: Dante © Imagno / Hulton Archive / Getty Images; Florença © Bread and Butter / Getty Images

adaptação de capa: Raul Fernandes

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B897i

Brown, Dan, 1964-
Inferno [recurso eletrônico] / Dan Brown [tradução de Fernanda Abreu e Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital: il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-153-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Morais, Fabiano. III. Título.

13-2214

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meus pais...

Os lugares mais sombrios do Inferno são reservados
àqueles que se mantiveram neutros
em tempos de crise moral.

Todas as referências históricas e obras de arte, literatura e ciência citadas neste romance são reais.

O Consórcio é uma organização secreta com escritórios em sete países. Seu nome foi modificado por questões de segurança e privacidade.

Inferno é o mundo inferior que Dante Alighieri retrata na primeira parte do poema épico *A Divina Comédia* como um reino de estrutura complexa povoado por entidades conhecidas como "sombras" – almas desencarnadas presas entre a vida e a morte.

P r ó l o g o

Eu sou a Sombra.

Pela cidade atormentada, eu fujo.

Pela eterna desolação, corro para escapar.

Pelas margens do rio Arno, sigo desabalado, ofegante... Viro à esquerda na Via dei Castellani e sigo em direção ao norte, abrigando-me nas sombras da Galleria degli Uffizi.

Mesmo assim eles continuam a me perseguir.

Então, à medida que me caçam com uma determinação implacável, o som de seus passos vai ficando cada vez mais alto.

Há anos sou perseguido por eles. Sua persistência me manteve na clandestinidade e forçou-me a viver no Purgatório, agindo embaixo da terra qual um monstro ctônico.

Eu sou a Sombra.

Aqui, na superfície, ergo o olhar para o norte, mas não consigo encontrar um caminho direto para a salvação, pois os montes Apeninos bloqueiam os primeiros raios de sol da alvorada.

Passo atrás do *palazzo*, com sua torre ornada de ameias e seu relógio de um ponteiro só... Em zigue-zague, avanço por entre os comerciantes madrugadores na Piazza di San Firenze. Quando falam com suas vozes roucas, sinto seu hálito, que recende a *lampredotto* e azeitonas assadas. Atravessando em frente ao Bargello, dobro novamente à esquerda em direção à torre da Badia e me jogo com força contra o portão de ferro ao pé da escada.

Aqui, toda e qualquer hesitação deve ser abandonada.

Giro a maçaneta e entro no corredor. Sei que não haverá volta. Instigo minhas pernas pesadas como chumbo a galgarem a escadaria estreita, com seus degraus de mármore esburacados e gastos subindo em espiral rumo ao céu.

As vozes ecoam lá de baixo. Suplicantes.

Eles estão atrás de mim, irredutíveis, cada vez mais perto.

Não entendem o que está por vir... tampouco o que fiz por eles!

Terra ingrata!

Enquanto subo, as visões me vêm com toda a força... os corpos libidinosos se contorcendo sob a chuva de fogo, as almas dos glutões flutuando em excremento, os traidores infames congelados nas garras gélidas de Satanás.

Venço os últimos degraus e chego ao topo cambaleando, à beira da morte; saio

para o ar úmido da manhã. Corro até o muro que se ergue à altura da minha cabeça e espio pelas frestas. Lá embaixo estende-se a cidade abençoada que tornei meu santuário contra aqueles que me exilaram.

As vozes me chamam, aproximando-se por trás.

– O que você fez é uma loucura!

Loucura gera loucura.

– Pelo amor de Deus – gritam eles –, diga-nos onde a escondeu!

É exatamente pelo amor de Deus que não direi.

Aqui estou, encurralado, as costas contra a pedra fria. Eles olham no fundo dos meus olhos verdes e límpidos, e seus rostos ficam carregados: sua expressão, antes persuasiva, agora é ameaçadora.

– Você sabe que temos nossos métodos. Podemos forçá-lo a nos contar onde está.

Por isso subi metade do caminho até o Céu.

Sem aviso, eu me viro e ergo os braços, agarrando o parapeito alto com os dedos, içando meu corpo, ajoelhando-me às pressas em cima do muro. Depois me ponho de pé... oscilo à beira do precipício. *Seja o meu guia, caro Virgílio, enquanto atravesso o vazio.*

Eles disparam à frente, incrédulos, querendo agarrar meus pés, mas temendo que eu perca o equilíbrio e caia. Com um desespero contido, começam a implorar, mas eu já lhes dei as costas. *Sei o que devo fazer*.

Lá embaixo, a uma distância vertiginosa, telhas vermelhas se espalham como um mar de fogo pelo campo... iluminando a bela terra um dia povoada por gigantes... Giotto, Donatello, Brunelleschi, Michelangelo, Botticelli.

Aproximo os dedos dos pés da beirada.

– Desça! – gritam eles. – Ainda há tempo!

Ó, ignorantes obstinados! Por acaso não conseguem ver o futuro? Não conseguem entender o esplendor da minha criação? Como ela é necessária?

É com prazer que faço este derradeiro sacrifício... e com ele extinguirei suas últimas esperanças de encontrar o que buscam.

Vocês jamais conseguirão localizá-la a tempo.

Centenas de metros lá embaixo, a *piazza* de paralelepípedos me chama como um oásis de serenidade. Como eu gostaria de ter mais tempo... Porém esse é o único bem que nem mesmo minha enorme fortuna pode comprar.

Nestes últimos segundos, baixo os olhos em direção à *piazza* e vislumbro algo que me deixa perplexo.

Vejo o seu rosto.

Em meio às sombras, você tem os olhos erguidos para mim. Estão pesarosos, mas neles também percebo reverência pelo que fui capaz de fazer. Você entende que não tenho escolha. Por amor à humanidade, devo proteger minha obra-prima.

Neste exato momento, ela cresce... à espera... fervilhando sob as águas rubras de sangue da lagoa que não reflete as estrelas.

Então tiro meus olhos dos seus e contemplo o horizonte. Muito acima deste mundo oprimido, faço minha última súplica.

Queridíssimo Deus, rogo-lhe que o mundo se lembre do meu nome não como um pecador monstruoso, mas como o salvador glorioso que o Senhor sabe que na verdade sou. Rogo que a humanidade entenda o presente que deixo.

Meu presente é o futuro.

Meu presente é a salvação.

Meu presente é o Inferno.

Com essas palavras, sussurro amém... e dou o último passo para mergulhar no abismo.

CAPÍTULO 1

As lembranças se materializaram lentamente, como bolhas vindo à tona da escuridão de um poço sem fundo.

Uma mulher com o rosto coberto por um véu.

Robert Langdon olhava para ela do outro lado de um rio cujas águas agitadas corriam vermelhas, tingidas de sangue. De frente para ele, na margem oposta, a mulher o encarava, imóvel, solene. Trazia na mão uma faixa azul, uma *tainia*, que ergueu em homenagem ao mar de cadáveres aos seus pés. O cheiro da morte pairava por toda parte.

Busca, sussurrou a mulher. *E encontrarás*.

Langdon ouviu as palavras como se ela as tivesse pronunciado dentro de sua cabeça. *Quem é você?*, perguntou ele, sem que sua voz produzisse som algum.

O tempo está se esgotando, murmurou ela. *Busca e encontrarás*.

Langdon deu um passo à frente, em direção ao rio, mas então viu que as águas, além de ensanguentadas, eram profundas demais para que ele as atravessasse. Quando tornou a erguer os olhos para a mulher de véu, os corpos aos seus pés tinham se multiplicado. Eram agora centenas, milhares talvez, alguns ainda vivos, contorcendo-se de agonia, padecendo mortes inimagináveis... consumidos pelo fogo, enterrados em fezes, devorando uns aos outros. Podia ouvir os lamentos humanos ecoando acima da água.

A mulher se moveu em sua direção com as mãos esguias estendidas, como quem pede ajuda.

Quem é você?!, gritou Langdon dessa vez.

Em resposta, a mulher levou a mão ao rosto e ergueu lentamente o véu. Sua beleza era arrebatadora, porém ela era mais velha do que Langdon imaginara: 60 e poucos anos talvez, altiva e forte, como uma estátua atemporal. Tinha um maxilar anguloso, de aspecto severo, olhos penetrantes e intensos e longos cabelos prateados, cujos cachos lhe caíam em cascata sobre os ombros. Um amuleto de lápis-lazúli pendia de seu pescoço – uma serpente solitária enroscada em um bastão.

Langdon teve a sensação de que a conhecia, de que confiava nela. *Mas como? Por quê?*

Ela então apontou para duas pernas que brotavam da terra, se contorcendo. Aparentemente eram de alguma pobre alma enterrada até a cintura, de cabeça para baixo. Uma letra solitária escrita com lama se destacava na coxa pálida do homem:

R.

R?, pensou Langdon, intrigado. *R de... Robert?*

– Será que esse... sou *eu*?

O rosto da mulher nada revelava. *Busca e encontrarás*, repetiu ela.

Subitamente, ela começou a irradiar uma luz branca... cada vez mais forte. Todo o seu corpo passou a vibrar com intensidade e, então, com um estrondo repentino, ela explodiu em mil faíscas.

Langdon acordou sobressaltado, aos gritos.

Estava sozinho no quarto iluminado. O cheiro pungente de álcool hospitalar pairava no ar. Ali perto bipes de máquina soavam em discreta sintonia com o ritmo de seu coração. Tentou mover o braço direito, mas uma dor lancinante o impediu. Olhou para baixo e viu que um cateter intravenoso repuxava a pele de seu antebraço.

Sua pulsação se acelerou e as máquinas acompanharam o ritmo, passando a emitir bipes mais rápidos.

Onde estou? O que aconteceu?

A nuca de Langdon latejava, uma dor torturante. Com cautela, ele ergueu o braço livre e tocou o couro cabeludo, tentando localizar a origem da dor de cabeça. Sob os cabelos emaranhados, encontrou as extremidades duras de uns dez pontos incrustados de sangue seco.

Fechou os olhos e tentou se lembrar de algum acidente.

Nada. Branco total.

Pense.

Apenas escuridão.

Um homem com roupa cirúrgica entrou apressado, aparentemente alertado pela aceleração dos bipes do monitor cardíaco de Langdon. Tinha barba desgrenhada, bigode cerrado e olhos bondosos que transmitiam uma calma atenciosa por baixo das sobrancelhas revoltas.

– O que... o que houve? – Langdon conseguiu perguntar. – Eu sofri algum acidente?

O barbudo levou um dedo aos lábios e tornou a sair às pressas para chamar alguém no corredor.

Langdon virou a cabeça, mas o movimento fez uma pontada de dor atravessar seu crânio. Respirou fundo várias vezes e esperou a dor passar. Então, com cuidado e de forma metódica, examinou o ambiente estéril ao seu redor.

O quarto de hospital continha uma cama só. Não havia flores. Não havia cartões. Viu as próprias roupas em cima de um balcão próximo ao leito, dobradas dentro de um saco plástico transparente. Estavam cobertas de sangue.

Meu Deus. Deve ter sido grave.

Langdon girou a cabeça bem devagar em direção à janela ao lado da cama. Estava escuro lá fora. Era noite. A única coisa que ele conseguia ver no vidro era o próprio reflexo: um desconhecido pálido, exausto e abatido, ligado a tubos e fios, cercado por equipamentos hospitalares.

Ouviu vozes se aproximando pelo corredor e tornou a olhar para o quarto. O médico voltou, dessa vez acompanhado por uma mulher.

Ela parecia ter 30 e poucos anos. Usava roupa cirúrgica azul e tinha os cabelos louros presos em um rabo de cavalo grosso que balançava ao ritmo de seus passos.

– Sou a Dra. Sienna Brooks – apresentou-se, abrindo um sorriso para Langdon ao entrar. – Vou trabalhar com o Dr. Marconi hoje à noite.

Langdon assentiu com um débil meneio de cabeça.

Alta e graciosa, a Dra. Brooks se movia com a desenvoltura assertiva de uma atleta. Mesmo com aquela roupa folgada, conservava uma elegância esguia. Por mais que Langdon não percebesse nenhum traço de maquiagem, sua pele tinha uma suavidade incomum, a única mácula era uma pinta minúscula logo acima dos lábios. Os olhos, de um tom castanho suave, pareciam estranhamente penetrantes, como se houvessem testemunhado experiências de rara profundidade para alguém tão jovem.

– O Dr. Marconi não fala inglês muito bem, então me pediu que preenchesse sua ficha de admissão – disse ela, sentando-se ao seu lado. Voltou a sorrir.

– Obrigado.

– Certo – começou ela, assumindo um tom de voz sério. – Qual é o seu nome?

Ele precisou de alguns instantes.

– Robert... Langdon.

Ela apontou uma lanterninha para seus olhos.

– Profissão?

Ele respondeu ainda mais devagar:

– Professor universitário. História da Arte... e Simbologia. Em Harvard.

A Dra. Brooks baixou a lanterna, mostrando-se surpresa. O médico de sobrancelhas revoltas pareceu igualmente espantado.

– O senhor é americano?

Langdon a encarou com um olhar intrigado.

– É só que... – Ela hesitou. – O senhor não tinha documento nenhum quando chegou. Como estava de paletó Harris Tweed e sapatos sociais, imaginamos que fosse britânico.

– Eu sou americano – assegurou-lhe Langdon, exausto demais para explicar sua preferência por alfaiataria de qualidade.

– Está sentindo alguma dor?

– Na cabeça – respondeu Langdon, o latejar em seu crânio agravado pelo brilho forte da lanterna. Felizmente, a médica a guardou no bolso e pegou seu pulso, para

medir os batimentos.

– O senhor acordou gritando – falou. – Consegue se lembrar por quê?

Langdon voltou a ter um lampejo da estranha visão da mulher de véu, cercada de corpos em agonia. *Busca e encontrarás*.

– Tive um pesadelo.

– Sobre o quê?

Langdon lhe contou.

A Dra. Brooks manteve uma expressão neutra enquanto fazia anotações numa prancheta.

– Alguma ideia do que possa ter provocado uma visão tão apavorante?

Langdon vasculhou a memória e então balançou a cabeça, que latejou em protesto.

– Muito bem, Sr. Langdon – disse ela, sem parar de escrever –, agora vou fazer algumas perguntas de rotina. Que dia da semana é hoje?

Langdon pensou por alguns instantes.

– Sábado. Eu me lembro de estar andando pelo campus hoje mais cedo... de participar de um congresso à tarde e depois... acho que essa é a última coisa de que me lembro. Eu levei um tombo?

– Já vamos falar sobre isso. O senhor sabe onde está?

Langdon deu seu melhor palpite:

– No Hospital Geral de Massachusetts?

A Dra. Brooks fez outra anotação.

– Existe alguém para quem devamos telefonar avisando? Mulher? Filhos?

– Ninguém – respondeu Langdon sem precisar pensar.

Sempre gostara da solidão e da independência que sua vida de solteiro lhe proporcionava, embora precisasse admitir que, nas condições em que se encontrava, preferiria ter um rosto conhecido ao seu lado.

– Eu poderia telefonar para alguns colegas, mas não vejo necessidade.

Quando a Dra. Brooks terminou de verificar o pulso de Langdon, o médico mais velho se aproximou. Alisando as sobrancelhas revoltas, sacou um pequeno gravador do bolso e o mostrou à colega. Ela assentiu, indicando que entendera, e voltou a encarar o paciente.

– Sr. Langdon, quando chegou hoje mais cedo, o senhor estava murmurando repetidamente uma coisa.

Ela lançou um olhar ao Dr. Marconi, que ergueu o gravador digital e apertou um botão.

Uma gravação começou a tocar e Langdon ouviu a própria voz grogue balbuciar repetidas vezes a mesma frase: "*Ve... sorry. Ve... sorry.*"

– Me parece – continuou a doutora – que o senhor estava dizendo "*Very sorry.*

Very sorry".

Langdon concordou, embora não se lembrasse de nada daquilo.

A Dra. Brooks o fitou com um olhar tão intenso que chegava a ser perturbador.

– Tem alguma ideia de por que diria isso? O que o senhor lamenta tanto?

Enquanto se esforçava para tentar lembrar, Langdon tornou a ver a mulher de rosto velado parada à margem de um rio vermelho-sangue, cercada de corpos. Sentiu outra vez o fedor da morte.

Foi invadido pela sensação repentina, instintiva, de que estava correndo perigo... não só ele como todos os demais. Os bipes do monitor cardíaco se aceleraram na mesma hora. Seus músculos se retesaram e ele tentou se sentar.

A Dra. Brooks se apressou em pousar a mão com firmeza sobre seu peito, forçando-o a permanecer deitado. Então lançou um olhar rápido para o médico barbudo, que foi até um dos cantos do quarto e começou a preparar alguma coisa.

Em pé ao lado de Langdon, a doutora voltou a falar com um sussurro:

– Sr. Langdon, ansiedade é uma reação comum a traumatismos cranianos, mas o senhor precisa manter sua pulsação baixa. Não deve se mexer nem se agitar, apenas fique deitado e descanse. Vai ficar tudo bem. Aos poucos, vai recuperar a memória.

O outro médico voltou com uma seringa, que entregou à Dra. Brooks. Ela injetou o conteúdo no acesso intravenoso de Langdon.

– É só um sedativo leve para acalmá-lo – explicou – e para aliviar a dor. – Ela se levantou para ir embora. – Vai ficar tudo bem, Sr. Langdon. Agora durma. Se precisar de alguma coisa, aperte o botão ao lado da cama.

Ela apagou a luz e se retirou junto com o médico barbudo.

No escuro, Langdon sentiu o efeito quase imediato da medicação em seu organismo, arrastando-o de volta para as profundezas do poço do qual havia emergido. Combateu a sensação, forçando os olhos a permanecerem abertos na escuridão do quarto. Tentou se sentar, mas seu corpo parecia feito de concreto.

Ao mudar de posição na cama, Langdon se viu outra vez de frente para a janela. As luzes estavam apagadas e, no vidro escuro, seu próprio reflexo havia desaparecido, substituído por um horizonte distante e iluminado.

Em meio às silhuetas de torres e domos, uma fachada em especial se destacava em seu campo de visão. A construção era uma imponente fortaleza de pedra, com ameias no parapeito e uma torre de mais de 90 metros, que ficava mais larga perto do topo projetado para fora, também com ameias munidas de balestreiros.

Langdon se sentou na cama com as costas eretas, fazendo com que a cabeça quase explodisse de dor. Lutou contra o latejar violento e fixou o olhar na torre.

Conhecia bem aquela estrutura medieval.

Era única no mundo.

Infelizmente, porém, ficava a quase 6.500 quilômetros de Massachusetts.

Do lado de fora, escondida nas sombras da Via Torregalli, uma mulher robusta desceu com agilidade de uma moto BMW e avançou com o andar decidido de uma pantera que persegue a presa. Tinha um olhar feroz. Os cabelos curtos e espetados se destacavam contra a gola levantada do macacão preto de couro. Ela verificou a arma equipada com silenciador que trazia nas mãos e ergueu os olhos para a janela do quarto de Robert Langdon, onde a luz acabara de se apagar.

Mais cedo naquela noite, sua missão original dera terrivelmente errado.

O arrulho de uma simples pomba havia mudado tudo.

Agora ela estava lá para consertar o estrago.

CAPÍTULO **2**

Estou em Florença?

A cabeça de Robert Langdon latejava. Agora estava sentado na cama do hospital, com as costas eretas, apertando sem parar o botão para chamar ajuda. Apesar dos sedativos em seu organismo, tinha o coração acelerado.

A Dra. Books voltou às pressas ao quarto, seu rabo de cavalo balançando.

– Você está bem?

Langdon fez que não com a cabeça, atordoado.

– Eu estou... na Itália?

– Que bom – disse ela. – O senhor está se lembrando.

– Não! – Langdon apontou pela janela o edifício monumental que se erguia ao longe. – Reconheci o Palazzo Vecchio.

A Dra. Brooks tornou a acender as luzes, fazendo desaparecer o horizonte de Florença. Foi até o lado da cama, sussurrando com uma voz tranquila:

– Sr. Langdon, não precisa se preocupar. O senhor está sofrendo de uma leve amnésia, mas o Dr. Marconi já confirmou que não há nada de errado com as suas funções cerebrais.

O médico barbudo também entrou correndo, aparentemente por ter ouvido a campainha. Conferiu o monitor cardíaco de Langdon enquanto a jovem médica falava com ele em um italiano rápido e fluente – algo sobre como Langdon tinha ficado *agitato* ao descobrir que estava na Itália.

Agitado?, pensou Langdon, furioso. *Eu diria estupefato!* A adrenalina que inundava seu organismo agora travava uma guerra contra os sedativos.

– O que houve comigo? – exigiu saber. – Que dia é hoje?

– Está tudo bem – respondeu ela. – É madrugada de segunda-feira, dia 18 de março.

Segunda-feira. Langdon forçou seu cérebro dolorido a retornar às últimas imagens de que conseguia se lembrar – fazia frio e estava escuro, ele andava sozinho pelo campus de Harvard no sábado à noite rumo a um congresso. *Isso foi há dois dias?* Um pânico ainda maior o dominou ao tentar se lembrar de qualquer coisa que tivesse acontecido durante o congresso ou depois dele. *Nada.* Os bipes do monitor cardíaco se aceleraram.

O médico mais velho coçou a barba e continuou a ajustar os equipamentos enquanto a Dra. Brooks se sentava outra vez ao lado de Langdon.

– O senhor vai ficar bem – disse ela, tranquilizando-o com seu tom de voz suave. – Foi diagnosticada perda de memória recente, o que é muito comum em casos de traumatismo craniano. Pode não se lembrar dos últimos dias, ou talvez suas lembranças estejam confusas, mas o senhor não deve ficar com nenhuma sequela permanente. – Ela se deteve. – Consegue se lembrar do meu primeiro nome? Eu lhe disse assim que cheguei.

Langdon pensou por alguns instantes.

– Sienna. – *Dra. Sienna Brooks*.

Ela sorriu.

– Está vendo? Já está criando novas lembranças.

A dor na cabeça de Langdon era quase insuportável e seu campo visual próximo continuava embaçado.

– O que... o que aconteceu? Como cheguei aqui?

– É melhor o senhor descansar, depois talvez...

– Como cheguei aqui?! – ele exigiu saber, fazendo os bipes do monitor cardíaco se acelerarem ainda mais.

– Está bem, respire devagar – orientou a Dra. Brooks, trocando olhares nervosos com o colega. – Vou lhe contar. – Sua voz ficou claramente mais séria. – Há três horas o senhor entrou cambaleando no pronto-socorro, com um ferimento na cabeça, sangrando, e desabou no chão logo em seguida. Ninguém fazia a menor ideia de quem era ou de como tinha chegado aqui. Estava balbuciando alguma coisa em inglês, então o Dr. Marconi pediu minha ajuda. Sou do Reino Unido, mas estou trabalhando aqui por um tempo.

Langdon teve a sensação de que havia acordado dentro de um quadro de Max Ernst. *O que será que estou fazendo na Itália?* Costumava visitar o país a cada dois anos, no mês de junho, para uma conferência de arte, mas agora era março.

Os sedativos começaram a fazer mais efeito e parecia que a gravidade da Terra estava ficando mais forte a cada segundo, tentando arrastá-lo para baixo através do colchão. Langdon resistiu, erguendo a cabeça e tentando permanecer alerta.

A Dra. Brooks se debruçou sobre ele, pairando como um anjo.

– Por favor, Sr. Langdon – sussurrou. – O traumatismo craniano é delicado durante as primeiras 24 horas. O senhor precisa descansar ou pode causar danos graves.

Uma voz crepitou de repente no interfone do quarto.

– *Dr. Marconi?*

– *Sì?* – respondeu o barbudo, apertando um botão na parede.

A voz no interfone falou rápido, em italiano. Langdon não entendeu o que foi dito, mas notou que os dois médicos trocaram olhares de surpresa. *Ou seria de temor?*

– *Un minuto* – disse Marconi, encerrando a conversa.

– O que está havendo? – perguntou Langdon.

Os olhos da Dra. Brooks pareceram se estreitar um pouco.

– Era a recepcionista da UTI. O senhor tem uma visita.

Um raio de esperança atravessou o estupor de Langdon.

– Que boa notícia! Talvez essa pessoa saiba o que aconteceu comigo.

A doutora pareceu receosa.

– Só acho estranho alguém ter aparecido. Não sabíamos o seu nome e o senhor ainda não está registrado no sistema.

Langdon lutou contra os sedativos e se empertigou na cama, desajeitado.

– Se alguém sabe que estou aqui, deve saber o que aconteceu!

A Dra. Brooks olhou para o Dr. Marconi, que balançou a cabeça e apontou seu relógio de pulso. Ela voltou a encarar Langdon.

– Isto aqui é uma UTI – explicou. – Ninguém pode entrar antes das nove da manhã. O Dr. Marconi vai lá fora descobrir quem é essa tal visita e o que quer.

– Mas e o que *eu* quero? – protestou Langdon.

A Dra. Brooks abriu um sorriso paciente, inclinou-se mais para perto dele e disse em voz baixa:

– Sr. Langdon, existem algumas coisas sobre a noite passada que o senhor não sabe... sobre o que lhe aconteceu. E, antes de falar com quem quer que seja, acho justo que esteja a par de todos os fatos. Infelizmente, ainda não está forte o suficiente para...

– Que fatos?! – Langdon exigiu saber, esforçando-se para se erguer mais na cama. Sentiu uma fisgada no braço onde estava o acesso intravenoso e seu corpo pareceu pesar centenas de quilos. – Tudo que sei é que estou num hospital em Florença e que cheguei repetindo as palavras "*very sorry...*"

Foi então que um pensamento aterrador lhe ocorreu.

– Eu causei algum acidente de trânsito? – perguntou. – Machuquei alguém?

– Não, não – respondeu ela. – Acho que não.

– Então *o que foi*? – insistiu Langdon, fitando os dois médicos com um olhar furioso. – Tenho o direito de saber o que está acontecendo!

Após um longo silêncio, o Dr. Marconi enfim assentiu com relutância para sua jovem e atraente colega. A Dra. Brooks suspirou e se aproximou da cama.

– Está bem, vou lhe contar o que sei... e o senhor vai ouvir com calma, combinado?

Langdon concordou com a cabeça e o movimento fez uma onda de dor atravessar seu crânio. Ele a ignorou, ansioso por respostas.

– Para começar... o ferimento em sua cabeça não foi causado por um acidente.

– Bem, isso é um alívio.

– Não exatamente. Seu ferimento, na verdade, foi causado por um tiro.

Os bipes no monitor cardíaco de Langdon se aceleraram mais uma vez.

– Como é que é?!

A Dra. Brooks falava com firmeza, mas depressa:

– Uma bala atingiu de raspão a parte de trás da sua cabeça e provavelmente causou uma concussão. O senhor tem muita sorte de estar vivo. Poucos centímetros mais abaixo e... – Ela balançou a cabeça.

Langdon a encarou, incrédulo. *Eu levei um tiro?*

Vozes irritadas irromperam do corredor quando começou um bate-boca. Parecia que a tal pessoa que fora visitar Langdon não queria esperar. Logo em seguida, ele ouviu uma porta pesada na extremidade oposta do corredor se abrir com um estrondo. Ficou observando até ver um vulto se aproximar.

A mulher estava vestida de couro preto dos pés à cabeça. Tinha um corpo forte, bem-torneado, e cabelos negros espetados. Movia-se sem esforço algum, como se seus pés não tocassem o chão, e vinha direto para o quarto de Langdon.

Sem hesitar, o Dr. Marconi se postou no vão da porta para bloquear a passagem da visitante.

– *Ferma!* – ordenou ele, estendendo a palma da mão como um policial.

Sem diminuir o ritmo, a estranha sacou uma arma equipada com silenciador. Mirou diretamente o peito do Dr. Marconi e atirou.

Ouviu-se um sibilo curto.

Horrorizado, Langdon viu o Dr. Marconi cambalear de costas para dentro do quarto e cair no chão com as mãos no peito, o jaleco branco empapado de sangue.

CAPÍTULO 3

A 8 quilômetros da costa italiana, o iate de luxo de 229 pés de comprimento chamado *Mendacium* singrava a névoa pré-matinal que se erguia das ondas suaves do mar Adriático. Seu casco equipado com tecnologia antirradar era pintado de cinza-chumbo, o que lhe conferia a aura claramente hostil de uma embarcação militar.

Avaliado em mais de 300 milhões de dólares, o iate contava com todos os confortos de praxe: spa, piscina, cinema, submarino particular e heliporto. No entanto, os luxos da embarcação pouco interessavam ao proprietário, que a comprara cinco anos antes e, sem pestanejar, havia dilapidado a maior parte desses espaços para instalar um centro de comando informatizado de nível militar, protegido por uma blindagem de chumbo.

Servida por três links dedicados via satélite e por uma densa rede de estações de transmissão terrestres, a sala de controle do *Mendacium* abrigava uma equipe de uns vinte funcionários – técnicos, analistas, coordenadores operacionais –, que viviam embarcados e mantinham contato constante com os vários centros de operações da organização baseados em terra.

A segurança interna do iate incluía uma pequena unidade de soldados com treinamento militar, dois sistemas de detecção de mísseis e um arsenal que contava com os mais modernos armamentos. Somando as equipes de apoio – cozinha, limpeza e manutenção –, havia mais de quarenta pessoas a bordo. O *Mendacium* era, para todos os efeitos, o prédio comercial portátil a partir do qual o proprietário comandava seu império.

Conhecido por seus empregados apenas como "o diretor", ele era um homem pequeno, atarracado, de pele bronzeada e olhos fundos. Seu físico nada imponente e sua franqueza pareciam combinar com alguém que havia acumulado uma grande fortuna oferecendo uma enorme gama de serviços secretos às margens obscuras da sociedade.

Ele já havia sido chamado de várias coisas – mercenário desalmado, facilitador do pecado, agente do diabo –, mas não era nada disso. O diretor apenas dava a seus clientes a oportunidade de perseguir, sem consequências, seus desejos e suas ambições; o fato de a humanidade ser pecaminosa por natureza não era problema dele.

Apesar dos detratores com suas objeções éticas, a bússola moral do diretor era

uma estrela fixa, inabalável. Ele havia erguido sua reputação – e a do próprio Consórcio – com base em duas regras de ouro:

Nunca fazer promessas que não possa cumprir.

E nunca mentir para um cliente.

Jamais.

Ao longo de sua carreira, o diretor nunca havia quebrado uma promessa nem descumprido um acordo. Sua palavra era inquebrantável – uma garantia absoluta – e, embora ele sem dúvida se arrependesse de ter firmado certos contratos, infringi-los sempre estivera fora de cogitação.

Nessa manhã, ao chegar à sacada de sua cabine particular no iate, o diretor olhou o mar revolto e tentou afastar a inquietação que havia se instalado dentro dele.

As decisões do passado são os arquitetos do presente.

Graças às decisões que havia tomado antes, o diretor estava em posição de enfrentar praticamente qualquer situação adversa e sempre sair vitorioso. Nesse dia, porém, enquanto olhava as luzes distantes da Itália, sentia uma estranha aflição.

Um ano antes, naquele mesmo iate, ele tomara uma decisão cujos desdobramentos agora ameaçavam destruir tudo o que havia construído. *Aceitei prestar serviços para o homem errado*. O diretor não tinha como saber na época, mas esse erro havia provocado uma tempestade de contratempos imprevistos, obrigando-o a despachar alguns de seus melhores agentes de campo com ordens de fazer "tudo o que fosse necessário" para evitar que sua embarcação, que já adernava, naufragasse de vez.

Nesse exato instante o diretor estava aguardando notícias de uma agente de campo em particular.

Vayentha, pensou, visualizando a forte especialista de cabelos espetados. Vayentha, cujos serviços tinham sido perfeitos até aquela missão, cometera um erro de consequências terríveis na noite anterior. As últimas seis horas tinham sido uma confusão, uma tentativa desesperada de retomar o controle da situação.

Vayentha alegou que seu erro tinha sido consequência de uma simples falta de sorte – o arrulho inoportuno de uma pomba.

O diretor, no entanto, não acreditava em sorte. Tudo o que fazia era orquestrado de modo a erradicar a incerteza e impossibilitar o acaso. Controle era a sua especialidade – prever cada possibilidade, antecipar qualquer reação e moldar a realidade a fim de alcançar o resultado desejado. Ele tinha um histórico impecável de sucessos e confidencialidade que lhe garantia uma clientela impressionante: bilionários, políticos, xeques e até governos inteiros.

A leste, os primeiros raios fracos da alvorada já começavam a consumir as estrelas mais baixas no horizonte. Parado no convés, o diretor aguardava pacientemente Vayentha entrar em contato com a notícia de que a sua missão correra conforme o planejado.

CAPÍTULO 4

Por alguns instantes, Langdon teve a sensação de que o tempo havia parado.

O Dr. Marconi jazia imóvel no chão, com sangue jorrando de seu peito. Lutando contra os sedativos em seu organismo, Langdon ergueu os olhos para a assassina de cabelos espetados, que ainda atravessava o corredor, avançando pelos últimos metros que a separavam da porta aberta de seu quarto. Ao se aproximar do vão, ela lançou um olhar para Langdon e, no mesmo instante, apontou a arma para ele... mirando sua cabeça.

Vou morrer, pensou Langdon. *Aqui e agora.*

Houve um estrondo ensurdecedor no pequeno quarto do hospital.

Langdon se encolheu, certo de que tinha levado um tiro, mas o barulho não viera da arma. O estrondo, na verdade, fora causado pelo baque da pesada porta de metal quando a Dra. Brooks se jogou contra ela e girou o trinco para fechá-la.

Com os olhos arregalados de medo, a Dra. Brooks se virou imediatamente, agachando-se ao lado de seu colega ensanguentado, tentando encontrar sua pulsação. O Dr. Marconi tossiu um bocado de sangue, que escorreu por sua barba espessa. Então seu corpo ficou mole.

– *Enrico, no! Ti prego!* – gritou a médica.

Uma série de disparos explodia do lado de fora da porta de metal. Gritos alarmados inundavam o corredor.

De alguma forma, Langdon conseguiu se mover, o pânico e o instinto enfim vencendo os sedativos. Enquanto saía desajeitadamente da cama, sentiu o antebraço direito queimar. Por um instante chegou a pensar que uma bala tivesse atravessado a porta e o atingido, mas quando olhou para baixo percebeu que o acesso intravenoso havia se soltado. O cateter de plástico despontava de um buraco de bordas irregulares em sua pele e o sangue quente escorria do tubo.

Agora Langdon estava totalmente desperto.

Agachada junto ao corpo de Marconi, a Dra. Brooks continuava tentando encontrar alguma pulsação. As lágrimas se acumulavam em seus olhos. Então, como se um interruptor tivesse sido acionado dentro dela, levantou-se e virou-se para Langdon. Sua expressão se transformou diante dos olhos dele: os traços jovens endureceram e assumiram toda a compostura fria de uma médica experiente diante de uma crise.

– Venha comigo – ordenou ela.

A Dra. Brooks agarrou o braço de Langdon e o puxou pelo quarto. Os sons dos tiros e do caos continuavam a ecoar no corredor enquanto ele se arrastava para a frente com as pernas bambas. Sua mente estava alerta, mas seu corpo dopado demorava a reagir. *Ande!* O piso de cerâmica estava frio sob seus pés e a fina camisola do hospital mal cobria seu 1,83 metro de altura. Ele sentia o sangue escorrer pelo braço e empoçar na palma da mão.

As balas continuavam a atingir a maçaneta pesada e a Dra. Brooks empurrou Langdon com violência para dentro de um pequeno banheiro. Estava prestes a acompanhá-lo quando se deteve e correu de volta até o balcão para apanhar seu Harris Tweed sujo de sangue.

Esqueça a droga do paletó!

Ela voltou com a roupa agarrada ao peito e trancou a porta do banheiro às pressas. Nesse exato momento, a porta do quarto se abriu com um estrondo.

Ainda no controle, a jovem médica atravessou o banheiro em direção a uma segunda porta, escancarou-a e conduziu Langdon até uma sala de recuperação contígua. Com os disparos ecoando atrás deles, a Dra. Brooks pôs a cabeça para fora do quarto para espiar e se apressou em agarrar o braço de Langdon, puxando-o pelo corredor rumo às escadas. O movimento repentino o deixou zonzo e ele teve a sensação de que poderia desmaiar a qualquer momento.

Os quinze segundos seguintes foram um borrão... descer as escadas... tropeçar... cair. O latejar em sua cabeça era quase insuportável. Sua visão parecia ainda mais embaçada agora, os músculos pareciam anestesiados e cada movimento era como uma reação retardada.

Então, o ar ficou frio.

Estou na rua.

Enquanto a Dra. Brooks o arrastava para longe do prédio por um beco escuro, Langdon pisou em algo pontiagudo e caiu com força no chão asfaltado. Ela o levantou com dificuldade, amaldiçoando em alto e bom som o fato de ele ter sido sedado.

Quando estavam chegando ao fim do beco, Langdon voltou a tropeçar. Dessa vez ela o deixou no chão, correu até a rua e gritou para alguém ao longe. Langdon conseguiu distinguir a fraca luz verde de um táxi estacionado em frente ao hospital. O carro não se moveu – o motorista devia estar dormindo. A Dra. Brooks gritou e agitou os braços como uma louca. Por fim, os faróis do táxi se acenderam e o veículo veio lentamente em sua direção.

No beco, uma porta se abriu com estrondo atrás de Langdon. Em seguida veio o som de passos se aproximando depressa. Ao se virar, ele deparou com o vulto escuro disparando como um meteoro em sua direção. Tentou se levantar, mas a

doutora já o agarrava, forçando-o a se sentar no banco traseiro do táxi, um Fiat, com o motor ligado. Ele caiu com metade do corpo no banco e metade no chão, e a Dra. Brooks mergulhou por cima dele e puxou a porta com força.

O motorista sonolento se virou para encarar a dupla bizarra que acabara de se jogar dentro de seu táxi: uma jovem de rabo de cavalo e roupa cirúrgica e um homem com uma camisola meio rasgada e o braço sangrando. Estava prestes a mandar aqueles dois saírem quando o espelho retrovisor se estilhaçou. A mulher vestida de couro preto vinha correndo pelo beco, com a arma em punho. A pistola tornou a sibilar no mesmo instante em que a Dra. Brooks agarrou a cabeça de Langdon e a empurrou para baixo. O vidro traseiro explodiu, cobrindo-os com uma chuva de cacos.

O motorista não precisou de mais nenhum incentivo. Pisou fundo no acelerador e o táxi saiu em disparada.

Langdon estava à beira da inconsciência. *Alguém está tentando me matar?*

Assim que dobraram uma esquina, a Dra. Brooks se empertigou no banco e agarrou o braço ensanguentado de Langdon. O cateter despontava de sua carne, torto.

– Olhe pela janela – ordenou ela.

Langdon obedeceu. Lá fora, lápides fantasmagóricas cruzavam rapidamente a escuridão. De certa forma, parecia adequado que estivessem passando por um cemitério. Langdon sentiu os dedos da médica pegarem o cateter com cuidado e, então, sem aviso, ela o arrancou.

Uma dor lancinante subiu como um raio direto para a sua cabeça. Ele sentiu os olhos revirarem e foi engolido pela escuridão.

CAPÍTULO 5

O toque estridente do celular do diretor o obrigou a afastar os olhos da névoa relaxante do mar Adriático e voltar depressa ao escritório.

Já não era sem tempo, pensou, ansioso por notícias.

O monitor de computador em sua mesa estava aceso e informava que a ligação vinha de um aparelho pessoal de encriptação de voz Sectra Tiger XS. A chamada tinha sido redirecionada para quatro roteadores não rastreáveis antes de ser conectada à sua embarcação.

Ele pôs o headset.

– Aqui é o diretor – disse ao atender, pronunciando as palavras de forma lenta e meticulosa. – Pode falar.

– Aqui é Vayentha – respondeu a voz do outro lado.

Havia um nervosismo incomum em seu tom. Era muito raro que agentes de campo se comunicassem diretamente com ele e ainda mais raro que continuassem no trabalho após um fracasso como o da noite anterior. Apesar disso, o diretor havia precisado de um agente in loco para remediar a crise e Vayentha era a pessoa mais indicada para o serviço.

– Tenho novas informações – disse ela.

O diretor ficou calado. Era a deixa para que Vayentha continuasse.

Quando a agente falou, usou um tom impassível, numa clara tentativa de mostrar profissionalismo:

– Langdon escapou. Ele está com o objeto.

O diretor se sentou à sua mesa e ficou um bom tempo calado.

– Entendido – falou enfim. – Imagino que ele vá entrar em contato com as autoridades assim que puder.

◆ ◆ ◆

Dois pisos abaixo do escritório do diretor, no centro de controle de segurança da embarcação, o facilitador sênior Laurence Knowlton estava sentado em sua saleta particular quando percebeu que a ligação encriptada do chefe havia sido encerrada. Esperava que as notícias fossem boas. Nos últimos dias, a tensão do diretor era evidente e todos a bordo pressentiam que algum tipo de operação de alto risco estava em andamento.

Os riscos são incalculáveis e é melhor que Vayentha acerte dessa vez.

Knowlton estava habituado a coordenar planos estratégicos cuidadosamente elaborados, mas aquele caso em especial tinha virado um caos, de modo que o próprio diretor assumira as rédeas da situação.

Agora estamos em território desconhecido.

Embora houvesse meia dúzia de outras missões em todo o mundo, elas vinham sendo administradas pelos vários escritórios locais do Consórcio, deixando o diretor e a tripulação do *Mendacium* livres para se concentrarem com exclusividade na tarefa em questão.

Seu cliente havia saltado para a morte vários dias antes, em Florença, mas o Consórcio ainda tinha uma série de serviços pendentes em seu nome – missões específicas que o homem havia confiado à organização sob quaisquer circunstâncias. E o Consórcio, como sempre, pretendia cumpri-las sem questionamentos.

Tenho as minhas ordens, pensou Knowlton, determinado a executá-las. Saiu de sua saleta de vidro à prova de som, passando por meia dúzia de outras iguais – algumas transparentes, outras opacas –, nas quais agentes em serviço cuidavam de outros aspectos daquela mesma missão.

Knowlton atravessou a ar rarefeito e artificial da sala de controle principal, meneando a cabeça para a equipe técnica, e entrou na pequena caixa-forte que continha uma dúzia de cofres. Abriu um deles e retirou seu conteúdo: um cartão de memória vermelho-vivo. De acordo com a ficha anexada a ele, o cartão continha um pesado arquivo de vídeo que, segundo as ordens do cliente, deveria ser enviado a uma série de veículos de imprensa escolhidos a dedo em um horário específico da manhã do dia seguinte.

Fazer o upload do vídeo de forma anônima seria simples, mas, de acordo com o protocolo para todos os arquivos digitais, o cronograma previa que ele fosse revisado *hoje* – 24 horas antes do envio –, de modo a garantir que o Consórcio tivesse tempo suficiente para executar a decriptação, a compilação ou tomar qualquer outra providência necessária antes de fazer o upload na hora marcada.

Não deixar nada ao acaso.

Knowlton voltou à sua saleta transparente e fechou a pesada porta de vidro, bloqueando o mundo externo.

Acionou um interruptor na parede e, no mesmo instante, sua saleta ficou opaca. Para garantir a privacidade, todos os escritórios com paredes de vidro a bordo do *Mendacium* possuíam painéis equipados com "dispositivos de partículas suspensas", ou SPD, na sigla em inglês. A transparência do vidro SPD era facilmente controlada pela ativação ou desativação de uma corrente elétrica, que enfileirava ou distribuía de modo aleatório milhões de minúsculas partículas em forma de bastões suspensas no interior do painel.

A compartimentalização era uma das bases do sucesso do Consórcio.

Conheça apenas a sua missão. Não compartilhe nada.

Então, na segurança de seu espaço particular, Knowlton inseriu o cartão de memória em seu computador e clicou no arquivo para iniciar sua avaliação.

Na mesma hora, seu monitor ficou preto e as caixas de som começaram a emitir o barulho suave de água em movimento. Pouco a pouco, uma imagem apareceu, amorfa e indistinta. Brotando da escuridão, uma cena começou a se desenhar... o interior de uma caverna... algum tipo de câmara gigante. O chão da caverna era de água, como um lago subterrâneo. Estranhamente, a água parecia estar iluminada, como se a luz viesse de dentro dela.

Knowlton nunca tinha visto nada parecido com aquilo. Um brilho avermelhado e sinistro tingia toda a caverna, cujas paredes claras estavam cobertas de reflexos em forma de arabescos produzidos pelo ondular das águas. *Que lugar é esse?*

Ainda estava ouvindo o marulho quando a imagem começou a se inclinar para baixo e descer na vertical, em direção à água, até penetrar a superfície iluminada. O barulho das ondas então desapareceu, substituído por um sinistro zumbido subaquático. Agora submersa, a imagem continuou a descer por vários metros, até que parou, mostrando de perto o solo coberto de lodo da caverna.

Chumbada nele, uma placa retangular de titânio reluzia.

A placa trazia uma inscrição:

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

Um nome e uma data estavam gravados na parte inferior da placa.

O nome era o de seu cliente.

A data... o dia seguinte.

CAPÍTULO 6

Langdon sentiu que mãos firmes o erguiam, instigando-o a se libertar de seu torpor e ajudando-o a sair do táxi. O asfalto estava frio sob seus pés descalços.

Parcialmente apoiado no corpo esguio da Dra. Brooks, Langdon cambaleou por uma viela deserta entre dois prédios residenciais. O vento matinal soprou mais forte, inflando sua camisola hospitalar, e Langdon sentiu o ar frio em lugares que sabia que não deveria sentir.

O sedativo que lhe fora administrado no hospital havia deixado sua mente tão turva quanto sua visão. Ele tinha a sensação de estar debaixo d'água, tentando abrir caminho com as mãos nuas por um mundo viscoso e mal iluminado. Sienna Brooks o arrastava adiante, sustentando-o com uma força surpreendente.

– Escadas – disse ela, e Langdon se deu conta de que eles haviam chegado à entrada de um prédio.

Segurando o corrimão, ele subiu as escadas com dificuldade, zonzo, um degrau de cada vez. Seu corpo parecia pesar uma tonelada. A Dra. Brooks agora o empurrava. Quando chegaram ao patamar, ela digitou alguns números em um teclado velho e enferrujado e a porta se abriu com um zumbido.

O ar no interior do prédio não estava muito mais quente, mas o piso de lajotas parecia um carpete macio contra as solas de seus pés em comparação ao asfalto áspero da rua. A Dra. Brooks conduziu Langdon até um pequeno elevador e abriu a porta pantográfica com um puxão, enfiando-o num cubículo praticamente do tamanho de uma cabine telefônica. O ar lá dentro cheirava a cigarros MS – uma fragrância agridoce tão onipresente na Itália quanto o aroma de *espresso* recém-preparado. O cheiro ajudou a desanuviar o raciocínio de Langdon, embora muito pouco. A Dra. Brooks apertou um botão e, em algum lugar muito acima deles, um conjunto de velhas engrenagens entrou em movimento com estalos e chiados.

Para cima...

A cabine decrépita sacolejou e tremeu quando começou a subir. Como as paredes não passavam de telas de metal, Langdon se viu obrigado a observar o interior do poço do elevador deslizar em um ritmo constante diante deles. Mesmo em seu estado semiconsciente, seu eterno medo de lugares fechados continuava firme e forte.

Não olhe.

Ele se recostou na parede do elevador, tentando recuperar o fôlego. Seu antebraço

doía e, quando olhou para baixo, viu que a manga de seu Harris Tweed tinha sido amarrada de qualquer jeito em volta dele, como uma atadura. O restante do paletó se arrastava no chão, gasto e imundo.

Ele fechou os olhos, tentando combater a dor de cabeça latejante, mas foi novamente engolido pela escuridão.

Uma visão conhecida se materializou – a mulher de véu que parecia uma estátua, com seu amuleto e seus cachos prateados. Como das outras vezes, ela estava à margem de um rio vermelho-sangue, cercada de corpos que se contorciam. Falou com Langdon, sua voz suplicante. *Busca e encontrarás!*

Ele foi dominado pela sensação de que precisava salvá-la... salvar todos eles. As pernas que brotavam da terra começavam a ficar flácidas, sem vida... uma a uma.

Quem é você?!, gritou ele no silêncio. *O que você quer?!*

Um vento quente começou a ondular os fartos cabelos cor de prata. *O tempo urge*, sussurrou a mulher, tocando o amuleto em seu colar. Então, de repente, ela se incendiou, formando uma coluna de fogo ofuscante que rodopiou pelo rio, engolfando eles dois.

Langdon gritou e seus olhos se arregalaram.

A Dra. Brooks o encarou com um olhar preocupado.

– O que foi?

– Continuo tendo alucinações! – exclamou Langdon. – Sempre a mesma cena.

– A mulher de cabelos prateados? E um monte de cadáveres?

Ele assentiu, com gotas de suor brotando da testa.

– O senhor vai ficar bem – disse ela para tranquilizá-lo, embora sua voz soasse trêmula. – Visões recorrentes são comuns em casos de amnésia. A função cerebral que classifica e cataloga suas memórias foi temporariamente abalada, então funde tudo em uma só imagem.

– Nada bonita, por sinal – ele conseguiu dizer.

– Eu sei, mas até o senhor melhorar, suas memórias vão estar embaralhadas: passado, presente e imaginação, tudo misturado. O mesmo acontece nos sonhos.

O elevador parou devagar e a Dra. Brooks abriu a porta pantográfica com um puxão. Eles recomeçaram a andar, dessa vez por um corredor escuro e estreito. Passaram por uma janela, as silhuetas nebulosas dos telhados de Florença começando a emergir na luz fraca antes do amanhecer. Na extremidade oposta do corredor, a Dra. Brooks se agachou, pegou uma chave de baixo de uma planta que parecia sedenta e destrancou a porta.

O apartamento era minúsculo e o ar em seu interior sugeria uma batalha contínua entre uma vela com aroma de baunilha e o carpete velho. A mobília e a decoração eram, na melhor das hipóteses, escassas – como se ela tivesse comprado tudo de segunda mão em uma venda de garagem. A Dra. Brooks ajustou o termostato e os

radiadores ganharam vida com um estrondo.

Ela ficou parada por alguns instantes e fechou os olhos, expirando com força, como se tentasse se recompor. Então se virou e conduziu Langdon até uma modesta cozinha americana com uma mesa de fórmica e duas cadeiras de aparência frágil.

Langdon se moveu em direção a uma das cadeiras na esperança de se sentar, mas a Dra. Brooks segurou seu braço com uma das mãos enquanto, com a outra, abria um armário quase vazio. Havia biscoitos, alguns pacotes de massa, uma lata de Coca-Cola e um frasco de remédio.

Ela pegou o frasco e despejou seis comprimidos na palma da mão de Langdon.

– Cafeína – explicou. – Para quando dou plantão à noite, como hoje.

Langdon pôs os comprimidos na boca e olhou em volta, à procura de um pouco d'água.

– Mastigue – disse ela. – O efeito será mais rápido e ajudará você a reagir ao sedativo.

Langdon estremeceu assim que começou a mastigar. Os comprimidos eram amargos, claramente feitos para serem engolidos inteiros. A Dra. Brooks abriu a geladeira e passou para Langdon uma garrafa de água San Pellegrino pela metade. Ele tomou um gole generoso, sentindo-se grato.

A médica então pegou seu braço direito e retirou a atadura que havia improvisado com o paletó, que largou sobre a mesa da cozinha. Examinou o ferimento com atenção. Enquanto ela segurava seu braço nu, Langdon pôde sentir que as mãos esguias da jovem doutora tremiam.

– Vai sobreviver – anunciou ela.

Langdon torceu para que ela ficasse bem. Mal conseguia compreender o que tinham acabado de passar.

– Dra. Brooks – falou –, precisamos telefonar para alguém. O consulado... a polícia. Quem quer que seja.

Ela concordou com a cabeça.

– Pode parar de me chamar de Dra. Brooks... meu nome é Sienna.

Langdon assentiu.

– Obrigado. O meu é Robert. – Parecia que o vínculo que haviam formado ao fugir para salvar suas vidas lhes dava o direito de chamarem um ao outro pelo primeiro nome. – Você disse que é britânica?

– Sim, nasci lá.

– Não tem sotaque.

– Que bom – respondeu ela. – Me esforcei bastante para perdê-lo.

Langdon estava prestes a perguntar por quê, mas Sienna fez um gesto para que ele a acompanhasse. Ela o conduziu por um corredor estreito até um banheiro pequeno e escuro. No espelho acima da pia, Langdon vislumbrou seu próprio reflexo pela

primeira vez desde que o vira na janela do quarto de hospital.

Lamentável. Seus cabelos escuros e fartos estavam desgrenhados e os olhos pareciam injetados e exaustos. A barba por fazer cobria seu rosto como um véu.

Sienna abriu uma torneira e puxou o braço ferido de Langdon para debaixo da água gelada. Ele sentiu uma fisgada lancinante, mas se manteve parado, fazendo uma careta de dor.

Sienna pegou uma toalha limpa e a borrifou com sabonete líquido bactericida.

– Talvez seja melhor você olhar para o outro lado.

– Tudo bem. Não ligo para...

Sienna começou a esfregar o local com violência, e uma terrível ardência subiu pelo braço de Langdon. Ele cerrou os dentes para não gritar em protesto.

– Você não vai querer pegar uma infecção – disse ela, esfregando ainda mais forte. – Além do mais, se pretende ligar para as autoridades, é melhor que esteja mais alerta do que agora. Nada funciona melhor para ativar a produção de adrenalina do que a dor.

Langdon aguentou aquilo pelo que pareceram dez segundos inteiros antes de desvencilhar seu braço à força. *Chega!* Porém, precisava admitir que se sentia mais forte e desperto; a dor no braço havia ofuscado por completo a dor de cabeça.

– Ótimo – disse ela, fechando a torneira e secando o braço dele com uma toalha limpa.

Sienna então aplicou um pequeno curativo sobre a ferida, mas, enquanto ela fazia isso, Langdon se viu distraído por algo que acabara de notar – algo que o deixou profundamente perturbado.

Durante quase quatro décadas, ele havia usado um antigo relógio do Mickey Mouse, uma edição de colecionador que ganhara de presente dos pais. O rosto sorridente de Mickey e seus braços que giravam alucinados sempre lhe haviam servido como um lembrete diário para sorrir mais e levar a vida um pouco menos a sério.

– Meu... relógio – gaguejou. – Sumiu! – Sem ele, Langdon sentia-se repentinamente incompleto. – Eu estava com ele quando cheguei ao hospital?

Sienna o encarou com um olhar incrédulo, intrigada por ele estar preocupado com algo tão banal.

– Não me lembro de relógio nenhum. Procure se limpar. Daqui a pouco eu volto e tentaremos descobrir como conseguir ajuda. – Ela se virou para ir embora, mas se deteve no vão da porta, cruzando olhares com ele pelo espelho. – Enquanto estiver sozinho, sugiro que pense bem por que alguém iria querer matá-lo. Imagino que essa vá ser a primeira pergunta que as autoridades lhe farão.

– Espere aí, aonde você vai?

– Você não pode falar com a polícia seminu. Vou tentar lhe arranjar umas roupas.

Meu vizinho é mais ou menos do seu tamanho. Ele está viajando e me pediu que desse comida para seu gato. Ele me deve um favor.

Com essas palavras, Sienna se retirou.

Robert Langdon voltou a encarar o pequeno espelho acima da pia e mal reconheceu a pessoa que o olhava de volta. *Alguém quer me ver morto.* Em sua mente, tornou a ouvir a gravação de seus próprios murmúrios delirantes.

Very sorry. Very sorry. Sinto muito.

Vasculhou a memória em busca de alguma recordação... qualquer coisa. Encontrou apenas o vazio. Tudo o que sabia era que estava em Florença, depois de ter sofrido um ferimento à bala na cabeça.

Enquanto fitava os próprios olhos cansados, Langdon meio que se perguntou se em algum momento iria acordar na poltrona de leitura de sua casa, com uma taça de martíni vazia em uma das mãos e um exemplar de *Almas mortas* na outra, apenas para lembrar a si mesmo de que gim Bombay Sapphire e Gogol eram uma péssima mistura.

Langdon tirou a camisola hospitalar suja de sangue e enrolou uma toalha na cintura. Depois de jogar água no rosto, tocou com cautela os pontos na parte de trás da cabeça. A pele estava dolorida, mas, quando penteou os cabelos embaraçados, eles camuflaram a ferida, quase escondendo-a por completo. Os comprimidos de cafeína estavam fazendo efeito e ele sentiu que a névoa em sua mente enfim começava a dissipar.

Pense, Robert. Tente se lembrar.

De repente o banheiro sem janelas começou a lhe parecer claustrofóbico, por isso ele saiu e caminhou por instinto em direção a uma nesga de luz natural que escapava de uma porta entreaberta do outro lado do corredor. O cômodo era uma espécie de escritório improvisado, com escrivaninha barata, cadeira giratória gasta, livros diversos espalhados pelo chão e, graças a Deus... *uma janela*.

Ele foi em direção à luz do dia.

Ao longe, o sol nascente da Toscana começava a tocar as torres mais altas da cidade que despertava: o Campanile, a Badia, o Bargello. Ele encostou a testa na vidraça fria. O ar límpido e gelado de março amplificava todo o espectro da luz solar que agora despontava por sobre as colinas.

Luz de pintor, como se dizia.

Bem no meio do horizonte erguia-se uma cúpula descomunal de telhas vermelhas com o topo enfeitado por uma esfera dourada que reluzia como um farol. *Il Duomo*. Brunelleschi tinha entrado para a história da arquitetura ao projetar a imensa cúpula da basílica e agora, mais de 500 anos depois, a estrutura de quase 115 metros de altura continuava de pé, um gigante inabalável na Piazza del Duomo.

O que estou fazendo em Florença?

Para Langdon, que a vida inteira fora fascinado pela arte italiana, Florença havia se tornado um dos destinos preferidos na Europa. Fora nas ruas daquela cidade que Michelangelo brincara quando criança e em seus ateliês tivera início a Renascença Italiana. Aquela era Florença, cujas galerias atraíam milhões de turistas para admirar *O nascimento de Vênus* de Botticelli, a *Anunciação* de Leonardo da Vinci e o grande orgulho da cidade: *Il David*.

Ao ver pela primeira vez o *Davi* de Michelangelo, ainda adolescente, Langdon ficara hipnotizado. Lembrava-se de entrar na Accademia delle Belle Arti, de passar lentamente pelas macabras estátuas *Prigioni* e então de sentir uma força inexorável

atrair seu olhar para cima em direção à obra-prima de mais de 5 metros de altura. As proporções gigantescas do *Davi* e sua musculatura definida espantavam a maioria das pessoas que o viam pela primeira vez. Para Langdon, no entanto, o elemento mais cativante era a genialidade da pose da escultura. Michelangelo havia empregado a tradição clássica do *contrapposto* para criar a ilusão de que o *Davi* estava inclinado para a direita, como se a perna esquerda quase não sustentasse peso algum, quando na verdade ela suportava toneladas de mármore.

Foi o *Davi* que despertou em Langdon a verdadeira apreciação pelo poder das grandes esculturas. Agora ele se perguntava se teria visitado a obra-prima de Michelangelo nos últimos dias, mas a única lembrança que conseguiu evocar foi a de acordar no hospital e ver um médico inocente ser assassinado diante dos seus olhos. *Very sorry. Very sorry.*

A culpa que sentia era quase nauseante. *O que eu fiz?*

Foi então que, parado diante da janela, vislumbrou com o canto do olho um laptop em cima da escrivaninha atrás dele. De repente, deu-se conta de que a imprensa já deveria ter noticiado o que lhe acontecera na noite anterior.

Se eu conseguir acessar a internet, talvez encontre respostas.

– Sienna?! – chamou, virando-se para o corredor.

Silêncio. Ela ainda estava no apartamento do vizinho procurando as roupas.

Certo de que ela entenderia sua indiscrição, Langdon abriu o laptop e o ligou.

A área de trabalho de Sienna surgiu no monitor – seu fundo de tela eram as nuvens padrão do Windows. Langdon acessou imediatamente a página de busca do Google Italia e digitou *Robert Langdon*.

Ah, se os meus alunos me vissem agora, pensou enquanto começava a busca. Ele sempre criticava seus alunos por pesquisarem seus próprios nomes no Google – um novo e bizarro passatempo, reflexo da obsessão doentia pela fama que parecia dominar a juventude americana.

Uma página de resultados de pesquisa surgiu na tela: havia centenas de ocorrências relacionadas a Langdon, seus livros e suas palestras. *Não é isso que estou procurando.*

Ele restringiu a busca clicando na aba "Notícias".

Uma nova página apareceu: *Resultados de notícias para "Robert Langdon".*

Noites de autógrafos: Robert Langdon estará presente...

Robert Langdon fará um discurso de formatura...

Robert Langdon lança cartilha de símbolos para...

A lista tinha várias páginas, mas Langdon não encontrou nada que fosse recente – com certeza nada que pudesse explicar o apuro em que se encontrava. *O que aconteceu ontem à noite?* Continuou a pesquisa e acessou o site do *The Florentine*, um jornal local publicado em inglês. Correu os olhos pelas manchetes, pelo plantão

e pela seção policial e encontrou matérias sobre um incêndio em um apartamento, um escândalo de corrupção no governo e várias ocorrências de pequenos crimes.

Nada?!

Deteve-se em uma nota do plantão sobre um funcionário público que, na noite anterior, sofrera um ataque cardíaco fulminante na praça em frente à catedral. O nome da vítima ainda não tinha sido divulgado, mas não havia suspeita de crime.

Por fim, sem saber o que mais poderia fazer, acessou sua conta de e-mail de Harvard e checou as mensagens, imaginando se encontraria respostas ali. Havia apenas as mensagens habituais de colegas, alunos e amigos, muitas delas com referência a compromissos para a semana seguinte.

É como se ninguém soubesse que eu não estou lá.

Cada vez mais intrigado, Langdon desligou o computador e o fechou. Estava prestes a sair do escritório quando algo chamou sua atenção. No canto da mesa de Sienna, em cima de uma pilha de papéis e periódicos de medicina velhos, havia uma foto Polaroid. A imagem mostrava Sienna Brooks e seu colega barbudo, rindo juntos em um corredor de hospital.

Dr. Marconi, pensou Langdon, assolado pela culpa. Pegou a foto para examiná-la.

Ao devolver a fotografia à pilha de publicações, notou com surpresa o livreto amarelo que estava por cima – um surrado programa do teatro londrino London Globe. Segundo a capa, era de uma montagem de *Sonhos de uma noite de verão*, de Shakespeare... de quase 25 anos antes.

No alto da primeira página havia uma mensagem escrita à mão com marcador de texto: *Querida, nunca se esqueça de que você é um milagre.*

Langdon pegou o programa e vários recortes de imprensa caíram sobre a mesa. Apressou-se em tentar guardá-los de volta, mas parou assim que abriu o livreto na página amarelada em que os recortes estavam antes.

Impressa ali havia uma foto da atriz-mirim que interpretava Puck, o espírito travesso de Shakespeare. A foto mostrava uma menininha que não poderia ter mais que 5 anos, com os cabelos louros presos em um familiar rabo de cavalo.

O texto embaixo da foto dizia: *Nasce uma estrela*.

A biografia era um relato elogioso sobre um prodígio infantil do teatro com um QI exorbitante – Sienna Brooks –, que havia decorado as falas de todos os personagens em uma só noite e, durante os primeiros ensaios, muitas vezes chegava a dar o ponto aos colegas de elenco. Entre os hobbies daquela criança de 5 anos destacavam-se violino, xadrez, biologia e química. Filha de um casal abastado do subúrbio londrino de Blackheath, a menina já era uma celebridade nos círculos científicos; aos 4 anos, havia derrotado um mestre enxadrista e já sabia ler em três idiomas.

Meu Deus, pensou Langdon. *É Sienna. Isso explica muita coisa.*

Lembrou que um dos alunos de pós-graduação mais famosos de Harvard tinha

sido um menino-prodígio chamado Saul Kripke, que, aos 6 anos, aprendera hebraico sozinho e, aos 12, já havia lido a obra completa de Descartes. Também se lembrou de ter lido, mais recentemente, sobre Moshe Kai Cavalin, um jovem fenômeno que, aos 11 anos, havia se formado na universidade com a média mais alta possível e conquistado um título nacional de artes marciais, além de ter publicado, aos 14 anos, um livro intitulado *We Can Do* (Nós podemos).

Langdon pegou outro recorte, um artigo de jornal com uma foto de Sienna aos 7 anos: GÊNIO PRECOCE TEM QI DE 208.

Langdon nem sabia que o QI humano podia chegar a um valor tão alto. Segundo o artigo, além de ser uma virtuose do violino, Sienna Brooks era capaz de aprender uma nova língua em um mês e vinha estudando sozinha anatomia e fisiologia.

Ele examinou outro recorte de um periódico de medicina: O FUTURO DO PENSAMENTO: NEM TODAS AS MENTES SÃO IGUAIS.

A matéria trazia uma foto de Sienna, com uns 10 anos, talvez, e cabelos louros ainda muito claros, em pé ao lado de um enorme aparelho hospitalar. A imagem acompanhava uma entrevista com um médico, que explicava que as tomografias do cerebelo de Sienna haviam revelado que este era *fisicamente* diferente dos demais: no caso dela, o órgão era maior e mais funcional, capaz de manipular informações visuais e espaciais de uma forma que a maioria dos seres humanos não era nem capaz de conceber. O médico atribuía a vantagem fisiológica de Sienna a um crescimento celular mais acelerado do que o normal em seu cérebro, muito semelhante a um câncer, com a diferença de que acelerava o crescimento de tecido benéfico, e não de células nocivas.

Langdon encontrou outro recorte de um jornal de uma cidade pequena.

A MALDIÇÃO DA GENIALIDADE.

Dessa vez não havia foto, apenas a história de um gênio precoce, Sienna Brooks, que tentara frequentar escolas normais, mas se tornara alvo da zombaria dos colegas por não conseguir se adaptar. O artigo falava sobre o isolamento sentido por jovens superdotados cujas aptidões sociais não acompanhavam seu intelecto e que muitas vezes eram marginalizados.

Segundo a matéria, aos 8 anos Sienna havia fugido de casa e sido esperta o bastante para sobreviver sozinha por dez dias, sem que ninguém a encontrasse. Fora localizada em um hotel de luxo de Londres, onde se fizera passar pela filha de um hóspede, roubara uma chave e começara a pedir serviço de quarto na conta de outra pessoa. Ao que tudo indicava, havia passado a semana lendo as quase 1.600 páginas do clássico da medicina *Gray's Anatomia*. Quando as autoridades lhe perguntaram por que ela estava lendo textos médicos, a menina respondera que queria entender o que havia de errado com seu cérebro.

Langdon se compadeceu daquela garotinha. Não conseguia sequer imaginar como

deve ter sido solitário para uma criança ser tão diferente. Dobrou de novo os artigos, detendo-se por alguns instantes para dar uma última olhada na foto de Sienna, aos 5 anos, caracterizada como Puck. Teve que admitir que, a julgar pela forma surreal como a havia conhecido naquela manhã, o papel do espírito travesso que inspirava sonhos lhe parecia estranhamente adequado. Desejou apenas que ele, assim como os personagens da peça, pudesse acordar agora e fingir que suas experiências mais recentes não haviam passado de um sonho.

Com cuidado, guardou todos os recortes na página correta e fechou o livreto, sentindo uma melancolia inesperada ao ler outra vez o recado escrito na capa: *Querida, nunca se esqueça de que você é um milagre.*

Seus olhos desceram até o símbolo conhecido que enfeitava a capa do programa. Era o mesmo antigo pictograma grego que adornava quase todos os livretos daquele tipo no mundo: um símbolo de 2.500 anos que havia se tornado sinônimo das artes dramáticas.

Le maschere.



Langdon fitou os inconfundíveis semblantes da Comédia e da Tragédia, que o encararam de volta, e de repente escutou um estranho zumbido nos ouvidos – como se um cabo estivesse sendo esticado muito lentamente dentro de sua cabeça. Uma pontada de dor explodiu em seu crânio. Visões de uma máscara flutuaram diante de seus olhos. Ele arquejou e levantou as mãos, sentando-se na cadeira da escrivaninha e fechando os olhos com força enquanto pressionava o próprio couro cabeludo.

Na escuridão, as bizarras visões voltaram com toda a força... nítidas e vívidas.

A mulher de cabelos prateados com o amuleto chamava por ele outra vez, na margem oposta de um rio vermelho-sangue. Seus gritos desesperados rasgavam o ar pútrido, perfeitamente audíveis apesar dos sons dos torturados e moribundos que se debatiam de agonia até onde os olhos conseguiam alcançar. Langdon tornou a ver as pernas invertidas marcadas com a letra *R*: o corpo enterrado até a cintura pedalava no ar, em pânico.

Busca e encontrarás!, gritava a mulher para Langdon. *O tempo está se esgotando!*

Ele sentiu outra vez uma necessidade avassaladora de ajudá-la... de ajudar *a todos*. Desesperado, respondeu-lhe também gritando por cima do rio cor de sangue. *Quem é você?!*

Mais uma vez, a mulher levou a mão ao rosto e ergueu o véu, revelando o mesmo semblante arrebatador que ele tinha visto mais cedo.

Eu sou a vida, falou.

De repente, uma imagem colossal se formou no céu acima dela: uma máscara apavorante, com um grande nariz em forma de bico e dois olhos verdes flamejantes que fitaram Langdon com uma expressão vazia.

E eu... sou a morte, disse uma voz retumbante.

CAPÍTULO 8

Os olhos de Langdon se arregalaram e ele inspirou fundo, sobressaltado. Continuava sentado à escrivaninha de Sienna, com a cabeça nas mãos e o coração disparado.

O que está acontecendo comigo?

Continuava a ver as imagens da mulher de cabelos prateados e da máscara com um bico no lugar do nariz. *Eu sou a vida. Eu sou a morte.* Tentou afastar a visão, mas ela parecia estar gravada em sua mente. Na escrivaninha, as duas máscaras estampadas no programa da peça o encaravam.

Suas memórias vão estar embaralhadas, dissera-lhe Sienna. *Passado, presente e imaginação, tudo misturado*.

Langdon ficou tonto.

Em algum lugar do apartamento, um telefone tocava. Um toque estridente, antiquado. Vinha da cozinha.

– Sienna? – chamou ele, levantando-se.

Não houve resposta. Ela ainda não tinha voltado. Depois de apenas dois toques, uma secretária eletrônica atendeu.

"Ciao, sono io", dizia Sienna com uma voz alegre na mensagem gravada. *"Lasciatemi un messaggio e vi richiamerò."*

Um bipe soou e uma mulher em pânico começou a deixar um recado com um sotaque carregado do Leste Europeu. Sua voz ecoou pelo corredor.

"Sienna, é Danikova! Cadê você? Que horrível! Seu amigo Dr. Marconi morreu! O hospital está uma loucura! A polícia veio! Disseram que você fugiu para tentar salvar o *paciente*! Por quê?! Você nem o conhece! Agora a polícia quer falar com *você*! Pegaram sua ficha! Sei que as informações estão erradas, endereço fajuto, sem telefone, visto de trabalho falso, então eles não vão encontrar você hoje, mas daqui a pouco vão! Estou tentando avisar. Sinto muito, Sienna."

A ligação foi encerrada.

Langdon foi invadido por uma nova onda de remorso. A julgar pela mensagem, o Dr. Marconi tinha permitido que Sienna trabalhasse no hospital. A presença de Langdon lhe custara a vida. E o impulso de Sienna de salvar um estranho tivera sérias consequências para o futuro dela.

Nesse momento, uma porta se fechou com um baque do outro lado do apartamento.

Ela voltou.

Logo em seguida, a secretária eletrônica começou a gritar.

"Sienna, é Danikova! Cadê você?"

Langdon se encolheu, já sabendo o que Sienna estava prestes a ouvir. Enquanto a mensagem era reproduzida, ele devolveu o programa da peça ao seu lugar de origem e arrumou a escrivaninha. Então tornou a atravessar o corredor e entrou no banheiro, constrangido por ter bisbilhotado o passado da médica.

Dez segundos depois, houve uma batida de leve na porta do banheiro.

– Vou deixar as roupas penduradas na maçaneta – disse Sienna com a voz embargada de tristeza.

– Muito obrigado – respondeu Langdon.

– Assim que terminar, por favor vá até a cozinha – acrescentou ela. – Preciso lhe mostrar uma coisa importante antes de ligarmos para quem quer que seja.

◆ ◆ ◆

Cansada, Sienna se arrastou até o modesto quarto do apartamento. Depois de pegar uma calça jeans e um suéter na cômoda, levou as roupas até o seu banheiro.

Com os olhos cravados nos olhos do próprio reflexo no espelho, ergueu a mão, segurou o rabo de cavalo louro e espesso e o puxou para baixo com força, fazendo a peruca deslizar do crânio calvo.

Uma mulher careca de 32 anos a encarou de volta do espelho.

Sienna havia enfrentado dificuldades de sobra na vida e, por mais que tivesse treinado a si mesma para confiar no intelecto sempre que precisasse superar as adversidades, seu lado emocional estava profundamente abalado pela provação que enfrentava naquele momento.

Deixou a peruca de lado e lavou o rosto e as mãos. Depois de se secar, trocou de roupa e tornou a pôr a peruca, ajeitando-a com cuidado. Autocomiseração era um impulso que quase nunca tolerava, mas, nessa hora, com as lágrimas brotando do fundo de sua alma, ela soube que não tinha escolha senão deixá-las fluir.

E foi o que fez.

Chorou pela vida que não podia controlar.

Chorou pelo mentor que havia morrido diante dos seus olhos.

Chorou pela solidão profunda que enchia seu coração.

Acima de tudo, porém, chorou pelo futuro... que de repente lhe parecia tão incerto.

CAPÍTULO 9

Na coberta do luxuoso *Mendacium*, o facilitador Laurence Knowlton estava sentado em sua saleta de vidro lacrada, fitando com incredulidade o monitor, depois de ter acabado de assistir ao vídeo que seu cliente lhes deixara.

É isso que eu devo mandar para a imprensa amanhã de manhã?

Durante seus dez anos de Consórcio, Knowlton havia executado toda sorte de tarefas estranhas que sabia que estavam em algum ponto entre o desonesto e o ilegal. Trabalhar dentro de uma zona moral dúbia era normal nessa organização, cujo único preceito ético inabalável era não medir esforços para manter uma promessa feita a um cliente.

Nós cumprimos o combinado. Sem perguntas. Custe o que custar.

A perspectiva de fazer o upload daquele vídeo, no entanto, o perturbava. No passado, por mais bizarras que tivessem sido suas tarefas, sempre entendera a lógica por trás delas... identificara os motivos... compreendera os resultados desejados.

Mas aquele vídeo era desconcertante.

Havia algo de estranho nele.

Muito estranho.

Knowlton reiniciou o vídeo, na esperança de que, se o visse uma segunda vez, as coisas ficassem mais claras. Aumentou o volume e se acomodou para o espetáculo de nove minutos.

Como antes, o vídeo começou com um barulho de água na sinistra caverna onde tudo se encontrava banhado por uma luz vermelha sobrenatural. Mais uma vez, a imagem atravessou a superfície e mostrou o fundo coberto de lodo. E mais uma vez Knowlton leu o texto na placa submersa:

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

O fato de a placa polida estar assinada pelo cliente do Consórcio era inquietante. O fato de a data ser o *dia seguinte* deixava Knowlton ainda mais preocupado. Mas o que vinha depois era o que realmente o deixara com os nervos à flor da pele.

A câmera se deslocou para a esquerda, revelando um intrigante objeto suspenso debaixo d'água ao lado da placa.

O que se via era uma esfera ondulante de plástico fino, amarrada ao solo por um fio curto. Tremulante e delicada como uma bolha de sabão gigante, a forma transparente flutuava como um balão submerso, inflado não por gás hélio, mas por

algum tipo de substância gelatinosa marrom-amarelada. O saco amorfo estava dilatado e parecia ter cerca de 30 centímetros de diâmetro. Dentro de suas paredes translúcidas, a substância turva parecia rodopiar lentamente, como o olho de uma tempestade que crescesse em silêncio.

Meu Deus, pensou Knowlton, suando frio. O saco flutuante lhe pareceu ainda mais ameaçador da segunda vez.

Pouco a pouco, a imagem desapareceu e a tela ficou preta.

Então uma nova imagem surgiu: a parede úmida da caverna, com os reflexos ondulantes da lagoa iluminada dançando na superfície. Uma sombra se desenhou na parede... a sombra de um homem em pé... dentro da caverna.

A cabeça dele, porém, estava terrivelmente deformada.

Em vez de nariz, ele tinha um bico longo... como se fosse metade pássaro.

Quando falou, foi com a voz abafada e uma eloquência sinistra... uma cadência calculada, como se ele fosse o narrador em algum tipo de coro clássico.

Enquanto Knowlton ficava sentado imóvel, quase sem respirar, a silhueta bicuda se pronunciou:

Eu sou a Sombra.

Se vocês estão assistindo a este vídeo, então minha alma finalmente descansou.

Condenado ao subterrâneo, devo falar ao mundo das profundezas da terra, exilado nesta caverna sombria onde as águas rubras de sangue se acumulam na lagoa que não reflete as estrelas.

Mas este é o meu Paraíso... o útero perfeito para o meu frágil rebento.

Inferno.

Em breve vocês saberão o que deixei para trás.

No entanto, mesmo aqui, posso sentir os passos das almas ignorantes que me perseguem... e que tentarão impedir meus atos, sem deixar que nada as detenha.

"Perdoe-as", vocês talvez digam, "pois elas não sabem o que fazem". Mas chega um momento na história em que o pecado da ignorância não pode mais ser perdoado... um momento em que só o conhecimento tem o poder da absolvição.

Com a consciência limpa, concedi a todos vocês a dádiva da esperança, da salvação, do porvir.

Mesmo assim houve quem me perseguisse como a um cão, impulsionado pela crença hipócrita de que sou louco. Vejam aquela beldade de cabelos prateados que ousa me chamar de monstro! Como o clero cego que defendeu a morte de Copérnico, com escárnio ela me rotula de demônio, apavorada que eu tenha vislumbrado a Verdade.

Mas eu não sou um profeta.

Eu sou a sua salvação.

Eu sou a Sombra.

CAPÍTULO 10

– **Sente-se** – falou Sienna. – Quero lhe fazer algumas perguntas.

Ao entrar na cozinha, Langdon sentia as pernas bem mais firmes. Estava usando o terno Brioni do vizinho, que lhe caíra particularmente bem. Até os mocassins eram confortáveis, e ele pensou que talvez fosse uma boa ideia passar a usar sapatos italianos quando voltasse para casa.

Se é que vou voltar, pensou logo em seguida.

Sienna parecia outra pessoa: dona de uma beleza natural, havia se trocado e vestido uma calça jeans justa e um suéter creme, as duas peças valorizando sua silhueta elegante. Os cabelos continuavam presos em um rabo de cavalo. Sem o ar de autoridade que a roupa de trabalho lhe conferia, ela parecia de certa forma mais vulnerável. Langdon notou que seus olhos estavam vermelhos, como se tivesse chorado, e mais uma vez foi invadido por uma culpa esmagadora.

– Sienna, eu sinto muito mesmo. Ouvi a mensagem na secretária eletrônica. Não sei o que dizer.

– Obrigada – respondeu ela. – Mas no momento precisamos nos concentrar em *você*. Por favor, sente-se.

Seu tom de voz estava mais firme, lembrando a Langdon os artigos que acabara de ler sobre sua inteligência e precocidade.

– Preciso que você pense – disse Sienna, fazendo sinal para ele se sentar. – Consegue se lembrar de como chegamos a este apartamento?

Langdon não entendia bem qual era a relevância daquilo.

– De táxi – respondeu, sentando-se à mesa. – Alguém estava atirando em nós.

– Atirando em *você*, professor. Que fique bem claro.

– Sim. Desculpe.

– E você se lembra de ter ouvido algum tiro enquanto estava no táxi?

Que pergunta estranha.

– Sim, dois. Um atingiu o retrovisor e o outro quebrou o vidro traseiro.

– Ótimo. Agora feche os olhos.

Langdon percebeu que ela estava testando sua memória. Obedeceu.

– Como estou vestida?

Langdon conseguiu visualizá-la com perfeição.

– Sapatos pretos sem salto, calça jeans e um suéter creme com gola em V. Seu cabelo é louro, na altura dos ombros, e está preso. Seus olhos são castanhos.

Langdon abriu os olhos e a analisou, feliz ao ver que sua memória fotográfica continuava funcionando normalmente.

– Ótimo. Seu registro visual-cognitivo está excelente, o que confirma que sua amnésia é retrógrada e que o seu processo de formação de memórias não sofreu nenhum dano permanente. Conseguiu se lembrar de mais alguma coisa que tenha ocorrido nos últimos dias?

– Infelizmente, não. Mas tive outra série de visões enquanto você estava fora.

Langdon lhe contou sobre a alucinação recorrente com a mulher de véu, com a multidão de cadáveres e com o corpo enterrado de cabeça para baixo, com as pernas se contorcendo no ar, marcadas com a letra *R*. Então lhe falou sobre a estranha máscara bicuda pairando no céu.

– Eu sou a morte? – perguntou Sienna, com uma expressão aflita.

– É, foi o que a máscara disse.

– Tudo bem... acho que isso supera "Eu sou Vishnu, o destruidor de mundos".

Essas tinham sido as palavras de Robert Oppenheimer no instante em que testara a primeira bomba atômica.

– E essa máscara bicuda... de olhos verdes? – perguntou Sienna com uma expressão intrigada. – Tem alguma ideia de por que sua mente evocou essa imagem?

– Nenhuma, mas esse tipo de máscara era bastante comum na Idade Média. – Langdon fez uma pausa. – Chama-se máscara da peste.

Sienna pareceu estranhamente abalada.

– Máscara da peste?

Langdon se apressou em explicar que, no mundo dos símbolos, o formato peculiar da máscara de bico longo era quase um sinônimo da Peste Negra, doença mortal que havia assolado a Europa no século XIV, dizimando um terço da população em algumas regiões do continente. A maioria das pessoas acreditava que o adjetivo "negra" se referisse ao escurecimento da pele das vítimas por conta das gangrenas e hemorragias subepidérmicas, mas, na verdade, a palavra "negra" era uma referência ao profundo pavor emocional que a pandemia disseminava entre a população.

– Essa máscara de bico longo era usada pelos médicos medievais para manter a pestilência longe de suas narinas enquanto cuidavam dos infectados – explicou Langdon. – Hoje em dia, são usadas apenas como fantasia, durante o Carnevale de Veneza: um lembrete macabro de um período sombrio da história italiana.

– E você tem certeza de que teve a visão de uma dessas máscaras? – perguntou Sienna, com a voz trêmula. – A máscara de um médico medieval que tratava a peste?

Langdon assentiu. *Uma máscara bicuda é difícil de confundir.*

Sienna franziu as sobrancelhas de um jeito que fez Langdon pensar que ela estava tentando encontrar a melhor maneira de lhe dar uma notícia ruim.

– E a mulher ficava lhe dizendo para "buscar e encontrar"?

– Exato. Como das outras vezes. Mas o problema é que não tenho a menor ideia do que devo procurar.

Sienna soltou o ar longa e demoradamente; a expressão em seu rosto era grave.

– Talvez eu saiba. E tem mais... acho que talvez você já tenha encontrado.

Langdon se limitou a encará-la.

– Do que você está falando?

– Robert, ontem à noite, quando você chegou ao hospital, estava carregando uma coisa estranha no bolso do paletó. Lembra o que era?

Langdon fez que não com a cabeça.

– Estava carregando um objeto... um tanto surpreendente. Eu o encontrei por acaso quando estávamos limpando você. – Ela apontou para o Harris Tweed sujo de sangue estendido em cima da mesa. – Ainda está no bolso, se quiser dar uma olhada.

Langdon lançou um olhar hesitante para o próprio paletó. *Pelo menos isso explica por que ela voltou para pegá-lo.* Apanhou a roupa e vasculhou todos os bolsos, um por um. Nada. Tornou a procurar. Por fim, virou-se para ela e deu de ombros.

– Não tem nada aqui.

– E no bolso secreto?

– O quê? Meu paletó não tem bolso secreto.

– Ah, não? – Ela parecia intrigada. – Quer dizer que este paletó... é de outra pessoa?

O cérebro de Langdon tornou a ficar confuso.

– Não. É *meu*.

– Tem certeza?

Absoluta, pensou ele. *Na verdade, este era o meu Camberley preferido.*

Ele dobrou o paletó com o forro para fora e mostrou a Sienna a etiqueta que trazia seu símbolo favorito no mundo da moda: a famosa esfera da Harris Tweed, enfeitada com treze bolinhas imitando joias incrustadas e encimada por uma cruz de malta.

Só mesmo os escoceses para invocar os guerreiros cristãos em um pedaço de tecido.

– Olhe só – disse Langdon, apontando as iniciais *R.L.* bordadas à mão na etiqueta.

Ele se dava ao luxo de comprar paletós confeccionados à mão e sempre pagava a mais para que suas iniciais fossem bordadas na etiqueta. Em um campus universitário onde centenas de paletós de tweed eram tirados e recolocados o tempo todo em refeitórios e salas de aula, ele não tinha a menor intenção de sair em desvantagem numa troca acidental.

– Sim, eu acredito – falou Sienna, pegando o paletó. – Agora olhe *você*.

Ela virou ainda mais o paletó para revelar o forro próximo da nuca. Ali, escondido de forma discreta, havia um bolso grande, feito com esmero.

Que droga é essa?!

Langdon tinha certeza de que nunca vira aquilo.

O bolso consistia em uma costura invisível perfeita.

– Isso não estava aqui antes! – insistiu ele.

– Então suponho que nunca tenha visto... *isto*? – Sienna tirou lá de dentro um objeto reluzente de metal e o depositou com cuidado nas mãos de Langdon.

Ele baixou os olhos para o objeto, totalmente surpreso.

– Você sabe o que é isto? – perguntou Sienna.

– Não... – gaguejou ele. – Nunca vi nada parecido.

– Bem, infelizmente, *eu* sei. E tenho quase certeza de que esse é o motivo pelo qual estão tentando matá-lo.

◆ ◆ ◆

Andando de um lado para outro em sua saleta particular no *Mendacium*, o facilitador Knowlton sentia-se cada vez mais aflito à medida que refletia sobre o vídeo que deveria revelar ao mundo na manhã do dia seguinte.

Eu sou a Sombra?

Já circulavam boatos de que aquele cliente havia sofrido um surto psicótico nos últimos meses e aquele vídeo parecia confirmá-los.

Knowlton sabia que tinha duas alternativas. Poderia preparar o vídeo para fazer o upload no dia seguinte conforme o prometido ou então poderia subir até a cabine do diretor para pedir uma segunda opinião.

Eu já sei a opinião dele, pensou Knowlton, uma vez que nunca vira o diretor tomar qualquer atitude que não fosse fazer o que havia sido prometido ao cliente. *Ele vai me mandar fazer o upload e mostrar o vídeo ao mundo, sem perguntas... e vai ficar furioso por eu ter questionado.*

Tornou a direcionar sua atenção para o vídeo, voltando-o até um trecho especialmente perturbador. Recomeçou a execução e a caverna com iluminação sinistra reapareceu, junto com o barulho da água em movimento. A sombra humanoide se assomou na parede gotejante – um homem alto com um longo bico de pássaro.

Com a voz abafada, a sombra disforme voltou a falar:

Esta é a nova Idade das Trevas.

Séculos atrás, a Europa estava mergulhada em sua própria agonia – a população amontoada, faminta, chafurdando em pecado e desesperança. Era como uma floresta congestionada, sufocada pela matéria em decomposição, esperando que Deus lançasse seu raio – aquela fagulha que finalmente acenderia a chama que iria assolar a terra e desbastar a vegetação excedente e podre, devolvendo a luz do sol às raízes saudáveis.

Expurgar é a Ordem Natural de Deus.

Perguntem-se: o que veio depois da Peste Negra?

Todos sabemos a resposta.

A Renascença.

Renascimento.

Tem sido sempre assim. A morte é seguida pelo nascimento.

Para alcançar o Paraíso, o homem deve atravessar o Inferno.

Foi esse o ensinamento do mestre.

E aquela ignorante de cabelos prateados ainda ousa me chamar de monstro? Será que ela ainda não compreende a matemática do futuro? Os horrores que ela trará?

Eu sou a Sombra.

Eu sou a sua salvação.
E aqui estou, nas profundezas desta caverna, fitando a lagoa que não reflete as estrelas. Aqui, neste palácio afundado, o Inferno fumega sob as águas.
Logo explodirá em chamas.
E, quando isso acontecer, nada na Terra será capaz de detê-lo.

CAPÍTULO 11

O objeto na mão de Langdon parecia surpreendentemente pesado para o seu tamanho. Fino e liso, o cilindro de metal polido tinha uns 15 centímetros de comprimento e era arredondado nas pontas, como um minitorpedo.

– Antes de manuseá-lo de forma muito brusca, talvez seja melhor dar uma olhada no outro lado – sugeriu Sienna, com um sorriso tenso. – Não disse que era professor de Simbologia?

Langdon voltou a se concentrar no tubo, girando-o nas mãos até ver um símbolo vermelho-vivo gravado na lateral do objeto.

No mesmo instante, seu corpo se retesou.

Como estudioso de iconografia, Langdon sabia que pouquíssimas imagens tinham o poder de incutir medo imediato na mente humana... mas o símbolo à sua frente sem dúvida constava dessa lista. Sua reação foi visceral e instantânea: ele largou o tubo na mesa e arrastou a cadeira para trás.

Sienna assentiu.

– Pois é, tive a mesma reação.

O desenho impresso no tubo era um simples ícone trilateral.



Certa vez Langdon havia lido que aquele símbolo fora desenvolvido pela empresa de produtos químicos Dow Chemical na década de 1960 para substituir uma série de imagens de alerta ineficazes que eram usadas até então. Como todos os símbolos de sucesso, era simples, fácil de identificar e igualmente fácil de reproduzir. Ao evocar de forma inteligente associações que iam desde pinças de caranguejos a facas ninja de arremesso, o símbolo moderno de "risco biológico" havia se tornado uma marca global que comunicava "perigo" em todas as línguas.

– Esse pequeno recipiente é um minitubo de material biológico – falou Sienna. – É usado para transportar substâncias perigosas. De vez em quando vemos um desses na área médica. Dentro dele há um cilindro de espuma no qual se pode inserir um tubo de coleta para ser transportado em segurança. – Ela apontou para o símbolo de risco biológico. – Suponho que esse aí contenha um agente químico letal ou talvez... um vírus? – Ela se deteve. – As primeiras amostras do vírus ebola foram trazidas da

África em um dispositivo parecido com esse.

Definitivamente, não era o que Langdon queria ouvir.

– Mas o que isso estava fazendo dentro do meu paletó?! Sou professor de História da Arte. Por que estou carregando esse treco?!

Imagens violentas de corpos se contorcendo lampejaram em sua cabeça... e, pairando acima delas, a máscara da peste.

Very sorry... Very sorry.

– Seja lá de onde tenha vindo, este é um modelo de ponta, muito sofisticado – falou Sienna. – Titânio com blindagem de chumbo. Praticamente impenetrável, mesmo por radiação. Imagino que seja coisa de algum governo. – Ela apontou para um retângulo preto do tamanho de um selo ao lado do símbolo de risco biológico. – Reconhecimento digital. Segurança para o caso de perda ou roubo. Tubos desse tipo só podem ser abertos por um indivíduo específico.

Embora Langdon agora sentisse que sua mente funcionava na velocidade normal, ainda tinha a impressão de estar correndo atrás do tempo perdido. *Eu estava carregando um cilindro com lacre biométrico.*

– Quando descobri esse cilindro no seu paletó, quis mostrá-lo ao Dr. Marconi em particular, mas não tive oportunidade antes de você acordar. Cogitei experimentar seu polegar na leitora de digital enquanto você estava inconsciente, mas não fazia ideia do que poderia haver dentro do tubo e...

– O MEU polegar?! – Langdon balançou a cabeça. – Não há a menor chance de esta coisa estar programada para que *eu* a abra. Não entendo nada de bioquímica. Jamais teria um negócio desses comigo.

– Tem certeza?

Langdon tinha certeza absoluta. Estendeu a mão e encostou o polegar na leitora. Nada aconteceu.

– Está vendo?! Eu disse...

O tubo de titânio emitiu um clique alto e Langdon recolheu a mão, como se tivesse sido queimado. *Puta merda.* Olhou para o cilindro como se ele estivesse prestes a se desenroscar sozinho e começar a soltar um gás letal. Três segundos depois, o tubo fez outro clique, aparentemente voltando a se lacrar.

Sem fala, Langdon se virou para Sienna.

A jovem médica expirou, parecendo abalada.

– Bom, acho que não resta dúvidas de que o portador deveria ser você mesmo.

Para Langdon, nada daquilo fazia sentido.

– Impossível. Para começo de conversa, como eu conseguiria passar pela segurança do aeroporto com esse pedaço de metal?

– Talvez você tenha vindo de jatinho particular. Ou quem sabe recebeu o cilindro depois de chegar à Itália?

– Sienna, tenho que ligar para o consulado. Agora mesmo.

– Não acha que devemos abrir o tubo antes?

Langdon já havia tomado atitudes imprudentes na vida, mas abrir um recipiente contendo material de risco biológico na cozinha daquela mulher não seria mais uma delas.

– Vou entregar esse troço para as autoridades. Agora.

Sienna apertou os lábios, pesando suas opções.

– Tudo bem, mas assim que fizer essa ligação vai estar sozinho. Não posso me envolver. E você não poderá se encontrar com eles aqui, de jeito nenhum. Minha situação na Itália é... complicada.

Langdon a encarou e falou com toda a sinceridade:

– Tudo o que sei, Sienna, é que você salvou a minha vida. Vou lidar com a situação da maneira que você achar melhor.

Ela assentiu, agradecida, e foi até a janela, baixando o olhar em direção à rua.

– Tudo bem, vamos fazer o seguinte.

Em questão de instantes, ela elaborou um plano. Simples, inteligente e seguro.

Langdon a esperou ativar o bloqueio da identificação de seu número de celular e discar 411. Seus dedos, apesar de delicados, moviam-se com determinação.

– *Informazioni abbonati?* – perguntou Sienna, falando num italiano sem sotaque. – *Per favore, può darmi il numero del Consolato americano di Firenze?*

Ela aguardou e então anotou às pressas um número de telefone.

– *Grazie mille* – falou, desligando em seguida.

Sienna deslizou o número na direção de Langdon junto com o celular.

– Sua vez. Lembra-se do que deve dizer?

– Minha memória está ótima – declarou Langdon com um sorriso enquanto discava o telefone anotado no pedaço de papel. Logo em seguida ouviu o tom de chamada.

Não custa nada tentar.

Pôs o aparelho no viva-voz e o pousou na mesa para que Sienna pudesse ouvir. A ligação caiu em uma mensagem gravada com informações gerais sobre os serviços e o horário de atendimento do consulado, que só começava às oito e meia da manhã.

Langdon conferiu o relógio do celular. Ainda eram seis horas.

"Se for uma emergência", dizia a gravação, "tecle sete para falar com o funcionário de plantão".

Langdon digitou o ramal na mesma hora.

Ouviu mais uma vez o tom de chamada.

– *Consolato americano* – atendeu uma voz arrastada. – *Sono il funzionario di turno*.

– *Lei parla inglese?* – perguntou Langdon.

– Claro – respondeu o homem em inglês. Parecia ligeiramente irritado por ter sido acordado. – Em que posso ajudá-lo?

– Sou americano, estou em Florença e sofri uma agressão. Meu nome é Robert Langdon.

– Número de passaporte, por favor. – O homem bocejou alto.

– Perdi meu passaporte. Acho que foi roubado. Levei um tiro na cabeça. Estive internado. Preciso de ajuda.

O funcionário acordou de repente.

– Como é?! O senhor disse que levou *um tiro*? Pode repetir seu nome, por favor?

– Robert Langdon.

Logo ouviram um farfalhar do outro lado da linha e em seguida os dedos do homem digitando no teclado. O computador apitou. Houve uma pausa. Em seguida mais dedos no teclado. Outro bipe. Por fim, três bipes agudos.

Seguiu-se uma pausa mais longa.

– O nome do senhor é Robert Langdon? – perguntou o homem.

– Sim, isso mesmo. E estou encrencado.

– Certo, senhor, seu nome está assinalado com um alerta que me orienta a transferir sua ligação imediatamente para o assistente administrativo do cônsul. – O homem se deteve, como se ele mesmo não conseguisse acreditar naquilo. – Aguarde na linha.

– Espere! Pode me dizer se...?

A ligação já havia sido transferida.

O telefone tocou quatro vezes antes de alguém atender.

– Collins falando – disse uma voz rouca.

Langdon respirou fundo e falou com o máximo de calma e clareza possíveis.

– Sr. Collins, meu nome é Robert Langdon. Sou americano e estou em Florença. Fui baleado. Preciso de ajuda. Quero ir ao consulado agora mesmo. O senhor pode me ajudar?

Sem hesitação, a voz grave respondeu:

– Graças a Deus está vivo, Sr. Langdon. Estávamos à sua procura.

CAPÍTULO 12

O consulado sabe que estou aqui?

A notícia provocou em Langdon uma onda de alívio imediato.

O Sr. Collins, que havia se apresentado como o assistente administrativo do cônsul, tinha um tom firme e profissional, mas havia certa ansiedade em sua voz.

– Sr. Langdon, precisamos conversar o mais rápido possível. E não por telefone, óbvio.

Àquela altura, nada mais era óbvio para Langdon, mas ele não quis interromper o homem.

– Vou mandar alguém buscá-lo imediatamente – disse Collins. – Onde o senhor está?

Sienna se remexeu, nervosa, ao ouvir o diálogo no viva-voz. Langdon assentiu para tranquilizá-la, mais do que disposto a seguir o plano à risca.

– Em um pequeno hotel chamado Pensione la Fiorentina – falou, lançando um olhar para o outro lado da rua em direção ao hotel fuleiro que Sienna lhe indicara pouco antes. Deu a Collins o endereço.

– Anotado. Não saia daí. Fique no quarto. Alguém irá buscá-lo agora mesmo. Qual é o número do quarto?

– Trinta e nove – respondeu Langdon, inventando.

– Ok. Vinte minutos. – Collins baixou a voz. – E, Sr. Langdon, pela sua voz suponho que talvez esteja ferido e confuso, mas eu preciso saber... ainda está de posse do objeto?

De posse. Langdon percebeu que a pergunta, embora velada, só poderia ter um significado. Seus olhos se moveram para o tubo sobre a mesa da cozinha.

– Sim, senhor. Ainda estou de posse do objeto.

Collins expirou de forma audível.

– Como não tivemos notícias suas, imaginamos que... bem, para ser franco, imaginamos o pior. Estou aliviado. Fique onde está. Não saia daí. Vinte minutos. Alguém vai bater à sua porta.

Collins desligou.

Langdon sentiu os ombros relaxarem pela primeira vez desde que havia acordado no hospital. *O consulado sabe o que está acontecendo e logo terei respostas.* Fechou os olhos e expirou devagar, sentindo-se quase humano outra vez. Sua dor de cabeça havia praticamente passado.

– Bom, tudo isso está parecendo o MI6 – falou Sienna, meio brincando, meio a sério. – Você é um espião?

No momento, Langdon não fazia ideia do que era. Pensar que poderia perder dois dias de memória e se ver numa situação irreconhecível parecia absurdo, mas ali estava ele... a vinte minutos de um encontro com um funcionário do consulado americano num hotel caindo aos pedaços.

O que está acontecendo aqui?

Olhou para Sienna, dando-se conta de que os dois estavam prestes a se separar. No entanto, era como se ainda tivessem um assunto pendente. Langdon visualizou o médico barbudo no hospital, morrendo no chão diante dos olhos dela. Falou com um sussurro:

– Sienna, o seu amigo... Dr. Marconi... Estou me sentindo péssimo.

Ela assentiu com uma expressão vazia.

– E sinto muito por ter arrastado você para essa confusão – continuou. – Sei que a sua situação no hospital é atípica e, se houver uma investigação... – Ele deixou a frase no ar.

– Não tem problema – disse ela. – Estou acostumada a mudanças.

Pelo olhar perdido de Sienna, Langdon percebeu que tudo havia mudado para ela naquela manhã. Por mais que sua própria vida estivesse caótica, sentiu pena daquela mulher.

Ela salvou minha vida... e eu arruinei a dela.

Ficaram sentados em silêncio por um minuto e o ar entre os dois foi se tornando pesado, como se ambos quisessem falar mas não tivessem nada a dizer. Afinal, eram dois estranhos numa breve e bizarra jornada que acabara de chegar a uma bifurcação, na qual cada um precisava seguir seu caminho.

– Sienna – disse Langdon por fim –, depois que eu resolver essa situação com o consulado, se houver algo que eu possa fazer para ajudá-la... fique à vontade.

– Obrigada – sussurrou ela, voltando o olhar com tristeza para a janela.

◆ ◆ ◆

Conforme os minutos passavam, Sienna Brooks ficou olhando distraída pela janela da cozinha e se perguntou aonde aquela situação iria levá-la. Qualquer que fosse seu destino, não tinha dúvidas de que, quando o dia terminasse, seu mundo seria muito diferente.

Sabia que devia ser só a adrenalina, mas sentia-se estranhamente atraída pelo professor americano. Além de bonito, ele parecia ter bom coração. Numa vida distante e paralela, Robert Langdon talvez fosse alguém com quem ela pudesse se envolver.

Ele nunca iria me querer, pensou. *Sou uma mulher estragada.*

Enquanto ela tentava conter a emoção, algo do outro lado da janela chamou sua atenção. Ela se empertigou, colando o rosto ao vidro e olhando para a rua.

– Robert, olhe ali!

Langdon baixou os olhos em direção à moto BMW preta lustrosa que acabara de estacionar com um ronco em frente à Pensione la Fiorentina. A motociclista de corpo enxuto e forte usava um macacão de couro preto e capacete. Quando ela desmontou com desenvoltura e tirou o capacete preto e reluzente, Sienna percebeu que Langdon prendeu a respiração.

Os cabelos espetados da mulher eram inconfundíveis.

Ela sacou uma arma que lhes pareceu familiar, conferiu o silenciador e tornou a guardá-la no bolso da parte de cima do macacão. Então, movendo-se com uma graça letal, entrou sorrateiramente no hotel.

– Robert – sussurrou Sienna com a voz tensa de pavor. – O governo dos Estados Unidos acabou de mandar alguém matar você.

CAPÍTULO 13

Parado em frente à janela do apartamento, com os olhos fixos no hotel do outro lado da rua, Robert Langdon foi tomado por uma onda de pânico. A mulher de cabelos espetados acabara de entrar lá, mas Langdon não conseguia atinar como ela havia conseguido o endereço.

A onda de adrenalina que disparou pelo seu organismo embotou seu raciocínio.

– Meu próprio governo mandou alguém me matar?

Sienna parecia tão estarrecida quanto ele.

– Robert, isso quer dizer que o primeiro atentado contra a sua vida lá no hospital também foi sancionado pelo seu governo. – Ela se levantou para conferir se a porta do apartamento estava trancada. – Se o consulado americano tem permissão para matar você... – Ela não concluiu o raciocínio, mas também não era preciso. As implicações eram aterrorizantes.

Mas o que eles acham que eu fiz? Por que estou sendo caçado pelo governo do meu próprio país?!

Voltou a ouvir as duas palavras que teria murmurado ao chegar cambaleando no hospital.

Very sorry... very sorry.

– Você não está seguro aqui – declarou Sienna. – *Nós* não estamos seguros aqui. – Ela gesticulou em direção à rua. – Aquela mulher nos viu fugir do hospital juntos e aposto que o seu governo e a polícia já estão tentando me localizar. Meu apartamento é sublocado de outra pessoa, mas eles vão acabar me encontrando. – Ela voltou a atenção para o tubo em cima da mesa. – Você tem que abrir isso aí agora mesmo.

Langdon fitou o dispositivo de titânio, vendo apenas o símbolo de risco biológico.

– Haja o que houver dentro desse tubo deve ter algum código de identificação, o adesivo de uma agência, um número de telefone, *alguma coisa* – falou Sienna. – Você precisa de informações. Eu preciso de informações! O seu governo matou meu amigo!

A dor na voz de Sienna tirou Langdon de seu devaneio e ele assentiu, sabendo que ela tinha razão.

– É, eu... sinto muito – disse Langdon, se encolhendo. Virou-se para o cilindro em cima da mesa e se perguntou que respostas ele esconderia. – Abrir isso pode ser perigosíssimo.

Sienna refletiu por alguns instantes.

– Não importa o que esteja aí dentro, deve estar muito bem isolado, provavelmente dentro de um tubo de ensaio de plexiglas inquebrável. O cilindro de titânio é só um revestimento para maior segurança durante o transporte.

Langdon olhou pela janela em direção à motocicleta preta estacionada em frente ao hotel. A mulher ainda não tinha saído, mas logo perceberia que ele não estava lá. Perguntou-se qual seria seu próximo passo... e quanto tempo ela levaria para começar a esmurrar a porta do apartamento.

Foi então que se decidiu. Pegou o tubo de titânio e, com relutância, encostou o polegar na leitora biométrica. Em poucos instantes, o cilindro apitou, emitindo um clique alto em seguida.

Antes que o tubo voltasse a se lacrar sozinho, Langdon girou suas duas metades em direções opostas. Assim que completou um quarto de volta, o cilindro apitou uma segunda vez e ele entendeu que não havia mais volta.

Enquanto continuava a desenroscar o tubo, sentiu as mãos suadas. As duas metades giraram com facilidade em sulcos talhados à perfeição. Ele continuou a rodá-las, sentindo-se prestes a abrir uma preciosa boneca russa, com o único porém de que não fazia a menor ideia do que poderia sair de lá de dentro.

Depois de cinco voltas, as duas metades se soltaram. Respirando fundo, Langdon as separou com cuidado. O espaço entre elas se alargou e uma parte interna de espuma emborrachada deslizou para fora. Langdon a pousou sobre a mesa. O revestimento protetor lembrava vagamente uma bola de esponja, só que alongada.

Não custa nada tentar.

Ele desdobrou com cuidado uma das pontas da espuma protetora, revelando enfim o objeto aninhado lá dentro.

Sienna baixou os olhos para o conteúdo e inclinou a cabeça de lado, parecendo intrigada.

– Com certeza não era o que eu esperava.

Langdon imaginava encontrar algum tipo de ampola de aspecto futurista, mas o conteúdo do tubo não tinha nada de moderno. O objeto entalhado com desenhos complexos parecia de marfim e era mais ou menos do tamanho de uma embalagem de Mentos.

– Parece antigo – sussurrou Sienna. – Algum tipo de...

– Selo cilíndrico – disse Langdon, enfim permitindo-se soltar o ar.

Inventados pelos sumérios em 3500 a.C., os selos cilíndricos foram os precursores da técnica de impressão italiana conhecida como *intaglio*, ou talho-doce. Gravados com imagens decorativas, esses selos continham um eixo oco no qual se inseria um pino para fazer girar o cilindro entalhado, como um rolo de pintura moderno, "imprimindo" em argila úmida ou terracota uma faixa recorrente de

símbolos, imagens ou textos.

Langdon calculou que aquele selo em especial devia ser muito raro e valioso, mas ainda assim não conseguia entender por que estaria lacrado dentro de um tubo de titânio como se fosse algum tipo de arma biológica.

Girando o selo com cuidado entre os dedos, Langdon percebeu que o desenho gravado nele era especialmente horripilante: um Satã chifrudo de três cabeças que devorava três homens ao mesmo tempo, um em cada uma de suas três bocas.

Que agradável.

Os olhos de Langdon se moveram para as sete letras gravadas logo abaixo do diabo. A caligrafia rebuscada estava espelhada, como em qualquer rolo de impressão, mas ele não teve dificuldade alguma para decifrar as letras: SALIGIA.

Sienna estreitou os olhos em direção ao texto e leu em voz alta:

– *Saligia?*

Langdon assentiu, sentindo um arrepio ao ouvir a palavra ser pronunciada.

– É uma expressão mnemônica latina inventada pelo Vaticano na Idade Média para lembrar aos cristãos os sete pecados capitais. *Saligia* é um acrônimo de *superbia, avaritia, luxuria, invidia, gula, ira* e *acedia*.

Sienna franziu a testa.

– Soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira e preguiça.

Langdon ficou impressionado.

– Você sabe latim.

– Tive uma formação católica. Sei o que é pecado.

Langdon conseguiu esboçar um sorriso enquanto desviava os olhos para o selo, mais uma vez se perguntando por que aquilo tinha sido isolado dentro de um tubo de material biológico como se fosse perigoso.

– Pensei que fosse de marfim, mas é de osso – disse Sienna. Deslizou o artefato até onde a luz do sol batia e apontou para as linhas que havia nele. – O marfim tem hachuras cruzadas em forma de diamante, com estrias translúcidas, ao passo que os ossos têm estrias paralelas e sulcos escurecidos.

Langdon pegou o selo com cuidado e examinou as marcações com mais atenção. Os selos sumérios originais eram entalhados com desenhos rudimentares e escrita cuneiforme. As imagens gravadas naquele ali, porém, eram muito mais elaboradas. Deviam ser medievais, supôs. Além disso, os adornos sugeriam uma relação perturbadora com as alucinações que ele vinha tendo.

Sienna olhou para ele com uma expressão preocupada.

– O que foi?

– Um tema recorrente – respondeu Langdon em tom sério, indicando uma das gravuras no selo. – Está vendo este demônio de três cabeças devorador de homens? É uma imagem comum na Idade Média, um ícone associado à Peste Negra. As três

bocas vorazes simbolizam a eficiência com que a peste consumia a população.

Sienna lançou um olhar aflito para o símbolo de risco biológico no tubo.

Alusões à peste pareciam estar surgindo naquela manhã com mais frequência do que Langdon gostaria de admitir, por isso foi com relutância que ele reconheceu a existência de mais uma ligação:

– *Saligia* representa os pecados coletivos da humanidade, que, de acordo com a doutrinação religiosa medieval...

– Foram o motivo pelo qual Deus puniu o mundo com a Peste Negra – disse Sienna, completando seu pensamento.

– Exato.

Langdon se deteve, perdendo por alguns instantes a linha de raciocínio. Acabara de notar algo estranho naquele objeto. Em geral, era possível olhar pelo centro oco de um selo cilíndrico como por um pedaço de cano vazio, mas o eixo do selo em questão estava bloqueado. *Tem alguma coisa enfiada dentro deste osso*. A ponta do objeto refletiu a luz e cintilou.

– Tem alguma coisa dentro – disse Langdon. – E parece que é de vidro.

Ele virou o cilindro de ponta-cabeça para conferir a extremidade oposta e, ao fazer isso, um pequeno objeto chacoalhou lá dentro, deslocando-se de uma ponta do osso até a outra, como uma bolinha de aço dentro de um tubo.

Langdon gelou e ouviu Sienna soltar um leve arquejo ao seu lado.

Que droga foi essa?!

– Você ouviu esse barulho? – sussurrou Sienna.

Langdon assentiu e espiou com cuidado pela ponta do cilindro.

– A abertura parece estar bloqueada por... alguma coisa de metal. – *A tampa de um tubo de ensaio, talvez?*

Sienna recuou.

– Essa coisa parece estar... quebrada?

– Acho que não.

Quando ele tornou a inclinar com cuidado o osso para reexaminar a extremidade de vidro, ouviu o mesmo chacoalhar de antes. Instantes depois, o vidro dentro do cilindro fez algo totalmente inesperado.

Começou a brilhar.

Os olhos de Sienna se arregalaram.

– Robert, pare! Não se mexa!

CAPÍTULO 14

Langdon ficou totalmente imóvel, com a mão suspensa no ar, segurando firme o cilindro de osso. Não havia dúvida de que o vidro na ponta do tubo emitia uma luz... e brilhava como se o seu conteúdo tivesse acordado de repente.

Num piscar de olhos, a luz lá dentro tornou a se apagar.

Sienna se aproximou, com a respiração acelerada. Ela entortou a cabeça para examinar a parte visível de vidro dentro do osso.

– Incline outra vez – sussurrou. – Bem devagar.

Langdon tornou a virar o osso de cabeça para baixo. Mais uma vez, um pequeno objeto chacoalhou de uma ponta a outra e parou.

– De novo – pediu ela. – Com cuidado.

Langdon repetiu o gesto e o tubo voltou a chacoalhar. Dessa vez, o vidro interno cintilou de leve, tornando a brilhar por um instante para então se apagar.

– Só pode ser um tubo de ensaio com uma bolinha dentro para agitar o conteúdo – declarou Sienna.

Langdon conhecia as bolinhas usadas para agitar latas de tinta em spray: pequenas esferas submersas que ajudavam a misturar a tinta quando a lata era sacudida.

– Deve conter algum tipo de composto químico fosforescente – prosseguiu Sienna – ou algum organismo bioluminescente que brilha quando estimulado.

Langdon discordava. Embora já tivesse visto bastões de luz química e até plânctons bioluminescentes que brilhavam quando algum barco agitava seu habitat, estava quase certo de que o cilindro que segurava não continha nenhuma dessas duas coisas. Tornou a inclinar o tubo várias vezes até fazê-lo reluzir, então segurou a ponta luminescente acima da palma da mão. Como imaginava, um fraco ponto de luz avermelhada se projetou em sua pele.

Bom saber que alguém com 208 de QI também se engana de vez em quando.

– Olhe aqui – falou, e começou a sacudir o tubo com violência. O objeto lá dentro chacoalhou de um lado para outro, cada vez mais depressa.

Sienna deu um salto para trás.

– O que você está fazendo?!

Sem parar de agitar o tubo, Langdon foi até o interruptor e apagou a luz, fazendo a cozinha mergulhar em relativa escuridão.

– Não é um tubo de ensaio aqui dentro – declarou, ainda sacudindo o cilindro com

toda a força. – É um laserpoint movido a energia cinética.

Ganhara algo parecido de um aluno: um laserpoint para professores que não gostavam de gastar inúmeras pilhas palito e não se importavam com o esforço de sacudir o objeto por alguns segundos a fim de transformar sua própria energia cinética em energia elétrica de acordo com a necessidade. Quando o aparelho era agitado, uma bolinha de metal em seu interior se deslocava de um lado para outro, passando por uma série de pás e alimentando um gerador minúsculo. Pelo jeito, alguém decidira enfiar aquele laserpoint em especial dentro de um osso oco e entalhado – um casulo milenar para proteger um brinquedo eletrônico moderno.

A extremidade em sua mão agora brilhava intensamente, e Langdon abriu um sorriso nervoso para Sienna.

– Hora do espetáculo.

Apontou o dispositivo envolto em osso para um espaço vazio na parede da cozinha. Quando a parede se iluminou, Sienna arquejou, surpresa. No entanto foi Langdon quem recuou, estupefato.

O que apareceu na parede não foi um pequeno ponto vermelho de laser, mas uma fotografia nítida, em alta definição, que emanava do tubo como de um daqueles antigos projetores de slides.

Meu Deus! A mão de Langdon tremia um pouco enquanto ele assimilava a cena macabra projetada na parede à sua frente. *Não é de espantar que eu esteja vendo imagens de morte.*

Ao seu lado, Sienna cobriu a boca e deu um passo titubeante à frente, hipnotizada pelo que via.

A cena que se projetava do osso entalhado era uma pintura a óleo, um retrato macabro do sofrimento humano: milhares de almas suportando torturas impiedosas em diversos estágios do Inferno. O mundo inferior era representado por um corte transversal da Terra, um cavernoso poço em forma de funil, de profundezas insondáveis. Esse fosso infernal era dividido em camadas descendentes, povoadas por toda a sorte de pecadores atormentados, sua agonia ficando mais intensa a cada nível.

Langdon reconheceu a imagem na mesma hora.

A obra-prima à sua frente – *La Mappa dell'Inferno* – fora pintada por um dos gigantes da Renascença Italiana, Sandro Botticelli. Complexo diagrama do mundo inferior, aquele *Mapa do Inferno* era uma das visões mais aterrorizantes da vida após a morte já criadas. Escuro, sinistro e apavorante, o quadro até hoje causa espanto em quem o vê. Diferente de suas obras vibrantes e coloridas, como *Primavera* e *O nascimento de Vênus*, no *Mapa do Inferno* Botticelli usou uma deprimente paleta de tons de vermelho, sépia e marrom.

Embora a esmagadora dor de cabeça de Langdon tivesse voltado de repente, pela

primeira vez desde que acordara em um hospital estranho ele teve a sensação de que uma peça do quebra-cabeça se encaixava. Era óbvio que suas medonhas alucinações tinham sido induzidas pela visão daquela famosa pintura.

Eu devia estar estudando o Mapa do Inferno *de Botticelli*, pensou, embora não conseguisse lembrar por quê.

Por mais que a imagem em si fosse perturbadora, foi a procedência do quadro que começou a deixar Langdon cada vez mais inquieto. Ele sabia muito bem que a inspiração para aquela agourenta obra-prima não tivera origem na mente do próprio Botticelli, mas na de uma pessoa que vivera dois séculos antes dele.

Uma grande obra de arte inspirada por outra.

O *Mapa do Inferno* de Botticelli era na verdade um tributo a uma obra literária do século XIV que havia se tornado um dos textos mais célebres da história... uma visão notoriamente macabra do Inferno cuja influência se fazia sentir até hoje.

O *Inferno* de Dante.

◆ ◆ ◆

Do outro lado da rua, Vayentha subiu em silêncio uma escada de serviço e foi se esconder no terraço da pequena e adormecida Pensione la Fiorentina. Langdon tinha dado a seu contato do consulado um número de quarto que não existia e um ponto de encontro falso – um "encontro espelhado", como costumavam chamar no ramo: uma conhecida tática de espionagem que permitiria ao professor avaliar a situação antes de revelar onde estava de fato. Invariavelmente, a posição falsa ou "espelhada" era escolhida por proporcionar uma visão perfeita de sua *verdadeira* localização.

No terraço, Vayentha encontrou um esconderijo com um ângulo privilegiado, do qual tinha uma visão panorâmica de toda a área. Sem pressa, permitiu que seus olhos subissem pela fachada do prédio residencial do outro lado da rua.

Sua vez, Sr. Langdon.

◆ ◆ ◆

Nesse exato momento, a bordo do *Mendacium*, o diretor saiu para o convés de mogno e inspirou fundo, saboreando o ar salgado do Adriático. Havia muitos anos que aquela embarcação era o seu lar, mas agora os acontecimentos que se desenrolavam em Florença ameaçavam acabar com tudo o que ele havia construído.

Vayentha, sua agente de campo, tinha colocado tudo em risco. Embora ela fosse ter de passar por um interrogatório quando a missão terminasse, por ora o diretor ainda precisava dela.

É melhor ela retomar o controle da situação.

Ao ouvir passos rápidos se aproximarem por trás dele, o diretor se virou e viu que uma de suas analistas vinha correndo em sua direção.

– Senhor diretor? – disse ela, ofegante. – Temos novas informações. – Sua voz cortou o ar matinal com uma intensidade rara. – Parece que Robert Langdon acabou de acessar sua conta de e-mail em Harvard de um endereço IP aberto. – Ela se deteve, os olhos cravados nos do diretor. – Agora podemos rastrear a localização exata dele.

O diretor ficou pasmo com o fato de que alguém pudesse ser tão idiota. *Isso muda tudo*. Uniu os dedos, formando um triângulo com as mãos, e lançou um olhar em direção ao litoral, refletindo sobre as implicações daquilo.

– Sabemos qual o status da equipe de SMI?

– Sim, senhor. Eles estão a uns três quilômetros da posição de Langdon.

O diretor tomou sua decisão num instante.

– *L'Inferno di Dante* – sussurrou Sienna com uma expressão deslumbrada, aproximando-se da nítida imagem do mundo inferior projetada na parede de sua cozinha.

A visão que Dante tinha do Inferno representada em cores vivas, pensou Langdon.

Louvado como uma das maiores obras da literatura mundial, o *Inferno* era o primeiro dos três livros que compunham *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri – um poema épico de 14.233 versos que descreve sua brutal descida ao mundo inferior, a jornada pelo Purgatório e, por fim, a chegada ao Paraíso. Das três partes da *Comédia – Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* –, o *Inferno* é de longe a mais lida e a mais memorável.

Composto por Dante Alighieri no início do século XIV, o *Inferno* redefiniu a percepção medieval da danação. Antes dele, a ideia do mundo inferior nunca havia fascinado as massas de forma tão arrebatadora. Da noite para o dia, a obra de Dante cristalizou esse conceito abstrato em uma visão nítida e aterrorizante – visceral, palpável, inesquecível. Como era de esperar, após a publicação do poema, houve um enorme aumento no número de fiéis da Igreja Católica, graças aos pecadores aterrorizados que buscavam evitar a versão atualizada do Inferno imaginada por Dante.

Retratada ali por Botticelli, essa horrenda visão dantesca tinha a forma de um funil de sofrimento subterrâneo: um desgraçado submundo composto de fogo, enxofre, esgoto e monstros, com Satanás em pessoa à espera lá no centro. O fosso tinha nove níveis distintos, os nove círculos do Inferno, nos quais os condenados eram lançados de acordo com a gravidade dos seus pecados. Perto do topo, os *luxuriosos*, ou "malfeitores carnais", eram fustigados por um vendaval eterno, símbolo de sua incapacidade de controlar o próprio desejo. Abaixo deles, os *glutões* eram obrigados a ficar deitados de bruços em um lodaçal pútrido de imundície, com a boca cheia do produto de seus excessos. Ainda mais fundo, os *hereges* eram confinados em caixões flamejantes, condenados ao fogo eterno. E assim por diante... cada vez pior conforme se descia.

Nos sete séculos que se seguiram à sua publicação, a duradoura visão dantesca do Inferno inspirou tributos, traduções e variações por parte de algumas das mentes mais criativas da história. Longfellow, Chaucer, Marx, Milton, Balzac, Borges e até

vários papas escreveram obras baseadas no *Inferno*. Monteverdi, Liszt, Wagner, Tchaikovski e Puccini criaram peças musicais baseadas na obra de Dante, assim como uma das compositoras contemporâneas prediletas de Langdon: Loreena McKennitt. Até mesmo o mundo moderno dos videogames e aplicativos para tablets oferece diversos produtos relacionados ao autor da *Divina Comédia*.

Ávido por compartilhar com seus alunos a vibrante riqueza simbólica da visão de Dante, Langdon às vezes dava um curso sobre o recorrente repertório de imagens encontrado tanto na obra do autor quanto naquelas inspiradas por ela ao longo dos séculos.

– Robert – falou Sienna, aproximando-se um pouco mais da imagem na parede. – Olhe aqui! – Ela apontou para uma área próxima à base do funil.

A área que ela apontava era conhecida como Malebolge, cujo nome significava "valas malditas". Era o oitavo e penúltimo círculo do Inferno, dividido em dez valas separadas, uma para cada tipo específico de fraude.

Sienna apontou com mais entusiasmo.

– Olhe! Você não disse que viu isto aqui na sua alucinação?

Langdon estreitou os olhos para o ponto que Sienna indicava, mas não viu nada. A energia do miniprojetor estava acabando e a imagem começava a sumir. Ele se apressou em sacudir o dispositivo novamente, até que voltasse a emitir um brilho intenso. Então, com cautela, pousou-o mais longe da parede, na beira da bancada do outro lado da pequena cozinha, o que fez a imagem projetada ficar ainda maior. Aproximou-se de Sienna e deu um passo de lado para poder analisar o mapa reluzente.

Sienna tornou a apontar para o oitavo círculo do Inferno, na parte inferior da imagem.

– Olhe. Você não disse que, nas suas alucinações, duas pernas marcadas com a letra *R* brotavam da terra? – Ela tocou um ponto específico na parede. – Aqui estão elas!

Como Langdon já tinha visto várias vezes naquele quadro, a décima vala do Malebolge estava repleta de pecadores enterrados de cabeça para baixo até a cintura, com as pernas para fora da terra. O estranho, porém, era que, *naquela* versão ali, duas delas ostentavam a letra *R* escrita em lama, exatamente como na sua visão.

Meu Deus! Langdon examinou com mais atenção aquele pequeno detalhe.

– Essa letra *R*... *com certeza* não está no original de Botticelli!

– Tem outra letra aqui – disse Sienna, apontando.

Langdon seguiu o dedo esticado dela até outra das dez valas no Malebolge, onde a letra *E* estava escrita sobre um falso profeta cuja cabeça havia sido grudada no pescoço virada para trás.

Não acredito! O quadro foi adulterado.

Mais letras surgiram diante dos seus olhos, escritas sobre pecadores espalhados por todas as dez valas do Malebolge. Viu um *C* em cima de um sedutor açoitado por demônios... outro *R* sobre um ladrão condenado a ser picado por cobras por toda a eternidade... um *A* sobre um político corrupto submerso em um lago de piche fervente.

– Essas letras com certeza *não* estão no original de Botticelli – disse ele sem nenhuma dúvida. – Essa imagem foi editada digitalmente.

Tornou a olhar para a vala mais alta do Malebolge e começou a ler as letras de cima para baixo, passando por cada uma das dez valas.

C... A... T... R... O... V... A... C... E... R.

– *Catrovacer?* É italiano? – perguntou Langdon.

Sienna fez que não com a cabeça.

– Nem latim. Não estou reconhecendo.

– Será... uma assinatura, talvez?

– Catrovacer? – Ela parecia ter suas dúvidas. – Não me parece um nome. Mas veja só. – Ela apontou para um dos vários personagens na terceira vala do Malebolge.

Assim que os olhos de Langdon pousaram na figura, ele sentiu um arrepio. Em meio à multidão de pecadores na terceira vala estava uma imagem que era um verdadeiro símbolo da Idade Média: um homem de olhos mortiços, usando uma capa e uma máscara com um bico longo parecido com o de um pássaro.

A máscara da peste.

– O original de Botticelli tem algum médico da peste? – perguntou Sienna.

– Com certeza não. Essa figura foi acrescentada.

– E Botticelli *assinou* o quadro original?

Langdon não conseguia se lembrar, mas ao olhar para o canto inferior direito, onde normalmente estaria a assinatura, entendeu o motivo da pergunta. Embora não houvesse assinatura, quase indistinguível na borda marrom-escura do quadro estava uma linha de texto em minúsculas letras de fôrma: *verità è visibile solo attraverso gli occhi della morte*.

Langdon sabia o suficiente de italiano para entender o sentido geral da mensagem.

– "A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte."

Sienna assentiu.

– Que bizarro!

Os dois ficaram parados em silêncio enquanto a imagem mórbida à sua frente desaparecia lentamente. *O* Inferno *de Dante*, pensou Langdon. *Inspirando obras de arte sinistras desde 1330.*

O curso que Langdon dava sobre Dante sempre incluía um módulo inteiro acerca das célebres obras inspiradas pelo *Inferno*. Além do ilustre *Mapa* de Botticelli,

havia a escultura atemporal de Rodin *As três sombras*, que é parte da obra *A porta do Inferno*; a ilustração de Stradanus que mostra Flégias remando em meio aos corpos submersos no rio Estige; os pecadores libidinosos de William Blake rodopiando em uma tempestade eterna; a visão estranhamente erótica criada por Bouguereau de Dante e Virgílio observando dois homens nus atracados em combate; as almas torturadas de Bayros encolhidas sob uma torrencial chuva de pedras escaldantes e gotículas de fogo; a excêntrica série de aquarelas e xilogravuras de Salvador Dalí; e a imensa coleção de gravuras em preto e branco de Doré, que retratava desde o túnel de entrada para o Hades até o Satã alado em pessoa.

Agora tudo indicava que a inspiradora visão do Inferno criada por Dante havia influenciado não só alguns dos artistas mais reverenciados da história, mas também outro indivíduo: uma alma pervertida que havia adulterado digitalmente o famoso quadro de Botticelli para acrescentar dez letras e um médico com a máscara da peste e que assinara sua obra com uma frase sinistra sobre enxergar a verdade através dos olhos da morte. Esse artista então armazenara a imagem em um projetor de última geração protegido por um osso entalhado com gravuras bizarras.

Langdon não conseguia imaginar quem teria criado aquele artefato, mas isso agora parecia estar em segundo plano diante de uma questão muito mais perturbadora:

Por que justo eu estou carregando esse troço?

◆ ◆ ◆

Enquanto Sienna e Langdon estavam na cozinha pensando no que fazer em seguida, o rugido inesperado de um motor com muitos cavalos de potência ecoou lá embaixo na rua. Foi seguido pela explosão de pneus cantando e portas de carro batendo.

Intrigada, ela correu até a janela.

Uma van preta sem identificação havia parado bruscamente em frente ao prédio. Um grupo de homens desceu do veículo, todos usando uniformes pretos com medalhões verdes redondos no ombro esquerdo. Portavam rifles automáticos e se moviam com uma eficiência agressiva, militar. Sem hesitar, quatro soldados correram para a entrada do edifício residencial.

Sienna sentiu o sangue gelar.

– Robert! – gritou. – Não sei quem são essas pessoas, mas elas nos acharam!

◆ ◆ ◆

Lá embaixo na rua, o agente Christoph Brüder gritava ordens para seus homens, que entravam correndo no prédio. Era um homem vigoroso, que a carreira militar imbuíra de um senso de dever inabalável e de um grande respeito pela cadeia de

comando. Ele conhecia sua missão e sabia o que estava em jogo.

A organização para a qual trabalhava tinha várias divisões, mas a de Brüder – Suporte ao Monitoramento e Intervenção – só era acionada quando a situação atingia o status de "crise".

Enquanto seus homens desapareciam dentro do prédio, Brüder ficou de guarda em frente à porta de entrada, sacou o rádio e entrou em contato com o responsável pela operação.

– Brüder falando – informou. – Rastreamos Langdon com sucesso pelo endereço IP. Minha equipe está entrando no local. Aviso assim que o capturarmos.

◆ ◆ ◆

Muito acima de Brüder, no telhado da Pensione la Fiorentina, Vayentha viu, com uma descrença horrorizada, os agentes invadirem o prédio.

Que raio ELES estão fazendo aqui?!

Passou a mão pelos cabelos espetados, compreendendo de repente as terríveis consequências de seu fracasso na noite anterior. Graças ao mero arrulho de uma pomba, tudo tinha fugido ao controle. O que começara como uma missão simples havia se tornado um pesadelo.

Se a equipe de SMI está aqui, está tudo acabado para mim.

Em desespero, Vayentha sacou seu Sectra Tiger XS e ligou para o chefe.

– Diretor – disse, hesitante. – A equipe de SMI chegou! Os homens de Brüder estão invadindo o prédio do outro lado da rua!

Esperou uma resposta, mas tudo o que ouviu foi uma série de cliques agudos seguida por uma voz eletrônica que anunciou com tranquilidade:

– Protocolo de desvinculação iniciado.

Vayentha baixou o telefone e olhou para a tela com uma expressão incrédula, bem a tempo de ver o aparelho se desligar sozinho.

Todo o sangue se esvaiu de seu rosto e ela se forçou a aceitar o que estava acontecendo. O Consórcio acabara de romper toda e qualquer ligação com ela.

Nenhuma relação. Nenhuma associação.

Fui desvinculada.

O choque durou apenas um instante.

Então veio o medo.

CAPÍTULO 16

– Rápido, Robert! – instou Sienna. – Venha comigo!

Com a mente ainda dominada pelas imagens sombrias do mundo inferior de Dante, Langdon disparou pela porta e saiu para o corredor do prédio. Até aquele momento, Sienna Brooks conseguira administrar o considerável estresse da manhã com uma espécie de indiferença calculada, mas agora sua atitude serena dera lugar a uma emoção que ele ainda não tinha visto nela: medo de verdade.

No corredor, Sienna assumiu a dianteira e passou correndo pelo elevador que já descia, sem dúvida chamado pelos homens que agora deviam estar no saguão do prédio. Ela disparou até o fim do corredor e, sem olhar para trás, despareceu no vão da escada.

Langdon a seguiu de perto, derrapando com o solado liso dos mocassins emprestados. No bolso da frente do terno Brioni, o pequeno projetor saltava, batendo em seu peito enquanto ele corria. Num flash, viu outra vez em sua mente as estranhas letras que adornavam o oitavo círculo do Inferno: CATROVACER. Visualizou a máscara da peste e a bizarra assinatura: *A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte*.

Esforçou-se para estabelecer uma ligação entre aqueles elementos discrepantes, mas por ora nada fazia sentido. Enfim parou de correr no patamar entre dois lances de escada, onde Sienna estava parada, ouvindo com atenção. Ele escutou passos firmes subindo a escada.

– Tem alguma outra saída? – sussurrou.

– Venha comigo – respondeu ela, tensa.

Sienna já tinha mantido Langdon vivo uma vez naquele dia, então, sem alternativa a não ser confiar nela, ele respirou fundo e a acompanhou escada abaixo, saltando os degraus.

Desceram um andar e o barulho das botas ficou muito próximo, ecoando apenas um ou dois andares mais abaixo.

Por que ela está correndo na direção deles?

Antes que Langdon pudesse protestar, Sienna agarrou sua mão e o puxou para fora da escada, por um corredor deserto – uma longa sucessão de apartamentos com as portas trancadas.

Não há onde se esconder!

Sienna acionou um interruptor e algumas lâmpadas se apagaram, mas a penumbra

no corredor ainda não era suficiente para escondê-los. Estavam claramente visíveis ali. Agora o ribombar dos passos já estava quase em cima deles e Langdon sabia que seus perseguidores iriam surgir na escada a qualquer momento, com uma visão desimpedida do corredor.

– Preciso do seu paletó – sussurrou Sienna, já arrancando-o de seu corpo. Em seguida forçou Langdon a se agachar atrás dela no vão recuado de uma das portas. – Não se mexa.

O que ela está fazendo? Qualquer um pode vê-la!

Os soldados surgiram na escada, subindo em disparada, mas pararam assim que viram Sienna no corredor mal iluminado.

– *Per l'amor di Dio!* – gritou ela com um tom de voz mordaz. – *Cos'è questa confusione?*

Os dois homens estreitaram os olhos, sem saber direito o que estavam vendo.

Sienna não parava de gritar:

– *Tanto chiasso a quest'ora!*

Quanto barulho, a esta hora!

Então Langdon viu que ela havia enrolado o paletó preto em volta da cabeça e dos ombros, como o xale de uma velha. Estava encurvada, posicionando-se de modo a não deixar que vissem Langdon agachado no escuro. Totalmente transformada, ela deu um passo cambaleante em direção aos soldados, ainda gritando como uma velha.

Um dos homens ergueu a mão e gesticulou para que ela voltasse ao seu apartamento.

– *Signora! Rientri subito in casa!*

Sienna deu outro passo titubeante à frente e brandiu o punho com raiva.

– *Avete svegliato mio marido che è malato!*

Langdon não conseguia acreditar no que ouvia: *Vocês acordaram meu marido doente?*

O outro soldado então ergueu a metralhadora e a apontou direto para ela.

– *Ferma o sparo!*

Sienna parou na mesma hora, xingando-os sem piedade enquanto cambaleava para trás, afastando-se deles.

Os homens passaram depressa e sumiram escada acima.

Não chegou a ser uma atuação shakespeariana, mas ainda assim foi impressionante, pensou Langdon. Pelo jeito, formação em teatro podia ser uma arma bastante versátil.

Sienna tirou o paletó da cabeça e o jogou de volta para Langdon.

– Pronto. Agora venha.

Dessa vez Langdon a seguiu sem hesitar.

Eles desceram até o patamar logo acima do saguão, onde mais dois soldados estavam entrando no elevador rumo aos andares de cima. Bem do lado de fora, outro soldado montava guarda junto à van. Seu uniforme preto se esticava por cima dos músculos. Sem fazer barulho, Sienna e Langdon desceram depressa para o subsolo.

A garagem subterrânea estava escura e fedia a urina. Sienna correu até um canto cheio de scooters e motos. Parou diante de uma scooter prateada com duas rodas dianteiras e uma traseira – uma espécie de lambreta que parecia o deselegante resultado do cruzamento entre uma Vespa italiana e um triciclo para adultos. Ela correu a mão esguia por baixo do para-lama dianteiro e retirou dali uma pequena caixa magnetizada. Lá dentro havia uma chave, que ela inseriu no painel para dar a partida no motor.

Segundos depois, Langdon estava sentado atrás dela na scooter. Empoleirado de forma precária no pequeno assento, tateou em volta à procura de algo em que se agarrar ou de algum ponto de apoio.

– Não é hora para cerimônia – disse Sienna, pegando as mãos dele e passando-as em volta de sua cintura fina. – É melhor se segurar.

E foi exatamente o que ele fez quando Sienna acelerou a scooter para subir a rampa de acesso. O veículo era mais potente do que ele havia imaginado e os dois quase saíram do chão ao dispararem pela garagem, emergindo na rua banhada pela luz da aurora a uns 50 metros da entrada do prédio. O soldado corpulento ao lado da van se virou bem a tempo de vê-los se afastar a toda a velocidade, com a scooter soltando um chiado agudo à medida que ela acelerava.

Na garupa, Langdon olhou por cima do ombro para o soldado e o viu levantar a arma e mirar com atenção. Encolheu-se. Um único tiro ecoou e ricocheteou no para-lama traseiro da scooter, errando por pouco a base da coluna de Langdon.

Meu Deus!

Quando chegou a um cruzamento, Sienna fez uma curva fechada à esquerda e Langdon sentiu-se escorregar no assento; teve que lutar para manter o equilíbrio.

– Incline-se para perto de mim! – gritou ela.

Langdon deixou o corpo pender para a frente e conseguiu se equilibrar de novo enquanto Sienna disparava por uma via mais larga. Foi preciso um quarteirão inteiro para ele voltar a respirar.

Quem eram aqueles homens?!

Sienna se manteve concentrada na avenida à sua frente, ziguezagueando pelo tráfego leve da manhã. Vários pedestres tiveram que olhar duas vezes ao vê-los passar, parecendo intrigados por um homem de 1,83 metro usando um terno Brioni estar montado *na garupa* de uma mulher esbelta.

Langdon e Sienna haviam percorrido três quarteirões e se aproximavam de um grande cruzamento quando buzinas soaram mais à frente. Uma van preta reluzente

dobrou a esquina equilibrando-se sobre duas rodas, fazendo a traseira derrapar em plena curva, e então acelerou avenida acima na direção deles. A van era idêntica à dos soldados que haviam invadido o prédio.

Na mesma hora Sienna fez uma curva brusca para a direita e acionou os freios. O peito de Langdon bateu com força nas costas dela quando a scooter deu uma leve derrapada e parou atrás de um caminhão de entregas estacionado, sumindo de vista. Ela aproximou a scooter do para-choque traseiro do caminhão e desligou o motor.

Será que eles nos viram?!

Ela e Langdon se encolheram e esperaram, prendendo a respiração.

A van seguiu em frente, sem hesitar. Aparentemente eles não tinham sido vistos. Quando o veículo passou, contudo, Langdon vislumbrou uma pessoa lá dentro.

No banco de trás, uma mulher mais velha, atraente, estava sentada entre dois soldados, como se fosse uma refém. Tinha as pálpebras caídas e a cabeça mole, como se estivesse delirando ou talvez drogada. Usava um amuleto no pescoço e tinha longos cabelos cor de prata cujos cachos caíam em cascata.

Por um instante, Langdon sentiu um nó na garganta e teve a impressão de estar vendo um fantasma.

Aquela era a mulher das suas visões.

CAPÍTULO 17

O diretor saiu como um furacão da sala de controle e atravessou a passos firmes o longo convés a estibordo do *Mendacium*, tentando organizar os pensamentos. O que acabara de acontecer naquele prédio residencial de Florença era impensável.

Deu duas voltas inteiras na embarcação antes de entrar em seu escritório e pegar uma garrafa de uísque *single malt* Highland Park 50 anos. Sem se servir de uma dose, pousou a garrafa sobre a mesa e virou as costas para ela – um lembrete pessoal de que continuava no controle da situação.

Seu olhar se moveu por instinto para um volume pesado e deteriorado em sua estante, presente de um cliente... o mesmo cliente que ele agora desejava jamais ter conhecido.

Um ano atrás... Como eu poderia saber?

O diretor não costumava entrevistar pessoalmente clientes em potencial, mas aquele tinha sido indicado por alguém de confiança, então abrira uma exceção.

O mar não poderia estar mais calmo no dia em que o cliente chegou a bordo do *Mendacium* em seu helicóptero particular. Figura notória em seu ramo de trabalho, o visitante era um homem de 46 anos, alinhado, muito alto, com olhos verdes penetrantes.

– Como o senhor sabe – começara o cliente –, seus serviços me foram recomendados por um contato que temos em comum. – O homem esticou as pernas compridas, muito à vontade no luxuoso escritório do diretor. – Então deixe-me lhe dizer do que preciso.

– Ainda não – falou o diretor, interrompendo-o para mostrar quem estava no comando. – Meu protocolo exige que o senhor não me conte nada. Vou explicar os serviços que ofereço e, se for o caso, o senhor decidirá em qual deles está interessado.

O visitante pareceu surpreso, mas concordou e ouviu com atenção. No fim das contas, o que o recém-chegado alto e magro desejava era um procedimento muito comum para o Consórcio – basicamente, a oportunidade de se tornar "invisível" por algum tempo para poder se dedicar a um determinado propósito longe de olhares curiosos.

Brincadeira de criança.

Para isso, o Consórcio lhe forneceria uma identidade falsa e uma localidade

secreta, fora do alcance de qualquer radar, onde poderia realizar seu trabalho – qualquer que fosse ele – em total sigilo. O Consórcio nunca perguntava *por que* um cliente contratava seus serviços, preferindo saber o mínimo possível sobre as pessoas para as quais trabalhava.

Durante um ano inteiro o diretor proporcionara, a um custo espantoso, um porto seguro ao homem de olhos verdes, que acabara se revelando o cliente ideal. O diretor não tinha contato algum com ele, que sempre pagava os valores devidos no prazo.

Então, duas semanas antes, tudo havia mudado.

O cliente entrara em contato de repente, exigindo um encontro com ele. Levando em conta o montante que o homem já pagara, o diretor concordou.

A figura transtornada que chegou ao iate mal lembrava o homem equilibrado e bem-apessoado com quem o diretor fizera negócio no ano anterior. Seus olhos verdes, antes incisivos, tinham agora uma expressão alucinada. Ele parecia quase... doente.

O que aconteceu com ele? O que ele vem fazendo?

O diretor conduziu o homem inquieto até seu escritório.

– O demônio de cabelos cor de prata – gaguejou. – Ela está se aproximando a cada dia.

O diretor baixou os olhos para o dossiê do cliente para ver a fotografia da atraente mulher de cabelos grisalhos.

– Sim – falou. – O seu demônio de cabelos cor de prata. Conhecemos muito bem seus inimigos. E, por mais poderosa que ela seja, durante um ano inteiro nós a mantivemos longe do senhor... e continuaremos mantendo.

Ansioso, o homem de olhos verdes não parava de torcer mechas de cabelos sebosos com as pontas dos dedos.

– Não se deixe enganar por sua beleza. Ela é uma adversária perigosa.

Verdade, pensou o diretor, ainda contrariado com o fato de o seu cliente ter chamado a atenção de alguém tão influente. Os recursos e a facilidade de acesso da mulher de cabelos prateados eram extraordinários – ela não era um tipo de oponente do qual o diretor gostasse de ter que se esquivar.

– Se ela ou os seus asseclas me localizarem... – começou o cliente.

– Isso não vai acontecer – garantiu-lhe o diretor. – Nós não o mantivemos escondido e fornecemos tudo o que o senhor requisitou até agora?

– Sim – respondeu o homem. – Mesmo assim dormirei mais tranquilo se... – Ele fez uma pausa para se recompor. – Preciso ter certeza de que, se alguma coisa me acontecer, o senhor irá levar a cabo meus últimos desejos.

– Que desejos são esses?

O homem enfiou a mão dentro de uma bolsa e pegou um pequeno envelope

lacrado.

– O conteúdo deste envelope dá acesso a um cofre em Florença. Dentro do cofre o senhor encontrará um pequeno objeto. Se algo me acontecer, preciso que o entregue a alguém. É uma espécie de presente.

– Muito bem. – O diretor ergueu a caneta para anotar. – E a quem devo entregá-lo?

– Ao demônio de cabelos cor de prata.

– Um presente para o seu maior inimigo? – perguntou o diretor, erguendo os olhos.

– Digamos que seja uma pedra em seu sapato. – Seus olhos emitiram um brilho alucinado. – Uma pequena e engenhosa farpa feita de osso. Ela vai descobrir que é um mapa. Uma espécie de Virgílio particular que a guiará até o centro de seu inferno particular.

O diretor o avaliou por um bom tempo.

– Como quiser. Considere-o entregue.

– A questão do tempo será fundamental – advertiu o cliente. – O objeto não deve ser entregue cedo demais. O senhor deve mantê-lo escondido até... – Ele fez uma pausa, subitamente perdido em pensamentos.

– Até quando? – perguntou o diretor, instigando-o a falar.

O homem se levantou de forma abrupta e foi para trás da mesa de seu anfitrião, onde pegou um marcador de texto vermelho e circulou uma data no calendário do diretor com um gesto frenético.

– Até este dia.

Cerrando os dentes, o diretor bufou, engolindo o desagrado que a petulância do homem lhe causava.

– Entendido – falou. – Não farei nada até o dia indicado. Nessa data o objeto no cofre, seja lá o que for, será entregue à mulher de cabelos prateados. O senhor tem a minha palavra. – Ele contou os dias em seu calendário até a data circulada às pressas. – Cumprirei seu desejo exatamente daqui a catorze dias.

– Nem um dia antes! – alertou o cliente em um tom de voz alucinado.

– Entendido – garantiu-lhe o diretor. – Nem um dia antes.

Pegou o envelope, guardou-o no dossiê do cliente e fez todas as anotações necessárias para que seus desejos fossem atendidos com precisão. O cliente não tinha dado detalhes sobre o objeto guardado no cofre, mas o diretor preferia que fosse assim. A discrição era um dos pilares da filosofia do Consórcio. *Forneça o serviço. Não faça perguntas. Não emita juízos.*

Os ombros do cliente relaxaram e ele suspirou com força.

– Obrigado.

– Mais alguma coisa? – perguntou o diretor, ansioso por se livrar daquele homem transfigurado.

– Na verdade, sim. – Ele enfiou a mão no bolso e sacou um pequeno cartão de memória vermelho-vivo. – Isto aqui é um arquivo de vídeo. – Ele pousou o cartão de memória na mesa, em frente ao diretor. – Gostaria que fosse enviado a veículos de imprensa de todo o mundo.

O diretor analisou o homem com curiosidade. Com frequência o Consórcio distribuía informações em massa para seus clientes, mas o pedido daquele homem tinha algo de perturbador.

– Na mesma data? – perguntou, apontando para o círculo rabiscado em seu calendário.

– Exatamente na mesma data – respondeu o cliente. – Nem um segundo antes.

– Entendido. – O diretor anexou a informação ao cartão de memória vermelho. – É isso, então? – Ele se levantou, tentando pôr um fim àquela reunião.

Mas o outro homem continuou sentado.

– Não. Ainda resta uma última coisa.

O diretor tornou a se sentar.

A essa altura, uma expressão quase animalesca dominava os olhos verdes do cliente.

– Pouco depois de o senhor divulgar o vídeo, vou me tornar um homem muito famoso.

O senhor já é famoso, pensou o diretor, considerando os feitos impressionantes de seu cliente.

– E o senhor irá merecer parte do crédito. O serviço que me prestou possibilitou que eu criasse minha obra-prima... algo que irá mudar o mundo. Deveria se orgulhar do seu papel.

– Seja qual for a sua obra-prima – disse o diretor, cada vez mais impaciente –, fico feliz que tenha tido toda a privacidade necessária para criá-la.

– Como prova da minha gratidão, eu lhe trouxe um presente de despedida. – O homem desalinhado enfiou a mão na bolsa. – Um livro.

O diretor se perguntou se aquele livro não seria a obra secreta na qual seu cliente vinha trabalhando durante todo aquele tempo.

– Escrito pelo senhor?

– Não. – O homem ergueu um volume pesado, que largou em cima da mesa. – Pelo contrário... este livro foi escrito *para* mim.

Intrigado, o diretor fitou a edição que seu cliente havia tirado da bolsa. *Ele acha que esse livro foi escrito para ele?* O volume era um clássico da literatura... do século XIV.

– Leia – disse o cliente com um sorriso sombrio. – Vai ajudá-lo a entender o que fiz.

Com essas palavras, o visitante se levantou, despediu-se e foi embora. O diretor

ficou observando através da janela do escritório o helicóptero do cliente decolar do convés e começar sua viagem de volta rumo ao litoral italiano.

Então voltou sua atenção para o grosso livro à sua frente. Com dedos titubeantes, abriu a capa de couro e folheou as páginas de abertura até o início. A estrofe que iniciava a obra estava escrita em uma caligrafia garrafal que ocupava toda a primeira página.

INFERNO

Tendo à metade desta vida chegado,

vi-me nas entranhas de uma floresta escura,

pois o caminho reto perdido estava.

Na página em branco à esquerda, seu cliente havia escrito a seguinte dedicatória:

Meu caro amigo, obrigado por me ajudar a encontrar o caminho.

O mundo também lhe agradece.

O diretor não fazia ideia do que significava aquilo, mas já havia lido o suficiente. Fechou o livro e o colocou na estante. Por sorte, seu relacionamento profissional com aquele homem estranho estava prestes a terminar. *Mais catorze dias*, pensou, virando-se para fitar o círculo vermelho traçado às pressas em seu calendário.

Nos dias subsequentes, sentiu uma estranha aflição em relação àquele cliente. O homem parecia ter enlouquecido. Mesmo assim, apesar do seu mau pressentimento, o tempo passou sem nenhum incidente.

Então, pouco antes da data circulada, uma sucessão de acontecimentos desastrosos havia se desenrolado em Florença. O diretor tentara conter a crise, mas ela logo fugira ao controle. Seu clímax ocorrera com a ofegante subida do cliente até o alto da torre da Badia.

Ele pulou lá de cima... para a morte.

Apesar do horror que lhe inspirava a perda de um cliente, sobretudo daquela maneira, o diretor manteve sua palavra. Logo começou a se preparar para cumprir a última promessa que fizera ao morto: entregar à mulher de cabelos prateados o conteúdo de um cofre localizado em Florença. E ele havia sido alertado de que o momento em que essa entrega deveria ser feita era fundamental.

Não antes da data circulada em seu calendário.

O diretor entregara o envelope com os códigos do cofre para Vayentha, que fora a Florença recuperar o objeto – a "pequena e engenhosa farpa". Porém, quando Vayentha entrara em contato, suas notícias foram ao mesmo tempo espantosas e extremamente alarmantes. O conteúdo do cofre já havia sido resgatado e ela mal conseguira escapar sem ser pega. Não se sabia como a mulher de cabelos prateados tinha descoberto a existência da conta no banco e usado sua influência para ter acesso ao cofre, providenciando ainda um mandado de prisão para qualquer outra pessoa que aparecesse com a intenção de abri-lo.

Isso fora três dias antes.

Estava claro que o cliente pretendia que o objeto roubado fosse seu último insulto à mulher de cabelos prateados – uma voz debochada vinda do além.

Mas agora a voz tinha falado cedo demais.

Desde então, o Consórcio estava em polvorosa, lançando mão de todos os seus recursos para resguardar os últimos desejos do cliente, bem como sua própria integridade. Durante esse processo, a organização havia ultrapassado uma série de limites que, como o diretor sabia muito bem, seriam difíceis de restabelecer. Agora, com o degringolar da situação em Florença, o diretor fitava sua mesa de trabalho e se perguntava o que o futuro lhe reservaria.

No calendário, o círculo maltraçado do cliente o encarava de volta – um aro frenético de tinta vermelha em volta de uma data aparentemente especial.

O dia seguinte.

Com relutância, o diretor fitou a garrafa de uísque na mesa à sua frente. Então, pela primeira vez em catorze anos, serviu-se de uma dose que tomou de um só gole.

◆ ◆ ◆

Na coberta da embarcação, Laurence Knowlton retirou o pequeno cartão de memória vermelho do computador e o pousou na mesa à sua frente. O vídeo era uma das coisas mais estranhas que ele já vira.

E tinha exatos nove minutos de duração... nem um segundo a mais nem a menos.

Tomado por um alarme que não lhe era característico, ele se levantou e pôs-se a andar de um lado para outro em sua saleta, perguntando-se mais uma vez se deveria compartilhar aquele vídeo bizarro com o diretor.

Faça o seu trabalho e pronto, Knowlton aconselhou a si mesmo. *Sem perguntas. Sem julgamento.*

Forçando-se a tirar o vídeo da cabeça, marcou a tarefa como confirmada em sua agenda. No dia seguinte, de acordo com a solicitação do cliente, enviaria o arquivo para a mídia.

CAPÍTULO 18

O Viale Niccolò Machiavelli já havia sido considerado uma das mais belas avenidas de Florença. Com suas amplas curvas que serpenteiam por paisagens viçosas de cercas vivas e árvores que perdiam as folhas no outono, a via era uma das preferidas pelos ciclistas e fãs de Ferraris.

Sienna manobrou com habilidade a scooter de três rodas por cada curva fechada, deixando para trás a zona residencial modesta e seguindo em direção ao ar límpido e com aroma de cedro da afluente margem ocidental da cidade. Passaram por uma capela cujo relógio batia as oito da manhã naquele exato momento.

Langdon se segurava firme, com imagens desconcertantes do Inferno de Dante fervilhando em sua mente, acompanhadas pelo rosto misterioso de uma linda mulher de cabelos prateados que ele acabara de ver sentada entre dois soldados grandes feito armários no banco de trás de uma van.

Seja ela quem for, pensou, *eles a pegaram*.

– A mulher na van – falou Sienna por sobre o barulho do motor da scooter. – Tem certeza de que é a mesma das suas visões?

– Absoluta.

– Então você deve ter se encontrado com ela em algum momento nos últimos dois dias. A questão é: por que continua a vê-la? E por que ela não para de lhe dizer para buscar e encontrar?

Langdon concordava com ela.

– Não sei... – respondeu. – Não me lembro de tê-la encontrado, mas, sempre que vejo o seu rosto, tenho a nítida sensação de que preciso ajudá-la.

Very sorry. Very sorry.

De repente, ele imaginou se o seu estranho pedido de desculpas não teria sido direcionado à mulher de cabelos prateados. *Será que eu a decepcionei de alguma forma?* Essa simples ideia lhe causou um embrulho no estômago.

Para ele, era como se uma arma imprescindível tivesse sido extraída do seu arsenal. *Perdi a memória.* Desde a infância tinha memória fotográfica e essa era a faculdade intelectual na qual mais se fiava. Para um homem acostumado a se lembrar dos mínimos detalhes de tudo o que via, agir sem memória era como tentar aterrissar um avião no escuro sem radar.

– Parece que nossa única chance de encontrar respostas é decifrar o *Mappa* – disse Sienna. – Seja qual for o segredo que ele oculta, esse deve ser o motivo pelo

qual você está sendo caçado.

Langdon assentiu, refletindo sobre a palavra *catrovacer*, formada pelas letras estampadas nos corpos agonizantes da imagem.

De repente, um pensamento nítido surgiu na mente de Langdon.

Eu acordei em Florença...

Nenhuma outra cidade no mundo estava ligada a Dante Alighieri de forma tão íntima. Ali o poeta havia nascido, crescido e, segundo rezava a lenda, se apaixonado por Beatriz; e dali fora cruelmente exilado, fadado a vagar pelo interior da Itália por anos a fio enquanto sua alma ansiava por voltar ao lar.

Deverás renunciar àquilo que mais amas, escrevera Dante sobre seu desterro. *Eis a flecha primeira que lançará o arco do exílio*.

Ao recordar esses versos do Canto XVII do *Paraíso*, ele virou a cabeça para a direita, olhando por sobre o rio Arno em direção às torres distantes da parte antiga de Florença.

Visualizou a planta da cidade velha – um labirinto de turistas, congestionamento e tráfego percorrendo em ritmo frenético as ruas estreitas ao redor dos famosos museus, catedrais, capelas e bairros comerciais florentinos. Suspeitava que, se ele e Sienna se livrassem da scooter, conseguiriam sumir na multidão.

– Temos que ir para a cidade velha – declarou. – Se houver respostas, é lá que elas devem estar. Todo o mundo de Dante se resumia à Florença antiga.

Sienna concordou com a cabeça e falou por sobre o ombro:

– Além disso, estaremos mais seguros por lá: o que não falta são esconderijos. Vou seguir em direção à Porta Romana e, de lá, podemos cruzar o rio.

O rio, pensou Langdon com certa apreensão. A famosa jornada de Dante rumo ao Inferno também havia começado assim, cruzando um rio.

Sienna acelerou a scooter e, com a paisagem passando ao seu redor feito um borrão, Langdon repassou mentalmente as imagens do Inferno, os mortos e moribundos, as dez valas do Malebolge com o médico usando a máscara da peste e aquela palavra estranha: CATROVACER. Refletiu sobre as palavras escritas na parte de baixo do *Mappa – A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte* – e se perguntou se o aforismo macabro seria uma citação de Dante.

Não que eu me lembre.

Langdon era bem versado na obra dantesca e sua fama como historiador da arte especializado em iconografia fazia com que fosse frequentemente chamado para interpretar a enorme variedade de símbolos que compunha a paisagem concebida pelo autor. Por coincidência, ou talvez nem tanto, ele dera uma palestra sobre o *Inferno* de Dante uns dois anos antes.

"Divino Dante: Símbolos do Inferno."

Dante Alighieri havia se transformado em um dos verdadeiros objetos de culto da

história, o que fizera surgir no mundo todo sociedades dedicadas à sua memória. Seu mais antigo ramo americano fora fundado em 1881, em Cambridge, Massachusetts, por Henry Wadsworth Longfellow. O famoso poeta da Nova Inglaterra, integrante do grupo conhecido como Fireside Poets – formado por poetas que, de tão populares, eram lidos pelas famílias em frente à lareira –, fora também o primeiro americano a traduzir *A Divina Comédia*. Sua consagrada tradução para o inglês continua sendo uma das mais lidas até hoje.

Como notório estudioso da obra de Dante, Langdon fora convidado a palestrar em um evento organizado pela Sociedade Dante Alighieri de Viena, uma das mais antigas do mundo, agendado para acontecer na Academia de Ciências de Viena. Seu principal patrocinador – um cientista de grande fortuna e membro da sociedade – havia conseguido reservar o salão de conferências de dois mil lugares da academia.

Quando Langdon chegou ao evento, foi recebido pelo diretor da conferência. Enquanto atravessavam o saguão da Academia, não pôde deixar de notar as cinco palavras pintadas em letras gigantescas na parede dos fundos: E SE DEUS ESTAVA ERRADO?

– É de Lukas Troberg – sussurrou o diretor. – Nossa mais recente instalação de arte. O que o senhor acha?

Langdon fitou o texto descomunal, sem saber ao certo o que responder.

– Hum... ele não poupa tinta, mas seu domínio do subjuntivo deixa a desejar.

O diretor o encarou com uma expressão confusa. Langdon torceu para sua química com a plateia ser melhor.

Quando enfim subiu ao palco, recebeu uma vigorosa salva de palmas. O auditório estava lotado e só havia lugar em pé.

– *Meine Damen und Herren* – começou ele, fazendo a voz retumbar pelos alto-falantes. – *Willkommen, bienvenue, bem-vindos*.

A famosa frase do musical *Cabaret* arrancou risadas bem-humoradas do público.

– Fui informado de que esta noite nossa plateia inclui não só membros da Sociedade Dante Alighieri como também diversos cientistas e estudantes que talvez estejam explorando o universo do poeta pela primeira vez. Então, para aqueles que têm andado ocupados demais estudando, sem tempo para ler épicos medievais italianos, achei que seria interessante começar com um breve resumo sobre Dante: sua vida, sua obra e por que ele é considerado uma das figuras mais influentes da história.

Mais aplausos.

Usando o pequeno controle remoto em sua mão, Langdon fez surgir uma série de imagens de Dante. A primeira delas foi o retrato de corpo inteiro pintado por Andrea del Castagno, que mostrava o poeta parado diante de um portal segurando um livro de filosofia.

– Dante Alighieri, escritor e filósofo florentino, viveu entre os anos 1265 e 1321.

Neste retrato, como em quase todos os demais, está usando na cabeça um *cappuccio* vermelho, um gorro justo, trançado, com abas nas orelhas, junto com a túnica vermelha *Lucca*. Essa é a imagem mais amplamente divulgada de Dante.

Langdon avançou os slides até o retrato pintado por Botticelli e exposto na Galleria degli Uffizi que frisava os traços mais salientes do poeta: seu queixo destacado e o nariz adunco.

– Aqui, o rosto inconfundível de Dante encontra-se mais uma vez emoldurado pelo *cappuccio* vermelho, mas, nessa representação, Botticelli acrescentou uma coroa de louros por sua *expertise* em artes poéticas. Um símbolo tradicional emprestado da Grécia Antiga e até hoje usado em cerimônias de premiação de poetas laureados e ganhadores do Prêmio Nobel.

Langdon passou depressa por várias outras imagens, todas mostrando Dante com seu nariz proeminente, sua coroa de louros e seu gorro e túnica vermelhos.

– E aqui, para fixar melhor a imagem de Dante, está a estátua que se pode ver na Piazza di Santa Croce... E, como não poderia faltar, o famoso afresco atribuído a Giotto, na capela do palácio Bargello.

Langdon deixou o slide do afresco de Giotto na tela e foi até o centro do palco.

– Como vocês já sabem, Dante é mais conhecido por sua monumental obra-prima literária, *A Divina Comédia*, um relato vívido e brutal de sua descida ao Inferno, de sua jornada pelo Purgatório e, por fim, de sua ascensão ao Paraíso para entrar em comunhão com Deus. Pelos padrões modernos, *A Divina Comédia* não tem nada de cômico. É chamada de comédia por um motivo bem diferente. No século XIV, a literatura italiana era obrigatoriamente dividida em duas categorias. A primeira, a tragédia, representava a alta literatura e era escrita em italiano formal. A outra, a comédia, representava a baixa literatura, era escrita em vernáculo e destinada a ser lida pela população em geral.

Langdon avançou os slides até a famosa pintura de Michelino, que mostrava Dante em pé diante dos portões de Florença segurando um exemplar do seu poema épico. Ao fundo, a montanha dividida em terraços do Purgatório se erguia bem alto acima dos portões do Inferno. A pintura ficava em Florença, na catedral de Santa Maria del Fiore, mais conhecida como *Il Duomo*.

– Como vocês já devem ter adivinhado pelo título – prosseguiu Langdon –, *A Divina Comédia* foi escrita em vernáculo, ou seja, na língua do povo. Mesmo assim, mesclava de forma brilhante religião, história, política, filosofia e análise social em uma tapeçaria ficcional que, embora erudita, não deixava de ser plenamente acessível às massas. A obra se tornou de tal forma um pilar da cultura italiana que o estilo literário de Dante foi considerado responsável pela própria codificação da língua italiana moderna.

Langdon fez uma breve pausa dramática e então sussurrou:

– Amigos, é impossível superestimar a influência da obra de Dante. Ao longo de toda a história, com exceção apenas das Escrituras Sagradas talvez, nenhuma obra de arte visual, musical ou literária inspirou tantos tributos, imitações, variações e comentários quanto *A Divina Comédia*.

Depois de listar um extenso rol de compositores, artistas e escritores que haviam criado obras com base no poema épico de Dante, Langdon correu os olhos pela plateia.

– Temos algum escritor aqui esta noite? – perguntou.

Quase um terço da plateia levantou a mão. Langdon ficou chocado. *Uau! Ou esta é a plateia mais bem-sucedida do mundo, ou esse tal mercado de livros digitais está mesmo começando a decolar.*

– Bem, como todos os escritores presentes estão cansados de saber, não há nada que deixe um autor mais feliz do que um elogio de capa: aquela linhazinha de aval de algum figurão que faz as pessoas quererem comprar o seu livro. Na Idade Média, não só os elogios de capa já existiam como Dante ganhou vários deles.

Langdon trocou os slides na tela.

– O que vocês achariam *disso* na capa do seu livro?

O maior dos homens que já pisou nesta Terra.

– Michelangelo

Um burburinho de surpresa correu pela plateia.

– Sim – falou Langdon –, é o mesmo Michelangelo que todos vocês conhecem por conta da Capela Sistina e do *Davi*. Além de ser um mestre da pintura e da escultura, Michelangelo era um exímio poeta e publicou quase trezentos poemas, entre eles um intitulado "Dante", dedicado ao homem cujas visões desoladoras inspiraram o seu *Juízo final*. Se não acreditam em mim, basta que leiam o Canto III do *Inferno* de Dante e depois visitem a Capela Sistina; logo acima do altar, verão esta imagem familiar.

Langdon avançou os slides até o detalhe assustador de uma montanha de músculos que brandia um remo gigante contra um grupo de pessoas encolhidas.

– Este é Caronte, o barqueiro infernal de Dante, espancando com um remo um grupo de passageiros que havia se dispersado.

Langdon passou para o slide seguinte, outro detalhe do *Juízo final* de Michelangelo, que mostrava um homem sendo crucificado.

– E este é Hamã, o agagita, que, segundo as Escrituras, foi condenado à forca. No poema de Dante, porém, ele é crucificado. Como podem ver neste detalhe da Capela Sistina, Michelangelo preferiu a versão dantesca à bíblica. – Langdon sorriu e baixou a voz até um sussurro: – Não contem ao papa.

A plateia riu.

– O *Inferno* de Dante criou um mundo de dor e sofrimento nunca antes imaginado pelo homem e definiu nossas visões modernas do Inferno. – Ele fez uma pausa. –

Podem acreditar: a Igreja Católica tem muito a agradecer a Dante. Seu *Inferno* aterrorizou fiéis por séculos a fio e triplicou o número de frequentadores da Igreja.

Langdon trocou o slide.

– O que nos leva ao motivo que nos trouxe aqui esta noite.

Então o título de sua palestra apareceu na tela: DIVINO DANTE: SÍMBOLOS DO INFERNO.

– O *Inferno* de Dante é tão rico de simbolismos e iconografia que costumo lhe dedicar um curso de um semestre inteiro. Hoje, achei que não haveria melhor maneira de desvendar seus símbolos do que caminhar lado a lado com o seu autor, através dos portões do Inferno.

Langdon foi até a beira do palco e correu os olhos pela plateia.

– Se pretendemos dar um passeio pelo Inferno, recomendo enfaticamente que usemos um mapa. E não existe nenhum mapa do Inferno dantesco mais completo e preciso do que aquele pintado por Sandro Botticelli.

Ele apertou um botão no controle remoto e o pavoroso *Mappa dell'Inferno* de Botticelli surgiu diante da plateia. Ouviram-se vários arquejos à medida que as pessoas assimilavam os diversos horrores que ocorriam na caverna subterrânea em formato de funil.

– Ao contrário de alguns artistas, Botticelli foi extremamente fiel em sua interpretação do texto de Dante. Na verdade, ele passou tanto tempo lendo o autor que o grande historiador da arte Giorgio Vasari afirmou que a obsessão de Botticelli por Dante causou "graves distúrbios em sua vida". De fato, Botticelli criou mais de duas dúzias de outras obras relacionadas ao poeta florentino, mas esse mapa é a mais famosa de todas.

Então Langdon se virou, apontando o canto superior esquerdo da pintura.

– Nossa jornada começará aqui, na superfície, onde vocês podem ver Dante, vestido de vermelho, junto de seu guia, Virgílio, em pé diante dos portões do Inferno. A partir desse ponto, desceremos pelos nove círculos infernais de Dante até enfim ficarmos cara a cara com...

Langdon logo passou para um novo slide – uma ampliação gigante de Satanás conforme retratado por Botticelli naquele mesmo quadro: um Lúcifer horripilante de três cabeças devorando três homens diferentes, um em cada boca.

Um sussurro de espanto ecoou pela plateia.

– Apenas uma prévia das próximas atrações – anunciou Langdon. – Esse personagem assustador marca o fim da nossa jornada de hoje à noite. Esse é o nono círculo do Inferno, onde mora o próprio Satanás. Porém... – Langdon fez uma pausa. – Metade da graça está no caminho até lá, então vamos retroceder um pouco... de volta aos portões do Inferno, onde nossa viagem começa.

Ele passou para o slide seguinte: uma litogravura de Gustave Doré que mostrava uma entrada escura em forma de túnel escavada na encosta de um penhasco de

aspecto lúgubre. A inscrição sobre a porta dizia: ABANDONAI TODA A ESPERANÇA, VÓS QUE AQUI ENTRAIS.

– Então... – falou com um sorriso. – Vamos entrar?

Em algum lugar, pneus cantaram alto e a plateia evaporou diante dos olhos de Langdon. Ele foi lançado para a frente e bateu com força nas costas de Sienna enquanto a scooter derrapava até parar no meio do Viale Machiavelli.

Atordoado, Langdon ainda pensava nos portões do Inferno que se assomavam à sua frente. Quando recuperou a noção de tempo e espaço, viu onde estava.

– O que está acontecendo? – perguntou.

Sienna apontou para a Porta Romana, uns 300 metros à frente – o milenar portal de pedra que servia de entrada para a Florença antiga.

– Robert, temos um problema.

CAPÍTULO 19

Parado no meio do apartamento humilde, o agente Brüder tentava entender o que via. *Quem mora nesta espelunca?* A decoração era escassa e confusa, como um quarto de alojamento universitário mobiliado com um orçamento apertado.

– Agente Brüder? – chamou um de seus homens da outra ponta do corredor. – Acho que o senhor gostaria de ver isto aqui.

Ao seguir pelo corredor, Brüder se perguntava se a polícia local já teria detido Langdon. Preferiria resolver aquela crise "internamente", mas o fato de o professor ter fugido não lhe deixara alternativa senão solicitar o apoio da polícia local e montar bloqueios nas estradas. Nas labirínticas ruas de Florença, uma scooter veloz não teria a menor dificuldade para despistar as vans de Brüder, verdadeiros trambolhos, com suas pesadas janelas de policarbonato e seus grossos pneus à prova de furos. A polícia italiana era famosa por não cooperar com agências internacionais, mas a organização de Brüder tinha uma influência considerável – tanto na polícia quanto nos consulados e nas embaixadas. *Quando fazemos exigências, ninguém ousa nos questionar*.

O agente entrou no pequeno escritório, onde seu subalterno estava em pé diante de um laptop aberto, digitando com luvas de látex.

– Esta foi a máquina que ele usou – disse o homem. – Foi daqui que Langdon checou o e-mail e fez algumas pesquisas. Os arquivos ainda estão no cache.

Brüder se aproximou da escrivaninha.

– Não parece que o computador seja dele – continuou o técnico. – Está registrado em nome de alguém cujas iniciais são *S. C*. Em breve devo ter o nome completo.

Enquanto Brüder esperava, seus olhos foram atraídos por uma pilha de papéis sobre a mesa. Ele a pegou e folheou os documentos incomuns: um velho programa do teatro London Globe e uma série de artigos de jornal. Quanto mais lia, mais seus olhos se arregalavam.

Levando os papéis consigo, Brüder voltou ao corredor e ligou para a pessoa que estava no comando daquela operação.

– Brüder falando – disse ele. – Acho que descobrimos quem está ajudando Langdon.

– E quem é? – perguntou a voz do outro lado.

Brüder expirou devagar.

– Você não vai acreditar.

• • •

A uns 3 quilômetros dali, praticamente deitada em cima de sua motocicleta BMW, Vayentha fugia da área. Viaturas de polícia passavam correndo na direção oposta, com as sirenes aos berros.

Fui desvinculada, pensou.

Em geral, a vibração suave do motor de quatro tempos ajudava a acalmar seus nervos. Mas não nesse dia.

Fazia doze anos que Vayentha trabalhava para o Consórcio e havia galgado degraus desde o apoio terrestre, passando pela coordenação estratégica, até se tornar uma agente de campo de alta patente. *Minha carreira é tudo o que eu tenho*. Tudo relacionado aos agentes de campo era sigiloso, eles faziam viagens constantes e tinham longas missões, o que tornava impossível ter uma vida ou um relacionamento de verdade fora do trabalho.

Passei um ano inteiro nesta missão, pensou ela, ainda sem conseguir acreditar que o diretor houvesse puxado o gatilho e a desvinculado de forma tão abrupta.

Durante doze meses Vayentha havia supervisionado os serviços de suporte para o mesmo cliente do Consórcio: um excêntrico gênio de olhos verdes que só queria "desaparecer" por algum tempo para trabalhar sem ser incomodado por seus rivais e inimigos. Ele viajava pouco, sempre incógnito, e passava quase o tempo todo trabalhando. A natureza de seu trabalho era um mistério para Vayentha, cujo contrato determinava apenas que ela deveria mantê-lo fora do alcance dos poderosos que tentavam encontrá-lo.

Vayentha executara o serviço com absoluto profissionalismo e tudo correra perfeitamente bem.

Até a noite anterior.

Desde então, tanto o estado emocional quanto a carreira de Vayentha tinham degringolado.

Agora estou fora do jogo.

O protocolo de desvinculação, quando acionado, exigia que o agente abandonasse a missão em curso e deixasse "a arena" – imediatamente. Caso fosse capturado, o Consórcio negaria qualquer ligação com ele. Os agentes sabiam que não era prudente abusar da sorte no que dizia respeito à organização, pois já haviam testemunhado em primeira mão sua perturbadora capacidade de manipular a realidade para adequá-la às suas necessidades, quaisquer que fossem elas.

Vayentha só tinha conhecimento de dois agentes desvinculados. Estranhamente, nunca voltara a ver nenhum dos dois. Sempre imaginara que tivessem sido chamados para sua avaliação oficial e então demitidos, com a condição de nunca mais

voltarem a entrar em contato com nenhum funcionário do Consórcio.

Agora, porém, já não estava tão certa disso.

Você está exagerando, tentou dizer a si mesma. *O Consórcio emprega métodos muito mais elegantes do que assassinato a sangue-frio.*

Ainda assim, sentiu um arrepio atravessar seu corpo.

Fora o instinto que a instigara a fugir escondida do terraço do hotel assim que vira a equipe de Brüder chegar. Agora se perguntava se esse instinto teria salvado sua vida.

Ninguém sabe onde estou agora.

Enquanto disparava rumo ao norte pelo caminho sem curvas do Viale del Poggio Imperiale, Vayentha percebeu quanta diferença havia naquelas últimas horas. Na noite passada, estava preocupada em garantir seu emprego. Agora, estava preocupada em proteger a própria vida.

CAPÍTULO 20

Antigamente Florença era uma cidade murada, cuja principal entrada era a Porta Romana, um portal de pedra construído em 1326. Embora a maior parte das muralhas tenha sido destruída séculos atrás, a Porta Romana continua de pé e, até hoje, para entrar na cidade, o tráfego tem que se afunilar pelos profundos túneis arqueados dessa fortificação colossal.

O portal em si é uma barreira de 15 metros de altura, feita de tijolos e pedras milenares, cuja principal passagem ainda conserva as imponentes portas de madeira aferrolhadas que se encontram sempre abertas para permitir a circulação do tráfego. Seis das principais vias da cidade convergem em frente a essas portas, desembocando em uma rotatória em cujo gramado central está uma grande escultura de Pistoletto, representando uma mulher que atravessa os portais da cidade com uma gigantesca trouxa na cabeça.

Embora hoje em dia seja mais conhecido como o palco de um engarrafamento pavoroso, no passado, o austero portal da cidade era o cenário da Fiera dei Contratti, ou Feira dos Contratos, na qual pais vendiam as filhas para casamentos arranjados, muitas vezes forçando-as a dançar de forma provocante numa tentativa de conseguir dotes mais elevados.

Faltando centenas de metros para chegar ao portal, Sienna parou a scooter, cantando pneus, e apontou para a frente, alarmada. Na garupa, Langdon olhou na direção indicada e na mesma hora entendeu sua apreensão. Logo adiante havia uma longa fila de carros parados. O tráfego na rotatória tinha sido interrompido por uma barreira policial e mais viaturas chegavam. Agentes armados iam de carro em carro fazendo perguntas.

Não pode ser por nossa causa, pensou Langdon. *Ou pode?*

Um ciclista suado vinha na direção deles pelo Viale Machiavelli, fugindo do congestionamento. Montado em uma bicicleta reclinada, pedalava com as pernas nuas à frente do corpo.

Sienna gritou para ele:

– *Cos'è successo?*

– *E chi lo as?* – gritou de volta o ciclista com uma expressão preocupada. – *Carabinieri*. – E foi embora às pressas, parecendo ansioso em sair dali.

Sienna se virou para Langdon com uma expressão tensa.

– A rua está bloqueada. Polícia militar.

Atrás deles, sirenes ressoavam ao longe. Sienna olhou pelo Viale Machiavelli. Seu rosto agora era uma máscara de medo.

Estamos presos bem no meio, pensou Langdon, correndo os olhos pela área em busca de alguma saída – uma rua transversal, um parque, uma via de acesso –, mas encontrando apenas edifícios residenciais à esquerda e um alto muro de pedra à direita.

As sirenes ficaram mais altas.

– Por ali – exortou Langdon, apontando um canteiro de obras deserto cerca de 30 metros à frente, onde uma betoneira portátil oferecia pelo menos um pouco de abrigo.

Sienna acelerou para subir a calçada em direção ao canteiro de obras. Eles pararam atrás da betoneira, logo percebendo que o equipamento mal conseguia ocultar por completo a scooter sozinha.

– Venha comigo – disse Sienna, correndo em direção a um pequeno barracão de ferramentas aninhado em meio aos arbustos diante de um muro de pedra.

Isso não é um barracão de ferramentas, atinou Langdon, franzindo o nariz à medida que se aproximavam. *É um banheiro químico*.

Quando chegaram diante do banheiro, ouviram as viaturas se aproximarem. Sienna puxou a maçaneta, que não cedeu. Estava presa por uma corrente grossa e um cadeado. Langdon agarrou o braço de Sienna e a puxou para trás da cabine, forçando-a a entrar no estreito espaço entre o banheiro e o muro de pedra. Os dois mal cabiam ali e o ar era fétido e pesado.

Langdon a seguiu para trás do banheiro no mesmo instante em que um Subaru Forester preto surgiu em seu campo de visão com a palavra CARABINIERI gravada na lateral. O veículo passou devagar em frente ao local onde eles estavam.

A polícia militar italiana, pensou, incrédulo. Langdon se perguntou se aqueles homens também teriam ordens para atirar primeiro e só depois fazer perguntas.

– Alguém está muito interessado em nos encontrar – sussurrou Sienna. – E, não sei como, conseguiu.

– GPS? – cogitou Langdon em voz alta. – Talvez o projetor tenha algum tipo de dispositivo de rastreamento embutido?

Sienna discordou com um gesto de cabeça.

– Acredite: se desse para rastrear esse negócio aí, a polícia já teria nos encontrado.

Langdon remexeu o corpo alto para tentar se acomodar melhor naquele espaço apertado. Viu-se então de frente para uma série de grafites desenhados com requinte na parede traseira do banheiro químico.

Só os italianos, mesmo.

A maioria dos banheiros químicos nos Estados Unidos era coberta por desenhos

imaturos que guardavam uma vaga semelhança com seios ou pênis desproporcionais. Os grafites daquele banheiro, no entanto, mais pareciam o caderno de esboços de um estudante de arte: um olho humano, uma mão retratada com esmero, um homem de perfil, um dragão fantástico.

– O vandalismo na Itália nem sempre é tão bonito assim – comentou Sienna, como se tivesse lido seus pensamentos. – O Instituto de Arte de Florença fica do outro lado deste muro.

Como para confirmar a afirmação dela, um grupo de estudantes surgiu ao longe, com pastas de desenho debaixo do braço, caminhando sem pressa em direção ao Instituto. Conversando e acendendo cigarros, os jovens pareciam intrigados com a barricada policial na Porta Romana.

Os dois se agacharam mais para não serem vistos pelos estudantes e então Langdon foi invadido de forma inesperada por um pensamento curioso:

Os pecadores enterrados até a cintura de pernas para cima.

Não soube dizer se tinha sido por causa do cheiro de excrementos humanos ou por causa do ciclista montado na bicicleta reclinada, pedalando com as pernas nuas à frente do corpo, mas, qualquer que fosse o estímulo, o mundo putrefato do Malebolge e as pernas nuas brotando da terra haviam surgido em sua mente com um clarão.

Ele se virou de repente para Sienna.

– Na nossa versão do *Mappa*, as pernas de cabeça para baixo estão na décima vala, não é? No nível mais baixo do Malebolge?

Ela o encarou com uma expressão estranha, como se o momento não fosse apropriado para aquela pergunta.

– Sim, bem lá no fundo.

Por uma fração de segundo, Langdon se viu de volta a Viena no dia de sua palestra. Estava no palco, a poucos instantes do *grand finale*, logo depois de mostrar à plateia a gravura de Doré que retratava Gerião, o monstro alado com um ferrão venenoso na cauda que vivia logo acima do Malebolge.

– Antes de encontrarmos Satanás – dissera ele na palestra, a voz grave ressoando nos alto-faltantes –, devemos passar pelas dez valas do Malebolge, nas quais são punidos os fraudulentos, aqueles culpados de más ações deliberadas.

Langdon avançou os slides até um detalhe do Malebolge e então foi descendo as valas uma a uma, guiando a plateia.

– De cima para baixo, temos: os sedutores açoitados por demônios; os aduladores à deriva num mar de excrementos; os clérigos oportunistas enterrados de cabeça para baixo até a cintura, com as pernas para o ar; os feiticeiros com as cabeças torcidas para trás; os políticos corruptos atolados em piche fervente; os hipócritas usando pesados mantos de chumbo; os ladrões picados por cobras; os conselheiros traidores

consumidos pelo fogo; os semeadores de discórdia destroçados por demônios; e, por fim, os mentirosos, irreconhecíveis de tão deformados pela doença. – Ele se virou para a plateia. – Dante provavelmente reservou essa última vala para os mentirosos porque foi uma série de mentiras a seu respeito que fez com que ele fosse exilado de sua amada Florença.

– Robert? – A voz de Sienna o trouxe de volta ao presente. Ela o encarava com uma expressão intrigada. – O que foi?

– Na nossa versão do *Mappa*, o quadro foi modificado! – disse ele, empolgado. Pescou o projetor do bolso do paletó e o sacudiu da melhor forma que pôde naquele espaço apertado. A bolinha que havia lá dentro chacoalhou alto, mas o som foi abafado pelas sirenes. – Quem quer que tenha criado esta imagem reordenou os níveis do Malebolge!

Quando o dispositivo começou a brilhar, Langdon o apontou para a superfície lisa diante deles. *La Mappa dell'Inferno* surgiu radiante na penumbra.

Botticelli em um banheiro químico, pensou Langdon, constrangido. Aquele devia ser o lugar menos elegante em que uma obra daquele porte já havia sido exibida. Correu os olhos de cima a baixo pelas dez valas e assentiu com animação.

– Sim! – exclamou. – Está mesmo errado! A última vala do Malebolge deveria estar cheia de doentes, não de pessoas de cabeça para baixo. O décimo nível é reservado aos mentirosos, não aos clérigos oportunistas!

Sienna pareceu intrigada.

– Mas... por que alguém iria mudar isso?

– *Catrovacer* – sussurrou Langdon, fitando as letrinhas acrescentadas a cada um dos níveis. – Não acho que essa seja a verdadeira mensagem.

Apesar da lesão que havia apagado todas as suas lembranças dos últimos dois dias, ele agora podia sentir a memória funcionando à perfeição. Fechou os olhos e visualizou as duas versões do *Mappa* para analisar as diferenças entre elas. O Malebolge tinha sido menos modificado do que ele imaginava, mas mesmo assim foi como se um véu tivesse sido erguido de repente.

Subitamente, tudo se tornou cristalino.

Busca e encontrarás!

– O que houve? – Sienna quis saber.

Langdon sentiu a boca seca.

– Eu sei o que estou fazendo aqui em Florença.

– Sabe?!

– Sim. E também sei para onde devo ir.

Sienna agarrou seu braço.

– Para onde?!

Langdon teve a sensação de pisar em terra firme pela primeira vez desde que

acordara no hospital.

– Essas dez letras – sussurrou. – Na verdade, elas indicam um local específico na cidade velha. É lá que estão as respostas.

– Onde na cidade velha?! – perguntou Sienna. – O que você descobriu?

Do outro lado do banheiro químico veio o som de vozes e risadas. Um segundo grupo de estudantes de arte passava por ali, fazendo piadas e conversando em várias línguas diferentes. Langdon olhou com cuidado pela quina da cabine e os viu se afastar. Então correu os olhos em volta, à procura da polícia.

– Precisamos continuar. No caminho eu explico.

– No caminho?! – Sienna balançou a cabeça. – Nunca vamos conseguir atravessar a Porta Romana.

– Espere aqui por trinta segundos – disse ele –, depois me siga.

Com essas palavras, Langdon saiu de trás do banheiro, deixando sua nova amiga perplexa e sozinha.

CAPÍTULO 21

– *Scusi!* – Robert Langdon correu atrás do grupo de estudantes. – *Scusate!*

Todos se viraram e ele fingiu olhar de um lado para outro como um turista perdido.

– *Dov'è l'Istituto Statale d'Arte?* – perguntou, em um italiano macarrônico.

Um rapaz tatuado deu uma tragada indiferente no cigarro e respondeu de má vontade:

– *Non parliamo italiano*. – Seu sotaque era francês.

Uma das garotas censurou o amigo tatuado e indicou educadamente o longo muro que seguia em direção à Porta Romana.

– *Più avanti, sempre dritto.*

Por ali, sempre em frente, Langdon conseguiu entender.

– *Grazie.*

Aproveitando a deixa, Sienna saiu discretamente de trás do banheiro químico e andou até eles. Quando a graciosa mulher de 32 anos se juntou ao grupo, Langdon pousou a mão em seu ombro para lhe dar as boas-vindas.

– Esta é minha irmã Sienna. Ela é professora de arte.

– Eu bem que pegaria uma professora assim – murmurou o rapaz tatuado, fazendo seus amigos homens rirem.

Langdon os ignorou.

– Estamos em Florença pesquisando lugares onde poderíamos passar um ano dando aulas. Podemos ir com vocês até o instituto?

– *Ma certo* – disse a garota italiana com um sorriso.

Enquanto o grupo seguia em direção à polícia na Porta Romana, Sienna começou a conversar com os alunos e Langdon se enfiou no meio dos jovens, curvando as costas o máximo possível para tentar se esconder.

Busca e encontrarás, pensou. Sentiu o pulso acelerar de entusiasmo ao visualizar as dez valas do Malebolge.

Catrovacer. Essas dez letras, ele havia percebido, estavam no centro de um dos maiores mistérios do mundo da arte, uma charada de centenas de anos que nunca fora solucionada. Em 1563, tinham sido usadas para soletrar uma mensagem no alto de uma das paredes internas do famoso Palazzo Vecchio de Florença, a uns 12

metros do chão, quase invisível sem o auxílio de um binóculo. A mensagem permanecera ali durante séculos, escondida a olhos vistos, até ser descoberta na década de 1970 por um agora famoso analista de obras de arte, que então havia passado décadas tentando decifrar seu significado. Apesar de várias teorias, o sentido da mensagem permanece um mistério até hoje.

Para Langdon, esse código era familiar – um porto seguro em meio àquele mar estranho e revolto. Afinal, história da arte e antigos segredos eram muito mais a sua praia do que tiroteios e tubos para material de risco biológico.

Logo adiante, mais carros entravam pela Porta Romana.

– Caramba – comentou o rapaz tatuado. – Não sei quem eles estão procurando, mas essa pessoa deve ter feito alguma coisa terrível.

O grupo chegou à direita do portão principal do Instituto de Arte, onde uma pequena multidão de alunos estava reunida assistindo ao tumulto na Porta Romana. O malremunerado segurança da escola conferia sem muita atenção os documentos da enxurrada de jovens que entrava, mas estava claramente mais interessado em acompanhar o trabalho da polícia.

Uma freada alta ecoou pela praça e uma van preta já bem conhecida chegou à Porta Romana cantando pneus.

Langdon não precisou olhar duas vezes.

Sem trocarem uma só palavra, ele e Sienna aproveitaram a oportunidade e atravessaram o portão junto com seus novos amigos.

O caminho que conduzia ao Istituto Statale d'Arte era de uma beleza arrebatadora, quase suntuosa. De ambos os lados, enormes carvalhos se curvavam suavemente no alto, criando um dossel que enquadrava o edifício ao longe – uma estrutura imensa em amarelo desbotado, dotada de um pórtico triplo e de um amplo gramado oval.

Langdon sabia que aquele prédio, como muitos outros na cidade, havia sido encomendado pela mesma ilustre família que dominara a política florentina durante os séculos XV, XVI e XVII.

Os Médici.

O simples sobrenome havia se tornado um símbolo de Florença. Durante seu reinado de três séculos, a casa real dos Médici acumulara fortuna e influência imensuráveis, produzindo quatro papas, duas rainhas da França e a maior instituição financeira de toda a Europa. Ainda hoje os bancos modernos usam um método de contabilidade criado pelos Médici: o sistema de dupla entrada para acompanhar créditos e débitos.

O maior legado da família, porém, não foi financeiro nem político, mas artístico. Talvez os mais generosos patronos que o mundo das artes já conheceu, os Médici foram responsáveis por um fluxo constante de encomendas que sustentou a Renascença. A lista de artistas patrocinados por eles inclui Da Vinci, Galileu e

Botticelli – e o mais célebre quadro deste último, *O nascimento de Vênus*, foi pintado sob encomenda de Lourenço de Médici, que solicitou uma imagem sexualmente provocante para ser pendurada acima do leito matrimonial de um primo como presente de casamento.

Lourenço de Médici – conhecido na época como Lourenço, o Magnífico, por causa de sua benevolência – era ele próprio um artista e poeta de mão cheia, e dizia-se que tinha um olhar artístico aguçado. Em 1489, interessou-se pelo trabalho de um jovem escultor florentino e convidou o rapaz a se mudar para o palácio dos Médici, onde poderia praticar seu ofício cercado por obras de arte refinadas, excelente poesia e alta cultura. Sob a tutela da família, o adolescente desabrochou. Tempos depois, viria a produzir duas das mais célebres esculturas de toda a história: a *Pietà* e o *Davi*. Hoje conhecemos esse artista como Michelangelo – um gigante criativo por vezes chamado de "o maior presente dos Médici para o mundo".

Considerando a paixão da família pela arte, Langdon imaginou que os Médici fossem gostar de saber que o edifício que se erguia à sua frente – originalmente construído para ser seu estábulo principal – havia sido transformado em um vibrante instituto de arte. Aquele local tranquilo que agora inspirava jovens artistas fora escolhido para abrigar os estábulos por causa de sua proximidade com um dos mais belos espaços de equitação de toda Florença.

Os Jardins de Boboli.

Langdon olhou para a esquerda, onde uma floresta de copas de árvores despontava por cima de um muro alto. Atualmente, o vasto terreno era uma atração turística muito popular. Tinha certeza de que, se ele e Sienna pudessem chegar aos jardins, conseguiriam atravessá-los e cruzar a Porta Romana sem serem vistos. Afinal, o espaço era extenso e cheio de esconderijos: florestas, labirintos, grutas e ninfeus. Mais importante: se atravessassem os Jardins de Boboli, acabariam chegando ao Palazzo Pitti, a cidadela de pedra que um dia servira de sede ao grão-ducado dos Médici e cujos 140 aposentos eram até hoje um dos pontos turísticos mais visitados de Florença.

Se chegarmos ao Palazzo Pitti, pensou, *a ponte para a cidade velha estará a poucos metros de distância.*

Gesticulou com toda a calma possível para o muro alto que cercava os jardins.

– Por onde se entra no jardim? – perguntou. – Adoraria mostrá-lo à minha irmã antes de fazermos nosso tour pelo instituto.

O rapaz tatuado balançou a cabeça.

– Não dá para passar por aqui. A entrada fica lá no Palazzo Pitti. Vocês teriam que atravessar a Porta Romana e dar a volta.

– Deixe de conversa – disparou Sienna.

Todos se viraram para encará-la, inclusive Langdon.

Ela abriu um sorriso maroto para os estudantes e, enquanto alisava o rabo de cavalo, falou:

– Querem mesmo que eu acredite que vocês não entram escondidos nos jardins para fumar maconha e dar uns amassos?

Os jovens trocaram olhares antes de cair na gargalhada.

A essa altura, o rapaz tatuado já parecia perdidamente apaixonado.

– Você deveria mesmo vir dar aulas aqui. – Ele guiou Sienna até a lateral do edifício e apontou para o estacionamento dos fundos localizado depois da quina. – Está vendo aquela cabana à esquerda? Atrás dela tem uma antiga plataforma. Se vocês subirem até o telhado, vão poder saltar para o outro lado do muro.

Sienna já estava a caminho. Olhou por sobre o ombro para Langdon e abriu um sorriso condescendente.

– Vamos lá, mano Bob. Ou é velho demais para pular uma cerca?

CAPÍTULO 22

Dentro da van, a mulher de cabelos prateados encostou a cabeça na janela blindada e fechou os olhos. Tinha a sensação de que o mundo girava à sua volta. Os remédios que eles haviam lhe administrado embrulhavam seu estômago.

Preciso de um médico, pensou.

De todo modo, o guarda armado ao seu lado tinha ordens claras: as necessidades da mulher deveriam ser ignoradas até que a tarefa deles fosse concluída com sucesso. A julgar pelo caos barulhento à sua volta, isso não aconteceria tão cedo.

A tontura agora estava aumentando e ela sentia dificuldade para respirar. Enquanto lutava contra uma nova onda de enjoo, pensou como a vida tinha sido capaz de conduzi-la até uma encruzilhada tão surreal. A resposta era complexa demais para ser decifrada naquele estado delirante, mas ela sabia muito bem onde tudo havia começado.

Em Nova York.

Dois anos antes.

Ela havia embarcado para Nova York de Genebra, onde era diretora da Organização Mundial da Saúde – cargo cobiçado e prestigioso que ocupava havia quase uma década. Especialista em doenças contagiosas e epidemiologia, fora convidada pela ONU para dar uma palestra sobre o risco de pandemias em países do Terceiro Mundo. A palestra tinha sido otimista e tranquilizadora, destacando vários novos sistemas de detecção prematura e planos de tratamento desenvolvidos pela OMS e por outras agências. Ao fim, fora aplaudida de pé.

Após a palestra, estava no corredor conversando com alguns acadêmicos quando um funcionário do alto escalão da ONU se aproximou e interrompeu o diálogo:

– Dra. Sinskey, acabamos de ser contatados pelo Conselho de Relações Exteriores. Um membro do conselho gostaria de conversar com a senhora. Um carro está lá fora à sua espera.

Intrigada e um pouco preocupada, a Dra. Elizabeth Sinskey pediu licença e foi buscar sua malinha de viagem. Enquanto a limusine disparava pela Primeira Avenida, começou a se sentir estranhamente nervosa.

O Conselho de Relações Exteriores?

Como quase todo mundo, Elizabeth Sinskey já tinha escutado os boatos.

Fundado em 1920 como um *think tank* particular, a lista de ex-integrantes do CRE incluía quase todos os secretários de Estado norte-americanos, mais de meia dúzia

de presidentes, a maioria dos diretores da CIA, senadores, juízes e representantes de dinastias lendárias como os Morgan, Rothschild e Rockefeller. A combinação sem paralelos de poderio intelectual, influência política e riqueza material de seus membros rendera ao Conselho a reputação de "o mais influente clube privado da Terra".

Como diretora da OMS, Elizabeth Sinskey estava habituada a conviver com toda a sorte de figurões. Seu longo mandato, somado a um temperamento franco e direto, havia chamado a atenção de uma revista importante que a listara como uma das vinte pessoas mais influentes do mundo. *O Rosto da Saúde Mundial*, dizia a legenda abaixo de sua foto, o que Elizabeth achou irônico, pois tinha sido uma criança muito doente.

Diagnosticada com asma severa aos 6 anos, fora tratada com uma dose cavalar de um medicamento novo e promissor – o primeiro dos glicocorticoides, também conhecidos como hormônios esteroides –, que havia curado os sintomas como por milagre. Infelizmente, os efeitos colaterais inesperados só tinham vindo à tona anos mais tarde, quando a Dra. Sinskey passara pela puberdade... sem nunca menstruar. Ela jamais se esqueceria do terrível momento no consultório médico quando, aos 19 anos, fora informada de que os danos ao seu sistema reprodutor eram irreversíveis.

Elizabeth Sinskey nunca poderia ter filhos.

O tempo vai curar o vazio que você está sentindo, dissera o médico, tentando tranquilizá-la, mas sua tristeza e sua raiva só tinham aumentado. O mais cruel de tudo era que o medicamento havia lhe roubado a capacidade de gerar filhos, mas não o instinto maternal. Ela passara muitas décadas lutando contra a ânsia de realizar esse desejo impossível.

Mesmo agora, aos 61 anos, ainda sentia um vazio no peito sempre que via uma mãe com seu filho.

– É logo adiante, Dra. Sinskey – anunciou o motorista da limusine.

Elizabeth deu uma breve ajeitada nos longos cachos prateados e olhou o rosto no espelho. Quando se deu conta, o carro já tinha parado e o motorista estava junto à porta para ajudá-la a descer na calçada de um bairro rico de Manhattan.

– Vou esperá-la aqui mesmo – falou o motorista. – Podemos ir direto para o aeroporto quando a senhora terminar.

A sede nova-iorquina do Conselho de Relações Exteriores era um discreto edifício neoclássico na esquina da Park Avenue com a Rua 68, antiga residência de um magnata da Standard Oil. Seu exterior se mesclava de forma perfeita à paisagem elegante ao redor, sem oferecer nenhuma indicação de seu propósito singular.

– Dra. Sinskey – cumprimentou uma recepcionista corpulenta. – Queira me acompanhar por aqui. Ele está à sua espera.

Tudo bem, mas quem é ele? Seguiu a recepcionista por um luxuoso corredor até

uma porta fechada na qual a mulher bateu rapidamente para logo depois abri-la e fazer um gesto para que Elizabeth entrasse.

Quando obedeceu, a porta se fechou atrás dela.

A pequena e escura sala de reuniões estava iluminada apenas pelo brilho de um monitor de vídeo, em frente ao qual uma silhueta alta e magra encarava a doutora. Embora não conseguisse distinguir o rosto, ela pressentiu uma aura de poder.

– Dra. Sinskey – disse uma voz incisiva de homem. – Obrigado por ter vindo. – O sotaque rígido e preciso lhe sugeriu uma origem suíça, talvez alemã. – Por favor, sente-se – continuou ele, indicando uma cadeira próxima à entrada.

Ele não vai se apresentar?, pensou então, enquanto se sentava. A imagem bizarra projetada no monitor não ajudou em nada a acalmar seus nervos. *Que porcaria é essa?*

– Assisti à sua palestra hoje de manhã – declarou a silhueta. – Vim de muito longe para isso. Foi uma apresentação impressionante.

– Obrigada – respondeu ela.

– Devo dizer também que a senhora é bem mais bonita do que eu imaginava... apesar de sua idade e de sua visão míope sobre a saúde mundial.

Elizabeth ficou de queixo caído. O comentário era ofensivo sob vários aspectos.

– Como disse? – indagou, estreitando os olhos na escuridão. – Quem é o senhor? E por que me chamou aqui?

– Perdoe minha tentativa fracassada de ser engraçado – respondeu o vulto alto e magro. – A imagem no monitor vai lhe explicar por que está aqui.

A Dra. Sinskey olhou em direção à cena terrível: uma pintura que mostrava um vasto mar de gente, uma multidão de pessoas doentes amontoadas umas sobre as outras em um denso emaranhado de corpos nus.

– O grande artista Doré – anunciou o homem. – E sua interpretação incrivelmente macabra da visão do Inferno criada por Dante Alighieri. Espero que não lhe cause desconforto... pois é para isso que estamos nos encaminhando. – O vulto fez uma pausa e se aproximou dela devagar. – Deixe-me explicar por quê.

Ele continuou a avançar em sua direção, parecendo ficar mais alto a cada passo.

– Se pegássemos este pedaço de papel e o rasgássemos em dois... – Ele se deteve diante da mesa, pegou uma folha de papel e a rasgou ao meio, fazendo barulho. – E depois colocássemos as duas metades uma em cima da outra... – Ele fez o que dizia. – E em seguida repetíssemos tudo outra vez... – O homem tornou a rasgar e empilhar os pedaços de papel. – Produziríamos uma pilha quatro vezes mais grossa do que o papel original, correto? – Os olhos dele pareciam arder como duas brasas na escuridão da sala.

Elizabeth não estava gostando de seu tom condescendente nem de sua postura agressiva. Ficou calada.

– Hipoteticamente falando – prosseguiu o homem, aproximando-se ainda mais –, se a folha de papel original tivesse apenas um décimo de milímetro de espessura e nós repetíssemos esse mesmo processo... *cinquenta* vezes, digamos... a senhora sabe qual seria a altura da pilha resultante?

Elizabeth ficou irritada.

– Sei, sim – respondeu de forma mais hostil do que pretendia. – Teria uma altura de um décimo de milímetro vezes dois elevado à quinquagésima potência. Chama-se progressão geométrica. Agora posso saber o que estou fazendo aqui?

O homem abriu um sorriso afetado e assentiu, impressionado.

– Exatamente. E consegue imaginar o que esse valor representaria na realidade? Um décimo de milímetro vezes dois elevado à quinquagésima potência? Sabe qual é a altura da nossa pilha de papel agora? – Ele se deteve apenas por um instante. – Nossa pilha de papel, depois de ser dobrada apenas cinquenta vezes, agora chega... quase até o sol.

Elizabeth não ficou surpresa. O poder descomunal da progressão geométrica era algo com que ela lidava o tempo todo no trabalho. *Círculos de contaminação... replicação de células infectadas... estimativas de mortalidade.*

– Perdoe-me se pareço ingênua – falou, sem tentar esconder seu aborrecimento. – Mas não estou entendendo aonde o senhor quer chegar.

– Aonde quero chegar? – Ele riu baixinho. – Quero chegar à constatação de que a história do nosso crescimento populacional é ainda mais dramática. A população da Terra, assim como a nossa pilha de papel, teve um início bastante inexpressivo, mas seu potencial é alarmante.

Ele voltou a andar de um lado para outro.

– Pense no seguinte: a população da Terra levou milhares de anos, desde a aurora da humanidade até o início do século XIX, para atingir *um* bilhão de pessoas. Então, de forma estarrecedora, precisou apenas de uns cem anos para duplicar e chegar a *dois* bilhões, na década de 1920. Depois disso, em meros cinquenta anos, a população tornou a duplicar para *quatro* bilhões na década de 1970. Como a senhora pode imaginar, muito em breve chegaremos aos oito bilhões. Só hoje, a raça humana acrescentou outras 250 mil pessoas ao planeta Terra. Um quarto de *milhão*. E isso acontece todos os dias. Atualmente, a cada ano, acrescentamos ao planeta um pouco mais que o equivalente a toda a população da Alemanha.

O homem parou de andar, assomando-se diante de Elizabeth.

– Quantos anos a senhora tem?

Outra pergunta grosseira, mas, como diretora da OMS, ela estava acostumada a usar de diplomacia em situações como essa.

– Sessenta e um.

– Sabia que, se viver mais 19 anos, até os 80, verá a população triplicar ao longo

da sua vida? *Triplicar*, no tempo de *uma única* vida. Pense nas implicações. Como bem sabe, a Organização Mundial da Saúde voltou a elevar as previsões, calculando que haverá algo em torno de nove bilhões de pessoas na Terra antes da metade deste século. Espécies animais estão entrando em extinção num ritmo aceleradíssimo. A demanda por recursos naturais cada vez mais escassos é astronômica. É cada vez mais difícil encontrar água potável. De acordo com qualquer parâmetro biológico, nossa espécie já excedeu sua sustentabilidade numérica. E, diante desse desastre, a Organização Mundial da Saúde, a guardiã do bem-estar do planeta, investe em coisas como a cura da diabetes, campanhas de doação de sangue, luta contra o câncer. – Ele fez uma pausa e a encarou. – Então eu trouxe a senhora aqui para lhe perguntar diretamente: por que a Organização Mundial da Saúde não tem peito para enfrentar esta questão?

Elizabeth agora fervia de raiva.

– Seja o senhor quem for, deve saber muito bem que a OMS leva a questão da superpopulação *muito* a sério. Recentemente, gastamos milhões de dólares mandando médicos para a África com a missão de distribuir preservativos gratuitos e instruir as pessoas sobre métodos anticoncepcionais.

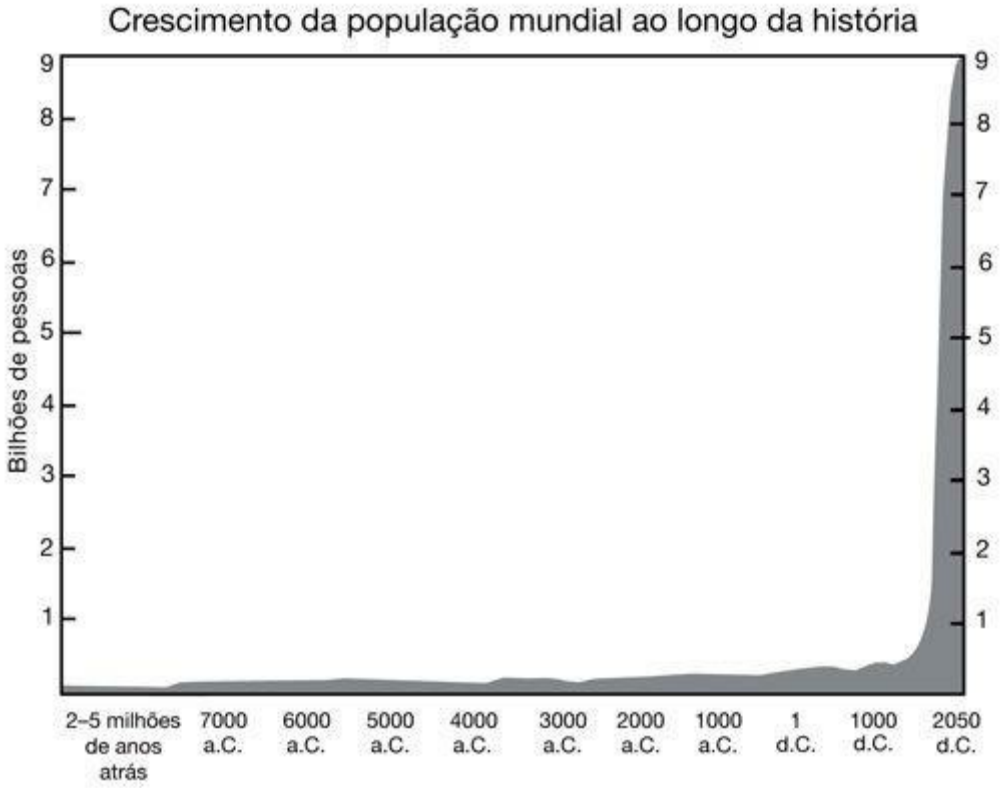
– Ah, sim! – zombou o homem alto e magro. – E um exército ainda maior de missionários católicos foi para lá em seguida dizer aos africanos que, se eles usassem os tais preservativos, iriam todos para o Inferno. A África agora tem um novo problema ambiental: lixões transbordando de preservativos não utilizados.

Elizabeth obrigou-se a ficar calada. Ele estava certo nesse ponto, mas os católicos mais modernos estavam começando a contra-atacar a interferência do Vaticano em assuntos reprodutivos. Um dos exemplos mais notáveis era Melinda Gates, católica devota que tivera a coragem de se expor à ira da própria igreja ao se comprometer a doar 560 *milhões* de dólares para ampliar o acesso a métodos anticoncepcionais no mundo todo. Elizabeth Sinskey já havia declarado várias vezes em público que Bill e Melinda Gates mereciam ser canonizados em razão de tudo o que tinham feito por meio de sua fundação em prol da saúde mundial. Infelizmente, a única instituição capaz de conferir santidade não enxergava a natureza cristã dos esforços dos dois.

– Dra. Sinskey – continuou o vulto –, o que a Organização Mundial da Saúde não consegue perceber é que só existe uma questão de saúde global. – Ele tornou a apontar para a imagem sinistra no monitor, um copioso e emaranhado mar de corpos humanos. – Essa aqui. – Fez uma pausa. – Entendo que, por ser cientista, a senhora talvez não tenha estudado a fundo os clássicos ou as belas-artes, então deixe-me mostrar-lhe outra imagem em uma linguagem que talvez entenda mais facilmente.

A sala ficou escura por alguns instantes, então o monitor se reacendeu.

Elizabeth já tinha visto essa nova imagem diversas vezes... e ela sempre lhe trazia uma sensação funesta de inevitabilidade.



Um silêncio pesado recaiu sobre a sala.

– Sim – disse o homem por fim. – Silêncio horrorizado é uma reação adequada a esse gráfico. Vê-lo é mais ou menos como encarar os faróis de uma locomotiva que se aproxima. – Ele se virou devagar para Elizabeth e lhe deu um sorriso tenso e condescendente. – Alguma pergunta, Dra. Sinskey?

– Só uma: o senhor me trouxe aqui para me dar um sermão ou para me ofender?

– Nem uma coisa nem outra. – A voz dele assumiu um tom sinistramente adulador. – Eu a trouxe até aqui para trabalhar com a senhora. Não tenho dúvidas de que entende que a superpopulação é uma questão de saúde pública. Mas temo que não compreenda que ela vai afetar a própria alma humana. Quando submetidos ao estresse da superpopulação, aqueles que nunca cogitaram roubar se tornarão ladrões para alimentar suas famílias. Aqueles que nunca cogitaram matar se tornarão assassinos para sustentar seus filhos. Todos os pecados mortais retratados por Dante começarão a vir à tona. Avareza, gula, deslealdade, assassinato, etc., todos se espalharão entre a humanidade, amplificados pelo fim de nossos confortos. Estamos enfrentando uma batalha pela própria alma do ser humano.

– Sou bióloga. Salvo vidas, não almas.

– Bem, posso lhe garantir que salvar vidas vai se tornar cada vez mais difícil nos anos que estão por vir. A superpopulação gera mais do que descontentamento espiritual. Há um trecho de Maquiavel...

– Sim, eu conheço – disse ela, interrompendo-o para citar de memória o famoso trecho: – "Quando todas as províncias do mundo estiverem abarrotadas a ponto de seus habitantes não conseguirem subsistir onde estão nem migrar para outra parte...

o mundo irá purificar a si mesmo." – Ela ergueu os olhos para o homem. – Todos nós da OMS conhecemos muito bem essa passagem.

– Ótimo, então vocês sabem que Maquiavel diz em seguida que as pragas são a maneira natural de o mundo se autopurificar.

– Sim. E, conforme mencionei em minha palestra, estamos mais do que cientes da correlação direta entre densidade populacional e probabilidade de epidemias em larga escala, mas desenvolvemos constantemente novos métodos de detecção e tratamento. A OMS ainda está segura de que podemos evitar futuras pandemias.

– Que pena.

Elizabeth o encarou, incrédula.

– Como disse?!

– Dra. Sinskey – disse o homem com uma risada estranha –, a senhora fala sobre controlar epidemias como se isso fosse uma coisa positiva.

Ela o encarou boquiaberta, sem acreditar no que ouvia.

– O que mais posso dizer? – declarou o homem, soando como um advogado apresentando seus argumentos finais. – Aqui estou, diante da diretora da OMS, o melhor que essa instituição tem a oferecer. Pensando bem, é assustador. Eu lhe mostrei a imagem de um desastre iminente – disse, mais uma vez mostrando a imagem dos corpos na tela. – Lembrei à senhora do incrível poder do crescimento populacional desenfreado. – Ele apontou a pilha de papel. – Fiz questão de esclarecer que estamos à beira de um colapso espiritual. E qual foi a sua reação? – Ele se deteve, virando-se para encarar Elizabeth. – Falar sobre preservativos gratuitos para a África. – O homem riu com desdém. – É como brandir um mata-moscas para se proteger de um asteroide. A bomba-relógio não está mais em contagem regressiva. Ela já explodiu e, se não tomarmos medidas drásticas, a matemática exponencial vai se tornar nosso novo Deus... e "Ele" é um Deus vingativo. Fará com que a senhora veja o Inferno de Dante bem ali na Park Avenue... multidões chafurdando nos próprios excrementos. Um expurgo global orquestrado pela própria Natureza.

– É mesmo? – rebateu Elizabeth, perdendo a paciência. – Então me diga, na *sua* visão de um futuro sustentável, qual é a população ideal da Terra? Qual é o número mágico que daria à humanidade a esperança de se sustentar de forma indefinida... e com relativo conforto?

O homem sorriu, claramente satisfeito com aquela pergunta.

– Qualquer biólogo ou estatístico ambiental lhe dirá que a maior chance de sobrevivência a longo prazo para a humanidade acontece com uma população global de cerca de quatro bilhões de habitantes.

– *Quatro* bilhões? – repetiu Elizabeth. – Nós já estamos em sete bilhões, então é um pouco tarde para isso.

Os olhos verdes do homem se incendiaram quando ele perguntou:
– Será?

CAPÍTULO 23

Robert Langdon caiu com força na terra suave junto à parte interna do muro sul dos Jardins de Boboli; a vegetação ali era cerrada. Sienna saltou no chão ao seu lado e se levantou, batendo a poeira do corpo e observando o espaço à sua volta.

Estavam em uma clareira de musgo e samambaias à beira de uma pequena floresta. Daquele ponto não dava para ver o Palazzo Pitti, e Langdon achou que aquela fosse a parte dos jardins mais afastada do palácio. Pelos menos era cedo demais para que houvesse trabalhadores ou turistas por aqueles lados.

Langdon olhou para o gracioso caminho de cascalho que serpenteava em direção à floresta à sua frente. No ponto em que a trilha desaparecia em meio às árvores, uma estátua de mármore fora posicionada de modo que era impossível não vê-la. Langdon não ficou surpreso. Os Jardins de Boboli eram produto do excepcional talento criativo de Niccolò Tribolo, Giorgio Vasari e Bernardo Buontalenti – um coletivo de mentes brilhantes cujo virtuosismo estético havia criado naquela tela de cinco hectares uma obra-prima pela qual se podia caminhar.

– Se seguirmos para o nordeste, vamos chegar ao palácio – disse Langdon, indicando o caminho. – Podemos nos misturar aos turistas e sair sem sermos vistos. Imagino que o palácio abra às nove.

Langdon olhou para baixo para conferir as horas, mas viu apenas o punho nu onde costumava ficar seu relógio do Mickey Mouse. Perguntou-se, distraído, se o relógio ainda estaria no hospital com o restante de suas roupas e se algum dia conseguiria recuperá-lo.

Sienna fincou os pés no chão com teimosia.

– Robert, antes de darmos mais um passo que seja, quero saber para onde estamos indo. O que você descobriu antes, quando falou sobre o Malebolge? Disse que ele estava fora de ordem?

Langdon acenou para uma área coberta de árvores logo adiante.

– Primeiro vamos nos esconder.

Ele a conduziu por um caminho que dobrava em direção a um recanto coberto – um "pergolado", na linguagem do paisagismo – onde havia alguns bancos de madeira ecológica e um pequeno chafariz. O ar debaixo das árvores estava bem mais fresco.

Langdon tirou o projetor do bolso e começou a sacudi-lo.

– Sienna, quem quer que tenha criado esta imagem digital não só acrescentou letras aos pecadores no Malebolge, como também mudou a ordem dos pecados.

Ele deu um pulo e ficou de pé no banco, agigantando-se diante de Sienna. Então apontou o projetor para os próprios pés. O *Mappa dell'Inferno* de Botticelli foi debilmente projetado na superfície plana do banco, ao lado de onde ela estava.

Langdon gesticulou para a área em camadas na parte inferior do funil.

– Está vendo as letras nas dez valas do Malebolge?

Sienna as encontrou na imagem e começou a lê-las de cima para baixo.

– *Catrovacer*.

– Exato. Não quer dizer nada.

– Então você percebeu que as dez valas tinham sido embaralhadas?

– Na verdade, é mais simples do que isso. Se esses níveis fossem um jogo de dez cartas, ele não teria sido propriamente embaralhado, mas sim cortado uma única vez. Depois do corte, as cartas continuam na mesma ordem, só que a sequência começa errada. – Langdon apontou as dez valas do Malebolge. – Segundo o texto de Dante, nosso primeiro nível deveria ser o dos sedutores açoitados por demônios. Mas nesta versão aqui os sedutores aparecem... bem mais abaixo, na sétima vala.

Sienna analisou a imagem que já se apagava ao seu lado e assentiu.

– Sim, estou vendo. A primeira vala agora é a sétima.

Langdon guardou o projetor no bolso e saltou de volta para o chão. Pegando um pequeno graveto, escreveu as letras em um pedaço de terra batida bem ao lado do caminho.

– Aqui estão as letras conforme aparecem na nossa versão modificada do Inferno:

C
A
T
R
O
V
A
C
E
R

– *Catrovacer* – leu Sienna.

– Isso. E aqui é onde o "baralho" foi cortado.

Langdon riscou uma linha debaixo da sétima letra e esperou Sienna examinar o que ele fizera.

C
A
T
R

O
V
A
—
C
E
R

– Certo – Sienna apressou-se em dizer. – *Catrova*. *Cer*.

– Isso. E, para reordenar as cartas, basta desfazer o corte e passar a parte de baixo para cima. As duas metades trocam de lugar.

Sienna olhou para as letras.

– *Cer*. *Catrova*. – Ela deu de ombros. Não parecia nem um pouco impressionada. – Ainda não significa nada...

– *Cer catrova* – repetiu Langdon. Fez uma pausa e tornou a dizer as palavras, pronunciando-as de uma vez só. – *Cercatrova*. – Por fim, voltou a dizê-las com uma pausa no meio. – *Cerca... trova*.

Sienna soltou um arquejo e ergueu os olhos para encará-lo.

– Sim – confirmou ele com um sorriso. – *Cerca trova*.

As duas palavras em italiano *cerca* e *trova* significavam, literalmente, "busca" e "encontra". Quando combinadas em uma só frase – *cerca trova* – eram um sinônimo do aforismo bíblico "Busca e encontrarás".

– As suas alucinações! – exclamou Sienna, mal conseguindo respirar. – A mulher de véu! Ficava mandando você buscar e encontrar! – Ela se levantou com um pulo. – Robert, você entende o que isso quer dizer? As palavras *cerca trova já estavam* no seu inconsciente! Está entendendo? Você deve ter decifrado essa expressão antes de chegar ao hospital! Provavelmente já tinha visto a imagem do projetor antes... só que não se lembrava!

Ela tem razão, percebeu ele. Estava tão concentrado no código em si que a possibilidade de já ter feito tudo aquilo antes nem lhe passara pela cabeça.

– Robert, você disse mais cedo que o *Mappa* apontava para um local específico na cidade velha. Mas ainda não entendi que local é esse.

– *Cerca trova* não lhe diz nada?

Ela deu de ombros.

Langdon sorriu por dentro. *Até que enfim, algo que Sienna não sabe*.

– Ao que tudo indica, essa expressão aponta de forma muito específica para um famoso mural que pode ser visto no Palazzo Vecchio: a *Batalha de Marciano*, de Giorgio Vasari, que fica no Salão dos Quinhentos. Perto do topo do quadro, Vasari pintou as palavras *cerca trova* em letras miúdas, quase invisíveis. Existem várias teorias que tentam explicar por que ele fez isso, mas nenhuma prova conclusiva

jamais foi descoberta.

O zunido agudo de uma pequena aeronave ecoou de repente acima de suas cabeças, vindo do nada e roçando as copas das árvores que os cobriam como um dossel. O som pareceu muito próximo e os dois ficaram petrificados enquanto a aeronave passava.

Quando ela estava se afastando, Langdon olhou para cima e espiou por entre as árvores.

– Um helicóptero de brinquedo – falou, respirando aliviado ao observar a aeronave de quase um metro de largura controlada por rádio se inclinar para fazer uma curva ao longe. O aparelho soava como um mosquito gigante e zangado.

Sienna, no entanto, ainda parecia desconfiada.

– Continue abaixado.

O helicóptero em miniatura terminou de fazer a curva e começou a voltar, passando novamente por cima deles rente às copas das árvores e se afastando para a esquerda dessa vez, a fim de sobrevoar outra clareira.

– Isso não é um brinquedo – sussurrou ela. – É um drone de reconhecimento. Deve ter uma câmera de vídeo embutida e está transmitindo imagens em tempo real para... alguém.

O maxilar de Langdon se retesou enquanto ele observava o pequeno helicóptero seguir na direção de que tinha vindo, perto da Porta Romana e do Instituto de Arte.

– Não sei o que você fez – falou Sienna –, mas está claro que há gente muito poderosa querendo encontrá-lo.

O helicóptero fez outra curva e começou a sobrevoar devagar o muro que eles tinham acabado de pular.

– Alguém no Instituto de Arte deve ter nos visto e dito alguma coisa – ponderou Sienna, avançando pelo caminho. – Temos que tirar você daqui. Agora mesmo.

Enquanto o drone se afastava zumbindo em direção à extremidade oposta dos jardins, Langdon apagou com o pé as letras que havia escrito na terra batida e se apressou em acompanhar Sienna. Um turbilhão de pensamentos sobre *cerca trova* e o mural de Giorgio Vasari rodopiava em sua mente, bem como a revelação de Sienna de que ele já devia ter decifrado a mensagem do projetor antes: *Busca e encontrarás*.

De repente, bem na hora em que eles entraram em uma segunda clareira, um pensamento surpreendente lhe ocorreu. Ele derrapou até parar no caminho cercado de árvores com uma expressão assombrada no rosto.

Sienna também se deteve.

– Robert? O que houve?!

– Sou inocente – declarou ele.

– Como assim?

– Essas pessoas me perseguindo... imaginei que eu tivesse feito algo terrível.

– Sim, no hospital você não parava de dizer *very sorry*.

– Eu sei. Mas achamos que fosse em inglês.

Sienna o encarou, surpresa.

– Mas você *era* inglês!

Os olhos azuis de Langdon agora estavam cheios de animação.

– Sienna, quando fiquei repetindo *very sorry*, não estava pedindo desculpas. Estava balbuciando algo sobre a mensagem secreta no mural do Palazzo Vecchio! – Ainda podia ouvir a gravação da própria voz delirante. *Ve... sorry. Ve... sorry.*

Sienna parecia confusa.

– Não entendeu ainda?! – Langdon agora sorria. – Eu não estava dizendo *very sorry*, *very sorry*. Estava dizendo o nome do artista: *Va... sari, Vasari!*

CAPÍTULO **24**

Vayentha freou bruscamente.

A traseira da motocicleta oscilou de um lado para o outro, cantando bem alto os pneus e deixando uma longa marca no asfalto do Viale del Poggio Imperiale até enfim parar atrás de um fila inesperada de tráfego. O Viale del Poggio estava todo parado.

Não tenho tempo para isso!

Ela esticou o pescoço para olhar por sobre os carros, tentando ver o que estava causando o congestionamento. Já tinha sido obrigada a dar uma volta enorme para evitar a equipe de SMI e todo o caos em volta do prédio residencial, e agora precisava chegar à cidade velha para desocupar o quarto de hotel em que estivera baseada durante os últimos dias daquela missão.

Fui desvinculada. Preciso dar o fora desta cidade!

No entanto, parecia que sua maré de azar ainda não havia acabado. Pelo jeito, a rota que ela havia escolhido para chegar à cidade velha estava bloqueada. Sem paciência para esperar, acelerou a moto e jogou-a para um dos lados, esquivando-se do engarrafamento e disparando pelo acostamento estreito até conseguir ver o cruzamento parado. Adiante havia uma rotatória congestionada na qual convergiam seis grandes vias. Aquela era a Porta Romana, portal da cidade velha e um dos pontos de Florença com o tráfego mais pesado.

Droga, o que está acontecendo aqui?!

Vayentha então viu que toda a área estava apinhada de policiais – algum tipo de barricada ou posto de controle. Logo em seguida, notou algo no centro da ação que a deixou pasma: uma conhecida van preta com vários agentes vestidos de preto ao redor, gritando ordens para as autoridades locais.

Sem dúvida aqueles homens eram da equipe de SMI, mas Vayentha não conseguia imaginar o que estavam fazendo ali.

A menos que...

Ela engoliu em seco, mal ousando pensar na possibilidade. *Será que Langdon também escapou de Brüder?* Parecia impensável; suas chances de fuga tinham sido quase nulas. Por outro lado, ele não estava sozinho e Vayentha tinha visto em primeira mão quanto aquela mulher loura podia ser engenhosa.

Um policial apareceu perto de onde ela estava, indo de carro em carro e mostrando a foto de um homem bonito com cabelos castanhos fartos. Na mesma

hora Vayentha reconheceu a imagem: era uma foto de divulgação de Robert Langdon. Seu coração pulou.

Brüder o deixou fugir!

Langdon continua à solta!

Estrategista experiente, no mesmo instante ela começou a avaliar como aquele desdobramento modificava sua situação.

Opção um: fugir conforme o planejado.

Vayentha havia arruinado um serviço crucial e por isso o diretor a desvinculara. Se tivesse sorte, seria submetida a um inquérito formal e sua carreira chegaria ao fim. No entanto, se tivesse azar e houvesse subestimado a severidade do chefe, talvez passasse o resto da vida olhando por cima do ombro e pensando se o Consórcio não a estaria perseguindo.

Agora tenho uma segunda alternativa.

Concluir a missão.

Continuar agindo feria o protocolo de desvinculação, mas, com Langdon ainda à solta, ela agora tinha a chance de dar continuidade a seu plano original.

Se Brüder não conseguir capturar Langdon, pensou, com a pulsação acelerada. *E eu sim...*

Sabia que as chances eram mínimas, mas, se Langdon conseguisse despistar Brüder definitivamente e ela ainda pudesse entrar em ação e terminar o serviço, resolveria sozinha todo o problema para o Consórcio, de modo que o diretor não teria alternativa a não ser perdoá-la.

Vou manter meu emprego, pensou. *Talvez até seja promovida.*

Num piscar de olhos, Vayentha percebeu que todo o seu futuro dependia de uma missão decisiva. *Preciso localizar Langdon... antes de Brüder*.

Não seria fácil. Brüder tinha à sua disposição um efetivo inesgotável e as mais avançadas tecnologias de vigilância. Ela, por sua vez, estava trabalhando sozinha. Porém, tinha uma informação que faltava a Brüder, ao diretor e à polícia.

Tenho um bom palpite sobre o local para onde Langdon está indo.

Acelerando a moto BMW, ela deu um giro de 180 graus e tomou o mesmo caminho pelo qual tinha vindo. *A Ponte alle Grazie*, pensou, visualizando a estrutura ao norte. Havia mais de um jeito de se chegar à cidade velha.

CAPÍTULO 25

Não é um pedido *de desculpas*, refletiu Langdon. *É o nome de um artista*.

– Vasari – gaguejou Sienna, recuando um passo na trilha. – O artista que pintou um mural e escondeu nele as palavras *cerca trova*.

Langdon não pôde deixar de sorrir. *Vasari. Vasari.* Além de lançar um raio de luz sobre a estranha situação em que se encontrava, a revelação também significava que ele não precisava mais se perguntar que coisa terrível teria feito para lamentar tanto.

– Robert, é óbvio que você viu essa imagem de Botticelli no projetor antes de ser ferido, e sabia que ela continha o código que apontava para o mural de Vasari. Foi por isso que ficou repetindo o nome dele sem parar!

Langdon tentou entender o que tudo aquilo significava. Giorgio Vasari – artista, arquiteto e escritor quinhentista – era um homem a quem ele se referia muitas vezes como "o primeiro historiador de arte do mundo". Apesar das centenas de pinturas de Vasari e das dezenas de edifícios projetados por ele, seu legado mais perene era o inspirador livro intitulado *Vidas dos artistas*, uma coletânea de biografias de artistas italianos que até hoje é leitura obrigatória para qualquer estudante de história da arte.

As palavras *cerca trova* tinham trazido o nome de Vasari de volta ao imaginário coletivo cerca de trinta anos antes, quando a "mensagem secreta" fora descoberta no alto do vasto mural de sua autoria no Salão dos Quinhentos do Palazzo Vecchio. As letras miúdas encontravam-se em um estandarte de batalha verde, quase invisíveis em meio à caótica cena de guerra. Embora ainda não houvesse consenso quanto ao motivo para Vasari ter acrescentado essa estranha mensagem ao mural, a teoria mais aceita era de que se tratava de uma pista para gerações futuras sobre um afresco perdido de Leonardo da Vinci que estaria escondido em um vão de 3 centímetros atrás daquela parede.

Nervosa, Sienna ergueu os olhos para as copas das árvores.

– Ainda tem uma coisa que eu não entendo. Se você não estava dizendo que lamentava muito, então... por que estão tentando matá-lo?

Langdon vinha se perguntando a mesma coisa.

O zumbido distante emitido pelo drone voltava a ficar mais alto e Langdon soube que era hora de tomar uma decisão. Não entendia como a *Batalha de Marciano* de Vasari poderia estar relacionada ao *Inferno* de Dante ou ao ferimento à bala que ele sofrera na noite anterior, mas enfim conseguia ver um caminho tangível à sua frente.

Cerca trova.

Busca e encontra.

Tornou a ver a mulher de cabelos prateados gritando para ele da outra margem do rio. *O tempo está se esgotando!* Sentia que, se houvesse respostas, elas deviam estar no Palazzo Vecchio.

Foi então que se lembrou de um antigo provérbio grego atribuído a alguns dos primeiros mergulhadores a caçarem lagostas nas cavernas de coral das ilhas do Egeu. *Quando se está nadando em um túnel escuro, chega um momento em que não se tem mais fôlego para voltar. A única alternativa é seguir nadando rumo ao desconhecido... e rezar por uma saída.*

Langdon se perguntou se eles teriam chegado a esse ponto.

Olhou em direção ao labirinto que se estendia pelo jardim à sua frente. Se ele e Sienna conseguissem chegar ao Palazzo Pitti e sair dos jardins, estariam muito perto da cidade velha. Bastaria cruzar a mais famosa ponte de pedestres do mundo – a Ponte Vecchio. O Palazzo Vecchio ficava a apenas alguns quarteirões dali.

O drone zumbiu mais perto e, por alguns instantes, Langdon sentiu um cansaço esmagador. Descobrir que não tinha dito *very sorry* o levava a questionar por que estava fugindo da polícia.

– Sienna, alguma hora eles vão me pegar – falou. – Talvez seja melhor eu parar de fugir.

Sienna o encarou com uma expressão alarmada.

– Robert, é só você parar que alguém começa a atirar em você! Precisa descobrir no que está metido. Tem que ver o mural de Vasari. Talvez isso reavive a sua memória. Talvez o ajude a descobrir de onde veio esse projetor e por que você o está carregando.

Langdon visualizou a mulher de cabelos espetados matando o Dr. Marconi a sangue-frio; os soldados disparando contra eles; a polícia militar italiana reunida diante da Porta Romana; e agora um drone de reconhecimento os perseguindo pelos Jardins de Boboli. Ficou calado e esfregou os olhos cansados, pesando suas opções.

– Robert? – disse Sienna. – Tem mais uma coisa... Não me pareceu importante na hora, mas agora talvez seja.

Reagindo à gravidade em seu tom de voz, Langdon ergueu os olhos.

– Pretendia contar lá no meu apartamento, mas... – Ela não completou.

– O que foi?

Sienna franziu os lábios, parecendo pouco à vontade.

– Quando você chegou ao hospital, estava delirando e tentando se comunicar.

– Eu sei, estava murmurando "Vasari, Vasari" – disse ele.

– Sim, mas *antes* disso... antes de pegarmos o gravador, assim que você chegou, eu me lembro de ouvi-lo dizer outra coisa. Foi só uma vez, mas tenho certeza de que

entendi.

– O que eu disse?

Sienna ergueu os olhos para o drone antes de voltar a encarar Langdon.

– Você disse: *A chave para encontrá-lo está comigo... se eu fracassar, só restará a morte.*

Langdon ficou petrificado.

Sienna prosseguiu:

– Achei que estivesse se referindo ao objeto no bolso do paletó, mas agora já não tenho tanta certeza.

Se fracassar, só restará a morte? As palavras atingiram Langdon como um soco. As marcantes representações da morte lampejaram diante dos seus olhos: o Inferno de Dante, o símbolo de risco biológico, o médico com a máscara da peste. Mais uma vez, o rosto da bela mulher de cabelos prateados lhe suplicava na margem oposta do rio vermelho-sangue: *Busca e encontrarás! O tempo está se esgotando!*

A voz de Sienna o trouxe de volta:

– Não sei para onde esse projetor está apontando nem o que você está tentando encontrar, mas deve ser algo muito perigoso. O fato de ter gente tentando nos matar... – A voz de Sienna falhou um pouco, e ela precisou de alguns instantes para se recompor. – Pense. Eles acabaram de atirar em você em plena luz do dia... e atiraram *em mim*, uma observadora inocente. Ninguém parece interessado em negociar. O seu próprio governo lhe virou as costas: você ligou pedindo ajuda e eles mandaram alguém para matá-lo.

Langdon fitou o chão com um olhar perdido. O consulado dos Estados Unidos tanto poderia ter compartilhado sua localização com a assassina quanto sido ele próprio o responsável por enviá-la; era irrelevante. O resultado era o mesmo. *Meu próprio governo está contra mim.*

Ele fitou os olhos castanhos de Sienna e viu coragem neles. *Em que eu fui envolvê-la?*

– Quem me dera saber o que estamos procurando. Ajudaria a relativizar essa história toda.

Sienna concordou com a cabeça.

– Seja lá o que for, acho que precisamos encontrá-lo. Pelo menos nos daria alguma vantagem.

Sua lógica era difícil de refutar. Mesmo assim, algo ainda incomodava Langdon. *Se eu fracassar, só restará a morte*. Ele passara a manhã inteira topando com símbolos macabros que representavam risco biológico, pestes e o *Inferno* de Dante. Por mais que não tivesse provas claras sobre o que estava buscando, seria ingênuo não cogitar ao menos a possibilidade de aquela situação envolver uma doença letal ou uma ameaça biológica em grande escala. Se fosse isso mesmo, então por que seu

próprio governo estaria tentando eliminá-lo?

Será que eles acham que estou envolvido num possível plano de ataque?

Não fazia o menor sentido. Havia alguma outra coisa acontecendo ali.

Ele tornou a pensar na mulher de cabelos prateados.

– Não podemos esquecer a mulher das minhas visões. Tenho a sensação de que preciso encontrá-la.

– Então confie nessa sensação – aconselhou Sienna. – Nas suas condições, sua melhor bússola é o inconsciente. É uma questão de psicologia básica: se o seu instinto lhe diz para confiar nessa mulher, então deve fazer exatamente o que ela mandar.

– Buscar e encontrar – disseram os dois ao mesmo tempo.

Langdon expirou, enxergando com clareza o caminho a seguir.

Tudo o que posso fazer é seguir nadando por este túnel.

Com determinação renovada, ele se virou e correu os olhos à sua volta, tentando se situar. *Para que lado fica a saída dos jardins?*

Eles estavam parados debaixo das árvores no entorno de uma esplanada em que vários caminhos se cruzavam. Mais ao longe, à esquerda, Langdon viu uma lagoa em formato de elipse com uma pequena ilha enfeitada com limoeiros e um grupo de estátuas. *O Isolotto*, pensou, reconhecendo a famosa escultura de Perseu montado em um cavalo com metade do corpo submerso, saltando de dentro d'água.

– O Palazzo Pitti fica para lá – falou, apontando para o leste, para além do Isolotto, em direção ao caminho principal do jardim: o Viottolone, que se estendia de leste a oeste por todo o terreno, largo como uma rodovia de duas pistas e ladeado por fileiras de esguios ciprestes com quatro séculos de idade.

– Não tem proteção nenhuma – disse Sienna, lançando um olhar para a alameda a céu aberto e indicando com um gesto o drone que os sobrevoava em círculos.

– Tem razão – disse Langdon com um sorriso malicioso. – É por isso que vamos pegar o túnel logo ao lado.

Então apontou a cerca viva cerrada que margeava o Viottolone. Um pequeno arco de entrada fora aberto no espesso muro vegetal. Depois dele, uma trilha estreita se estendia a perder de vista – um verdadeiro túnel que corria paralelo ao Viottolone. Era fechado de ambos os lados por duas fileiras de azinheiras podadas, cuidadosamente domadas desde o século XVII para se arquear e se entrelaçar acima do caminho, criando um toldo de folhagens. O nome da trilha, La Cerchiata – literalmente, "circular" ou "arqueada" –, vinha desse dossel de árvores curvadas que parecia os aros, ou *cerchi*, de um barril.

Sienna correu até a entrada em arco e espiou para dentro do caminho escuro. Na mesma hora, virou-se de volta para ele com um sorriso.

– Melhor.

Sem perder tempo, ela atravessou a abertura e se afastou depressa por entre as árvores.

Langdon sempre havia considerado La Cerchiata um dos espaços mais tranquilos de Florença. Nessa hora, porém, ao ver Sienna desaparecer na penumbra do corredor, voltou a pensar nos mergulhadores gregos nadando pelos túneis de coral e rezando para encontrarem uma saída.

Fez uma prece ligeira e partiu rapidamente atrás dela.

♦ ♦ ♦

Pouco menos de um quilômetro atrás deles, em frente ao Instituto de Arte, o agente Brüder atravessou a passos firmes um aglomerado de policiais e alunos, usando o olhar gélido para abrir caminho em meio à multidão. Foi até o posto de comando improvisado que o especialista em vigilância da sua equipe havia montado sobre o capô da van preta.

– Imagens do drone – disse o especialista entregando-lhe um tablet. – Feitas há poucos minutos.

Brüder examinou os *stills* de vídeo e se deteve na ampliação borrada de dois rostos: um homem de cabelos escuros e uma loura de rabo de cavalo, ambos encolhidos nas sombras e olhando para o céu através das copas das árvores.

Robert Langdon.

Sienna Brooks.

Não havia dúvida.

Examinou então o mapa dos Jardins de Boboli aberto sobre o capô. *Péssima escolha*, pensou ao ver a planta. Embora vastos e intricados, cheios de esconderijos em potencial, os jardins também pareciam cercados de muros altos por todos os lados. Eram a coisa mais próxima de uma arapuca natural que Brüder já vira em toda a sua carreira.

Eles nunca vão conseguir sair.

– As autoridades locais estão bloqueando todas as saídas – disse o especialista. – E iniciando uma varredura.

– Mantenha-me informado – disse Brüder.

Ergueu os olhos devagar para a grossa janela de policarbonato da van, através da qual pôde ver a mulher de cabelos prateados sentada no banco de trás.

Os remédios que eles lhe deram haviam embotado seus sentidos – mais do que Brüder imaginara. Mesmo assim, ele podia notar pela expressão de medo em seus olhos que ela ainda entendia muito bem o que estava acontecendo.

Ela não parece estar nada feliz, pensou Brüder. *Mas também, por que estaria?*

CAPÍTULO 26

Uma coluna de água jorrou 6 metros no ar.

Langdon a observou recuar lentamente de volta para o chão e soube que estavam chegando perto. Haviam alcançado o fim do frondoso túnel da Cerchiata e atravessaram correndo um gramado a céu aberto em direção a um grupo de sobreiros. Agora estavam diante do mais famoso chafariz dos Jardins de Boboli – a escultura de bronze de Stoldo Lorenzi que representava Netuno com seu tridente em mãos. Chamada com irreverência pelos florentinos de "O chafariz do garfo", aquela atração aquática era considerada o ponto central dos jardins.

Sienna parou à beira do bosque e ergueu os olhos para espiar por entre as árvores.

– Não estou vendo o drone.

Langdon também não conseguia mais ouvi-lo, embora a fonte fizesse muito barulho.

– Deve ter precisado reabastecer – sugeriu Sienna. – É a nossa chance. Para que lado?

Langdon a conduziu para a esquerda e eles começaram a descer uma ladeira íngreme. Assim que deixaram a copa das árvores, o Palazzo Pitti surgiu à sua frente.

– Casinha simpática – sussurrou ela.

– Modesta, como os Médici gostavam – respondeu ele com ironia.

Ainda a quase um quilômetro de distância, a fachada de pedra do *palazzo* dominava o horizonte, estendendo-se para ambos os lados. A cantaria rústica e saliente emprestava ao edifício um ar de autoridade severa que era ainda mais acentuado pela repetição impactante de janelas fechadas e vãos encimados por arcos. Tradicionalmente, palácios formais como aquele eram construídos em terrenos elevados, de modo que qualquer pessoa nos jardins tivesse de erguer os olhos para vê-los. O Palazzo Pitti, no entanto, ficava em um vale próximo ao rio Arno – portanto, se você estivesse nos Jardins de Boboli, tinha de olhar colina abaixo para avistá-lo.

O efeito era ainda mais dramático. Certa vez, um arquiteto dissera que o palácio parecia ter sido erguido pela própria natureza, como se as imensas pedras de um deslizamento tivessem rolado pela longa escarpa até formar uma elegante pilha em forma de barricada lá embaixo. Apesar de mais difícil de defender por estar em terreno rebaixado, a sólida estrutura de pedra do Palazzo Pitti era tão imponente que Napoleão chegara a usá-lo como quartel-general quando estava em Florença.

– Olhe – falou Sienna, apontando para as portas mais próximas do palácio. – Boa notícia.

Langdon também tinha visto. Nessa estranha manhã, a visão mais bem-vinda não foi a do palácio em si, mas a do fluxo de turistas que saía do edifício em direção à parte mais baixa dos jardins. O palácio estava aberto, ou seja, Langdon e Sienna não teriam problemas em entrar despercebidos e atravessar o edifício para escapar dali. Uma vez fora do palácio, Langdon sabia que veriam o rio Arno à direita e, além dele, as torres da cidade velha.

Seguiram em frente, quase trotando pela íngreme encosta. Ao descerem, passaram pelo Anfiteatro de Boboli, palco da primeira apresentação de ópera da história, aninhado como uma ferradura na lateral de um aclive. Depois cruzaram o obelisco de Ramsés II e a lamentável obra de "arte" que havia em sua base. Os guias turísticos a descreviam como "uma colossal bacia de pedra das Termas de Caracalla, em Roma", mas Langdon sempre a vira como o que de fato era: a maior banheira do mundo. *Alguém realmente precisa pôr esse troço em outro lugar.*

Enfim chegaram aos fundos do palácio e diminuíram o ritmo, passando a andar com tranquilidade e misturando-se aos primeiros turistas do dia. Seguindo contra o fluxo, desceram um túnel estreito em direção ao *cortile*, um pátio interno em que os visitantes tomavam seu *espresso* matinal no café improvisado do palácio. O cheiro dos grãos moídos na hora impregnava o ar, e Langdon sentiu uma vontade repentina de se sentar e tomar um café da manhã decente. *Vai ter que ficar para outro dia*, pensou enquanto seguiam, adentrando o largo arco de pedra que conduzia às portas principais do palácio.

Ao se aproximarem da porta, Langdon e Sienna depararam com um congestionamento cada vez maior de turistas parados que pareciam reunidos no pórtico para observar algo do lado de fora. Langdon espiou pela multidão para tentar ver a área em frente ao palácio.

A grandiosa entrada do Pitti era tão austera e pouco convidativa quanto ele se lembrava. Em vez de gramados e jardins bem-cuidados, o pátio da frente era uma vasta área pavimentada que se estendia ao longo de toda uma encosta, descendo até a Via dei Guicciardini como uma enorme pista de esqui de asfalto.

Ao pé da colina, Langdon viu o motivo daquela multidão de curiosos.

Mais adiante, na Piazza dei Pitti, meia dúzia de viaturas policiais acabara de chegar de todas as direções. Um pequeno exército de agentes subia a ladeira, sacando as armas e se espalhando em leque para isolar a frente do palácio.

CAPÍTULO 27

Quando a polícia entrou no Palazzo Pitti, Sienna e Langdon já batiam em retirada para dentro do palácio, mudando de direção para fugir dos agentes que se aproximavam. Atravessaram correndo o *cortile* e tornaram a passar pelo café onde um burburinho já se espalhava, com turistas esticando o pescoço para tentar localizar a origem de toda aquela comoção.

Sienna ficou admirada que as autoridades os tivessem achado tão depressa. *O drone deve ter desaparecido porque já nos localizou.*

Ela e Langdon encontraram o mesmo túnel estreito pelo qual tinham descido dos jardins e, sem hesitar, mergulharam nele de volta, subindo os degraus às pressas. No final, a escada dobrava à esquerda e contornava um alto muro de contenção. Enquanto corriam, acompanhando-o, a altura do muro diminuía, até toda a extensão dos Jardins de Boboli ficar visível.

De repente, Langdon pegou o braço de Sienna e a puxou para trás, agachando-se junto ao muro para se esconder. Sienna também tinha visto.

A uns 300 metros de distância, no aclive acima do anfiteatro, uma falange de policiais vinha descendo, vasculhando bosques, falando com turistas e se comunicando por meio de walkie-talkies para coordenar a busca.

Estamos encurralados!

Quando conheceu Robert Langdon, Sienna jamais teria imaginado que a situação chegaria àquele ponto. *Foi muito além do que eu esperava*. Ao sair com ele do hospital, pensara que eles estivessem fugindo de uma mulher armada de cabelos espetados. Agora fugiam de toda uma força militar e das autoridades italianas. Percebeu que as chances de conseguirem escapar eram quase nulas.

– Tem alguma outra saída? – perguntou Sienna, ofegante.

– Acho que não – respondeu Langdon. – Este jardim é uma cidade murada, igual ao... – Ele se deteve, virou-se e olhou para o leste. – Igual ao Vaticano. – Uma estranha fagulha de esperança atravessou seu rosto.

Sienna não conseguia imaginar o que o Vaticano tinha a ver com aquela enrascada, mas Langdon começou a assentir, olhando para a parte de trás do palácio, a leste.

– Não garanto nada – disse ele, puxando-a. – Mas talvez haja outra maneira de sair daqui.

De repente, dois vultos contornaram o muro de contenção e se materializaram bem na sua frente, quase trombando com eles. Ambos vestiam preto e, por um instante de

pavor, Sienna achou que fossem os soldados que tinham invadido seu prédio. Quando passaram, contudo, viu que eram apenas dois turistas – italianos, supôs, a julgar pela roupa estilosa de couro preto.

Então Sienna teve uma ideia. Com o sorriso mais caloroso possível, tocou o braço de um dos turistas.

– *Può dirci dov'è la Galleria del costume?* – perguntou, falando depressa em italiano, querendo saber como chegar ao famoso museu da indumentária localizado dentro do palácio. – *Io e mio fratello siamo in ritardo per una visita privata*. – *Meu irmão e eu estamos atrasados para uma visita particular*.

– *Certo!* – O homem lhes sorriu, parecendo disposto a ajudar. – *Proseguite dritto per il sentiero!* – Virou-se e apontou para o oeste, ao longo do muro, na direção contrária à que Langdon estivera olhando antes.

– *Molte grazie!* – agradeceu Sienna, abrindo outro sorriso enquanto os dois homens se afastavam.

Langdon assentiu para ela, impressionado, parecendo entender por que tinha feito aquilo. Se a polícia começasse a interrogar os turistas, talvez fosse informada de que eles estavam a caminho do museu da indumentária, que, segundo o mapa na parede à sua frente, ficava na ponta ocidental do palácio... o extremo oposto da direção em que iriam.

– Temos que chegar àquele caminho ali – disse ele, apontando para o outro lado de uma esplanada, em direção a uma trilha que seguia por outro declive, para longe do palácio.

O caminho de cascalho era protegido na parte mais alta por cercas vivas imponentes, proporcionando proteção suficiente das autoridades que agora desciam a encosta a poucas centenas de metros dali.

Sienna calculou que as chances de conseguirem atravessar a área descoberta até o caminho protegido eram mínimas. Turistas reunidos na esplanada observavam a polícia com curiosidade. Ao longe, já era possível ouvir de novo o leve zumbido do drone.

– É agora ou nunca – falou Langdon, pegando-a pela mão e puxando-a em direção à esplanada, onde começaram a ziguezaguear por entre os turistas, cada vez mais numerosos.

Sienna teve o impulso de sair correndo, mas Langdon a segurou firme, andando por entre a multidão a passos rápidos porém calmos.

Quando enfim chegaram à entrada do caminho, Sienna olhou para trás por sobre o ombro para ver se alguém os localizara. Os únicos policiais à vista, virados para o outro lado, olhavam para cima, na direção do som do drone que se aproximava.

Ela tornou a se virar e saiu correndo com Langdon pela trilha.

Logo à sua frente, o horizonte da antiga Florença agora despontava acima das

árvores. Ela viu a cúpula de telhas vermelhas do Duomo e a torre verde, vermelha e branca do campanário de Giotto. Por um instante, também conseguiu divisar as ameias da torre do Palazzo Vecchio – seu destino aparentemente inalcançável –, mas à medida que foram descendo o caminho, os altos muros de contenção voltaram a bloquear a vista.

Quando chegaram ao pé do declive, Sienna, sem fôlego, se perguntou se Langdon saberia mesmo para onde eles estavam indo. A trilha desembocava em um jardim em forma de labirinto, mas Langdon, parecendo confiante, dobrou à esquerda em direção a um amplo pátio de cascalho e começou a contorná-lo, mantendo-se atrás de uma cerca viva à sombra das árvores mais altas. O pátio estava deserto. Era um estacionamento para funcionários, não uma área turística.

– Para onde estamos indo? – perguntou Sienna.

– Estamos quase lá.

Lá onde? Todo o pátio era cercado por muros que tinham a altura de, no mínino, três andares. A única saída que ela via era uma passagem para carros à esquerda, fechada por uma enorme grade de ferro fundido que parecia remontar à época do palácio original, quando era preciso resistir aos exércitos invasores. Para além dessa grade, viu a polícia reunida na Piazza dei Pitti.

Mantendo-se junto à vegetação que contornava o pátio, Langdon seguiu adiante, encaminhando-se diretamente para o muro à frente deles. Sienna correu os olhos pelo paredão em busca de alguma entrada, mas tudo o que pôde ver foi um nicho contendo o que devia ser a estátua mais feia que já vira.

Meu Deus, os Médici podiam comprar qualquer obra de arte do mundo e foram escolher logo essa?

A escultura diante deles representava um anão obeso e nu montado em uma tartaruga gigante. Os testículos do anão estavam esmagados contra o casco do animal, cuja boca babava água como se ele estivesse doente.

– Eu sei – disse Langdon, sem diminuir o passo. – Esse daí é *Braccio di Bartolo*, um famoso anão da corte. Acho que eles deveriam colocá-lo dentro daquela banheira gigante.

Langdon dobrou bruscamente à direita e seguiu em direção a um lance de escadas que Sienna não tinha visto até então.

Uma saída?!

Mas a esperança durou pouco.

Assim que fez a curva e começou a descer os degraus atrás de Langdon, ela percebeu que estavam correndo rumo a um beco sem saída, só que as paredes agora eram duas vezes mais altas do que as demais.

Além disso, Sienna notava que sua longa jornada estava prestes a terminar à entrada de uma caverna... uma funda gruta escavada naquela parede. *Não é possível*

que ele esteja nos levando para lá!

Sobre a entrada escancarada da caverna, portentosas estalactites se assomavam como punhais. Dentro da cavidade, formações gotejantes se contorciam e escorriam pelas paredes, como se a pedra estivesse derretendo e assumindo formas que, para espanto de Sienna, incluíam algumas que lembravam seres humanos parcialmente enterrados nas paredes, cujos corpos pareciam estar sendo consumidos pela pedra. A cena toda lhe pareceu digna do *Mappa dell'Inferno* de Botticelli.

Por algum motivo, Langdon parecia inabalado e continuou correndo direto para a entrada da caverna. Mais cedo, ele tinha feito um comentário sobre a Cidade do Vaticano, mas Sienna estava certa de que não havia cavernas bizarras dentro dos muros da Santa Sé.

Quando chegaram mais perto, os olhos de Sienna foram atraídos pelo entablamento que se estendia sobre a entrada – um conjunto fantasmagórico de estalactites e saliências rochosas indistintas que pareciam engolir duas mulheres reclinadas e ladeadas por um escudo incrustado com seis bolas ou *palle*: o famoso brasão da família Médici.

Langdon dobrou à esquerda de repente, afastando-se da entrada e seguindo em direção a algo que Sienna ainda não tinha visto: uma pequena porta cinza à esquerda da caverna. Feita de madeira gasta, não parecia ter muita importância, como se fosse uma despensa ou um armário para guardar ferramentas.

Langdon correu até a porta, claramente esperando poder abri-la, mas não havia maçaneta, apenas uma fechadura de latão. Pelo jeito, só podia ser aberta por dentro.

– Droga! – Os olhos de Langdon brilharam de aflição. Seu ar esperançoso desaparecera quase por completo. – Eu estava torcendo para...

De repente, o zunido penetrante do drone ecoou nas paredes altas que os cercavam. Sienna se virou e viu a aeronave se erguer bem acima do palácio e vir em sua direção.

Langdon também o viu, óbvio, pois agarrou a mão de Sienna e disparou em direção à caverna. Os dois se agacharam no último instante, sumindo de vista sob as estalactites.

Que final mais apropriado, pensou ela. *Nós dois correndo pelos portões do inferno.*

CAPÍTULO 28

Cerca de um quilômetro a leste dali, Vayentha estacionou. Ela havia chegado à cidade velha pela Ponte alle Grazie e então dera a volta até a Ponte Vecchio – a famosa ponte de pedestres que interligava o Palazzo Pitti à antiga Florença. Depois de prender o capacete na moto, atravessou a ponte e se misturou aos turistas.

Uma brisa fresca de março soprava rio acima, agitando os cabelos curtos espetados de Vayentha e fazendo-a lembrar que Langdon conhecia sua aparência. Ela parou em uma das muitas barracas da ponte, comprou um boné de beisebol com os dizeres AMO FIRENZE e o enterrou na cabeça.

Alisou o macacão de couro para disfarçar a pistola e se posicionou perto do meio da ponte, recostando-se de forma casual em uma coluna, de frente para o Palazzo Pitti. Dali podia ver todos os pedestres que cruzavam o Arno em direção ao centro da cidade.

Langdon está a pé, pensou. *Se ele conseguir passar pela Porta Romana, esta ponte será a rota mais lógica para chegar à cidade velha.*

Sirenes soavam a oeste, na direção do Palazzo Pitti, e ela se perguntou se isso era uma boa ou má notícia. *Será que ainda estão procurando por ele? Ou já o terão encontrado?* Ao aguçar os ouvidos na tentativa de obter alguma pista sobre o que estava acontecendo, escutou um novo som de repente: o zunido agudo de alguma coisa acima dela. Por instinto, seus olhos se voltaram para o céu e na mesma hora ela viu um pequeno helicóptero guiado por controle remoto sobrevoando em alta velocidade o palácio e mergulhando em direção às copas das árvores rumo ao canto noroeste dos Jardins de Boboli.

Um drone de reconhecimento, pensou com uma onda de esperança. *Se ele está no ar, Brüder ainda não encontrou Langdon.*

O drone se aproximava depressa. Parecia vasculhar o canto noroeste dos jardins, área mais próxima da Ponte Vecchio e da posição de Vayentha; isso a deixou ainda mais animada.

Se Langdon despistou Brüder, sem dúvida deve estar vindo nesta direção.

Enquanto ela observava, no entanto, o drone de repente deu um rasante e mergulhou atrás de um muro de pedra alto, sumindo de vista. Ela o ouviu pairar em algum ponto abaixo das copas das árvores, como se houvesse localizado algo de interessante.

CAPÍTULO 29

Busca e encontrarás, pensou Langdon, encolhido com Sienna dentro da gruta sombria. *Nós buscamos uma saída... e encontramos uma porta trancada.*

O amorfo chafariz no centro da caverna proporcionava um bom esconderijo, mas, quando Langdon espiou por trás dele, percebeu que era tarde demais.

O drone tinha acabado de mergulhar no beco sem saída rente ao muro e parado de forma abrupta diante da entrada da caverna, onde agora pairava a apenas 3 metros do chão. De frente para a gruta, emitia um zumbido forte, como um inseto furioso à espera de sua presa.

Langdon tornou a se esconder e sussurrou para Sienna a desanimadora notícia:

– Acho que ele sabe que estamos aqui.

Dentro da caverna, o zumbido agudo do drone reverberando com intensidade nas paredes de pedra era quase ensurdecedor. Langdon custava a acreditar que eles estivessem reféns de um helicóptero em miniatura, mas sabia que seria inútil tentar fugir dele. *E agora, o que fazer? Esperar?* Seu plano de acessar o que havia atrás da pequena porta cinza tinha sido razoável, exceto pelo fato de ele não saber que a porta só abria por dentro.

À medida que seus olhos se acostumavam com a escuridão da gruta, começou a vasculhar aquele ambiente incomum pensando se haveria outra saída. Não viu nada promissor. O interior da caverna era enfeitado com esculturas de animais e seres humanos, todas em diversos estágios de absorção pelas paredes estranhamente gotejantes. Desanimado, ele ergueu os olhos para as ameaçadoras estalactites que pendiam do teto.

Um bom lugar para morrer.

A gruta de Buontalenti – batizada em homenagem a seu arquiteto, Bernardo Buontalenti – talvez fosse o lugar mais curioso de Florença. Projetada como uma espécie de espaço recreativo para os jovens hóspedes do Palazzo Pitti, a caverna dividida em três câmaras era decorada com um estilo que mesclava fantasia naturalista e excesso gótico, composta do que pareciam ser massas compactas gotejantes e protuberâncias de pedras-pomes que davam a impressão de consumir ou expulsar a profusão de figuras esculpidas. Na época dos Médici, a gruta ainda era incrementada por um fluxo constante de água nas paredes internas, que servia tanto para refrescar o espaço durante os verões quentes da Toscana quanto para criar o efeito de uma caverna de verdade.

Langdon e Sienna estavam escondidos na primeira câmara, a maior das três, atrás de um chafariz central indistinto. Estavam cercados por figuras pitorescas de pastores, camponeses, músicos, animais e até mesmo reproduções dos quatro prisioneiros de Michelangelo – todas parecendo lutar para se libertar das rochas que as engoliam. Bem lá no alto, a luz da manhã entrava por uma luneta no teto que outrora tivera uma esfera de vidro gigante cheia d'água na qual carpas vermelhas nadavam à luz do sol.

Langdon se perguntou como os visitantes da época da Renascença teriam reagido se vissem um helicóptero de verdade – um sonho fantástico acalentado por Leonardo da Vinci – pairar na entrada da gruta.

Foi nesse momento que o drone parou de emitir seu ruído estridente. Não foi sumindo aos poucos, apenas parou de repente.

Intrigado, Langdon espiou de trás da fonte e viu que o drone havia pousado. Agora imóvel no pátio de cascalho, ainda estava ligado, mas parecia bem menos ameaçador – sobretudo porque as lentes semelhantes a ferrões que trazia na frente estavam viradas para longe deles e apontavam para um dos lados, em direção à pequena porta cinza.

Sua sensação de alívio foi fugaz. Uns 100 metros atrás do drone, perto da estátua do anão com a tartaruga, três soldados fortemente armados desciam as escadas com determinação, bem na direção da gruta.

Os homens usavam os já familiares uniformes pretos, com medalhões verdes nos ombros. O musculoso líder tinha olhos vazios que fizeram Langdon se lembrar da máscara da peste de suas visões.

Eu sou a morte.

Não viu em lugar nenhum a van nem a misteriosa mulher de cabelos prateados.

Eu sou a vida.

Quando os soldados estavam se aproximando, um deles parou ao pé da escada, deu meia-volta e se postou de costas, aparentemente para evitar que mais alguém descesse até ali. Os outros dois continuaram avançando para a gruta.

Langdon e Sienna voltaram a se mover – embora talvez estivessem apenas adiando o inevitável: engatinharam para trás, rumo à segunda câmara, que era menor, mais profunda e mais escura. O espaço também era dominado por uma obra de arte central: a escultura de dois amantes enlaçados. Eles se esconderam atrás dela.

Envolto em sombras, Langdon espiou com cautela por trás da base da estátua para ver os perseguidores que se aproximavam. Quando os dois soldados chegaram ao drone, um deles parou e se agachou para verificá-lo, pegando-o do chão a fim de examinar a câmera.

Será que o aparelho nos viu?, perguntou-se Langdon, temendo já saber a resposta.

O terceiro e último soldado, o homem musculoso de olhos frios, continuava a se

mover na direção deles com uma determinação fria. O vulto se aproximou até chegar quase à entrada da caverna. *Ele vai entrar*. Langdon se preparou para voltar para trás da estátua e dizer a Sienna que estava tudo acabado, mas, nesse exato momento, testemunhou algo inesperado.

Em vez de entrar na gruta, o soldado virou à esquerda de repente e sumiu de vista.

Para onde ele está indo?! Será que não sabe que estamos aqui?

Segundos depois, Langdon ouviu o som de batidas – um punho esmurrando madeira.

A porta cinza, pensou. *Ele deve saber onde ela vai dar.*

♦ ♦ ♦

Ernesto Russo, segurança do Palazzo Pitti, sempre quisera ser jogador de futebol, mas agora, aos 29 anos e acima do peso, começava a aceitar que seu sonho de infância nunca se tornaria realidade. Fazia três anos que ele era segurança ali no palácio, sempre naquela mesma sala do tamanho de um armário, o mesmo trabalho chato.

Já estava acostumado com os turistas curiosos que batiam na pequena porta cinza em frente à sua sala e em geral apenas os ignorava até que parassem. Nesse dia, porém, as batidas foram intensas e contínuas.

Incomodado, ele voltou a se concentrar no aparelho de TV que transmitia a altos brados a reprise de uma partida de futebol: Fiorentina x Juventus. As batidas só fizeram aumentar de volume. Por fim, xingando os turistas, ele saiu da sala pisando firme e desceu o corredor estreito em direção ao som. A meio caminho da porta, parou diante da imensa grade de aço que permanecia trancada no meio daquele corredor, a não ser durante umas poucas horas específicas.

Inseriu o segredo do cadeado para destrancar a grade e a puxou para um dos lados. Depois de atravessar, obedeceu ao protocolo e voltou a trancar a grade atrás de si. Então caminhou até a porta de madeira cinza.

– *È chiuso!* – gritou, esperando que a pessoa atrás da porta o ouvisse. – *Non si può entrare!*

As batidas continuaram.

Ernesto trincou os dentes. *Nova-iorquinos*, apostou. *Quando querem uma coisa, não sossegam até conseguir*. O único motivo para que o New York Red Bulls estivesse tendo algum sucesso no futebol mundial era ter roubado um dos melhores técnicos europeus.

As batidas continuaram. Ernesto destrancou a porta com relutância e a entreabriu apenas alguns centímetros.

– *È chiuso!*

As batidas enfim pararam e ele se viu cara a cara com um soldado de olhos tão

frios que o fizeram dar um passo atrás. O homem ergueu um crachá oficial com uma sigla que Ernesto não reconheceu.

– *Cosa succede?!* – quis saber o segurança, alarmado. *O que está acontecendo?*

Atrás do soldado, um segundo homem agachado mexia no que parecia ser um helicóptero de brinquedo. Mais longe ainda, outro soldado montava guarda diante da escada. Ernesto ouviu sirenes de polícia ao longe.

– O senhor fala inglês? – O sotaque do soldado com certeza não era nova-iorquino. *Seria de algum lugar da Europa?*

Ernesto assentiu.

– Um pouco, sim.

– Alguém passou por esta porta hoje de manhã?

– *No, signore. Nessuno*.

– Excelente. Mantenha-a trancada. Ninguém entra, ninguém sai. Fui claro?

Ernesto deu de ombros. O seu trabalho era esse mesmo.

– *Sì*, entendi. *Non deve entrare, né uscire nessuno.*

– Mais uma coisa: esta porta é a única entrada?

Ernesto refletiu sobre a pergunta. Tecnicamente, hoje em dia aquela porta era considerada uma *saída*, por isso não tinha maçaneta do lado de fora, mas ele entendeu o que o homem estava perguntando.

– Sim, *l'accesso* só por esta porta. Não tem outro caminho. – Fazia muitos anos que a entrada original dentro do palácio estava condenada.

– E existe alguma outra saída secreta dos Jardins de Boboli? Além dos portões tradicionais?

– *No, signor*e. Muros altos por todos os lados. Esta é a única saída secreta.

O soldado assentiu.

– Obrigado pela ajuda.

Ele fez um gesto para que Ernesto fechasse e trancasse a porta.

Intrigado, o segurança obedeceu. Então tornou a subir o corredor, destrancou a grade de aço, atravessou-a, tornou a trancá-la atrás de si e voltou para a sua partida de futebol.

CAPÍTULO 30

Langdon e Sienna viram uma oportunidade e a aproveitaram.

Enquanto o soldado musculoso esmurrava a porta, eles haviam engatinhado mais para o fundo da gruta e estavam agora encolhidos na última câmara. O pequeno espaço era enfeitado com mosaicos e sátiros esculpidos de forma grosseira. No centro havia uma escultura em tamanho real de uma *Vênus agachada* na qual a deusa, de forma bem apropriada, parecia espiar nervosa por cima do ombro.

Eles agora aguardavam escondidos atrás do estreito pedestal da estátua, de frente para a solitária estalagmite em forma de globo que escalava a parede mais profunda da gruta.

– Bloqueio de todas as saídas confirmado! – gritou um soldado em algum lugar lá fora. Ele falava inglês com um leve sotaque que Langdon não conseguiu identificar. – Faça o drone decolar outra vez. Vou inspecionar esta caverna aqui.

Langdon sentiu o corpo de Sienna se retesar ao seu lado.

Logo em seguida, botas pesadas caminhavam dentro da gruta. Os passos atravessaram depressa a primeira câmara e ficaram ainda mais altos ao entrar na segunda, vindo direto para cima deles.

Langdon e Sienna se encolheram mais ainda.

– Ei! – gritou outra voz ao longe. – Encontramos os dois!

Os passos pararam.

Langdon ouviu o barulho de alguém correndo pelo caminho de cascalho em direção à gruta.

– Eles foram vistos! – declarou a voz ofegante. – Acabamos de falar com dois turistas. Eles disseram que, há poucos minutos, o homem e a mulher perguntaram como chegar ao museu da indumentária que fica do outro lado, no extremo oeste do *palazzo*.

Langdon olhou para Sienna, que lhe pareceu abrir um sorriso fraco.

O soldado recuperou o fôlego e prosseguiu:

– As saídas oeste foram as primeiras a serem isoladas, e estamos confiantes de que eles estejam presos dentro dos jardins.

– Execute a missão – retrucou o soldado mais próximo. – E me avise assim que tiver sucesso.

Houve um ruído de passos se afastando pelo cascalho, o som do drone tornando a levantar voo e, então, graças a Deus, um silêncio total.

Langdon estava prestes a girar para o lado e espiar ao redor do pedestal quando Sienna segurou o seu braço para detê-lo. Ela levou um dedo aos lábios e indicou com a cabeça uma sombra humanoide indistinta que se destacava na parede dos fundos. O líder dos soldados continuava parado em silêncio na entrada da gruta.

O que ele está esperando?!

– Aqui é Brüder – disse ele de repente. – Eles estão encurralados. Devo ter uma confirmação em breve.

A voz do homem soava assustadoramente próxima, como se ele estivesse parado bem ao lado deles. A acústica da caverna absorvia todos os sons e os concentrava no fundo.

– E não é só isso – prosseguiu Brüder. – Acabei de receber uma atualização da equipe de criminalística. O apartamento da mulher parece ter sido sublocado: pouca mobília, sem dúvida era provisório. Localizamos o tubo, mas o projetor não estava no local. Repito, o projetor *não* estava no local. Supomos que Langdon ainda esteja com ele.

Langdon sentiu um arrepio ao ouvir o soldado dizer seu nome.

Os passos ficaram mais altos e ele percebeu que o homem entrava de novo na gruta. Sua passada não soava tão firme quanto antes e ele parecia estar apenas andando sem rumo, explorando a gruta enquanto falava ao telefone.

– Correto – disse o soldado. – A equipe também confirmou que só uma ligação foi feita antes de invadirmos o apartamento.

O consulado americano, pensou Langdon, lembrando-se da conversa ao telefone que resultara na chegada quase imediata da assassina de cabelos espetados. A mulher parecia ter desaparecido, substituída por uma equipe completa de soldados bem treinados.

Não vamos conseguir fugir deles para sempre.

O som das botas do soldado no chão de pedra agora estava a apenas uns 5 metros de distância e continuava a se aproximar. Ele havia chegado à segunda câmara e, se continuasse andando até o final, com certeza veria os dois agachados atrás do pedestal estreito da *Vênus*.

– Sienna Brooks – declarou o homem de repente; suas palavras soaram claríssimas.

Sienna se sobressaltou ao lado de Langdon e olhou para cima, obviamente esperando ver o soldado de pé, a encarando. Mas não havia ninguém ali.

– Estão analisando o laptop dela agora – continuou a voz, a menos de 3 metros. – Ainda não recebi o relatório, mas com certeza é a mesma máquina que rastreamos quando Langdon acessou a conta de e-mail dele em Harvard.

Assim que ouviu a notícia, Sienna se virou para Langdon, sem acreditar, encarando-o com uma expressão chocada... e depois como se tivesse sido traída.

Langdon ficou tão pasmo quanto ela. *Foi assim que eles nos rastrearam?!* A possibilidade nem lhe passara pela cabeça na hora. *Eu só precisava de informação!* Antes que ele pudesse pensar num pedido de desculpas, Sienna já havia desviado os olhos, agora com o rosto inexpressivo.

– Correto – falou o soldado, chegando à entrada da terceira câmara, a menos de 2 metros de Langdon e Sienna. Mais uns poucos passos e conseguiria vê-los. – Exato – disse ele, aproximando-se mais um passo. De repente, o soldado se deteve. – Espere um instante.

Langdon congelou, preparando-se para ser descoberto.

– Espere aí, não estou ouvindo bem – disse o soldado, recuando alguns passos em direção à segunda câmera. – O sinal ficou ruim. Prossiga... – Ficou ouvindo por alguns segundos antes de responder: – Sim, concordo, mas pelo menos sabemos com quem estamos lidando.

Com essas palavras, seus passos se afastaram da gruta, atravessaram a superfície de cascalho e então silenciaram por completo.

Os ombros de Langdon relaxaram e ele se virou para Sienna, cujos olhos ardiam com uma mistura de medo e raiva.

– Você usou meu laptop?! – perguntou ela. – Para checar seus e-mails?

– Desculpe, achei que você fosse entender. Eu precisava descobrir...

– Foi assim que eles nos encontraram! E agora sabem o meu nome!

– Sinto muito, Sienna. Eu não sabia que... – A culpa o torturava.

Sienna se virou para o outro lado, fitando com uma expressão vazia a estalagmite arredondada na parede dos fundos. Os dois passaram quase um minuto calados. Langdon imaginava se Sienna ainda se lembrava dos objetos pessoais empilhados na mesa: o programa de *Sonhos de uma noite de verão* e os recortes de jornal sobre sua vida de criança prodígio. *Será que ela suspeita que eu tenha visto essas coisas?* De todo modo, não parecia disposta a questioná-lo e Langdon já estava encrencado demais com ela para tocar no assunto.

– Eles sabem quem eu sou – repetiu Sienna, com uma voz tão baixa que Langdon mal conseguiu ouvi-la.

Nos dez segundos seguintes, ela respirou fundo várias vezes, bem devagar, como se tentasse assimilar aquela nova realidade. Langdon sentiu que, aos poucos, isso a deixava cada vez mais decidida.

Sem aviso, ela se levantou.

– Temos que sair daqui – falou. – Eles não vão demorar para perceber que não estamos no museu da indumentária.

Langdon também se levantou.

– Sim, mas para onde vamos?

– Para a Cidade do Vaticano?

– Como é que é?

– Finalmente entendi o que você quis dizer mais cedo... o que a Cidade do Vaticano e os Jardins de Boboli têm em comum. – Ela gesticulou em direção à pequena porta cinza. – A entrada é ali, não é?

Langdon assentiu.

– Na verdade, ali é a saída, mas achei que valia a pena tentar. Infelizmente, não dá para passar. – Ele escutara uma parte suficiente do diálogo entre o segurança e o soldado para saber que aquela porta não era uma alternativa.

– Mas se *desse* para passar, você sabe o que isso significaria? – indagou Sienna, com um traço de malícia ressurgindo na voz. Um leve sorriso atravessou seus lábios. – Seria a segunda vez hoje que o mesmo artista da Renascença iria nos ajudar.

Langdon não pôde conter uma risadinha, pois havia pensado na mesma coisa poucos minutos antes.

– *Vasari. Vasari.*

O sorriso de Sienna se abriu mais e Langdon percebeu que ela o havia perdoado, pelo menos por enquanto.

– Acho que é um sinal divino – declarou ela, meio brincando, meio a sério. – Temos que passar por aquela porta.

– Está bem. E o que você sugere? Que passemos tranquilamente pelo segurança?

Sienna estalou os dedos e saiu da gruta.

– Vou dar uma palavrinha com ele. – Ela olhou para Langdon por cima do ombro, com uma chama ardendo em seus olhos. – Acredite, professor, posso ser muito persuasiva quando preciso.

* * *

Alguém voltou a esmurrar a pequena porta cinza.

Batidas firmes, insistentes.

Ernesto Russo resmungou, contrariado. O estranho soldado de olhos frios parecia ter voltado, mas não poderia ter escolhido hora pior. O jogo de futebol estava na prorrogação, a Fiorentina tinha um homem a menos e ia perder a partida.

As batidas continuaram.

Ernesto não era bobo. Sabia que estava havendo algum problema lá fora, com todas aquelas sirenes e soldados, mas nunca fora de se envolver em questões que não o afetassem diretamente.

Pazzo è colui che bada ai fatti altrui. Melhor não meter o nariz onde não era chamado.

Por outro lado, estava claro que o soldado era alguém importante, portanto não seria muito inteligente ignorá-lo. Ultimamente, estava difícil arrumar emprego na Itália, mesmo um emprego chato. Depois de dar uma última olhada no jogo, Ernesto

foi até a porta.

Ainda não conseguia acreditar que era pago para ficar sentado o dia inteiro naquela salinha minúscula, assistindo à TV. Umas duas vezes por dia, talvez, um grupo de VIPs aparecia por ali, depois de vir andando da Galleria degli Uffizi. Ernesto os recebia, destrancava a grade de metal e deixava os visitantes atravessarem a pequena porta cinza, onde seu tour iria terminar nos Jardins de Boboli.

Agora, com as batidas cada vez mais fortes, Ernesto abriu o portão de aço e o atravessou, tornando a trancá-lo depois de passar.

– *Sì?* – gritou mais alto do que as batidas enquanto seguia a passos rápidos em direção à porta cinza.

Ninguém respondeu. O barulho continuou.

Insomma! Ele finalmente destrancou a porta e a abriu, esperando ver o mesmo olhar sem vida de instantes atrás.

Dessa vez, porém, o rosto do outro lado era muito mais atraente.

– *Ciao* – disse uma loura bonita com um sorriso encantador.

Ela estendeu-lhe um papel dobrado e, por impulso, Ernesto esticou a mão para pegá-lo. Assim que apanhou o papel e percebeu que se tratava apenas de lixo recolhido no chão, a mulher agarrou-lhe o punho com as mãos esguias e enterrou um dos polegares bem na articulação do carpo, logo abaixo da palma da mão.

Foi como se uma faca lhe tivesse decepado a mão. A pontada lancinante foi seguida por um choque de dormência. A mulher deu um passo em sua direção e a pressão aumentou de forma exponencial, reiniciando o ciclo de dor. O segurança cambaleou para trás, tentando libertar o braço, mas suas pernas perderam a força, cederam sob o corpo e ele caiu de joelhos.

O resto aconteceu num piscar de olhos.

Um homem alto de terno escuro surgiu no vão da porta aberta, entrou no corredor e a fechou depressa atrás de si. Ernesto tentou pegar o rádio, mas a mulher apertou-lhe a nuca uma única vez com a mão delicada e seus músculos se contraíram, deixando-o sem ar. Ela pegou o rádio ao mesmo tempo que o homem alto se aproximava, parecendo tão alarmado pelas atitudes da companheira quanto o próprio Ernesto.

– *Dim mak* – disse a loura para o homem alto em tom casual. – A técnica chinesa dos pontos de pressão. Não é à toa que ela existe há três milênios.

O homem apenas a encarou, perplexo.

– *Non vogliamo farti del male* – sussurrou a mulher para Ernesto, aliviando a pressão em seu pescoço. *Não queremos machucá-lo*.

Assim que a pressão diminuiu, Ernesto tentou se desvencilhar, mas a pressão logo voltou e seus músculos tornaram a se contrair. Ele arquejou de dor, mal conseguindo

respirar.

– *Dobbiamo passare* – disse ela. *Precisamos passar*. A mulher gesticulou para o portão de aço, que Ernesto por sorte havia trancado atrás de si. – *Dov'è la chiave?*

– *Non ce l'ho* – conseguiu dizer ele. *Eu não tenho a chave*.

O homem alto passou por eles em direção à grade e examinou a tranca.

– É um cadeado com segredo – falou para a mulher. Ele tinha sotaque americano.

Ela se ajoelhou ao lado de Ernesto; seus olhos castanhos eram frios como gelo.

– *Qual è la combinazione?* – quis saber.

– *Non posso!* – respondeu ele. – Não estou autorizado a...

Alguma coisa aconteceu no alto da sua coluna vertebral e Ernesto sentiu o corpo todo amolecer. Um segundo depois, apagou.

◆ ◆ ◆

Quando voltou a si, Ernesto percebeu que havia passado vários minutos recobrando a consciência e tornando a desmaiar. Lembrava-se de uma conversa, de novas pontadas de dor... de ser arrastado, talvez? Estava tudo embaralhado.

Quando sua mente clareou, viu algo estranho: seus sapatos estavam largados no chão ao seu lado, sem os cadarços. Só então percebeu que mal conseguia se mover. Estava deitado de lado com as mãos e os pés amarrados nas costas, provavelmente pelos próprios cadarços. Tentou gritar, mas não conseguiu emitir som algum. Estava com uma das meias enfiada na boca. O verdadeiro momento de pavor, porém, veio logo em seguida, quando ele ergueu os olhos e viu o aparelho de TV transmitindo a partida de futebol. *Estou na minha sala... do lado de DENTRO do portão?!*

Ao longe, pôde ouvir o som de passos rápidos se afastando pelo corredor, e então, pouco a pouco, os passos foram engolidos pelo silêncio. *Non è possibile!* De alguma forma, a loura conseguira convencê-lo a fazer a única coisa que ele não deveria fazer em hipótese alguma naquele emprego: revelar o segredo do cadeado da entrada do famoso Corredor Vasari.

CAPÍTULO 31

A Dra. Elizabeth Sinskey sentia as ondas de enjoo e tontura chegarem mais rápido agora. Estava afundada no banco de trás da van estacionada em frente ao Palazzo Pitti. O soldado ao seu lado a observava com uma preocupação crescente.

Segundos antes, o rádio do soldado havia chiado, berrando algo sobre um museu da indumentária que fizera Elizabeth despertar da escuridão da própria mente, na qual ela sonhava com o monstro de olhos verdes.

Estava de volta à sala escura no Conselho de Relações Exteriores em Nova York, ouvindo os delírios ensandecidos do misterioso estranho que a havia chamado até lá. O homem envolto em sombras andava de um lado para outro na frente da sala – uma silhueta alta e magra destacada contra a pavorosa imagem projetada no monitor: a multidão de corpos nus e moribundos inspirada pelo *Inferno* de Dante.

– Alguém precisa travar essa guerra – concluiu o vulto – ou *esse* será o nosso futuro. Isso é matematicamente certo. A humanidade agora está vivendo em um purgatório de procrastinação, indecisão e ganância pessoal... mas os círculos do Inferno estão à espera, bem debaixo dos nossos pés, aguardando para consumir a todos nós.

Elizabeth ainda estava atordoada com as ideias monstruosas que aquele homem havia exposto. Por fim, não pôde mais suportar e se levantou com um pulo:

– O que está sugerindo é...

– A única opção que nos resta – interrompeu ele.

– Na verdade, eu ia dizer "criminoso"! – retrucou ela.

O homem deu de ombros.

– O caminho do Paraíso passa pelo centro do Inferno. Dante nos ensinou isso.

– Você é louco!

– Louco! – repetiu o homem, parecendo magoado. – Eu? Discordo. Loucura é a OMS olhar para o abismo e negar sua existência. Loucura é um avestruz enfiar a cabeça na areia enquanto é cercado por uma matilha de hienas.

Antes que Elizabeth pudesse defender sua organização, ele mudou a imagem no monitor.

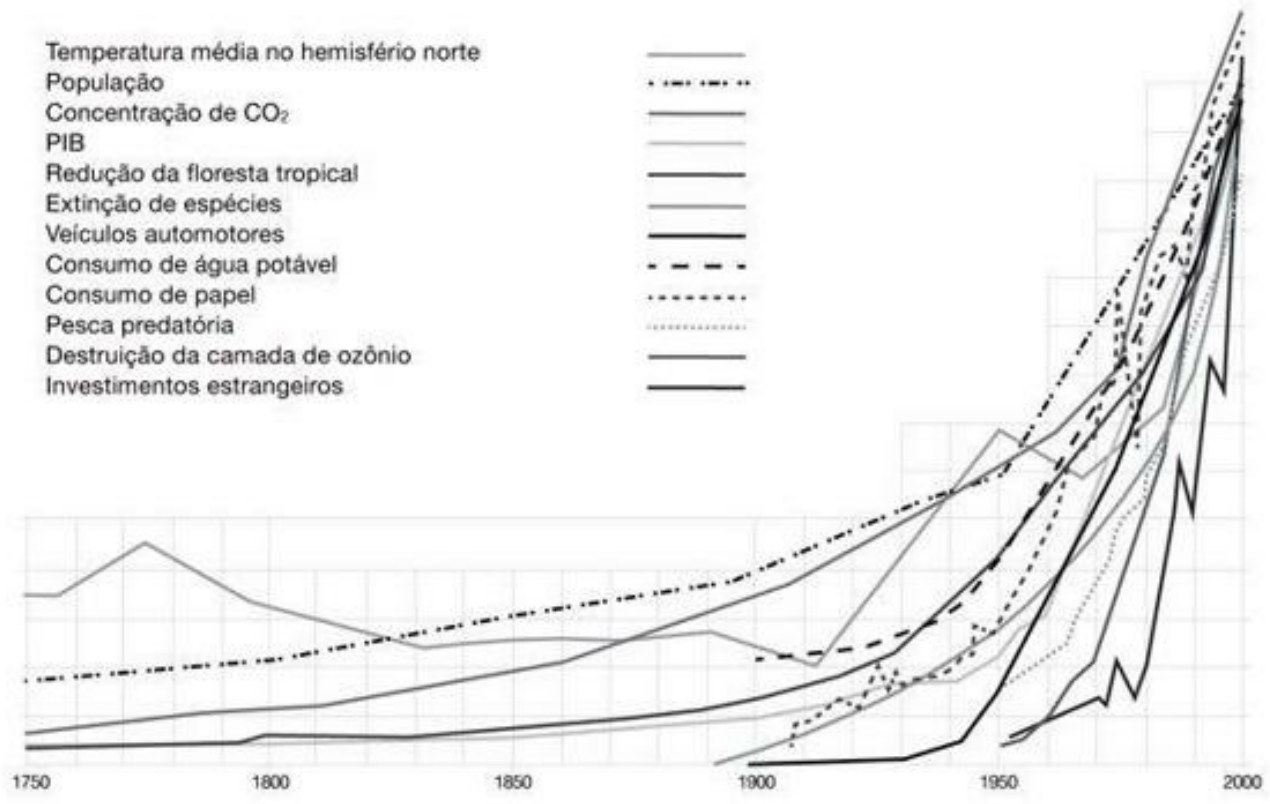
– E, por falar em hienas – disse, apontando para a nova imagem. – Eis a matilha que rodeia a humanidade atualmente... e os animais estão se aproximando depressa.

Elizabeth ficou surpresa ao ver a imagem conhecida. Era um gráfico divulgado

pela OMS no ano anterior enumerando as questões ambientais que, segundo a organização, teriam o maior impacto sobre a saúde global.

A lista incluía, entre outros fatores: demanda por água potável, aquecimento global, destruição da camada de ozônio, esgotamento de recursos oceânicos, extinção de espécies, concentração de gás carbônico, desmatamento e elevação do nível do mar.

Todos esses indicadores negativos haviam aumentado ao longo do último século. Agora, porém, o ritmo de crescimento era aterrorizante.



Elizabeth teve a mesma reação que sempre tinha àquele gráfico: foi invadida por uma sensação de impotência. Como cientista, acreditava na utilidade das estatísticas, e aquele gráfico pintava um quadro assustador, não de um futuro distante... mas de um futuro *muito próximo*.

Muitas vezes na vida, Elizabeth Sinskey fora assombrada por sua incapacidade de conceber um filho, mas quando via aquele gráfico sentia-se quase aliviada por não ter posto outra vida no mundo.

É esse o futuro que eu estaria dando ao meu filho?

– Nos últimos cinquenta anos, nossos pecados contra a Mãe Natureza aumentaram exponencialmente – declarou o homem alto. Ele levou alguns instantes para voltar a falar: – Temo pela alma da humanidade. Quando a OMS divulgou esse gráfico, políticos, pessoas poderosas e ambientalistas do mundo inteiro organizaram conferências de emergência, todas tentando avaliar quais dessas questões eram as mais graves e quais poderíamos ter esperanças reais de solucionar. E qual foi o

resultado? Escondidos, eles cobriram o rosto com as mãos e choraram. Em público, garantiram a todos que estavam buscando soluções, mas que eram questões complexas.

– Mas essas questões *são* complexas!

– Besteira! – explodiu o homem. – A senhora sabe muito bem que esse gráfico representa a mais *simples* das relações, uma função baseada em *uma só* variável! Cada linha dele sobe em proporção direta a um valor que todos têm medo de discutir. A população global.

– Na verdade, acho que é um pouco mais...

– Complicado? – ele interrompeu. – Não é, não! Nada poderia ser mais simples. Se quisermos ter mais água potável per capita, precisamos de menos gente no mundo. Se quisermos diminuir as emissões de gases poluentes por veículos automotores, precisamos de menos motoristas. Se quisermos que os oceanos consigam repor seus cardumes, precisamos de menos gente comendo peixe!

Ele a fuzilou com o olhar e seu tom ficou ainda mais contundente.

– Abra os olhos! Estamos à beira do fim da humanidade e o que nossos líderes mundiais fazem é ficar sentados em seus gabinetes encomendando estudos sobre energia solar, reciclagem e carros híbridos? Como é que a *senhora*, uma cientista tão instruída, não consegue enxergar a verdade? Destruição da camada de ozônio, falta d'água e poluição não são a doença... são os *sintomas*. A *doença* é a superpopulação. Ou encaramos esse problema, ou estamos só pondo um Band-Aid em cima de um tumor maligno e agressivo.

– Você considera a raça humana um câncer? – perguntou Elizabeth.

– Um câncer não é nada além de uma célula saudável que começa a se replicar de forma desenfreada. Estou vendo que a senhora considera as minhas ideias de extremo mau gosto, mas posso garantir que a alternativa vai lhe parecer bem mais desagradável quando chegar. Se não tomarmos medidas drásticas...

– Drásticas?! – disparou ela. – *Drásticas* não é bem a palavra que o senhor está procurando. Que tal *insanas?*

– Dra. Sinskey – começou o homem, sua voz agora estranhamente calma –, eu a chamei aqui porque esperava que a senhora, uma voz sábia na Organização Mundial da Saúde, talvez estivesse disposta a trabalhar comigo e estudar uma possível solução.

Elizabeth o encarou com uma expressão incrédula.

– Acha mesmo que a OMS vai se associar a você... para estudar uma ideia *dessas*?

– Sim, acho – disse ele. – A sua organização é composta por médicos. Quando médicos veem um paciente com gangrena, não hesitam em lhe amputar a perna para salvar sua vida. Às vezes a única solução viável é o menor de dois males.

– Mas estamos falando de uma coisa bem diferente.

– Não. É *idêntica*. A única diferença é de escala.

Elizabeth já tinha ouvido o bastante. Levantou-se abruptamente.

– Preciso pegar um avião.

O homem alto deu um passo ameaçador em sua direção, impedindo-a de sair.

– Só um aviso: posso muito bem explorar esta ideia sozinho, mesmo sem a sua cooperação.

– Só um aviso – retrucou Elizabeth. – Considero o que o senhor acabou de dizer uma ameaça terrorista e é assim que irei tratar o assunto.

Ela sacou o celular.

O homem riu.

– A senhora vai me denunciar por discutir hipóteses? Infelizmente sua ligação vai ter que esperar. Esta sala tem bloqueio eletromagnético. Seu telefone está sem sinal.

Não preciso de sinal, seu lunático. Elizabeth ergueu o celular e, antes que o homem pudesse entender o que estava acontecendo, tirou uma foto do seu rosto. O flash refletiu nos olhos verdes e, por um instante, ela pensou que ele parecia familiar.

– Não sei quem é você – falou –, mas me chamar aqui foi um erro. Quando eu chegar ao aeroporto, já vou saber seu nome e você estará nas listas de observação da OMS e do Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos Estados Unidos e da Europa como um bioterrorista em potencial. Pessoas irão vigiá-lo dia e noite. Se tentar comprar materiais, nós vamos saber. Se montar um laboratório, nós vamos saber. Não vai ter onde se esconder.

O homem ficou parado por vários instantes, tenso e calado, como se fosse tentar pegar seu telefone. Por fim, relaxou e deu um passo de lado com um sorriso sinistro.

– Então parece que nosso jogo começou.

CAPÍTULO 32

Il Corridoio Vasariano – o Corredor Vasari – foi projetado por Giorgio Vasari em 1564 a pedido do chefe da família Médici, o grão-duque Cosmo I, para servir como uma passagem segura entre sua residência no Palazzo Pitti e seus escritórios administrativos na margem oposta do rio Arno, no Palazzo Vecchio.

Nos moldes do famoso Passetto da Cidade do Vaticano, o Corredor Vasari era uma passagem secreta no sentido mais puro do termo. Estendia-se por quase um quilômetro do canto leste dos Jardins de Boboli até o coração do velho palácio, depois de atravessar a Ponte Vecchio e de serpentear pela Galleria degli Uffizi.

Hoje em dia, o Corredor Vasari ainda servia de porto seguro, não mais para aristocratas da família Médici, mas para obras de arte: com sua área aparentemente infinita de paredes seguras, o corredor abrigava inúmeros quadros raros – excedentes da famosa Galleria degli Uffizi.

Alguns anos atrás, Langdon passeara com tranquilidade pelo corredor durante um tour particular. Naquela tarde, havia parado a fim de admirar seu deslumbrante acervo de quadros, que incluía a mais extensa coleção de autorretratos do mundo. Também se detivera várias vezes para espiar pelas janelas panorâmicas pelo caminho, graças às quais os visitantes podiam avaliar seu progresso ao longo do corredor elevado.

Nessa manhã, porém, Langdon e Sienna atravessaram o corredor às pressas, querendo abrir a maior distância possível em relação a seus perseguidores na extremidade oposta. Langdon se perguntou quanto tempo o guarda amarrado levaria para ser encontrado. Vendo o túnel se estender à sua frente, sentiu que este os conduzia cada vez para mais perto do que estavam buscando.

Cerca trova... os olhos da morte... e a revelação de quem está me perseguindo.

A essa altura, o zumbido distante do drone de reconhecimento já estava muito longe deles. Quanto mais avançavam pelo túnel, mais Langdon se lembrava de como a sua construção havia sido uma ambiciosa façanha arquitetônica. Elevado acima da cidade por quase toda a sua extensão, o Corredor Vasari parecia uma grossa serpente que ondulava por vários edifícios desde o Palazzo Pitti, atravessava o Arno e entrava no coração da antiga Florença. A passagem estreita e caiada parecia se estender por uma eternidade, fazendo leves curvas para a esquerda ou para a direita de modo a evitar algum obstáculo, mas seguindo sempre no sentido leste... rumo ao outro lado do rio.

O som repentino de vozes ecoou à sua frente no corredor e Sienna parou de correr. Langdon também se deteve, pousando uma das mãos no ombro dela para acalmá-la. Ele fez um gesto em direção a uma janela panorâmica perto de onde estavam.

Turistas lá embaixo.

Langdon e Sienna foram até a janela; ao olharem para fora, viram que estavam passando por cima da Ponte Vecchio – a estrutura de pedra medieval que permite o acesso de pedestres à cidade velha. Lá embaixo, os primeiros turistas do dia visitavam o mercado que a ponte abrigava desde o século XV. Hoje em dia os vendedores eram em sua maioria ourives e joalheiros, mas nem sempre fora assim. Originalmente, a ponte era um grande mercado de carne a céu aberto, mas os açougueiros foram banidos em 1593, depois que o odor fétido de carne estragada subiu até o Corredor Vasari e ofendeu as delicadas narinas do grão-duque.

Em um determinado local daquela ponte, lembrou Langdon, fora cometido um dos mais conhecidos crimes de Florença. Em 1216, um jovem nobre chamado Buondelmonte havia recusado o casamento arranjado pela família por causa de seu verdadeiro amor e, por essa decisão, fora brutalmente assassinado.

Sua morte, considerada por muito tempo "o assassinato mais sangrento de Florença", devia essa reputação ao fato de ter sido o estopim de uma discórdia entre duas poderosas facções políticas – guelfos e gibelinos –, que, por séculos a fio, combateram uma à outra de modo implacável. Como essa disputa política fora a origem do exílio de Dante, o poeta imortalizara com amargura o ocorrido na *Divina Comédia*: *Ó Buondelmonte, por desventura deste ouvido à voz alheia e teu noivado não honraste, causando um mal tamanho!*

Até hoje, duas placas distintas – cada uma com a citação de um verso do Canto XVI do *Paraíso* de Dante – podem ser vistas perto do local do crime. Uma delas, situada logo no início da Ponte Vecchio, declara em tom sombrio:

MAS JULGOU A PEDRA MUTILADA QUE A PONTE GUARDA
QUE URGIA A FLORENÇA OFERECER UM SACRIFÍCIO
EM SEU DERRADEIRO MOMENTO DE PAZ.

Langdon desviou os olhos da ponte para as águas turvas. A leste, a torre solitária do Palazzo Vecchio parecia chamá-los.

Embora Sienna e ele houvessem atravessado apenas metade do rio Arno, não teve dúvidas de que o ponto sem volta já ficara para trás havia muito tempo.

◆ ◆ ◆

Uns 10 metros mais abaixo, nos paralelepípedos da Ponte Vecchio, Vayentha observava ansiosa as pessoas que vinham na sua direção; jamais poderia imaginar que, segundos antes, sua única chance de redenção passava bem acima de sua

cabeça.

CAPÍTULO 33

Nas entranhas do *Mendacium* ancorado, sentado sozinho em sua saleta, o facilitador Knowlton tentava em vão se concentrar no trabalho. Muito apreensivo, tornara a pôr o vídeo para ser reproduzido e passara a última meia hora analisando o monólogo de nove minutos que oscilava entre a genialidade e a loucura.

Repassou o vídeo desde o início em modo acelerado à procura de alguma pista que talvez houvesse deixado escapar. Viu a placa submersa e o saco flutuante cheio daquele líquido turvo marrom-amarelado até chegar ao momento em que surgia a sombra bicuda: uma silhueta deformada projetada na parede gotejante de uma caverna e iluminada por uma tênue luz vermelha.

Escutou a voz abafada, tentando decifrar a linguagem elaborada. Mais ou menos no meio do discurso, a sombra na parede se agigantou de repente e o som da voz se intensificou.

> O *Inferno* de Dante não é ficção... é uma profecia!
>
> Agonia extrema. Angústia torturante. Esse é o retrato do futuro.
>
> A humanidade, quando não controlada, funciona como uma praga, um câncer: nosso número se multiplica a cada geração até os confortos terrenos que um dia nutriram nossa virtude e fraternidade se reduzirem a nada, revelando os monstros que vivem dentro de nós quando somos obrigados a lutar até a morte para alimentar nossos filhos.
>
> É esse o Inferno de nove círculos de Dante.
>
> É isso que nos espera.
>
> Enquanto o futuro se aproxima de modo descontrolado, alimentado pela implacável matemática de Malthus, nós tentamos nos equilibrar à beira do primeiro círculo do Inferno... prestes a despencar mais depressa do que poderíamos imaginar.

Knowlton pausou a gravação. *Matemática de Malthus?* Uma rápida busca na internet lhe informou sobre o proeminente matemático e demógrafo inglês do século XIX Thomas Robert Malthus, famoso por ter previsto que a superpopulação conduziria a um futuro colapso global.

A biografia de Malthus incluía um trecho perturbador de seu livro *Ensaio sobre o princípio da população* que deixou o facilitador muito alarmado.

> O poder da população é tão superior à capacidade da Terra de produzir meios de subsistência para o homem que a morte prematura chegará, de uma forma ou de outra, à raça humana. Os vícios da humanidade agem de forma ativa e eficaz no controle da população. Eles são os precursores do grande exército da destruição e muitas vezes terminam eles próprios o terrível trabalho que iniciam. No entanto, se fracassam nessa guerra de extermínio, moléstias sazonais, epidemias e peste avançam em pavorosa sucessão, ceifando milhares, dezenas de milhares de vidas. Se mesmo assim o sucesso não é alcançado, uma fome colossal e inevitável vem em seguida, nivelando com um golpe poderoso

a população mundial à quantidade de comida disponível.

Com o coração aos pulos, ele tornou a olhar para a imagem imóvel da sombra bicuda.

A humanidade, quando não controlada, funciona como um câncer.

Quando não controlada. Isso não lhe soava nada bem.

Com um dedo hesitante, ele descongelou a gravação.

A voz abafada prosseguiu:

> Não fazer nada é o mesmo que acolher o Inferno de Dante... amontoados e famintos, chafurdando em Pecado.
> Por isso tive coragem de tomar uma atitude.
> Alguns se encolherão de horror, mas toda salvação tem seu preço.
> Um dia o mundo irá entender a beleza do meu sacrifício.
> Pois eu sou a sua Salvação.
> Eu sou a Sombra.
> Eu sou o portal que conduz à era Pós-humana.

CAPÍTULO 34

O Palazzo Vecchio parece uma peça de xadrez gigante. Com sua fachada quadrangular robusta e ameias quadradas de cantaria rústica, o enorme e bem posicionado edifício parecido com uma torre protege a extremidade sudeste da Piazza della Signoria.

Uma solitária agulha, incomum a esse tipo de construção, ergue-se descentralizada do interior da fortaleza quadrada e traça um contorno característico no horizonte de Florença, da qual se tornou um símbolo inimitável.

Construído como uma poderosa sede para o governo italiano, o edifício recebe seus visitantes com um conjunto intimidador de estátuas masculinas. O musculoso *Netuno* de Ammannati, de pé em uma plataforma sobre quatro cavalos, simboliza o domínio de Florença sobre os mares. Uma réplica do *Davi* de Michelangelo – talvez o nu masculino mais admirado do mundo – ergue-se, em toda a sua glória, à entrada do *palazzo*. Ao *Davi* se somam *Hércules* e *Caco* – mais dois colossais homens nus –, que, junto com o grupo de sátiros em volta de Netuno, levam a mais de uma dúzia o número total de pênis que recebem os turistas.

Normalmente, todas as visitas de Langdon ao Palazzo Vecchio começavam ali, na Piazza della Signoria que, apesar do excesso de genitálias masculinas, sempre tinha sido uma de suas praças favoritas na Europa. Nenhuma ida à *piazza* estaria completa sem um *espresso* no Caffè Rivoire, seguido por uma visita aos leões dos Médici na Loggia dei Lanzi – a galeria de esculturas a céu aberto que ela abrigava.

Dessa vez, no entanto, Langdon e Sienna planejavam entrar no Palazzo Vecchio pelo Corredor Vasari, como os duques da família Médici deviam fazer em sua época: sem passar pela famosa Galleria degli Uffizi, serpenteando acima de pontes e ruas e atravessando prédios até chegar ao coração do antigo palácio. Até ali, não tinham ouvido nenhum sinal de passos atrás deles, mas Langdon continuava ansioso para sair daquele corredor.

Chegamos, percebeu, ao fitar a pesada porta de madeira à sua frente. *A entrada do velho palácio.*

Apesar do considerável mecanismo de travamento, a porta era equipada com uma barra antipânico horizontal que lhe conferia as características de uma saída de emergência, mas ao mesmo tempo impedia a entrada no Corredor Vasari pelo outro lado sem um cartão magnético.

Langdon colou a orelha à porta para escutar. Como não ouviu nada do outro lado,

pôs as mãos na barra e a empurrou de leve.

A fechadura fez um clique.

Quando a porta de madeira se entreabriu alguns centímetros, Langdon espiou o que havia além dela. Um pequeno nicho. Vazio. Silencioso.

Com um leve suspiro de alívio, atravessou a porta e gesticulou para que Sienna o seguisse.

Entramos.

Parado naquele nicho isolado dentro do Palazzo Vecchio, Langdon esperou alguns instantes e tentou se situar. À sua frente estendia-se um longo corredor perpendicular ao nicho. À esquerda, ao longe, vozes calmas e alegres ecoavam pelo corredor. Assim como o prédio do Capitólio em Washington, nos Estados Unidos, o Palazzo Vecchio era ao mesmo tempo atração turística e repartição pública. Àquela hora, as vozes que ouviam deviam ser de funcionários entrando e saindo de salas, preparando-se para o dia.

Langdon e Sienna seguiram devagar em direção ao outro corredor e espiaram pela quina da parede. Como já era de esperar, lá no final havia um átrio no qual uns dez funcionários públicos faziam hora, bebericando seus *espressi* matinais e batendo papo com os colegas antes de começar o expediente.

– Você disse que o mural de Vasari fica no Salão dos Quinhentos? – sussurrou Sienna.

Langdon assentiu e apontou para além do átrio abarrotado em direção a um pórtico que dava para um corredor de pedra.

– Infelizmente, temos que passar por aquele átrio.

– Tem certeza?

Ele assentiu.

– Nunca vamos conseguir passar sem que nos vejam.

– Eles são funcionários públicos. Não têm o menor interesse em nós. Basta andar como se trabalhasse aqui.

Sienna alisou o paletó Brioni de Langdon e ajeitou seu colarinho.

– Você está bem apresentável, Robert. – Ela lhe abriu um sorriso recatado, ajeitou o próprio suéter e saiu andando.

Langdon partiu apressado atrás dela. Os dois caminharam a passos largos e decididos rumo ao átrio. Assim que chegaram lá, Sienna começou a gesticular de modo animado enquanto falava rapidamente em italiano – algo sobre subsídios agrícolas. Os dois se mantiveram junto à parede externa, sem chegar perto dos outros. Para espanto de Langdon, nenhum dos funcionários estranhou sua presença ali.

Atravessado o átrio, eles seguiram depressa em direção ao corredor. Langdon se lembrou de seu personagem na peça de Shakespeare. *Puck, o espírito travesso*.

– Você é uma boa atriz – sussurrou.

– Tive que ser – disse ela em tom pensativo, com a voz estranhamente distante.

Mais uma vez, Langdon sentiu que o passado daquela mulher guardava mais mágoas do que ele sabia, e isso o fez sentir um remorso ainda maior por tê-la envolvido naquela situação tão arriscada. Mas disse a si mesmo que agora não havia outro jeito senão ir até o fim.

Continuar nadando pelo túnel... e rezar por uma saída.

Quando eles se aproximaram do pórtico, ficou aliviado ao ver que sua memória não havia falhado. Uma pequena placa com uma seta apontava para além de uma curva no corredor e anunciava: IL SALONE DEI CINQUECENTO. *O Salão dos Quinhentos*, pensou Langdon, perguntando-se que respostas o aguardariam lá dentro. *A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte. Que significado isso pode ter?*

– O salão pode ainda estar fechado – avisou ele enquanto os dois se aproximavam da curva.

Embora aquela fosse uma atração turística popular, o *palazzo* ainda não parecia estar aberto à visitação.

– Ouviu isso? – perguntou Sienna, parando de andar.

Langdon tinha ouvido. Um zumbido alto vinha de algum lugar logo depois da curva. *Pelo amor de Deus, não me diga que tem um drone aqui dentro.* Com cautela, ele espiou pela quina da parede. A porta de madeira surpreendentemente simples que dava acesso ao Salão dos Quinhentos estava a uns 30 metros de distância. Por infortúnio, bem no meio do caminho, um servente parrudo traçava círculos desanimados com uma enceradeira elétrica.

O guardião do portal.

Três símbolos em um letreiro de plástico junto à porta atraíram a atenção de Langdon. Decifráveis até para os simbologistas mais amadores, os ícones universais ali mostrados eram: uma câmera de vídeo cortada por um X; um copo cortado por um X; e duas figuras humanas estilizadas, uma feminina e outra masculina.

Langdon tomou a frente e seguiu a passos largos em direção ao servente, pondo-se a trotar ao se aproximar. Sienna teve de dar uma corridinha para alcançá-lo.

O servente ergueu os olhos, aparentando surpresa.

– *Signori?!* – Ele estendeu os braços para a frente, para que Langdon e Sienna parassem.

Langdon abriu um sorriso angustiado para o homem – mais parecia uma careta – e gesticulou para os símbolos próximos à porta, como se pedisse desculpas.

– *Toilette* – declarou, com uma voz forçada. Não era uma pergunta.

O servente hesitou por alguns instantes, parecendo determinado a negar o pedido. No entanto, depois de ver Langdon se contorcer à sua frente, acabou assentindo, solidário, e indicou com um gesto que eles podiam passar.

Quando alcançaram a porta, Langdon deu uma piscadela para Sienna.
– A compaixão é um idioma universal.

CAPÍTULO 35

Houve um tempo em que o Salão dos Quinhentos era o maior do mundo. Foi construído em 1494, como sala de reunião para o Consiglio Maggiore – o Conselho Maior da República Florentina, composto por exatos 500 membros, de onde veio seu nome. Alguns anos depois, sob as ordens de Cosmo I, o salão foi renovado, passando por uma ampliação considerável, e o homem mais poderoso da Itália na época escolheu o grande Giorgio Vasari como supervisor e arquiteto do projeto.

Numa extraordinária façanha de engenharia, Vasari aumentou substancialmente o pé-direito original para permitir que a luz natural entrasse por caixilhos envidraçados altos situados nos quatro cantos do salão, transformando o recinto num elegante showroom de alguns dos mais belos exemplos de arquitetura, escultura e pintura florentinas.

A primeira coisa a atrair o olhar de Langdon naquela sala era sempre o chão, anúncio imediato de que aquele não era um lugar qualquer. O piso de pedra vermelha imitando madeira era entrecruzado por linhas negras, o que dava ao ambiente de cerca de 1.200 metros quadrados um ar de solidez, profundidade e equilíbrio.

Langdon ergueu os olhos devagar até a extremidade oposta do salão, onde seis dinâmicas esculturas – *Os trabalhos de Hércules* – margeavam a parede qual uma falange de soldados. Fez questão de ignorar a difamada *Hércules e Diomedes*, em que dois corpos nus se engalfinhavam em um constrangedor espetáculo de luta livre que incluía uma criativa "chave de pinto" que sempre fazia Langdon se encolher.

Muito mais agradável aos olhos era o deslumbrante *Gênio da vitória*, de Michelangelo, à direita, que dominava o nicho central da parede sul. Com seus quase 2,75 metros de altura, a escultura fora encomendada para o túmulo do ultraconservador papa Júlio II – *Il Papa Terribile*. Langdon sempre havia considerado isso irônico, dada a posição do Vaticano em relação à homossexualidade. A estátua representava Tommaso dei Cavalieri, o rapaz por quem Michelangelo fora apaixonado durante quase a vida inteira e para quem compusera mais de trezentos sonetos.

– Não consigo acreditar que nunca estive aqui antes – sussurrou Sienna ao seu lado, com um tom de reverência na voz. – É lindo.

Langdon assentiu, recordando a primeira vez que visitara aquele lugar: na ocasião de um espetacular concerto de música clássica com a mundialmente renomada

pianista Mariele Keymel. Embora tenha sido projetado para abrigar reuniões políticas particulares e audiências com o grão-duque, o salão agora costumava servir de palco para músicos de sucesso, palestras e jantares de gala – do historiador da arte Maurizio Seracini à festa de inauguração do Museu Gucci, repleta de astros e estrelas. Langdon às vezes se perguntava o que Cosmo acharia de compartilhar seu austero salão privado com modelos e presidentes de empresas privadas.

Ele então olhou para cima, em direção aos enormes murais que enfeitavam as paredes, cuja bizarra história incluía uma técnica de pintura experimental fracassada de Leonardo da Vinci que resultara em uma "obra-prima derretida". Houvera também um "confronto" artístico instigado por Piero Soderini e Maquiavel, que haviam posto no ringue dois titãs da Renascença – Michelangelo e Leonardo –, para criar murais em paredes opostas do mesmo salão.

Nesse dia, porém, Langdon estava mais interessado em outra curiosidade histórica daquele lugar.

Cerca trova.

– Qual deles foi pintado por Vasari? – perguntou Sienna, percorrendo os murais com os olhos.

– Quase todos – respondeu Langdon.

Durante a renovação do salão, Vasari e seus assistentes haviam repintado quase tudo o que havia ali, desde os murais originais até os 39 caixotões que adornavam o famoso teto "suspenso".

– Mas foi *aquele ali* que nós viemos ver – prosseguiu, apontando para o mural mais à direita. – *A batalha de Marciano*.

O confronto militar era simplesmente descomunal – tinha quase 17 metros de largura e mais de três andares de altura. Pintado em tons intensos de marrom e verde, o mural representava um violento panorama de soldados, cavalos, lanças e estandartes a se chocarem no alto de uma colina bucólica.

– Vasari, Vasari – sussurrou Sienna. – Quer dizer que escondida em algum lugar aí tem uma mensagem secreta?

Langdon assentiu enquanto cerrava os olhos em direção à parte superior da gigantesca pintura para tentar localizar um estandarte de batalha verde específico no qual Vasari havia escrito sua misteriosa mensagem – CERCA TROVA.

– É quase impossível ver daqui sem um binóculo – falou, apontando –, mas ali em cima, bem no meio, se você olhar logo abaixo das duas fazendas na encosta da colina, há um estandarte inclinado bem pequenininho e...

– Estou vendo! – exclamou Sienna, apontando para o quadrante superior direito, exatamente onde estava a mensagem.

Langdon desejou ter olhos mais jovens.

Os dois se aproximaram um pouco mais da imponente pintura e ele ergueu os

olhos para o seu esplendor. Enfim estavam ali. O único problema era que ele não sabia ao certo *por quê*. Ficou um bom tempo parado em silêncio, analisando os detalhes da obra-prima de Vasari.

Se eu fracassar... só restará a morte.

Uma porta se abriu com um rangido atrás deles e o servente da enceradeira espiou o interior do salão, parecendo hesitar. Sienna lhe acenou com simpatia. O servente os encarou por alguns instantes e então fechou a porta.

– Robert, nós não temos muito tempo – disse ela, apressando-o. – Você precisa pensar. Esse quadro lhe desperta alguma lembrança?

Langdon esquadrinhou a cena de batalha à sua frente.

A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte.

Achara que o mural talvez pudesse conter algum cadáver cujos olhos mortos estivessem lançando um olhar vazio para alguma outra pista na imagem, ou talvez para outra parte do salão. Para sua tristeza, agora via que o mural continha dezenas de cadáveres, nenhum particularmente digno de nota e nenhum com olhos mortos direcionados para algum ponto em especial.

A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte?

A cabeça de Langdon voltou a latejar enquanto ele sondava as profundezas da própria memória. Em alguma parte lá no fundo, a voz da mulher de cabelos prateados continuava a sussurrar: *Busca e encontrarás*.

Encontrar o quê?!, ele teve vontade de gritar.

Obrigou-se a fechar os olhos e expirar lentamente. Girou os ombros algumas vezes e tentou se libertar de todo e qualquer pensamento consciente, na esperança de conseguir acessar seu instinto mais básico.

Very sorry.

Vasari.

Cerca trova.

A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte.

Seu instinto lhe dizia, sem sombra de dúvida, que ele estava no lugar certo. Além disso, embora ainda não soubesse por que, tinha a clara sensação de estar a poucos instantes de encontrar o que buscavam.

* * *

O agente Brüder fitava com um olhar vazio as calças bufantes e a túnica de veludo vermelho expostas na vitrine à sua frente. Soltou um palavrão com os dentes cerrados. Sua equipe de SMI havia vasculhado o museu da indumentária de cima a baixo, e Langdon e Sienna Brooks não estavam em lugar nenhum.

Suporte ao Monitoramento e Intervenção, pensou com raiva. *Desde quando um professor universitário consegue enganar o SMI? Onde esses dois se meteram?!*

– Todas as saídas foram isoladas – insistiu um de seus homens. – A única possibilidade é que eles ainda estejam nos jardins.

Por mais que isso parecesse fazer sentido, algo dizia a Brüder que Langdon e Sienna Brooks haviam encontrado alguma outra saída.

– Ponham o drone no ar outra vez – ordenou ele, ríspido. – E mandem as autoridades locais ampliarem a área de busca do lado de fora dos muros.

Filhos da mãe!

Enquanto seus homens se afastavam às pressas, ele pegou o celular e ligou para quem chefiava a operação.

– Brüder falando – anunciou. – Temo que estejamos com um problema grave. Vários, na verdade.

CAPÍTULO 36

A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte.

Sienna repetia as palavras mentalmente enquanto vasculhava cada centímetro da brutal cena de batalha de Vasari, na esperança de que algo se destacasse.

Viu olhos da morte por toda parte.

Quais serão os que estamos procurando?!

Pensou se talvez os olhos da morte seriam uma referência a todos os cadáveres putrefatos que a Peste Negra havia espalhado pela Europa.

Pelo menos isso explicaria a máscara da peste...

Do nada, uma cantiga lhe veio à mente: *Um anel em volta da rosa. No bolso flores cheirosas. É pó, é pó. E vamos todos ao chão.*

Costumava recitar essa rima quando criança, na Inglaterra, até descobrir que ela remontava à Grande Peste de Londres de 1665. Supostamente, o anel em volta da rosa fazia referência ao círculo que surgia na pele ao redor de uma pústula rosada e indicava que a pessoa estava infectada. Os doentes carregavam ramalhetes de flores no bolso para tentar disfarçar tanto o cheiro dos próprios corpos em putrefação quanto o fedor da cidade em si, onde centenas de vítimas da peste morriam todos os dias e tinham os corpos cremados. *É pó, é pó. E vamos todos ao chão.*

– Pelo amor de Deus – disse Langdon de repente, virando-se para a parede oposta.

Sienna seguiu seu olhar.

– O que houve?

– É o nome de uma obra de arte que já foi exposta aqui. *Pelo amor de Deus*.

Perplexa, Sienna o viu atravessar às pressas o salão rumo a uma pequena porta de vidro que tentou abrir. Estava trancada. Langdon colou o rosto ao vidro e levou as mãos à testa, protegendo os olhos da claridade para espiar o outro lado.

Fosse lá o que ele estivesse buscando, Sienna torceu para que encontrasse depressa. O servente tinha acabado de reaparecer e sua expressão se tornara ainda mais desconfiada ao ver Langdon cruzar o salão para bisbilhotar através de uma porta trancada.

Sienna acenou alegremente para o servente, mas o homem a fuzilou com um olhar frio e demorado e desapareceu em seguida.

◆ ◆ ◆

Lo Studiolo.

Aninhada atrás de uma porta de vidro, diametralmente oposta às palavras ocultas *cerca trova* no Salão dos Quinhentos, havia uma minúscula câmara sem janelas. Projetada por Vasari como um ateliê secreto para Francisco I, o Studiolo retangular era coberto por um teto abobadado, dando aos seus visitantes a sensação de estarem dentro de um gigantesco baú do tesouro.

O interior, muito apropriadamente, reluzia com lindos objetos. Mais de trinta quadros raros enfeitavam as paredes e o teto, dispostos tão perto uns dos outros que quase não restava espaço vazio nas paredes: *A queda de Ícaro*, *Uma alegoria da vida humana*, *A Natureza presenteando Prometeu com joias maravilhosas*.

Enquanto espiava por trás do vidro aquele espaço deslumbrante, Langdon sussurrou para si mesmo:

– Os olhos da morte.

Sua primeira visita ao interior do Studiolo tinha sido durante um tour particular pelas passagens secretas do *palazzo*, alguns anos antes, quando ficara pasmo ao descobrir a fartura de portas, escadas e corredores ocultos espalhados pelo palácio, como os alvéolos de uma colmeia. Muitas dessas passagens secretas, inclusive, ficavam atrás dos quadros do Studiolo.

Mas não foram essas passagens que haviam acabado de chamar sua atenção. Ele se lembrava de uma ousada obra de arte moderna que certa vez vira exposta ali intitulada *Pelo amor de Deus*, controverso trabalho de Damien Hirst que havia causado furor ao ser exibido no famoso Studiolo de Vasari.

Tratava-se de uma caveira humana em tamanho real feita de platina e incrustada com mais de *oito mil* diamantes reluzentes. O efeito era arrebatador. As órbitas oculares vazias da caveira brilhavam de luz e vida, criando uma perturbadora sobreposição de símbolos antagônicos: vida e morte, beleza e horror. Embora a caveira de diamantes de Hirst tivesse sido removida do Studiolo tempos antes, a lembrança fizera uma ideia ocorrer a Langdon.

Os olhos da morte, pensou ele. *Uma caveira sem dúvida se encaixa nessa definição, não?*

Caveiras eram um tema recorrente no *Inferno* de Dante. O exemplo mais célebre era a brutal punição do conde Ugolino no círculo mais profundo do Inferno, condenado a roer por toda a eternidade o crânio de um arcebispo malvado.

Será que estamos procurando uma caveira?

Ele sabia que o enigmático Studiolo fora construído dentro da tradição de um "gabinete de curiosidades". Quase todos aqueles quadros tinham dobradiças secretas e, uma vez abertos, revelavam armários ocultos nos quais o duque guardava estranhos objetos de seu interesse: amostras de minerais raros, lindas penas de aves, um fóssil perfeito da concha de um molusco e até, rezava a lenda, a tíbia de um

monge decorada com prata trabalhada à mão.

Infelizmente, desconfiava que nenhum desses objetos estivesse mais ali e nunca tinha ouvido falar de nenhuma outra caveira exposta no Studiolo a não ser a de Damien Hirst.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho alto de uma porta batendo na extremidade oposta do salão. Passos rápidos se aproximaram.

– *Signore!* – gritou uma voz irritada. – *Il salone non è aperto!*

Langdon se virou e viu uma funcionária marchando em sua direção. Era baixinha e tinha cabelos curtos e castanhos. Estava grávida de muitos meses. Ela cutucava o relógio e gritava alguma coisa sobre o salão ainda não estar aberto. Quando chegou mais perto, seus olhos encontraram os de Langdon e ela parou na mesma hora, cobrindo a boca de espanto.

– Professor Langdon! – exclamou, parecendo constrangida. – Eu sinto muito! Não sabia que o senhor estava aqui! Bem-vindo de volta!

Langdon gelou.

Tinha certeza absoluta de que nunca vira aquela mulher.

CAPÍTULO 37

– Quase não o reconheci, professor! – disse a mulher, animada, num inglês com sotaque. – É por causa da roupa. – Ela deu um sorriso caloroso e meneou a cabeça para o terno Brioni que ele estava usando, como se aprovasse sua escolha. – Na última moda. Está quase parecendo italiano.

Langdon sentiu a boca ficar seca, mas conseguiu abrir um sorriso educado enquanto a mulher chegava ao seu lado.

– Bom... bom dia – gaguejou. – Como vai?

Ela riu e segurou a barriga.

– Exausta. A pequena Catalina passou a noite inteira chutando. – Correu os olhos pelo salão, intrigada. – *Il Duomino* não comentou que o senhor viria hoje. Suponho que ele esteja com o senhor, não?

Il Duomino? Langdon não fazia ideia de quem ela estava falando.

A mulher pareceu notar sua confusão e deu uma risadinha para tranquilizá-lo.

– Tudo bem, todo mundo em Florença o chama pelo apelido. Ele não se importa. – Ela tornou a olhar ao redor. – Ele autorizou sua entrada?

– Autorizou – disse Sienna, vindo do outro lado do salão. – Mas tinha uma reunião no café da manhã. Disse que a senhora não se importaria se ficássemos para dar uma olhada. – Sienna estendeu a mão, animada. – Sienna. Sou irmã de Robert.

A mulher apertou a mão de Sienna com uma formalidade exagerada.

– Marta Alvarez. Que sorte a sua... ter o professor Langdon como guia particular.

– Pois é – concordou Sienna, mal conseguindo conter um revirar de olhos. – Ele é tão inteligente!

Houve um silêncio constrangedor enquanto Marta avaliava Sienna.

– Que engraçado, não estou vendo semelhança *nenhuma* – comentou. – Exceto talvez a estatura.

Langdon pressentiu um desastre iminente. *É agora ou nunca*.

– Marta – interrompeu, esperando ter entendido direito o nome dela. – Sinto muito incomodá-la, mas, bom... acho que você deve imaginar por que estou aqui.

– Na verdade, não – respondeu ela, estreitando os olhos. – Não faço ideia.

A pulsação de Langdon se acelerou. No silêncio constrangedor que se seguiu, ele percebeu que estava prestes a ser desmascarado. De repente, Marta abriu um sorriso largo e gargalhou.

– Estou brincando, professor! É claro que posso adivinhar por que voltou. Para ser

franca, não entendo o que achou de tão fascinante, mas como o senhor e *il Duomino* passaram quase uma hora lá em cima ontem à noite, imagino que tenha voltado para mostrar à sua irmã, não foi?

– Isso... – ele conseguiu dizer. – Exatamente. Eu adoraria mostrar para Sienna, se não for... se não for muito incômodo.

Marta ergueu os olhos para o balcão do andar superior e deu de ombros.

– Não vejo problema. Estava indo lá para cima agora mesmo.

O coração de Langdon quase explodiu dentro do peito quando ele olhou para o balcão nos fundos do salão. *Eu fui lá em cima ontem à noite?* Não se lembrava de nada. Além de estar na mesmíssima altura das palavras *cerca trova*, o balcão, ele sabia, também servia de entrada ao museu do *palazzo*, que costumava visitar sempre que ia lá.

Marta estava prestes a conduzi-los até o outro lado do salão quando se deteve, como se tivesse pensado melhor.

– Na verdade, professor, tem certeza de que não podemos encontrar algo menos sinistro para mostrar à sua bela irmã?

Langdon não soube como responder.

– Estamos indo ver algo sinistro? – perguntou Sienna. – O que é? Ele não me contou.

Marta abriu um sorriso tímido e olhou para Langdon.

– Professor, quer que eu conte para a sua irmã? Ou prefere contar o senhor mesmo?

Langdon quase deu um pulo para agarrar a oportunidade.

– Por favor, Marta, por que você não conta?

A mulher se virou para Sienna, agora falando bem devagar:

– Não sei quanto seu irmão lhe contou, mas nós vamos até o museu para ver uma máscara muito incomum.

Os olhos de Sienna se arregalaram um pouco.

– Que tipo de máscara? Uma daquelas horrorosas máscaras da peste que as pessoas usam aqui durante o Carnevale?

– Bom palpite – disse Marta –, mas não, não é uma máscara da peste. É de outro tipo bem diferente. Chama-se máscara mortuária.

A revelação fez Langdon soltar um arquejo audível e Marta lhe fez uma cara severa, talvez achando que ele estivesse exagerando no drama para assustar a irmã.

– Não dê atenção a ele – falou. – Máscaras mortuárias eram uma prática muito comum no século XVI. São basicamente moldes de gesso do rosto de uma pessoa, feitos logo após a morte.

A máscara da morte. Langdon teve seu primeiro momento de lucidez desde que havia acordado em Florença. *O* Inferno *de Dante... cerca trova... enxergar através*

dos olhos da morte. A máscara!

– E que rosto serviu de molde para essa máscara? – perguntou Sienna.

Langdon pousou a mão em seu ombro e respondeu com a maior calma que conseguiu.

– O de um famoso poeta italiano: Dante Alighieri.

CAPÍTULO 38

O sol forte do Mediterrâneo iluminava os múltiplos conveses do *Mendacium* embalado pelas ondas do Adriático. Sentindo-se esgotado, o diretor acabou seu segundo uísque e lançou um olhar vazio pela janela do escritório.

As notícias de Florença não eram nada boas.

Talvez porque houvesse muito tempo que não bebia álcool, sentia-se estranhamente desorientado e impotente... como se a embarcação tivesse perdido os motores e vagasse sem rumo, ao sabor da maré.

Era uma sensação estranha para o diretor. Em seu mundo, sempre havia uma bússola confiável – o *protocolo* – que jamais deixava de indicar o caminho a seguir. Era o protocolo que lhe permitia tomar decisões difíceis sem nunca olhar para trás.

Fora o protocolo que exigira a desvinculação de Vayentha e o diretor o seguira sem titubear. *Lidarei com ela depois que esta crise passar.*

Era o protocolo que exigia que o diretor soubesse o mínimo possível sobre todos os seus clientes. Ele decidira muito tempo antes que o Consórcio não tinha nenhuma responsabilidade ética de julgá-los.

Forneça o serviço.

Confie no cliente.

Não faça perguntas.

Assim como os diretores da maioria das empresas, ele simplesmente oferecia serviços partindo do pressuposto de que estes seriam implementados dentro dos limites definidos pela lei. Afinal de contas, a Volvo não era responsável por garantir que as mães respeitassem os limites de velocidade nas áreas escolares, assim como a Dell não podia ser responsabilizada se alguém usasse um de seus computadores para hackear uma conta bancária.

Agora, porém, com a situação fugindo ao controle, ele amaldiçoava em silêncio o contato de confiança que havia indicado aquele cliente ao Consórcio.

– Ele não vai dar trabalho e vai render um bom dinheiro – garantira-lhe a tal pessoa. – É um homem brilhante, uma celebridade em sua área, e é podre de rico. Só precisa desaparecer por um ou dois anos. Quer ficar um tempo fora do ar para trabalhar em um projeto importante e está disposto a pagar por isso.

O diretor concordara sem pensar muito no assunto. Realocações de longo prazo sempre significavam dinheiro fácil e ele confiava nos instintos de seu contato.

Como esperado, o trabalho tinha mesmo rendido um dinheiro muito fácil.

Até a semana anterior.

Agora, na esteira do caos criado por aquele homem, o diretor andava em círculos ao redor de uma garrafa de uísque e contava os dias até suas responsabilidades para com o cliente terminarem.

O telefone em sua mesa tocou e ele viu que era Knowlton, um de seus principais facilitadores, ligando do nível inferior.

– Pois não – atendeu.

– Diretor – havia aflição na voz de Knowlton. – Detesto incomodá-lo com isso, mas, como o senhor deve saber, estamos programados para divulgar um vídeo para a imprensa amanhã.

– Sim – respondeu o diretor. – O arquivo está pronto?

– Está, mas achei que talvez o senhor fosse querer dar uma olhada antes do upload.

O diretor passou alguns instantes sem responder, intrigado com o comentário.

– O vídeo menciona o nome da nossa organização ou nos compromete de alguma forma?

– Não, mas o conteúdo é um tanto perturbador. O cliente aparece na tela e diz...

– Pode parar – ordenou o diretor, indignado que um facilitador sênior tivesse o descaramento de sugerir uma quebra de protocolo tão grave. – O *conteúdo* é irrelevante. Independentemente do que diga, esse vídeo teria sido divulgado com ou sem a nossa ajuda. O cliente poderia muito bem ter enviado o arquivo por meios eletrônicos, mas preferiu contratar *a nós*. Foi *a nós* que ele pagou. Foi *em nós* que confiou.

– Sim, diretor.

– Você não foi contratado para ser crítico de cinema – disse o diretor em tom de censura. – Foi contratado para cumprir promessas. Faça o seu trabalho.

◆ ◆ ◆

Vayentha esperava na Ponte Vecchio, os olhos aguçados esquadrinhando as centenas de rostos que passavam. Ela ficara atenta e estava certa de que Langdon ainda não tinha aparecido por ali, mas o drone havia silenciado. Seus serviços de rastreamento não pareciam mais necessários.

Brüder deve tê-lo capturado.

Com relutância, ela começou a pensar na desanimadora perspectiva de ser interrogada pelo Consórcio. *Ou coisa pior.*

Tornou a se lembrar dos dois agentes que tinham sido desvinculados... e nunca mais vistos. *Eles simplesmente mudaram de ramo*, pensou, tentando se tranquilizar. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar que talvez fosse melhor partir para as colinas da Toscana, sumir do mapa e usar suas habilidades para começar uma vida

nova.

Mas por quanto tempo eu conseguiria me esconder deles?

Inúmeros alvos haviam aprendido na pele que, quando se entrava na mira do Consórcio, a privacidade se tornava uma ilusão. Era apenas uma questão de tempo.

Será que a minha carreira vai mesmo acabar assim?, perguntou-se, ainda incapaz de aceitar que o vínculo de doze anos com o Consórcio fosse ser rompido por causa de uma série de acasos desfavoráveis. *Não tive culpa por ele ter se jogado daquela torre... mas parece que estou caindo junto.*

Sua única chance de se redimir era ser mais esperta do que Brüder, mas desde o início ela sabia que suas chances eram mínimas.

Tive minha última oportunidade na noite passada e fracassei.

Quando Vayentha tornou a se virar para a moto, relutante, notou um som distante... um zumbido agudo familiar.

Intrigada, olhou para cima. Para sua surpresa, o drone de reconhecimento havia acabado de alçar voo novamente, dessa vez perto do extremo oposto do Palazzo Pitti. Ficou observando a minúscula aeronave começar a sobrevoar o *palazzo* em círculos desesperados.

A decolagem do drone só podia significar uma coisa.

Eles ainda não encontraram Langdon!

Onde ele se meteu?

◆ ◆ ◆

O zumbido penetrante que vinha do céu tornou a despertar a Dra. Elizabeth Sinskey de seu delírio. *O drone está no ar outra vez? Mas eu achei que...*

Ela se remexeu no banco de trás da van, onde o mesmo agente jovem continuava sentado ao seu lado. Voltou a fechar os olhos, tentando combater a dor e o enjoo. Mais do que tudo, porém, lutava contra o medo.

O tempo está se esgotando.

Embora seu inimigo tivesse saltado para a morte, em seus sonhos Elizabeth ainda via a silhueta dele dando-lhe um sermão na penumbra do Conselho de Relações Exteriores.

É fundamental que alguém tome medidas drásticas, afirmara ele, seus olhos verdes faiscando. *Se não formos nós, quem vai ser? Se não for agora, quando?*

Elizabeth sabia que deveria tê-lo impedido naquele momento, quando teve oportunidade. Jamais esqueceria como, depois de sair como um furacão daquele encontro, havia se sentado espumando de raiva no banco de trás da limusine para atravessar Manhattan em direção ao aeroporto internacional JFK. Ansiosa para saber quem poderia ser aquele maluco, ela sacara o celular para analisar a foto que havia tirado dele de surpresa.

Ao ver a imagem, soltou um arquejo de espanto. Sabia exatamente quem era aquele homem. A boa notícia era que seria muito fácil rastreá-lo. A má era que ele era um gênio em sua área de atuação – alguém que poderia ser muito perigoso se quisesse.

Nada é mais criativo ou destrutivo do que uma mente brilhante com um propósito.

Meia hora depois, quando chegou ao aeroporto, ela já havia telefonado para sua equipe e acrescentado aquele homem às listas de observação de bioterroristas de todas as agências relevantes do mundo: CIA, CDC (Centro de Prevenção e Controle de Doenças), ECDC (Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças) e todas as outras organizações do gênero.

É tudo o que posso fazer até chegar a Genebra, pensou.

Exausta, levou sua bagagem de mão até o balcão de check-in e entregou o passaporte e a passagem para a atendente.

– Ah, Dra. Sinskey – disse-lhe a mulher com um sorriso. – Um cavalheiro muito simpático acabou de deixar um recado para a senhora.

– Perdão? – Até onde Elizabeth sabia, ninguém tinha acesso às informações do seu voo.

– Um homem alto – falou a atendente. – De olhos verdes.

Elizabeth deixou a mala cair no chão. *Ele está aqui? Como?!* Girou nos calcanhares para examinar os rostos atrás de si.

– Ele já foi, mas pediu que lhe entregássemos isto aqui – disse a atendente, estendendo-lhe um pedaço de papel dobrado.

Trêmula, Elizabeth desdobrou o papel e leu o recado escrito à mão.

Era uma citação famosa inspirada na obra de Dante Alighieri.

Os lugares mais sombrios do Inferno são reservados
àqueles que se mantiveram neutros
em tempos de crise moral.

CAPÍTULO 39

Marta Alvarez lançou um olhar cansado para o alto da escada íngreme que subia do Salão dos Quinhentos até o museu no primeiro piso.

Posso farcela, pensou. *Eu consigo*.

Como administradora de arte e cultura do Palazzo Vecchio, Marta havia galgado aquela escada inúmeras vezes, mas, nos últimos tempos, com mais de oito meses de gravidez, vinha achando a subida bem mais árdua.

– Marta, tem certeza de que não quer pegar o elevador? – Com uma expressão preocupada, Robert Langdon gesticulou para o pequeno elevador de serviço ali perto, instalado para os deficientes físicos.

Marta abriu um sorriso agradecido, mas fez que não com a cabeça.

– Como falei na noite passada, meu médico disse que exercício é bom para o bebê. Além do mais, professor, sei que o senhor é claustrofóbico.

Langdon pareceu estranhamente espantado com aquele comentário.

– Ah, sim. Tinha me esquecido que já mencionei isso.

Como assim, esquecido? pensou Marta. *Foi há menos de doze horas e conversamos um bom tempo sobre o incidente de infância que criou essa fobia.*

Na noite anterior, enquanto seu companheiro obeso, *il Duomino*, subia de elevador, Langdon havia acompanhado Marta pelas escadas. No caminho, fizera-lhe uma vívida descrição da queda em um poço abandonado que sofrera quando criança e que lhe incutira um medo quase incapacitante de lugares fechados.

Agora, com a "irmã mais nova de Langdon" subindo na frente, saltando os degraus, com o rabo de cavalo louro a balançar atrás de si, ele e Marta avançavam escada acima de forma metódica, parando várias vezes para a italiana recuperar o fôlego.

– Estou surpresa que o senhor queira ver a máscara de novo – disse ela. – Considerando todas as obras de arte que Florença tem a oferecer, ela me parece uma das menos interessantes.

Langdon deu de ombros, evasivo.

– Voltei mais para que Sienna pudesse vê-la. Aliás, obrigado por nos deixar entrar outra vez.

– Não há de quê.

Na noite anterior, a reputação de Langdon em si teria bastado para convencer Marta a lhe abrir a galeria, mas o fato de ele estar acompanhado por *il Duomino*

significara que ela realmente não tinha escolha.

Ignazio Busoni – conhecido como *il Duomino* – era uma espécie de celebridade do mundo das artes de Florença. Diretor do Museo dell'Opera del Duomo havia muito tempo, supervisionava todos os aspectos da mais proeminente atração histórica florentina: a gigantesca catedral que, com sua cúpula vermelha, dominava tanto a história quanto o horizonte de Florença. Sua paixão pelo monumento, aliada a seus quase 180 quilos e ao rosto sempre vermelho, haviam resultado no bem-intencionado apelido de *il Duomino* – "o pequeno Duomo".

Marta não conseguia sequer imaginar como Langdon conhecera *il Duomino*, mas Busoni lhe telefonara na noite anterior dizendo que queria trazer um convidado para uma exibição particular da máscara mortuária de Dante. Quando o convidado misterioso havia se revelado o famoso simbologista e historiador da arte americano Robert Langdon, ela ficara bastante empolgada por ter a oportunidade de conduzir aqueles dois homens famosos à galeria do *palazzo*.

Agora, já no topo da escada, Marta levou as mãos aos quadris e respirou fundo. Sienna já estava debruçada no guarda-corpo do balcão, olhando para o Salão dos Quinhentos.

– Para mim, essa é a melhor vista do salão – disse a italiana, ofegante. – Daqui se tem uma perspectiva completamente diferente dos murais. Imagino que seu irmão tenha lhe contado sobre a mensagem misteriosa escondida naquele ali? – apontou ela.

Sienna assentiu, entusiasmada.

– *Cerca trova*.

Marta observou Langdon, que admirava o salão. À luz das janelas do mezanino, não pôde deixar de notar que ele não estava tão bonito quanto na noite anterior. Gostava do seu novo terno, mas ele tinha a barba por fazer e um semblante pálido, cansado. Além disso, os cabelos, que na véspera tinham lhe parecido grossos e cheios, agora estavam desgrenhados, como se ele ainda não tivesse tomado banho.

Virou-se de volta para o mural antes de ser flagrada olhando para ele.

– Estamos praticamente na mesma altura de onde Vasari escreveu *cerca trova* – falou. – Quase dá para ver as palavras a olho nu.

A irmã de Langdon parecia indiferente ao mural.

– Fale-me sobre a máscara mortuária de Dante. Por que ela está aqui no Palazzo Vecchio?

Igualzinha ao irmão, pensou Marta, reprimindo um resmungo, ainda perplexa com o fato de que a máscara exercesse tamanho fascínio nos dois. Por outro lado, o objeto tinha uma história muito estranha, especialmente nos últimos tempos, e Langdon não era o primeiro a demonstrar um interesse quase obsessivo por ele.

– Bem, primeiro me diga o que sabe sobre Dante.

A bela jovem loura deu de ombros.

– Só o que se aprende na escola. Ele foi um poeta italiano e é mais conhecido por ter escrito *A Divina Comédia*, que relata sua jornada imaginária pelo Inferno.

– Mais ou menos isso – respondeu Marta. – Em seu poema, Dante consegue sair do Inferno, atravessa o Purgatório e, por fim, chega ao Paraíso. Se um dia ler *A Divina Comédia*, vai ver que a jornada é divida em três partes. – Marta gesticulou para que eles a seguissem ao longo da galeria até a entrada do museu. – Mas a razão para a máscara estar aqui no Palazzo Vecchio não tem nada a ver com a *Comédia*. Na verdade, é um motivo histórico. Dante vivia em Florença, cidade que amava tanto quanto é possível amar um lugar. Ele era um florentino muito proeminente e poderoso, mas houve uma reviravolta política, ele apoiou o lado errado e foi condenado ao exílio, expulso para sempre da cidade.

Quando chegaram perto da entrada do museu, Marta parou a fim de recuperar o fôlego. Tornando a pousar as mãos nos quadris, deslocou o peso do corpo para trás e seguiu falando:

– Há quem diga que é por causa do exílio que a máscara mortuária de Dante parece tão triste, mas eu tenho outra teoria. Sou um pouco romântica, então acho que a expressão de tristeza tem mais a ver com uma mulher. Dante passou a vida inteira apaixonado por uma jovem chamada Beatriz Portinari. Infelizmente, ela se casou com outro homem. Ou seja, Dante foi obrigado a viver não só sem sua adorada Florença, mas também sem a mulher que tanto amava. Seu amor por Beatriz se tornou um dos temas centrais da *Divina Comédia*.

– Interessante – falou Sienna em um tom que sugeria que ela não tinha ouvido uma só palavra. – Mas ainda não está claro para mim por que a máscara fica guardada aqui dentro do *palazzo*.

Marta achou a insistência da jovem, além de incomum, quase mal-educada.

– Bem – prosseguiu ela, voltando a andar –, Dante ainda estava proibido de entrar em Florença quando morreu, por isso foi sepultado em Ravena. Mas como Beatriz, seu grande amor, estava enterrada aqui e como ele adorava tanto a cidade, trazer sua máscara mortuária para cá pareceu um nobre tributo ao poeta.

– Entendo – disse Sienna. – E por que justamente neste edifício?

– O Palazzo Vecchio é o símbolo mais antigo de Florença. Na época de Dante, era o coração da cidade. Há um quadro famoso na catedral que o mostra em pé do lado de fora da cidade murada, banido, enquanto ao fundo se pode ver a torre do *palazzo* que ele tanto estimava. Em vários sentidos, ao guardar a máscara mortuária aqui, sentimos que Dante enfim pôde voltar para casa.

– Legal – falou Sienna, parecendo enfim satisfeita. – Obrigada.

Marta chegou à porta do museu e bateu três vezes.

– *Sono io, Marta! Buongiorno!*

Ouviu-se o tilintar de chaves do outro lado e a porta se abriu. Um guarda idoso abriu um sorriso cansado para ela e conferiu o relógio.

– *È un po' presto* – falou, sem deixar de sorrir. *Está meio cedo*.

Marta gesticulou para Langdon à guisa de explicação e o guarda ficou imediatamente radiante.

– *Signore! Bentornato! – Bem-vindo de volta!*

– *Grazie* – respondeu Langdon com simpatia, vendo o guarda acenar para que os três entrassem.

Atravessaram um pequeno saguão onde o guarda desarmou um sistema de segurança, destrancando em seguida uma segunda porta, mais pesada. Quando esta se abriu, ele entrou e estendeu o braço no ar com um floreio:

– *Ecco il museo!*

Marta sorriu, agradecida, e conduziu seus convidados para dentro.

O espaço que aquele museu ocupava fora originalmente projetado para abrigar os escritórios administrativos do governo, portanto, em vez de uma galeria ampla e aberta, era um labirinto de salas de tamanho médio e corredores que circundavam metade do edifício.

– A máscara fica logo ali adiante, depois da curva – falou Marta para Sienna. – Está exposta em um espaço estreito chamado *l'andito*, que nada mais é do que uma passagem entre duas salas maiores. Fica dentro de um mostruário antigo encostado na parede lateral, o que a mantém invisível até que se esteja de cara para ela. Por causa disso, muitos visitantes passam bem em frente à máscara sem nem perceber!

Langdon agora andava mais depressa, com o olhar fixo à frente, como se a máscara exercesse sobre ele algum poder estranho. Marta cutucou Sienna com o cotovelo e sussurrou:

– É óbvio que seu irmão não está interessado em nenhuma outra das nossas peças, mas, já que está aqui, não deveria deixar de ver o busto de Maquiavel ou o globo do *Mappa Mundi* na Sala dos Mapas.

Sienna assentiu com educação e seguiu em frente, também sem desviar os olhos do caminho. Marta mal conseguia acompanhá-los. Quando chegaram à terceira sala, já havia ficado um pouco para trás e, por fim, parou.

– Professor? – chamou, ofegante. – Talvez o senhor... queira mostrar à sua irmã... parte da galeria... antes de vermos a máscara?

Langdon se virou, aparentemente distraído, como se estivesse voltando de um devaneio profundo.

– Perdão?

Sem fôlego, Marta apontou para um mostruário ao seu lado.

– Uma das primeiras... edições impressas da *Divina Comédia*?

Quando Langdon enfim percebeu que Marta estava secando o suor da testa e

tentando recuperar o fôlego, quase morreu de vergonha.

– Marta, me desculpe! Claro, seria maravilhoso se pudéssemos dar uma olhada rápida no texto.

Langdon voltou apressado e deixou que Marta os conduzisse até o antigo mostruário. Lá dentro havia um livro bastante gasto, encadernado em couro e aberto em uma folha de rosto rebuscada: *La Divina Commedia: Dante Alighieri*.

– Incrível – comentou, parecendo surpreso. – Reconheço esse frontispício. Não sabia que vocês tinham uma das edições Numeister originais!

É claro que sabia, pensou Marta, intrigada. *Eu lhe mostrei isso ontem à noite!*

– Johann Numeister imprimiu os primeiros exemplares da obra de Dante em meados do século XIV – explicou Langdon rapidamente para Sienna. – Várias centenas de cópias foram impressas, mas pouco mais de dez sobreviveram. São muito raras.

Marta teve a impressão de que Langdon estava fingindo que já não sabia daquilo para se exibir para a irmã mais nova. Tamanha imodéstia não condizia com um professor cuja reputação era de humildade acadêmica.

– Esse exemplar é um empréstimo da Biblioteca Laurenziana – comentou Marta. – Se vocês ainda não tiverem ido lá, eu recomendo. Eles têm uma escadaria espetacular projetada por Michelangelo que conduz à primeira sala de leitura pública do mundo. Os livros eram literalmente acorrentados aos assentos para que ninguém os levasse embora. Claro, muitas das edições eram *únicas* no mundo.

– Impressionante – falou Sienna, olhando mais para o fundo do museu. – E a máscara está para lá?

Por que tanta pressa? Marta precisava de mais alguns instantes para recuperar o fôlego.

– Sim, mas talvez vocês achem aquilo ali interessante. – Ela apontou para um nicho do outro lado da sala, em direção a uma pequena escada que desaparecia no teto. – Aquela escada leva a uma plataforma de observação nos caibros do telhado da qual é possível ver *de cima* o famoso teto suspenso de Vasari. Eu teria o maior prazer em esperar aqui se vocês quiserem...

– Por favor, Marta – interrompeu Sienna. – Estou louca para ver a máscara. Não temos muito tempo.

Marta encarou a jovem com um olhar perplexo. Não gostava nem um pouco daquela nova mania de pessoas que mal se conheciam ficarem se chamando pelo primeiro nome. *Eu sou a Signora Alvarez*, ralhou em pensamento. *E estou lhe fazendo um favor*.

– Tudo bem, Sienna – respondeu de forma direta. – A máscara fica por aqui.

Ela não perdeu mais tempo dando informações a Langdon e sua irmã enquanto atravessavam o sinuoso conjunto de salas em direção à máscara. Na noite anterior,

Langdon e *il Duomino* tinham passado quase meia hora no estreito *andito* observando o artefato. Intrigada com tanta curiosidade, Marta lhes perguntara se todo aquele fascínio estaria de alguma forma relacionado à inusitada série de acontecimentos envolvendo a máscara ao longo daquele último ano. Evasivos, Langdon e *il Duomino* não lhe deram nenhuma resposta concreta.

Agora, à medida que se aproximavam do *andito*, Langdon começou a explicar à irmã o simples processo de criação de uma máscara mortuária. Sua descrição, para alegria de Marta, foi muito precisa, bem diferente daquela conversa mole de que ele nunca tinha visto o exemplar raro da *Divina Comédia* exibido no museu.

– Logo depois da morte, o rosto do defunto era untado com azeite – descreveu Langdon. – Então aplicava-se uma camada de gesso úmido sobre a pele até cobrir o rosto inteiro, boca, nariz, pálpebras, desde a linha dos cabelos até o pescoço. Depois de duro, o gesso saía com facilidade e era usado como molde para uma nova camada de gesso. Quando endurecia, esse segundo gesso criava uma réplica perfeita do rosto do defunto. A prática era usada sobretudo para homenagear figuras eminentes ou grandes gênios: Dante, Shakespeare, Voltaire, Tasso, Keats. Todos eles tiveram máscaras mortuárias.

– E aqui estamos nós enfim – anunciou Marta quando o trio chegou diante do *andito*. Afastando-se para o lado, gesticulou para que a irmã de Langdon entrasse primeiro. – A máscara está no mostruário junto à parede da esquerda. Por favor, fique atrás do cordão.

– Obrigada – Sienna entrou no corredor estreito, foi até o mostruário e olhou para dentro.

Seus olhos se arregalaram de imediato e ela se virou para Langdon com uma expressão de pavor.

Marta já tinha visto a mesma reação milhares de vezes. Os visitantes frequentemente se assustavam e faziam cara de nojo ao verem a máscara pela primeira vez: o semblante enrugado e sinistro de Dante, seu nariz adunco e seus olhos fechados.

Langdon entrou logo atrás de Sienna, parou ao seu lado e olhou na mesma direção que ela. Recuou de imediato, com surpresa também estampada no rosto.

Marta deu um grunhido. *Che esagerato*. E entrou atrás deles. Quando olhou para a vitrine, porém, também soltou um arquejo audível. *Oh, mio Dio!*

Marta Alvarez esperava deparar com o conhecido semblante morto de Dante, mas viu apenas o interior de cetim vermelho do mostruário e o gancho em que a máscara costumava ficar pendurada.

Cobriu a boca e ficou encarando horrorizada a vitrine vazia. Sua respiração se acelerou e ela segurou uma das colunas do cordão de segurança para se apoiar. Por fim, tirou os olhos do mostruário e se virou para os guardas noturnos na entrada

principal.

– *La maschera di Dante!* – gritou feito uma louca. – *La maschera di Dante è sparita!*

CAPÍTULO 40

Marta Alvarez tremia diante do mostruário vazio. Torceu para que a rigidez em sua barriga fosse apenas pânico, e não as primeiras contrações.

A máscara mortuária de Dante sumiu!

Depois de terem chegado ao *andito*, visto a vitrine vazia e entrado em ação, os dois seguranças estavam agora em estado de alerta total. Um havia corrido até uma sala de controle próxima para recuperar as gravações das câmeras de segurança da noite anterior, enquanto o outro acabara de telefonar para a polícia para comunicar o roubo.

– *La polizia arriverà tra venti minuti!* – falou o guarda para Marta assim que desligou o telefone.

– *Venti minuti?!* – exclamou ela. *Vinte minutos?!* – Uma obra de arte importante foi roubada!

O guarda disse ter sido informado de que a maior parte da polícia metropolitana estava administrando uma crise muito mais grave, e que estavam tentando encontrar um agente disponível para ir até o museu colher depoimentos.

– *Che cosa protrebbe esserci di più grave?* – reclamou ela. *O que poderia ser mais grave?*

Langdon e Sienna trocaram olhares ansiosos e Marta percebeu que os dois visitantes estavam transtornados com aquela situação. *Não é de espantar*. Eles tinham apenas ido dar uma olhada na máscara mortuária de Dante e agora testemunhavam as consequências do roubo de uma importante obra de arte. Na noite anterior, alguém dera um jeito de entrar na galeria e roubar a máscara.

Marta sabia que havia peças muito mais valiosas ali que poderiam ter sido roubadas, por isso tentou pensar "dos males, o menor". Mesmo assim, aquele era o primeiro roubo na história do museu. *Eu nem sei qual é o protocolo para isso!*

De repente sentiu-se fraca e tornou a se apoiar na coluna do cordão.

Com ar estupefato, os dois guardas da galeria contaram a Marta exatamente o que tinham feito e tudo o que havia acontecido na noite anterior: por volta das dez da noite, ela chegara com *il Duomino* e Langdon. Pouco depois, o trio fora embora junto. Os guardas haviam trancado de novo as portas e reativado o alarme. Até onde sabiam, ninguém havia entrado ou saído da galeria desde então.

– Impossível! – ralhara Marta em italiano. – A máscara estava no mostruário quando fomos embora ontem à noite, então é óbvio que *alguém* entrou na galeria

depois disso.

Os guardas abriram os braços, atônitos.

– *Noi non abbiamo visto nessuno!*

Agora, com a polícia a caminho, Marta se moveu em direção à sala de controle o mais rápido que sua gravidez lhe permitia. Langdon e Sienna foram atrás, nervosos.

O vídeo de segurança, pensou Marta. *Ele vai nos mostrar quem esteve aqui na noite passada!*

• • •

A três quarteirões dali, na Ponte Vecchio, Vayentha se escondeu nas sombras quando uma dupla de policiais percorreu a multidão, patrulhando a área com fotos de Langdon na mão.

Quando estavam se aproximando dela, um de seus rádios chiou, emitindo um alerta da central para todas as unidades. O anúncio foi breve e em italiano, mas Vayentha entendeu o teor geral: qualquer agente disponível na área devia correr ao Palazzo Vecchio para colher um depoimento no museu.

Os oficiais mal se mexeram, mas Vayentha ficou em estado de alerta.

Il Museo di Palazzo Vecchio?

O fracasso da noite anterior – o fiasco que praticamente arruinara sua carreira – tinha ocorrido nas vielas nos arredores do *palazzo*.

O alerta da polícia prosseguiu em italiano entremeado por estática, quase ininteligível, com exceção de duas palavras que se destacaram com clareza: Dante Alighieri.

Seu corpo se retesou na mesma hora. *Dante Alighieri?!* Com certeza *isso* não era coincidência. Ela se virou na direção do Palazzo Vecchio e localizou a torre recortada por ameias que despontava acima dos telhados dos edifícios mais próximos.

O que exatamente aconteceu no museu?, pensou. *E quando?*

Quaisquer que fossem os detalhes, Vayentha tinha experiência suficiente como analista de campo para saber que coincidências eram bem menos comuns do que a maioria das pessoas imaginava. *O museu do Palazzo Vecchio... E Dante?* Aquilo só podia estar relacionado a Langdon.

Desde o início suspeitara que ele voltaria à cidade velha. Fazia todo o sentido: foi lá que ele estivera na noite anterior, quando tudo começara a degringolar.

Agora, em plena luz do dia, perguntou-se se Langdon não teria voltado aos arredores do Palazzo Vecchio para encontrar o que estava procurando. Tinha certeza de que ele não havia atravessado a ponte em direção à cidade velha. Havia várias outras pontes, mas elas pareciam distantes demais dos Jardins de Boboli para se ir a pé.

Foi então que notou um caiaque com quatro remadores passar no rio debaixo da ponte. O casco dizia SOCIETÀ CANNOTIERI FIRENZE / CLUBE DE REGATAS DE FLORENÇA. Os remos vermelhos e brancos característicos subiam e desciam em perfeita sincronia.

Será que Langdon atravessou o rio de barco? Parecia improvável, mas algo lhe dizia que o alerta policial sobre o Palazzo Vecchio era uma pista que merecia atenção.

– Peguem suas câmeras, *per favore*! – gritou uma mulher em inglês com sotaque.

Vayentha se virou e viu um pompom cor de laranja se balançando em uma vareta: uma guia tentava arrebanhar seu grupo de turistas para atravessarem juntos a Ponte Vecchio.

– Se olharem para cima, verão a maior obra-prima de Vasari! – exclamou a guia com um entusiasmo calculado, erguendo no ar o pompom e fazendo todo mundo olhar para o alto.

Vayentha não havia notado antes, mas parecia haver uma estrutura suspensa que corria por cima das lojas, como um apartamento.

– O Corredor Vasari – anunciou a guia. – Tem quase um quilômetro de comprimento e permitia à família Médici passar com segurança entre o Palazzo Pitti e o Palazzo Vecchio.

Vayentha arregalou os olhos ao examinar a estrutura em forma de túnel lá em cima. Já havia ouvido falar do corredor, mas não sabia quase nada a respeito dele.

Ele conduz ao Palazzo Vecchio?

– Para os felizardos que possuem contatos VIP, até hoje ainda é possível entrar no corredor – prosseguiu a guia. – Ele é uma galeria de arte espetacular que se estende do Palazzo Vecchio até a extremidade nordeste dos Jardins de Boboli.

A guia continuou falando, mas Vayentha não ouviu.

Já estava correndo em direção à motocicleta.

CAPÍTULO 41

Os pontos no couro cabeludo de Langdon haviam voltado a latejar quando ele e Sienna se espremeram junto com Marta e os dois guardas dentro da sala de controle. O espaço apertado não passava de um vestiário adaptado, com um monte de discos rígidos e monitores de computador barulhentos. Era abafado e recendia a fumaça de cigarro velha.

Na mesma hora, Langdon sentiu as paredes se fecharem ao seu redor.

Marta se sentou em frente ao monitor de vídeo, que já estava em modo de reprodução e mostrava uma imagem em preto e branco granulada do *andito*, filmada de cima da porta. A data e hora estampadas no monitor indicavam que a gravação fora retrocedida até o meio da manhã da véspera – exatas 24 horas atrás –, aparentemente logo antes de o museu abrir e bem antes da misteriosa chegada de Langdon e *il Duomino*.

O guarda avançou o vídeo e Langdon viu uma enxurrada de turistas fluir depressa em direção ao *andito*, deslocando-se em movimentos espasmódicos e acelerados. Daquele ângulo não era possível ver a máscara, mas ela claramente ainda estava no mostruário, pois vários turistas se detinham para olhar ou tirar fotos antes de prosseguir.

Por favor, andem logo, pensou Langdon, sabendo que a polícia estava a caminho. Pensou se ele e Sienna não deveriam simplesmente pedir licença e sair correndo, mas tinham de ver aquela gravação: o que quer que houvesse nela responderia a muitas perguntas sobre o que estava acontecendo.

O vídeo prosseguiu, agora mais rápido, e as sombras da tarde começaram a atravessar a sala. Turistas entravam e saíam depressa do quadro até por fim começarem a rarear e então desaparecerem de forma abrupta. Quando o relógio no monitor passou das cinco da tarde, as luzes do museu se apagaram e o espaço mergulhou em silêncio.

Cinco horas. O museu fechou.

– *Aumenti la velocità* – ordenou Marta, inclinando-se para a frente na cadeira e olhando para o monitor.

O guarda acelerou o vídeo e a hora avançou depressa, até que de repente, por volta das dez da noite, as luzes do museu voltaram a se acender.

Imediatamente o guarda pôs a reprodução na velocidade normal.

Instantes depois, a conhecida silhueta grávida de Marta Alvarez surgiu no monitor.

Foi seguida de perto por Langdon, que entrou em quadro usando as roupas de sempre: paletó Harris Tweed, calça social com vinco marcado e seus sapatos sociais. Ele chegou até a ver o reflexo do relógio do Mickey cintilar sob a manga do paletó enquanto andava.

Olhe eu aí... antes de levar um tiro.

Assistir a si mesmo fazendo coisas das quais não se lembrava lhe pareceu muito perturbador. *Eu vim aqui ontem à noite... para ver a máscara mortuária?* De alguma forma, entre a gravação daquele vídeo e agora, Langdon conseguira perder as roupas, o relógio do Mickey e dois dias de vida.

O vídeo prosseguia e ele e Sienna se aproximaram por trás de Marta e dos guardas para enxergar melhor. As imagens sem som mostraram Langdon e Marta chegando diante do mostruário e admirando a máscara. Enquanto o faziam, uma sombra larga escureceu o vão da porta atrás deles e um homem obeso entrou em quadro arrastando os pés. Usava um terno castanho, carregava uma maleta e mal conseguiu atravessar a porta. Sua imensa barriga fazia até Marta, grávida, parecer esguia.

Langdon reconheceu o homem na hora. *Ignazio?!*

– É Ignazio Busoni – sussurrou ele ao pé do ouvido de Sienna. – Diretor do Museo dell'Opera del Duomo. Eu o conheço há vários anos. Só nunca tinha ouvido ninguém chamá-lo de *il Duomino*.

– O apelido faz sentido – respondeu Sienna baixinho.

Anos antes, Langdon havia consultado Ignazio sobre artefatos e acontecimentos históricos relacionados ao Duomo, mas uma visita ao Palazzo Vecchio parecia fugir da sua alçada. Por outro lado, além de ser uma figura influente no mundo florentino da arte, Ignazio Busoni era fã e estudioso de Dante.

Uma fonte lógica de informação sobre a máscara mortuária do poeta.

Quando Langdon voltou a se concentrar no vídeo, viu Marta recostada na parede oposta do *andito*, aguardando pacientemente enquanto Langdon e Ignazio se inclinavam por cima do cordão de segurança para olhar a máscara o mais de perto possível. Os dois continuaram sua análise e discussão por vários minutos, e foi possível ver Marta conferir discretamente o relógio atrás deles.

Langdon desejou que o vídeo de segurança tivesse som. *Sobre o que eu e Ignazio estamos falando? O que estamos procurando?!*

Então a imagem mostrou Langdon passando por cima do cordão e se agachando bem em frente ao mostruário, com o rosto a poucos centímetros do vidro. Marta interveio na hora, parecendo lhe dar uma bronca, ao que Langdon recuou pedindo desculpas.

– Desculpe ter sido tão rígida – disse Marta, olhando para ele por cima do ombro. – Mas, como eu disse ontem, o mostruário é antigo e muito frágil. O dono da

máscara insiste que mantenhamos as pessoas atrás do cordão. Não deixa nem nossos próprios funcionários abrirem a vitrine sem a sua presença.

Langdon precisou de alguns instantes para digerir aquelas palavras. *O dono da máscara?* Ele achava que a máscara fosse propriedade do museu.

Sienna pareceu igualmente surpresa e perguntou sem hesitar:

– A máscara não pertence ao *museu*?

Marta fez que não com a cabeça, já virada para o monitor outra vez.

– Um patrono rico se dispôs a comprar a máscara mortuária de Dante da nossa coleção, mas deixá-la em exposição permanente aqui. Ele ofereceu uma pequena fortuna, então aceitamos com prazer.

– Espere aí – falou Sienna. – Ele pagou pela máscara... e deixou vocês *ficarem* com ela?

– Acontece muito – disse Langdon. – Aquisição filantrópica: uma forma de fazer doações generosas a museus sem que o valor seja declarado como caridade.

– O doador era um homem estranho – disse Marta. – Um legítimo estudioso de Dante, mas ao mesmo tempo meio... fanático.

– Quem é? – perguntou Sienna num tom casual entremeado de ansiedade.

– Quem é quem? – Ainda de olho no vídeo, Marta fechou a cara. – Bem, você deve ter lido sobre ele na imprensa recentemente... o bilionário suíço Bertrand Zobrist.

Para Langdon, o nome soou apenas um pouco familiar, mas Sienna agarrou seu braço e apertou com força, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

– Ah, sim... – falou com dificuldade, lívida. – Bertrand Zobrist. O famoso bioquímico. Fez fortuna com patentes biológicas ainda jovem. – Ela se calou e engoliu em seco. Então se inclinou para junto de Langdon e sussurrou em seu ouvido. – Zobrist praticamente inventou o campo da manipulação genética de células germinativas.

Langdon não fazia ideia do que era manipulação genética de células germinativas, mas a expressão soava ameaçadora, sobretudo à luz da recente enxurrada de imagens relacionadas a pestes e morte. Pensou se Sienna conheceria tanto a respeito de Zobrist por ser médica... ou talvez pelo fato de ambos terem uma inteligência extraordinária. *Será que os superdotados costumam acompanhar os trabalhos uns dos outros?*

– Ouvi falar de Zobrist pela primeira vez alguns anos atrás, quando ele fez declarações bem provocativas na mídia sobre o crescimento populacional – explicou Sienna. Ela se deteve, com uma expressão taciturna. – Ele é um defensor da Equação do Apocalipse Populacional.

– Que raio é isso?

– Basicamente, uma admissão matemática de que a população da Terra está

aumentando, as pessoas estão vivendo mais e nossos recursos naturais estão em declínio. A equação prevê que a única consequência possível da nossa trajetória atual é o colapso apocalíptico da sociedade. Zobrist foi a público e previu que a raça humana não sobreviverá mais um século... a menos que tenhamos algum tipo de evento de extinção em massa. – Sienna deu um suspiro profundo e cruzou olhares com Langdon. – Na verdade, ele chegou a dizer que "a melhor coisa que já aconteceu à Europa foi a Peste Negra".

Langdon a encarou, chocado. Os cabelos em sua nuca se arrepiaram e mais uma vez ele vislumbrou a imagem da máscara da peste. Passara a manhã inteira tentando resistir à ideia de que sua situação atual estava relacionada a alguma praga mortífera... mas essa hipótese estava ficando cada vez mais difícil de refutar.

Sem dúvida era um absurdo Bertrand Zobrist descrever a Peste Negra como a melhor coisa que já acontecera à Europa, mas Langdon sabia que muitos historiadores haviam mencionado os benefícios socioeconômicos de longo prazo da extinção em massa ocorrida no continente no século XIV. Antes da epidemia, a Idade das Trevas era caracterizada por superpopulação, fome e dificuldades econômicas. A chegada repentina da peste, embora terrível, havia "reduzido o rebanho humano" de forma eficaz, gerando uma abundância de alimentos e oportunidades que, segundo muitos pesquisadores, fora um dos principais catalisadores do surgimento da Renascença.

Ao recordar o símbolo de risco biológico no tubo que continha o mapa modificado do Inferno de Dante, Langdon foi acometido por um pensamento aterrorizante: aquele sinistro projetor havia sido criado por *alguém*... e Bertrand Zobrist – bioquímico e fanático por Dante – agora parecia ser um candidato provável.

O pai da manipulação genética de células germinativas. Langdon sentia que as peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Infelizmente, a imagem que se formava parecia cada vez mais assustadora.

– Pode avançar essa parte – ordenou Marta ao segurança, soando ansiosa para deixar para trás a gravação em tempo real de Langdon e Ignazio Busoni analisando a máscara e descobrir quem tinha invadido o museu para roubá-la.

O segurança pressionou o botão de avançar e o relógio na tela acelerou.

Três minutos... seis... oito.

No monitor, Marta continuava atrás dos homens, trocando o peso de uma perna para a outra com cada vez mais frequência e conferindo repetidas vezes o relógio.

– Desculpe termos demorado tanto – disse Langdon. – Você parece desconfortável.

– A culpa foi toda minha – respondeu Marta. – Vocês dois insistiram que eu fosse para casa, que os guardas poderiam acompanhá-los até a saída, mas achei que seria indelicado da minha parte.

De repente, Marta desapareceu do quadro. O guarda desacelerou o vídeo até a velocidade normal.

– Tudo bem – disse a italiana. – Eu me lembro de ter ido ao banheiro.

O segurança assentiu e fez menção de tornar a acelerar a gravação, mas, antes que pudesse fazê-lo, Marta segurou seu braço.

– *Aspetti!*

Ela entortou a cabeça e olhou para o monitor, confusa.

Langdon também tinha visto. *Mas que droga é essa?!*

Na imagem, Langdon acabara de enfiar a mão no bolso do paletó de tweed para sacar um par de luvas cirúrgicas. Ele as calçou.

Enquanto isso, *il Duomino* se posicionava atrás de Langdon e espiava o corredor que, pouco antes, Marta havia atravessado para ir ao banheiro. Logo em seguida, o homem obeso assentia para Langdon de um jeito que parecia indicar que a barra estava limpa.

Que diabo estamos fazendo?!

Langdon assistiu a si mesmo estender a mão enluvada para a frente até a porta do mostruário... e então, com todo o cuidado, ele a puxou até a antiga dobradiça se mover e a porta se abrir devagar, expondo a máscara mortuária de Dante.

Marta Alvarez soltou um arquejo horrorizado e levou as mãos ao rosto.

Compartilhando o mesmo horror e sem conseguir acreditar nos próprios olhos, Langdon observou a si mesmo enfiar as duas mãos dentro do mostruário, pegar a máscara mortuária e retirá-la.

– *Dio mi salvi!* – explodiu Marta, erguendo-se da cadeira e virando-se para encarar Langdon. – *Cos'ha fatto! Perchè!*

Antes que Langdon pudesse responder, um dos seguranças sacou uma Beretta preta e a apontou para seu peito.

Meu Deus!

Robert Langdon olhou para o cano da pistola e sentiu a sala apertada se fechar ao seu redor. Marta Alvarez, agora de pé, fuzilava-o com um olhar incrédulo, como se tivesse sido traída. No monitor de segurança atrás dela, Langdon erguia a máscara em direção à luz e a analisava.

– Eu só a peguei por alguns instantes – insistiu Langdon, rezando para que fosse verdade. – Ignazio me garantiu que você não se importaria!

Marta não respondeu. Parecia estupefata, claramente tentando imaginar por que Langdon havia mentido para ela... e também como poderia ter ficado ali parado, com toda a calma do mundo, e os deixado assistir à gravação quando sabia o que ela revelaria.

Eu não fazia ideia de que tinha aberto o mostruário!

– Robert – sussurrou Sienna. – Olhe! Você achou alguma coisa! – Sienna

continuava com os olhos pregados no vídeo, concentrada em obter respostas, apesar da situação delicada em que se encontravam.

No monitor, Langdon agora mantinha a máscara erguida no ar e a inclinava em direção à luz, aparentemente atraído por algo interessante no verso.

Daquele ângulo, por uma fração de segundo, a máscara suspensa bloqueou parte do rosto de Langdon de tal forma que os olhos mortos de Dante se alinharam aos dele. Ele sentiu um arrepio ao se lembrar da inscrição no mapa adulterado do Inferno – *A verdade só pode ser vislumbrada através dos olhos da morte*.

Não conseguia imaginar o que poderia estar examinando no verso da máscara, mas, quando compartilhou sua descoberta com Ignazio, o homem obeso recuou, tateando em busca dos óculos para analisar o artefato outra vez... e outra vez. Pôs-se a balançar a cabeça com energia e andar de um lado para outro no *andito*, agitado.

De repente, os dois levantaram a cabeça, sem dúvida por terem ouvido algo no corredor – provavelmente Marta voltava do banheiro. Langdon se apressou em sacar do bolso um saco Ziploc grande, guardar a máscara dentro dele e em seguida lacrá-lo. Entregou-o então com cuidado a Ignazio, que, por sua vez, com aparente relutância, pôs o saco dentro da maleta. Langdon fechou depressa a antiga porta de vidro do mostruário agora vazio e os dois subiram o corredor a passos rápidos, indo ao encontro de Marta antes que ela descobrisse o roubo.

Agora os dois guardas apontavam as armas para Langdon.

Marta cambaleou e segurou a mesa para se apoiar.

– Não entendo! – exclamou, aflita. – Você e Ignazio Busoni roubaram a máscara mortuária de Dante?!

– Não! – insistiu Langdon, blefando o quanto podia. – Tivemos permissão do dono para retirar a máscara do museu por uma noite.

– Permissão do dono? – questionou ela. – Bertrand Zobrist?!

– Sim! O Sr. Zobrist nos deu permissão para examinar algumas marcas no verso da máscara! Nós estivemos com ele ontem à tarde!

Marta o fuzilou com o olhar.

– Professor, tenho certeza absoluta de que vocês não estiveram com Bertrand Zobrist ontem à tarde...

– Como não? É claro que nós...

Sienna pousou a mão no braço de Langdon para detê-lo.

– Robert... – Ela deu um suspiro pesaroso. – Seis dias atrás, Bertrand Zobrist se jogou do alto da torre da Badia, a poucos quarteirões daqui.

CAPÍTULO 42

Vayentha havia largado a moto logo ao norte do Palazzo Vechio e prosseguido a pé, contornando a Piazza della Signoria. Ao serpentear pelo estatuário ao ar livre da Loggia dei Lanzi, não pôde deixar de notar que todas as esculturas pareciam variações de um só tema: cenas violentas de dominação masculina sobre as mulheres.

O rapto das sabinas.

O estupro de Polixena.

Perseu segurando a cabeça cortada da Medusa.

Que lindo, pensou, puxando o boné para baixo, bem acima dos olhos, e abrindo caminho pela aglomeração matinal rumo à entrada do palácio, que começava a receber os primeiros turistas do dia. Pelo visto, tudo corria normalmente ali no Palazzo Vecchio.

Nada de polícia, pensou. *Pelo menos por enquanto*.

Fechou o zíper do macacão até em cima no pescoço, certificando-se de que a pistola não estava visível, e foi até a entrada. Seguindo as placas que indicavam Il Museo di Palazzo Vecchio, passou por dois átrios suntuosos e subiu uma enorme escada em direção ao primeiro piso.

À medida que subia, o alerta policial ecoava em sua mente.

Il Museo di Palazzo Vecchio... Dante Alighieri.

Langdon só pode estar aqui.

As placas do museu a conduziram até uma galeria descomunal, adornada de forma espetacular – o Salão dos Quinhentos –, onde um grupo disperso de turistas admirava os imensos murais nas paredes. Sem interesse em observar a arte ali exposta, Vayentha se apressou em localizar outra placa no canto direito dos fundos da sala, que indicava uma escada.

Enquanto atravessava o recinto, notou um grupo de universitários reunidos em volta de uma só escultura, rindo e tirando fotos.

A placa dizia: *Hércules e Diomedes*.

Vayentha olhou para a estátua e soltou um grunhido.

A escultura representava dois heróis da mitologia grega – ambos nus –, engalfinhados em uma luta corpo a corpo. Hercules segurava Diomedes de cabeça para baixo, preparando-se para jogá-lo no chão, enquanto Diomedes apertava com força o pênis de Hércules como quem diz: “Tem certeza de que quer me jogar?”

Vayentha se encolheu: *Isso é que é segurar alguém pelo saco*.

Afastou os olhos daquela estátua peculiar e subiu a passos rápidos a escada em direção ao museu.

Chegou a um balcão alto com vista para o salão. Uns dez turistas aguardavam em frente à entrada.

– O museu hoje vai abrir mais tarde – informou um turista animado, espiando por trás do visor da câmera.

– Sabe por quê? – perguntou ela.

– Não, mas com uma vista dessas, quem se importa em esperar? – Com um gesto, ele indicou o Salão dos Quinhentos logo abaixo.

Vayentha foi até a beirada e olhou para o amplo salão. Lá embaixo, um policial solitário acabava de chegar, atraindo pouca atenção ao atravessar a galeria sem nenhuma pressa em direção à escada.

Deve estar subindo para tomar um depoimento, calculou Vayentha. O desânimo com que o homem arrastava os pés degraus acima indicava que ele estava respondendo a um chamado de rotina – nada parecido com a busca caótica por Langdon em frente à Porta Romana.

Se Langdon está aqui, por que eles não ocuparam o palácio inteiro?

Ou Vayentha se enganara ao achar que Langdon estava lá, ou a polícia local e Brüder ainda não tinham somado dois mais dois.

Quando o policial estacou ao topo da escada e seguiu em direção à entrada do museu, Vayentha se virou discretamente e fingiu olhar por uma janela. Levando em conta a sua desvinculação e a grande influência do diretor, não queria correr nenhum risco de ser reconhecida.

– *Aspetta!* – gritou uma voz em algum lugar.

Quando o homem estacou bem atrás dela, seu coração parou de bater por um instante. Percebeu então que a voz vinha de seu walkie-talkie.

– *Attendi i rinforzi!* – disse a voz.

Aguardar reforços? Vayentha percebeu que a situação acabava de mudar.

Bem nessa hora, do lado de fora da janela, notou um objeto preto no céu, ao longe, que ia ficando cada vez maior. Vinha dos Jardins de Boboli em direção ao Palazzo Vecchio.

O drone, entendeu Vayentha. *Brüder sabe. E está vindo para cá.*

◆ ◆ ◆

O facilitador do Consórcio Laurence Knowlton continuava xingando a si mesmo por ter telefonado para o diretor. Não deveria ter sugerido que ele assistisse ao vídeo do cliente antes que fosse enviado à imprensa no dia seguinte.

O conteúdo era irrelevante.

Só o protocolo importa.

Knowlton ainda se lembrava do mantra ensinado aos facilitadores mais jovens quando eles começavam a trabalhar para a organização. *Não faça perguntas. Apenas faça.*

Com relutância, pôs o pequeno cartão de memória vermelho na fila para a manhã seguinte, perguntando-se o que a imprensa iria pensar daquela mensagem bizarra. Será que ao menos a transmitiriam?

É claro que sim. É uma mensagem de Bertrand Zobrist.

Zobrist não só era uma figura de extraordinário sucesso na área biomédica como já fora notícia na semana anterior por causa de seu suicídio. Aquele vídeo de nove minutos seria como uma mensagem do além e seu tom macabro e agourento tornaria quase impossível que as pessoas não o quisessem ver até o fim.

Esse vídeo vai se tornar viral em questão de minutos.

CAPÍTULO 43

Marta Alvarez fervia de raiva ao sair da sala de vídeo apertada, deixando Langdon e sua irmã mais nova e mal-educada lá dentro, sob a mira dos seguranças. Marchou até uma janela, olhou para a Piazza della Signoria e ficou aliviada ao ver uma viatura de polícia estacionada em frente ao palácio.

Já não era sem tempo.

Ainda não conseguia entender por que um homem tão respeitado em sua profissão quanto Robert Langdon a havia enganado de forma tão descarada, aproveitando-se de sua cortesia profissional para roubar um artefato inestimável.

E com a ajuda de Ignazio Busoni?! Inacreditável!

Disposta a dizer a Ignazio o que pensava daquilo, Marta sacou o celular e digitou o número do escritório de *il Duomino*, que ficava a alguns quarteirões dali, no Museo dell'Opera del Duomo.

O telefone tocou uma vez só.

– *Ufficio di Ignazio Busoni* – respondeu uma voz feminina conhecida.

Marta era amiga da secretária de Ignazio, mas não estava no clima para bater papo.

– *Eugenia, sono Marta. Devo parlare con Ignazio.*

Fez-se um silêncio constrangido na linha e então, de repente, a secretária explodiu em soluços descontrolados.

– *Cosa succede?!* – quis saber Marta. *O que houve?!*

Aos prantos, Eugenia contou à Marta que havia acabado de chegar ao escritório e saber que seu chefe sofrera um ataque cardíaco fulminante na noite anterior em um beco perto do Duomo. Era mais ou menos meia-noite quando ele chamara uma ambulância, mas os médicos não tinham chegado a tempo. Busoni havia morrido.

Os joelhos de Marta quase cederam. Escutara mais cedo no rádio que um funcionário público não identificado morrera na noite anterior, mas nem lhe passara pela cabeça que pudesse ser Ignazio.

– *Eugenia, ascoltami* – pediu, tentando manter a calma enquanto explicava rapidamente o que tinha acabado de testemunhar nas câmeras de segurança do *palazzo*: a máscara mortuária de Dante sendo roubada por Ignazio e Robert Langdon, que agora estava ali, sob a mira dos seguranças do museu.

Por mais que não soubesse que tipo de resposta esperar de Eugenia, Marta sem dúvida não estava preparada para o que ouviu:

– *Robert Langdon?!* – exclamou a secretária. – *Sei con Langdon ora?! – Você está com Langdon agora?*

Ela parecia não entender o mais importante. *Sim, mas a máscara...*

– *Devo parlare con lui!* – Eugenia estava quase gritando. *Preciso falar com ele!*

◆ ◆ ◆

Dentro da sala de segurança, a cabeça de Langdon continuava a latejar sob a mira das armas dos guardas. De repente, a porta se abriu e Marta Alvarez entrou.

Pela abertura, Langdon pôde ouvir o zumbido distante do drone em algum lugar lá fora, um ruído ameaçador acompanhado pelo ressoar de sirenes que se aproximavam. *Descobriram onde estamos.*

– *È arrivata la polizia* – Marta informou aos seguranças, despachando um deles para acompanhar a polícia até o museu. O outro ficou para trás, com o cano da arma ainda apontado para Langdon.

Para surpresa do professor, Marta lhe estendeu um celular.

– Uma pessoa quer falar com o senhor – disse ela em tom perplexo. – Vai ter que sair para conseguir sinal.

O grupo migrou da sala de controle abafada para uma área contígua da galeria, onde a luz do sol se derramava por grandes janelas que ofereciam uma vista espetacular da Piazza della Signoria. Mesmo que ainda estivesse sob a mira do segurança, Langdon ficou aliviado ao se ver fora daquele espaço confinado.

Marta o chamou para junto da janela e lhe entregou o telefone.

Com hesitação, Langdon pegou o aparelho e o levou à orelha.

– Alô? Aqui é Robert Langdon.

– *Signore*, aqui é Eugenia Antonucci, secretária de Ignazio Busoni – disse a mulher em um inglês inseguro, com sotaque carregado. – Nós nos conhecemos ontem à noite, quando o senhor veio ao escritório dele.

Langdon não se lembrava de nada.

– Pois não?

– Sinto muito lhe dizer isso, mas Ignazio sofreu um ataque cardíaco ontem à noite e faleceu.

Langdon segurou mais firme o telefone. *Ignazio Busoni morreu?!*

A mulher agora chorava e continuou com uma voz carregada de tristeza:

– Ele me ligou antes de morrer. Deixou um recado e pediu que eu o mostrasse ao senhor. Vou pôr para o senhor ouvir.

Langdon ouviu alguns ruídos e, logo em seguida, uma gravação débil da voz ofegante de Ignazio Busoni.

"Eugenia", dizia ele sem fôlego, claramente sentindo muita dor. "Por favor, não deixe de fazer com que este recado chegue aos ouvidos de Robert Langdon. Estou

em apuros. Não acho que vou conseguir voltar ao escritório.” Ignazio gemeu; seguiu-se um longo silêncio. Quando ele voltou a falar, sua voz estava mais fraca: “Robert, espero que você tenha conseguido fugir. Eles continuam atrás de mim... e eu... estou passando mal. Estou tentando chamar um médico, mas...” Outra pausa comprida, como se *il Duomino* estivesse reunindo suas últimas reservas de energia. “Robert, preste atenção. O que você procura está escondido em um lugar seguro. Os portões estão abertos para você, mas não demore. Paraíso 25.” Ele ficou um bom tempo calado antes de concluir com um sussurro: “Fique com Deus.”

Assim terminava o recado.

Langdon sentia o coração disparado; sabia que havia acabado de ouvir as últimas palavras de um homem. O fato de as palavras terem sido dirigidas a ele não aplacou nem um pouco sua ansiedade. *Paraíso 25? Os portões estão abertos para mim?* Ele refletiu sobre isso. *De que portões ele está falando?!* A única coisa que fazia algum sentido era Ignazio ter dito que a máscara estava escondida num lugar seguro.

Eugenia voltou à linha.

– Professor, o senhor entendeu o recado?

– Mais ou menos.

– Posso fazer alguma coisa?

Langdon pensou um bom tempo nessa pergunta.

– Não mostre o recado a mais ninguém.

– Nem à polícia? Um investigador está vindo tomar o meu depoimento.

Langdon ficou tenso. Olhou para o segurança ainda de arma apontada. Então, com um movimento rápido, virou-se para a janela, baixou a voz e sussurrou depressa:

– Eugenia... sei que isso vai soar estranho, mas preciso que você apague o recado e *não* diga à polícia que falou comigo. Entendeu? A situação está muito complicada e...

Ele sentiu a pressão do cano de uma arma contra a lateral de seu corpo e, quando se virou, viu o segurança a poucos centímetros estendendo a mão livre para pedir o celular de Marta.

Houve um longo silêncio na linha, mas, por fim, Eugenia disse:

– Sr. Langdon, meu chefe confiava no senhor... então também vou confiar.

E desligou.

Langdon devolveu o telefone ao guarda.

– Ignazio Busoni morreu – falou para Sienna. – Teve um infarto ontem à noite depois de sair deste museu. – Langdon passou alguns instantes calado. – A máscara está em segurança. Ignazio a escondeu antes de morrer. E acho que deixou uma pista de onde encontrá-la.

Paraíso 25.

Uma centelha de esperança iluminou os olhos de Sienna, mas, quando Langdon se

virou para Marta, a italiana lhe pareceu desconfiada.

– Marta – disse ele. – Posso recuperar a máscara de Dante, mas você precisa nos deixar sair daqui. Agora.

Marta soltou uma gargalhada.

– Nem pensar! Foi o senhor quem *roubou* a máscara! A polícia está chegando e...

– *Signora Alvarez* – interrompeu Sienna, levantando a voz. – *Mi dispiace, ma non le abbiamo detto la verità*.

Langdon quase não acreditou. *O que Sienna está fazendo?!* Tinha entendido o que ela dissera. *Sra. Alvarez, sinto muito, mas nós não lhe dissemos a verdade.*

Marta pareceu igualmente atônita com as palavras de Sienna, embora grande parte desse espanto talvez fosse pelo fato de a moça, de uma hora para a outra, estar falando em italiano fluente, sem sotaque.

– *Innanzitutto, non sono la sorella di Robert Langdon* – prosseguiu Sienna em um tom de voz sincero, como se pedisse desculpas. *Em primeiro lugar, não sou irmã de Robert Langdon.*

CAPÍTULO 44

Marta Alvarez deu um passo vacilante para trás e cruzou os braços, analisando a mulher loura à sua frente.

– *Mi dispiace* – prosseguiu Sienna, ainda em italiano fluente. – *Le abbiamo mentito su molte cose. – Sinto muito. Mentimos para a senhora sobre muitas coisas*.

O segurança parecia tão perplexo quanto Marta, mas se manteve firme.

Sienna então começou a falar mais rápido, ainda em italiano, e disse a Marta que trabalhava em um hospital de Florença e que Langdon havia chegado lá na noite anterior com um ferimento à bala na cabeça. Explicou que ele não tinha nenhuma recordação dos acontecimentos que o haviam levado ao hospital e que estava tão surpreso quanto Marta com o vídeo de segurança.

– Mostre seu ferimento para ela – ordenou a Langdon.

Ao ver os pontos sob os cabelos desgrenhados do professor, Marta se apoiou no parapeito da janela e escondeu o rosto nas mãos por vários segundos.

Nos últimos minutos, havia descoberto não só que a máscara mortuária de Dante fora roubada sob sua responsabilidade, mas também que os ladrões tinham sido um respeitado professor americano e seu confiável colega florentino, agora morto. Para completar, a jovem Sienna Brooks, que Marta imaginava ser a irmã de Robert Langdon que estava ali para admirar as belezas de Florença, no fim das contas era uma médica e estava admitindo ter mentido... em italiano fluente.

– Marta – disse Langdon com uma voz grave e compreensiva. – Sei que deve ser difícil de acreditar, mas juro que não me lembro de nada da noite passada. Nem imagino por que Ignazio e eu pegamos a máscara.

Pela expressão nos olhos dele, Marta percebeu que Langdon estava dizendo a verdade.

– Vou lhe devolver a máscara – continuou ele. – Eu lhe dou a minha palavra. Mas não poderei fazer isso se você não nos deixar sair daqui. A situação é complicada. Você tem que nos deixar ir agora mesmo.

Por mais que quisesse ter a inestimável máscara de volta, Marta não tinha a menor intenção de deixar ninguém sair dali. *Cadê a polícia?!* Olhou em direção à solitária viatura na Piazza della Signoria. Parecia estranho que os agentes ainda não tivessem chegado ao museu. Também escutou um zumbido estranho ao longe, como se alguém estivesse usando uma serra elétrica. E esse barulho estava ficando cada vez mais

alto.

O que será isso?

– Marta, você *conhece* Ignazio. – Langdon agora falava em tom de súplica. – Ele jamais iria tirar a máscara do museu se não tivesse um bom motivo. Há muito mais coisas em jogo aqui. O dono da máscara, Bertrand Zobrist, era um homem muito perturbado. Acreditamos que esteja envolvido em algo terrível. Não tenho tempo para explicar tudo, mas estou implorando que confie em nós.

Marta não sabia o que pensar. Nada daquilo parecia fazer o menor sentido.

– Sra. Alvarez – falou Sienna, fitando Marta com um olhar duro como pedra. – Se dá valor ao seu futuro e ao futuro do seu bebê, tem que nos deixar ir embora agora mesmo.

Marta cruzou as mãos sobre a barriga como se quisesse protegê-la, não gostando nem um pouco daquela ameaça velada ao seu bebê ainda por nascer.

O zumbido agudo lá fora sem dúvida estava ficando mais alto. Quando Marta espiou pela janela, não conseguiu identificar a fonte do barulho, mas viu outra coisa.

O guarda também viu e seus olhos se arregalaram.

Lá embaixo, na Piazza della Signoria, a multidão se abrira para deixar passar uma longa fila de viaturas policiais que chegavam com as sirenes desligadas, conduzidas por duas vans pretas que pararam cantando pneus em frente às portas do palácio. Soldados de uniforme preto portando grandes armas saltaram e entraram correndo no edifício.

Marta foi tomada por uma onda de medo. *Quem são essas pessoas?*

O segurança pareceu igualmente alarmado.

O zumbido agudo de repente se fez mais penetrante e Marta recuou, aflita, ao ver um pequeno helicóptero aparecer bem do outro lado da janela.

A máquina pairava a não mais de 10 metros de distância, quase como se estivesse olhando para as pessoas dentro da galeria. Era uma aeronave pequena, com cerca de um metro de comprimento e um longo cilindro preto montado na frente. O cilindro apontava para eles.

– *Sta per sparare!* – gritou Sienna. – Ele vai atirar! *Tutti a terra!* Todos para o chão!

Ela se ajoelhou debaixo do parapeito e Marta gelou de pavor enquanto seu instinto a levava a fazer o mesmo. O segurança também se agachou, apontando por reflexo a arma para o aparelhinho.

Agachada desconfortavelmente sob o parapeito, Marta viu que Langdon continuava de pé e encarava Sienna com uma expressão estranha; era óbvio que ele não acreditava que houvesse perigo. Sienna ficou apenas um instante no chão antes de se levantar com um pulo, agarrar Langdon pelo pulso e puxá-lo na direção do corredor. Um segundo depois, os dois fugiam juntos rumo à entrada principal do

palácio.

O guarda ajoelhado girou na direção deles e se posicionou como um franco-atirador, apontando a arma para o corredor e mirando na dupla de fugitivos.

– *Non spari!* – ordenou Marta. – *Non possono scappare. – Não atire! Eles não têm como fugir!*

Langdon e Sienna sumiram de vista ao dobrar uma quina. Marta sabia que em questão de segundos iriam topar com as autoridades que vinham na direção oposta.

◆ ◆ ◆

– Mais rápido! – instou Sienna, correndo com Langdon ao longo do caminho pelo qual tinham chegado.

Estava torcendo para conseguirem alcançar a entrada principal antes de toparem com a polícia, mas agora percebia que as chances de isso acontecer eram quase nulas.

Langdon parecia ter dúvidas semelhantes. De repente, os dois derraparam e pararam em um grande cruzamento de corredores.

– Nunca vamos conseguir sair por aqui.

– Venha! – Sienna gesticulou com urgência para que ele a seguisse. – Robert, não podemos ficar parados aqui!

Langdon parecia distraído, com os olhos voltados para a esquerda na direção de um corredor curto que parecia terminar em uma pequena câmara mal-iluminada e sem saída. As paredes do recinto eram cobertas de mapas antigos e no centro havia um globo de ferro maciço. Ele fitou a enorme esfera de metal e começou a assentir, primeiro devagar, depois com mais energia.

– Por aqui! – declarou, correndo em direção ao globo de ferro.

Sienna o seguiu a contragosto. Era óbvio que o corredor conduzia para dentro do museu, afastando-os da saída.

– Robert? – falou, ofegante, quando enfim o alcançou. – Para onde está nos levando?

– Vamos atravessar a Armênia – respondeu ele.

– O quê?!

– A Armênia – repetiu Langdon, sem tirar os olhos do caminho à sua frente. – Confie em mim.

◆ ◆ ◆

Escondida entre os turistas assustados na galeria do Salão dos Quinhentos, Vayentha manteve a cabeça baixa enquanto a equipe de SMI de Brüder passava estrondosamente por ela para entrar no museu. No térreo, o som de portas batendo

ecoou pelo salão quando a polícia isolou a área.

Se Langdon estivesse mesmo ali, estava encurralado.

Infelizmente, ela também.

CAPÍTULO 45

Com suas paredes forradas de painéis de carvalho e o teto formado por caixotões de madeira, a Sala dos Mapas Geográficos parecia outro mundo quando comparada ao interior austero de pedra e gesso do Palazzo Vecchio. Aquele espaço pomposo, que no projeto original era a chapelaria do palácio, continha dezenas de armários e gabinetes que outrora serviam para guardar os tesouros portáteis do grão-duque. Atualmente, as paredes são cobertas de mapas – 53 iluminuras pintadas à mão em couro – que representam o mundo como era conhecido na década de 1550.

Essa excepcional coleção de cartografia é dominada pela presença de um globo maciço situado no centro do recinto. Conhecida como *Mappa Mundi*, a esfera de 1,83 metro de altura foi o maior globo giratório de sua época e, segundo relatos, era possível girá-la quase sem esforço, com o simples toque de um dedo. Hoje serve mais como última parada para turistas que, depois de atravessar a longa sucessão de salas do primeiro andar e chegar a um beco sem saída, contornam a obra e voltam pelo mesmo caminho.

Langdon e Sienna chegaram sem fôlego à Sala dos Mapas. O *Mappa Mundi* se erguia majestoso diante deles, mas Langdon o ignorou por completo e olhou para as paredes que cercavam a sala.

– Temos que encontrar a Armênia! – falou. – O mapa da Armênia!

Claramente desconcertada pelo pedido, Sienna correu até a parede direita da sala em busca de um mapa da Armênia.

Langdon iniciou uma busca semelhante pela parede esquerda, começando a dar a volta na sala.

Arábia, Espanha, Grécia...

Todos os países eram retratados com extraordinária riqueza de detalhes, apesar de os desenhos terem sido feitos mais de quinhentos anos antes, época em que a maior parte do mundo nem havia sido mapeada ou explorada.

Onde está a Armênia?

Embora sua memória fotográfica em geral fosse nítida, as lembranças do "tour pelas passagens secretas" que ele fizera naquele *palazzo* muitos anos antes lhe pareciam nebulosas, em grande parte por causa da segunda taça de Gaja Nebbiolo que ele bebera no almoço antes do passeio. De modo muito apropriado, a palavra *nebbiolo* significava "pequena névoa". Mesmo assim, Langdon se lembrava com clareza de ter visto um mapa específico naquela sala, o da Armênia, que tinha uma

característica singular.

Sei que ele está por aqui, pensou, continuando a vasculhar a sucessão aparentemente interminável de mapas.

– Armênia! – anunciou Sienna. – Achei!

Langdon se virou para onde ela estava, no canto direito mais afastado da sala. Correu até lá e Sienna apontou para o mapa com uma expressão que parecia dizer: "Encontramos a Armênia... e daí?"

Langdon sabia que eles não tinham tempo para explicações. Limitou-se a estender as mãos, segurar a grossa moldura de madeira do mapa e puxá-la para si. O mapa inteiro girou para dentro da sala, junto com um longo pedaço da parede e da madeira que a revestia, revelando uma passagem secreta.

– Então está bem – disse Sienna, parecendo impressionada. – Armênia, aí vamos nós.

Sem hesitar, ela passou depressa pela abertura e mergulhou sem medo no espaço mal iluminado. Langdon a seguiu, apressando-se em fechar a parede atrás deles.

Apesar das recordações nebulosas, lembrava-se bem daquele caminho. Ele e Sienna tinham acabado de passar para o outro lado do espelho, por assim dizer, adentrando o Palazzo Invisibile: o mundo oculto que existia *atrás* das paredes do Palazzo Vecchio, um reino secreto ao qual tinham acesso apenas o então soberano grão-duque e as pessoas mais próximas a ele.

Langdon se deteve por alguns instantes debaixo do portal para assimilar o novo espaço ao seu redor: um corredor de pedras claras iluminado apenas pela fraca luz natural que passava através de uma série de janelas com caixilhos de chumbo. O corredor descia cerca de 50 metros até uma porta de madeira.

Ele então se virou para a esquerda, onde havia uma escada estreita bloqueada por uma corrente. Uma placa logo acima dela dizia: SENZA USCITA.

Langdon se encaminhou para lá.

– Não! – alertou Sienna. – A placa diz "sem saída".

– Obrigado – falou Langdon com um sorriso de ironia. – Sei ler em italiano.

Ele soltou a corrente e a levou até a porta secreta, usando-a para prendê-la – passou rapidamente a corrente por dentro do puxador e ao redor de uma arandela próxima para que ninguém pudesse abrir pelo outro lado.

– Ah – falou Sienna, encabulada. – Bem pensado.

– Isso não vai detê-los por muito tempo – disse Langdon. – Mas não precisamos de muito. Venha comigo.

* * *

Quando o mapa da Armênia finalmente se abriu com um estrondo, o agente Brüder e seus homens retomaram a busca, descendo o corredor estreito em direção à porta

de madeira na outra extremidade. Assim que a arrombaram, Brüder sentiu uma rajada de ar frio atingi-lo em cheio e foi cegado pela luz forte do sol.

Havia chegado a uma passarela externa que margeava o telhado do *palazzo*. Olhou para o caminho adiante que levava direto a outra porta, uns 50 metros à frente, e entrou de volta no edifício.

Então Brüder olhou para a esquerda da passarela, onde o teto alto e abobadado do Salão dos Quinhentos se erguia como uma montanha. *Impossível atravessar*. Virou-se em seguida para a direita, onde a passarela era ladeada por um paredão íngreme que mergulhava até um poço de luz profundo. *Morte instantânea*.

Tornou a olhar para o caminho à frente.

– Por aqui!

O grupo disparou pela passarela rumo à segunda porta enquanto o drone de reconhecimento voava em círculos acima deles, como um abutre.

Ao atravessarem o portal, contudo, pararam de repente, quase colidindo uns com os outros.

Estavam dentro de uma minúscula câmara de pedra sem outra saída que não a porta pela qual tinham acabado de entrar. Encostada na parede havia uma solitária mesa de madeira. Acima de suas cabeças, as figuras grotescas retratadas nos afrescos do teto da câmara pareciam lhes lançar olhares zombeteiros.

Não havia como sair dali.

Um dos homens correu até a parede para analisar a placa informativa que estava afixada ali.

– Esperem um instante – falou. – Na placa está escrito que tem uma *finestra* aqui... alguma espécie de janela secreta?

Brüder olhou em volta, mas não viu janela secreta nenhuma. Então marchou em direção à parede e leu ele mesmo a placa.

Aparentemente, aquele espaço costumava ser o gabinete particular da duquesa Bianca Cappello e tinha uma janela secreta – *una finestra segreta* – pela qual ela podia assistir às escondidas aos discursos do marido lá embaixo, no Salão dos Quinhentos.

Ele tornou a correr os olhos pelo recinto e dessa vez identificou uma pequena abertura gradeada oculta na parede lateral. *Será que eles fugiram por aqui?*

Foi até lá e examinou a abertura, que parecia pequena demais para alguém do tamanho de Langdon conseguir atravessar. Encostou o rosto na grade e olhou pelo buraco para ter certeza de que ninguém havia escapado por ali. Do outro lado da grade havia uma queda abrupta de vários andares até o chão do Salão dos Quinhentos.

Então onde esses dois se meteram?!

Quando tornou a se virar para o interior da câmara de pedra, o agente Brüder

sentiu toda a frustração do dia se acumular dentro de si. Em um raro momento de descontrole emocional, jogou a cabeça para trás e soltou um urro de raiva.

Naquele espaço confinado, o som foi ensurdecedor.

Vários metros abaixo, no Salão dos Quinhentos, turistas e policiais se viraram e ergueram os olhos para a abertura gradeada bem no alto da parede. Pelo visto, o gabinete secreto da duquesa agora estava servindo de jaula para algum animal selvagem.

♦ ♦ ♦

Sienna Brooks e Robert Langdon estavam parados na mais completa escuridão.

Minutos antes, Sienna testemunhara a esperteza de Langdon ao usar uma corrente para travar o mapa giratório da Armênia e, em seguida, se virar e fugir.

Para sua surpresa, no entanto, em vez de descer o corredor, ele subira a escada íngreme com a placa USCITA VIETATA.

– Robert! – sussurrou ela, confusa. – A placa dizia "sem saída"! Além do mais, achei que nós quiséssemos *descer*!

– E queremos – disse Langdon, olhando por cima do ombro. – Mas às vezes é preciso subir... para depois descer. – Ele lhe deu uma piscadela encorajadora. – Não se lembra da barriga de Satã?

Do que ele está falando? Ela correu atrás de Langdon, sentindo-se perdida.

– Você já leu o *Inferno*? – perguntou ele.

Já... mas acho que devia ter uns 7 anos.

Logo em seguida, no entanto, ela entendeu.

– Ah, a barriga de Satã! Agora me lembrei.

Ela havia demorado um pouco, mas então percebera que Langdon estava se referindo ao final do *Inferno* de Dante. No último canto do poema, para escapar do Inferno, o poeta tem que descer pela barriga peluda de um gigantesco Satã; quando chega à altura do quadril, que seria o centro da Terra, a gravidade se inverte de repente e, para continuar a *descer* em direção ao Purgatório... Dante precisa, na verdade, *subir*.

Sienna não se lembrava de muita coisa do *Inferno* além da sua decepção diante da ação absurda da gravidade no centro da Terra; pelo jeito, o gênio de Dante não incluía uma compreensão satisfatória da física das forças vetoriais.

Quando chegaram ao topo da escada, Langdon abriu a única porta que havia ali. Nela se lia: SALA DEI MODELLI DI ARCHITETTURA.

Ele conduziu Sienna para dentro, fechou a porta atrás de si e passou o trinco.

O cômodo era pequeno e simples, com uma série de mostruários que exibiam maquetes de madeira dos projetos arquitetônicos de Vasari para o interior do *palazzo*. Sienna mal olhou para as maquetes. Não deixou de notar, porém, que a sala

não tinha portas nem janelas e, como dizia a placa... *era sem saída*.

– Em meados do século XIV – sussurrou Langdon –, o duque de Atenas assumiu o poder no palácio e construiu esta rota de fuga secreta caso fosse atacado. Chama-se Escada do Duque de Atenas e desce até uma minúscula saída de emergência que dá numa rua secundária. Se conseguirmos chegar até lá, ninguém nos verá sair. – Ele apontou para uma das maquetes. – Olhe. Está vendo aqui do lado?

Ele me trouxe aqui para me mostrar maquetes?

Aflita, Sienna olhou para o modelo e viu a escada secreta que descia do topo do palácio até a rua, astutamente escondida entre as paredes interna e externa do edifício.

– Sim, Robert, estou vendo a escada, mas ela está do lado *oposto* do palácio – falou com irritação. – Nós nunca vamos conseguir chegar lá!

– Tenha um pouco de fé – retrucou ele com um sorriso torto.

Um estrondo repentino no andar de baixo lhes informou que o mapa da Armênia acabara de ser arrombado. Petrificados, os dois ouviram os passos dos soldados seguirem pelo corredor, nenhum deles sequer imaginando que os fugitivos fossem subir mais ainda... muito menos por uma pequena escada com uma placa de SEM SAÍDA.

Quando a barulheira mais abaixo cessou, Langdon atravessou com determinação o recinto, passando entre as maquetes e se encaminhando diretamente para o que parecia um grande armário na parede dos fundos. O armário tinha cerca de um metro quadrado e estava suspenso a pouco menos de um metro do chão. Langdon agarrou o puxador e escancarou a porta.

Sienna recuou, surpresa.

O espaço lá dentro parecia um vácuo profundo... como se o armário fosse um portal para outro mundo.

– Venha – disse Langdon.

Ele pegou uma solitária lanterna pendurada na parede ao lado da entrada. Então, com agilidade e força surpreendentes, o professor içou o próprio corpo e cruzou o limiar, desaparecendo dentro daquela toca de coelho.

CAPÍTULO 46

La soffitta, pensou Langdon. *O sótão mais dramático da Terra.*

O ar dentro do vão parecia bolorento e estagnado, como se o pó de gesso acumulado ao longo dos séculos tivesse se tornado tão fino e leve que se recusasse a se assentar, pairando de modo perpétuo no ambiente. O amplo espaço rangia e estalava, dando a Langdon a sensação de ter acabado de entrar na barriga de um animal vivo.

Assim que sentiu que estava bem equilibrado sobre uma larga viga horizontal, ergueu a lanterna e fez o facho de luz penetrar a escuridão.

Um túnel que parecia não ter fim se estendia à sua frente, entrecortado por uma verdadeira teia de triângulos e retângulos de madeira formada pelo cruzamento de traves, vigas, escoras e outros elementos estruturais que formavam o esqueleto invisível do Salão dos Quinhentos.

Langdon tinha visitado aquele imenso forro alguns anos antes, durante seu passeio embriagado de Nebbiolo pelas passagens secretas do palácio. A janela de observação em forma de armário fora aberta na parede da sala das maquetes para que os visitantes pudessem primeiro inspecionar os modelos do madeiramento para depois olhar pela abertura com uma lanterna a fim de ver a estrutura real.

Agora que estava dentro do desvão, Langdon ficou surpreso ao constatar quanto o madeiramento se parecia com o dos velhos celeiros da Nova Inglaterra – uma estrutura clássica de pendural e escoras, com emendas tipo "dardo de Júpiter".

Sienna também havia escalado a abertura e agora se equilibrava na viga ao seu lado, parecendo desorientada. Langdon moveu a lanterna de um lado para outro, mostrando-lhe a paisagem incomum.

De onde estavam, olhar pelo forro era como espiar por entre uma longa sucessão de triângulos isósceles que se prolongava a perder de vista, estendendo-se em direção a algum ponto de fuga distante. Sob seus pés não havia assoalho e as vigas de sustentação horizontais ficavam totalmente expostas, como os dormentes de uma estrada de ferro.

Langdon apontou à frente para o túnel comprido.

– Este espaço está bem *em cima* do Salão dos Quinhentos – sussurrou. – Se conseguirmos chegar à outra ponta, sei o caminho até a Escada do Duque de Atenas.

Sienna lançou um olhar cético ao labirinto de vigas e escoras que se erguia à sua frente. Pelo jeito, a única forma de atravessar o forro seria saltar de viga em viga

como crianças em um trilho de trem. As vigas eram largas – compostas por várias vigas menores unidas por grampos de ferro grossos até formarem um feixe resistente – e tinham largura de sobra para uma pessoa se equilibrar. O desafio, no entanto, era o espaço entre elas, muito grande para ser galgado com segurança.

– Nunca vou conseguir saltar entre essas vigas – sussurrou Sienna.

Langdon também duvidava de que fosse capaz, e cair seria morte certa. Apontou a lanterna para baixo, iluminando o vão entre as vigas.

Uns 2,5 metros abaixo de onde estavam havia uma superfície horizontal empoeirada suspensa por varas de ferro: uma espécie de pavimento que se estendia até onde o olho alcançava. Apesar de parecer sólido, Langdon sabia que aquilo era apenas um tecido esticado coberto de pó. Aquele era o "avesso" do teto suspenso do Salão dos Quinhentos – uma sucessão dos caixotões de madeira que enquadravam as 39 telas de Vasari, todos dispostos na horizontal, formando uma espécie de colcha de retalhos.

Sienna apontou a superfície empoeirada logo abaixo.

– Será que conseguimos descer até ali e andar até o outro lado?

Só se você quiser rasgar uma das telas de Vasari e cair no Salão dos Quinhentos.

– Na verdade, temos uma alternativa melhor – disse Langdon com calma, sem querer assustá-la. Começou a descer a viga em direção ao eixo central do forro.

Em sua visita anterior, além de olhar através da janela na sala das maquetes, Langdon havia explorado o forro a pé, entrando por uma porta do *outro* lado do sótão. Se a memória embotada pelo vinho não estivesse lhe pregando uma peça, uma sólida passarela acompanhava a espinha dorsal do forro, proporcionando aos turistas acesso a uma larga plataforma de observação no centro da estrutura.

No entanto, a passarela que ele encontrou ao chegar à metade da viga não se parecia em nada com a de suas recordações.

Quanto Nebbiolo será que bebi naquele dia?

Em vez de uma estrutura sólida, digna de receber turistas, o que viu foi uma confusão de tábuas soltas dispostas na perpendicular ao longo das vigas para criar uma passarela rudimentar – mais uma corda bamba do que uma ponte.

Pelo jeito, a firme passarela para turistas que começava na outra extremidade do forro se estendia apenas até a plataforma de observação central. A partir dali, os visitantes obviamente davam meia-volta. O mais provável era que a ponte improvisada à sua frente tivesse sido instalada para que engenheiros pudessem fazer reparos no restante do forro daquele lado.

– Parece que vamos ter que andar na prancha – disse Langdon, fitando com insegurança as tábuas estreitas.

Sienna deu de ombros; não parecia abalada.

– Tão ruim quanto Veneza na estação de enchentes.

Langdon percebeu que, de certo modo, ela estava certa. Em sua última ida a Veneza, a praça São Marcos estava submersa em 30 centímetros de água, e ele fora obrigado a andar do Hotel Daniele até a basílica em cima de pranchas de madeira apoiadas em blocos de concreto e baldes emborcados. É claro que a perspectiva de molhar seus sapatos sociais não era nada se comparada a cair e morrer depois de ter rasgado uma obra-prima da Renascença.

Langdon afastou esse pensamento e deu um passo em direção à tábua estreita com uma falsa segurança que, esperava, fosse acalmar qualquer preocupação que Sienna pudesse ter. Porém, por mais seguro que parecesse, seu coração batia descompassado enquanto ele avançava pela primeira tábua. No meio do caminho, ela vergou sob seu peso com um rangido ameaçador. Langdon seguiu em frente, mais depressa, e por fim conseguiu chegar ao outro lado e à relativa segurança da segunda viga.

Respirando aliviado, virou-se para iluminar o caminho para Sienna e para oferecer quaisquer palavras de incentivo de que ela pudesse precisar. Mas, pelo jeito, não precisava de nenhuma. Assim que o facho de luz incidiu sobre a tábua, ela começou a atravessá-la com incrível destreza. A prancha mal vergou sob seu corpo esguio e em questão de segundos ela já havia se juntado a ele do outro lado.

Sentindo-se encorajado, Langdon tornou a se virar para a frente e começou a atravessar a tábua seguinte. Sienna esperou que ele chegasse ao outro lado e se virasse para iluminar o caminho, então foi atrás, mantendo-se em sua cola. Os dois seguiram em frente num ritmo constante – dois vultos se movendo um atrás do outro sob a luz de uma só lanterna. Em algum lugar abaixo deles, o som dos walkie-talkies da polícia atravessava o teto fino. Langdon se permitiu um leve sorriso. *Estamos suspensos acima do Salão dos Quinhentos, leves como penas, invisíveis.*

– Então, Robert – sussurrou Sienna. – Você disse que Ignazio falou onde está a máscara, não foi?

– Sim... mas em uma espécie de código. – Em poucas palavras, ele explicou que, pelo jeito, Ignazio não quisera entregar o paradeiro da máscara na secretária eletrônica, preferindo compartilhar a informação de forma enigmática: – Ele se referiu ao Paraíso, o que suponho ser uma alusão à última parte da *Divina Comédia*. Suas palavras exatas foram: "Paraíso 25."

Sienna ergueu os olhos.

– Ele devia estar se referindo ao *Canto* XXV.

– Concordo – disse Langdon.

Grosso modo, cada canto equivalia a um capítulo. A palavra remontava à tradição oral de "cantar" poemas épicos. *A Divina Comédia* continha um total de cem cantos divididos em três seções:

Inferno 1–34
Purgatorio 1–33
Paradiso 1–33

Paraíso 25, pensou Langdon, desejando que sua memória fotográfica fosse boa o suficiente para ele saber o texto inteiro de cor. *Infelizmente, não chego nem perto disso: precisamos encontrar um exemplar do livro.*

– E tem mais – prosseguiu Langdon. – A última coisa que Ignazio me disse foi: *Os portões estão abertos para você, mas não demore*. – Ele se calou e tornou a olhar para ela. – O Canto XXV deve fazer referência a algum local específico aqui em Florença. Ao que parece, algum lugar com portões.

Sienna franziu o cenho.

– Esta cidade deve ter dezenas de portões.

– Exato. E é por isso que precisamos ler o Canto XXV do *Paraíso*. – Ele lhe abriu um sorriso esperançoso. – Você por acaso não saberia toda a *Divina Comédia* de cor, saberia?

Ela o encarou, pasma.

– Mais de 14 mil versos de italiano arcaico que li quando era criança? – Sienna balançou a cabeça. – Quem tem memória de elefante é você, professor. Eu sou apenas uma médica.

Enquanto avançavam, Langdon sentiu uma certa tristeza por constatar que, apesar de tudo o que eles haviam passado juntos, Sienna ainda parecia preferir omitir a verdade sobre o seu intelecto excepcional. *Apenas uma médica?* Ele não pôde deixar de rir. *A médica mais modesta do mundo*, pensou, lembrando-se dos recortes de imprensa que havia lido sobre suas habilidades especiais – habilidades que, infelizmente, mas sem grande surpresa, não incluíam saber de cabeça um dos poemas épicos mais longos da história.

Em silêncio, seguiram por várias outras vigas. Por fim, Langdon viu mais adiante na penumbra uma silhueta animadora. *A plataforma de observação!* As pranchas sobre as quais eles estavam andando conduziam direto a uma estrutura muito mais sólida dotada de guarda-corpos. Se conseguissem chegar lá, poderiam atravessar a passarela até saírem do forro por uma porta que, pelo que Langdon se lembrava, ficava muito perto da Escada do Duque de Atenas.

Quando estavam quase chegando à plataforma, Langdon olhou para o teto suspenso 2 metros abaixo de onde estava. Até ali, todos os compartimentos lá embaixo tinham sido parecidos. O que estava se aproximando, contudo, era imenso – muito maior do que os outros.

A Apoteose de Cosmo I, pensou Langdon.

Aquele grande caixotão circular correspondia ao quadro mais precioso de Vasari – a imagem central do Salão dos Quinhentos. Langdon muitas vezes mostrava slides

dessa obra para seus alunos, assinalando as semelhanças com *A Apoteose de Washington* no Capitólio dos Estados Unidos – um lembrete de que a jovem América havia herdado muito mais da Itália do que o mero conceito de república.

Mas hoje ele estava muito mais interessado em passar depressa pela *Apoteose* do que em estudá-la. Apertando o passo, virou a cabeça ligeiramente para trás na intenção de sussurrar para Sienna que estavam quase chegando.

Ao fazer isso, seu pé direito errou o centro da tábua e metade da sola do mocassim emprestado pisou para fora. Seu tornozelo se torceu e Langdon foi lançado para a frente. Meio tropeçando, meio correndo, tentou dar um passo rápido para recuperar o equilíbrio.

Mas era tarde demais.

Ele caiu pesado na tábua, de joelhos, e esticou as mãos para a frente em desespero, tentando alcançar a viga perpendicular. Ruidosamente, a lanterna caiu no espaço escuro e vazio abaixo deles e aterrissou na tela, que a aparou como se fosse uma rede. Langdon fez força com as pernas e por um triz conseguiu se projetar até a segurança da viga seguinte enquanto a tábua caía com um estrondo, indo parar 2,5 metros abaixo, no caixotão de madeira que cercava a tela da *Apoteose* de Vasari.

O som ecoou pelo forro.

Horrorizado, Langdon se levantou atabalhoadamente e se virou para Sienna.

Sob a luz fraca da lanterna caída na tela, viu que ela estava parada na viga atrás dele, encurralada, sem ter como atravessar. Seu olhar transmitia o que Langdon já sabia. Era quase certo que o barulho da tábua caindo houvesse revelado sua posição.

* * *

Os olhos de Vayentha se voltaram como dois raios para o teto ornamentado.

– Ratos no sótão? – brincou com uma voz nervosa o homem da filmadora enquanto o som reverberava pelo salão.

Ratos bem grandes, pensou ela, olhando para o quadro circular bem no meio do teto. Uma pequena nuvem de poeira descia por entre os caixotões e Vayentha poderia jurar que havia agora uma pequena saliência na tela, como se alguém a estivesse empurrando pelo outro lado.

– Vai ver um dos policiais deixou a arma cair da plataforma de observação – disse o homem, fitando o calombo na pintura. – O que acha que eles estão procurando? Tudo isso é tão empolgante!

– Uma plataforma *de observação*? – perguntou Vayentha. – Dá para subir lá?

– Claro. – Ele gesticulou para a entrada do museu. – Logo depois daquela porta, há uma outra que conduz a uma passarela no sótão. Dá pra ver todo o madeiramento projetado por Vasari. É incrível.

De repente a voz de Brüder tornou a ecoar pelo Salão dos Quinhentos.

– Onde eles se enfiaram?!

Suas palavras, assim como o grito angustiado que ele dera mais cedo, vieram de trás de uma grade bem no alto da parede, à esquerda de Vayentha. Ao que tudo indicava, Brüder estava dentro de um recinto atrás da grade... um andar inteiro acima do teto.

Ela tornou a olhar para a saliência na tela.

Ratos no sótão, pensou. *Tentando encontrar uma saída*.

Agradeceu ao homem da filmadora e se encaminhou depressa para a entrada do museu. A porta estava fechada, mas, com todos aqueles policiais entrando e saindo, ela desconfiou que estivesse destrancada.

Sua intuição estava certa.

CAPÍTULO 47

Lá fora na *piazza*, em meio ao caos da chegada da polícia, um homem de meia-idade parado nas sombras da Loggia dei Lanzi observava com grande interesse a movimentação ao seu redor. Usava óculos da marca Plume Paris, uma gravata de estampa *paisley* e um pequeno brinco de ouro em uma das orelhas.

Enquanto assistia à comoção, reparou que estava coçando outra vez o pescoço. Da noite para o dia tinha desenvolvido uma irritação na pele que parecia estar piorando e se manifestava na forma de pequenas erupções no maxilar, no pescoço, nas bochechas e acima dos olhos.

Quando olhou para as próprias unhas, viu que estavam sujas de sangue. Sacou o lenço e limpou os dedos, usando-o também para enxugar de leve as erupções no rosto e no pescoço.

Quando terminou, tornou a olhar para as duas vans pretas estacionadas em frente ao *palazzo*. Na mais próxima, havia duas pessoas no banco traseiro.

Uma era um soldado armado vestido de preto.

A outra era uma mulher mais velha muito bonita, de cabelos cor de prata, que usava um amuleto azul no pescoço.

O soldado parecia estar preparando uma seringa.

◆ ◆ ◆

Dentro da van, a Dra. Elizabeth Sinskey olhava distraída para o *palazzo*, perguntando-se como aquela crise podia ter chegado àquelas proporções.

– Doutora? – disse uma voz grave ao seu lado.

Ela se virou, grogue, para o soldado que a acompanhava. Ele segurava seu braço e tinha uma seringa na outra mão.

– Não se mexa.

Ela sentiu a pontada incisiva de uma agulha perfurando sua pele.

O soldado terminou de aplicar a injeção.

– Agora volte a dormir.

Enquanto fechava os olhos, ela poderia jurar ter visto um homem escondido nas sombras, analisando seu rosto. Usava óculos de grife e uma gravata estilosa. A pele de seu rosto estava irritada e vermelha. Por um instante, Elizabeth teve a impressão de que o conhecia, mas quando abriu os olhos para fitá-lo uma segunda vez ele já

havia sumido.

CAPÍTULO 48

Na penumbra do forro, Langdon e Sienna estavam agora separados por um vão de 6 metros. Um pouco mais abaixo, a tábua solta havia caído sobre o caixotão que sustentava a tela da *Apoteose* de Vasari. A lanterna, ainda acesa, jazia sobre a tela em si e criava uma pequena depressão, como uma pedra em cima de uma rede.

– A tábua atrás de você – sussurrou Langdon. – Consegue arrastá-la até esta viga aqui?

Sienna olhou para a tábua a que ele se referia.

– Não sem que a outra ponta caia em cima da tela.

Era o que ele temia: a última coisa de que precisavam àquela altura era uma tábua despencando lá de cima e rasgando um quadro de Vasari.

– Tive uma ideia – falou Sienna, movendo-se de lado pela viga em direção à parede lateral.

Da viga onde estava, Langdon a seguiu. O caminho ficava mais traiçoeiro conforme eles se afastavam do facho de luz da lanterna. Quando chegaram à parede, a escuridão era quase completa.

– Ali embaixo – sussurrou Sienna, apontando para o breu. – Na beirada da estrutura. Aquilo deve estar chumbado na parede. Deve aguentar meu peso.

Antes que Langdon pudesse protestar, ela já estava descendo da viga, usando uma série de escoras como escada. Foi até a beirada de um caixotão de madeira, que emitiu um único rangido, mas aguentou firme. Então, avançando devagar junto à parede, Sienna começou a andar na direção de Langdon, como se estivesse no parapeito de um prédio alto. O caixotão tornou a ranger.

É como gelo fino, pensou Langdon. *Não se afaste da margem.*

Quando Sienna chegou à metade do caminho, aproximando-se da viga sobre a qual ele estava, Langdon sentiu uma nova onda de esperança de que talvez eles conseguissem sair dali a tempo.

Foi então que, em algum ponto da escuridão à sua frente, uma porta bateu e ele ouviu passos rápidos se aproximarem pela passarela. Uma lanterna se acendeu e seu facho de luz começou a vasculhar o espaço, aproximando-se a cada segundo. Langdon sentiu as esperanças minguarem. Alguém vinha na direção deles pela passarela principal, bloqueando sua rota de fuga.

– Sienna, não pare – sussurrou ele, reagindo por instinto. – Vá até o final da parede. Tem uma saída do outro lado. Vou interceptar quem está vindo.

– Não! – respondeu ela, também sussurrando, mas com um tom de urgência na voz. – Robert, volte aqui!

Mas Langdon já havia partido, voltando pela viga em direção ao tirante central do forro e deixando Sienna no escuro junto à parede lateral, 2,5 metros abaixo.

Quando ele alcançou o centro do forro, uma silhueta sem rosto segurando uma lanterna havia acabado de chegar à plataforma de observação. A pessoa parou diante do guarda-corpo baixo e apontou a lanterna para onde ele estava, direto para seus olhos.

O brilho foi ofuscante e ele ergueu os braços na hora, rendendo-se. Não poderia ter se sentido mais vulnerável – equilibrado nas alturas do Salão dos Quinhentos e cegado por uma luz forte.

Esperou um tiro ou alguma ordem, mas houve apenas silêncio. Logo em seguida, o facho de luz foi desviado de seu rosto e começou a vasculhar a escuridão atrás dele, aparentemente procurando alguma coisa... ou alguém. Sem a luz da lanterna nos olhos, ele mal podia distinguir a silhueta que bloqueava sua rota de fuga. Era uma mulher musculosa e toda vestida de preto. Não teve dúvidas de que, por baixo do boné de beisebol, seus cabelos eram espetados.

Os músculos de Langdon se retesaram por instinto e sua cabeça foi invadida por visões do Dr. Marconi agonizando no chão do hospital.

Ela me encontrou. Está aqui para terminar o serviço.

Uma imagem lhe veio à mente com um clarão: mergulhadores gregos nadando rumo às profundezas de um túnel, muito além do ponto do qual era possível retornar, e então se deparando com um muro de pedra intransponível.

A assassina tornou a apontar a lanterna para seus olhos.

– Professor Langdon – sussurrou ela. – Onde está a sua amiga?

Langdon sentiu um arrepio. *Essa assassina está aqui atrás de nós dois.*

Ele olhou ostensivamente por cima do ombro na direção *oposta* a Sienna, para o espaço escuro do qual eles tinham vindo.

– Ela não tem nada a ver com isso. É a mim que você quer.

Rezou para que Sienna estivesse avançando junto à parede. Se ela conseguisse se esgueirar até atrás da plataforma de observação, poderia seguir sem fazer barulho até a passarela central, por trás da mulher, e de lá para a porta.

A assassina tornou a erguer a lanterna e vasculhar o forro vazio atrás dele. Sem a luz nos olhos por alguns instantes, Langdon teve o súbito vislumbre de um vulto na escuridão atrás dela.

Ai, meu Deus, não!

Sienna de fato estava andando por uma viga em direção à passarela central, mas infelizmente estava menos de 10 metros atrás da assassina.

Sienna, não! Afaste-se! Ela vai ouvir você!

A luz voltou a cegá-lo.

– Preste atenção, professor – sussurrou a assassina. – Se quiser viver, sugiro que confie em mim. Minha missão foi abortada. Eu não tenho motivo algum para lhe fazer mal. Agora estamos no mesmo time e talvez eu saiba como ajudá-lo.

Langdon mal a ouvia e só conseguia pensar em Sienna, cujo perfil indistinto agora conseguia ver, escalando com agilidade em direção à passarela atrás da plataforma de observação, perto demais da mulher de cabelos espetados.

Fuja!, pensou ele, como se quisesse instigá-la. *Dê o fora daqui!*

Para sua aflição, porém, Sienna continuou ali, agachando-se nas sombras e pondo-se a observar em silêncio.

♦ ♦ ♦

Os olhos de Vayentha esquadrinharam a escuridão atrás de Langdon. *Onde ela se meteu? Será que eles se separaram?*

Precisava evitar que o casal de fugitivos caísse nas garras de Brüder. *É minha única esperança*.

– Sienna?! – arriscou ela com um sussurro gutural. – Se estiver me ouvindo, preste atenção: vocês não vão querer ser pegos por aqueles homens lá embaixo. Eles *não* vão ser delicados. Conheço um caminho para sair daqui. Posso ajudá-los. Confie em mim.

– Confiar em você? – rebateu Langdon, a voz de repente alta o bastante para que qualquer um por perto o ouvisse. – Você é uma assassina!

Sienna está aqui perto, entendeu Vayentha. *Langdon está falando com ela, está tentando alertá-la.*

Ela tentou outra vez:

– Sienna, a situação está complicada, mas posso tirá-los daqui. Pense nas suas alternativas. Você está encurralada. Não tem escolha.

– Ela tem escolha, sim – disse Langdon em voz alta. – E é esperta o suficiente para fugir para o mais longe possível de você.

– Tudo mudou – insistiu Vayentha. – Eu não tenho motivo para fazer mal a nenhum de vocês dois.

– Você matou o Dr. Marconi! E imagino que também tenha me dado um tiro na cabeça!

Vayentha sabia que ele nunca iria acreditar que ela não tinha intenção de matá-lo.

Chega de conversa. Nada que diga irá convencê-lo.

Sem hesitar, ela enfiou a mão na jaqueta e sacou a pistola equipada com silenciador.

♦ ♦ ♦

Imóvel nas sombras, Sienna permanecia agachada na passarela, a menos de 10 metros da mulher que acabara de confrontar Langdon. Mesmo no escuro, aquela silhueta era inconfundível. Para horror de Sienna, a mulher empunhava a mesma pistola que usara para atirar no Dr. Marconi.

Ela vai disparar, percebeu, interpretando sua linguagem corporal.

De fato, a mulher deu dois passos ameaçadores na direção de Langdon e parou em frente ao guarda-corpo baixo que cercava a plataforma de observação acima da *Apoteose* de Vasari. Estava agora o mais perto dele que podia chegar. Ergueu a pistola e a apontou diretamente para seu peito.

– Só vai doer por um instante – falou –, mas não tenho alternativa.

Sienna reagiu por instinto.

* * *

A vibração inesperada nas tábuas sob os pés de Vayentha foi suficiente para fazê-la virar de leve o corpo ao atirar. No mesmo instante em que a pistola disparou, ela soube que não apontava mais para Langdon.

Algo se aproximava dela por trás.

Depressa.

Vayentha girou 180 graus, apontando a arma para a pessoa que a atacava; um lampejo de cabelos louros brilhou no escuro quando a pessoa se chocou contra ela a toda a velocidade. A pistola tornou a disparar, mas o vulto havia se agachado abaixo da linha de tiro para lhe dar um empurrão forte, jogando seu corpo para cima.

Seus pés saíram do chão e metade de seu corpo se chocou contra o guarda-corpo baixo da plataforma de observação. O tronco foi projetado por cima do guarda-corpo e Vayentha agitou os braços, tentando se agarrar em algo para não cair. Era tarde demais. Ela despencou pela beirada.

Foi caindo pela escuridão e se preparou para colidir com a superfície empoeirada que se estendia 2,5 metros abaixo da plataforma. Estranhamente, porém, a aterrissagem foi mais suave do que ela esperava... como se tivesse sido aparada por uma rede de lona que agora afundava sob o seu peso.

Desorientada, Vayentha ficou ali, deitada de costas, com os olhos erguidos na direção da pessoa que a havia atacado. Debruçada no guarda-corpo, Sienna Brooks olhava para baixo. Atônita, Vayentha abriu a boca para falar, mas de repente ouviu o som de algo se rasgando bem debaixo dela.

A lona que sustentava seu peso se abriu.

Vayentha tornou a despencar.

Dessa vez, caiu por três longos segundos durante os quais se pegou olhando para o teto coberto de belas pinturas. A que estava logo acima dela – uma enorme tela circular representando Cosmo I rodeado de querubins em uma nuvem de aparência

celestial – agora ostentava um rasgão escuro e irregular no centro.

Então, com um baque repentino, o mundo de Vayentha inteiro foi tragado pela escuridão.

♦ ♦ ♦

No forro, imóvel de tanta incredulidade, Robert Langdon espiou pelo rasgo na *Apoteose* o grande abismo que se abrira lá embaixo. No chão de pedra do Salão dos Quinhentos, a mulher de cabelos espetados jazia imóvel, e uma poça escura de sangue se espalhava rapidamente em volta de sua cabeça. Sua mão ainda segurava a pistola.

Langdon ergueu os olhos para Sienna; ela também olhava para baixo, desnorteada pela cena macabra. Parecia em choque.

– Eu não queria...

– Você reagiu por instinto – sussurrou Langdon. – Ela ia me matar.

Gritos alarmados ecoaram no salão, atravessando a tela rasgada.

Com delicadeza, Langdon afastou Sienna do guarda-corpo.

– Precisamos continuar.

CAPÍTULO 49

No gabinete secreto da duquesa Bianca Cappello, o agente Brüder acabara de ouvir um baque repulsivo seguido de uma comoção crescente no Salão dos Quinhentos. Correu até a grade na parede e espiou por ali. Precisou de vários segundos para processar a cena no elegante chão de pedra lá embaixo.

A administradora do museu, que estava grávida, havia chegado ao seu lado junto à grade e imediatamente cobrira a boca com a mão, sem palavras, aterrorizada com o que via: um corpo desconjuntado cercado de turistas em pânico. Ao erguer os olhos devagar em direção ao teto do Salão dos Quinhentos, soltou um gemido de angústia. Brüder acompanhou seu olhar até um painel circular no teto – um quadro com um rasgo no meio.

Brüder se virou para a mulher:

– Como se chega lá em cima?!

◆ ◆ ◆

Na outra ponta do *palazzo*, Langdon e Sienna desceram ofegantes do sótão e atravessaram correndo uma porta. Em poucos segundos, Langdon havia encontrado o pequeno nicho engenhosamente escondido atrás de uma cortina vermelha. Lembrava-se dele com clareza do dia em que fizera o tour pelas passagens secretas.

A Escada do Duque de Atenas.

O som de passos apressados e gritos parecia agora vir de todas as direções. Langdon entendeu que eles tinham pouco tempo. Afastou a cortina e ele e Sienna chegaram a um pequeno patamar.

Sem dizer nada, começaram a descer a escada de pedra. A passagem tinha sido projetada como uma série de lances íngremes e estreitos em zigue-zague. Quanto mais eles desciam, mais apertado o espaço parecia ficar. Por sorte, quando Langdon achou que as paredes iriam esmagá-lo, chegaram ao pé da escada.

Estamos no térreo.

A escada terminava em um pequeno recinto de pedra cuja saída, apesar de ser uma das menores portas da face da Terra, foi uma visão muito bem-vinda. Com apenas 1,20 metro de altura, a porta era de madeira maciça, com rebites de ferro e uma tranca interna para impedir a entrada.

– Dá para ouvir a rua do outro lado – sussurrou Sienna, ainda parecendo abalada.

– Onde essa porta vai dar?

– Na Via della Ninna – respondeu Langdon, pensando na movimentada rua de pedestres. – Mas talvez haja policiais.

– Eles não vão nos reconhecer. Estão procurando uma mulher loura e um homem de cabelos escuros.

Langdon a encarou com um olhar estranho.

– Exatamente o que nós somos...

Sienna balançou a cabeça e seu semblante assumiu uma expressão decidida e melancólica.

– Robert, eu não queria que você me visse assim, mas infelizmente é como estou agora.

Com um gesto brusco, ela ergueu a mão e segurou um punhado de fios louros. Deu um puxão e todo o cabelo saiu da cabeça em um só movimento.

Langdon recuou, impressionado tanto pelo fato de Sienna usar peruca quanto por sua aparência sem ela. A moça na verdade era totalmente careca e tinha um couro cabeludo liso e pálido, como uma paciente de câncer em quimioterapia. *Além de tudo, ela está doente?*

– Eu sei – disse ela. – É uma longa história. Agora abaixe-se. – Ela ergueu a peruca, com a intenção de colocá-la na cabeça de Langdon.

Ela está falando sério? Agachou-se sem muita convicção e Sienna encaixou os cabelos louros em sua cabeça. A peruca quase não coube, mas ela a ajeitou da melhor forma possível. Então deu um passo para trás e avaliou o resultado. Não satisfeita, estendeu as mãos, afrouxou a gravata de Langdon, puxou-a para a sua testa como se fosse uma bandana e voltou a apertar o laço, prendendo melhor a peruca pequena demais para a cabeça dele.

Então foi a vez da própria Sienna: enrolou as bainhas da calça e abaixou as meias para deixá-las emboladas em volta dos tornozelos. Levantou-se com um sorriso sarcástico nos lábios. A linda Sienna Brooks era agora uma skinhead. A transformação da ex-atriz shakespeariana era espantosa.

– Lembre-se: noventa por cento da identificação de uma pessoa se dá pela linguagem corporal – advertiu ela. – Então, ande como um velho roqueiro.

Velho até pode ser, pensou Langdon. *Mas roqueiro, eu já não sei.*

Antes que ele pudesse argumentar, Sienna já havia destrancado e aberto a pequena porta. Ela se abaixou e saiu em direção à movimentada rua de paralelepípedos. Langdon foi atrás e quase teve de engatinhar para emergir à luz do dia.

Além de um ou outro olhar de espanto para o casal improvável que atravessou a minúscula porta nos alicerces do Palazzo Vecchio, ninguém lhes deu muita atenção. Em poucos segundos, Langdon e Sienna estavam seguindo rumo ao leste, engolidos pela multidão.

◆ ◆ ◆

O homem de óculos Plume Paris cutucava a pele ensanguentada enquanto ziguezagueava pela multidão, mantendo uma distância segura de Robert Langdon e Sienna Brooks. Apesar dos disfarces bem bolados, reconhecera-os assim que os dois haviam saído pela pequena porta para a Via della Ninna.

Depois de segui-los por apenas alguns quarteirões, ficou sem fôlego e começou a sentir uma dor aguda no peito que o fez arquejar. Era como se tivesse levado um soco no esterno.

Cerrando os dentes para suportar a dor, obrigou-se a se concentrar em Langdon e Sienna outra vez e continuou a segui-los pelas ruas de Florença.

CAPÍTULO 50

O sol havia nascido por completo e lançava longas sombras pelos cânions estreitos que ziguezagueavam entre os edifícios da antiga Florença. Comerciantes começavam a abrir as grades de metal que protegiam suas lojas e bares, e o cheiro de café e *cornetti* recém-saídos do forno pairava no ar.

Apesar de faminto, Langdon não parou. *Preciso encontrar a máscara... e ver o que está escondido atrás dela.*

Enquanto conduzia Sienna para o norte pela estreita Via dei Leoni, achava difícil se acostumar com a visão de sua careca. Sua aparência radicalmente diferente o fez pensar que mal a conhecia. Eles seguiam em direção à Piazza del Duomo – a praça onde Ignazio Busoni fora encontrado morto depois de fazer sua última ligação.

"Robert", ele conseguira dizer, ofegante. "O que você busca está escondido em um lugar seguro. Os portões estão abertos para você, mas não demore. Paraíso 25. Boa sorte."

Paraíso 25, repetiu Langdon para si mesmo, ainda intrigado que Ignazio Busoni se lembrasse do texto de Dante bem o suficiente para se referir a um canto específico assim, de cabeça. Pelo jeito, para Busoni havia algo de memorável naquele canto. Fosse o que fosse, Langdon estava prestes a descobrir – assim que conseguisse um exemplar do texto, o que poderia fazer com facilidade em vários locais mais à frente.

A peruca que lhe chegava aos ombros já estava começando a fazer sua cabeça coçar e, embora ele se sentisse um tanto ridículo com aquele disfarce, tinha que admitir que a caracterização improvisada de Sienna fora um truque eficaz. Ninguém se interessara por eles, nem mesmo os reforços policiais que haviam acabado de passar em direção ao Palazzo Vecchio.

Sienna já caminhava em total silêncio ao seu lado havia um bom tempo e Langdon olhou para ela, para se certificar de que estava bem. Parecia-lhe muito distante, sem dúvida tentando aceitar o fato de que tinha acabado de matar a mulher que os vinha perseguindo.

– Uma lira pelos seus pensamentos – arriscou ele em tom de brincadeira, na esperança de distrair Sienna da imagem da mulher de cabelos espetados morta no chão do *palazzo*.

Lentamente, Sienna deixou seus devaneios.

– Estava pensando em Zobrist – falou, devagar. – Tentando lembrar se sabia algo mais sobre ele.

– E?

Ela deu de ombros.

– Quase tudo o que sei li em um artigo controverso que ele escreveu alguns anos atrás. Esse texto me marcou muito. Na comunidade médica, virou uma epidemia assim que foi publicado. – Ela se encolheu. – Desculpe, péssima escolha de palavras.

Langdon deu uma risadinha amarga.

– Continue.

– Em linhas gerais, o artigo declarava que a raça humana estava à beira da extinção e que, a menos que houvesse algum evento catastrófico que diminuísse drasticamente a população mundial, nossa espécie não sobreviveria por mais cem anos.

Langdon se virou para encará-la.

– Só mais um século?

– Era uma tese bem radical. O cronograma previsto era muito mais pessimista do que as estimativas anteriores, mas era sustentado por dados científicos bem sólidos. Zobrist fez muitos inimigos ao declarar que todos os médicos deveriam deixar de atuar porque aumentar a expectativa de vida humana só estava piorando o problema da superpopulação.

Langdon agora entendia por que o artigo havia se espalhado tão rapidamente pela comunidade médica.

– Como era de esperar – prosseguiu Sienna –, ele foi atacado por todos os lados: políticos, membros do clero, a OMS, todo mundo o ridicularizou como um maluco apocalíptico que estava apenas tentando gerar pânico. O que causou tanto ressentimento foi a afirmação de que os filhos da juventude de hoje, caso ela decidisse se reproduzir, literalmente testemunhariam o fim da raça humana. Zobrist ilustrava seu argumento com um "Relógio do Apocalipse", mostrando que, se todo o período da vida humana na Terra fosse concentrado em uma só hora... hoje estaríamos nos últimos segundos.

– Já vi esse relógio na internet – disse Langdon.

– Pois é. Bem, o relógio é dele e causou um furor e tanto. Mas a reação mais negativa veio quando ele declarou que seus avanços no campo da engenharia genética seriam muito mais úteis à humanidade se fossem usados não para *curar* doenças, mas para *criá-las*.

– O quê?!

– Isso mesmo: ele afirmava que a sua tecnologia deveria ser utilizada para limitar o crescimento populacional por meio da criação de cepas híbridas de doenças que a medicina moderna seria incapaz de curar.

Langdon sentiu um temor crescente enquanto surgiam em sua mente imagens de

“vírus sintéticos” estranhos e híbridos que, uma vez disseminados, seriam impossíveis de combater.

– No espaço de poucos anos, Zobrist deixou de ser o queridinho da comunidade médica e virou um pária. Um excomungado. – Ela se deteve e uma expressão compassiva cruzou seu semblante. – Não é de espantar que ele tenha enlouquecido e se matado. O mais triste é que a tese dele provavelmente está certa.

Langdon quase caiu para trás.

– O quê? Você acha que ele está *certo*?!

Sienna deu de ombros com um gesto solene.

– Robert, de um ponto de vista puramente científico, com base apenas na lógica e sem qualquer emoção, posso lhe afirmar sem sombra de dúvida que, a menos que haja alguma mudança drástica, o fim da nossa raça está chegando. E depressa. O mundo não vai acabar com fogo, enxofre, apocalipse ou uma guerra nuclear... vai acabar com um colapso absoluto em decorrência da quantidade de pessoas no planeta. A matemática é indiscutível.

Langdon se contraiu.

– Estudei bastante biologia e é muito normal uma espécie entrar em extinção pelo simples fato de ter superpovoado seu habitat – prosseguiu ela. – Imagine uma colônia de algas vivendo na superfície de um pequeno lago na floresta, aproveitando o perfeito equilíbrio de nutrientes do ambiente. Se não forem controladas, elas vão se reproduzir de forma tão agressiva que logo cobrirão toda a superfície do lago, impedindo a luz de entrar e, portanto, impedindo o desenvolvimento de nutrientes na água. Depois de sugar ao máximo os recursos do ambiente, essas algas morrem depressa e desaparecem sem deixar vestígios. – Ela suspirou. – Um destino semelhante pode estar reservado à humanidade. Muito mais cedo e muito mais rápido do que imaginamos.

Langdon sentiu uma angústia profunda.

– Mas... isso parece impossível.

– Impossível, não, Robert, só *impensável*. A mente humana tem um mecanismo primitivo de autodefesa que nega qualquer realidade estressante demais para o cérebro. É o que chamamos de *negação*.

– Já ouvi falar de negação, mas não acredito que exista – brincou Langdon.

Sienna revirou os olhos.

– Muito engraçado! Mas pode acreditar, é muito real. A negação é um elemento essencial do mecanismo de defesa humano. Sem ela, todas as manhãs acordaríamos apavorados só de pensar em todas as maneiras como poderíamos morrer. Em vez disso, nossa mente bloqueia o medo existencial, concentrando-se em estresses com os quais podemos lidar: como não chegar atrasado no trabalho ou como pagar as contas em dia. Mesmo que tenhamos medos mais graves, de natureza existencial, nós

os descartamos bem rápido para nos concentrar em tarefas simples e banalidades cotidianas.

Langdon se lembrou de uma pesquisa recente sobre os hábitos de navegação na internet dos alunos de algumas das universidades de elite nos Estados Unidos. O estudo revelou que até os usuários mais cultos demonstravam uma tendência instintiva à negação. Ao clicar em algum artigo deprimente sobre o derretimento das calotas polares ou sobre espécies em extinção, a grande maioria dos universitários se apressava em sair da página e passar para algo mais trivial que afastasse o medo de seus pensamentos. Algumas das escolhas preferidas eram manchetes esportivas, vídeos fofinhos de gatos e fofocas sobre celebridades.

– Na mitologia clássica – comentou ele –, um herói *em negação* é a maior manifestação de húbris e orgulho que pode existir. Não há homem mais orgulhoso do que aquele que se considera imune aos perigos do mundo. Dante concordava com isso, claro, pois, segundo ele, a soberba era *o pior* dos sete pecados capitais, expurgado no primeiro terraço do Purgatório.

Sienna passou alguns instantes pensando antes de continuar:

– O artigo de Zobrist acusava muitos dos líderes mundiais de estarem em um estado de extrema negação, como um avestruz com a cabeça enterrada na areia. Criticava particularmente a Organização Mundial da Saúde.

– Aposto que isso pegou bem.

– Eles reagiram comparando-o a um fanático religioso que anda pelas ruas com uma placa dizendo "O fim está próximo".

– Tem alguns desses lá em Harvard Square.

– Pois é. E nós sempre os ignoramos porque não imaginamos que vá acontecer de verdade. Mas, acredite, o fato de a mente humana não conseguir *imaginar* que algo vá acontecer não significa que seja impossível.

– Você está quase parecendo uma fã de Zobrist.

– Eu sou fã da *verdade*, por mais duro que seja aceitar isso – retrucou ela.

Langdon não respondeu, tornando a se sentir estranhamente distante de Sienna naquele momento, tentando entender sua bizarra combinação de entusiasmo e desapego.

Sienna olhou para ele e sua expressão ficou mais suave.

– Olhe, Robert, não estou dizendo que Zobrist tem razão ao afirmar que uma praga que extermine metade das pessoas do mundo seja a resposta para o problema da superpopulação. Tampouco que devemos parar de curar os doentes. O que estou dizendo é que o caminho que estamos trilhando é uma fórmula muito simples para a destruição. O crescimento populacional é uma progressão exponencial que ocorre dentro de um sistema de espaço finito e recursos limitados. O fim vai chegar de forma muito abrupta. Não vai ser como um carro cujo combustível vai acabando aos

poucos... vai ser como despencar de um precipício.

Langdon expirou longamente, tentando processar o que acabara de ouvir.

– Por falar nisso, tenho quase certeza de que foi daqui que Zobrist pulou – acrescentou ela, apontando para o alto à direita, com uma expressão grave.

Langdon olhou para cima e viu que estavam passando pela austera fachada de pedra do Museu Bargello. Atrás da construção, a torre da Badia Florentina se erguia afunilada acima das estruturas ao redor. Olhando para o topo da torre, ele se perguntou por que Zobrist havia pulado de lá e torceu que não fosse por ter feito algo terrível e não querer enfrentar as consequências.

– Os críticos de Zobrist gostam de ressaltar como é paradoxal que muitas das tecnologias genéticas desenvolvidas por ele estejam agora aumentando de forma drástica a expectativa de vida – disse Sienna.

– O que só agrava o problema da superpopulação.

– Exato. Zobrist chegou a afirmar publicamente que gostaria de poder recolocar o gênio dentro da lâmpada e eliminar parte de suas contribuições à longevidade humana. Imagino que faça sentido, em termos ideológicos. Quanto maior for nossa expectativa de vida, mais nossos recursos serão destinados a sustentar idosos e doentes.

Langdon concordou com um aceno de cabeça.

– Certa vez li que, nos Estados Unidos, cerca de 60% da verba da Saúde é usada para tratar pacientes nos últimos seis meses de vida.

– É verdade. E mesmo que o nosso cérebro diga "isso é uma loucura", nosso coração diz "vamos manter vovó viva pelo maior tempo possível".

Langdon tornou a assentir.

– É o conflito entre Apolo e Dioniso, um dilema famoso na mitologia. A batalha ancestral entre mente e coração, que raras vezes desejam a mesma coisa.

Ele tinha ouvido dizer que essa mesma referência mitológica era agora usada em reuniões dos Alcoólicos Anônimos para descrever o alcoólatra que olha para um copo de bebida: seu cérebro sabe que aquilo lhe fará mal, mas seu coração deseja o conforto proporcionado pela bebida. A mensagem parecia ser: não se sinta sozinho, até os deuses enfrentavam esse dilema.

– Quem precisa de agathusia? – sussurrou Sienna de repente.

– O quê?

Sienna ergueu os olhos.

– Acabo de me lembrar do título do artigo de Zobrist: "Quem precisa de agathusia?"

Langdon nunca tinha ouvido a palavra *agathusia*, mas deu seu melhor palpite com base em suas raízes gregas: *agathos* e *thusia*.

– Agathusia... seria um "bom sacrifício"?

– Quase. O verdadeiro sentido é "autossacrifício em prol do bem comum". – Ela fez uma pausa. – Também conhecido como suicídio altruísta.

Aquela expressão Langdon já tinha ouvido – uma vez em referência a um pai falido que se matara para que a família pudesse receber o seguro e outra para descrever um assassino em série arrependido que pusera fim à própria vida por medo de não conseguir controlar o impulso de matar.

O exemplo mais arrepiante de que se lembrava, no entanto, era o romance *Logan's Run* (A fuga de Logan), de 1967, que descrevia uma sociedade futurista na qual todos aceitavam de bom grado se suicidar aos 21 anos de idade – aproveitando a juventude ao máximo, sem que a idade avançada sobrecarregasse os recursos limitados do planeta. Se bem se lembrava, a adaptação do livro para o cinema, *Fuga do Século 23*, aumentara a "idade limite" de 21 para 30 anos, sem dúvida na tentativa de tornar o filme mais palatável para o público entre 18 e 25 anos, faixa etária crucial para o sucesso nas bilheterias.

– Mas esse artigo de Zobrist... – disse ele. – Acho que não entendi o título direito. "Quem precisa de agathusia?" Ele estava sendo sarcástico? Como se a resposta fosse... *todo mundo?*

– Na verdade, não. O título é um trocadilho.

Langdon balançou a cabeça, sem entender.

– Em inglês, a palavra quem e a sigla da OMS são iguais: *WHO*. O título do artigo poderia ser, portanto "A OMS precisa de agathusia". Nele Zobrist criticava a diretora da organização, Dra. Elizabeth Sinskey, que ocupa o cargo há uma eternidade e, segundo ele, não leva a sério a questão do controle populacional. O artigo afirmava que seria melhor para a OMS se a diretora Sinskey se matasse.

– Quanta compaixão.

– São os perigos de ser um gênio, imagino. Muitas vezes os cérebros especiais, aqueles capazes de se concentrar com mais intensidade do que os outros, fazem isso em detrimento da maturidade emocional.

Langdon se lembrou dos artigos que lera sobre a jovem Sienna, a menina-prodígio com 208 de QI e uma função intelectual muito acima do normal. Pensou se, ao falar de Zobrist, ela também não estaria, de certa forma, referindo-se a si mesma. Também se perguntou por quanto tempo ela insistiria em guardar seu segredo.

Mais adiante, Langdon viu o ponto de referência que estava buscando. Depois de atravessar a Via dei Leoni, conduziu Sienna até a esquina de uma rua excepcionalmente estreita – na verdade, um beco. A placa lá em cima dizia: VIA DANTE ALIGHIERI.

– Você parece saber muito sobre o cérebro humano – comentou ele. – Era sua especialidade na faculdade de medicina?

– Não, mas eu lia bastante quando era criança. Desenvolvi esse interesse pelos

estudos do cérebro porque tive alguns... problemas de saúde.

Langdon a encarou com curiosidade, torcendo para ela prosseguir.

– O meu cérebro... – começou Sienna, baixinho. – Ele não cresceu como o da maioria das outras crianças e isso me causou alguns... problemas. Passei muito tempo tentando descobrir o que havia de errado comigo e, por tabela, aprendi bastante sobre neurociência. – Ela cruzou olhares com Langdon. – E, sim, a calvície tem a ver com o meu distúrbio.

Langdon desviou os olhos, constrangido por ter perguntado.

– Não se preocupe – disse ela. – Aprendi a conviver com isso.

Enquanto eles adentravam o frio beco mergulhado em sombras, Langdon refletiu sobre tudo o que acabara de descobrir sobre Zobrist e seu alarmante posicionamento filosófico.

Uma pergunta martelava sua cabeça:

– Aqueles soldados... Os que estão tentando nos matar. Quem são eles? Não faz sentido. Se Zobrist liberou uma praga em potencial, todo mundo não deveria estar do mesmo lado, tentando impedir sua disseminação?

– Não necessariamente. Ele podia ser um pária na comunidade médica, mas decerto tem uma legião de fãs ardorosos, gente que concorda que um expurgo é um mal necessário para salvar o planeta. Esses soldados podem muito bem estar tentando garantir que o plano de Zobrist se concretize.

Um exército particular de discípulos de Zobrist? Langdon ponderou essa possibilidade. De fato, a história estava repleta de fanáticos e membros de cultos que se matavam por conta de todo tipo de teoria maluca – por acreditarem que seu líder é o Messias, que uma nave espacial os espera atrás da lua ou que o Dia do Juízo Final está próximo. Toda aquela especulação sobre controle da população mundial pelo menos estava embasada em dados científicos, mas mesmo assim algo naqueles soldados não lhe cheirava bem.

– Não consigo acreditar que um grupo de soldados treinados fosse aceitar promover uma matança de inocentes... correndo eles próprios o risco de adoecer e morrer.

Sienna lhe lançou um olhar de incompreensão.

– Robert, o que você acha que os soldados *fazem* quando vão à guerra? Eles matam inocentes e arriscam a própria vida. Tudo é possível quando as pessoas acreditam em uma causa.

– Disseminar uma praga? Isso é uma causa?

Sienna o encarou com firmeza, sondando-o com seus olhos castanhos.

– Robert, a *causa* não é disseminar uma praga... é salvar o mundo. – Ela fez uma pausa. – Um dos trechos do artigo de Bertrand Zobrist que gerou muito debate foi uma provocadora pergunta hipotética. Quero que você a responda.

– Qual é a pergunta?

– Zobrist questionou o seguinte: se você pudesse apertar um botão e matar aleatoriamente metade da população da Terra, faria isso?

– Claro que não.

– Tudo bem. Mas e se você soubesse que, se *não* apertasse esse botão agora, daqui a cem anos a raça humana estaria extinta? – Ela passou alguns instantes calada. – Nesse caso, você o apertaria? Mesmo que isso talvez significasse matar amigos, parentes e até a si mesmo?

– Sienna, eu não tenho a menor condição de...

– É uma pergunta hipotética – disse ela. – Você mataria metade da população hoje para salvar a nossa espécie da extinção?

Profundamente incomodado por aquele assunto macabro, Langdon ficou grato ao ver um conhecido banner vermelho pendurado na lateral de um edifício de pedra logo adiante.

– Pronto – anunciou, apontando para a frente. – Chegamos.

Sienna balançou a cabeça.

– É como eu disse. *Negação*.

CAPÍTULO 51

A Casa di Dante fica na Via Santa Margherita e é fácil identificá-la graças ao grande banner pendurado na fachada de pedra no meio da rua estreita: MUSEO CASA DI DANTE.

Sienna olhou para o banner com uma expressão desconfiada.

– Nós estamos indo para a *casa* de Dante?

– Não exatamente – respondeu Langdon. – Ele morava ali na esquina. Esse prédio é mais um museu.

Langdon já havia entrado lá uma vez, curioso para conhecer o acervo de arte que revelara não conter nada além de reproduções de obras famosas relacionadas a Dante vindas do mundo inteiro. Mesmo assim, foi interessante vê-las reunidas em um mesmo local.

De repente, Sienna pareceu esperançosa.

– E você acha que eles têm alguma edição antiga da *Divina Comédia* em exposição?

Langdon deu uma risadinha.

– Não, mas sei que têm uma loja de souvenirs que vende pôsteres enormes com o texto integral do poema impresso em tipologia microscópica.

Ela se limitou a encará-lo, um tanto consternada.

– Eu sei. Mas é melhor do que nada. O único problema é que a minha vista não é mais como antes, então você vai ter que ler as letras miúdas.

– *È chiusa* – disse um velho em voz alta ao vê-los se aproximar da porta. – *È il giorno di riposo.*

Fechado para o dia de descanso? De repente, Langdon voltou a se sentir desorientado. Olhou para Sienna.

– Hoje não é segunda-feira?

Ela assentiu.

– Os florentinos preferem descansar na segunda.

Langdon resmungou, lembrando-se do peculiar calendário da cidade. Como os turistas gastavam mais nos fins de semana, muitos comerciantes florentinos preferiam transferir o "dia de descanso" cristão de domingo para segunda, a fim de evitar que a folga comprometesse muito os lucros.

Ele percebeu que, infelizmente, isso também eliminava sua outra opção: a Paperback Exchange, uma de suas livrarias favoritas em Florença, que sem dúvida teria exemplares da *Divina Comédia*.

– Alguma outra ideia? – perguntou Sienna.

Depois de algum tempo pensando, Langdon por fim assentiu.

– Tem um lugar aqui perto onde os entusiastas de Dante costumam se reunir. Aposto que alguém lá vai ter um exemplar para nos emprestar.

– Também deve estar fechado – alertou Sienna. – Quase todos os estabelecimentos da cidade fecham na segunda.

– Esse lugar nem sonharia em fazer uma coisa assim – respondeu Langdon com um sorriso. – É uma igreja.

◆ ◆ ◆

Uns 50 metros atrás deles, à espreita em meio à multidão, o homem com a pele irritada e o brinco de ouro se encostou em uma parede, aproveitando para recuperar o fôlego. Sua respiração não estava melhorando e era quase impossível ignorar as erupções do rosto – sobretudo as da pele sensível logo acima dos olhos. Ele tirou os óculos Plume Paris e esfregou com cuidado a manga da camisa nas pálpebras, tentando não ferir a pele. Quando os recolocou, viu seus alvos se afastando. Forçou-se a segui-los, respirando da forma mais suave possível.

◆ ◆ ◆

Vários quarteirões atrás de Langdon e Sienna, dentro do Salão dos Quinhentos, o agente Brüder estava de pé junto ao corpo desconjuntado de uma mulher de cabelos espetados muito conhecida. Ajoelhou-se para pegar sua pistola e, por segurança, removeu o pente de balas antes de entregá-la a um de seus homens.

Um pouco afastada, a administradora do museu, Marta Alvarez, acabara de compartilhar com Brüder um breve porém surpreendente relato do que havia acontecido com Robert Langdon desde a noite anterior, incluindo uma informação em especial que Brüder ainda estava tentando digerir.

Langdon afirma estar com amnésia.

Brüder sacou seu telefone e discou um número. Foram necessários três toques antes de a ligação ser atendida por uma voz distante e abalada.

– Sim, agente Brüder. Pode falar.

Brüder articulou as palavras devagar para garantir que fossem entendidas.

– Ainda estamos tentando localizar Langdon e a mulher, mas houve outro desdobramento. – Brüder fez uma pausa. – E, se for verdade... isso muda tudo.

◆ ◆ ◆

O diretor andava de um lado para outro em seu escritório, lutando contra a tentação de se servir de mais uma dose de uísque e forçando-se a encarar aquela

crise cada vez mais grave.

Nunca em sua carreira ele havia traído um cliente ou descumprido um acordo e com certeza não tinha a menor intenção de começar agora. Mas ao mesmo tempo desconfiava de que havia se envolvido em uma situação cujo propósito divergia do que ele imaginara de início.

Um ano antes, o famoso geneticista Bertrand Zobrist havia subido a bordo do *Mendacium* e solicitado um local seguro para trabalhar. Na época, o diretor acreditara que ele estivesse planejando desenvolver algum procedimento médico secreto cuja patente fosse aumentar ainda mais sua grande fortuna. Não seria a primeira vez que o Consórcio estaria sendo contratado por cientistas ou engenheiros paranoicos que preferiam trabalhar em isolamento extremo para evitar que suas valiosas ideias fossem roubadas.

Pensando assim, o diretor havia aceitado o cliente e não ficara nada surpreso ao descobrir que o pessoal da OMS começara a caçá-lo. Tampouco perdera o sono quando a diretora da OMS em pessoa – Dra. Elizabeth Sinskey – pareceu abraçar como missão pessoal localizar Zobrist.

O Consórcio sempre enfrentou adversários poderosos.

Conforme combinado, o Consórcio cumpriu o prometido a Zobrist sem fazer perguntas, frustrando as tentativas da Dra. Sinskey de encontrá-lo durante toda a vigência de seu contrato.

Ou *quase*.

Menos de uma semana antes de o contrato expirar, Elizabeth Sinskey conseguira localizar Zobrist em Florença e entrara em ação, perseguindo-o e encurralando-o até ele se matar. Pela primeira vez em toda a sua carreira, o diretor havia deixado de proporcionar a proteção estipulada em contrato e isso o assombrava... assim como as circunstâncias bizarras da morte do geneticista.

Ele se matou... para não ser capturado?

O que Zobrist estava tentando proteger?

Após a morte do geneticista, a Dra. Sinskey havia confiscado um objeto de seu cofre, e agora o Consórcio travava uma batalha direta com a diretora da OMS em Florença, uma arriscada caça ao tesouro para encontrar...

O quê?

O diretor se pegou lançando um olhar instintivo em direção à estante e ao pesado volume que Zobrist lhe dera de presente quinze dias antes, com uma expressão alucinada no rosto.

A Divina Comédia.

Foi pegar o livro e o levou até a mesa, onde o deixou cair com um baque. Com dedos trêmulos, abriu a capa, foi até a primeira página e tornou a ler a dedicatória:

Meu caro amigo, obrigado por me ajudar a encontrar o caminho.

O mundo também lhe agradece.

Para começar, pensou o diretor, *nós nunca fomos amigos*.

Releu a dedicatória mais três vezes. Então olhou para o círculo vermelho que o cliente havia rabiscado em seu calendário, assinalando a data do dia seguinte.

O mundo lhe agradece?

Ele se virou e fitou longamente o horizonte.

No silêncio, pensou no vídeo e ouviu a voz do facilitador Knowlton repetir as palavras que lhe dissera mais cedo ao telefone. *Achei que talvez o senhor fosse querer dar uma olhada antes do upload... o conteúdo é um tanto perturbador.*

O diretor continuava intrigado com aquele telefonema. Knowlton era um de seus melhores facilitadores. Não era de seu feitio fazer um pedido desses. Ele sabia muito bem que não deveria sugerir uma quebra do protocolo de compartimentalização.

Depois de recolocar *A Divina Comédia* na estante, o diretor foi até a garrafa de uísque e se serviu de meia dose.

Tinha uma decisão muito difícil a tomar.

CAPÍTULO 52

Conhecido como a Igreja de Dante, o santuário da Chiesa di Santa Margherita dei Cerchi é mais uma capela do que uma igreja. O pequeno local de oração de um só aposento é um destino popular entre os fãs do poeta, que o veneram como o solo sagrado no qual transcorreram dois momentos cruciais de sua vida.

Reza a lenda que foi naquela igreja, aos 9 anos, que Dante viu pela primeira vez Beatriz Portinari, por quem se apaixonou à primeira vista e por quem sofreu a vida toda. Para grande agonia de Dante, Beatriz se casou com outro homem e depois morreu muito jovem, aos 24 anos.

Foi também naquela igreja, alguns anos depois, que Dante se casou com Gemma Donati, mulher que, segundo o escritor e poeta Boccacio, se mostraria uma péssima escolha como esposa. Apesar de ter tido filhos, o casal dava poucas mostras de afeto e, após o exílio de Dante, nenhum dos dois cônjuges demonstrou grande interesse em se reencontrar.

O amor da vida de Dante sempre fora a falecida Beatriz Portinari, moça que o poeta mal conhecera mas cuja lembrança, de tão avassaladora, fez do seu fantasma a musa inspiradora das maiores obras do florentino.

O célebre livro de poemas de Dante – *La Vita Nuova* – é repleto de versos lisonjeiros sobre "a abençoada Beatriz". De forma ainda mais reverente, *A Divina Comédia* alça sua musa à condição da redentora que o guia pelo Paraíso. Em ambas as obras, o poeta anseia por sua amada inalcançável.

Hoje em dia, a Igreja de Dante é um templo para quem sofre com um amor não correspondido. A própria Beatriz está sepultada dentro da igreja e seu modesto túmulo se tornou um local de peregrinação tanto para os fãs do poeta quanto para os que trazem no peito um coração partido.

Nessa manhã em que Langdon e Sienna serpenteavam pela Florença antiga em direção à igreja, as ruas não paravam de se estreitar até se tornarem pouco mais do que vielas para pedestres. Vez por outra um carro aparecia, avançando devagar pelo labirinto e obrigando os transeuntes a se espremerem contra os edifícios.

– A igreja fica logo depois daquela esquina – disse Langdon, torcendo para que algum turista lá dentro pudesse ajudá-los.

Sabia que as suas chances de encontrar um bom samaritano eram melhores agora que Sienna havia pegado sua peruca de volta e que ambos haviam retornado a seus antigos "eus", passando de roqueiro e skinhead a professor universitário e jovem

elegante, respectivamente.

Voltar a se sentir ele mesmo foi um alívio para Langdon.

Quando entraram num beco ainda mais estreito – a Via del Presto –, ele percorreu com os olhos as várias portas ao seu redor. Era sempre complicado achar a entrada da igreja, pois a construção em si era muito pequena, sem nenhum adorno e ficava espremida entre dois outros edifícios. Era perfeitamente possível passar sem notá-la. Por mais estranho que parecesse, costumava ser bem mais fácil localizar a igreja não com os olhos, mas com os *ouvidos*.

Uma das peculiaridades do santuário de Santa Margherita dei Cerchi era que sempre abrigava concertos e, mesmo quando não havia nenhum em curso, tocavam as gravações de concertos anteriores para que os visitantes pudessem apreciar a música a qualquer hora.

Como esperado, à medida que avançavam pelo beco, Langdon começou a ouvir acordes distantes de música gravada que foram ficando cada vez mais altos até ele e Sienna chegarem diante de uma entrada quase imperceptível. A única indicação de aquele ser de fato o local correto era uma pequeníssima placa – verdadeira antítese do banner vermelho-vivo do Museo Casa di Dante – anunciando, sem alarde, que aquela era a igreja de Dante e Beatriz.

Quando Langdon e Sienna deixaram a rua, entrando no espaço fechado e escuro da igreja, o ar ficou mais frio e a música, mais alta. O interior era austero e simples, menor do que Langdon se lembrava. Havia apenas uns poucos turistas, conversando, escrevendo em diários, sentados em silêncio nos bancos para ouvir a música ou examinando o curioso acervo de obras de arte.

Com exceção do retábulo de Neri di Bicci cujo tema era a Madona, quase todas as obras originais do santuário tinham sido substituídas por peças contemporâneas representando as duas celebridades que atraíam a maior parte dos visitantes àquela pequena capela: Dante e Beatriz. A maioria dos quadros retratava o olhar de anseio de Dante no famoso primeiro encontro com Beatriz, ocasião em que o poeta, segundo seu próprio relato, havia se apaixonado. De qualidade discutível, a Langdon pareciam quase todos cafonas e fora de lugar. Em um deles, o famoso gorro vermelho com orelheiras do poeta parecia ter sido roubado de Papai Noel. Mesmo assim, o tema recorrente do olhar carregado de desejo sobre sua musa não deixava dúvidas de que aquela era uma igreja dedicada ao amor sofrido – não consumado, não correspondido, inalcançado.

Por instinto, Langdon se virou para a esquerda e olhou para o modesto túmulo de Beatriz Portinari. Este era o principal motivo que levava as pessoas àquela igreja, nem tanto para ver o sepulcro em si, mas o famoso objeto ao seu lado.

Um cesto de vime.

Nessa manhã, como sempre, o cesto simples estava posicionado ao lado da

tumba. E nessa manhã, como sempre, estava repleto de pedaços de papel dobrados – cartas escritas à mão pelos visitantes para a própria Beatriz.

Beatriz Portinari havia se tornado uma espécie de santa padroeira dos que sofriam de amor. Segundo uma antiga tradição, preces manuscritas podiam ser depositadas naquele cesto na esperança de que Beatriz intercedesse pelo remetente – talvez inspirando alguém a amá-lo mais, ajudando-o a encontrar um amor de verdade ou até mesmo dando-lhe forças para esquecer um amor já falecido.

Muitos anos antes, durante a penosa pesquisa para um livro de história da arte, o próprio Langdon entrara naquela igreja para deixar um bilhete no cesto, suplicando à musa de Dante que lhe concedesse não um amor de verdade, mas parte da inspiração que possibilitara ao poeta redigir sua imensa obra.

Cante em mim, ó Musa, e através de mim narre a história...

O verso de abertura da *Odisseia* de Homero lhe parecera uma súplica digna e bem lá no fundo ele acreditava que sua mensagem houvesse de fato despertado a inspiração divina de Beatriz: ao voltar para casa, escrevera o livro com uma facilidade incomum.

– *Scusate!* – retumbou de repente a voz de Sienna. – *Potete ascoltarmi tutti?* – *Todos podem me ouvir?*

Quando Langdon se virou, viu que ela se dirigia em voz alta ao pequeno grupo de turistas; todos agora olhavam para ela parecendo um tanto alarmados.

Sienna lhes presenteou com um sorriso encantador e perguntou, em italiano, se alguém por acaso não teria um exemplar da *Divina Comédia*. Depois de alguns olhares desconfiados e cabeças fazendo que não, tentou a mesma pergunta em inglês, mas obteve o mesmo resultado.

Uma senhora mais velha que varria o altar sibilou de um jeito ríspido e levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio.

Sienna tornou a se virar para Langdon e fechou a cara como se perguntasse: "E agora?"

O alerta geral por ela gritado não era bem o que Langdon tinha em mente, mas ele precisava admitir que esperava uma reação melhor do que a recebida. Em visitas anteriores, vira muitos turistas lendo *A Divina Comédia* naquele espaço sagrado, parecendo imersos no universo dantesco.

Hoje não é bem assim.

Então viu um casal de idosos sentado perto do altar. A cabeça calva do homem estava inclinada para a frente, o queixo colado ao peito. Era óbvio que estava cochilando. A mulher ao seu lado, por sua vez, parecia muito desperta, com um par de fios brancos de fones de ouvido pendurados sob os cabelos grisalhos.

Uma centelha de esperança, pensou Langdon, subindo a nave da igreja até junto do casal. Como ele torcera para acontecer, os fios brancos que vira desciam até um

iPhone no colo da mulher. Quando se sentiu observada, ela ergueu os olhos e tirou os fones do ouvido.

Langdon não fazia ideia de que língua ela falava, mas a proliferação global de iPhones, iPads e iPods havia criado um vocabulário tão universal quanto a sinalização de masculino e feminino em portas de banheiro mundo afora.

– iPhone? – perguntou ele, olhando para o aparelho com um ar de admiração.

A senhora reagiu com uma animação instantânea e assentiu, orgulhosa.

– Nunca vi brinquedinho mais inteligente – sussurrou ela com um sotaque britânico. – Meu filho comprou para mim. Estou ouvindo meu e-mail. Dá pra acreditar? *Ouvindo* meu e-mail. Esta maravilha *lê* as mensagens para mim. Uma ajuda e tanto para meus olhos cansados.

– Também tenho um – disse Langdon com um sorriso, sentando-se ao lado dela com cuidado para não acordar o marido. – Mas o perdi ontem à noite, não sei como.

– Ai, que tragédia! Já tentou usar o "Buscar Meu iPhone"? Meu filho disse que...

– Por pura burrice, nunca habilitei esse recurso. – Langdon fitou a mulher com um ar envergonhado e arriscou, hesitante: – Se não for muito abuso, a senhora se importaria de me emprestar o seu um instantinho? Preciso fazer uma pesquisa na internet. Me ajudaria muito.

– Mas claro! – Ela desconectou os fones do aparelho e o entregou a Langdon. – Não tem o menor problema! Coitadinho do senhor.

Langdon agradeceu e pegou o telefone. Enquanto ela seguia tagarelando ao seu lado sobre como ficaria arrasada caso perdesse o seu iPhone, ele abriu a página de busca do Google e pressionou a tecla do microfone. O aparelho apitou uma vez e ele pronunciou o que queria pesquisar:

– Dante, *Divina Comédia*, *Paraíso*, Canto XXV.

A mulher pareceu impressionada: pelo visto ainda não conhecia aquele recurso. Conforme os resultados da pesquisa começavam a surgir na pequena tela, Langdon lançou um breve olhar para Sienna, que folheava algum material impresso perto do cesto de cartas para Beatriz.

Não muito longe dela, um homem de gravata ajoelhado nas sombras rezava com fervor, a cabeça muito abaixada. Langdon não conseguiu ver seu rosto, mas sentiu uma pontada de tristeza por aquele homem solitário que decerto havia perdido seu amor e ido até lá em busca de consolo.

Tornou a prestar atenção no iPhone e em poucos segundos conseguiu um link para uma versão digital da *Divina Comédia* – como a obra estava em domínio público, o acesso era gratuito. Quando a página se abriu precisamente no Canto XXV, viu-se obrigado a admitir que estava impressionado com aquela tecnologia. *Preciso parar de ser tão esnobe com essa coisa de livros de papel*, pensou. *Os e-books têm lá as suas vantagens*.

Sob o olhar da velha senhora, que mostrava certa preocupação e dizia algo sobre as altas tarifas de dados para acessar a internet do exterior, Langdon entendeu que sua oportunidade seria breve, então se concentrou na página de internet à sua frente.

A fonte era pequena, mas a penumbra da capela tornava a tela iluminada mais legível. Langdon ficou satisfeito ao constatar que por acaso havia topado com a moderna e muito apreciada tradução para o inglês do falecido professor universitário americano Allen Mandelbaum. Pelo primoroso trabalho, o tradutor fora condecorado com a Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana. Embora reconhecidamente menos poética do que a versão de Longfellow, a tradução de Mandelbaum tendia a ser bem mais compreensível.

Hoje vou preferir clareza a poesia, pensou Langdon, esperando encontrar logo no texto a referência a um local específico em Florença: o lugar em que Ignazio havia escondido a máscara mortuária de Dante.

A pequena tela do iPhone mostrava apenas seis versos de cada vez. Assim que começou a ler, Langdon se lembrou do trecho. No começo do Canto XXV, Dante falava sobre a própria *Comédia*, sobre o fardo físico que lhe custara escrevê-la e sobre a ardorosa esperança de que talvez o poema celestial pudesse vencer a brutalidade do degredo que o mantinha longe de sua bela Florença.

Canto XXV

Se porventura este poema sagrado,
engendrado tanto na Terra como no Céu,
e que tanto me exauriu por longos anos,
puder vencer a crueldade que me afasta
do leito sublime em que repousava,
um cordeiro em meio aos lobos que ali guerreiam...

Embora o trecho fosse um lembrete de que a sublime Florença era o lar pelo qual Dante ansiava ao escrever a *Divina Comédia*, Langdon não viu referência a nenhum local específico da cidade.

– O senhor sabe alguma coisa sobre as tarifas de dados? – interrompeu a dona do iPhone, olhando para o telefone com uma apreensão repentina. – Acabei de lembrar que meu filho me falou para tomar cuidado ao navegar na internet no exterior.

Langdon lhe garantiu que não iria demorar e se ofereceu para ressarci-la, mas mesmo assim percebeu que ela nunca o deixaria ler todos os cem versos do Canto XXV.

Apressou-se em descer o texto até os seis versos seguintes e prosseguiu a leitura.

Então com outra voz, o cabelo já branco,
poeta voltarei à fonte do meu batismo
para lá revestir a coroa de louros;
pois ali me foi apresentada a fé

que ao reino de Deus as almas conduz,
e pela qual por Pedro fui cingido.

Também se lembrava vagamente desse trecho: uma referência velada ao acordo político oferecido a Dante por seus inimigos. Segundo a história, os "lobos" que baniram o poeta de Florença lhe teriam dito que ele só poderia retornar se concordasse em se submeter a uma humilhação pública: apresentar-se perante toda uma congregação, sozinho diante de sua pia batismal, trajando apenas burel para admitir sua culpa.

No trecho que ele acabara de ler, Dante, que havia recusado o acordo, proclama que, se um dia retornasse à sua pia batismal, não seria com o burel de um penitente, mas com a coroa de louros de um poeta.

Langdon ergueu o indicador para continuar a descer pelo texto, mas a dona do telefone protestou de repente e estendeu a mão para pegar o aparelho de volta, aparentemente reconsiderando o favor.

Mas ele mal a escutou. Uma fração de segundo antes de tocar a tela, seus olhos haviam passado por um par de versos... que ele então releu.

poeta voltarei à fonte do meu batismo
para lá revestir a coroa de louros;

Ficou encarando aquelas palavras e se deu conta de que, na ânsia de encontrar uma menção a um local específico, quase deixara passar uma pista promissora em um dos primeiros versos do canto:

à fonte do meu batismo...

Em Florença ficava uma das mais famosas pias batismais do mundo, que havia mais de setecentos anos era usada para purificar e batizar jovens florentinos – entre eles Dante Alighieri.

No mesmo instante, Langdon visualizou a construção que abrigava tal pia: um edifício espetacular, em formato octogonal, sob muitos aspectos mais celestial do que o próprio Duomo. Perguntou-se então se já não teria lido tudo o que precisava.

Será esse o lugar a que Ignazio estava se referindo?

Um raio dourado de luz lampejou em sua mente e fez surgir uma linda imagem: um espetacular conjunto de portas de bronze, radiantes, cintilando ao sol da manhã.

Já sei o que Ignazio estava tentando me dizer!

Qualquer resquício de dúvida se dissipou logo em seguida, quando ele entendeu que Ignazio Busoni era uma das *únicas* pessoas em Florença capazes de destrancar aquelas portas.

Robert, os portões estão abertos para você, mas não demore.

Langdon devolveu o iPhone para a velha senhora e lhe agradeceu profusamente.

Caminhou a passos rápidos até Sienna e sussurrou-lhe empolgado:

– Já sei a que portões Ignazio estava se referindo! Os *Portões do Paraíso*!

Sienna pareceu não levar muita fé.

– Portões do Paraíso? Mas eles não ficam... no Céu?

– Na verdade – disse Langdon, abrindo um sorriso de ironia e se encaminhando para a porta –, se você souber onde procurar, Florença *é* o Céu.

CAPÍTULO 53

Poeta voltarei... *à fonte do meu batismo.*

As palavras de Dante não paravam de ecoar na mente de Langdon enquanto ele e Sienna atravessavam, rumo ao norte, a estreita passagem conhecida como Via dello Studio. Seu destino estava logo à frente e a cada passo Langdon ficava mais seguro não apenas de que estavam no caminho certo, mas também de que tinham deixado seus perseguidores para trás.

Os portões estão abertos para você, mas não demore.

Conforme se aproximavam do fim do beco, que mais parecia um abismo, Langdon pôde ouvir o fraco burburinho de atividade mais à frente. De repente, a caverna que os cercava sumiu e eles desembocaram em um amplo espaço.

A Piazza del Duomo.

Com sua complexa rede de estruturas, a imensa praça era o antigo centro religioso de Florença. Atualmente um importante centro turístico, a praça já fervilhava com vários ônibus de excursão e multidões de visitantes que se aglomeravam em volta da célebre catedral de Florença.

Depois de chegarem pelo lado sul da *piazza*, Langdon e Sienna se viram de frente para um dos lados da catedral, com seu deslumbrante exterior de mármore verde, rosa e branco. Tão impressionante pelas proporções quanto pelo esmero artístico investido em sua construção, o prédio se estendia em ambas as direções até alcançar um tamanho aparentemente impossível. Seu comprimento total era pouco menor que a altura do Monumento a Washington.

Embora favorecesse uma rara e exuberante mistura de cores em detrimento da tradicional filigrana de pedra monocromática, a catedral tinha estilo puramente gótico – clássica, sólida e resistente. Na verdade, em sua primeira visita a Florença, Langdon achara aquela arquitetura quase cafona. Nas viagens seguintes, porém, pegara-se estudando a catedral durante horas a fio – seduzido por seus efeitos estéticos pouco usuais –, até que por fim passara a admirar sua beleza espetacular.

Além de ter proporcionado um apelido para Ignazio Busoni, Il Duomo – ou, em seu nome formal, a Catedral de Santa Maria del Fiore – também servira por muito tempo não só como centro espiritual para a cidade, mas também como palco para séculos de drama e intriga. O volátil passado da construção ia desde prolongados e aguerridos debates acerca do tão desprezado afresco do *Juízo final* de Vasari, pintado no interior da cúpula, até a disputadíssima competição para escolher o

arquiteto que concluiria a cúpula em si.

Filippo Brunelleschi acabara conseguindo o lucrativo contrato para terminar a cúpula – a maior em seu estilo na época. Até hoje, o arquiteto pode ser visto esculpido sentado em frente ao Palazzo dei Canonici, olhos erguidos para sua obra-prima com um ar satisfeito.

Nesta manhã, Langdon erguia seus olhos para a famosa cúpula de tijolos vermelhos que tinha sido o prodígio arquitetônico de sua época, lembrando-se da vez em que cometera a tolice de subir até o alto da cúpula – apenas para descobrir que suas escadas estreitas e abarrotadas de turistas eram tão claustrofóbicas quanto qualquer outro espaço apertado que ele já tivesse enfrentado. Ainda assim, Langdon se sentia grato por ter passado pelo calvário de escalar o "Domo de Brunelleschi", uma vez que este o incentivara a ler um divertido livro de Ross King com o mesmo título.

– Robert? – chamou Sienna. – Vamos?

Langdon tirou os olhos da cúpula, percebendo que havia parado para admirar a arquitetura.

– Desculpe.

Os dois seguiram em frente, mantendo-se rente aos limites da praça. Com a catedral agora à sua direita, Langdon reparou que um fluxo de turistas já deixava o edifício pelas saídas laterais, riscando o monumento de sua lista de atrações a visitar.

Logo à frente assomava o formato inconfundível de um campanário – a segunda das três estruturas do complexo da catedral. Mais conhecido como Campanário de Giotto, o *campanile* não deixava dúvida de que formava um par com a catedral vizinha. Revestida com as mesmas pedras cor-de-rosa, verdes e brancas, a torre quadrada erguia-se em direção ao céu até uma vertiginosa altura de quase 100 metros. Langdon sempre havia considerado incrível que aquela estrutura esguia tivesse permanecido em pé por tantos séculos, resistindo a terremotos e intempéries, sobretudo sabendo-se quanto pesava o seu topo, que sustentava mais de nove toneladas de sinos.

Sienna caminhava ao seu lado a passos rápidos, nervosa, vasculhando com os olhos o céu acima do *campanile*. Estava claro que procurava o drone, mas não o encontrou. Apesar da hora, a multidão já estava bastante densa, e Langdon fez questão de se manter bem no meio dela.

Ao se aproximarem do *campanile*, passaram por uma fila de caricaturistas que, em pé diante de seus cavaletes, desenhavam retratos exagerados dos turistas – um adolescente andando de skate; uma menina dentuça empunhando um taco de lacrosse; um casal em lua de mel se beijando montado em um unicórnio. Langdon achou engraçado que aquela atividade fosse permitida sobre as mesmas pedras

sagradas do calçamento em que, ainda menino, Michelangelo havia montado seu cavalete.

Contornando depressa a base do Campanário de Giotto, Langdon e Sienna viraram à direita e atravessaram o pátio externo bem em frente à catedral. Ali a multidão era mais cerrada, com turistas do mundo inteiro erguendo câmeras de celular e filmadoras para a colorida fachada principal.

Langdon mal olhou para cima, pois já estava concentrado em uma estrutura bem menor que acabara de surgir em seu campo de visão. Bem em frente à entrada principal da catedral ficava a terceira e última estrutura do complexo.

Era também a preferida de Langdon.

O Batistério de San Giovanni.

Adornado com as mesmas pedras policromáticas e colunas listradas da catedral, o batistério se destacava do edifício maior pelo formato surpreendente – um octógono perfeito. Parecida, segundo alguns, com um bolo de noiva, a construção de oito lados consistia em três andares distintos que subiam até um baixo telhado branco.

Langdon sabia que o formato octogonal nada tinha a ver com estética, mas sim com simbologia. Na Cristandade, o número oito representava renascimento e recriação. O octógono funcionava como um lembrete visual dos seis dias que Deus levara para criar o Céu e a Terra, mais o dia de descanso e o oitavo dia, no qual os cristãos "renasciam" ou eram "recriados" por meio do batismo. Por causa disso, esse havia se tornado um formato comum para batistérios mundo afora.

Embora Langdon considerasse aquele batistério uma das mais belas construções florentinas, sempre achara sua localização um pouco injusta. Em qualquer outro lugar do mundo, aquele batistério seria o centro das atenções. Ali, porém, à sombra de seus dois irmãos colossais, ficava parecendo um anãozinho.

Até você entrar nele, Langdon lembrou a si mesmo, visualizando o assombroso trabalho em mosaico do interior, tão espetacular que alguns dos primeiros a vê-lo afirmaram que o teto do batistério se assemelhava ao próprio Paraíso. Como ele tinha dito a Sienna com ironia: *Se você souber onde procurar*, *Florença* é *o Paraíso*.

Durante muitos séculos, aquele santuário de oito lados servira de cenário para o batismo de incontáveis personalidades importantes – entre elas o próprio Dante.

Poeta voltarei... à fonte do meu batismo.

Exilado, Dante jamais tivera permissão para voltar àquele recinto sagrado – o lugar de seu batismo –, mas Langdon tinha cada vez mais esperança de que, graças à improvável sequência de acontecimentos da noite anterior, a máscara mortuária finalmente houvesse encontrado o caminho de volta no lugar do poeta.

O batistério, pensou Langdon. *Só pode ter sido aqui que Ignazio escondeu a máscara antes de morrer*. Lembrando-se do recado desesperado do amigo ao telefone, ele sentiu um frio na espinha ao imaginar o homem corpulento apertando o

próprio peito, atravessando cambaleante a *piazza* até um beco e dando um último telefonema antes de confiar a máscara à segurança do batistério.

Os portões estão abertos para você.

Langdon não desgrudou os olhos do batistério enquanto ele e Sienna ziguezagueavam em meio à multidão. Ela agora se movia com tanta agilidade e determinação que Langdon quase tinha que correr para acompanhá-la. Mesmo de longe, pôde ver as imensas portas de entrada do batistério a reluzir sob o sol.

Feitas em bronze folheado a ouro e com quase 5 metros de altura, as portas haviam ocupado o artista Lorenzo Ghiberti por mais de duas décadas. Eram enfeitadas com dez intricados painéis de delicadas figuras bíblicas que, de tão refinadas, levaram Giorgio Vasari a qualificar as portas como "indubitavelmente perfeitas sob todos os aspectos e... a mais bela obra-prima já criada".

No entanto, o que lhes valera um apelido que perdurava até os dias de hoje tinha sido o elogio rasgado de Michelangelo: segundo o artista, de tão belas, aquelas portas poderiam servir... de Portões do Paraíso.

CAPÍTULO 54

A Bíblia escrita em bronze, pensou Langdon, admirando as lindas portas à sua frente.

Os reluzentes *Portões do Paraíso* de Ghiberti consistiam em dez painéis quadrados, cada um retratando uma cena importante do Antigo Testamento. Do Jardim do Éden a Moisés e ao templo do rei Salomão, a narrativa em relevo de Ghiberti se desdobrava por duas colunas verticais de cinco painéis cada.

Ao longo dos séculos, o espantoso conjunto de cenas individuais havia gerado uma espécie de concurso de popularidade entre artistas e historiadores da arte, cada qual, de Botticelli aos críticos mais recentes, defendendo sua preferência pelo "painel mais bonito". Por consenso geral, o vencedor era Esaú e Jacó – o painel central da coluna da esquerda –, supostamente escolhido por causa do impressionante número de métodos artísticos usados em sua confecção. No entanto, Langdon suspeitava que a verdadeira razão para a preferência por esse painel fosse o fato de ele ter sido o escolhido por Ghiberti para assinar seu nome.

Alguns anos antes, Ignazio Busoni havia mostrado com orgulho aquelas portas a Langdon. Na ocasião, chegara a admitir, encabulado, que após mil anos de exposição a enchentes, vandalismo e poluição, as portas douradas tinham sido discretamente trocadas por réplicas idênticas, e que as originais agora se encontravam na segurança do Museo dell'Opera del Duomo para serem restauradas. Por educação, Langdon não disse a Busoni que tinha plena consciência de estar admirando cópias e que, na realidade, aquele era o *segundo* par de "falsas" portas de Ghiberti que já vira. Havia topado com o primeiro par por acaso, quando, durante pesquisas sobre labirintos na Catedral da Graça, em São Francisco, descobrira que as réplicas dos *Portões do Paraíso* de Ghiberti vinham servindo como portas da frente para essa catedral desde meados do século XX.

Diante da obra-prima de Ghiberti, os olhos de Langdon foram atraídos para a tabuleta informativa montada ali perto, na qual uma simples expressão em italiano chamou sua atenção e o espantou.

La peste nera. "A peste negra." *Meu Deus*, pensou Langdon, *ela está por toda parte!* Segundo a tabuleta, as portas haviam sido encomendadas como oferenda "votiva" a Deus – uma prova de gratidão pelo fato de Florença ter, por motivos desconhecidos, sobrevivido à epidemia.

Langdon se forçou a olhar outra vez para os *Portões do Paraíso*, as palavras de

Ignazio tornando a ecoar em sua mente: *Os portões estão abertos para você, mas não demore*.

Apesar da promessa de Ignazio, estava claro que os *Portões do Paraíso* encontravam-se fechados, como sempre acontecia – exceto em raros feriados religiosos. Os turistas em geral entravam no batistério por outro lado, usando a porta norte.

Ao seu lado, Sienna, na ponta dos pés, tentava espiar por cima da multidão.

– Não tem maçaneta – constatou. – Nem fechadura. Nada.

É verdade, pensou Langdon, sabendo que Ghiberti não iria arruinar sua grande obra com algo tão trivial quanto uma maçaneta.

– As portas abrem *para dentro.* São trancadas pelo outro lado.

Sienna pensou por alguns instantes, franzindo os lábios.

– Quer dizer que daqui de fora... ninguém saberia se elas estão trancadas ou não.

Langdon assentiu.

– Estou torcendo para Ignazio também ter pensado assim.

Deu alguns passos para a direita e espiou pela lateral norte do prédio em direção a uma porta bem menos ornamentada – a entrada de turistas –, onde um vigia entediado fumava um cigarro e repelia visitantes desinformados, apontando para o cartaz afixado à porta: APERTURA 13:00 – 17:00.

Ainda faltam algumas horas para o batistério abrir, pensou Langdon, satisfeito. *E ninguém entrou lá até agora*.

Por instinto, olhou para o pulso e mais uma vez lembrou-se de que seu relógio do Mickey Mouse não estava lá.

Quando voltou para junto de Sienna, ela estava acompanhada por um grupo de turistas que tirava fotos por sobre as barras da grade simples de ferro erguida alguns metros à frente dos *Portões do Paraíso* para impedir os visitantes de chegarem perto demais da obra de Ghiberti.

Feita de ferro forjado negro encimado por pontas onduladas pintadas de dourado, imitando raios de sol, essa grade de proteção lembrava as cercas que costumavam delimitar as casas de subúrbio. Estranhamente, a placa informativa que descrevia os *Portões do Paraíso* havia sido afixada não às espetaculares portas de bronze em si, mas àquela reles grade protetora.

Langdon já ouvira dizer que o posicionamento da placa às vezes causava confusão entre os turistas. De fato, neste exato momento, uma mulher corpulenta, vestida com um conjunto de moletom da Juicy Couture, abriu caminho entre a multidão, espiou a placa, franziu o cenho para a grade de ferro e comentou com desdém:

– *Portões do Paraíso*? Ora, mais parece o portãozinho do canil lá de casa! – E afastou-se antes que alguém pudesse lhe explicar.

Sienna ergueu as mãos e agarrou a grade de proteção, espiando casualmente por

sobre as barras para ver o mecanismo que a mantinha fechada por trás.

– Olhe – sussurrou ela, virando-se para Langdon com os olhos arregalados. – O cadeado ali de trás está aberto.

Langdon olhou por sobre as grades e viu que ela estava certa. O cadeado estava posicionado como se estivesse fechado, mas, olhando bem, dava para ver que, definitivamente, estava aberto.

Os portões estão abertos para você, mas não demore.

Langdon ergueu os olhos para os *Portões do Paraíso* do outro lado das grades. Se Ignazio houvesse de fato deixado as imensas portas do batistério destrancadas, bastaria empurrá-las e elas se abririam. Difícil, porém, seria entrar sem chamar a atenção de todas as pessoas na praça, o que incluía a polícia e os vigias do Duomo.

– Cuidado! – gritou de repente uma voz de mulher ali perto. – Ele vai pular! – A voz estava repleta de pavor. – Lá em cima, na torre do sino!

Langdon virou de costas para os portões e viu que a mulher que gritava era... Sienna. A uns 5 metros dali, ela apontava para o alto do Campanário de Giotto e exclamava:

– Lá no alto! Ele vai pular!

Todos os olhos se voltaram para o céu e puseram-se a vasculhar o topo do campanário. Ali perto, outros turistas começaram a apontar, estreitando os olhos e gritando uns para os outros.

– Alguém vai pular?!

– Onde?!

– Não estou vendo!

– Ali, à esquerda?!

Foi preciso apenas uns poucos segundos para todas as pessoas na praça sentirem o pânico e imitarem as primeiras, erguendo os olhos para o alto do campanário. Com a fúria de um incêndio consumindo um campo de palha seca, a onda de medo se espalhou pela *piazza* até deixar toda a multidão de pescoço esticado, olhando e apontando para o alto.

Marketing viral, pensou Langdon, sabendo que teria poucos segundos para agir. Sem demora, agarrou a grade de ferro e a abriu enquanto Sienna voltava para o seu lado, entrando junto com ele no pequeno espaço entre a grade e os portões. Uma vez fechada a grade, os dois se viraram para as portas de bronze de 5 metros de altura. Torcendo para ter interpretado corretamente a mensagem de Ignazio, Langdon pressionou o ombro contra uma das folhas da imensa porta dupla e fez força com as pernas.

A princípio, nada aconteceu. Então, muito devagar, a pesada folha começou a se mover. *As portas estão abertas!* Quando os *Portões do Paraíso* se abriram cerca de meio metro, Sienna se virou de lado sem titubear e atravessou a fresta. Langdon a

imitou, esgueirando-se de lado pela abertura estreita e adentrando a escuridão do batistério.

Juntos, os dois se viraram e empurraram a porta na direção oposta, rapidamente fechando o gigantesco portão com um baque. No mesmo instante, o barulho e a confusão do lado de fora se extinguiram, deixando apenas silêncio.

Sienna apontou para uma comprida viga de madeira no chão a seus pés, que evidentemente devia ficar encaixada nas alças de ambos os lados das portas para mantê-las fechadas.

– Ignazio deve ter tirado a trave para você – comentou.

Os dois ergueram a viga do chão e a puseram de volta nos suportes, trancando os *Portões do Paraíso*... e isolando-se com segurança dentro do batistério.

Langdon e Sienna ficaram um bom tempo parados sem dizer nada, encostados na porta, recuperando o fôlego. Comparado aos barulhos da *piazza* lá fora, o interior do batistério era de fato tão sereno quanto o Paraíso.

◆ ◆ ◆

Do lado de fora do batistério de San Giovanni, o homem de óculos Paris Plume e gravata *paisley* percorria a multidão, ignorando os olhares nervosos de quem reparava em suas sanguinolentas erupções.

Ele acabara de chegar às portas de bronze pelas quais Robert Langdon e sua companheira loura haviam astutamente sumido. Mesmo do lado de fora, pôde ouvir o pesado baque do portão sendo travado por dentro.

Impossível entrar por aqui.

Aos poucos, o clima na *piazza* voltava ao normal. Os turistas que antes olhavam para cima com expectativa já começavam a perder o interesse. *Não há suicida nenhum*. Todos voltaram a seus afazeres.

O homem tornou a sentir a coceira; a irritação estava piorando. Agora as pontas de seus dedos também estavam inchadas e rachadas. Ele enfiou as mãos nos bolsos para não se coçar. Seu peito ainda latejava quando ele se pôs a contornar o octógono em busca de outra entrada.

Mal havia dobrado a esquina quando sentiu uma pontada de dor no pomo de adão e percebeu que estava se coçando outra vez.

CAPÍTULO 55

Reza a lenda que é fisicamente impossível não olhar para cima ao se entrar no batistério de San Giovanni. Embora tivesse estado ali muitas vezes, Langdon sentiu o magnetismo místico do lugar e deixou o próprio olhar se erguer em direção ao teto.

Muito acima deles, a superfície da abóbada octogonal, que se estendia por 25 metros de um lado a outro, cintilava e reluzia como se fosse feita de carvões em brasa. Sua superfície polida cor de âmbar refletia a luz ambiente de forma irregular a partir de mais de um milhão de pastilhas *smalti* – pequeninas peças de mosaico de sílica vitrificada cortadas à mão e afixadas sem cimento – dispostas em seis círculos concêntricos que retratavam cenas da Bíblia.

Acrescentando intensa dramaticidade à porção superior do recinto, a luz natural penetrava o espaço escuro por uma grande abertura central, à semelhança da que havia no Panteão de Roma. Esta, por sua vez, era rodeada por uma série de janelas altas, pequenas e bem afundadas na alvenaria, que deixavam entrar fachos de luz tão concentrados e precisos que pareciam quase sólidos, como vigas estruturais inclinadas em ângulos em constante mutação.

À medida que avançava com Sienna batistério adentro, Langdon assimilava o lendário mosaico do teto – uma representação em múltiplas camadas do Céu e do Inferno, muito parecida com aquela descrita na *Divina comédia*.

Dante Alighieri viu isto quando criança, pensou. *Uma inspiração vinda das alturas*.

Langdon fixou o olhar na peça central do mosaico. Pairando diretamente acima do altar-mor erguia-se um Jesus Cristo de mais de 8 metros, sentado, julgando os redimidos e os condenados.

À direita de Jesus, os justos recebiam a recompensa da vida eterna.

À esquerda, porém, os pecadores eram apedrejados, assados em espetos e devorados por toda a sorte de criaturas.

Retratado em um colossal mosaico na forma de uma criatura infernal e devoradora de homens, Satã supervisionava a tortura. Langdon sempre se encolhia ao ver aquela figura, que, mais de setecentos anos antes, havia pairado acima do jovem Dante Alighieri, aterrorizando-o e, mais tarde, vindo a inspirar seu vívido retrato daquele que habitava o último círculo do Inferno.

O assustador mosaico acima deles retratava um demônio chifrudo em pleno ato de devorar um ser humano pela cabeça. As pernas da vítima pendiam da boca de Satã

de um jeito que lembrava os pecadores enterrados até a cintura, com as pernas se debatendo no ar, do Malebolge dantesco.

Lo 'mperador del doloroso regno, pensou Langdon, relembrando o texto do poeta. *O imperador do reino de agonia.*

Duas serpentes enormes e rastejantes brotavam de dentro das orelhas de Satã para também devorarem pecadores, o que dava a impressão de que a criatura demoníaca tinha três cabeças, exatamente como Dante descrevia no último canto de seu *Inferno*. Langdon vasculhou a memória e se lembrou de alguns fragmentos da cena imaginada pelo poeta.

Quando vi em sua testa três faces... Com seis olhos chorava, e por três queixos lhe escorria o pranto e a sanguinosa baba... Em cada boca com os dentes um pecador dilacerava.

Langdon sabia que o fato de o mal de Satanás ser triplicado possuía um grande significado simbólico: servia para colocá-lo em perfeito equilíbrio com a trina glória da Santíssima Trindade.

Com os olhos erguidos para a horrenda visão, tentou imaginar o efeito daquele mosaico no jovem Dante, que passara tantos anos assistindo a missas naquela igreja, com Satã a observá-lo lá de cima sempre que rezava. Nesta manhã, porém, Langdon teve a desagradável sensação de que o diabo estava olhando diretamente para *ele*.

Baixou depressa o olhar para a sacada do primeiro andar, onde ficava a galeria da qual se podia observar o batistério – o único lugar de onde as mulheres eram autorizadas a assistir aos batismos. Em seguida, olhou para o túmulo suspenso do antipapa João XXIII, cujo corpo repousava no alto da parede, qual um homem das cavernas ou um voluntário em um truque de levitação de algum ilusionista.

Por fim, seu olhar chegou ao chão ornado com rebuscados ladrilhos, que muitos pensavam conter referências à astronomia medieval. Deixou que os olhos percorressem os intricados padrões em preto e branco até chegarem bem ao centro do recinto.

E ali está, pensou, sabendo que olhava para o lugar exato em que Dante Alighieri fora batizado, na segunda metade do século XIII.

– Poeta voltarei... à fonte do meu batismo – recitou, sua voz ecoando pelo espaço vazio. – É isso.

Sienna também encarou o centro do piso, para onde Langdon agora apontava. Tinha a expressão preocupada.

– Mas... não tem nada aqui.

– Não mais – respondeu Langdon.

Tudo o que restava era um grande octógono de cimento marrom-avermelhado. A peça de oito faces de estranha simplicidade interrompia de forma clara o padrão do piso, cujo aspecto era muito mais ornamentado: na verdade, parecia um buraco

grande e remendado – e era justamente isso.

Langdon explicou de modo breve que a pia ou fonte batismal original era uma grande piscina octogonal localizada bem no centro do batistério. Enquanto as pias modernas costumavam ser recipientes elevados, as mais antigas se aproximavam do significado literal da palavra *fonte* – "nascente" ou "manancial" –, nesse caso uma funda piscina d'água na qual os batizandos podiam ser imersos por completo. Langdon tentou imaginar o grito de pavor das crianças ecoando por aquelas paredes de pedra, ao serem literalmente mergulhadas na grande piscina de água gelada que outrora ocupava o centro do piso.

– Batismos eram uma coisa fria e assustadora – falou. – Um verdadeiro rito de passagem. Perigoso, até. Dizem que Dante certa vez pulou dentro da piscina para salvar uma criança que estava se afogando. A antiga pia batismal foi coberta em algum momento do século XVI.

Sienna então se pôs a correr os olhos pelo batistério, em óbvia aflição.

– Mas, se a pia batismal de Dante não existe mais... onde Ignazio escondeu a máscara?!

Langdon entendia sua inquietação. Não faltavam esconderijos naquele lugar imenso – atrás de colunas, estátuas, tumbas, nichos, no altar ou mesmo no andar superior.

Apesar disso, foi com uma segurança notável que ele se virou para encarar a porta pela qual haviam acabado de entrar.

– Melhor começarmos por ali – falou, apontando para uma área junto à parede logo à direita dos *Portões do Paraíso*.

Sobre uma plataforma elevada, atrás de uma grade decorativa, havia um pedestal hexagonal de mármore esculpido que se assemelhava a um pequeno altar ou mesa para auxiliar na missa. Os relevos do exterior eram tão complexos que a peça mais parecia um camafeu de madrepérola. Sobre essa base de mármore havia um tampo de madeira encerada com mais ou menos um metro de diâmetro.

Hesitante, Sienna seguiu Langdon até lá. Conforme subiam os degraus e passavam para o outro lado da grade de proteção, Sienna olhou mais de perto. Ao perceber o que estava vendo, soltou um arquejo de espanto.

Langdon sorriu. *Isso mesmo; não é um altar nem uma mesa*. A tábua de madeira encerada era, na verdade, uma tampa que recobria a estrutura.

– Uma pia batismal? – perguntou ela.

Langdon assentiu.

– Se Dante fosse batizado hoje, seria nesta pia aqui.

Sem perder tempo, ele respirou fundo, com determinação, e pousou as palmas das mãos no tampo de madeira, sentindo um arrepio de expectativa ao se preparar para retirá-lo.

Segurando com firmeza as bordas da tampa, moveu-a para um dos lados, deslizando-a com cuidado sobre a base de mármore e colocando-a no chão ao lado da pia. Então baixou os olhos para o espaço oco e escuro de meio metro de largura.

A visão sinistra o fez engolir em seco.

Das sombras, o rosto morto de Dante Alighieri o encarava de volta.

CAPÍTULO 56

Busca e encontrarás.

Parado junto à borda da pia batismal, Langdon encarou a máscara mortuária amarelo-clara, cujo semblante enrugado o fitava lá de baixo com uma expressão vazia. O nariz adunco e o queixo proeminente eram inconfundíveis.

Dante Alighieri.

O rosto sem vida já era suficientemente perturbador, mas algo em sua posição dentro da pia lhe dava um ar quase sobrenatural. Por alguns instantes, Langdon não soube ao certo o que estava vendo.

A máscara está... suspensa no ar?

Inclinou-se para examinar mais de perto o objeto à sua frente. A pia tinha vários metros de profundidade – era mais um poço vertical do que uma bacia – e suas paredes íngremes desciam até um recipiente hexagonal cheio d'água. Por mais estranho que parecesse, a máscara parecia flutuar a meio caminho do fundo, pairando logo acima da superfície da água como por encanto.

Langdon levou alguns instantes para perceber o que estava causando aquela ilusão de óptica. A pia tinha um eixo vertical no centro que se erguia até a metade da sua altura, achatando-se para formar uma espécie de pequena bandeja de metal logo acima da água. A bandeja parecia um chafariz decorativo ou talvez um apoio para o bumbum de um bebê, mas no momento funcionava como um pedestal sobre o qual a máscara de Dante repousava, em segurança, acima do nível da água.

Nem Langdon nem Sienna disseram nada enquanto permaneciam ali de pé, lado a lado, olhando para baixo em direção ao rosto enrugado de Dante Alighieri, ainda protegido pelo saco Ziploc, como se tivesse sido sufocado. Por alguns instantes, a imagem de um rosto olhando para cima do fundo de uma bacia cheia d'água fez Langdon se lembrar da experiência que tivera quando criança, preso no fundo de um poço e olhando desesperado para o céu.

Afastando esse pensamento, abaixou a mão com cuidado e segurou a máscara pelos dois lados, onde deviam ficar as orelhas de Dante. Embora fosse um rosto pequeno para os padrões atuais, o gesso antigo era mais pesado do que ele esperava. Devagar, Langdon retirou a máscara da pia e a suspendeu para que ele e Sienna pudessem examiná-la mais de perto.

Mesmo por trás do saco plástico, a máscara era de um realismo notável. Cada ruga, cada marca do rosto do velho poeta havia sido registrada pelo gesso úmido.

Exceto por uma antiga rachadura no centro, a peça estava em perfeitas condições.

– Vire a máscara – sussurrou Sienna. – Vamos ver o lado de trás.

Era justamente o que Langdon já estava fazendo. O vídeo de segurança do Palazzo Vecchio deixara claro que Langdon e Ignazio tinham descoberto alguma coisa no verso da máscara – algo de um interesse tão espantoso que os dois haviam saído do palácio levando o artefato.

Tomando um cuidado excepcional para não deixar o gesso frágil cair, Langdon virou a máscara e a pousou de cabeça para baixo na palma da mão direita, para que pudessem examinar o verso. Em contraste com o rosto castigado e cheio de texturas de Dante, o lado interno da máscara era liso e sem marcas. Como a delicada peça não tinha sido feita para ser usada, a parte de trás fora preenchida com gesso para lhe conferir certa solidez, produzindo uma superfície uniforme e côncava, como uma tigela de sopa rasa.

Langdon não sabia o que esperava encontrar no verso da máscara, mas com certeza não era aquilo.

Nada.

Absolutamente nada.

Apenas uma superfície lisa e vazia.

Sienna parecia igualmente atônita.

– Só gesso? – sussurrou. – Se não há nada aqui, o que você e Ignazio viram?

Não faço ideia, pensou Langdon, esticando o saco plástico por cima do gesso para ver melhor. *Não há nada aqui!* Cada vez mais aflito, ergueu a máscara até um facho de luz e a examinou com atenção. Ao incliná-la para melhorar o ângulo de visão, por um instante achou que tivesse vislumbrado uma leve descoloração perto do alto – uma linha de marcações que corria na horizontal pelo lado interno da testa de Dante.

Será uma marca natural? Ou quem sabe... alguma outra coisa? Virando-se na mesma hora, Langdon apontou para um painel de mármore com dobradiças na parede atrás deles.

– Dê uma olhada ali dentro – pediu a Sienna. – Veja se tem algum pano.

Embora parecesse cética, Sienna obedeceu e abriu o armário discretamente disfarçado, que continha três coisas: uma válvula para controlar o nível de água da pia; um interruptor para acionar a luz acima dela e... uma pilha de toalhas de linho.

Sienna lançou um olhar de surpresa para Langdon, mas ele já visitara um número suficiente de igrejas mundo afora para saber que pias batismais quase sempre proporcionavam aos padres acesso fácil a cueiros de emergência – uma vez que a imprevisibilidade das bexigas infantis representava um risco universal para qualquer batizado.

– Ótimo – disse ele, olhando de relance para os panos. – Pode segurar a máscara um instante?

Com cuidado, ele transferiu o objeto para as mãos de Sienna e pôs mãos à obra.

Primeiro, pegou a tampa hexagonal e tornou a colocá-la em cima da pia para reconstituir a pequena mesa semelhante a um altar que tinham visto antes. Em seguida, pegou vários cueiros de linho do armário e os estendeu por cima da madeira, como uma toalha de mesa. Por fim, acionou o interruptor de luz da pia batismal e a lâmpada acima dela imediatamente se acendeu, iluminando a área do batismo e projetando um brilho intenso sobre a superfície coberta.

Com delicadeza, Sienna depositou a máscara sobre a pia batismal enquanto Langdon pegava mais panos, que usou como se fossem pegadores de panela para retirar a máscara do Ziploc, tomando cuidado para não tocá-la com as mãos nuas. Instantes depois, a máscara mortuária de Dante jazia descoberta e sem proteção, com o rosto virado para a luz forte, como a cabeça de um paciente anestesiado sobre uma mesa de cirurgia.

A expressiva textura da máscara parecia ainda mais perturbadora sob a luz, o gesso descorado realçando os vincos e rugas da idade avançada. Sem perder tempo, Langdon usou os pegadores de panela improvisados para virar a máscara e pousá-la de cabeça para baixo.

O verso tinha um aspecto bem menos envelhecido do que a frente – limpo e branco, em vez de encardido e amarelo.

Sienna inclinou a cabeça, intrigada.

– Não está achando este lado *mais novo?*

De fato, a diferença de cor era bem mais evidente do que Langdon teria imaginado, mas aquele lado com certeza tinha a mesma idade da frente.

– Envelhecimento irregular – disse ele. – O verso ficou protegido pela vitrine, por isso que não sofreu os efeitos envelhecedores da luz.

Langdon fez uma anotação mental para dobrar o fator de proteção de seu filtro solar.

– Espere aí – disse Sienna, chegando mais perto da máscara. – Olhe! Aqui na testa! Deve ter sido isso que você e Ignazio viram.

Langdon correu os olhos pela superfície branca e lisa até a mesma descoloração que vira antes através do plástico – uma linha tênue de marcas que percorria na horizontal o lado interno da testa de Dante. Mas agora, sob a luz forte, Langdon viu com clareza que aquelas marcas não eram uma descoloração natural... eram propositais.

– É... uma inscrição – sussurrou Sienna, engasgando-se com as palavras. – Mas...

Langdon analisou as inscrições no gesso. Uma única fileira de letras, escritas com uma caligrafia floreada em um débil tom marrom-claro.

– É *só isso* que diz? – indagou ela, soando quase zangada.

Langdon mal a ouviu. *Quem escreveu isso?*, perguntou-se. *Alguém da época de*

Dante? Parecia improvável. Nesse caso, algum historiador da arte teria visto a inscrição muito tempo antes, durante alguma limpeza ou restauração de rotina, e a inscrição teria se tornado parte do folclore da peça. Mas ele nunca tinha ouvido falar naquilo.

Uma fonte bem mais provável logo se materializou em sua mente.

Bertrand Zobrist.

Como dono da máscara, teria sido fácil para Zobrist solicitar acesso reservado a ela quando bem entendesse. Poderia ter escrito o texto no verso pouco tempo atrás e depois tornado a guardá-la na vitrine sem que ninguém descobrisse. *O dono da máscara*, dissera-lhes Marta, *não permite nem mesmo que os nossos funcionários abram a vitrine sem a sua presença.*

Langdon explicou rapidamente sua teoria.

Sienna pareceu aceitar a lógica do que ele dizia, mas era óbvio que não estava convencida.

– Não faz sentido – disse ela, parecendo agitada. – Se Zobrist escreveu algo em segredo no verso da máscara mortuária de Dante e ainda se deu o trabalho de criar aquele pequeno projetor para indicar sua localização... então por que não escreveu alguma coisa mais *significativa*? Não faria sentido mesmo! Você e eu passamos o dia inteiro procurando essa máscara e só encontramos *isso aqui?*

Langdon tornou a dirigir sua atenção para o texto no verso da máscara. A mensagem escrita à mão era muito breve – tinha apenas sete letras –, e de fato não parecia fazer o menor sentido.

A frustração de Sienna é bastante compreensível.

Langdon, porém, sentia a familiar adrenalina de uma revelação iminente, pois quase no mesmo instante havia se dado conta de que aquelas sete letras lhe diriam tudo o que precisava saber sobre o próximo passo que ele e Sienna deveriam dar.

Além disso, detectara um leve odor na máscara – um cheiro conhecido que explicava por que o gesso do verso era tão mais branco que o da frente... e a diferença não tinha nada a ver com idade ou luz.

– Não entendo – disse Sienna. – As letras são todas iguais.

Langdon assentiu calmamente enquanto analisava a linha de texto – sete letras idênticas inscritas com esmero em caligrafia cursiva no verso da testa de Dante.

PPPPPPP

– Sete pês – disse Sienna. – O que vamos fazer com *isso?*

Langdon abriu um sorriso tranquilo e ergueu os olhos para encará-la.

– Sugiro que façamos exatamente o que a mensagem *nos diz* para fazer.

Sienna o fitou, confusa.

– Esses sete pês são... uma *mensagem?*

– Isso mesmo – respondeu ele sem parar de sorrir. – E, para quem estudou Dante,

ela não poderia ser mais clara.

◆ ◆ ◆

Do lado de fora do batistério de San Giovanni, o homem engravatado limpou as unhas no lenço e o usou para secar as pústulas no pescoço. Tentou ignorar a queimação nos olhos enquanto os estreitava para ver melhor aonde estava indo.

A entrada de turistas.

Em frente à porta, um vigia de ar cansado vestindo um blazer fumava um cigarro e dispensava os turistas que pareciam incapazes de decifrar os horários de funcionamento, escritos em hora internacional.

APERTURA 13:00 – 17:00.

O homem de pele irritada verificou o relógio de pulso. Eram 10h02 da manhã. O batistério continuaria fechado por mais algumas horas. Depois de passar algum tempo observando o vigia, ele se decidiu. Retirou o brinco de ouro da orelha e o guardou no bolso. Então sacou a carteira e verificou o conteúdo. Além de vários cartões de crédito e de um maço de euros, ela trazia também mais de três mil dólares em dinheiro vivo.

Felizmente, a cobiça era um pecado comum a todas as nações.

CAPÍTULO 57

Peccatum... *Peccatum... Peccatum...*

Os sete pês inscritos no verso da máscara mortuária de Dante haviam levado os pensamentos de Langdon imediatamente de volta ao texto da *Divina Comédia*. Por alguns instantes, ele se viu de novo no palco, em Viena, ministrando a palestra "Divino Dante: Símbolos do Inferno".

– Nós agora descemos – sua voz ecoou nos alto-falantes – e atravessamos os nove círculos do Inferno até o centro da Terra, onde nos vimos cara a cara com Satanás.

Langdon foi passando de slide em slide por uma série de Satãs de três cabeças tirados de várias obras de arte – o *Mappa* de Botticelli, o mosaico do batistério de Florença e o terrível demônio negro de Andrea di Cione, com o pelo manchado com o sangue escarlate de suas vítimas.

– Juntos – prosseguiu Langdon – escalamos o peito hirsuto de Satanás, mudamos de direção quando a gravidade se inverteu e emergimos do sombrio mundo inferior... para vermos novamente as estrelas.

Langdon avançou os slides até chegar a uma imagem que já havia mostrado – a lendária pintura de Domenico di Michelino que ficava no interior do duomo e retratava um Dante vestido de vermelho em pé do lado de fora dos muros de Florença.

– Se olharem com atenção, vocês poderão ver essas estrelas.

Langdon apontou para o céu estrelado que descrevia uma abóbada acima da cabeça do poeta.

– Como podem ver, o céu é formado por uma série de nove esferas concêntricas em volta da Terra. Essa estrutura do Paraíso com nove níveis busca refletir e equilibrar os nove círculos do mundo inferior. Como já devem ter reparado, o número nove é recorrente em Dante.

Ele fez uma pausa, tomou um gole d'água e deixou a plateia recuperar o fôlego após a árdua descida que havia culminado com a saída do Inferno.

– Assim, após suportar os horrores do Inferno, vocês devem estar muito animados para chegar ao Paraíso. Infelizmente, no mundo de Dante nada é tão simples. – Ele deu um suspiro teatral. – Para subirmos ao Paraíso devemos escalar uma montanha, tanto no sentido figurado quanto no literal.

Ele apontou a obra de Michelino. Atrás de Dante, no horizonte, uma única

montanha em formato cônico que se erguia até o céu. Subindo em espiral pelo monte, um caminho dava voltas ao redor do cone – nove ao todo –, formando terraços cada vez mais estreitos até chegar ao topo. Ao longo do trajeto, vultos nus galgavam a subida a duras penas, suportando toda a sorte de penitências pelo caminho.

– Com vocês, o monte Purgatório – anunciou Langdon. – Infelizmente, essa árdua escalada de nove andares é o único caminho que conduz das profundezas do Inferno à glória do Paraíso. É possível ver as almas arrependidas subindo por ele... todas pagando o preço adequado pelo pecado cometido. Os invejosos têm de subir com os olhos costurados para não cederem à cobiça; os orgulhosos devem carregar imensas pedras nas costas para se curvarem com humildade; os gulosos devem subir sem comida nem água, suportando assim uma fome excruciante; e os luxuriosos devem subir em meio a labaredas de fogo, de modo a se purgarem do calor da paixão. – Ele fez uma pausa. – No entanto, antes de obter o privilégio de subir essa montanha e expiar os pecados, é preciso falar com este personagem aqui.

Langdon avançou os slides até um detalhe da pintura de Michelino, no qual se via um anjo alado sentado em um trono ao pé do monte Purgatório. Aos pés desse anjo, uma fila de pecadores penitentes aguardava a permissão para poder iniciar a subida. Estranhamente, o anjo brandia uma longa espada e parecia usar sua ponta para apunhalar o rosto do primeiro da fila.

– Quem sabe o que esse anjo está fazendo? – perguntou Langdon.

– Apunhalando a cabeça de alguém? – arriscou uma voz.

– Não.

– Furando o olho do sujeito? – sugeriu outra pessoa.

Langdon fez que não com a cabeça.

– Mais alguém?

Uma voz bem no fundo da sala respondeu com firmeza:

– Escrevendo em sua testa.

Langdon sorriu.

– Parece que alguém lá atrás conhece Dante. – Tornou a gesticular na direção do quadro. – Eu sei que parece que o anjo está apunhalando esse pobre coitado na testa, mas não. Segundo o texto de Dante, o anjo que guarda a entrada do Purgatório usa a ponta da espada para escrever algo na testa dos pecadores antes de eles entrarem. "Mas o quê?", vocês vão perguntar.

Langdon fez uma pausa de efeito.

– Pode parecer estranho, mas ele escreve uma única letra... sete vezes. Alguém sabe que letra o anjo escreve sete vezes na testa de Dante?

– *P*! – gritou uma voz na plateia.

Langdon tornou a sorrir.

– Isso mesmo. A letra *P*. *P* significa *peccatum*, pecado em latim. E o fato de a letra ser repetida sete vezes é um símbolo dos *Septem Peccata Mortalia*, também conhecidos como...

– Sete Pecados Capitais! – gritou outra pessoa.

– Exatamente. Assim, apenas galgando cada um dos níveis do Purgatório é possível se redimir dos pecados. A cada nível vencido, um anjo remove um dos pês de sua testa, até você chegar ao topo com a fronte limpa... e a alma expurgada de todos os pecados. – Ele deu uma piscadela. – Não é à toa que esse lugar se chama Purgatório.

Ao despertar de suas divagações, Langdon notou que Sienna o encarava do outro lado da pia batismal.

– Os sete pês? – disse ela, puxando-o de volta ao presente e gesticulando em direção à máscara mortuária de Dante. – Está dizendo que isso daí é uma mensagem? Que está nos indicando o que fazer?

Langdon resumiu a maneira como Dante descrevia o monte Purgatório, os pês que representavam os Sete Pecados Capitais e o ato de limpá-los da testa.

– É óbvio que Bertrand Zobrist, sendo fanático por Dante, devia conhecer os sete pês e o ato de limpá-los da testa como forma de avançar rumo ao Paraíso – concluiu ele.

Sienna ainda parecia ter suas dúvidas.

– Você acha mesmo que Bertrand Zobrist pôs esses pês no verso da máscara mortuária para que nós literalmente os apaguemos? É isso que acha que devemos fazer?

– Eu sei que é um pouco...

– Robert, mesmo que apaguemos as letras, em que isso vai nos ajudar?! Tudo que vamos ter é uma máscara sem nada escrito.

– Pode ser que sim. – Langdon abriu um sorriso esperançoso. – Mas pode ser que não. Acho que tem mais coisa aqui do que parece. – Ele indicou a máscara com um gesto. – Eu falei que o verso da máscara tinha uma cor mais clara por causa do envelhecimento irregular, não falei?

– Foi.

– Acho que estava enganado. A diferença de cor parece pronunciada demais para ser só envelhecimento e a textura do verso tem dentes.

– Dentes?

Ele lhe mostrou como a textura do verso era bem mais áspera do que a da frente, além de bem mais rugosa, como uma lixa.

– No mundo da arte, essa textura áspera é chamada de dente e os pintores preferem pintar sobre superfícies como essa, pois assim a tinta adere melhor.

– Não estou entendendo.

Langdon sorriu.

– Você sabe o que é gesso-cré?

– Claro, é o que os pintores usam para preparar telas e... – Ela se interrompeu, parecendo compreender o que ele dizia.

– Isso mesmo – disse Langdon. – Eles usam o gesso-cré para criar uma superfície limpa, branca e dentada, e às vezes para cobrir pinturas indesejadas quando querem reutilizar uma tela.

Sienna agora parecia animada.

– E você acha que Zobrist pode ter coberto o verso da máscara com gesso-cré?

– Isso explicaria os dentes e a cor mais clara. Talvez explique também por que ele iria querer que nós limpássemos os sete pês.

Esse último detalhe pareceu deixar Sienna intrigada.

– Cheire aqui – disse Langdon, erguendo a máscara até o rosto dela como um padre oferecendo uma hóstia.

Sienna torceu o nariz.

– Gesso-cré tem cheiro de cachorro molhado?

– Nem sempre. O gesso-cré normal tem cheiro de giz. O que tem cheiro de cachorro molhado é o gesso-cré acrílico.

– Ou seja...?

– Ele é solúvel em água.

Sienna entortou a cabeça e Langdon pressentiu que ela estava começando a entender. Depois de olhar demoradamente para a máscara, ela de repente tornou a se virar para Langdon com os olhos arregalados.

– Você acha que tem algo debaixo do gesso-cré?

– Isso explicaria muitas coisas.

Na mesma hora, Sienna segurou o tampo hexagonal que cobria a pia batismal e o girou um pouco, até a água lá embaixo ficar visível. Pegou um pano de linho limpo e o mergulhou na água benta. Então estendeu o pano molhado para Langdon.

– É melhor você fazer isso.

Langdon segurou a máscara de cabeça para baixo na palma da mão esquerda e pegou o pano molhado, que sacudiu para retirar o excesso de água. Então começou a passá-lo na parte interna da testa de Dante, umedecendo a área onde estavam escritos os sete pês. Depois de algumas esfregadelas com o indicador, tornou a mergulhar o pano na pia e prosseguiu. A tinta marrom começou a ficar borrada.

– O gesso-cré está se dissolvendo – disse ele, animado. – E a tinta está saindo junto.

Ao repetir o processo pela terceira vez, falou com uma voz devota e grave que ecoou pelo batistério:

– Por meio do batismo, o Senhor Jesus Cristo o liberta do pecado e o faz renascer

por meio da água e do Espírito Santo.

Sienna o encarou como se ele tivesse enlouquecido.

Langdon deu de ombros.

– Pareceu apropriado.

Ela revirou os olhos e tornou a encarar a máscara. Conforme Langdon seguia molhando o objeto, o gesso original por baixo do gesso-cré vinha à tona, com um tom amarelado mais condizente com o que ele teria esperado de um objeto tão antigo. Quando o último P desapareceu, ele secou a área com um pano limpo e ergueu a máscara para Sienna ver.

Ela deixou escapar um arquejo alto.

Como Langdon previra, havia de fato algo escondido debaixo do gesso-cré: uma segunda camada de caligrafia – nove letras escritas diretamente sobre a superfície amarelo-clara do gesso original.

Desta vez, no entanto, as letras formavam uma palavra.

– Possessão? – perguntou Sienna. – Não entendo.

Também não tenho certeza se entendo. Langdon analisou o texto que havia se revelado sob os sete pês – uma única palavra gravada no verso da testa de Dante.

possessão

– Como uma... possessão demoníaca? – perguntou Sienna.

Talvez. Langdon voltou o olhar para cima em direção ao mosaico de Satã devorando as pobres almas que nunca tinham sido capazes de se redimir do pecado. *Possessão... de Dante?* Não parecia fazer muito sentido.

– Deve haver mais – insistiu ela, tirando a máscara das mãos de Langdon para estudá-la mais de perto. Após alguns instantes, pôs-se a balançar a cabeça. – É isso, olhe para as duas pontas da palavra... tem mais texto dos dois lados.

Langdon tornou a olhar e dessa vez viu a sombra indistinta de mais palavras despontando através do gesso-cré umedecido de ambos os lados da palavra *possessão*.

Afobada, Sienna pegou o pano e recomeçou a esfregar em volta da palavra até outro trecho aparecer, escrito em uma curva suave.

Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos

Langdon deixou escapar um assobio baixo.

– *Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos... observai os ensinamentos que se escondem... sob o véu destes estranhos versos.*

Sienna o encarou.

– Como é que é?

– Essas palavras vêm de uma das estrofes mais conhecidas do *Inferno* de Dante – explicou Langdon, animado. – É quando o poeta instiga seus leitores mais inteligentes a buscarem os ensinamentos ocultos em seus versos enigmáticos.

Langdon citava com frequência esse mesmo verso ao ensinar simbolismo literário para os seus alunos: não havia melhor exemplo de um autor agitando os braços como um louco, como se gritasse: "Ei, leitores! Tem um duplo sentido simbólico aqui!"

Sienna tornou a esfregar o verso da máscara, agora com mais vigor.

– Vá com calma! – pediu Langdon.

– Você está certo – anunciou Sienna, removendo o gesso-cré com energia. – Aqui

está o resto da citação de Dante... exatamente como você disse. – Ela parou para mergulhar o pano outra vez na água benta e enxaguá-lo.

Langdon ficou observando, consternado, o gesso-cré dissolvido turvar a água da pia batismal. *São João, nos perdoe*, pensou, incomodado com o fato de aquela fonte sagrada estar sendo usada como tanque.

O pano estava pingando quando Sienna o tirou da água. Ela mal o torceu antes de levá-lo ao centro da máscara e começar a esfregar com movimentos circulares, como se lavasse uma tigela de sopa.

– Sienna! – ralhou Langdon. – Isso é uma antigui...

– A parte de trás está *cheia* de palavras! – anunciou ela, sem parar de esfregar o interior da máscara. – E elas estão em... – Ela não terminou a frase.

Inclinando a cabeça para a esquerda, começou a girar a máscara para a direita, como se tentasse ler de lado.

– Elas estão em quê? – perguntou Langdon, sem conseguir ver.

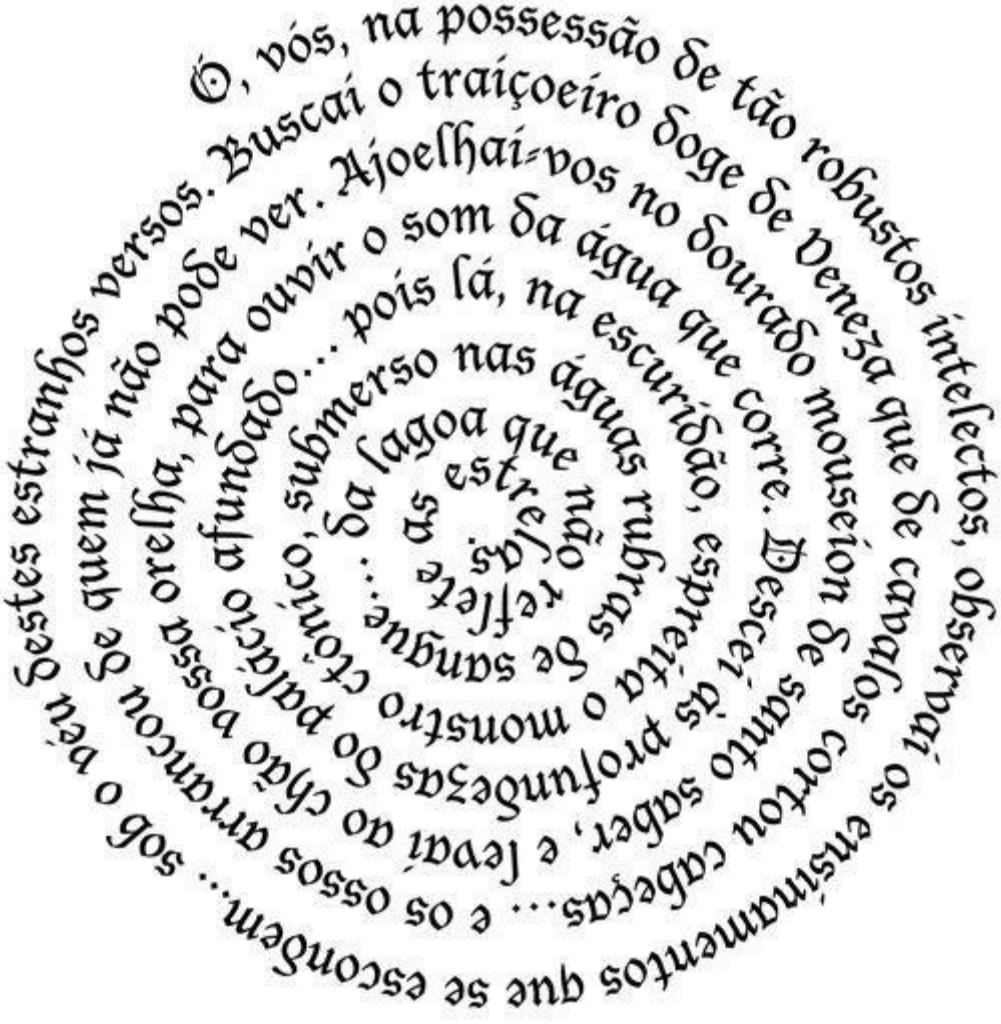
Sienna acabou de limpar a máscara e a secou com um pano limpo. Então a pousou na frente dele para juntos poderem examinar o resultado.

Quando Langdon viu o interior da máscara, quase não acreditou nos próprios olhos. Toda a superfície côncava estava coberta de texto; devia haver umas cem palavras ali. Começando pelo alto com o verso *Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos*, o texto prosseguia em uma única linha ininterrupta... descendo em curva pelo lado direito da peça até a borda inferior, onde virava de ponta-cabeça e prosseguia pela parte de baixo, subindo de volta pelo lado esquerdo até o começo, repetindo a partir dali um caminho semelhante para formar um círculo ligeiramente menor.

O trajeto percorrido pelo texto lembrava, de forma perturbadora, a trilha em espiral do monte Purgatório rumo ao Paraíso. O lado simbologista de Langdon identificou de imediato a espiral precisa. *Espiral de Arquimedes no sentido horário.* Reparou também que o número de revoluções a partir da primeira palavra, *Ó*, até o último trecho no centro era conhecido.

Nove.

Quase sem conseguir respirar, Langdon girou a máscara em círculos lentos e foi lendo o texto que se enroscava cada vez mais para dentro do espaço côncavo, afunilando-se em direção ao centro.



– A primeira estrofe é de Dante, uma citação quase literal – falou. – *Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos... observai os ensinamentos que se escondem... sob o véu destes estranhos versos*.

– E o resto? – instou Sienna.

Langdon balançou a cabeça.

– Acho que não. Está escrito com uma métrica parecida, mas não reconheço o texto de Dante. Parece alguém imitando seu estilo.

– Zobrist – sussurrou Sienna. – *Só pode* ser ele.

Langdon assentiu. Era um palpite bastante razoável. Afinal de contas, ao alterar o *Mappa dell'Inferno* de Botticelli, Zobrist já havia revelado sua propensão para colaborar com os mestres e modificar grandes obras de arte para atender às próprias necessidades.

– O resto do texto é muito estranho – disse Langdon, girando novamente a máscara e lendo mais para dentro. – Fala sobre... ter cortado cabeças de cavalos... e arrancado ossos de quem já não pode ver. – Ele correu os olhos até a última linha, escrita em um círculo apertado bem no meio da máscara. Então fungou, espantado. – E menciona também "águas rubras de sangue".

Sienna arqueou as sobrancelhas.

– Rubras, ou seja... vermelhas? Como nas suas visões da mulher de cabelos prateados?

Langdon tornou a assentir, intrigado com o texto à sua frente. *As águas rubras de sangue da lagoa que não reflete as estrelas?*

– Olhe – sussurrou Sienna, lendo por cima de seu ombro e apontando para uma única palavra na espiral. – Um local específico.

Os olhos de Langdon encontraram a palavra, que ele havia pulado durante a primeira leitura. Era o nome de uma das cidades mais espetaculares e únicas do mundo. Ele sentiu um calafrio, sabendo que também se tratava da cidade em que Dante Alighieri notoriamente contraíra a doença fatal que o levaria à morte.

Veneza.

Langdon e Sienna passaram um bom tempo analisando em silêncio os versos enigmáticos. O poema era perturbador, macabro e difícil de decifrar. O uso das palavras *doge* e *lagoa*, para Langdon, não deixava dúvida de que o poema de fato se referia a Veneza – uma singular cidade italiana que era um verdadeiro mundo aquático. Erguida sobre uma imensa lagoa e entrecortada por centenas de canais, durante séculos Veneza fora governada por um chefe de Estado conhecido como doge.

À primeira vista, Langdon não soube dizer exatamente para que lugar de Veneza aquele poema apontava, mas o texto sem dúvida parecia instar o leitor a seguir suas instruções.

Levai ao chão vossa orelha, para ouvir os sons da água que corre.

– Está apontando para debaixo da terra – disse Sienna, que lia junto com ele.

Langdon assentiu com hesitação enquanto lia o verso seguinte.

Descei às profundezas do palácio afundado... pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico.

– Robert? – indagou Sienna, ressabiada. – Monstro o quê?

– Ctônico – respondeu Langdon. – É uma palavra de raiz grega. Significa "que vive debaixo da terra".

Antes que ele pudesse prosseguir, o clique alto de um trinco ecoou pelo batistério. A entrada de turistas parecia ter sido destrancada por fora.

♦ ♦ ♦

– *Grazie mille* – disse o homem com a pele do rosto irritada. *Muito obrigado*.

O vigia do batistério assentiu com nervosismo, enquanto embolsava os 500 dólares e olhava em volta para se certificar de que ninguém estava observando.

– *Cinque minuti* – falou, entreabrindo a porta apenas o suficiente para o homem se esgueirar para dentro. O vigia então fechou a porta, trancando-o lá dentro e bloqueando qualquer som de fora. *Cinco minutos*.

A princípio, o vigia não havia se apiedado daquele homem que alegava ter vindo dos Estados Unidos para rezar no batistério de San Giovanni na esperança de curar sua terrível doença de pele. Com o tempo, contudo, acabara por se convencer a demonstrar compaixão, sem dúvida auxiliado pela oferta de 500 dólares em troca de cinco minutos sozinho dentro do batistério... aliada ao medo crescente de que aquela pessoa de aparência contagiosa fosse passar as três horas seguintes ali plantada ao seu lado esperando que o monumento abrisse.

Agora, ao avançar sorrateiramente pelo santuário octogonal, o homem sentiu um impulso irresistível de olhar para cima. *Puta merda*. Nunca tinha visto nada igual àquele teto. Um demônio de três cabeças olhava lá do alto bem na direção dele, o que o levou a baixar os olhos na mesma hora.

O lugar parecia deserto.

Onde eles se meteram?

O homem correu os olhos em volta, detendo-se sobre o altar-mor – um imenso bloco de mármore retangular situado dentro de um nicho atrás de uma barreira de colunas de metal e cordões destinada a manter os visitantes afastados.

O altar parecia ser o único esconderijo de todo o batistério. Além disso, um dos cordões balançava de leve... como se houvesse acabado de ser movido.

* * *

Atrás do altar, Langdon e Sienna estavam agachados em silêncio. Mal tiveram tempo de recolher os panos sujos e endireitar a tampa da pia batismal antes de saltarem para trás do altar-mor, carregando com cuidado a máscara mortuária. O plano era ficarem escondidos ali até o local se encher de turistas, para então saírem discretamente no meio da multidão.

A porta norte do batistério sem dúvida acabara de se abrir – pelo menos por alguns instantes –, pois Langdon havia escutado os sons vindos da *piazza*. Porém, tão subitamente quanto antes, ela voltara a ser trancada e não se ouviu mais nada.

Agora, de novo em meio ao silêncio, Langdon ouviu os passos de uma única pessoa atravessarem o chão de pedra.

Será que algum vigia veio verificar o espaço antes de abri-lo para os turistas daqui a pouco?

Perguntou-se se o suposto vigia iria notar a luz acesa em cima da pia batismal, que ele não tivera tempo de apagar. *Parece que não*. Os passos se moviam depressa na direção deles e pararam bem em frente ao altar, diante do cordão por cima do qual Langdon e Sienna haviam acabado de pular.

Houve um longo silêncio.

– Robert, sou eu – disse uma voz masculina zangada. – Sei que você está aí atrás. Saia agora mesmo e venha aqui se explicar.

CAPÍTULO 59

Não adianta nada *fingir que não estou aqui.*

Langdon acenou para Sienna não abandonar a segurança do esconderijo e continuar agachada, protegendo a máscara mortuária de Dante que ele havia tornado a lacrar dentro do Ziploc.

Então, bem devagar, Langdon se levantou. De pé como um padre atrás do altar do batistério, olhou para seu rebanho de uma ovelha só. O desconhecido à sua frente tinha cabelos castanho-claros, usava óculos de grife e apresentava uma terrível irritação no rosto e no pescoço. Coçou de um jeito nervoso a pele inflamada enquanto seus olhos inchados pareciam faiscar de incompreensão e raiva.

– Robert, quer fazer o favor de me dizer que droga você está fazendo?! – exigiu saber, passando por cima do cordão e avançando em direção a Langdon. Falava com um sotaque americano.

– Claro – respondeu Langdon, educado. – Mas primeiro me diga quem é você.

O homem parou com ar incrédulo.

– Como é que é?!

Langdon notou algo vagamente familiar nos olhos dele... na voz também, talvez. *Já conheci esse homem... de alguma forma, em algum lugar*. Repetiu a pergunta com calma:

– Por favor, me diga quem você é e de onde nos conhecemos.

Sem acreditar, o homem jogou as mãos para o alto.

– Jonathan Ferris? Da OMS? O cara que foi buscar você de avião em Harvard?

Langdon tentou processar o que ouvia.

– Por que você não entrou em contato?! – perguntou o sujeito, ainda coçando o pescoço e as bochechas, que estavam vermelhos e empolados. – E posso saber quem é aquela mulher que entrou aqui com você? É para *ela* que você está trabalhando agora?

Sienna se levantou depressa ao lado de Langdon e logo assumiu o controle da situação.

– Dr. Ferris? Meu nome é Sienna Brooks. Também sou médica. Trabalho aqui em Florença. O professor Langdon levou um tiro na cabeça ontem à noite. Está sofrendo de amnésia retrógrada, portanto não sabe quem é o senhor nem o que aconteceu com ele nos últimos dois dias. Estou aqui para ajudá-lo.

Enquanto as palavras de Sienna ecoavam pelo batistério vazio, o homem entortou

a cabeça, intrigado, como se não houvesse entendido muito bem o que ela acabara de dizer. Ficou atônito por alguns instantes, então cambaleou para trás, apoiando-se em uma das colunas que sustentavam o cordão.

– Ai, meu Deus... – gaguejou. – Isso explica tudo.

Langdon viu a raiva sumir do rosto dele.

– Robert, nós achamos que você tivesse... – sussurrou o recém-chegado, balançando a cabeça como se tentasse encaixar as peças daquele mistério. – Achamos que tivesse mudado de lado... que talvez tivesse sido subornado por eles... ou ameaçado... Nós não sabíamos!

– O professor não falou com mais ninguém, só comigo – disse Sienna. – Tudo o que ele sabe é que acordou ontem à noite no hospital com pessoas tentando matá-lo. Além disso, tem tido visões terríveis: cadáveres, vítimas da peste, uma mulher de cabelos prateados e um amuleto de serpente que fica lhe dizendo...

– Elizabeth! – disparou o homem. – É a Dra. Elizabeth Sinskey! Robert, foi ela que chamou você para nos ajudar!

– Bem, se for ela mesmo, espero que saibam que ela está correndo perigo – disse Sienna. – Nós a vimos trancada na traseira de uma van cheia de soldados e ela parecia ter sido drogada ou coisa parecida.

O homem assentiu devagar e fechou os olhos. Tinha as pálpebras inchadas e vermelhas.

– O que houve com o seu rosto? – perguntou Sienna.

Ele abriu os olhos.

– Perdão?

– Com a sua pele. Parece que você está infectado com alguma coisa. Está doente?

O homem pareceu espantado e, embora a pergunta de Sienna fosse tão direta que parecia quase grosseira, Langdon havia pensado a mesma coisa. Levando em conta todas as referências à peste que tinha encontrado naquele dia, a visão de uma pele vermelha e toda empolada era perturbadora.

– Eu estou bem – respondeu o homem. – Foi a droga do sabonete do hotel. Tenho uma baita alergia a soja, que é a matéria-prima da maioria desses sabonetes perfumados italianos. Foi burrice minha não conferir antes.

Sienna suspirou aliviada e seus ombros relaxaram.

– Que bom que não foi a comida. Dermatite de contato é melhor do que choque anafilático.

Ambos deram uma risadinha sem graça.

– Me diga uma coisa – arriscou Sienna –, o nome Bertrand Zobrist significa alguma coisa para o senhor?

O homem gelou de tal forma que parecia ter acabado de dar de cara com o demônio de três cabeças.

– Parece que acabamos de achar uma mensagem dele – prosseguiu ela. – O texto indica algum lugar em Veneza. Isso faz algum sentido para o senhor?

Os olhos do homem ficaram alucinados de tanta empolgação.

– Meu Deus, sim! Com certeza! Para onde a mensagem aponta?!

Sienna respirou fundo, obviamente prestes a contar àquele sujeito tudo sobre o poema em espiral que os dois haviam acabado de descobrir na máscara. Contudo, antes que pudesse fazê-lo, Langdon cobriu a mão dela com a sua num gesto instintivo. Embora o homem parecesse um aliado, depois dos acontecimentos daquele dia, seu sexto sentido lhe dizia para não confiar em ninguém. Além disso, a gravata dele lhe parecia familiar e Langdon sentia que aquele poderia ser o mesmo homem que vira rezando mais cedo na pequena igreja de Dante. *Será que ele estava nos seguindo?*

– Como nos achou aqui? – indagou Langdon.

O homem ainda parecia estranhar o fato de ele não se lembrar de nada.

– Robert, você me ligou ontem à noite dizendo que tinha marcado um encontro com um diretor de museu chamado Ignazio Busoni. Depois disso, sumiu. Não entrou mais em contato. Quando eu soube que Ignazio Busoni tinha sido encontrado morto, fiquei preocupado. Passei a manhã inteira procurando você pela cidade. Vi a atividade policial em frente ao Palazzo Vecchio e, enquanto esperava para descobrir o que tinha acontecido, por acaso vi *você* saindo de trás de uma portinha junto com... – Ele olhou de relance para Sienna, como se houvesse tido um branco.

– Sienna – ajudou ela. – Brooks.

– Desculpe... junto com a Dra. Brooks. Segui vocês na esperança de descobrir o que estavam fazendo.

– Era você quem estava rezando na igreja de Cerchi, não era?

– Sim! Eu estava tentando entender o motivo daquilo tudo, mas não fazia sentido! Você saiu da igreja com tanta determinação que resolvi segui-lo. Quando vi vocês dois entrarem às escondidas no batistério, resolvi que estava na hora de confrontá-los. Então subornei o vigia para conseguir alguns minutos sozinho aqui dentro.

– Muito corajoso da sua parte, se achava mesmo que eu tinha me voltado contra vocês – comentou Langdon.

O homem fez que não com a cabeça.

– Algo me dizia que você não faria isso. O professor Robert Langdon? Sabia que devia haver outra explicação. Mas amnésia? Incrível. Eu jamais teria adivinhado.

O homem voltou a se coçar, aflito.

– Escutem, só consegui cinco minutos. Temos que sair daqui agora mesmo. Se *eu* encontrei vocês, as pessoas que estão tentando matá-lo talvez também encontrem. Há várias coisas acontecendo que vocês não entendem. Precisamos ir para Veneza. *Agora.* O difícil vai ser sair de Florença sem sermos vistos. As pessoas que pegaram

a Dra. Sinskey... e que estão perseguindo *você*... elas têm olhos por toda parte. – Ele gesticulou em direção à porta.

Langdon se manteve firme, finalmente com a sensação de que estava prestes a obter algumas respostas.

– Quem são os soldados de uniforme preto? Por que eles estão tentando me matar?

– É uma longa história – respondeu o homem. – No caminho eu explico.

Langdon franziu a testa, ainda insatisfeito com aquela resposta. Acenou para Sienna e puxou-a de lado para confabular.

– Você confia nele? – cochichou. – O que acha?

Sienna olhou para Langdon como se ele estivesse maluco por perguntar aquilo.

– O que eu acho? Ele trabalha para a Organização Mundial da Saúde! Acho que ele é nossa melhor chance de conseguir respostas!

– E as feridas na pele?

Sienna deu de ombros.

– São exatamente o que ele está dizendo... um caso grave de dermatite de contato.

– Mas e se não forem o que ele está dizendo? – sussurrou Langdon. – E se forem... *outra coisa?*

– *Outra coisa*? – Ela o fitou com uma expressão incrédula. – Robert, ele não está com a peste, se é isso que você quer dizer. Pelo amor de Deus, o cara é médico. Se tivesse contraído uma doença fatal e soubesse que está na fase contagiosa, não cometeria a imprudência de sair por aí contaminando meio mundo.

– E se ele não soubesse?

Sienna franziu os lábios e refletiu por alguns instantes.

– Nesse caso, infelizmente você e eu já estamos ferrados... assim como todo mundo à nossa volta.

– Um pouco de tato não faz mal a ninguém, sabia?

– Estou apenas sendo sincera. – Sienna entregou a Langdon o Ziploc que continha a máscara mortuária. – Tome, pode carregar nosso amiguinho.

Ao voltar para junto do Dr. Ferris, os dois notaram que ele encerrava um discreto telefonema.

– Acabei de ligar para o meu motorista – disse o homem. – Ele vai nos esperar lá na frente perto do... – O Dr. Ferris interrompeu a frase no meio, olhando para a mão de Langdon e vendo, pela primeira vez, o rosto morto de Dante Alighieri. – Nossa! – exclamou, recuando. – O que é isso?

– É uma longa história – respondeu Langdon. – No caminho eu explico.

CAPÍTULO 60

O editor nova-iorquino Jonas Faukman acordou com o toque do telefone de seu *home office*. Rolou na cama e verificou o relógio: 4h28.

No mundo editorial, emergências no meio da madrugada eram tão raras quanto o sucesso repentino. Contrariado, Faukman saiu da cama e atravessou depressa o corredor até seu escritório.

– Alô?

A voz do outro lado era grave e familiar.

– Jonas, graças a Deus você está em casa. É Robert. Espero não ter acordado você.

– É claro que me acordou! São quatro da manhã!

– Desculpe, estou fora do país.

E por acaso não ensinam fusos horários em Harvard?

– Jonas, estou meio encrencado e preciso de um favor. – A voz de Langdon soava tensa. – É sobre seu cartão corporativo NetJets.

– NetJets? – Faukman soltou uma risada incrédula. – Robert, nós trabalhamos com edição de livros. Não temos acesso a jatinhos particulares.

– Nós dois sabemos que isso é mentira, meu caro.

Faukman deu um suspiro.

– Está bem, vou reformular. Não temos acesso a jatinhos particulares para autores de livros sobre história religiosa. Se quiser escrever *Cinquenta tons de iconografia*, aí podemos conversar.

– Jonas, qualquer que seja o custo do voo, eu devolvo o dinheiro. Dou a minha palavra. Por acaso já quebrei alguma promessa que fiz a você?

Fora ter estourado o último prazo em três anos? Mesmo assim, pelo tom de Langdon, Faukman sentiu que se tratava mesmo de uma emergência.

– Me diga o que está acontecendo. Vou tentar ajudar.

– Não tenho tempo para explicar, mas realmente preciso que você me faça esse favor. É uma questão de vida ou morte.

Faukman já trabalhava com Langdon havia tempo suficiente para estar acostumado com seu irônico senso de humor, mas não detectou nenhum traço de brincadeira no tom ansioso que ele usava agora. *Esse cara está falando sério*. Faukman bufou e tomou uma decisão. *Meu gerente financeiro vai me matar.* Trinta segundos mais tarde, já havia anotado os detalhes do voo de que Langdon precisava.

– Tudo bem? – perguntou Langdon, parecendo sentir a hesitação e a surpresa de seu editor.

– Tudo, é que achei que você estivesse nos Estados Unidos – respondeu Faukman. – Estou surpreso por saber que está na Itália.

– Eu também – retrucou Langdon. – Obrigado outra vez, Jonas. Estou indo para o aeroporto agora mesmo.

• • •

O centro de operações da NetJets nos Estados Unidos fica em Columbus, Ohio, com uma equipe de suporte de voo disponível 24 horas por dia.

A representante de serviços a proprietários Deb Kier acabara de receber a ligação de uma empresa de Nova York que era uma das donas de uma aeronave de sua frota.

– Um instante, senhor – falou, ajeitando seu *headset* e digitando em seu terminal. – Tecnicamente, isso seria um voo da NetJets Europa, mas posso ajudá-lo daqui.

Ela acessou o sistema da NetJets Europa, cuja sede ficava em Paço de Arcos, Portugal, e verificou a posição de seus jatinhos na Itália e arredores.

– Certo – falou. – Parece que temos um Citation Excel posicionado em Mônaco que podemos desviar para Florença daqui a pouco menos de uma hora. Isso atenderia às necessidades do Sr. Langdon?

– Vamos torcer para que sim – respondeu o executivo da editora, cuja voz soava exausta e levemente contrariada. – Ficamos muito agradecidos.

– O prazer é todo nosso – disse Deb. – E o Sr. Langdon gostaria de voar para Genebra?

– Parece que sim.

Deb continuou digitando.

– Confirmado – disse por fim. – O Sr. Langdon partirá da base de serviços aeroportuários de Tassignano, em Lucca, cerca de 80 quilômetros a oeste de Florença. Partida às 11h20 da manhã, horário local. O Sr. Langdon precisa estar na base dez minutos antes da decolagem. O senhor não requisitou nenhum transporte terrestre nem serviço de refeições a bordo e já me deu os dados dele, então está tudo resolvido. Mais alguma coisa?

– Um emprego novo? – respondeu ele, rindo. – Obrigado. A senhora foi muito prestativa.

– O prazer foi todo nosso. Tenha uma boa noite.

Deb encerrou a ligação e se virou de volta para o monitor para concluir a reserva. Inseriu os dados de Robert Langdon e estava prestes a prosseguir quando o monitor começou a piscar com uma caixa vermelha de alerta. Ao ler a mensagem, Deb arregalou os olhos.

Deve ser um erro.

Tentou redigitar os dados. O alerta tornou a aparecer. O mesmo aviso teria surgido nos computadores de qualquer empresa de aviação comercial do mundo em que Langdon tentasse reservar um voo.

Deb Kier ficou um bom tempo encarando a tela, sem acreditar no que via. Sabia que a NetJets levava muito a sério a privacidade dos seus clientes, mas aquele alerta falava mais alto do que qualquer regulamento interno relativo a privacidade.

Na mesma hora ligou para as autoridades.

◆ ◆ ◆

O agente Brüder fechou o celular com um estalo e começou a chamar seus homens de volta para as vans.

– Langdon está fugindo – anunciou. – Vai pegar um jatinho particular para Genebra. O avião decola em pouco menos de uma hora de Lucca, 80 quilômetros a oeste daqui. Se formos rápidos, conseguiremos chegar lá antes da decolagem.

◆ ◆ ◆

Nesse exato momento, um sedã Fiat alugado disparava no sentido norte pela Via dei Panzani, deixando a Piazza del Duomo para trás e avançando em direção à estação de trem de Florença, Santa Maria Novella.

No banco de trás, Langdon e Sienna se mantinham abaixados enquanto o Dr. Ferris ia na frente com o motorista. Reservar um voo pela NetJets tinha sido ideia de Sienna. Com sorte, aquilo proporcionaria pistas falsas suficientes para permitir que os três passassem em segurança pela estação de trem florentina, que, de outra forma, sem dúvida estaria abarrotada de policiais. Felizmente, Veneza ficava a apenas duas horas de trem e as viagens domésticas não exigiam passaporte.

Langdon olhou para Sienna, que parecia examinar o Dr. Ferris com um ar preocupado. Era óbvio que ele estava em agonia, com dificuldade para respirar, como se cada inspiração fosse um martírio.

Espero que ela esteja certa em relação à doença dele, pensou Langdon, olhando de esguelha para as erupções do homem à sua frente e imaginando todos os germes que pairavam no ar do pequeno carro apertado. Até as pontas dos dedos do Dr. Ferris pareciam inchadas e vermelhas. Langdon afastou essa preocupação da mente e olhou pela janela.

Já perto da estação, eles passaram pelo Grand Hotel Baglioni, que costumava abrigar os eventos de uma conferência de arte à qual Langdon comparecia todos os anos. Ao ver o hotel, ele se deu conta de que estava prestes a fazer algo que nunca tinha feito na vida.

Estou indo embora de Florença sem visitar o Davi.

Com um silencioso pedido de desculpas a Michelangelo, voltou os olhos para a estação ferroviária mais à frente... e os pensamentos para Veneza.

CAPÍTULO 61

Langdon está indo para Genebra?

Balançando-se para a frente e para trás de forma entorpecida, a Dra. Elizabeth Sinskey se sentia cada vez pior no banco de trás da van que agora deixava Florença a toda a velocidade rumo ao oeste, em direção a uma pista de pouso particular nos arredores da cidade.

Genebra não faz sentido, pensou.

O único vínculo relevante era o fato de a cidade abrigar a sede mundial da OMS. *Será que Langdon está indo atrás de mim?* Isso não tinha a menor lógica, uma vez que o professor sabia que Elizabeth Sinskey estava ali em Florença.

Então outro pensamento lhe ocorreu:

Meu Deus... será que Zobrist pretende atacar Genebra?

Zobrist era um homem que gostava de simbolismos, e criar um "marco zero" na sede da OMS de fato tinha certa elegância, levando em conta a batalha que ele vinha travando com a Dra. Sinskey havia um ano. Mas, pensando bem, se Zobrist estivesse mesmo procurando um ponto de conflagração propício para uma peste, Genebra era um péssima escolha. Se comparada a outras metrópoles, a cidade ficava isolada geograficamente e era um tanto fria naquela época do ano. A maioria das pestes se disseminava em ambientes superpopulosos e mais quentes. A cidade suíça ficava mais de 300 metros acima do nível do mar e estava longe de ser um lugar adequado para iniciar uma pandemia. *Por maior que seja o desprezo que Zobrist nutra por mim*.

Assim, a dúvida persistia: por que Langdon estava indo para lá? O bizarro destino do professor era mais um item em sua crescente lista de comportamentos inexplicáveis iniciada na noite anterior. E, por mais que se esforçasse, a Dra. Sinskey tinha muita dificuldade para encontrar qualquer explicação racional para eles.

De que lado Langdon está?

Era bem verdade que ela só conhecera o professor poucos dias antes, mas em geral era uma boa avaliadora de caráter e se recusava a acreditar que um homem como Robert Langdon pudesse se deixar seduzir por dinheiro. *Por outro lado, ele cortou contato conosco ontem à noite*. E agora parecia estar fazendo tudo à sua maneira, como algum tipo de agente rebelado. *Será que, de alguma forma, ele foi convencido a acreditar que os atos de Zobrist faziam algum sentido doentio?*

O pensamento lhe causou um arrepio.

Não, garantiu a si mesma. *Conheço muito bem a reputação do professor; ele é melhor do que isso*.

A Dra. Sinskey havia encontrado Robert Langdon pela primeira vez quatro noites antes, dentro da carcaça oca de um avião de transporte C-130 reformado para uso não militar que funcionava como centro de coordenação móvel da OMS.

Eram pouco mais de sete da noite quando o avião pousou em Hanscom Field, a menos de 4,5 quilômetros de Cambridge, Massachusetts. Ela não sabia muito bem o que esperar do renomado acadêmico que havia contatado por telefone, mas ficou agradavelmente surpresa ao vê-lo subir a passarela traseira do avião a passos confiantes e cumprimentá-la com um sorriso descontraído.

– Dra. Sinskey, suponho? – Langdon apertou a mão dela com firmeza.

– Professor, é uma honra conhecê-lo.

– A honra é toda minha. Obrigado por tudo o que vocês fazem.

Langdon era um homem alto, de voz grave e aparência atraente e sofisticada. Elizabeth Sinskey concluiu que ele só poderia estar usando seu traje de dar aulas – paletó de tweed, calça cáqui e sapatos sociais –, o que fazia sentido, visto que ele fora praticamente arrancado do campus da universidade sem aviso prévio. Também parecia mais jovem e em melhor forma física do que ela imaginara, o que só serviu para fazer Elizabeth recordar a própria idade. *Eu quase tenho idade para ser mãe dele*.

Ela lhe lançou um sorriso cansado.

– Obrigada por ter vindo, professor Langdon.

Ele gesticulou em direção ao colega sisudo que a Dra. Sinskey havia despachado para buscá-lo.

– O seu amigo ali não me deixou muita escolha.

– Ótimo. É para isso que pago o salário dele.

– Belo amuleto – comentou Langdon, espiando o colar de Elizabeth. – É de lápis-lazúli?

Ela assentiu e baixou os olhos para o amuleto de pedra azul no formato simbólico de uma serpente enrolada em volta de um bastão vertical.

– O símbolo moderno da medicina. Como o senhor deve saber, chama-se caduceu.

Langdon ergueu os olhos de repente, como se quisesse dizer alguma coisa.

Ela esperou. *Pois não?*

Aparentemente contendo seu impulso, o professor deu um sorriso educado e mudou de assunto.

– Então, o que estou fazendo aqui?

Elizabeth gesticulou em direção a uma área de reunião improvisada em volta de uma mesa de inox.

– Sente-se, por favor. Tenho algo que gostaria que o senhor visse.

Langdon se dirigiu com tranquilidade até a mesa e Elizabeth notou que, embora talvez estivesse intrigado com a perspectiva de um encontro secreto, o professor não parecia nada abalado com a situação. *Um homem à vontade consigo mesmo.* Tinha suas dúvidas se ele iria se mostrar tão relaxado assim depois que descobrisse por que fora levado até ali.

Depois de acomodar Langdon e sem qualquer preâmbulo, Elizabeth lhe apresentou o objeto que ela e sua equipe haviam confiscado de um cofre de banco particular em Florença menos de doze horas antes.

Langdon deteve-se examinando o pequeno cilindro gravado e em seguida fez um rápido resumo de tudo o que ela já sabia. O objeto era um antigo selo cilíndrico que podia ser usado para impressão. Aquele ali apresentava a imagem particularmente medonha de um Satã de três cabeças acompanhado por uma única palavra: *saligia*.

– *Saligia* – disse Langdon – é um termo mnemônico em latim que significa...

– Os Sete Pecados Capitais – atalhou Elizabeth. – Sim, nós pesquisamos.

– Bem... – Langdon parecia intrigado. – Algum motivo para vocês quererem que eu visse isto aqui?

– Na verdade, sim. – Ela pegou o cilindro de volta e começou a sacudi-lo com força, fazendo a bolinha em seu interior se mover de um lado para outro.

Langdon pareceu não entender o que ela estava fazendo, mas, antes que pudesse perguntar qualquer coisa, a ponta do cilindro começou a brilhar e a doutora a apontou para um pedaço liso do isolamento na parede do avião oco.

Langdon deixou escapar um assobio baixo e se aproximou da imagem projetada.

– O *Mapa do Inferno* de Botticelli – falou. – Baseado no *Inferno* de Dante. Mas aposto que você já sabe disso.

Elizabeth concordou com a cabeça. Ela e sua equipe tinham usado a internet para identificar o quadro, que, para espanto da Dra. Sinskey, era de Botticelli, pintor mais conhecido pelas obras-primas solares e idealizadas *O nascimento de Vênus* e *A primavera*. Ela adorava os dois quadros, embora ambos retratassem a fertilidade e a criação da vida, o que só servia para lhe recordar sua própria e trágica incapacidade de conceber – único pesar significativo de uma vida que, em todo o resto, era extremamente produtiva.

– Eu esperava que o senhor pudesse me falar sobre o simbolismo oculto nesse quadro – disse ela.

Pela primeira vez naquela noite, Langdon pareceu irritado.

– Foi para isso que me chamaram aqui? Pensei que a senhora tivesse dito que era uma emergência.

– Me dê um voto de confiança.

Langdon suspirou, paciente.

– Dra. Sinskey, em geral, se quiser informações sobre algum quadro específico, o melhor a fazer é entrar em contato com o museu que abriga o original. Nesse caso, seria a Biblioteca Apostólica do Vaticano. Eles têm diversos iconografistas fabulosos que...

– O Vaticano me odeia.

Langdon lançou-lhe um olhar surpreso.

– A senhora também? Pensei que eu fosse o único.

Ela deu um sorriso pesaroso.

– A OMS tem a firme opinião de que a ampla disponibilidade de métodos contraceptivos é uma das chaves para a saúde mundial, tanto no combate às doenças sexualmente transmissíveis, como a aids, quanto para o controle do crescimento populacional.

– E o Vaticano não pensa assim.

– Exato. Eles já gastaram uma quantidade colossal de energia e dinheiro para catequizar os países do Terceiro Mundo quanto aos males da contracepção.

– Ah, claro – comentou Langdon com um sorriso cúmplice. – Quem melhor do que um bando de octogenários celibatários para ensinar ao mundo como fazer sexo?

A cada segundo que passava, Elizabeth Sinskey gostava mais do professor.

Ela sacudiu o cilindro para recarregá-lo, tornando a projetar a imagem na parede.

– Olhe mais de perto, professor.

Langdon caminhou em direção à imagem, estudando-a, chegando cada vez mais perto. De repente, parou.

– Que estranho. O quadro foi modificado.

Até que ele foi rápido.

– Sim, foi. E gostaria que o senhor me dissesse o que essa modificação significa.

Langdon se calou enquanto estudava a imagem, parando para assimilar as dez letras que formavam a palavra *catrovacer*... depois a máscara da peste... e por fim a estranha inscrição na borda sobre "os olhos da morte".

– Quem fez isso? – perguntou ele. – De onde veio essa imagem?

– Na verdade, quanto menos o senhor souber, melhor. O que estou torcendo é para que seja capaz de analisar essas alterações e nos dizer o que significam. – Ela acenou em direção a uma mesa no canto.

– Aqui? Agora?

A Dra. Sinskey assentiu.

– Sei que estou pedindo demais, mas não tenho como enfatizar o suficiente quanto isso é importante para nós. – Ela fez uma pausa. – Pode ser uma questão de vida ou morte.

Langdon a avaliou com o olhar, preocupado.

– Talvez eu leve algum tempo para decifrar essa imagem, mas se é tão importante

para vocês...

– Obrigada – interrompeu a doutora antes que ele pudesse mudar de ideia. – Tem alguém para quem o senhor precise ligar?

Langdon fez que não com a cabeça, dizendo-lhe em seguida que estava planejando um fim de semana tranquilo sozinho.

Perfeito. A Dra. Sinskey o instalou à mesa com o projetor, papel, lápis e um laptop com conexão segura via satélite. Embora lhe parecesse muito intrigante que a OMS estivesse interessada em um quadro modificado de Botticelli, Langdon começou obedientemente a trabalhar.

A Dra. Sinskey imaginava que ele fosse passar horas analisando a imagem sem descobrir nada, de modo que se acomodou para adiantar um pouco seu próprio trabalho. De vez em quando, podia ouvi-lo sacudir o projetor e rabiscar alguma coisa no bloco de notas. Menos de dez minutos depois, Langdon pousou o lápis e anunciou:

– *Cerca trova*.

Elizabeth Sinskey ergueu os olhos.

– O quê?

– *Cerca trova* – repetiu ele. – Busca e encontrarás. É o que diz o código.

Ela se aproximou às pressas e sentou-se bem junto dele, escutando fascinada a explicação de Langdon sobre como os níveis do Inferno de Dante haviam sido embaralhados e como, quando recolocados na sequência correta, formavam a expressão em italiano *cerca trova*.

Busca e encontrarás?, estranhou ela. *É esse o recado daquele maluco para mim?* A expressão parecia um desafio direto. A perturbadora lembrança das últimas palavras que o louco lhe dirigira durante seu encontro no Conselho de Relações Exteriores lhe voltou à mente: *Então parece que nosso jogo começou.*

– A senhora ficou pálida de repente – disse Langdon, observando-a com atenção. – Não esperava encontrar uma mensagem como essa?

A Dra. Sinskey se recompôs e endireitou o amuleto no pescoço.

– Não exatamente. Diga uma coisa... o senhor acredita que esse mapa do Inferno esteja sugerindo que eu *procure* alguma coisa?

– Sim. *Cerca trova*.

– E ele me sugere *onde* procurar?

Langdon alisou o queixo enquanto outros funcionários da OMS começavam a se aproximar, ansiosos por informações.

– Não de um jeito explícito... embora eu tenha um bom palpite sobre por onde a senhora deveria começar.

– Onde? – perguntou a Dra. Sinskey, mais incisiva do que Langdon esperava.

– Bem, o que a senhora me diz de Florença, na Itália?

Ela contraiu o maxilar, esforçando-se ao máximo para não esboçar reação. Seus funcionários, porém, foram menos controlados. Todos se entreolharam, espantados. Um deles pegou um telefone e fez uma ligação. Outro saiu depressa por uma porta em direção à frente do avião.

Langdon parecia atônito.

– Foi alguma coisa que eu falei?

Com certeza, pensou a Dra. Sinskey.

– O que o faz sugerir Florença?

– *Cerca trova* – retrucou ele. Em seguida relatou em poucas palavras um mistério antigo envolvendo um afresco de Vasari no Palazzo Vecchio.

Então é Florença, pensou a doutora. Já ouvira o suficiente. É claro que o fato de seu arqui-inimigo ter saltado para a própria morte a menos de três quarteirões do Palazzo Vecchio não podia ser mera coincidência.

– Professor – disse ela –, quando lhe mostrei meu amuleto mais cedo e disse que era um caduceu, o senhor fez uma pausa, como se fosse dizer alguma coisa, mas depois hesitou e pareceu mudar de ideia. O que ia dizer?

Langdon balançou a cabeça.

– Nada. É bobagem. Às vezes não consigo controlar o meu lado professoral.

Olhando bem fundo nos olhos dele, Elizabeth Sinskey disse:

– Estou fazendo esta pergunta porque preciso saber se posso confiar no senhor. O que ia dizer?

Langdon engoliu em seco e pigarreou.

– Não que tenha alguma importância, mas a senhora disse que o seu amuleto é o símbolo da medicina, o que está correto. No entanto, quando o chamou de caduceu, cometeu um erro muito comum. O caduceu tem duas serpentes em volta do cabo e asas no topo. O seu amuleto tem uma única serpente e não tem asas. O seu símbolo se chama...

– O Bastão de Asclépio.

Surpreso, Langdon inclinou a cabeça de lado.

– Exatamente.

– Eu sei. Estava testando a sua sinceridade.

– Perdão?

– Estava curiosa para saber se o senhor me diria a verdade, por mais constrangedor que pudesse ser para mim.

– Parece que não passei no teste.

– Que isso não se repita. Honestidade total é a única forma de o senhor e eu conseguirmos trabalhar juntos nessa história.

– Trabalhar juntos? Ainda não acabamos?

– Não, professor, ainda não. Preciso que o senhor vá a Florença e me ajude a

encontrar uma coisa.

Langdon a encarou, sem acreditar.

– Agora? Esta noite?

– Temo que sim. Ainda preciso lhe falar sobre a natureza verdadeiramente crítica desta situação.

Langdon negou com a cabeça.

– Não importa o que a senhora me diga. Eu não quero ir a Florença.

– Nem eu – retrucou ela, soturna. – Mas, infelizmente, o tempo está se esgotando.

CAPÍTULO 62

O sol do meio-dia se refletia no teto lustroso do trem italiano de alta velocidade, o Frecciargento, que seguia rumo ao norte, traçando um gracioso arco ao longo da zona rural da Toscana. Apesar de se afastar de Florença a 300 quilômetros por hora, o "flecha de prata" quase não fazia barulho e seus leves estalos repetitivos e seu balançar suave surtiam um efeito relaxante nos passageiros.

Para Robert Langdon, a última hora tinha sido um borrão.

Agora, a bordo do trem, ele, Sienna e o Dr. Ferris estavam sentados em um dos *salottini* reservados do Frecciargento – um pequeno compartimento na classe executiva com quatro assentos de couro e uma mesa dobrável. Ferris havia reservado a cabine inteira com seu cartão de crédito, solicitando também sanduíches variados e água mineral, que Langdon e Sienna haviam consumido com voracidade depois de fazerem uma toalete sumária no banheiro vizinho ao compartimento privado.

Assim que os três se acomodaram para o trajeto de duas horas até Veneza, o Dr. Ferris voltou sua atenção para a máscara mortuária de Dante, depositada sobre a mesa ainda dentro do saco plástico.

– Temos que descobrir para onde exatamente em Veneza esta máscara está nos conduzindo.

– E logo – acrescentou Sienna, ansiosa. – Essa talvez seja nossa única esperança de impedir a peste de Zobrist.

– Espere aí – disse Langdon, pousando a mão sobre a máscara em um gesto defensivo. – Você prometeu que, quando estivéssemos seguros a bordo deste trem, me daria algumas respostas em relação aos últimos dias. Até agora, tudo o que sei é que a OMS me recrutou em Cambridge para ajudar a decifrar a versão de Zobrist para o *Mappa*.

O Dr. Ferris se remexeu na cadeira, desconfortável, e tornou a coçar as erupções em seu rosto e pescoço.

– Entendo a sua frustração – falou. – Tenho certeza de que é perturbador não se lembrar do que aconteceu, mas, de um ponto de vista médico... – Ele olhou de relance para Sienna em busca de confirmação antes de prosseguir: – Recomendo que não gaste energia tentando se lembrar de detalhes. Para as vítimas de amnésia, o melhor é deixar que o passado esquecido continue esquecido.

– Deixar para lá?! – Langdon sentiu a raiva crescer dentro de si. – Nem pensar! Eu

preciso de respostas! A sua organização me trouxe até a Itália, onde levei um tiro e esqueci dias da minha vida! Quero saber como isso aconteceu!

– Robert – interveio Sienna bem baixinho, numa clara tentativa de acalmá-lo. – O Dr. Ferris tem razão. Com certeza não seria saudável você receber uma enxurrada de informações de uma vez só. Pense nos pequenos fragmentos de que você *de fato* se lembra... a mulher de cabelos prateados, "busca e encontrarás", os corpos contorcidos do *Mappa*... Essas imagens inundaram a sua mente em uma série de flashbacks embaralhados e incontroláveis que o deixaram quase incapacitado. Se o Dr. Ferris começar a relatar o que aconteceu nos últimos dias, é quase certo que isso vá trazer novas lembranças à tona, e você talvez volte a ter alucinações. Amnésia retrógrada é um distúrbio sério. Desencadear lembranças perdidas pode ser muito prejudicial para a sua psique.

Langdon não tinha pensado nisso.

– Você deve estar se sentindo bastante desorientado – prosseguiu Ferris –, mas no momento precisamos da sua psique intacta para podermos avançar. É fundamental descobrirmos o que essa máscara está tentando nos dizer.

Sienna concordou.

Os médicos pareciam estar de acordo, observou Langdon sem dizer nada.

Sentado ali em silêncio, ele tentava superar a incerteza. Era uma sensação estranha encontrar um total desconhecido e descobrir que, na verdade, vocês já se conheciam havia dias. *Mas, pensando bem*, Langdon refletiu, *os olhos dele têm mesmo algo vagamente familiar.*

– Professor – disse Ferris em um tom de voz compassivo –, percebo que não tem certeza se pode confiar em mim, o que é compreensível, considerando tudo por que o senhor passou. Um dos efeitos colaterais mais comuns da amnésia é uma leve paranoia e desconfiança.

Faz sentido, pensou Langdon, *levando em conta que não posso confiar nem na minha própria mente*.

– Falando em paranoia – brincou Sienna, tentando descontrair o ambiente –, quando Robert viu sua pele irritada, ele achou que o senhor estivesse contaminado pela Peste Negra.

Os olhos inchados de Ferris se arregalaram e ele deu uma gargalhada.

– Isto aqui? Acredite, professor, se eu estivesse com a peste, não estaria me tratando com um anti-histamínico comprado sem receita na farmácia.

Ele tirou do bolso um tubinho de pomada e o jogou para Langdon. De fato: era um tubo de pomada para reações alérgicas, já pela metade.

– Desculpe – disse Langdon, sentindo-se tolo. – Tive um dia longo.

– Não se preocupe – falou Ferris.

Langdon se virou para a janela e pôs-se a observar os tons discretos da paisagem

rural italiana se mesclarem em uma plácida colagem. Vinhedos e fazendas ficavam mais esparsos à medida que as planícies davam lugar aos morros no sopé dos Apeninos. Em breve o trem atravessaria o sinuoso desfiladeiro da cordilheira para depois tornar a descer, zunindo rumo ao leste em direção ao mar Adriático.

Estou indo para Veneza, pensou. *Atrás de uma peste.*

Aquele dia estranho o deixara com a impressão de estar percorrendo uma paisagem composta apenas de formas vagas, sem nenhum detalhe específico. Como um sonho. Por ironia, os pesadelos em geral faziam a pessoa despertar... mas Langdon tinha a sensação de ter acordado *dentro* de um.

– Uma lira pelos seus pensamentos – sussurrou Sienna ao seu lado.

Ele ergueu os olhos e deu um sorriso cansado.

– Não paro de pensar que vou acordar em casa e descobrir que isso tudo não passou de um sonho ruim.

Sienna inclinou a cabeça e se fez de recatada.

– Não sentiria a minha falta se acordasse e descobrisse que não sou real?

Langdon não conseguiu reprimir um sorriso.

– É, iria sentir *um pouquinho*, sim.

Ela afagou seu joelho.

– Pare de sonhar acordado, professor, e ponha mãos à obra.

Relutante, Langdon voltou os olhos para a mesa à sua frente, de onde o rosto enrrugado de Dante Alighieri lhe devolveu um olhar vazio. Com delicadeza, ele pegou a máscara de gesso e a virou, observando o interior côncavo e a primeira linha de texto em espiral:

Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos...

Duvidava que no presente momento ele próprio se encaixasse nessa descrição.

Mesmo assim, começou a trabalhar.

* * *

Pouco mais de 300 quilômetros à frente do trem-bala, o *Mendacium* continuava ancorado no mar Adriático. Na coberta, o facilitador Laurence Knowlton ouviu alguém bater suavamente em sua saleta de vidro e apertou um botão debaixo da mesa, fazendo a parede opaca ficar transparente. Do outro lado, um vulto de baixa estatura e pele queimada de sol se materializou.

O diretor.

Sua expressão era soturna.

Sem dizer nada, ele entrou, trancou atrás de si a porta da saleta e acionou o interruptor que tornava o vidro opaco outra vez. Exalava um cheiro de álcool.

– O tal vídeo que Zobrist nos deixou... – começou.

– Pois não, diretor?
– Quero vê-lo. Agora.

CAPÍTULO 63

Robert Langdon já havia terminado de transcrever o texto da máscara mortuária para um papel, para que pudessem analisá-lo com mais atenção. Sienna e o Dr. Ferris se aproximaram para ajudar e Langdon fez o possível para ignorar as coçadas constantes e a respiração penosa do homem.

Ele está bem, disse Langdon para si mesmo, forçando-se a se concentrar nos versos à sua frente.

Ó, vós, na possessão de tão robustos intelectos,
observai os ensinamentos que se escondem...
sob o véu destes estranhos versos.

– Como mencionei mais cedo – começou Langdon –, a primeira estrofe do poema de Zobrist foi tirada, *verbatim*, do *Inferno* de Dante... um alerta ao leitor de que esses versos têm um significado mais profundo.

A alegórica obra de Dante era tão repleta de comentários velados sobre religião, política e filosofia que Langdon muitas vezes sugeria que seus alunos estudassem o poeta italiano mais ou menos como estudavam a Bíblia: lendo nas entrelinhas para tentarem desvendar os sentidos ocultos dos escritos.

– Estudiosos de alegorias medievais em geral dividem suas análises em duas categorias: texto e imagem – continuou Langdon. – O texto é o conteúdo literal da obra, ao passo que a imagem é sua mensagem simbólica.

– Certo – disse Ferris. – Então o fato de o poema começar com esse verso...

– Sugere que a nossa leitura superficial talvez só revele parte da história – interrompeu Sienna. – Que o verdadeiro significado talvez esteja escondido.

– É, algo assim. – Langdon tornou a se concentrar no texto e prosseguiu a leitura em voz alta.

Buscai o traiçoeiro doge de Veneza
que de cavalos cortou cabeças...
e os ossos arrancou de quem já não pode ver.

– Bem – disse Langdon –, não tenho certeza quanto a cavalos sem cabeça nem aos ossos de quem já não pode ver, mas parece que devemos localizar um doge específico.

– Talvez o túmulo de um doge? – arriscou Sienna.

– Ou uma estátua ou retrato? – rebateu Langdon. – Os doges não existem há séculos.

Os doges de Veneza eram semelhantes aos duques de outras cidades-estado italianas. Mais de uma centena deles havia governado a cidade ao longo de mil anos, a partir de 697 d.C. Sua linhagem chegara ao fim no século XVIII com a conquista de Napoleão, mas a glória e o poder dos doges até hoje constituía um tema de intenso fascínio para os historiadores.

– Como vocês já devem saber – falou Langdon –, as duas atrações turísticas mais populares de Veneza, o Palazzo Ducale, ou Palácio dos Doges, e a Basílica de São Marcos, foram construídas por e para esses governantes. Muitos deles estão sepultados lá mesmo.

– E por acaso existiu algum doge considerado particularmente perigoso? – perguntou Sienna, olhando para o texto no papel.

Langdon baixou os olhos para o verso ao qual ela se referia. *Buscai o traiçoeiro doge de Veneza*.

– Não que eu saiba, mas o poema não usa a palavra "perigoso", e sim "traiçoeiro". Existe uma diferença, pelo menos no mundo de Dante. A traição é um pecado mortal... o pior de todos na verdade, punido no nono e último círculo do Inferno.

Na definição de Dante, trair era o ato de violar a confiança de alguém que se amava. O exemplo histórico mais notório desse pecado era a traição a Jesus por Judas, ato que Dante julgava tão vil a ponto de banir Judas para o núcleo mais central do Inferno: uma região chamada Judeca, em homenagem a seu mais desprezível residente.

– Quer dizer então que nós estamos procurando um doge que cometeu um ato de traição – disse Ferris.

Sienna meneou a cabeça, concordando.

– Isso vai nos ajudar a reduzir a lista de candidatos. – Ela fez uma pausa para examinar o texto. – Mas esse verso seguinte aqui... um doge que "de cavalos cortou cabeças"? – Sienna ergueu os olhos para Langdon. – Houve algum doge que cortou cabeças de cavalos?

A imagem evocada por Sienna fez Langdon pensar na medonha cena de *O poderoso chefão*.

– Não consigo pensar em nenhum. Segundo este texto aqui, porém, ele também arrancou os ossos "de quem já não pode ver", ou seja, dos cegos. – Ele olhou para Ferris. – Seu celular tem acesso à internet, não tem?

Ferris sacou o telefone do bolso e ergueu os dedos inchados e inflamados.

– Acho que não vou conseguir digitar direito.

– Deixem comigo – falou Sienna, pegando o telefone. – Vou fazer uma busca sobre os doges de Veneza e cruzá-la com cavalos sem cabeça e os ossos dos cegos.

Ela começou a digitar depressa no pequeno teclado.

Langdon correu os olhos pelo poema mais uma vez e continuou a lê-lo em voz alta.

Ajoelhai-vos no dourado mouseion de santo saber,
e levai ao chão vossa orelha,
para ouvir o som da água que corre.

– Nunca ouvi falar em *mouseion* – disse Ferris.

– É uma palavra antiga que significa um templo protegido pelas musas – explicou Langdon. – Na Grécia antiga, um *mouseion* era um lugar onde os homens esclarecidos se reuniam para trocar ideias e debater literatura, música e arte. O primeiro *mouseion* foi construído por Ptolomeu na Biblioteca de Alexandria, séculos antes do nascimento de Cristo, e depois disso centenas de outros surgiram mundo afora.

– Dra. Brooks – disse Ferris, fitando Sienna com um olhar esperançoso. – Pode ver se existe algum *mouseion* em Veneza?

– Na verdade, existem dezenas – respondeu Langdon com um sorriso brincalhão. – Hoje em dia eles são chamados de museus.

– Ah... – murmurou Ferris. – Acho que a nossa busca vai ter que ser mais ampla.

Sienna continuava digitando no celular, sem dificuldade alguma em fazer várias coisas ao mesmo tempo enquanto relacionava calmamente as informações disponíveis.

– Certo, então estamos buscando um museu em que haja um doge que cortou cabeças de cavalos e arrancou os ossos dos cegos. Robert, algum museu específico que possa ser um bom lugar para procurar?

Langdon já estava elaborando uma lista mental de todos os museus venezianos mais conhecidos: Gallerie dell'Accademia, Ca'Rezzonico, Palazzo Grassi, Coleção Peggy Guggenheim, Museo Correr... mas nenhum deles parecia se encaixar na descrição.

Tornou a olhar para o texto.

Ajoelhai-vos no dourado mouseion de santo saber...

Foi então que abriu um sorriso irônico.

– Veneza tem um museu que se encaixa perfeitamente na descrição "dourado *mouseion* de santo saber".

Tanto Ferris quanto Sienna o encararam com ar de expectativa.

– A Basílica de São Marcos – declarou Langdon. – A maior igreja de Veneza.

Ferris não parecia convencido.

– A igreja é um museu?

Langdon assentiu.

– Bem parecido com o Museu do Vaticano. Além disso, o interior da Basílica de São Marcos é famoso por ser enfeitado de cima a baixo com ladrilhos de ouro maciço.

– Um *mouseion* dourado – disse Sienna, em um tom de genuína animação.

Langdon tornou a assentir, bastante seguro de que São Marcos era o templo dourado ao qual o poema se referia. Durante muitos séculos, os venezianos haviam chamado a basílica de La Chiesa d'Oro – a Igreja de Ouro –, e ele considerava seu interior o mais impressionante de todas as igrejas do mundo.

– O poema faz referência ao ato de se ajoelhar – acrescentou Ferris. – E uma igreja é um lugar óbvio para isso.

Sienna já estava digitando furiosamente outra vez.

– Vou acrescentar São Marcos à busca. Deve ser lá que temos que procurar o doge.

Langdon sabia que haveria doges de sobra em São Marcos – que era, literalmente, a basílica dos doges. Sentiu-se estimulado ao se debruçar mais uma vez sobre o poema.

Ajoelhai-vos no dourado mouseion de santo saber,
e levai ao chão vossa orelha,
para ouvir o som da água que corre.

Água que corre?, estranhou Langdon. *Debaixo de São Marcos tem água?* De repente, percebeu que aquela era uma dúvida boba. Havia água debaixo da cidade inteira. Todos os prédios de Veneza aos poucos estavam afundando e se enchendo de infiltrações. Langdon visualizou a basílica e tentou imaginar onde, lá dentro, alguém poderia se ajoelhar para ouvir água correndo. *E mesmo que façamos isso... o que faremos em seguida?*

Voltou ao poema e terminou de lê-lo em voz alta.

Descei às profundezas do palácio afundado...
pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico,
submerso nas águas rubras de sangue...
da lagoa que não reflete as estrelas.

– Certo – disse Langdon, incomodado com aquela imagem –, então parece que devemos seguir o som da água que corre... até alguma espécie de palácio afundado.

Ferris coçou o rosto, parecendo aflito.

– O que é um monstro ctônico?

– Um monstro subterrâneo – respondeu Sienna, ainda digitando no celular. – "Ctônico" significa "debaixo da terra".

– Em parte, é isso mesmo – interveio Langdon. – Mas a palavra tem outra conotação do ponto de vista histórico... em geral associada a mitos e monstros. Os ctônios são toda uma categoria de deuses e monstros míticos, como, por exemplo, as Fúrias, Hécates ou a Medusa. São chamados assim por habitarem o mundo inferior e estão associados ao Inferno. – Langdon fez uma pausa. – Historicamente, eles emergem da terra e sobem à superfície para semear o caos no mundo humano.

Fez-se um silêncio prolongado e Langdon sentiu que os três pensavam a mesma coisa. *Esse monstro ctônico... só pode ser a peste de Zobrist.*

pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico,
submerso nas águas rubras de sangue...
da lagoa que não reflete as estrelas.

– Enfim – disse ele, tentando não perder o fio da meada –, é óbvio que estamos à procura de um local subterrâneo, o que pelo menos explica o último verso do poema, com essa referência à "lagoa que não reflete as estrelas".

– Bem observado – falou Sienna, erguendo os olhos do celular de Ferris. – Uma lagoa subterrânea não pode refletir o céu. Mas Veneza tem lagoas subterrâneas?

– Não que eu saiba – respondeu Langdon. – Mas, para uma cidade construída sobre a água, as possibilidades devem ser infinitas.

– E se a lagoa estiver dentro de algum lugar? – perguntou Sienna de súbito, olhando para os dois. – O poema faz referência às "profundezas do palácio afundado". Você não acabou de dizer que o Palácio dos Doges é interligado à basílica? Ou seja, essas estruturas têm muito do que o poema menciona: um *mouseion* de santo saber, um palácio, uma relação com os doges... E estão todas localizadas bem à margem da principal lagoa de Veneza, no nível do mar.

Langdon pensou um pouco.

– Está achando que o "palácio afundado" do poema é o Palácio dos Doges?

– Por que não? O poema nos diz para, primeiro, nos ajoelharmos na Basílica de São Marcos, depois para seguirmos os sons de água corrente. Pode ser que o barulho da água conduza ao prédio contíguo, o Palácio dos Doges. Ele talvez tenha alicerces submersos ou algo assim.

Langdon já tinha visitado o Palácio dos Doges muitas vezes e sabia que se tratava de uma construção descomunal. Um imenso complexo de prédios, o palácio abrigava um grandioso museu, um verdadeiro labirinto de salas administrativas, aposentos e pátios, além de uma rede de prisões tão vasta que precisava ocupar vários prédios.

– Talvez você tenha razão – disse Langdon –, mas uma busca às cegas nesse

palácio levaria dias. Sugiro que façamos exatamente o que manda o poema. Primeiro, devemos ir à Basílica de São Marcos e encontrar o túmulo ou a estátua desse tal doge traiçoeiro, para depois nos ajoelharmos lá dentro.

– E depois? – indagou Sienna.

– Depois – repetiu Langdon com um suspiro –, só nos restará rezar com fervor para ouvir o som de água corrente... e para que ela nos leve a algum lugar.

No silêncio que se seguiu, Langdon visualizou o rosto ansioso de Elizabeth Sinskey como o tinha visto em suas alucinações, chamando-o por cima da água. *O tempo está se esgotando. Busca e encontrarás!* Perguntou-se onde ela estaria agora... e se estava bem. Àquela altura, os soldados de preto sem dúvida já teriam percebido a fuga de Langdon e Sienna. *Quanto tempo demorarão para vir atrás de nós?*

Ao voltar os olhos para o poema outra vez, Langdon precisou lutar contra uma onda de exaustão. Enquanto espiava o último verso, outro pensamento lhe ocorreu. Refletiu se valeria a pena mencioná-lo. *A lagoa que não reflete as estrelas.* Aquilo decerto era irrelevante para a sua busca, mas ele decidiu compartilhar a ideia mesmo assim:

– Tem mais uma coisa que eu gostaria de mencionar.

Sienna ergueu os olhos do celular.

– As três partes da *Divina comédia* de Dante, *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, terminam *todas* com a mesma palavra.

Sienna pareceu espantada.

– Que palavra? – perguntou Ferris.

Langdon apontou para o final do texto que havia transcrito.

– A mesma que encerra *este* poema aqui: "estrelas." – Ele pegou a máscara mortuária de Dante e apontou bem para o meio do texto em espiral.

A lagoa que não reflete as estrelas.

– E tem mais: no final do *Inferno*, Dante ouve um barulho de água correndo dentro de uma rocha e segue o som por uma abertura... e isso o conduz para fora do mundo inferior – concluiu Langdon.

Ferris empalideceu de leve.

– Meu Deus.

Neste exato momento, o som ensurdecedor de uma rajada de ar encheu a cabine quando o Frecciargento mergulhou dentro de um túnel na montanha.

No escuro, Langdon fechou os olhos e tentou deixar a mente relaxar. *Zobrist pode até ter sido um louco*, pensou, *mas seu domínio de Dante com certeza era extraordinário.*

CAPÍTULO 64

Laurence Knowlton sentiu uma onda de alívio invadi-lo.

O diretor mudou de ideia quanto a assistir ao vídeo de Zobrist.

Knowlton praticamente se atirou sobre o cartão de memória vermelho, que inseriu no computador. O peso da bizarra mensagem de nove minutos de Zobrist assombrava o facilitador, fazendo-o ansiar que outros olhos também a vissem.

Não serei mais o único a carregar esse fardo.

Knowlton prendeu a respiração e deu início ao vídeo.

A tela ficou preta, então um barulho suave de água chapinhando encheu a saleta. A imagem percorreu a névoa avermelhada da caverna e, embora o diretor não tenha demonstrado reação alguma, Knowlton pressentiu que o chefe estava ao mesmo tempo alarmado e perplexo.

A imagem interrompeu seu avanço, inclinou-se para baixo sobre a superfície da lagoa, mergulhou na água e afundou vários metros até revelar a reluzente placa de titânio chumbada ao fundo.

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

O diretor se encolheu de forma quase imperceptível.

– Amanhã – sussurrou ao ler a data. – Por acaso sabemos onde "neste local" pode ser?

Knowlton fez que não com a cabeça.

A imagem então se deslocou para a esquerda, revelando o saco plástico submerso contendo o fluido gelatinoso marrom-amarelado.

– Que porcaria é essa?!

O diretor puxou uma cadeira, sentou-se e ficou encarando a bolha ondulante, suspensa debaixo d'água como um balão preso por uma cordinha.

Um silêncio desconfortável tomou a saleta enquanto o vídeo avançava. Pouco depois, a tela ficou preta e então uma estranha sombra com nariz em forma de bico surgiu na parede da caverna, começando a falar em sua linguagem hermética:

Eu sou a Sombra.

Fadado ao subterrâneo, devo falar ao mundo das profundezas da terra, exilado nesta caverna sombria em que as águas rubras de sangue se acumulam na lagoa que não reflete as estrelas.

Mas este é o meu paraíso... o útero perfeito para o meu frágil rebento.

Inferno.

O diretor ergueu os olhos.

– Inferno?

Knowlton deu de ombros.

– Como eu disse, é perturbador.

O diretor tornou a voltar os olhos para a tela, compenetrado.

A sombra bicuda continuou a discursar por vários minutos, falando sobre pestes; sobre a necessidade de a população purgar a si mesma; sobre seu próprio e glorioso papel no futuro; sobre sua batalha contra as almas ignorantes que vinham tentando detê-lo; e sobre os poucos indivíduos leais que de fato compreendiam que medidas drásticas eram a única maneira de salvar o planeta.

Fosse qual fosse aquela guerra, Knowlton perdera uma manhã inteira se perguntando se o Consórcio não estaria lutando do lado errado.

A voz seguiu falando:

> Eu criei uma obra-prima de salvação. Ainda assim, meus esforços foram retribuídos não com trombetas e coroas de louros... mas com ameaças de morte.
>
> Não temo a morte... pois é ela que transforma visionários em mártires... e converte ideias nobres em movimentos poderosos.
>
> Jesus. Sócrates. Martin Luther King.
>
> Em breve me juntarei a eles.
>
> A obra-prima por mim concebida é uma criação do próprio Deus... um presente Daquele que me imbuiu do intelecto, das ferramentas e da coragem necessários para forjar tal criação.
>
> Agora o dia se aproxima.
>
> Inferno repousa logo abaixo de mim, preparando-se para irromper de seu útero aquático sob o olhar atento do monstro ctônico e de todas as suas Fúrias.
>
> Apesar da virtude dos meus feitos, assim como você, não desconheço o Pecado. Até mesmo eu carrego a culpa do mais tenebroso dos sete – a tentação solitária da qual tão poucos conseguem se proteger.
>
> Soberba.
>
> O próprio fato de gravar esta mensagem me fez sucumbir à atração instigante da Soberba... ansioso por garantir que o mundo conhecesse o meu trabalho.
>
> E por que não?
>
> A humanidade precisa conhecer a fonte de sua salvação... o nome daquele que selou para sempre os portões escancarados do Inferno!
>
> A cada hora que passa, o desfecho se torna mais certo. A matemática – tão implacável quanto a lei da gravidade – não admite negociação. O mesmo exponencial florescer de vida que quase extinguiu a Humanidade será também a sua redenção. A beleza de qualquer organismo vivo – seja ele bom ou mau – reside no fato de que este sempre seguirá a lei de Deus com singular determinação.
>
> Crescei e multiplicai-vos.
>
> Sendo assim, eu combato fogo... com fogo.

– Chega – disse o diretor em voz tão baixa que Knowlton mal o escutou.

– Como disse, diretor?

– Pare o vídeo.

Knowlton congelou a imagem.

– Na verdade, diretor, o final é a parte mais assustadora.

– Já vi o suficiente. – O diretor não parecia se sentir bem. Passou um bom tempo andando de um lado para outro na saleta. Então se virou abruptamente: – Precisamos entrar em contato com FS-2080.

Knowlton refletiu sobre essa decisão.

FS-2080 era o codinome de um dos contatos de confiança do diretor – o mesmo que recomendara Zobrist como cliente ao Consórcio. Sem dúvida, naquele exato momento, o diretor repreendia a si mesmo por ter confiado no juízo de FS-2080; a recomendação de Bertrand Zobrist como cliente havia instaurado o caos no mundo delicadamente estruturado do Consórcio.

FS-2080 é a razão desta crise.

A sucessão de calamidades em torno de Zobrist só parecia piorar, não apenas para o Consórcio, mas talvez para o mundo inteiro.

– Temos que descobrir as verdadeiras intenções de Zobrist – declarou o diretor. – Quero saber exatamente o que ele criou e se essa ameaça é real.

Knowlton sabia que, se alguém tinha as respostas para essas perguntas, essa pessoa era FS-2080. Ninguém conhecia melhor Bertrand Zobrist. Já era hora de o

Consórcio quebrar o protocolo e avaliar que tipo de insanidade a organização talvez houvesse apoiado ao longo do último ano.

Knowlton considerou os possíveis desdobramentos de um confronto direto com FS-2080. O simples ato de fazer contato tinha certos riscos.

– Se o senhor for entrar em contato com FS-2080, naturalmente precisará agir com muita cautela – disse Knowlton.

O diretor sacou o celular, os olhos chispando de raiva.

– A hora de agir com cautela já passou há muito tempo.

* * *

Sentado com seus dois companheiros de viagem no compartimento reservado do Frecciargento, o homem de gravata com estampa *paisley* e óculos Plume Paris teve que se esforçar ao máximo para não coçar as erupções, que continuavam piorando. A dor em seu peito também parecia ter aumentado.

Quando o trem enfim emergiu do túnel, ele olhou para Langdon, que abriu os olhos devagar, parecendo retornar de pensamentos distantes. Ao seu lado, Sienna começou a encarar o celular do homem, que havia largado quando o trem entrara no túnel, pois lá não tinha sinal.

Sienna parecia ansiosa por continuar sua busca na internet, mas, antes que pudesse estender a mão para o aparelho, ele começou a vibrar de repente, emitindo uma série de bipes.

O homem de pele irritada, que conhecia bem aquele toque, pegou o telefone na mesma hora e conferiu a tela iluminada, fazendo o possível para esconder seu espanto.

– Com licença – falou, levantando-se. – Minha mãe está adoentada. Preciso atender.

Sienna e Langdon assentiram com a cabeça, de modo compreensivo, enquanto ele saía da cabine, avançando depressa pelo corredor até um banheiro ali perto.

O homem de pele irritada trancou a porta do banheiro e atendeu a ligação.

– Alô?

A voz do outro lado era grave.

– É o diretor.

CAPÍTULO 65

O banheiro do Frecciargento não era maior do que o de um avião comercial – mal havia espaço para se virar. O homem de pele irritada encerrou a ligação com o diretor e guardou o telefone no bolso.

A situação mudou, percebeu ele. De repente tudo parecia ter ficado de cabeça para baixo e ele precisou de alguns instantes para se situar.

Meus amigos agora são meus inimigos.

O homem afrouxou a gravata e encarou no espelho o rosto coberto de pústulas. Seu aspecto estava pior do que ele imaginara. O rosto, porém, era pouco preocupante se comparado à dor que ele sentia no peito.

Com gestos hesitantes, ele desabotoou a parte de cima da camisa e a abriu.

Forçou-se a olhar no espelho... e examinou o peito nu.

Meu Deus.

A área enegrecida estava aumentando.

A pele no centro de seu peito estava escurecida por um negro-azulado profundo. A mancha, que havia aparecido na noite anterior, do tamanho de uma bola de golfe, agora estava tão grande quanto uma laranja. Ele tocou delicadamente a pele sensível e fez uma careta.

Apressou-se em abotoar a camisa de volta, esperando ter forças para fazer o que devia ser feito.

A próxima hora vai ser decisiva, pensou. *Uma delicada série de manobras.*

Fechou os olhos e se recompôs, repassando mentalmente tudo o que precisaria acontecer. *Meus amigos se tornaram meus inimigos*, tornou a pensar.

Respirou fundo várias vezes, em constante agonia, na esperança de que isso o acalmasse. Sabia que precisava manter a serenidade se quisesse esconder suas verdadeiras intenções.

Paz de espírito é fundamental para uma atuação convincente.

O homem de pele irritada estava habituado a farsas, mas mesmo assim seu coração batia acelerado. Tornou a respirar fundo, latejando de dor. *Você vem enganando as pessoas há anos*, lembrou a si mesmo. *É isso que faz da vida.*

Reunindo forças, preparou-se para voltar à companhia de Langdon e Sienna.

Minha última atuação, pensou.

Como uma precaução final antes de sair do banheiro, retirou a bateria do telefone, certificando-se de que o aparelho não pudesse mais ser usado.

♦ ♦ ♦

Como ele está pálido, pensou Sienna quando o homem de pele irritada tornou a entrar na cabine e se acomodou na cadeira com um suspiro de angústia.

– Está tudo bem? – perguntou ela, genuinamente preocupada.

Ele assentiu.

– Sim, tudo bem. Obrigado.

Como o homem não parecia disposto a compartilhar nada mais do que isso, Sienna mudou de tática:

– Se não se importar, preciso do seu telefone de novo. Gostaria de continuar buscando mais informações sobre o doge. Talvez consigamos encontrar algumas respostas antes de visitarmos a Basílica de São Marcos.

– Claro – disse ele, tirando o celular do bolso e verificando a tela. – Ai, droga. Minha bateria estava quase acabando durante a ligação. Parece que agora morreu de vez. – Ele olhou de relance para o relógio. – Já estamos chegando a Veneza. Vamos ter que esperar.

♦ ♦ ♦

A 8 quilômetros do litoral italiano, a bordo do *Mendacium*, o facilitador Knowlton observava em silêncio o diretor dar voltas no interior da saleta como um animal enjaulado. A ligação sem dúvida servira para colocar a mente do seu chefe para funcionar e Knowlton sabia muito bem que não deveria dar um pio enquanto ele estivesse pensando.

Por fim, o homem bronzeado voltou a falar, sua voz mais tensa do que Knowlton se lembrava de já tê-la escutado.

– Não temos escolha. Precisamos mostrar esse vídeo à Dra. Elizabeth Sinskey.

Knowlton permaneceu sentado, imóvel, sem querer demonstrar surpresa. *O demônio de cabelos prateados? A pessoa de quem ajudamos Zobrist a fugir o ano inteiro?*

– Está bem, diretor. Quer que eu dê um jeito de mandar o vídeo para ela?

– Meu Deus, não! E correr o risco de que vaze para o público? Seria uma histeria em massa. Quero a Dra. Sinskey a bordo o mais rápido possível.

Knowlton o encarou, incrédulo. *Ele quer trazer a diretora da OMS para o* Mendacium*?*

– Diretor, essa quebra do nosso protocolo de confidencialidade traz óbvios riscos de...

– Knowlton, apenas obedeça. AGORA!

CAPÍTULO 66

FS-2080 olhava pela janela do veloz Frecciargento, observando o reflexo de Robert Langdon no vidro. O professor continuava pensando em possíveis soluções para o enigma da máscara mortuária criado por Bertrand Zobrist.

Bertrand, pensou FS-2080. *Meu Deus, que saudade!*

Sentiu mais uma vez a dor da perda. A noite em que os dois haviam se conhecido ainda parecia um sonho mágico.

Chicago. A tempestade de neve.

Mês de janeiro, seis anos atrás... mas parece que foi ontem...

Estou atravessando a duras penas a neve acumulada no trecho exposto ao vento da Michigan Avenue conhecido como Magnificent Mile, com a gola do casaco levantada para me proteger da violenta nevasca. Apesar do frio, repito em minha mente que nada poderá me impedir de chegar ao meu destino. Essa noite é a minha chance de ouvir o grande Bertrand Zobrist falar... ao vivo.

Já li tudo o que esse homem escreveu e sei que tenho sorte de ter conseguido um dos quinhentos ingressos disponibilizados para o evento.

Quando chego ao auditório, com o corpo quase anestesiado pelo vento, sinto uma onda de pânico ao ver que a casa está quase vazia. Será que a palestra foi cancelada?! A cidade está quase interditada por causa do mau tempo... será que Zobrist não conseguiu chegar?!

Então ele aparece.

Uma silhueta imponente e elegante sobe ao palco.

Ele é alto... tão alto... com vibrantes olhos verdes que parecem encerrar em suas profundezas todos os mistérios do mundo. Quando ele percorre o auditório vazio com o olhar – apenas cerca de uma dezena de fãs empedernidos –, sinto vergonha por haver tão pouca gente na plateia.

Aquele é Bertrand Zobrist!

Há um terrível instante de silêncio enquanto ele nos encara com uma expressão severa.

Então, sem qualquer aviso, com os olhos verdes faiscantes, solta uma gargalhada.

– Para o inferno com este auditório vazio! – esbraveja. – Meu hotel fica bem aqui ao lado. Vamos para o bar!

A plateia vibra e nosso pequeno grupo se desloca até o prédio vizinho para um

bar de hotel, onde nos aglomeramos ao redor de uma grande mesa reservada e pedimos bebidas. Zobrist nos encanta com histórias sobre suas pesquisas, sua ascensão à fama e suas ideias sobre o futuro da engenharia genética. Enquanto a bebida rola solta, o tema da conversa muda para sua recém-descoberta paixão pela filosofia transumanista.

– A meu ver, o transumanismo é nossa única esperança de sobrevivência a longo prazo – defende ele, afastando a camisa para mostrar a todos a tatuagem de "H+" no ombro. – Como podem ver, estou comprometido de corpo e alma.

É como se estivesse em um encontro particular com um astro do rock. Nunca imaginei que o famoso "gênio da genética" fosse ser tão carismático ou sedutor. Toda vez que Zobrist olha na minha direção, seus olhos verdes despertam em mim um sentimento inteiramente inesperado... o forte magnetismo da atração sexual.

Com o passar da noite, o grupo aos poucos vai diminuindo, os presentes pedindo licença para voltar à realidade. À meia-noite, estou a sós com Bertrand Zobrist.

– Queria agradecer por esta noite – digo a ele, sentindo a leve embriaguez de algumas doses a mais. – O senhor é um professor incrível.

– Nada como uma boa massagem no ego. – Zobrist sorri e chega mais perto; nossas pernas agora se tocando. – Aí está uma chave que abre qualquer porta.

A cantada é obviamente inadequada, mas naquele hotel deserto de Chicago, com a neve caindo do lado de fora, minha impressão é de que o mundo parou de girar.

– Que tal uma saideira no meu quarto? – pergunta Zobrist.

Eu gelo, sabendo que devo parecer um animal encurralado.

Os olhos de Zobrist cintilam, tórridos.

– Deixe-me adivinhar – sussurra ele. – Você nunca esteve com um homem famoso.

Sinto-me enrubescer, lutando para disfarçar uma enxurrada de emoções – vergonha, excitação, medo.

– Com toda a sinceridade – respondo –, eu nunca estive com homem nenhum.

Zobrist sorri e chega mais perto ainda.

– Não sei bem o que estava esperando, mas, por favor, permita que eu seja o primeiro.

Então todos os constrangedores medos e frustrações sexuais da minha infância desaparecem... simplesmente evaporam no ar.

Pela primeira vez na vida, sinto um desejo livre de vergonha.

Eu desejo aquele homem.

Dez minutos mais tarde, estamos os dois no quarto de hotel de Zobrist, nus nos braços um do outro. Zobrist não se apressa. Suas mãos pacientes arrancam do meu corpo inexperiente sensações que nunca experimentei.

Foi uma escolha minha. Ele não me forçou.

No casulo do abraço de Zobrist, sinto que tudo no mundo está em seu devido lugar. Ali, naquela cama, observando pela janela a noite de neve lá fora, tenho certeza de que seguirei esse homem a qualquer lugar.

A velocidade do Frecciargento diminuiu de repente e FS-2080 despertou da feliz lembrança e voltou à desolação do presente.

Bertrand... você se foi.

Aquela primeira noite juntos fora o primeiro passo de uma incrível jornada.

Não éramos meros amantes. Éramos como mestre e aprendiz.

– A ponte da Libertà – disse Langdon. – Estamos quase chegando.

FS-2080 assentiu com pesar, olhando pela janela para as águas da Laguna Veneta, recordando a vez em que a atravessara de barco com Bertrand... uma imagem de paz que então se desfez, transformando-se na horrenda lembrança de uma semana antes.

Eu estava lá quando ele pulou da torre da Badia Fiorentina.

Os últimos olhos que ele fitou foram os meus.

CAPÍTULO 67

Sacudido por uma forte turbulência, o Citation Excel da NetJets levantou voo do aeroporto de Tassignano e se inclinou para fazer a curva em direção a Veneza. A bordo da aeronave, a Dra. Elizabeth Sinskey mal reparou na decolagem atribulada. Afagando distraidamente o amuleto no pescoço, ela olhava pela janela para o vazio.

Eles enfim tinham parado de lhe aplicar as injeções e por isso ela já conseguia pensar com mais clareza. Na poltrona ao seu lado, o agente Brüder continuava calado, sem dúvida ruminando a bizarra reviravolta que acabara de ser revelada.

Está tudo de cabeça para baixo, pensou a Dra. Sinskey, ainda com dificuldade em acreditar no que testemunhara havia pouco tempo.

Meia hora antes, eles tinham invadido a pequena pista de pouso para interceptar o embarque de Langdon no jatinho particular que havia reservado. Em vez do professor, porém, o que encontraram foi um Citation Excel de turbinas ligadas e dois pilotos da NetJets andando de um lado para outro pela pista, olhando o relógio.

Robert Langdon não havia aparecido.

Foi então que recebemos o telefonema.

Quando o celular tocou, Elizabeth Sinskey estava no mesmo lugar em que passara o dia inteiro: no banco de trás da van preta. O agente Brüder entrou no veículo com uma expressão estupefata e lhe entregou seu celular.

– Ligação urgente para a senhora.

– Quem é? – perguntou ela.

– Ele só me pediu para avisar que tem informações importantes sobre Bertrand Zobrist.

Ela agarrou o telefone.

– Dra. Elizabeth Sinskey falando.

– Dra. Sinskey, não nos conhecemos, mas a minha organização foi responsável por esconder Bertrand Zobrist da senhora durante o último ano.

Ela se empertigou no assento.

– Seja quem for o senhor, protegeu um criminoso!

– Nós não fizemos nada contra a lei, mas isso não vem...

– É claro que fizeram!

O homem do outro lado da linha respirou fundo, tentando não perder a paciência. Quando voltou a falar, foi com um tom muito suave:

– Vamos ter tempo de sobra para debater a ética dos meus atos. A senhora não me conhece, mas sei bastante coisa a seu respeito. Durante o ano que passou, o Sr. Zobrist me pagou uma bela quantia para manter a senhora e outras pessoas longe dele. Ao contatá-la, estou quebrando meu próprio e rígido protocolo. Mas acredito que não temos escolha a não ser unir forças. Temo que Bertrand Zobrist tenha feito uma coisa terrível.

Elizabeth Sinskey não fazia ideia de quem era aquele homem.

– E o senhor só foi descobrir isso agora?!

– Exatamente, senhora. Agora há pouco. – Seu tom era enfático.

Ela tentou entender melhor a situação:

– Quem é o senhor?

– Alguém que quer ajudá-la antes que seja tarde demais. Tenho uma mensagem em vídeo deixada por Bertrand Zobrist. Ele me pediu que a divulgasse para o mundo... amanhã. Acho que a senhora precisa vê-la o mais rápido possível.

– O que a mensagem diz?

– Por telefone, não. Temos que nos encontrar.

– Como vou saber que posso confiar no senhor?

– Vou lhe dizer agora mesmo onde Robert Langdon está... e por que ele está agindo de maneira tão estranha.

Ao ouvir o nome de Langdon, a Dra. Sinskey quase caiu para trás e foi com assombro que ouviu a bizarra explicação. Por mais que aquele homem parecesse ter sido cúmplice de seu inimigo durante o último ano, conforme ouvia os detalhes, ela teve a nítida sensação de que precisava confiar no que ele dizia.

Não tenho escolha senão fazer o que ele está mandando.

Somando seus recursos, os dois não tiveram dificuldade para confiscar o Citation Excel "disponível" da NetJets. Elizabeth Sinskey e os soldados estavam agora em plena perseguição, correndo em direção a Veneza, onde, segundo as informações daquele homem, Langdon e seus dois companheiros de viagem desembarcavam de trem naquele exato momento. Já era tarde para chamar as autoridades locais, mas o homem ao telefone afirmara saber para onde Langdon estava indo.

Praça São Marcos? A doutora sentiu um calafrio ao imaginar a multidão que haveria na área mais concorrida de Veneza.

– Como o senhor sabe?

– Por telefone, não – repetiu o homem. – Mas saiba que Robert Langdon está viajando com uma pessoa muito perigosa, embora nem desconfie disso.

– Quem?! – indagou Elizabeth Sinskey.

– Um dos confidentes mais próximos de Zobrist. – Ele suspirou com força. – Uma pessoa que eu mesmo considerava digna de confiança. Por pura tolice, ao que parece. Alguém que, a meu ver, talvez agora represente uma grave ameaça.

No jatinho particular que seguia em direção ao aeroporto de Marco Polo, em Veneza, com os seis soldados a bordo, a Dra. Sinskey tornou a pensar em Robert Langdon. *Ele perdeu a memória? Não se lembra de nada?* Embora explicasse muitas coisas, a estranha notícia fez a doutora se sentir ainda pior por ter envolvido o renomado acadêmico naquela crise.

Eu não lhe dei alternativa.

Quase dois dias antes, quando havia recrutado Langdon, Elizabeth Sinskey não o deixara sequer ir em casa buscar o passaporte. Em vez disso, providenciara uma entrada discreta pelo aeroporto de Florença como agente especial de cooperação da Organização Mundial da Saúde.

Enquanto o pesado C-130 sobrevoava o Atlântico rumo ao leste, a Dra. Sinskey tinha olhado para Langdon ao seu lado e reparado que ele não parecia se sentir bem. O professor encarava firme a parede do avião sem janelas.

– Professor, o senhor está *vendo* que este avião não tem janelas, não está? Até pouco tempo atrás, era usado como transporte militar.

Langdon se virou para ela, lívido.

– Sim, reparei assim que subi a bordo. Não me dou muito bem com espaços fechados.

– Então está fingindo olhar por uma janela imaginária?

Ele deu um sorriso encabulado.

– É, mais ou menos isso.

– Bom, que tal olhar para isto aqui? – Ela sacou uma foto de seu arqui-inimigo alto, de olhos verdes, e a pousou diante de Langdon. – Este é Betrand Zobrist.

Elizabeth Sinskey já havia contado a Langdon sobre seu confronto com Zobrist no Conselho de Relações Exteriores; sobre a paixão daquele homem pela Equação do Apocalipse Populacional; sobre suas declarações amplamente divulgadas a respeito das vantagens globais de uma Peste Negra; e, o que era ainda mais assustador, sobre a maneira como sumira do mapa durante o ano anterior.

– Como alguém tão famoso consegue passar tanto tempo escondido? – indagou Langdon.

– Ele teve muita ajuda. Profissional. Quem sabe até de algum governo estrangeiro.

– Que governos iriam compactuar com a criação de uma peste?

– Os mesmos que tentam comprar ogivas nucleares no mercado negro. Não se esqueça de que uma peste eficaz é a arma química mais refinada que existe e vale uma fortuna. Zobrist poderia muito bem ter mentido para os sócios e garantido que o mal criado por ele tinha um raio de ação limitado. Assim, só ele saberia o que ela realmente era capaz de fazer.

Langdon ficou calado.

– De todo modo – prosseguiu a doutora –, as pessoas que ajudaram Zobrist

podem não ter sido motivadas por poder ou dinheiro, mas por *acreditarem* em sua ideologia. O que não lhe falta são discípulos dispostos a fazer qualquer coisa por ele. Zobrist era uma celebridade e tanto. Aliás, ele deu uma palestra na sua universidade não faz muito tempo.

– Em Harvard?

A Dra. Sinskey pegou uma caneta e escreveu algo na margem da fotografia de Zobrist: a letra H seguida por um sinal de +.

– O senhor tem talento para símbolos – falou. – Reconhece este aqui?

H+

– H mais – sussurrou Langdon, assentindo de leve. – Claro... alguns verões atrás o campus ficou cheio de cartazes com esse símbolo. Imaginei que fosse algum tipo de congresso de química.

Elizabeth Sinskey deu uma risadinha.

– Não. Eram cartazes anunciando a Cúpula de 2010 da "Humanidade mais", um dos maiores eventos transumanistas já organizados. "H mais" é o símbolo do movimento transumanista.

Langdon inclinou a cabeça, como se tentasse lembrar quando tinha ouvido aquele termo antes.

– O transumanismo é um movimento intelectual, uma espécie de filosofia, e está se enraizando depressa na comunidade científica – explicou ela. – Em linhas gerais, afirma que os seres humanos deveriam usar a tecnologia para transcender as fraquezas inerentes a nossos corpos físicos. Em outras palavras, o próximo passo da evolução humana seria começarmos a manipular biologicamente *a nós mesmos*.

– Parece perigoso – comentou Langdon.

– Como qualquer mudança, é só uma questão de intensidade. Tecnicamente, já manipulamos a nós mesmos há muitos anos, desenvolvendo vacinas para tornar as crianças imunes a determinadas doenças, como paralisia infantil, varíola ou tifo. A diferença é que agora, com as decobertas de Zobrist na área da manipulação genética de células germinativas, estamos aprendendo a criar imunizações *hereditárias*, ou seja, que afetariam o receptor no nível do núcleo das células germinativas, tornando todas as gerações subsequentes imunes a essa doença.

Langdon pareceu espantado.

– Quer dizer que a espécie humana passaria, por assim dizer, por uma *evolução* que a tornaria imune ao tifo, por exemplo?

– Na verdade, uma evolução *assistida* – corrigiu a Dra. Sinskey. – Em circunstâncias normais, o processo evolutivo leva milênios para acontecer, seja para um peixe pulmonado desenvolver pés ou para um símio desenvolver polegares opositores. Mas agora podemos realizar adaptações genéticas radicais em uma única geração. Essa tecnologia é considerada pelos seus defensores a expressão definitiva

da "sobrevivência do mais apto" de Darwin: os humanos se tornariam uma espécie capaz de aprimorar o próprio processo evolutivo.

– Mais parece brincar de Deus – retrucou Langdon.

– Concordo plenamente. Zobrist, contudo, assim como muitos outros transumanistas, defendia com fervor o argumento de que usar todos os poderes à nossa disposição, entre eles a mutação genética das células germinativas, para nos aprimorar como espécie seria uma *obrigação* evolucionária da humanidade. O problema é que nossa estrutura genética é como um castelo de cartas: todos os elementos estão interconectados e se sustentam mutuamente, muitas vezes de maneiras que não compreendemos. Se tentarmos eliminar um único traço humano que seja, podemos levar centenas de outros a se modificarem ao mesmo tempo, talvez com consequências catastróficas.

Langdon assentiu.

– Não é à toa que a evolução é gradual.

– Exatamente! – concordou a doutora, sentindo sua admiração pelo professor aumentar a cada segundo. – Estamos manipulando um processo que levou bilhões de anos para se desenvolver. Vivemos em uma época de grande perigo. Hoje podemos ativar determinadas sequências de genes capazes de tornar nossos descendentes mais hábeis, mais resistentes, mais fortes ou até mesmo mais inteligentes... em suma, uma super-raça. Esses hipotéticos indivíduos "aprimorados" são o que os transumanistas chamam de *pós-humanos*, e há quem acredite que eles serão o futuro da nossa espécie.

– A semelhança com a eugenia é sinistra – comentou Langdon.

O comentário fez Elizabeth Sinskey se arrepiar.

Na década de 1940, cientistas nazistas haviam feito experimentos com base em uma teoria que batizaram de eugenia – uma tentativa de usar uma engenharia genética rudimentar para aumentar a taxa de natalidade de indivíduos com determinados traços genéticos "desejáveis", ao mesmo tempo que diminuía a taxa de natalidade daqueles com traços étnicos "indesejáveis".

Limpeza étnica no nível genético.

– Há semelhanças – reconheceu a doutora. – Embora seja difícil imaginar como alguém poderia criar uma nova raça humana por meio da engenharia genética, muitas mentes brilhantes consideram que o início desse processo é essencial para a nossa sobrevivência. Um dos colaboradores da revista transumanista *H+* afirmou que a manipulação genética de células germinativas é "obviamente o próximo passo", acrescentando que ela simboliza o verdadeiro potencial da nossa espécie. – Ela fez uma pausa. – Mas, para ser justa, é bem verdade que eles reproduziram uma matéria da revista *Discover* intitulada "A ideia mais perigosa do mundo".

– Acho que esse seria o meu lado – disse Langdon. – Pelo menos de um ponto de

vista sociocultural.

– Como assim?

– Bem, suponho que, assim como as cirurgias plásticas, o aprimoramento genético custe muito caro, certo?

– Claro. Nem todo mundo teria dinheiro para aprimorar a si mesmo ou os próprios filhos.

– Ou seja, a legalização dos aprimoramentos genéticos logo criaria um mundo de favorecidos e desfavorecidos. Nós já temos um abismo cada vez maior entre ricos e pobres, mas a engenharia genética criaria uma raça de super-humanos e de... supostos sub-humanos. A senhora acha que as pessoas estão preocupadas com o um por cento de ultrarricos que manda no mundo? Imagine se esse um por cento fosse também, literalmente, uma *espécie* superior: mais inteligente, mais forte, mais saudável. É o tipo de contexto perfeito para a escravidão ou a limpeza étnica.

Elizabeth Sinskey sorriu para o atraente acadêmico sentado ao seu lado.

– Professor, o senhor entendeu bem depressa o que considero ser o maior risco da engenharia genética.

– Bom, posso ter entendido isso, mas ainda estou meio confuso em relação a Zobrist. Toda essa filosofia transumanista parece ter o sentido de melhorar a humanidade, de nos tornar mais saudáveis, curar doenças fatais, aumentar nossa longevidade. As opiniões dele sobre superpopulação, por outro lado, parecem defender a matança de pessoas. As ideias sobre transumanismo e superpopulação parecem estar em contradição, não?

A Dra. Sinskey deu um suspiro solene. Era uma boa pergunta, e a resposta, infelizmente, era clara e perturbadora.

– Zobrist acreditava piamente no transumanismo... no aprimoramento da espécie por meio da tecnologia. No entanto, acreditava também que a nossa espécie se extinguiria antes de termos a chance de fazer isso. De fato, se ninguém tomar uma atitude, o excesso de pessoas vai eliminar a espécie humana antes de conseguirmos realizar as promessas da engenharia genética.

Os olhos de Langdon se arregalaram.

– Quer dizer que Zobrist queria reduzir o rebanho... para ganhar mais tempo?

A Dra. Sinskey assentiu.

– Ele certa vez disse que tinha a sensação de estar preso a bordo de um navio no qual o número de passageiros dobrava a cada hora, enquanto tentava desesperadamente construir um bote salva-vidas antes que a embarcação afundasse por não suportar o próprio peso. – Ela fez uma pausa. – A solução que ele propunha era jogar metade das pessoas no mar.

Langdon fez uma careta.

– Que ideia assustadora.

– De fato. Não se iluda – disse ela. – Zobrist estava convicto de que, no futuro, uma redução drástica na população humana seria lembrada como o derradeiro ato de heroísmo... o momento em que a nossa raça optou pela sobrevivência.

– Como eu disse, é assustador.

– Mais ainda porque ele não era o único a pensar assim. Quando Zobrist morreu, ele se tornou um mártir para muita gente. Não faço ideia de quem vamos encontrar quando chegarmos a Florença, mas teremos que tomar muito cuidado. Não seremos os únicos tentando encontrar essa peste. Para sua própria segurança, não podemos deixar ninguém saber que é por isso que o senhor está na Itália.

Langdon lhe falou sobre Ignazio Busoni, seu amigo especialista em Dante que talvez pudesse ajudá-lo a entrar no Palazzo Vecchio depois do horário de visita para examinar com calma o quadro que continha as palavras *cerca trova*, presentes na imagem dentro do pequeno projetor de Zobrist. Talvez Busoni também pudesse ajudar Langdon a entender a estranha citação sobre "os olhos da morte".

A Dra. Sinskey puxou os longos cabelos prateados para trás e encarou o professor.

– Busca e encontrarás, professor. O tempo está se esgotando.

Ela foi até um compartimento de carga do avião e pegou o tubo mais seguro para transportar materiais de risco da OMS – um modelo com lacre biométrico.

– Me dê seu polegar – falou, pousando o tubo em frente a Langdon.

Apesar de intrigado, o professor obedeceu.

A doutora programou o tubo para que ele fosse a única pessoa capaz de abri-lo. Então pegou o pequeno projetor e o depositou lá dentro.

– Considere isto um cofre portátil – falou, com um sorriso.

– Com um símbolo de risco biológico? – Langdon parecia pouco à vontade.

– É o que temos. Veja o lado positivo: ninguém vai tentar abrir.

Langdon pediu licença para esticar as pernas e ir ao toalete. Durante sua ausência, a Dra. Sinskey tentou pôr o tubo lacrado no bolso de seu paletó. Infelizmente, não coube.

Ele não pode andar por aí carregando este projetor na frente de todo mundo, pensou. Depois de refletir por alguns instantes, tornou a andar até o compartimento de carga, de onde trouxe um estilete e um kit de costura. Com a precisão de uma especialista, fez um corte no forro do paletó e costurou com cuidado um bolso oculto do tamanho exato para esconder o tubo.

Quando o professor voltou, ela estava acabando de dar os últimos pontos.

Langdon parou e ficou encarando-a como se ela tivesse desfigurado a *Monalisa*.

– A senhora cortou o forro do meu Harris Tweed?

– Relaxe, professor – respondeu ela. – Sou uma cirurgiã formada. Os pontos ficaram bem profissionais.

CAPÍTULO 68

A estação de trem de Santa Lucia, em Veneza, é uma construção baixa e elegante, de pedra cinza e concreto. Foi projetada em estilo moderno, minimalista, com a fachada graciosamente desprovida de qualquer sinalização, exceto por um único símbolo: as letras FS no meio de duas asas, o logotipo do sistema ferroviário italiano, o Ferrovie dello Stato.

Como a estação fica no extremo leste do Canal Grande, logo ao sair os passageiros que desembarcam em Veneza já estão totalmente imersos nas imagens, nos cheiros e nos sons característicos da cidade.

A primeira coisa que chamava a atenção de Langdon era sempre o cheiro – uma mistura de maresia com o aroma da *pizza bianca* vendida pelos ambulantes em frente à estação. Neste dia, o vento soprava do leste e o ar trazia também o cheiro do óleo diesel da longa fila de táxis aquáticos que aguardava sobre as águas do Canal Grande, com os motores ligados. Dezenas de capitães agitavam os braços e gritavam para os turistas, na esperança de atrair um novo cliente para seus táxis, gôndolas, *vaporetti* e lanchas particulares.

O caos sobre a água, filosofou Langdon ao ver aquele engarrafamento flutuante. Por algum motivo, um congestionamento que, em Boston, levaria qualquer um à loucura, em Veneza parecia pitoresco.

A poucos metros de distância, atravessando o canal, a lendária cúpula de azinhavre de San Simeone Piccolo se erguia no céu da tarde. A igreja apresentava uma das arquiteturas mais ecléticas de toda a Europa. Seu domo mais escarpado do que o habitual e seu santuário circular eram em estilo bizantino, mas o nártex de colunas de mármore tinha sido claramente inspirado na entrada grega clássica do Panteão de Roma. A entrada principal da igreja era encimada por um pedimento espetacular, com intricados relevos em mármore que retratavam vários santos supliciados.

Veneza é um museu ao ar livre, pensou Langdon, baixando os olhos para as águas do canal que lambiam a escadaria da igreja. *Um museu que está afundando aos poucos*. Apesar disso, o potencial para alagamentos parecia irrelevante se comparado à ameaça que Langdon temia espreitar agora debaixo da cidade.

E ninguém nem imagina...

O poema atrás da máscara de Dante ainda estava em sua mente e ele se perguntava para onde os versos iriam conduzi-los. Trazia a transcrição do poema no

bolso, mas a máscara mortuária – por sugestão de Siena – fora embrulhada em jornal e guardada discretamente dentro de um dos escaninhos do guarda-volumes na estação de trem. Embora fosse um local de repouso bastante inadequado para um artefato tão precioso, o escaninho sem dúvida era mais seguro do que sair carregando a inestimável máscara de gesso por uma cidade cercada de água por todos os lados.

– Robert? – chamou Sienna, um pouco mais à frente com Ferris, acenando para os táxis. – Não temos muito tempo.

Langdon se apressou para alcançá-los, embora, como entusiasta de arquitetura, lhe parecesse quase impensável apressar uma viagem pelo Canal Grande. Poucas experiências venezianas eram mais prazerosas do que embarcar no Vaporetto 1 – o principal ônibus aquático da cidade –, de preferência à noite, e sentar-se na proa para sentir o vento bater no rosto enquanto as catedrais e os *palazzos* iluminados desfilavam à sua volta.

Nada de vaporetto *hoje*, pensou Langdon. Os ônibus aquáticos eram famosos por sua lentidão e um táxi seria uma opção mais rápida. Infelizmente, naquele momento a fila em frente à estação parecia não ter fim.

Sem muita disposição para esperar, Ferris logo assumiu as rédeas da situação. Com um generoso maço de dinheiro, chamou uma limusine aquática – uma típica lancha veneziana conversível, muito brilhante, feita de mogno sul-africano. Embora aquela embarcação chique fosse um exagero, a viagem seria reservada e rápida – apenas quinze minutos pelo Canal Grande até a praça São Marcos.

O condutor do táxi, de uma beleza notável, estava vestido com um terno Armani. Parecia mais um astro de cinema do que um capitão, mas, afinal de contas, eles estavam em Veneza, berço da elegância italiana.

– Maurizio Pimponi – disse ele, piscando para Sienna ao recebê-los a bordo. – *Prosecco? Limoncello*? Champanhe?

– *No, grazie* – respondeu Sienna em italiano, instruindo o condutor a levá-los até a praça São Marcos o mais depressa possível.

– *Ma certo!* – Maurizio deu outra piscadela. – Meu barco é o mais veloz de Veneza...

Os três passageiros se acomodaram em assentos macios na popa descoberta e Maurizio fez a embarcação dar ré, afastando-a da margem com manobras experientes. Então, girando o volante para a direita, acelerou o motor Volvo Penta e conduziu a grande embarcação por entre uma profusão de gôndolas, fazendo vários *gondolieri* de camisa listrada sacudirem os punhos enquanto seus lustrosos barquinhos pretos se balançavam para cima e para baixo em sua esteira.

– *Scusate!* – gritou Maurizio, pedindo desculpas. – Clientes VIP!

Em segundos, Maurizio já havia se desvencilhado do caos da estação de Santa

Lucia e seguia rumo ao leste pelo Canal Grande. Quando passaram acelerados sob o gracioso arco da Ponte degli Scalzi, Langdon pôde sentir o aroma adocicado característico da iguaria local chamada *seppie al nero* – lulas preparadas em sua própria tinta –, que emanava dos restaurantes toldados ao longo da margem. Ao fazerem uma curva no canal, a gigantesca cúpula da igreja de San Geremia surgiu diante de seus olhos.

– Santa Lucia – sussurrou Langdon, lendo o nome da santa na plaquinha afixada à lateral da igreja. – Lucia, Luzia... Os ossos de quem já não pode ver.

– Como é que é? – Sienna olhou na direção dele, parecendo ter esperanças de que Langdon houvesse descoberto algo mais em relação ao misterioso poema.

– Nada – respondeu Langdon. – Pensei uma coisa estranha. Não deve ser nada. – Ele apontou para a igreja. – Está vendo aquela placa ali? Essa igreja abriga as relíquias de Santa Luzia. Eu às vezes dou palestras sobre arte hagiográfica, a arte de retratar santos cristãos, e acabo de me lembrar que Santa Luzia é a padroeira dos cegos.

– *Sì, Santa Lucia!* – interveio Maurizio, ansioso por se mostrar útil. – A santa dos cegos! Vocês conhecem a história, não conhecem? – O condutor olhou para trás, tentando falar mais alto que o barulho dos motores. – Luzia era tão linda que todos os homens a desejavam. Então, para ficar pura para Deus e continuar virgem, ela arrancou os próprios olhos.

Sienna soltou um grunhido.

– Isso que é compromisso.

– Como recompensa pelo sacrifício, Deus lhe deu um par de olhos ainda mais belos! – acrescentou Maurizio.

Sienna olhou para Langdon.

– Ele *sabe* que isso não faz sentido, não sabe?

– Os caminhos de Deus são insondáveis – observou Langdon, pensando nas mais de vinte telas de grandes mestres que retratavam Santa Luzia carregando os próprios globos oculares em uma bandeja.

Embora a história de Santa Luzia tivesse muitas versões diferentes, em todas ela arrancava os próprios olhos, que a induziam à luxúria, e os entregava em uma bandeja a seu ardoroso pretendente, declarando em tom de desafio: "Eis aqui o que tanto desejavas... quanto ao resto, imploro-te, deixa-me em paz!" O mais macabro era que as próprias Escrituras haviam inspirado a automutilação de Luzia, vinculando para sempre a santa ao famoso conselho de Cristo: "Se o teu olho te fizer tropeçar, arranca-o."

Arrancar, pensou Langdon, percebendo que o mesmo verbo havia sido usado no poema. *Buscai o traiçoeiro doge de Veneza que os ossos arrancou de quem já não pode ver*.

Intrigado com a coincidência, ficou se perguntando se aquilo não seria uma enigmática indicação de que Santa Luzia era a pessoa cega à qual o poema se referia.

– Maurizio! – gritou, apontando para a igreja de San Geremia. – Os ossos de Santa Luzia estão naquela igreja, não estão?

– Alguns, sim – respondeu o condutor, guiando habilmente com uma das mãos enquanto olhava para trás na direção dos passageiros, ignorando o tráfego de embarcações à frente. – Mas a maioria, não. Santa Luzia é tão amada que o corpo dela foi espalhado por igrejas do mundo inteiro. Mas é claro que nós, venezianos, a amamos mais que todos, então comemoramos...

– Maurizio! – gritou Ferris. – Quem ficou cega foi Santa Luzia, não você. Olhe para a frente!

Maurizio deu uma risada bonachona e virou-se para a frente bem a tempo de evitar com desenvoltura uma colisão com um barco que vinha no sentido contrário.

Sienna analisava Langdon.

– Aonde você quer chegar? Está pensando no doge traiçoeiro que arrancou os ossos de quem já não pode ver?

Langdon franziu os lábios.

– Não tenho certeza.

Ele contou a Sienna e Ferris uma versão resumida da história das relíquias de Santa Luzia – seus ossos –, uma das mais estranhas de toda a hagiografia. Em tese, quando a bela Luzia rejeitou um pretendente influente, ele a denunciou e fez com que fosse condenada à fogueira, onde, segundo a lenda, seu corpo se recusou a arder. Como a sua carne se mostrou resistente às chamas, difundiu-se a crença de que suas relíquias tinham poderes especiais, capazes de proporcionar uma vida excepcionalmente longa a qualquer um que as possuísse.

– Ossos mágicos? – perguntou Sienna.

– Assim acreditavam, e foi por isso que as relíquias da santa foram espalhadas pelo mundo inteiro. Durante dois mil anos, líderes poderosos tentaram derrotar a velhice e a morte por meio dos ossos de Santa Luzia. Seu esqueleto foi roubado, roubado de novo, transportado e dividido mais vezes do que o de qualquer outro santo da história. Seus ossos passaram pelas mãos de ao menos uma dezena das figuras mais importantes da história.

– Inclusive as de um doge traiçoeiro? – indagou Sienna.

Buscai o traiçoeiro doge de Veneza que de cavalos cortou cabeças e os ossos arrancou de quem já não pode ver.

– Possivelmente – disse Langdon, percebendo agora que Santa Luzia aparecia com muita proeminência no *Inferno* de Dante.

Ela era uma das três mulheres abençoadas, *le tre donne benedette*, que ajudavam

a invocar Virgílio para ajudar o poeta a escapar do mundo inferior. Como as outras duas eram a Virgem Maria e sua amada Beatriz, Dante havia colocado Santa Luzia na mais elevada companhia.

– Se você estiver certo – disse Sienna, a animação transparecendo em sua voz –, então o mesmo doge traiçoeiro que cortou as cabeças dos cavalos...

– ...também roubou os ossos da cega Santa Luzia – concluiu Langdon.

Sienna assentiu.

– O que reduziria bastante a nossa lista. – Ela olhou para Ferris. – Tem certeza de que o seu celular não está funcionando? Talvez consigamos fazer uma pesquisa na internet...

– Completamente sem bateria – respondeu Ferris. – Acabei de conferir. Sinto muito.

– Já estamos chegando – disse Langdon. – Sem dúvida encontraremos algumas respostas na Basílica de São Marcos.

São Marcos era a única peça do quebra-cabeça que Langdon considerava inquestionável. *O* mouseion *de santo saber*. Ele estava contando que a basílica fosse revelar a identidade do misterioso doge... e, de lá, com sorte, o local específico que Zobrist escolhera para liberar sua peste. *Na escuridão do palácio afundado... espreita o monstro ctônico.*

Langdon tentou afastar quaisquer imagens da peste, mas não adiantou. Muitas vezes já havia se perguntado como devia ter sido aquela incrível cidade no auge de seu poder, antes de a peste enfraquecê-la a ponto de ser conquistada primeiro pelos otomanos e depois por Napoleão, na época em que Veneza reinava gloriosa como centro comercial da Europa. Segundo todos os relatos, não havia no mundo cidade mais bela ou cuja população possuísse tamanha riqueza e cultura.

Por ironia, foi justamente o gosto de seus habitantes por luxos importados que causou a derrocada de Veneza – foram os ratos escondidos nos navios mercantes que levaram a peste mortal da China até a cidade. A mesma peste que havia dizimado inimagináveis *dois terços* da população chinesa aportou na Europa, onde matou depressa uma em cada três pessoas – sem diferenciar jovens e velhos, ricos e pobres.

Langdon já tinha lido descrições da vida em Veneza durante os surtos de peste. Como havia pouca ou nenhuma terra firme onde enterrar os mortos, cadáveres inchados boiavam nos canais. Em algumas áreas a quantidade era tão grande que os trabalhadores precisavam fazer como os madeireiros e empurrar os corpos para o mar. Por mais que se rezasse, nada parecia diminuir a fúria da peste. Quando os governantes se deram conta de que eram os ratos que estavam causando a doença, já era tarde demais. Mesmo assim, Veneza instituiu um decreto obrigando todas as embarcações que chegassem a ficar ancoradas longe da costa durante quarenta dias

completos antes de poderem descarregar suas mercadorias. E essa foi a sombria origem da palavra quarentena.

Enquanto a lancha fazia mais uma curva no canal a toda a velocidade, uma flâmula vermelha festiva se agitou ao vento, afastando a atenção de Langdon de seus pensamentos soturnos sobre a morte e atraindo-a para uma elegante estrutura de três andares à esquerda.

CASINÒ DI VENEZIA: EMOÇÃO INFINITA.

Embora Langdon nunca tivesse entendido muito bem as palavras na bandeira do cassino, o espetacular palácio renascentista fazia parte da paisagem veneziana desde o século XVI. Outrora uma mansão particular, era agora um salão de jogos de luxo, célebre por ser o local em que, no ano de 1883, o compositor Richard Wagner sofrera um ataque do coração fulminante pouco depois de compor a ópera *Perceval*.

Após o cassino, à direita, uma fachada barroca de cantaria rústica exibia uma bandeira ainda maior, azul-escura, que anunciava: CA'PESARO: GALLERIA INTERNAZIONALE D'ARTE MODERNA. Anos antes, Langdon havia entrado ali para admirar a obra-prima *O beijo*, de Gustav Klimt, na época emprestada de Viena. O deslumbrante quadro folheado a ouro retratando dois amantes enlaçados despertara nele uma verdadeira paixão pela obra do artista e até hoje Langdon atribuía ao Ca'Pesaro de Veneza o despertar de seu amor pela arte moderna.

Maurizio seguia conduzindo a lancha, aumentando a velocidade ao chegar ao largo canal.

Mais adiante, assomava-se a famosa Ponte do Rialto – que marcava o meio do caminho até a praça São Marcos. Quando estavam prestes a passar debaixo dela, Langdon ergueu os olhos e viu uma figura solitária e imóvel junto à amurada, espiando-os com uma expressão grave.

Um semblante ao mesmo tempo conhecido... e aterrador.

Por instinto, Langdon se encolheu.

Cinzento e alongado, o rosto tinha olhos frios, sem vida, e um nariz comprido em forma de bico.

Assim que a lancha passou por baixo do vulto sinistro, Langdon entendeu que aquilo não passava de algum turista pavoneando sua mais recente aquisição – uma das centenas de máscaras da peste vendidas todos os dias no Mercado do Rialto, ali perto.

Dessa vez, no entanto, a fantasia lhe pareceu tudo, menos encantadora.

CAPÍTULO 69

A praça São Marcos fica no extremo sul do Canal Grande de Veneza, onde o curso de água desemboca no mar aberto. Guardando esse perigoso encontro está a austera fortaleza triangular da Dogana da Mare – a Alfândega Marítima –, cuja torre de vigia costumava proteger a cidade das invasões estrangeiras. Hoje em dia, a torre foi substituída por um imenso globo dourado e um cata-vento que representa a deusa da fortuna e muda de direção ao sabor do vento, lembrando aos marinheiros que partem rumo ao oceano que o destino é imprevisível.

Quando Maurizio manobrou a lustrosa lancha em direção à foz do canal, o mar agitado se abriu à sua frente, ameaçador. Robert Langdon já tinha feito aquele trajeto muitas vezes, mas sempre a bordo de um *vaporetto* bem maior, por isso se sentiu um tanto aflito quando a limusine aquática começou a sacudir sobre as ondas cada vez mais altas.

Para chegar ao atracadouro da praça São Marcos, a lancha precisaria atravessar um trecho aberto de lagoa cujas águas estavam congestionadas por centenas de embarcações. Havia de tudo, desde iates de luxo até navios-tanque, passando por veleiros particulares e enormes cruzeiros. Era como se estivessem saindo de uma estradinha rural para entrar em uma supervia de oito pistas.

Sienna também pareceu apreensiva ao observar o gigantesco navio de cruzeiro de dez andares que agora passava diante deles, a apenas 300 metros de distância. Os vários pavimentos do navio fervilhavam de passageiros, todos aglomerados e debruçados nos parapeitos para fotografar a praça São Marcos. Em seu rastro, enfileiravam-se três outros cruzeiros, aguardando a chance de passar em frente à atração turística mais conhecida da cidade. Langdon ouvira dizer que, nos últimos anos, o número de barcos havia se multiplicado tão depressa que uma fila sem fim de embarcações passava por ali dia e noite.

Ao volante, Maurizio examinou a fila de cruzeiros, depois olhou de relance para a esquerda, em direção a um cais coberto por um toldo não muito distante.

– Posso atracar no Harry's Bar? – Ele apontou o restaurante que ficou famoso por ter inventado o drinque Bellini. – A praça São Marcos fica bem pertinho dali.

– Não, leve-nos até lá – ordenou Ferris, indicando o atracadouro de São Marcos mais adiante.

Maurizio deu de ombros, sem perder o bom humor.

– Como quiserem. Segurem firme!

Ele acelerou o motor e a limusine começou a atravessar o mar agitado, entrando em uma das raias de navegação demarcadas por boias. Os navios de cruzeiro pareciam prédios flutuantes e a marola que produziam ao passar faziam as outras embarcações chacoalharem como se fossem rolhas na água.

Para espanto de Langdon, dezenas de gôndolas faziam aquela mesma travessia. Seus cascos esguios – com cerca de 12 metros de comprimento e quase 650 quilos – demonstravam uma estabilidade impressionante nas águas revoltas. Cada embarcação era pilotada por um gondoleiro com um equilíbrio notável, viajando de pé sobre uma plataforma do lado esquerdo da popa, usando a tradicional camisa listrada de preto e branco e manejando um único remo preso à amurada direita. Mesmo no mar agitado, era óbvio que todas as gôndolas puxavam misteriosamente para a esquerda, uma peculiaridade que Langdon sabia que era causada pela construção assimétrica da embarcação: todas tinham o casco curvado para a direita, na direção oposta à do gondoleiro, de modo a resistir à tendência do barco de puxar para a esquerda quando se remava do lado direito.

Maurizio apontou orgulhoso para uma das gôndolas quando eles a ultrapassaram em grande velocidade.

– Estão vendo aquele enfeite de metal ali na frente? – disse por cima do ombro, indicando com um gesto o elegante ornamento que se sobressaía na proa. – É a única peça de metal de uma gôndola e se chama *ferro di prua*, ferro de proa. É um verdadeiro retrato de Veneza!

Maurizio explicou que o ornamento em formato de foice que despontava da proa de todas as gôndolas venezianas tinha um significado simbólico. O formato curvo do *ferro* representava o Canal Grande, seus seis dentes refletiam os seis *sestieri*, ou distritos, venezianos, enquanto sua lâmina oblonga era uma estilização do adorno de cabeça usado pelo doge de Veneza.

O doge, pensou Langdon, tornando a se lembrar de sua tarefa. *Buscai o traiçoeiro doge de Veneza... que de cavalos cortou cabeças e os ossos arrancou de quem já não pode ver.*

Langdon ergueu os olhos para a margem à sua frente, onde um pequeno parque arborizado vinha até a beira d'água. Acima das árvores, delineada contra um céu sem nuvens, erguia-se a torre de tijolos vermelhos do campanário de São Marcos, encimada por um Arcanjo Gabriel dourado que espiava do alto de vertiginosos 100 metros de altura.

Em uma cidade sem arranha-céus por causa de sua tendência a afundar, o imponente Campanile di San Marco fazia as vezes de farol para todos os que se aventuravam pelo labirinto veneziano de canais e passagens. Bastaria um simples olhar para o alto para que um viajante perdido visse em que direção estava a praça São Marcos. Langdon ainda achava difícil crer que a imensa torre houvesse

desabado em 1902, soterrando a praça numa enorme pilha de escombros. O mais impressionante era que a única vítima do desastre tinha sido um gato.

Em Veneza era possível vivenciar a atmosfera singular da cidade em diversos lugares de tirar o fôlego, mas o preferido de Langdon sempre fora a Riva degli Schiavoni. O largo passeio de pedra ao longo da margem fora construído no século IX com lodo dragado e se estendia do antigo Arsenal até a praça São Marcos.

Margeada por cafés chiques, hotéis elegantes e a igreja frequentada por Antonio Vivaldi, a Riva começava no Arsenal – antigo pátio de construção naval da cidade –, onde, no passado, o aroma de pinho da fervura da seiva de árvores dominava o ar enquanto os construtores passavam piche quente em suas frágeis embarcações para tapar-lhe os buracos. Supostamente, fora uma visita a esse mesmo pátio que havia inspirado Dante Alighieri a incluir rios de piche fervente como método de tortura em seu *Inferno*.

O olhar de Langdon correu para a direita, acompanhando a Riva pela beira-mar, e foi pousar no final impressionante do passeio. Ali, na ponta meridional da praça São Marcos, a vasta área de calçamento encontrava o mar aberto. Durante a idade de ouro de Veneza, aquele íngreme precipício recebera o orgulhoso apelido de "a borda de toda civilização".

Ao chegarem ali, o trecho de 100 metros em que a praça São Marcos se encontrava com o mar estava ocupado, como sempre, por não menos que uma centena de gôndolas pretas atracadas que se balançavam, com seus ornamentos de proa subindo e descendo, em contraste com os edifícios de mármore branco da *piazza*.

Langdon ainda custava a crer que aquela cidade minúscula – que tinha apenas o dobro do tamanho do Central Park de Nova York –, tivesse conseguido emergir do mar para se tornar o maior e mais rico império do Ocidente.

Conforme Maurizio se aproximava com a lancha, Langdon viu que a praça principal estava apinhada de gente. Napoleão certa vez se referira à praça São Marcos como "a sala de estar de toda a Europa". Pelo visto, naquela "sala" estava acontecendo uma festa para um número excessivo de convidados. Toda a *piazza* parecia prestes a afundar sob o peso de tantos admiradores.

– Meu Deus – sussurrou Sienna, olhando para a multidão.

Langdon não soube se ela estava dizendo isso por medo de Zobrist talvez ter escolhido um local tão cheio para liberar sua peste... ou por sentir que o geneticista, na verdade, poderia ter uma parcela de razão ao alertar quanto aos perigos da superpopulação.

Veneza recebia uma quantidade descomunal de turistas todos os anos – estimada em um terço de um por cento da população mundial, o que em 2000 significava cerca de vinte milhões de visitantes. Como a população mundial havia aumentado

em um bilhão de pessoas desde então, a cidade agora suportava o fardo de três milhões de turistas a mais por ano. Veneza, assim como o próprio planeta, dispunha de uma área limitada. Portanto, em determinado momento, não conseguiria mais importar tanta comida, descartar tanto lixo ou proporcionar camas suficientes para todos os que quisessem visitá-la.

Em pé perto de Langdon e Sienna, Ferris tinha os olhos voltados não para a terra firme, mas para o mar, observando todas as embarcações que chegavam.

– Tudo bem? – perguntou Sienna, fitando-o com um ar curioso.

Ele se virou de modo brusco.

– Sim, tudo bem... só estava aqui pensando. – Ele se virou para a proa e falou com Maurizio. – Pare o mais perto que puder de São Marcos.

– Sem problemas! – exclamou o condutor com um aceno. – Dois minutos.

O táxi estava agora na mesma altura da praça e o Palácio dos Doges emergia majestoso à sua direita, dominando o litoral.

Perfeito exemplo de arquitetura gótica veneziana, o palácio era um exercício de elegância discreta. Sem nenhuma das torres de pequeno ou grande porte em geral associadas aos palácios da França ou da Inglaterra, fora concebido como um imenso prisma retangular, que proporcionava a maior área interna possível para abrigar a substancial equipe de governo e os numerosos assistentes do doge.

Vista do mar, a enorme extensão de pedra calcária branca do palácio teria parecido exagerada, se não estivesse cuidadosamente suavizada pelo acréscimo de pórticos, colunas, uma *loggia* e perfurações em formato de quadrifólio. Desenhos geométricos em calcário rosa se estendiam por toda a fachada, fazendo Langdon pensar na Alhambra, o complexo de fortaleza e palácios mouros em Granada, na Espanha.

Enquanto a lancha se aproximava do atracadouro, Ferris pareceu preocupado com a aglomeração em frente ao palácio. Uma multidão compacta havia se reunido em cima de uma ponte, todos apontando para baixo em direção a um estreito canal que separava duas grandes porções do Palácio dos Doges.

– O que elas tanto olham? – indagou Ferris com a voz aflita.

– Il Ponte dei Sospiri – respondeu Sienna. – Uma famosa ponte veneziana.

Langdon espiou mais à frente do canal lotado e viu o túnel coberto de formosos relevos que descrevia um arco entre as duas partes do prédio. *A Ponte dos Suspiros*, pensou, recordando um dos filmes preferidos de sua infância, *Um pequeno romance*, baseado na lenda de que, se um casal de namorados se beijasse debaixo daquela ponte ao pôr do sol, na hora em que os sinos de São Marcos estivessem tocando, iriam se amar para sempre. Essa ideia profundamente romântica o havia acompanhado por toda a vida. É claro que também não fizera mal nenhum o filme ser estrelado por uma adorável atriz estreante, de 14 anos, chamada Diane Lane, por

quem Langdon desenvolvera uma paixonite juvenil... que – era preciso admitir – nunca havia superado por completo.

Anos mais tarde, Langdon ficara horrorizado ao descobrir que a Ponte dos Suspiros devia seu nome não a suspiros de amor, mas de tormento. Na verdade, a passarela fechada servia de ligação entre o palácio e a prisão dos doges, onde os detentos definhavam e morriam. Seus gemidos de angústia ecoavam por entre as grades das janelas que se estendiam pelo estreito canal.

Langdon tinha visitado a prisão uma vez e ficara surpreso ao descobrir que as celas mais aterrorizantes não eram as que ficavam no nível da água e muitas vezes inundavam, mas aquelas situadas logo ao lado, no último andar do palácio em si – chamadas de *piombi* por causa das telhas de chumbo –, o que as tornava insuportavelmente quentes no verão e geladas no inverno. O grande amante Casanova certa vez ficara preso em uma das *piombi*. Acusado pela Inquisição de adultério e espionagem, sobrevivera a 15 meses de detenção e acabara fugindo após seduzir o carcereiro.

– *Sta' attento!* – gritou Maurizio para um gondoleiro, fazendo a lancha deslizar para a vaga que a gôndola liberava naquele exato momento. Ele conseguira parar em frente ao Hotel Danieli, a apenas 100 metros da praça São Marcos e do Palácio dos Doges.

Maurizio lançou um cabo em volta de um cabeço de amarração e pulou do barco como se estivesse fazendo um teste para figurante em um filme de capa e espada. Depois de amarrar a lancha, estendeu a mão para dentro, oferecendo-se para ajudar os passageiros a desembarcar.

– Obrigado – disse Langdon, enquanto o musculoso italiano o puxava para a terra firme.

Ferris desembarcou em seguida; parecia um tanto transtornado e olhava de novo para o mar.

Sienna foi a última a desembarcar. Quando o incrivelmente lindo Maurizio a puxou para o cais, encarou-a com um olhar profundo que parecia lhe dizer que ela se divertiria bem mais se largasse aqueles dois e ficasse a bordo com ele. Sienna pareceu não reparar.

– *Grazie*, Maurizio – falou, distraída, o olhar fixo no Palácio dos Doges bem ao lado.

E então, sem perder um só segundo, ela conduziu Langdon e Ferris para o meio da multidão.

CAPÍTULO 70

Apropriadamente batizado em homenagem a um dos mais célebres viajantes da história, o Aeroporto Internacional Marco Polo fica 6,5 quilômetros ao norte da praça São Marcos, às margens da Laguna Veneta.

Graças às regalias das viagens aéreas particulares, embora tivesse desembarcado do avião havia apenas dez minutos, Elizabeth Sinskey já estava atravessando a lagoa a bordo de uma preta e futurista lancha de apoio – uma Dubois SR52 Blackbird –, enviada pelo desconhecido que lhe telefonara mais cedo.

O diretor.

Para ela, depois de passar o dia inteiro imobilizada na traseira da van, estar ao ar livre no mar era revigorante. Com o rosto virado para o vento salgado, ela deixava os cabelos prateados esvoaçarem atrás de si. Quase duas horas haviam se passado desde que tomara a última injeção e ela enfim se sentia desperta. Pela primeira vez desde a noite anterior, Elizabeth Sinskey era ela mesma.

Sentado ao seu lado estava o agente Brüder, acompanhado por sua equipe. Nenhum deles dizia nada. Se tinham alguma preocupação quanto àquele encontro incomum, sabiam que sua opinião era irrelevante; não cabia a eles tomar nenhuma decisão.

Conforme a lancha avançava, à direita foi surgindo uma ilha grande, com a costa salpicada de baixas construções de tijolo com chaminés. *Murano*, percebeu Elizabeth, reconhecendo as famosas fábricas de vidro artesanal.

Não acredito que estou de volta, pensou, sentindo uma pontada aguda de tristeza. *O círculo se fecha*.

Anos antes, quando ainda era estudante de medicina, tinha ido a Veneza com o noivo e visitara o Museu do Vidro de Murano. Lá, o rapaz vira um lindo móbile de vidro artesanal e comentara inocentemente que, um dia, iria querer pendurar um igualzinho no quarto do bebê deles. Tomada pela culpa por ter guardado seu doloroso segredo por tanto tempo, Elizabeth enfim contou ao noivo a verdade sobre a asma que tivera quando criança e o trágico tratamento à base de glicocorticoides que destruíra seu sistema reprodutor.

Nunca saberia se fora sua desonestidade ou sua infertilidade que tinham feito o coração do rapaz virar pedra. De todo modo, uma semana depois Elizabeth foi embora de Veneza sem o anel de noivado no dedo.

Sua única recordação daquela infeliz viagem era o amuleto de lápis-lazúli. O

Bastão de Asclépio era um símbolo apropriado para a medicina – nesse caso, para um remédio amargo –, mas isso não a impedira de usá-lo desde então.

Meu precioso amuleto, pensou. *Presente de despedida do homem que queria que eu fosse a mãe de seus filhos*.

Agora, as ilhas de Veneza já não tinham para ela nenhum significado romântico e aqueles povoados isolados a faziam pensar não em amor, mas nas colônias de quarentena outrora criadas ali na tentativa de deter a Peste Negra.

Enquanto a lancha Blackbird passava a toda a velocidade pela Isola San Pietro, Elizabeth se deu conta de que estavam se aproximando de um imenso iate cinza que parecia aguardá-los ancorado em um canal profundo.

A embarcação cinza-chumbo parecia ter saído diretamente do programa antirradar das forças armadas americanas. O nome gravado na popa não dava nenhuma pista do tipo de barco que poderia ser.

Mendacium?

O iate ficava cada vez maior à medida que se aproximavam e, em questão de instantes, a Dra. Sinskey pôde ver um vulto solitário em pé na parte traseira do convés – um homem baixo, de pele bronzeada, que os observava com o auxílio de um binóculo. Quando a lancha de apoio chegou à espaçosa plataforma de embarque na popa do *Mendacium*, o homem desceu até lá para recebê-los.

– Dra. Sinskey, bem-vinda a bordo. – Educado, ele apertou a mão dela. Sua palma era lisa e macia, bem diferente da mão de um marinheiro. – Obrigado por terem vindo. Queiram me acompanhar.

Conforme o grupo subia os vários níveis do convés, a doutora pôde ver de relance o que pareciam ser saletas de trabalho em plena atividade. A estranha embarcação na verdade estava lotada de gente, mas ninguém parecia estar ali por lazer: todos trabalhavam.

Em quê?

Ainda subindo, ela ouviu os imensos motores do iate serem ligados. Em seguida, a embarcação voltou a se mover, deixando um rastro turvo atrás de si.

Para onde estamos indo?, perguntou-se, alarmada.

– Eu gostaria de falar com a Dra. Sinskey a sós – disse o homem aos soldados, detendo-se para olhar de relance para a doutora. – Se a senhora concordar.

Elizabeth assentiu.

– Se me permite, sugiro que a Dra. Sinskey seja examinada pelo seu médico de bordo – falou Brüder com firmeza. – Ela teve algumas complicações mé...

– Eu estou bem – interrompeu a doutora. – De verdade. Mas obrigada mesmo assim.

O diretor fitou Brüder demoradamente, então gesticulou para uma mesa de comes e bebes que estava sendo servida no convés.

– Reponham as energias. Vocês vão precisar. Muito em breve estarão de volta em terra firme.

O diretor deu as costas para o agente e conduziu Elizabeth Sinskey para dentro de uma elegante cabine particular equipada como um escritório; depois de entrarem, fechou a porta.

– Aceita uma bebida? – perguntou, indicando um bar.

A doutora fez que não, ainda tentando entender aquele ambiente estranho. *Quem é esse homem? O que ele faz aqui?*

Seu anfitrião a examinava com as mãos unidas em um triângulo sob o queixo.

– Sabia que o meu cliente Bertrand Zobrist chamava a senhora de "demônio de cabelos prateados"?

– Também tenho alguns bons apelidos para ele.

O homem não demonstrou emoção alguma ao caminhar até a mesa de trabalho e apontar para um grande livro.

– Queria que desse uma olhada nisso.

Elizabeth Sinskey foi até a mesa e examinou o volume. *Inferno* de Dante? Lembrou-se das horripilantes imagens de morte que Zobrist havia lhe mostrado durante seu encontro no Conselho de Relações Exteriores.

– Zobrist me deu esse livro há quinze dias. Tem uma dedicatória.

A Dra. Sinskey estudou a mensagem manuscrita na folha de rosto. Era assinada por Zobrist.

Meu caro amigo, obrigado por me ajudar a encontrar o caminho.

O mundo também lhe agradece.

Sinskey sentiu um frio na espinha.

– Que caminho o senhor o ajudou a encontrar?

– Não faço a menor ideia. Ou melhor, não fazia até poucas horas atrás.

– E agora?

– Agora, abri uma rara exceção no meu protocolo... e resolvi pedir sua ajuda.

Elizabeth Sinskey tinha feito uma longa viagem e não estava com a menor paciência para conversas enigmáticas.

– Olhe, eu não sei quem o senhor é nem o que faz neste iate, mas me deve uma explicação. Exijo saber por que protegeu um indivíduo que estava sendo perseguido pela Organização Mundial da Saúde.

Apesar do tom exaltado da doutora, o homem respondeu com um sussurro controlado:

– Sei que a senhora e eu temos trabalhado com objetivos opostos, mas sugiro que esqueçamos o passado. A meu ver, é o futuro que exige nossa atenção imediata.

Com essas palavras, ele sacou um minúsculo cartão de memória vermelho, inseriu-o no computador e fez um gesto para ela se sentar.

– Bertrand Zobrist gravou este vídeo. Esperava que eu o divulgasse para a imprensa amanhã.

Antes que pudesse reagir, a tela do computador ficou preta e ela ouviu um leve barulho de água chapinhando. Na escuridão, uma cena começou a ganhar forma. Mostrava o interior de uma caverna cheia d'água... como um lago subterrâneo. O estranho era que a água parecia iluminada por dentro... luzindo com uma estranha claridade vermelha.

O chapinhar continuou, enquanto a imagem se inclinava para baixo e mergulhava, mostrando o fundo da caverna, coberto de lodo. Chumbada ao chão, uma reluzente placa retangular exibia uma inscrição, uma data e um nome.

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

A data era o dia seguinte. O nome, Bertrand Zobrist.

Elizabeth Sinskey estremeceu.

– Que lugar é esse?! – perguntou. – *Onde* fica?

Ao responder, o diretor exibiu seu primeiro indício de emoção até aquele momento: um profundo suspiro de preocupação e desapontamento.

– Dra. Sinskey, eu estava torcendo muito para que a senhora tivesse a resposta para essa pergunta.

• • •

A menos de 2 quilômetros dali, no passeio litorâneo da Riva degli Schiavoni, a vista do mar aberto havia sofrido uma mudança quase imperceptível. Um observador atento notaria que um enorme iate cinza acabara de surgir por trás de uma língua de terra ao leste. E agora avançava a toda a velocidade em direção à praça São Marcos.

O *Mendacium*, percebeu FS-2080 com uma onda de pânico.

O casco cinza da embarcação era inconfundível.

O diretor está a caminho... e o tempo está se esgotando.

CAPÍTULO 71

Serpenteando em meio à densa multidão da Riva degli Schiavoni, Langdon, Sienna e Ferris caminharam junto à beira d'água até a praça São Marcos e chegaram pelo lado sul, onde a *piazza* encontra o mar.

Ali, a massa quase impenetrável de turistas cercava Langdon de forma claustrofóbica, amontoando-se para fotografar as duas imponentes colunas que emolduram a praça.

O portal oficial da cidade, pensou ele com ironia, consciente de que o local também havia sido usado para execuções públicas até o século XVIII.

No topo de uma das colunas do portal, viu a bizarra estátua de São Teodoro em uma pose altiva junto ao lendário dragão morto, que Langdon sempre achava muito mais parecido com um crocodilo.

Em cima da segunda coluna fica o onipresente símbolo de Veneza, visível em praticamente todas as esquinas da cidade – um leão alado com sua pata orgulhosamente apoiada sobre um livro aberto, no qual se lê a inscrição em latim *Pax tibi Marce, evangelista meus* (Que a paz esteja contigo, Marcos, meu evangelista). Reza a lenda que, quando São Marcos chegou a Veneza, um anjo teria dito essas palavras e previsto que seu corpo um dia repousaria ali. Mais tarde, os venezianos se valeram dessa lenda apócrifa para roubar os ossos de São Marcos de Alexandria e tornar a enterrá-los em sua basílica.

Langdon apontou para a direita, além das colunas, em direção ao outro lado da praça.

– Se nos separarmos, espero vocês na porta da basílica.

Os outros concordaram e logo começaram a margear a multidão em direção à praça, mantendo-se rente ao muro ocidental do Palácio dos Doges. Apesar das leis que proibiam alimentá-los, os célebres pombos de Veneza pareciam gozar de ótima saúde: alguns ciscavam aos pés da multidão, outros mergulhavam entre as mesas dos cafés ao ar livre para pilhar cestos de pão desprotegidos e atormentar os garçons de smoking.

Diferentemente da maioria das praças europeias, em vez de quadrangular, essa grandiosa *piazza* tem o formato de uma letra *L*. O lado mais curto – conhecido como *piazzetta* – liga o mar à Basílica de São Marcos. Mais adiante, a praça faz uma curva de noventa graus em direção à sua "perna" mais comprida, que se estende desde a basílica até o Museo Correr. Esse lado, em vez de reto, tem formato

trapezoidal irregular, estreitando-se de forma acentuada em uma das extremidades. Essa ilusão de óptica digna de um parque de diversões faz a praça parecer bem mais comprida do que de fato é, efeito acentuado pela disposição em grade das pedras do calçamento, cujos contornos indicavam a posição das barracas dos mercadores de rua do século XV.

Enquanto avançava rumo à basílica, Langdon viu ao longe, bem na sua direção, o mostrador de vidro azul cintilante da Torre do Relógio de São Marcos – o mesmo relógio astronômico através do qual James Bond lançava um vilão no filme *007 contra o foguete da morte*.

Só quando chegou à praça protegida pôde admirar por completo a mais singular atração da cidade.

O som.

Praticamente desprovida de carros ou qualquer tipo de veículos motorizados, Veneza goza de uma feliz ausência de frotas de automóveis, trens e sirenes comuns às cidades, o que proporciona espaço sonoro para a tapeçaria claramente não mecânica de vozes humanas, arrulhos de pombos e acordes dos violinos fazendo serenata para os clientes dos cafés. Nenhum outro centro metropolitano do mundo soa como Veneza.

Com o sol do fim de tarde derramando-se do oeste, lançando sombras compridas sobre as pedras do calçamento, Langdon ergueu os olhos para a grande torre do *campanile*, que se assomava sobre a praça, dominando o horizonte da cidade. Na *loggia* superior da torre havia centenas de pessoas. A simples perspectiva de subir até lá lhe dava arrepios, por isso Langdon tornou a abaixar a cabeça e continuou a atravessar o mar de gente.

♦ ♦ ♦

Sienna poderia ter acompanhado o ritmo de Langdon com facilidade, mas, como Ferris estava ficando para trás, decidira se manter a meia distância, de modo a fazer com que os dois permanecessem em seu campo de visão. Agora, porém, à medida que eles ficavam cada vez mais afastados, ela começou a olhar por sobre o ombro com impaciência. Ferris apontou para o próprio peito, indicando que estava sem ar, e acenou para que ela seguisse em frente.

Sienna obedeceu, apertando o passo para alcançar Langdon e perdendo Ferris de vista. Enquanto ziguezagueava pela multidão, porém, foi contida por uma sensação incômoda – a estranha desconfiança de que Ferris estava ficando para trás de propósito.

Havia muito tempo que ela aprendera a confiar nos próprios instintos. Portanto, encurvou-se para se enfiar em uma alcova e pôs-se a observar em meio às sombras, vasculhando a multidão à procura de Ferris.

Onde ele se meteu?

Era como se ele nem mesmo estivesse tentando segui-los. Depois de vasculhar os rostos da multidão, ela finalmente o viu. Para sua surpresa, Ferris havia parado e estava agachado, digitando no celular.

O mesmo celular que ele me disse que estava sem bateria.

Um medo visceral a invadiu e mais uma vez ela soube que deveria dar atenção ao que sentia.

Ele mentiu para mim no trem.

Enquanto observava Ferris, tentou imaginar o que ele estaria fazendo. Mandando um torpedo para alguém? Pesquisando sem ela saber? Tentando solucionar o mistério do poema de Zobrist antes de Langdon?

Qualquer que fosse a sua motivação, Ferris havia mentido descaradamente.

Não posso confiar nele.

Sienna cogitou correr até lá e confrontá-lo, mas logo decidiu voltar para o meio da multidão antes que ele a visse. Tornou a seguir em direção à basílica, tentando encontrar Langdon. *Preciso avisá-lo para não revelar mais nada a Ferris*.

Estava a menos de 50 metros do templo quando sentiu a mão forte de alguém puxando seu suéter por trás.

Virou-se na mesma hora e deu de cara com Ferris.

O homem de pele irritada estava muito ofegante. Era óbvio que tinha atravessado a multidão correndo para alcançá-la. Reparou que ele aparentava certa afobação que ela não tinha observado antes.

– Desculpe – disse ele, quase sem conseguir respirar. – Me perdi no meio desse monte de gente.

Assim que olhou dentro dos seus olhos, Sienna teve certeza.

Ele está escondendo alguma coisa.

◆ ◆ ◆

Quando Langdon chegou diante da Basílica de São Marcos, ficou surpreso ao constatar que seus dois companheiros não estavam mais atrás dele. Outra coisa também o espantou: a ausência de uma fila de turistas para entrar na igreja. No entanto, logo se deu conta de que já era fim de tarde, horário em que a maioria dos turistas – já com a energia comprometida por pesados almoços de massa e vinho – decidia passear pelas *piazzas* ou tomar um café em vez de tentar absorver mais fatos históricos.

Imaginando que Sienna e Ferris fossem chegar a qualquer momento, Langdon direcionou o olhar para a entrada da basílica à sua frente. Por vezes acusada de oferecer "um constrangedor excesso de entradas", a parte térrea da fachada da basílica tinha cinco acessos recuados cujos aglomerados de colunas, arcos

abobadados e portais de bronze decerto tornavam o prédio, no mínimo, bastante acolhedor.

Um dos mais belos exemplares europeus de arquitetura bizantina, a Basílica de São Marcos tinha um aspecto decididamente suave e fantasioso. Em contraste com as austeras torres cinzentas de Notre-Dame ou Chartres, a igreja parecia ao mesmo tempo imponente e, de certa forma, bem mais terrena. Mais larga do que alta, era encimada por cinco volumosas cúpulas caiadas que lhe conferiam uma atmosfera etérea, quase festiva, o que levara mais de um guia turístico a comparar a construção a um bolo de casamento com cobertura de merengue.

Do pico central da igreja, uma esguia estátua de São Marcos observava a praça que levava seu nome. Seus pés repousavam sobre um arco de vértice pontiagudo, pintado de azul-escuro e salpicado de estrelas douradas. Contra esse fundo colorido, desenhava-se o leão alado dourado, mascote da cidade.

Justamente debaixo desse leão dourado São Marcos exibia um de seus mais famosos tesouros: quatro colossais garanhões de cobre, que àquela hora reluziam ao sol da tarde.

Os Cavalos de São Marcos.

Como muitos dos tesouros de Veneza, aqueles quatro garanhões de valor inestimável, que pareciam prestes a pular para dentro da praça a qualquer momento, tinham sido roubados de Constantinopla durante as Cruzadas. Outra obra de arte saqueada estava exposta abaixo deles, na quina sudoeste da igreja – uma escultura em pórfiro roxo conhecida como *Os tetrarcas*. A estátua era famosa por ter um pé faltando, quebrado quando fora trazida de Constantinopla no século XIII. Por milagre, o pé havia sido desencavado em Istambul nos anos 1960. Veneza chegou a solicitar que o pedaço faltante da estátua lhes fosse enviado, mas a resposta das autoridades turcas foi categórica: *Vocês roubaram a estátua – nós vamos ficar com o pé*.

– Comprar, senhor? – perguntou uma voz de mulher, atraindo o olhar de Langdon para baixo.

Uma corpulenta cigana segurava uma longa vara da qual pendiam várias máscaras venezianas. A maioria era do popular modelo *volto intero* – máscaras brancas estilizadas, de rosto inteiro, que as mulheres usavam durante o Carnevale. O conjunto incluía também algumas divertidas meias-máscaras de Colombina, outras tantas de queixo triangular e uma Moretta sem cordão. Apesar das mercadorias coloridas, contudo, o que atraiu a atenção de Langdon foi uma única máscara entre o preto e o cinza pendurada bem no alto da vara, cujos ameaçadores olhos sem vida pareciam encará-lo por cima de um longo nariz em formato de bico.

O médico da peste. Langdon desviou o olhar; não precisava ser lembrado do que estava fazendo ali em Veneza.

– Comprar, senhor? – repetiu a cigana.

Langdon abriu um sorriso fraco e balançou a cabeça.

– *Sono molto belle, ma no, grazie.*

Enquanto a mulher se afastava, os olhos de Langdon seguiram a sinistra máscara da peste que se balançava acima da multidão. Suspirando com força, tornou a fitar os quatro garanhões de cobre na sacada do segundo andar da basílica.

Então, de repente, tudo ficou claro.

Langdon foi invadido por uma enxurrada de informações que pareciam colidir umas com as outras – *Cavalos de São Marcos*, máscaras venezianas e tesouros saqueados de Constantinopla.

– Meu Deus do céu – sussurrou. – É isso!

CAPÍTULO 72

Robert Langdon estava petrificado.

Os Cavalos de São Marcos!

Os quatro magníficos animais, com seus pescoços elegantes e suas coalheiras marcadas, haviam despertado nele uma lembrança súbita e inesperada – que Langdon agora percebia conter a explicação de um elemento fundamental do misterioso poema escrito no verso da máscara de Dante.

Certa vez, ele havia comparecido a uma festa de casamento de celebridades no histórico haras Runnymede, em New Hampshire – que servia de lar para o puro-sangue Dancer's Image, vencedor do Kentucky Derby. Entre as muitas e requintadas atrações, os convidados puderam assistir a uma apresentação da renomada trupe equestre Behind the Mask, um magnífico espetáculo em que os cavaleiros usavam exuberantes fantasias venezianas e tinham o rosto escondido por máscaras *volto intero*. Os cavalos da trupe, frísios muito negros, eram os maiores que Langdon já tinha visto. De estatura colossal, os impressionantes animais corriam trovejantes pelo campo, formando um borrão de músculos bem definidos e crinas de um metro de comprimento esvoaçando atrás de longos e graciosos pescoços.

A beleza daqueles animais o deixara tão impressionado que, ao voltar para casa, Langdon havia pesquisado a respeito deles na internet, descobrindo que eram os cavalos de guerra preferidos dos reis medievais – e que, depois de quase entrar em extinção, a raça fora recuperada recentemente. Antes conhecida como *Equus robustus*, o nome atual da raça se devia à sua região de origem, a Frísia, província holandesa que fora o berço do brilhante artista gráfico M. C. Escher.

Os corpos poderosos dos frísios serviram de inspiração para a estética robusta dos *Cavalos de São Marcos*. Segundo o site que Langdon consultara, as estátuas dos animais eram tão belas que haviam se tornado "as obras de arte mais roubadas da história".

Como sempre acreditara que essa honra dúbia coubesse ao *Retábulo de Ghent*, Langdon deu uma rápida conferida no site da Associação de Pesquisas sobre Crimes contra a Arte – ARCA, na sigla em inglês – para confirmar sua teoria. A ARCA não mantinha nenhum ranking definitivo, mas oferecia um resumo da atribulada existência dos cavalos de Veneza como vítimas de pilhagens e saques.

Fundidos no século IV por um escultor grego anônimo na ilha de Quios, os quatro animais de cobre lá permaneceram até Teodósio II levá-los para serem expostos no

Hipódromo de Constantinopla. Então, quando as forças venezianas saquearem a cidade bizantina durante a Quarta Cruzada, o doge em exercício exigiu que as quatro preciosas esculturas fossem transportadas de navio até Veneza, feito praticamente impossível por causa de seu tamanho e peso. Em 1204, os cavalos chegaram à cidade e foram instalados na fachada da Catedral de São Marcos.

Mais de quinhentos anos depois, em 1797, Napoleão conquistou Veneza e tomou os cavalos para si. Eles foram levados a Paris e posicionados com destaque no alto do Arco do Triunfo. Por fim, em 1815, após a derrota de Napoleão em Waterloo e seu exílio, os cavalos foram removidos e transportados a bordo de uma barcaça de volta para Veneza, onde foram reinstalados na sacada frontal da Basílica de São Marcos.

Apesar de conhecer bem a história daquelas esculturas, Langdon ficou espantado com um dos trechos encontrados no site da ARCA.

> As coalheiras decorativas foram acrescentadas aos pescoços dos cavalos pelos venezianos em 1204, para esconder a área em que as cabeças haviam sido cortadas a fim de facilitar seu transporte de navio de Constantinopla até Veneza.

O doge mandara cortar as cabeças dos Cavalos de São Marcos*?* Para Langdon, isso parecia inconcebível.

– Robert?! – Sienna o chamou.

Despertado de suas divagações, Langdon se virou e viu que ela abria caminho pela multidão, com Ferris a seu lado.

– Os cavalos do poema! – gritou ele, animado. – Eu entendi!

– O quê? – Sienna, por sua vez, não parecia compreender.

– Nós estamos procurando um doge traiçoeiro que cortou cabeças de cavalos!

– E daí?

– O poema não está se referindo a cavalos *vivos*. – Ele apontou bem para o alto da fachada de São Marcos, onde o sol forte iluminava as quatro estátuas de cobre. – Está se referindo *àqueles cavalos ali!*

CAPÍTULO 73

A bordo do *Mendacium*, as mãos da Dra. Elizabeth Sinskey tremiam. Ela estava assistindo ao vídeo no escritório do diretor e, embora já tivesse visto algumas coisas aterrorizantes na vida, aquele filme inexplicável feito por Bertrand Zobrist antes de seu suicídio lhe causou uma sensação fria como a morte.

No monitor à sua frente, a sombra de um rosto bicudo oscilava, projetada na parede úmida de uma caverna. A silhueta continuava a falar, descrevendo orgulhosamente sua obra-prima – a criação chamada Inferno –, que iria salvar o mundo mediante o expurgo da população.

Que Deus nos proteja, pensou.

– Nós temos que... – começou ela, com a voz trêmula. – Nós *temos* que encontrar esse local subterrâneo. Talvez ainda não seja tarde demais.

– Continue assistindo – retrucou o diretor. – Fica mais estranho ainda.

De repente, a sombra da máscara cresceu na parede, tornando-se imensa. Então um vulto surgiu no quadro.

Puta merda.

O que Elizabeth Sinskey estava vendo era um médico da peste em traje completo, com direito à capa preta e à sinistra máscara com nariz em forma de bico. Ele andou em direção à câmera e sua máscara preencheu a tela inteira, causando um efeito aterrorizante.

"Os lugares mais sombrios do Inferno", sussurrou, "são reservados àqueles se mantiveram neutros em tempos de crise moral."

A doutora sentiu a pele do pescoço se arrepiar. Era a mesma citação que Zobrist lhe deixara no balcão da companhia aérea quando ela se esquivara dele em Nova York, um ano antes.

"Eu bem sei", prosseguia o médico da peste, "que há quem me chame de monstro." Ele fez uma pausa e a Dra. Sinskey sentiu que aquelas palavras se dirigiam a ela. "Sei que há quem me considere uma fera sem coração escondida atrás de uma máscara." Ele parou de novo e chegou mais perto da câmera. "Mas não sou desprovido de rosto. Tampouco de coração."

Com essas palavras, Zobrist tirou a máscara e abaixou o capuz, revelando seu rosto. Ela se retesou ao encarar aqueles conhecidos olhos verdes que vira pela última vez na penumbra do Conselho de Relações Exteriores. No vídeo, os olhos transmitiam a mesma paixão, o mesmo fogo, mas também algo mais – o fervor

alucinado de um louco.

"Meu nome é Bertrand Zobrist", disse ele, encarando a câmera. "E este é o meu rosto, revelado e exposto aos olhos do mundo. Quanto à minha alma... se eu pudesse entregar a vocês meu coração em chamas, como Deus fez com Dante para sua amada Beatriz, veriam que estou transbordando de amor. Do tipo mais profundo. Por todos vocês. E, acima de tudo, por *um* de vocês."

Zobrist chegou ainda mais perto, encarando a câmera com um olhar profundo e falando no tom brando que se usa com a pessoa amada.

"Meu amor", sussurrou ele, "meu precioso amor. Você é minha bênção suprema, capaz de destruir todos os meus vícios, de reafirmar todas as minhas virtudes... você é a minha salvação. Só você se deitou ao meu lado sem nenhum véu e, sem se dar conta, me ajudou a cruzar o abismo, dando-me forças para fazer o que agora fiz."

A Dra. Sinskey ouvia com repulsa.

"Meu amor", continuou Zobrist, com um sussurro pesaroso que ecoou na caverna espectral dentro da qual ele falava. "Você é minha inspiração e meu guia, ao mesmo tempo meu Virgílio e minha Beatriz, e esta obra-prima é uma criação tanto sua quanto minha. Mesmo que você e eu, amantes malfadados, nunca mais voltemos a nos tocar, encontrarei paz na certeza de ter deixado o futuro em suas delicadas mãos. Meu trabalho aqui embaixo acabou. Chegou minha hora de voltar à superfície... e vislumbrar novamente as estrelas."

Zobrist parou de falar e a palavra *estrelas* ecoou na caverna por alguns instantes. Então, com muita calma, ele estendeu a mão e tocou a câmera, encerrando a transmissão.

A tela ficou preta.

– Esse local subterrâneo – falou o diretor, desligando o monitor. – Não conseguimos reconhecê-lo. A senhora sabe onde é?

Elizabeth Sinskey balançou a cabeça. *Nunca vi nada parecido*. Pensou em Robert Langdon, imaginando se ele teria avançado mais um pouco na tentativa de decifrar as pistas de Zobrist.

– Não sei se pode ajudar – disse o diretor –, mas acho que sei quem Zobrist chama de "amor". – Ele fez uma pausa. – Uma pessoa cujo codinome é FS-2080.

A doutora teve um sobressalto. Encarou o diretor, chocada.

– FS-2080?!

Ele parecia igualmente espantado.

– Isso significa alguma coisa para a senhora?

Ela assentiu, incrédula.

– Com certeza.

Seu coração estava disparado. *FS-2080.* Embora não conhecesse a identidade da pessoa em questão, com certeza sabia o que significava o codinome. A OMS vinha

monitorando outros como esse havia muito tempo.

– O senhor sabe o que é o movimento transumanista? – perguntou ela.

O diretor fez que não com a cabeça.

– Grosso modo, o transumanismo é uma filosofia que defende que os seres humanos usem todas as tecnologias disponíveis para manipular nossa própria espécie de modo a torná-la mais forte. A sobrevivência do mais apto.

O diretor deu de ombros, aparentemente impassível.

– De modo geral, o movimento transumanista é composto por indivíduos sensatos: cientistas com responsabilidade ética, futuristas, visionários – continuou. – No entanto, como em muitos outros movimentos, existe uma facção pequena porém militante que acredita que eles não estão avançando depressa o bastante. Há pensadores apocalípticos segundo os quais o fim está próximo, e alguém precisa tomar atitudes drásticas para garantir o futuro da espécie.

– Deixe-me adivinhar: Bertrand Zobrist era uma dessas pessoas? – indagou o diretor.

– Isso mesmo – respondeu Sinskey. – Ele era um líder do movimento. Além de muito inteligente, tinha enorme carisma e escreveu artigos catastróficos que deram origem a toda uma facção de defensores radicais do transumanismo. Hoje em dia, muitos de seus discípulos fanáticos usam codinomes, todos com um formato semelhante: duas letras e um número de quatro algarismos. Por exemplo, DG-2064, BA-2103 ou esse que o senhor acabou de citar.

– FS-2080.

Elizabeth Sinskey assentiu.

– Isso *só pode* ser um codinome transumanista.

– Os números e as letras têm algum significado?

A doutora fez um gesto em direção ao computador.

– Abra o navegador. Vou lhe mostrar.

O diretor pareceu hesitar, mas foi até o computador e abriu um site de busca.

– Pesquise "FM-2030" – falou, sentando-se ao seu lado.

Quando o diretor digitou *FM-2030*, milhares de páginas da internet apareceram listadas.

– Clique em qualquer uma – instruiu a doutora.

O diretor clicou na primeira ocorrência, que remeteu a uma página da Wikipédia com a fotografia de um atraente iraniano – *Fereidoun M. Esfandiary* –, descrito como escritor, filósofo, futurista e fundador do movimento transumanista. Nascido em 1930, era a ele que se atribuía a introdução da filosofia transumanista às massas, bem como a previsão da fertilização *in vitro*, da engenharia genética e do processo de globalização da civilização.

Segundo a Wikipédia, a mais ousada afirmação de Esfandiary era a de que as

novas tecnologias lhe permitiriam viver até os 100 anos, fato raro em sua geração. Como voto de confiança na futura tecnologia, Fereidoun M. Esfandiary mudou o próprio nome para FM-2030, codinome criado pela combinação das iniciais de seu nome com o ano em que completaria o centenário. Infelizmente, o iraniano sucumbiu a um câncer de pâncreas aos 70 anos, sem alcançar seu objetivo. Em sua homenagem, seguidores zelosos do transumanismo continuaram a prestar tributo a FM-2030 adotando a mesma técnica de nomenclatura.

Ao terminar de ler, o diretor se levantou e andou até a janela, onde passou um bom tempo fitando o mar com uma expressão vazia.

– Quer dizer que o amor de Zobrist, FS-2080, é sem dúvida um desses *transumanistas* – sussurrou ele por fim, como se estivesse pensando em voz alta.

– Sem dúvida – respondeu Elizabeth Sinskey. – É uma pena eu não saber quem é FS-2080, mas...

– Era aí que eu queria chegar – interrompeu o diretor, ainda fitando o mar. – Eu *sei*. Sei exatamente quem é.

CAPÍTULO 74

O próprio ar *parece feito de ouro*.

Robert Langdon já tinha visitado muitas catedrais esplêndidas ao longo da vida, mas a atmosfera da Chiesa d'Oro de São Marcos sempre lhe parecia singular. Durante muitos séculos, dizia-se que o simples fato de respirar o ar da basílica era capaz de enriquecer uma pessoa. E essa afirmação deveria ser interpretada não só de maneira metafórica, mas também literal.

Como o interior da igreja era revestido de vários *milhões* de antiquíssimas peças de mosaico feitas de ouro, dizia-se que muitas das partículas que flutuavam no ar eram, na verdade, desse mesmo material. Combinada com a intensa luz do sol que entrava pela ampla janela ocidental, essa poeira de ouro suspensa criava um ambiente vibrante que ajudava os fiéis a alcançarem tanto a riqueza espiritual quanto um enriquecimento mais mundano – desde que respirassem bem fundo –, pois estariam folheando a ouro os próprios pulmões.

Àquela hora, os raios do sol baixo que entravam pela janela ocidental se espalhavam acima da cabeça de Langdon como um amplo e reluzente leque, ou um toldo de seda radiante. Ele não conseguiu conter um arquejo de admiração e notou que, a seu lado, Sienna e Ferris também não conseguiram.

– Por onde? – sussurrou Sienna.

Langdon gesticulou em direção a uma escada. A parte da igreja que era um museu ficava no piso superior e incluía uma vasta exposição permanente dedicada aos *Cavalos de São Marcos*. Langdon esperava que isso revelasse depressa a identidade do misterioso doge que lhes cortara as cabeças.

Enquanto subiam, viu que Ferris estava mais uma vez com dificuldade para respirar. Então Sienna cruzou olhares com Langdon, coisa que vinha tentando fazer havia vários minutos. Como se quisesse alertá-lo, ela meneou a cabeça discretamente em direção a Ferris e articulou com os lábios algo que Langdon não conseguiu entender. Contudo, antes que ele pudesse lhe pedir uma explicação, o outro homem olhou para trás – uma fração de segundo atrasado, pois Sienna já desviara o olhar de Langdon e olhava para Ferris.

– Está se sentindo bem, doutor? – perguntou em tom inocente.

Ferris assentiu e começou a subir mais depressa.

Que atriz talentosa, pensou Langdon. *Mas o que ela estava tentando me dizer?*

Quando chegaram ao andar de cima, tiveram uma visão de toda a basílica, que se

estendia mais abaixo. Construído em formato de cruz grega, o santuário tinha um aspecto bem mais quadrado do que os retângulos alongados de São Pedro ou da Notre-Dame. Com nártex e altar situados mais próximos um do outro, São Marcos transmitia uma sensação de robustez e resistência, mas também de maior acessibilidade.

Porém, para não parecer acessível *demais*, o altar-mor da igreja ficava atrás de um anteparo de colunas encimado por um imponente crucifixo. Abrigado por um elegante cibório, o altar continha um dos retábulos mais valiosos do mundo – o célebre *Pala d'Oro*. Extenso painel de prata folheada a ouro, o "pano" só era um tecido no sentido de ser uma colagem formada por várias obras mais antigas fundidas em uma só – em sua maioria, peças bizantinas esmaltadas – e entrelaçadas dentro de uma mesma moldura gótica. Adornado com cerca de 1.300 pérolas, 400 granadas e 300 safiras, além de esmeraldas, ametistas e rubis, o *Pala d'Oro* era considerado, junto com os *Cavalos de São Marcos*, um dos maiores tesouros de Veneza.

Do ponto de vista arquitetônico, a palavra basílica se referia a uma igreja oriental, em estilo bizantino, erigida na Europa ou no Ocidente. Como era uma réplica da Basílica dos Santos Apóstolos de Justiniano, em Constantinopla, São Marcos tinha um estilo tão oriental que os guias de turismo muitas vezes sugeriam que visitá-la era um substituto aceitável a uma visita às mesquitas turcas, muitas das quais eram catedrais bizantinas convertidas em templos muçulmanos.

Embora Langdon jamais pudesse considerar São Marcos um substituto para as espetaculares mesquitas da Turquia, era obrigado a admitir que um apaixonado por arte bizantina adoraria visitar o conjunto secreto de salas situado logo depois do transepto direito daquela igreja. Era ali que ficava escondido o chamado Tesouro de São Marcos – uma resplandecente coleção de 283 preciosos ícones, joias e cálices obtidos por ocasião do saque a Constantinopla.

Ficou satisfeito ao encontrar a basílica relativamente tranquila naquela tarde. Por mais que ainda houvesse muita gente, pelo menos havia espaço para se mover. Ziguezagueando entre vários grupos de pessoas, ele foi guiando Ferris e Sienna em direção ao janelão ocidental, onde havia uma porta pela qual os visitantes podiam sair para ver os cavalos na sacada. Embora estivesse confiante de que fossem conseguir identificar o doge em questão, Langdon continuava preocupado com o passo que precisariam dar *depois* disso – localizar o doge. *Seu túmulo? Sua estátua?* Essa etapa exigiria alguma ajuda, levando em conta que havia centenas de estátuas dentro da basílica, na cripta inferior e nas tumbas encimadas por cúpulas ao longo do braço norte da igreja.

Foi então que Langdon viu uma jovem guia conduzindo uma visita pela igreja e interrompeu educamente sua preleção.

– Com licença – falou. – Ettore Vio está aqui hoje?

– Ettore Vio – A moça encarou Langdon com um olhar estranho. – *Sì, claro, ma…* – Ela interrompeu a frase no meio e seus olhos se iluminaram. – *Lei è Roberto Langdon, vero?! – O senhor é Robert Langdon, não é?*

Ele abriu um sorriso paciente.

– *Sì, sono io*. É possível falar com Ettore?

– *Sì, sì!* – A moça fez um gesto para que o grupo aguardasse um instante e se afastou a passos rápidos.

Langdon e Ettore Vio, o curador do museu, já tinham participado juntos de um curto documentário sobre a basílica e mantinham contato desde então.

– Ettore escreveu um livro sobre esta basílica – explicou ele a Sienna. – Vários livros, na verdade.

Sienna ainda parecia estranhamente perturbada pela presença de Ferris, que permaneceu junto deles enquanto Langdon os guiava pelo andar superior rumo ao janelão ocidental, que conduzia à sacada onde os cavalos podiam ser vistos. Quando lá chegaram, a silhueta das musculosas ancas dos garanhões se tornou visível, destacada contra o sol vespertino. Lá fora, na sacada, turistas admiravam de perto os cavalos, bem como uma vista espetacular da praça São Marcos.

– Ali estão eles! – exclamou Sienna, avançando em direção à porta.

– Não exatamente – corrigiu Langdon. – Esses cavalos expostos na sacada são apenas réplicas. Os *verdadeiros Cavalos de São Marcos* ficam guardados dentro da basílica, por segurança e para melhor preservação.

Ele conduziu Sienna e Ferris por um corredor em direção a uma alcova bem iluminada na qual um grupo idêntico de quatro garanhões parecia trotar para cima deles, vindos de um fundo formado por arcos de tijolo.

Langdon indicou as estátuas com um gesto de admiração.

– Os originais são esses aqui.

Sempre que via aqueles cavalos de perto, Langdon não conseguia deixar de se maravilhar com a textura e os detalhes de sua musculatura. Um azinhavre suntuoso, entre o verde e o dourado, cobria toda a superfície das esculturas, intensificando a aparência dramática dos corpos sinuosos. Para Langdon, ver aqueles quatro garanhões em perfeito estado de preservação, apesar de seu passado atribulado, era sempre um lembrete da importância de se preservar a grande arte.

– As coalheiras – disse Sienna, apontando para os arreios decorativos em volta do pescoço dos animais. – Você disse que elas foram acrescentadas? Para esconder as emendas?

Langdon já havia contado a Sienna e Ferris sobre o estranho detalhe relativo às "cabeças cortadas" encontrado no site da ARCA.

– Parece que sim – respondeu, encaminhando-se para uma plaquinha informativa

afixada diante das esculturas.

– Roberto! – bradou uma voz amistosa atrás deles. – Assim você me ofende!

Langdon se virou e deu de cara com Ettore Vio abrindo caminho em meio à multidão – um senhor de aspecto jovial e cabelos brancos, vestido com terno azul e com os óculos pendurados em uma correntinha no pescoço.

– Como se atreve a vir a Veneza e não me ligar?

Langdon sorriu e apertou a mão do amigo.

– Quis fazer uma surpresa, Ettore. Você está ótimo. Esses são meus amigos, Dra. Brooks e Dr. Ferris.

Ettore também os cumprimentou e recuou um passo para avaliar Langdon.

– Viajando com médicos? Por acaso está doente? E que roupa é essa? Está virando italiano?

– Nem uma coisa, nem outra – disse Langdon com uma risadinha. – Vim atrás de uma informação sobre os cavalos.

Ettore assumiu uma expressão intrigada.

– Existe alguma coisa que o famoso professor ainda não saiba?

Langdon tornou a rir.

– Preciso descobrir mais sobre como as cabeças desses cavalos foram cortadas para o transporte durante as Cruzadas.

Pela cara que Ettore Vio fez, era como se Langdon tivesse perguntado sobre as hemorroidas da rainha.

– Robert, pelo amor de Deus, nós não falamos sobre isso – sussurrou ele. – Se quiser ver cabeças cortadas, posso lhe mostrar o famoso *Carmagnola* degolado, ou então...

– Ettore, preciso saber *qual* doge de Veneza cortou essas cabeças.

– Isso nunca aconteceu – retrucou o italiano, na defensiva. – Já ouvi boatos, claro, mas quase não há indícios históricos que sugiram que algum doge tenha cometido...

– Por favor, Ettore, faça isso por mim – pediu Langdon. – Segundo os boatos, qual foi o doge?

Ettore pôs os óculos e olhou para o amigo.

– Bem, segundo os *boatos*, nossos amados cavalos foram transportados pelo doge mais inteligente e ardiloso de Veneza.

– Ardiloso?

– Sim, o doge que enganou a todos quanto à necessidade de partir em Cruzada. – Ele fitou Langdon com um ar de expectativa. – Ele pegou o dinheiro do Estado sob o pretexto de navegar até o Egito, mas em vez disso redirecionou as tropas e foi saquear Constantinopla.

Isso me cheira a traição, ponderou Langdon.

– E qual é o nome dele?

Ettore franziu o cenho.

– Robert, achei que você estudasse história mundial.

– E estudo, mas o mundo é grande e a história é longa. Uma ajudinha seria bem-vinda.

– Está bem, vou dar uma última pista.

Langdon teve vontade de protestar, mas sentiu que seria em vão.

– Esse doge que você procura viveu quase um século – disse Ettore. – Um milagre para a época. A superstição atribuiu tamanha longevidade ao corajoso ato de resgatar os ossos de Santa Luzia de Constantinopla e trazê-los de volta a Veneza. A santa perdeu os olhos para...

– Ele arrancou os ossos de quem já não podia ver! – exclamou Sienna, lançando um olhar para Langdon, que tinha acabado de pensar a mesma coisa.

O italiano encarou a moça com uma expressão estranha.

– De certa forma, acho que sim.

Ferris pareceu subitamente abatido, como se ainda não tivesse recuperado o fôlego depois da longa caminhada pela *piazza* e da subida até o museu.

– Devo acrescentar que esse doge amava Santa Luzia tão intensamente porque ele próprio era cego – continuou Ettore. – Aos 90 anos, saiu em direção a esta mesma praça, sem ver nada, e pregou a Cruzada.

– Já sei quem é – disse Langdon.

– Bom, me espantaria se não soubesse! – retrucou Ettore com um sorriso.

Como sua memória fotográfica se adequava melhor a imagens do que a ideias fora de contexto, a revelação ocorrera a Langdon sob a forma de uma obra de arte: uma famosa ilustração de Gustave Doré de um doge encarquilhado e cego, com os braços erguidos acima da cabeça, incitando uma multidão reunida a participar da Cruzada. O nome da ilustração de Doré surgiu claro em sua mente: *Dandolo pregando a Cruzada.*

– Enrico Dandolo – declarou. – O doge que viveu para sempre.

– Até que enfim! – falou Ettore. – Acho que a sua mente está ficando velha, meu caro.

– Assim como o restante de mim. Ele está enterrado aqui?

– Dandolo? – Ettore balançou a cabeça. – Não, aqui não.

– Então onde? – quis saber Sienna. – No Palácio dos Doges?

Ettore tirou os óculos e parou um tempo para pensar.

– Só um instantinho. São tantos doges, não me lembro bem...

Antes que ele terminasse a frase, um funcionário do museu chegou correndo com uma expressão assustada e o puxou de lado para sussurrar algo em seu ouvido. Ettore se retesou, parecendo alarmado, e foi imediatamente até uma balaustrada, lançando o olhar para o santuário lá embaixo. Logo em seguida, tornou a se virar

para Langdon.

– Já volto – gritou, afastando-se às pressas sem dizer mais nada.

Confuso, Langdon foi até a balaustrada e olhou para baixo. *O que está havendo ali?*

A princípio não viu nada, apenas turistas zanzando pela igreja. Depois de algum tempo, contudo, reparou que muitos dos visitantes olhavam para o mesmo ponto, na direção da porta principal, por onde um intimidador grupo de soldados vestidos de preto acabara de entrar na basílica, se espalhando pelo nártex para bloquear todas as saídas.

Os soldados de preto. Langdon agarrou a balaustrada com força.

– Robert! – chamou Sienna atrás dele.

Langdon não conseguia desgrudar os olhos dos soldados. *Como eles nos acharam?!*

– Robert – chamou ela com mais urgência. – Tem alguma coisa errada! Preciso da sua ajuda!

Intrigado com seus gritos de socorro, Langdon se virou para trás.

Onde ela foi parar?

Em questão de instantes, seus olhos encontraram tanto ela quanto Ferris. Bem em frente aos *Cavalos de São Marcos*, Sienna estava ajoelhada no chão junto ao outro homem... que havia desabado em plena convulsão, apertando o próprio peito.

CAPÍTULO 75

– Acho que ele está infartando! – gritou ela.

Langdon correu até onde o Dr. Ferris jazia esparramado no chão. Ele arquejava, sem conseguir recuperar o fôlego.

O que houve com ele?! Para Langdon, era como se tudo tivesse acontecido ao mesmo tempo. Com a chegada dos soldados e Ferris se debatendo no chão, ele se sentiu paralisado por um momento, sem saber para que lado correr.

Sienna se inclinou sobre Ferris, afrouxando-lhe a gravata e arrebentando os botões de sua camisa para ajudá-lo a respirar. Quando afastou o tecido, no entanto, recuou e deixou escapar um grito agudo de espanto, cobrindo a boca ao cambalear para trás, fitando a pele nua do peito do homem.

Langdon também viu.

O peito de Ferris estava todo manchado. Um hematoma preto-azulado, feio e redondo, do tamanho de uma laranja, cobria seu esterno. Ele parecia ter sido atingido por uma bala de canhão.

– É uma hemorragia interna – disse Sienna, erguendo os olhos para Langdon com uma expressão chocada. – Não foi à toa que passou o dia inteiro sem conseguir respirar direito.

Ferris girou a cabeça, claramente tentando dizer alguma coisa, mas tudo o que conseguiu produzir foi uma série de chiados indistintos. Alguns turistas haviam começado a se juntar ao redor deles, e Langdon pressentiu que a situação estava à beira do caos.

– Os soldados estão lá embaixo – disse Langdon, alertando Sienna. – Não sei como nos acharam.

Na mesma hora, a expressão de surpresa e temor no rosto de Sienna se transformou em raiva, e ela encarou Ferris com um olhar furioso.

– Você mentiu para nós o tempo todo, não foi?

Ferris tentou falar outra vez, mas mal conseguiu emitir som. Sienna vasculhou rapidamente seus bolsos e pegou sua carteira e seu celular, que guardou no próprio bolso antes de se levantar e lançar a ele um olhar acusador.

Nesse exato momento, uma italiana idosa abriu caminho entre a multidão, gritando zangada para Sienna:

– *L'hai colpito al petto!* – Ela levou com força o punho cerrado contra o próprio peito.

– *No!* – disparou Sienna. – Ressuscitação cardiorrespiratória o mataria! Olhe só para o peito dele! – Ela se virou para Langdon. – Robert, precisamos sair daqui. Agora.

Langdon olhou para Ferris, que, desesperado, encarou-o com uma expressão de súplica, como se quisesse comunicar alguma coisa.

– Não podemos deixá-lo aqui! – falou, à beira do pânico.

– Confie em mim – disse Sienna. – Isso não é infarto. Vamos embora daqui. *Agora.*

Conforme a multidão se aglomerava, turistas começaram a gritar por socorro. Sienna agarrou o braço de Langdon com uma força surpreendente e o arrastou para longe da confusão, em direção ao ar livre da sacada.

Por alguns instantes, a luz intensa o cegou. O sol estava bem diante dos seus olhos, já rente à lateral oeste da praça São Marcos, banhando a sacada inteira com uma luz dourada. Sienna foi puxando Langdon para a esquerda ao longo da sacada, serpenteando por entre os turistas que haviam saído para admirar a *piazza* e as réplicas dos *Cavalos de São Marcos*.

Enquanto corriam pela frente da basílica, uma estranha silhueta na laguna atraiu o olhar de Langdon: um iate ultramoderno, que mais parecia uma espécie de navio de guerra futurista.

Antes que pudesse pensar mais sobre o assunto, ele e Sienna já haviam dobrado à esquerda outra vez, virando a quina da basílica em direção à "Porta do Papel" – o anexo que ligava a igreja ao Palácio dos Doges –, batizada assim por ser onde os governantes costumavam afixar seus decretos para a população ler.

Não é um infarto? A imagem do peito preto-azulado de Ferris estava gravada na mente de Langdon, e ele percebeu que estava com medo de ouvir o diagnóstico de Sienna sobre a verdadeira doença que acometia o médico. Além disso, algo parecia ter mudado e ela não confiava mais em Ferris. *Será que era isso que estava tentando me dizer mais cedo?*

De repente, Sienna parou de correr e se debruçou sobre a elegante balaustrada para espiar um canto protegido da praça São Marcos mais abaixo.

– Que droga – reclamou. – É mais alto do que pensei.

Langdon se limitou a encará-la. *Você estava pensando em pular?!*

Sienna parecia assustada.

– Robert, eles não podem nos pegar.

Langdon tornou a se virar em direção à basílica e olhou para a pesada porta de ferro forjado e vidro logo atrás deles. Turistas entravam e saíam por ali. Se não estivesse enganado, aquela porta os levaria de volta ao interior do museu, junto aos fundos da igreja.

– Eles devem ter bloqueado todas as saídas – disse Sienna.

Langdon considerou as opções de fuga, percebendo que só lhes restava uma.

– Acho que vi uma coisa lá dentro que talvez resolva o nosso problema.

Mal conseguindo atinar com o que ele próprio estava pensando, Langdon conduziu Sienna de volta para dentro da basílica. Os dois seguiram rente às paredes do museu, tentando se manter incógnitos no meio dos turistas, muitos dos quais agora olhavam na diagonal ao longo do amplo espaço aberto da nave central, em direção à confusão armada em volta de Ferris. Langdon viu que a senhora italiana irritada instruía uma dupla de soldados vestidos de preto a sair para a sacada, revelando a rota de fuga dos dois.

Vamos ter que nos apressar, pensou, correndo os olhos pelas paredes e enfim encontrando o que procurava junto a um grande conjunto de tapeçarias expostas.

O artefato na parede era amarelo-vivo, com um adesivo vermelho de alerta: ALLARME ANTINCENDIO.

– Um alarme de incêndio? É esse o seu plano? – indagou Sienna.

– Podemos sair com a multidão.

Langdon ergueu a mão e segurou a alavanca do alarme. *Seja o que Deus quiser*. Antes que pudesse pensar duas vezes, puxou o mecanismo para baixo com força e o viu estilhaçar com precisão o pequeno cilindro de vidro que havia lá dentro.

Mas as sirenes e o pandemônio que esperava não aconteceram.

Houve apenas silêncio.

Ele tornou a puxar.

Nada.

Sienna o encarava como se ele fosse louco.

– Robert, estamos dentro de uma catedral de pedra lotada de turistas! Você acha que esses alarmes de incêndio públicos ficam *ativos* quando um engraçadinho qualquer poderia...

– É claro! As leis anti-incêndio nos Estados Unidos...

– Nós estamos na Europa. Aqui não há tantos advogados. – Ela apontou por cima do ombro de Langdon. – E o nosso tempo também está se esgotando.

Langdon se virou em direção à porta de vidro pela qual haviam acabado de entrar e viu uma dupla de soldados chegarem às pressas da sacada e correrem seus olhos duros ao redor. Reconheceu um dos dois: era o mesmo agente musculoso que havia atirado neles quando fugiam na scooter, saindo do apartamento de Sienna.

Quase sem alternativas, Langdon e Sienna desapareceram por entre uma escada em caracol escondida e tornaram a descer até o térreo. Quando chegaram lá, pararam na penumbra do vão da escada. Do outro lado do santuário, vários soldados protegiam as saídas, seus olhos vasculhando com atenção todo o recinto.

– Se sairmos desta escada, eles vão nos ver – disse Langdon.

– A escada continua descendo – sussurrou Sienna, acenando em direção a um

cordão de ACESSO VIETATO que bloqueava o restante dos degraus. Do outro lado do cordão, a escada descia em uma espiral ainda mais estreita rumo à mais completa escuridão.

Má ideia, pensou Langdon. *Cripta subterrânea sem saída*.

Sienna já havia passado por cima do cordão e descia tateando pelo túnel em espiral, desaparecendo no escuro.

– Está aberto – sussurrou lá de baixo.

Langdon não ficou surpreso. A cripta de São Marcos era diferente de muitos outros lugares daquele tipo, pois era também uma capela em atividade, na qual eram rezadas missas na presença dos ossos do santo.

– Acho que estou vendo uma luz natural! – tornou a sussurrar Sienna.

Como é possível? Langdon tentou recordar suas visitas anteriores àquele espaço subterrâneo sagrado e imaginou que Sienna estivesse se referindo à *lux eterna* – uma luz elétrica que permanecia sempre acesa sobre o túmulo de São Marcos, no centro da cripta. Ao ouvir passos se aproximarem acima de onde ele estava, porém, não teve tempo de pensar. Passou depressa por cima do cordão, tomando o cuidado de não tirá-lo do lugar, e levou a palma da mão à parede áspera de pedra, tateando enquanto sumia pela curva abaixo.

Sienna o aguardava ao pé da escada. Na escuridão atrás dela, mal dava para ver a cripta – uma câmara subterrânea cujo teto de pedra aflitivamente baixo era sustentado por colunas e arcos de tijolos milenares. *Todo o peso da basílica repousa sobre essas colunas*, pensou Langdon, já sentindo a claustrofobia.

– Bem que eu falei – sussurrou Sienna, o rosto bonito mal iluminado por uma fraca nesga de luz natural. Ela então apontou para várias pequenas traves em forma de arco situadas no alto nas paredes.

Poços de luz, percebeu Langdon, que havia se esquecido da existência deles. As aberturas eram destinadas a permitir a entrada de luz e ar fresco na cripta abafada e davam para dutos profundos que desciam desde a praça São Marcos mais acima. As janelas de vidro eram reforçadas por uma compacta trama de quinze círculos entrelaçados em ferro e, embora Langdon desconfiasse que pudessem ser abertas por dentro, elas ficavam na altura dos ombros e deviam ser apertadas. Mesmo que conseguissem passar por uma das janelas e entrar no duto, seria impossível sair do outro lado, pois estavam 3 metros abaixo do nível da praça e, lá em cima, ele estaria fechado por uma pesada grade de segurança.

Sob a fraca luz que entrava pelos poços, a cripta de São Marcos parecia uma floresta iluminada pelo luar – um denso bosque de colunas semelhantes a troncos de árvores que projetavam sombras compridas e marcadas no chão. Langdon dirigiu o olhar para o centro da cripta, onde uma luz solitária ardia no túmulo de São Marcos. O santo que dava nome à igreja repousava dentro de um sarcófago de pedra atrás de um altar, diante do qual havia algumas fileiras de bancos para os poucos fiéis de

sorte convidados a fazer suas preces ali, no coração da Cristandade veneziana.

De repente, uma luzinha se acendeu ao seu lado. Quando Langdon se virou, viu Sienna segurando a tela iluminada do celular de Ferris.

Ele ficou pasmo.

– Ferris não disse que a bateria tinha acabado?

– Ele mentiu – respondeu Sienna, sem parar de digitar. – Sobre várias coisas, aliás. – Olhou de cara feia para o telefone e balançou a cabeça. – Aqui não tem sinal. Achei que talvez pudesse descobrir onde está a tumba de Enrico Dandolo. – Ela foi depressa para junto do poço de luz e ergueu o aparelho até a altura do vidro, na esperança de conseguir sinal.

Enrico Dandolo. Langdon mal tivera tempo de pensar no doge antes de ser obrigado a fugir da igreja. Por mais que estivessem em apuros, aquela ida a São Marcos de fato havia cumprido sua função: revelar a identidade do traiçoeiro doge que cortara cabeças de cavalos... e arrancara os ossos de quem já não podia ver.

Infelizmente, ele não fazia a menor ideia de onde ficava o túmulo de Dandolo e, pelo jeito, Ettore Vio tampouco. *Ele conhece esta basílica como a palma da mão... e o Palácio dos Doges também, sem dúvida*. O fato de Ettore não ter sabido dizer de imediato o local do túmulo de Dandolo sugeria que ele não devia ficar nem perto de São Marcos ou do Palácio dos Doges.

Mas onde, então?

Langdon olhou para Sienna, agora em pé sobre um dos bancos de igreja que havia puxado até debaixo de um dos poços de luz. Ela destrancou a janela, abriu-a e segurou o celular de Ferris do lado de fora, no próprio duto.

Quando os barulhos externos da praça São Marcos desceram até a cripta, Langdon de repente se perguntou se afinal não haveria um jeito de sair dali. Atrás dos bancos de igreja havia uma fileira de cadeiras dobráveis, e ele achou que talvez conseguisse levantar alguma delas até o fundo do poço de luz. *Quem sabe as grades lá em cima também não abrem de dentro para fora?*

Atravessou às pressas a escuridão em direção a Sienna. Dera apenas alguns passos quando uma forte pancada na testa o jogou para trás. Ao cair de joelhos no chão, pensou por um instante que houvesse sido atacado. Mas logo percebeu que não fora isso. Amaldiçoando a si mesmo por não ter previsto que seu 1,83 metro excedia em muito a altura de uma cripta construída para a estatura humana média de mais de mil anos antes.

Ainda ajoelhado no chão duro de pedra, esperando parar de ver estrelas, pegou-se lendo uma inscrição no piso.

Sanctus Marcus.

Encarou-a por vários segundos. Não foi o nome de São Marcos que chamou sua atenção, mas a língua em que estava escrito.

Latim.

Após passar um dia inteiro imerso no italiano moderno, Langdon ficou levemente desorientado ao ver o nome do santo escrito em latim, um rápido lembrete de que aquela língua morta era a *lingua franca* do Império Romano na época da morte de São Marcos.

Foi então que um segundo pensamento lhe ocorreu.

No século XIII – época de Enrico Dandolo e da Quarta Cruzada –, o idioma do poder ainda era, em grande parte, o latim. Um doge de Veneza que houvesse trazido grande glória para o Império Romano com a reconquista de Constantinopla jamais teria sido enterrado com o nome de Enrico Dandolo... Em vez disso, o nome usado teria sido a versão em latim.

Henricus Dandolo.

Com isso, uma imagem esquecida havia tempos lampejou em sua mente como um raio. Embora houvesse tido a revelação ajoelhado dentro de uma igreja, ele estava certo de que não se tratava de uma inspiração divina. O mais provável era que uma simples "dica" visual lhe tivesse permitido fazer uma súbita conexão. A imagem que saltou de repente das profundezas de sua memória foi a do nome latino de Dandolo... gravado em uma placa de mármore gasto incrustada em um rebuscado piso de lajotas.

Henricus Dandolo.

Quando visualizou a lápide simples que indicava o túmulo do doge, Langdon ficou quase sem ar. *Eu já estive lá*. Como o poema dizia, Enrico Dandolo estava mesmo enterrado dentro de um museu dourado – um *mouseion* de santo saber –, só que não era a Basílica de São Marcos.

Assimilando a realidade, Langdon foi se levantando bem devagar.

– Não estou conseguindo sinal – falou Sienna, descendo de junto do poço de luz e andando em sua direção.

– Não precisa mais – ele conseguiu dizer. – O *mouseion* dourado de santo saber... – Ele respirou fundo. – Eu... me enganei.

Sienna ficou pálida.

– Não me diga que estamos no museu errado.

– Sienna – sussurrou Langdon, sentindo um mal-estar. – Nós estamos no *país* errado.

CAPÍTULO 76

Lá fora, na praça São Marcos, a cigana que vendia máscaras venezianas estava encostada na parede externa da basílica, tirando um intervalo de descanso. Como sempre, tinha ido ocupar seu lugar favorito: um pequeno nicho entre duas grades metálicas na calçada, ponto ideal para largar suas pesadas mercadorias e admirar o sol poente.

Ao longo dos anos, já havia testemunhado muitas coisas naquela praça, mas, dessa vez, o acontecimento bizarro que chamou sua atenção não estava acontecendo *na* praça, mas debaixo dela. Espantada com um barulho a seus pés, a cigana espiou por entre uma das grades para dentro de um poço estreito, que devia ter uns 3 metros de profundidade. A janela no fundo dele estava aberta e uma cadeira dobrável fora colocada no chão do poço, arranhando o piso.

Para sua surpresa, depois da cadeira surgiu uma mulher bonita, de rabo de cavalo louro, que parecia ter sido alçada lá de baixo e agora escalava a janela para atravessar a pequena abertura.

A mulher loura se colocou de pé e olhou para cima na mesma hora, obviamente espantada ao ver a cigana olhando para ela lá do alto, por trás da grade. Levou um dedo aos lábios e abriu um sorriso tenso. Em seguida, desdobrou a cadeira e subiu nela, erguendo as mãos em direção à grade.

Você não tem altura para isso, pensou a cigana. *Aliás, o que está fazendo?*

A mulher loura desceu da cadeira e falou com alguém lá dentro. Embora mal houvesse espaço para ficar em pé junto à cadeira no poço estreito, deu um passo para o lado quando uma segunda pessoa – um homem alto, de cabelos escuros, vestindo um terno chique – se içava do subsolo da basílica para se enfiar no duto estreito.

Ele também olhou para cima, cruzando olhares com a cigana através da grade de ferro. Então, com um desajeitado balé de pernas e braços, trocou de posição com a loura e subiu na cadeira bamba. Como era mais alto, quando ergueu a mão conseguiu soltar a barra de segurança que prendia a grade por baixo. Na ponta dos pés, levou as mãos à grade e fez força para cima. A grade se ergueu uns dois centímetros antes que ele tornasse a soltá-la.

– *Può darci una mano?* – gritou lá de baixo a mulher loura para a cigana.

Dar uma mãozinha? A cigana hesitou, sem querer se meter naquilo. *O que vocês estão fazendo?*

A loura sacou do bolso uma carteira masculina e tirou dela uma nota de 100 euros com a qual acenou, oferecendo o dinheiro. Negociadora experiente, ela fez que não com a cabeça e ergueu dois dedos. A loura pescou uma segunda nota.

Sem acreditar em sua sorte, a cigana deu de ombros, concordando de má vontade, e tentou aparentar indiferença enquanto se agachava e agarrava as barras da grade, encarando o homem para que ambos pudessem sincronizar seus esforços.

Quando ele tornou a empurrar, a cigana puxou com seus braços fortalecidos por muitos anos carregando mercadorias e a grade se ergueu... até a metade. Quando ela achou que houvessem conseguido, ouviu um estrondo de alguma coisa caindo lá embaixo e o homem desapareceu, despencando de volta no poço quando seu peso fez a cadeira ceder.

Na mesma hora, a grade de ferro se tornou mais pesada e ela achou que fosse ter que largá-la. Mas a ideia de embolsar 200 euros lhe deu forças e ela conseguiu erguê-la outra vez, apoiando-a na lateral da basílica.

Ofegante, a cigana espiou para dentro do poço em direção ao emaranhado de corpos e pedaços de cadeira. Enquanto o homem se levantava e passava as mãos nas roupas para limpá-las, ela estendeu a mão para baixo, pedindo o dinheiro.

A mulher do rabo de cavalo assentiu, agradecida, e ergueu as duas notas. A cigana esticou o braço, mas o dinheiro estava longe demais.

Dê o dinheiro para o homem.

De repente, houve uma confusão dentro do duto, um som de vozes zangadas vindo do interior da basílica. Tanto o homem quanto a mulher se viraram, amedrontados, e se afastaram da janela.

Então tudo virou um caos.

O homem de cabelos escuros assumiu o comando da situação, agachando-se e ordenando à mulher com uma voz firme que pusesse o pé sobre os seus dedos, que acabara de entrelaçar para lhe oferecer apoio. A mulher obecedeu e ele a alçou para cima. Ela se espichou pela lateral do duto, prendendo as notas nos dentes para liberar as mãos enquanto tentava alcançar a borda. O homem a empurrou mais alto, mais alto... suspendendo-a até ela conseguir agarrar as bordas com os dedos.

Com um esforço imenso, ela içou o próprio corpo para fora, como se saísse de uma piscina. Enfiou o dinheiro nas mãos da cigana, virou-se para trás na mesma hora e se ajoelhou à beira do poço, estendendo a mão para o homem lá dentro.

Tarde demais.

Braços fortes vestidos com mangas pretas compridas já se esticavam para dentro do poço, como tentáculos de um monstro faminto a se agitar, agarrando as pernas do homem e puxando-o de volta em direção à janela.

– Corra, Sienna! – gritou o homem que se debatia. – Agora!

A cigana viu os dois trocarem olhares de arrependimento e pesar... e então tudo

terminou.

O homem foi puxado com violência janela abaixo, para dentro da basílica.

A mulher loura ficou observando a cena, chocada, seus olhos se enchendo de lágrimas.

– Eu sinto muito, Robert, de verdade – sussurrou ela. Então, depois de uma pausa, acrescentou: – Por tudo.

Logo em seguida, saiu correndo em meio à multidão, com o rabo de cavalo balançando conforme avançava pelo beco estreito da Merceria dell'Orologio... desaparecendo no coração de Veneza.

CAPÍTULO 77

Um barulho de água chapinhando trouxe Robert Langdon suavemente de volta à consciência. O cheiro forte e estéril de antisséptico misturado com maresia invadiu suas narinas e ele sentiu o mundo oscilar debaixo de si.

Onde estou?

Parecia que apenas poucos segundos antes estivera numa luta feroz contra mãos poderosas que tentavam arrastá-lo para fora do poço de luz, de volta para a cripta. Agora, estranhamente, não conseguia mais sentir o frio piso de pedra da Basílica de São Marcos sob seu corpo. Em vez disso, sentia um colchão macio.

Langdon abriu os olhos e observou o ambiente ao seu redor – um quarto pequeno, de aspecto higiênico, com uma única escotilha. O balançar continuava.

Estou dentro de um barco?

Sua última lembrança era a de ter sido imobilizado no chão da cripta por um dos soldados vestidos de preto, que dizia com irritação:

– Pare de fugir!

Langdon gritava feito um louco, pedindo ajuda ao mesmo tempo que os soldados tentavam abafar sua voz.

– Precisamos tirá-lo daqui – dissera um dos soldados para o outro.

O colega então assentiu, relutante.

– Vá em frente.

Langdon sentiu dedos fortes tatearem as artérias e veias de seu pescoço. Então, depois de localizarem um ponto preciso na carótida, os dedos começaram a aplicar uma pressão firme e concentrada. Em segundos, a visão de Langdon começou a embaçar e ele sentiu que perdia a consciência, pois o fluxo de oxigênio para seu cérebro havia sido interrompido.

Eles estão me matando, pensou. *Bem ao lado da tumba de São Marcos.*

A escuridão se abateu, mas lhe pareceu incompleta... mais como um borrão cinza pontuado por formas e sons indistintos.

Langdon não sabia ao certo quanto tempo havia passado desde então, mas o mundo já voltava a entrar em foco. Até onde conseguia entender, estava em algum tipo de enfermaria, a bordo de uma embarcação. O ambiente estéril à sua volta e o cheio de álcool lhe causaram uma estranha sensação de déjà-vu – como se ele tivesse dado uma volta completa e acordado exatamente como na noite anterior: em uma cama de hospital desconhecida, com lembranças muito vagas.

Na mesma hora pensou em Sienna e se perguntou se ela estaria segura. Ainda podia ver seus suaves olhos castanhos fitando-o do alto do poço, cheios de remorso e medo. Rezou para que ela tivesse conseguido fugir e escapar de Veneza.

Nós estamos no país errado, ele dissera após se dar conta, para seu próprio espanto, da verdadeira localização da tumba de Enrico Dandolo. No fim das contas, o misterioso *mouseion* de santo saber do poema não ficava em Veneza, mas a meio mundo de distância. Exatamente como o texto de Dante alertara, o significado daquele enigmático poema estava escondido "sob o véu de estranhos versos".

Pretendia explicar tudo a Sienna assim que conseguissem fugir da cripta, mas não tivera essa oportunidade.

Ela fugiu sabendo apenas que eu fracassei.

Sentiu o estômago embrulhar.

A peste continua lá... a meio mundo de distância.

Do lado de fora da enfermaria, no corredor, ouviu pesados passos de botas. Quando se virou, viu um homem de preto entrar em sua cabine. Era o mesmo soldado musculoso que o havia imobilizado no chão da cripta. Seus olhos eram frios como gelo. O instinto de Langdon foi se encolher quando ele se aproximou, mas não havia para onde correr. *Essa gente pode fazer o que quiser comigo*.

– Onde estou? – perguntou ele, com o tom mais desafiador que foi capaz.

– A bordo de um iate ancorado perto de Veneza.

Langdon olhou para o medalhão verde no uniforme do homem – um globo terrestre circundado pelas letras ECDC. Nunca tinha visto aquele símbolo nem aquela sigla.

– Precisamos que o senhor nos dê algumas informações – disse o soldado –, e não temos muito tempo.

– Por que eu faria isso? – perguntou Langdon. – Vocês quase me mataram.

– Não chegamos nem perto disso. Só usamos uma técnica de estrangulamento do judô chamada *shime waza*. Não tínhamos a menor intenção de machucá-lo.

– Vocês *atiraram* em mim hoje de manhã! – declarou Langdon, lembrando-se com clareza do estampido produzido pela bala no para-choque da scooter que Sienna pilotava em alta velocidade. – Foi por pouco que a bala não acertou as minhas costas!

O homem estreitou os olhos.

– Se eu *quisesse* acertar as suas costas, teria acertado. Dei um único tiro para tentar furar o pneu traseiro da scooter e impedi-los de fugir. Tinha recebido ordens para estabelecer contato com o senhor e descobrir por que estava agindo de forma tão imprevisível.

Antes que Langdon conseguisse processar por completo as palavras dele, dois outros soldados entraram e avançaram em direção à sua cama.

Entre eles, vinha uma mulher.

Uma aparição.

Etérea, como se pertencesse a outro mundo.

Langdon a reconheceu de imediato: era a mesma de suas alucinações. A mulher à sua frente era linda, tinha longos cabelos cor de prata e usava um amuleto de lápis-lazúli. Como ela antes se encontrava em meio a uma horripilante paisagem de corpos agonizantes, Langdon precisou de alguns segundos para acreditar que estivesse de fato ali na sua frente, em carne e osso.

– Professor Langdon, que alívio... o senhor está bem – disse a mulher, aproximando-se de sua cama com um sorriso cansado. Sentou-se e tomou seu pulso. – Fui informada de que está com amnésia. Lembra-se de mim?

Ele passou alguns instantes estudando-a.

– Eu tive... visões com a senhora, mas não me lembro de termos nos conhecido.

A mulher se inclinou mais para perto dele com uma expressão de empatia.

– Meu nome é Elizabeth Sinskey. Sou diretora da Organização Mundial da Saúde e recrutei o senhor para me ajudar a encontrar...

– Uma peste – ele conseguiu completar. – Criada por Bertrand Zobrist.

Elizabeth Sinskey assentiu, parecendo mais animada.

– Está se lembrando?

– Não. Acordei em um hospital com um estranho projetor e visões *da senhora* me dizendo para buscar e encontrar algo. Era isso que eu estava tentando fazer quando esses homens tentaram me matar. – Langdon acenou em direção aos soldados.

O mais musculoso se eriçou, visivelmente prestes a responder, mas Elizabeth Sinskey o calou com um gesto.

– Professor – disse ela com voz suave. – Não tenho dúvidas de que o senhor está muito confuso. Como fui eu quem o envolvi nessa história toda, estou horrorizada com o que aconteceu e aliviada em ver que o senhor está bem.

– Bem? – retrucou Langdon. – Estou preso em um barco!

E a senhora também!, pensou ele.

A mulher de cabelos prateados meneou a cabeça, compreensiva.

– Infelizmente, por conta de sua amnésia, muitos aspectos do que vou lhe contar talvez o deixem desorientado. Mas nosso tempo é curto e muitas pessoas precisam da sua ajuda.

A doutora hesitou, como se não soubesse bem como prosseguir.

– Em primeiro lugar – começou ela –, preciso que o senhor entenda que o agente Brüder e a equipe dele nunca tiveram a intenção de lhe fazer mal. Eles tinham ordens claras para restabelecer contato com o senhor usando quaisquer meios que fossem necessários.

– Restabelecer contato? Eu não...

– Por favor, professor, apenas ouça. Prometo que tudo vai se esclarecer.

Langdon tornou a se recostar na cama da enfermaria. Sua mente era um verdadeiro turbilhão. A Dra. Sinskey prosseguiu:

– O agente Brüder e seus homens são uma equipe de SMI: Suporte ao Monitoramento e Intervenção. Eles trabalham sob as ordens do Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças, o ECDC.

Langdon olhou de relance para o emblema no uniforme dos soldados: ECDC. *Prevenção e Controle de Doenças?*

– A especialidade desse grupo é identificar e conter ameaças envolvendo doenças contagiosas – continuou ela. – São basicamente uma equipe da SWAT encarregada de conter graves riscos de saúde em larga escala. Como o senhor era a minha principal esperança de localizar o agente infeccioso desenvolvido por Zobrist, depois do seu sumiço incumbi a equipe de SMI de localizá-lo... Fui *eu* quem os chamei a Florença para me dar suporte.

Langdon não conseguia acreditar.

– Esses soldados trabalham para *a senhora?*

Ela assentiu.

– Emprestados pelo ECDC. Ontem à noite, quando o senhor sumiu e não fez mais contato, achamos que alguma coisa houvesse acontecido. Só hoje de manhã cedo, quando nossa equipe de suporte de tecnologia viu que o senhor tinha checado sua conta de e-mail de Harvard, tivemos certeza de que estava vivo. A essa altura, nossa única explicação para o seu comportamento estranho era que o senhor tivesse mudado de lado... possivelmente depois de receber uma grande soma em dinheiro para localizar o agente infeccioso para alguma outra pessoa.

Langdon balançou a cabeça.

– Que absurdo!

– Eu sei, parecia mesmo improvável, mas era a única explicação lógica... e, com tanta coisa em jogo, não podíamos correr nenhum risco. É claro que nunca nos ocorreu que o senhor pudesse estar com amnésia. Quando nossos técnicos viram sua conta de e-mail ficar ativa de uma hora para outra, rastreamos o endereço IP do computador até o apartamento de Florença e acionamos a equipe de intervenção. Só que o senhor fugiu de scooter com uma mulher, o que aumentou ainda mais nossas suspeitas de que estava trabalhando para outra pessoa.

– Nós passamos bem na sua frente! – exclamou Langdon, quase engasgando. – Eu vi a senhora no banco de trás de uma van preta, cercada de soldados. Pensei que estivesse *presa*. Parecia estar delirando, como se tivesse sido drogada.

– O senhor nos viu? – A Dra. Sinskey pareceu espantada. – Pode parecer estranho, mas era isso mesmo... eu *tinha* sido medicada. – Ela fez uma pausa. – Mas porque pedi.

Langdon não entendia mais nada. *Ela pediu para ser drogada?*

– Talvez o senhor não se lembre, mas, quando nosso C-130 aterrissou em Florença, a pressão atmosférica mudou e eu tive uma crise de vertigem posicional paroxística... um transtorno do ouvido interno altamente debilitante que já tive em outras ocasiões. É temporário e inofensivo, mas causa uma tontura e uma náusea tão intensas que você mal consegue manter a cabeça em pé. Em circunstâncias normais, eu me deitaria e ficaria esperando o forte enjoo passar, mas estávamos no meio dessa situação com Zobrist, por isso receitei a mim mesma injeções de metoclopramida de hora em hora para não vomitar. Esse remédio tem um efeito colateral severo: forte sonolência. Mas pelo menos pude comandar a operação por telefone, do banco de trás da van. A equipe de SMI queria me levar para um hospital, mas não deixei que fizessem isso antes de termos cumprido nossa missão de reencontrar o senhor. Felizmente, a vertigem acabou passando durante o voo para Veneza.

Langdon se deixou afundar na cama, atônito. *Passei o dia inteiro fugindo da Organização Mundial da Saúde – justamente as pessoas que vieram me pedir ajuda*.

– Agora, professor, precisamos nos concentrar – declarou Elizabeth Sinskey com um tom de voz urgente. – A peste de Zobrist... o senhor faz ideia de onde ela esteja? – Ela o fitou com uma expressão de intensa expectativa. – Temos pouquíssimo tempo.

Está muito longe daqui, Langdon quis responder, mas algo o deteve. Ergueu os olhos para Brüder, um homem que havia atirado contra ele naquela mesma manhã e quase o estrangulara um pouco mais cedo. Tudo havia mudado tão depressa que Langdon não sabia mais em quem deveria confiar.

A Dra. Sinskey se inclinou para mais perto, a expressão em seu rosto ainda mais intensa.

– Desconfiamos que o agente infeccioso esteja aqui em Veneza. É isso mesmo? É só o senhor dizer o local que despacho uma equipe para terra firme.

Langdon hesitou.

– Professor! – vociferou Brüder, perdendo a paciência. – É óbvio que o senhor sabe *alguma coisa*... Diga-nos onde está o agente! Não entende o que está a ponto de acontecer?

– Agente Brüder! – A Dra. Sinskey virou-se para o soldado, furiosa. – Já chega – ordenou, voltando-se novamente para Langdon antes de prosseguir em voz baixa: – Considerando tudo pelo que o senhor passou, é compreensível que esteja desorientado e sem saber em quem confiar. – Ela fez uma pausa e olhou bem no fundo dos seus olhos. – Mas o nosso tempo é curto, e estou lhe pedindo que confie *em mim*.

– Langdon consegue ficar em pé? – indagou uma terceira voz.

Um homem baixinho e de aparência bem cuidada, com a pele queimada de sol, apareceu à porta. Embora avaliasse Langdon com uma calma contida, o professor notou certa hostilidade em seus olhos.

A doutora fez um gesto para Langdon se levantar.

– Professor, este aqui é um homem com quem eu preferiria não colaborar, mas a situação é tão grave que não temos escolha.

Com movimentos hesitantes, Langdon se sentou, tirou as pernas de cima da cama e se colocou de pé. Precisou de alguns segundos para recuperar o equilíbrio.

– Venha comigo – disse o homem, andando em direção à porta. – Há algo que o senhor precisa ver.

Langdon não se mexeu.

– Quem é você?

O homem parou e uniu os dedos em um triângulo.

– Nomes são irrelevantes. Pode me chamar de diretor. Eu administro uma organização que, lamento dizer, cometeu o erro de ajudar Bertrand Zobrist a alcançar seus objetivos. Agora estou tentando consertar esse erro antes que seja tarde demais.

– O que quer me mostrar? – perguntou Langdon.

O homem o encarou com um olhar firme.

– Algo que vai acabar com suas dúvidas sobre estarmos todos do mesmo lado.

CAPÍTULO 78

Langdon seguiu o homem bronzeado por um verdadeiro labirinto de corredores claustrofóbicos na coberta do iate, com a Dra. Sinskey e os soldados do ECDC atrás de si, formando uma fila. Quando se aproximaram de uma escada, Langdon torceu para que fossem subir em direção à luz do dia, mas, em vez disso, eles desceram ainda mais fundo na embarcação.

Embrenhados nas entranhas do iate, foram conduzidos por seu guia por entre uma série de saletas de vidro isoladas – algumas com divisórias transparentes; outras, opacas. Dentro de cada um desses compartimentos à prova de som, diversos funcionários trabalhavam, digitando em computadores ou falando ao telefone. Os que erguiam os olhos e reparavam no grupo que passava pareciam seriamente alarmados ao ver desconhecidos naquela parte da embarcação. O homem bronzeado meneava a cabeça para tranquilizá-los e seguia em frente.

Que lugar é este?, perguntou-se Langdon conforme eles avançavam por mais uma série de compactas áreas de trabalho.

Por fim, seu guia chegou a uma ampla sala de reuniões na qual todos entraram. Depois de se sentarem, o homem apertou um botão que fez as divisórias de vidro chiarem de repente e se tornarem opacas, isolando-os lá dentro. Langdon tomou um susto: nunca tinha visto nada parecido.

– Onde estamos? – perguntou enfim.

– Este é o meu iate... o *Mendacium*.

– *Mendacium?* – repetiu Langdon. – Como... a palavra latina para Pseudologos, a divindade grega da dissimulação?

O homem pareceu impressionado.

– Pouca gente sabe isso.

Um nome nada nobre, pensou Langdon. Mendacium era a divindade traiçoeira que comandava todos os *pseudologoi* – espíritos especializados em farsas, mentiras e engodos.

O homem pegou um pequeno cartão de memória vermelho e o inseriu em um painel de aparatos eletrônicos no fundo da sala. Um imenso monitor de LCD se acendeu e as luzes do teto ficaram mais fracas.

No silêncio carregado de expectativa, Langdon ouviu um suave barulho de água chapinhando. A princípio, pensou que o som estivesse vindo de fora da embarcação, mas então percebeu que ele saía dos alto-falantes do monitor. Aos poucos, uma

imagem se materializou: a parede molhada de uma caverna, iluminada por uma luz avermelhada bruxuleante.

– Bertrand Zobrist gravou esse vídeo – explicou o anfitrião. – E me pediu que o divulgasse para o mundo amanhã.

Incrédulo e sem palavras, Langdon começou a assistir ao bizarro vídeo amador: um espaço cavernoso com uma lagoa de águas ondulantes, na qual a imagem mergulhava, avançando sob a superfície até um piso de lajotas coberto de lodo no qual havia uma placa chumbada, onde se lia:

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

A mensagem era assinda por BERTRAND ZOBRIST.

E a data era *o dia seguinte*.

Meu Deus! Na sala escura, Langdon se virou para a Dra. Sinskey. A diretora da OMS, no entanto, fitava o chão com uma expressão vazia. Parecia já ter assistido ao vídeo, e era óbvio que não conseguiria fazer isso de novo.

Quando a imagem se deslocou para a esquerda, Langdon ficou pasmo ao ver, flutuando debaixo d'água, uma bolha ondulante de plástico transparente que continha um líquido gelatinoso marrom-amarelado. A delicada esfera parecia estar presa ao chão por um cordão que a impedia de vir à tona.

Que diabo é isso?! Langdon examinou a bolsa inflada. Seu conteúdo viscoso parecia rodopiar lentamente... quase como se estivesse fervendo.

Quando enfim compreendeu o que via, ficou sem ar. *A peste de Zobrist*.

– Parem o vídeo – disse a doutora no escuro.

A imagem congelou, mostrando um saco plástico amarrado ao chão, flutuando debaixo d'água – uma nuvem lacrada de líquido suspensa no espaço.

– Imagino que o senhor já tenha adivinhado o que é esse objeto – prosseguiu Elizabeth Sinskey. – A questão é: por quanto tempo ele vai permanecer lacrado? – Andando até o monitor, ela apontou para uma marca quase imperceptível no saco transparente. – Infelizmente, isto aqui nos informa de que material o saco é feito. Consegue ler?

Com a pulsação acelerada, Langdon estreitou os olhos para ler as letras que pareciam indicar a marca de um fabricante: Solublon©.

– O maior fabricante mundial de plástico hidrossolúvel – informou a doutora.

Langdon sentiu o estômago embrulhar.

– A senhora quer dizer que esse saco está... *se dissolvendo?*

A Dra. Sinskey assentiu com um ar soturno.

– Entramos em contato com o fabricante e fomos informados de que, para nosso azar, eles produzem esse plástico em dezenas de espessuras diferentes, que podem se dissolver em intervalos que variam entre dez minutos e dez semanas, dependendo

do uso pretendido. A velocidade de degradação varia ligeiramente conforme a qualidade e a temperatura da água, mas não temos dúvida de que Zobrist estudou todos esses fatores com muito cuidado. – Ela fez uma pausa. – Achamos que esse saco vai se dissolver...

– Amanhã – interrompeu o diretor. – Foi essa a data que Zobrist marcou no meu calendário. A mesma data da placa.

Sentado no escuro, Langdon não sabia o que dizer.

– Mostre o restante a ele – falou a Dra. Sinskey.

No monitor, a imagem mudou, deslocando-se por sobre as águas iluminadas e a escuridão cavernosa. Langdon teve certeza de que aquele era o lugar ao qual o poema se referia. *A lagoa que não reflete as estrelas*.

A cena evocava imagens das visões infernais de Dante... as águas do rio Cócito a correr pelas grutas do mundo inferior.

Onde quer que estivesse situada aquela lagoa, suas águas eram delimitadas por paredes íngremes e cobertas de limo que, na opinião de Langdon, só podiam ser uma construção humana. Ele também notou que a câmera revelava apenas uma parte bem pequena de uma enorme área interna, e as fracas sombras verticais refletidas nas paredes sustentavam seu palpite. Essas sombras eram largas, tubulares e espaçadas a distâncias regulares.

Colunas, concluiu Langdon.

O teto da tal caverna era sustentado por colunas.

Aquela lagoa não ficava dentro de uma gruta, mas no interior de um enorme recinto.

Descei às profundezas do palácio afundado...

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, sua atenção foi atraída pela aparição de outra sombra na parede: uma silhueta humanoide com nariz comprido em formato de bico.

Ai, meu Deus...

A sombra então começou a falar, suas palavras abafadas, meros sussurros se propagando por sobre as águas em um ritmo poético, sinistro.

Eu sou a sua salvação. Eu sou a Sombra.

Langdon passou vários minutos assistindo ao filme mais aterrorizante que já vira. Composto pelo que eram desvarios de um gênio enlouquecido, o solilóquio de Bertrand Zobrist – declamado pela sombra do médico da peste – era repleto de referências ao *Inferno* de Dante e transmitia uma mensagem bem clara: o aumento da população humana estava fora de controle, comprometendo a própria sobrevivência da humanidade.

Na tela, a voz entoou:

Não fazer nada é o mesmo que acolher o Inferno de Dante... amontoados e famintos, chafurdando em Pecado. Por isso tive coragem de tomar uma atitude. Alguns se encolherão de horror, mas toda salvação tem seu preço. Um dia o mundo irá entender a beleza do meu sacrifício.

Langdon se encolheu quando Zobrist em pessoa surgiu na tela, sem aviso, vestido

como o médico da peste e arrancando a máscara em seguida. O professor encarou aquele rosto magro e seus olhos verdes insanos e percebeu que enfim estava diante do rosto do homem no centro daquela crise. Zobrist começou a declarar seu amor por alguém que chamava de sua inspiração.

Eu deixei o futuro em suas delicadas mãos. Meu trabalho aqui embaixo acabou. Chegou minha hora de voltar à superfície... e vislumbrar novamente as estrelas.

Ao final do vídeo, Langdon reconheceu as derradeiras palavras de Zobrist: eram uma cópia quase exata do último verso do *Inferno* de Dante.

Na penumbra da sala de reunião, entendeu que todos os momentos de medo que experimentara naquele dia haviam acabado de se cristalizar em uma única e aterrorizante realidade.

Bertrand Zobrist agora tinha um rosto... e uma voz.

As luzes da sala se acenderam e Langdon viu que todos os presentes tinham os olhos fixos nele, cheios de expectativa.

Elizabeth Sinskey se levantou, com uma expressão petrificada no rosto, e alisou com nervosismo o amuleto em seu pescoço.

– Professor, uma coisa é certa: nosso tempo é muito curto. A única boa notícia até agora é que não tivemos nenhuma ocorrência de detecção de patógeno ou relatos de doença, então estamos partindo do princípio de que o saco de Solublon continua intacto. Mas não sabemos *onde* procurar. Nosso objetivo é neutralizar a ameaça, isolando o saco antes que ele se rompa. O único jeito de fazer isso, claro, é identificar imediatamente o local que aparece no vídeo.

O agente Brüder então se levantou e encarou Langdon com firmeza.

– Supomos que o senhor tenha vindo a Veneza por ter descoberto que foi aqui que Zobrist escondeu sua peste.

Langdon correu os olhos pelo grupo ao seu redor, todos aqueles rostos contraídos de medo, torcendo por um milagre, e desejou ter notícias melhores para lhes dar.

– Estamos no país errado – anunciou. – O que vocês buscam está a mais de 1.500 quilômetros daqui.

◆ ◆ ◆

Langdon sentiu suas entranhas estremecerem por causa do forte ronco dos motores do *Mendacium*, que acelerava fazendo uma curva bem aberta e voltando em direção ao aeroporto de Veneza. A bordo, um pandemônio havia se instaurado. O diretor saíra correndo da sala, gritando ordens para a tripulação. Elizabeth Sinskey pegara o celular e telefonara para os pilotos do C-130 da OMS, ordenando-lhes que estivessem preparados para decolar do aeroporto de Veneza o mais rápido possível. O agente Brüder, por sua vez, saltara para a frente de um laptop para tentar coordenar algum tipo de equipe avançada internacional em seu destino.

A meio mundo daqui.

O diretor então voltou para a sala de reunião e se dirigiu a Brüder com um tom de urgência.

– Alguma novidade das autoridades venezianas?

Brüder fez que não.

– Nada. Eles continuam procurando, mas Sienna Brooks desapareceu.

Langdon se sobressaltou. *Eles estão procurando Sienna?*

Elizabeth Sinskey encerrou a ligação e também entrou na conversa.

– Nenhum sinal dela?

O diretor balançou a cabeça.

– Se a senhora concordar, creio que a OMS deveria autorizar o uso de força para detê-la, caso seja preciso.

Langdon se levantou com um pulo.

– Por quê?! Sienna Brooks não tem nada a ver com essa história!

Os olhos escuros do diretor se fixaram nele.

– Professor, preciso lhe contar algumas coisas sobre a Srta. Brooks.

CAPÍTULO 79

Abrindo caminho em meio à multidão de turistas na Ponte do Rialto, Sienna voltou a correr, avançando depressa no sentido oeste pelo passeio que margeava o canal, a Fondamenta Vin Castello.

Eles pegaram Robert.

Ainda podia ver os olhos desesperados do professor erguidos para ela enquanto os soldados o arrastavam pelo poço de luz abaixo, de volta para a cripta. Estava certa de que seus captores dariam um jeito de convencê-lo a revelar tudo o que havia descoberto.

Nós estamos no país errado.

Mais trágico ainda, porém, era saber que esses mesmos captores logo explicariam a Langdon toda a situação.

Eu sinto tanto, Robert.

Por tudo.

Por favor, entenda que não tive escolha.

Por mais estranho que parecesse, Sienna já estava com saudades do professor. Ali, em meio às hordas de Veneza, sentiu uma conhecida solidão se instalar em seu peito.

O sentimento não tinha nada de novo.

Sienna Brooks se sentia sozinha desde criança.

Por ter crescido com uma inteligência excepcional, havia passado toda a juventude se sentindo uma estranha em uma terra desconhecida... uma alienígena presa em um mundo solitário. Tentara fazer amigos, mas as pessoas da sua idade viviam imersas em frivolidades pelas quais ela não nutria o menor interesse. Tentara respeitar os mais velhos, mas era como se a maioria dos adultos não passasse de crianças envelhecidas, que não tinham sequer a mais básica compreensão do mundo à sua volta, ou – o que era ainda mais perturbador – qualquer curiosidade ou preocupação em relação a ele.

Eu tinha a sensação de não fazer parte de nada.

Assim, Sienna Brooks havia aprendido a ser um fantasma. Invisível. Aprendera a ser um camaleão, uma atriz, fingindo ser apenas mais um rosto em meio à multidão. Tinha certeza de que a sua paixão infantil pela arte da representação dramática vinha daquilo que se transformaria no sonho de uma vida inteira: tornar-se outra pessoa.

Uma pessoa normal.

Sua atuação em *Sonho de uma noite de verão* a ajudara a se sentir parte de alguma coisa e os atores adultos a apoiavam sem se mostrarem condescendentes. Sua alegria, porém, havia durado pouco, evaporando-se no instante em que descera do palco na noite da estreia e se vira diante de um bando de jornalistas de olhos arregalados, enquanto seus companheiros de elenco saíam discretamente pela porta dos fundos, sem que ninguém reparasse neles.

Agora eles também me odeiam.

Aos 7 anos, Sienna já havia lido o suficiente para diagnosticar em si mesma uma depressão profunda. Quando contara aos pais, eles tiveram a reação de sempre: ficaram estarrecidos diante da estranheza da filha. Mesmo assim, marcaram uma consulta para ela com um psiquiatra. O médico a enchera de perguntas que a própria Sienna já havia feito a si mesma, prescrevendo em seguida uma combinação de amitriptilina e clorodiazepóxido.

Furiosa, ela se levantou do divã do psiquiatra com um pulo.

– Amitriptilina?! – exclamou, com um tom desafiador. – Eu quero ficar mais feliz... não virar um zumbi!

O psiquiatra, justiça seja feita, permaneceu muito calmo diante daquela explosão e propôs uma alternativa.

– Sienna, se você preferir não tomar remédios, podemos tentar uma abordagem mais holística. – Ele fez uma pausa. – Parece que você está presa em um círculo vicioso no qual não para de pensar em si mesma e em como não se encaixa no mundo.

– É verdade – respondeu Sienna. – Eu tento parar, mas não consigo!

O médico abriu um sorriso tranquilo.

– É claro que não consegue. É fisicamente impossível para o cérebro humano não pensar em nada. A alma anseia por emoção e está sempre em busca de combustível, bom ou ruim, para essa emoção. O seu problema é que você está abastecendo a sua mente com o combustível errado.

Sienna nunca tinha ouvido ninguém falar sobre a mente em termos tão mecânicos, por isso logo ficou intrigada.

– E como eu faço para usar um combustível diferente?

– É preciso mudar o seu foco intelectual – disse ele. – Hoje, você pensa basicamente em si mesma. Fica se perguntando por que *você* não se enquadra... e o que há de errado com *você*.

– É verdade, mas eu estou tentando solucionar o problema. Estou tentando me enquadrar. Como vou solucionar o problema sem pensar nele?

O médico riu.

– Acho que pensar no problema... é *justamente* o problema.

A sugestão do psiquiatra foi que ela tentasse mudar o foco, afastá-lo de si mesma

e de seus próprios problemas e voltar a atenção para o mundo à sua volta... e para os problemas dele.

Foi então que tudo mudou.

Sienna começou a dedicar toda a sua energia a não sentir pena de si mesma... mas dos outros. Criou uma iniciativa filantrópica, foi distribuir sopa nos abrigos para os sem-teto e ler para os cegos. Para sua surpresa, nenhuma das pessoas que Sienna ajudava parecia reparar que ela era diferente. Ficavam apenas gratas pelo fato de alguém se importar com elas.

Ela trabalhava mais duro a cada semana e mal conseguia dormir pensando em quantas pessoas precisavam da sua ajuda.

"Sienna, pegue leve!", viviam lhe repetindo. "Você não pode salvar o mundo inteiro!"

Que coisa horrível de se dizer.

Graças ao seu trabalho voluntário, ela teve contato com vários membros de um grupo humanitário da região onde morava. Quando eles a convidaram para uma viagem de um mês às Filipinas, ela aceitou na hora.

Imaginava que fosse dar comida a pescadores ou agricultores carentes da zona rural daquele país, que, pelo que tinha lido, possuía uma beleza geológica paradisíaca, com solos oceânicos vibrantes de vida e belíssimas planícies. Assim, quando o grupo montou acampamento em meio aos aglomerados humanos da cidade de Manila, tudo o que conseguiu fazer foi ficar boquiaberta de horror. Nunca tinha visto tamanha pobreza.

Como é possível uma pessoa só fazer diferença?

Para cada indivíduo alimentado, havia centenas de outros que a fitavam com uma expressão desconsolada. Manila tinha engarrafamentos de seis horas, uma poluição sufocante e uma indústria sexual aterrorizante, cuja mão de obra era formada, sobretudo, por crianças pequenas – muitas das quais eram vendidas a cafetões por pais que encontravam consolo no fato de que, desse modo, os filhos pelo menos não morreriam de fome.

Em meio a esse caos de prostituição infantil, pedintes, batedores de carteira e coisas ainda piores, ela se viu subitamente paralisada. À sua volta, tudo o que via era a humanidade subjugada por seu instinto mais primitivo de sobrevivência. *Diante do desespero, os seres humanos se tornam animais*.

A depressão de Sienna voltou com toda a força. De repente, ela havia compreendido o que a humanidade era de fato: uma espécie à beira do colapso.

Eu me enganei, pensou. *Não posso salvar o mundo*.

Tomada por um surto frenético, Sienna saiu correndo pelas ruas da cidade, abrindo caminho em meio à multidão, derrubando as pessoas, seguindo sempre em frente à procura de um espaço aberto.

Estou sendo sufocada por carne humana!

Enquanto corria, voltou a sentir os olhos dos outros a observando. Não era mais igual às demais pessoas. Era alta, tinha a pele clara e um rabo de cavalo louro se balançava atrás de sua cabeça. Os homens a olhavam como se ela estivesse nua.

Quando suas pernas por fim perderam as forças, ela não fazia ideia de quanto havia corrido, nem de onde tinha ido parar. Secou as lágrimas, limpou a sujeira dos olhos e viu que estava no meio de uma espécie de favela – uma cidade toda feita de chapas de metal corrugado e pedaços de papelão apoiados e presos uns aos outros. O choro de bebês se fazia ouvir e o fedor de excrementos humanos impregnava o ar.

É como se eu tivesse atravessado os portões do Inferno.

– Turista – disse uma voz maldosa atrás dela. – *Magkano? – Quanto?*

Sienna se virou e viu que três rapazes se aproximavam, salivando feito lobos. Imediatamente percebeu que estava correndo perigo e tentou recuar, mas eles a encurralaram como predadores que caçam em bando.

Gritou por socorro, mas ninguém lhe deu atenção. A menos de 5 metros dali, viu uma senhora de idade sentada em um pneu, removendo a parte podre de uma cebola velha com uma faca enferrujada. A mulher nem sequer ergueu os olhos diante dos gritos de Sienna.

Quando os homens a agarraram e a arrastaram para dentro de um pequeno barraco, ela não teve nenhuma ilusão quanto ao que iria acontecer e o terror a dominou por completo. Lutou com unhas e dentes, mas os homens eram fortes e logo conseguiram imobilizá-la em cima de um colchão sujo e surrado.

Rasgaram sua blusa, arranhando-lhe a pele macia. Quando Sienna tornou a gritar, enfiaram a blusa rasgada tão fundo em sua garganta que ela achou que fosse sufocar. Então, viraram-na de bruços, empurrando seu rosto contra a cama pútrida.

Sienna Brooks sempre tivera pena das almas ignorantes capazes de acreditar em Deus em um mundo de tanto sofrimento, mas de repente se pegou rezando... do fundo de seu coração.

Meu Deus, por favor, livrai-me do mal.

Enquanto rezava, ouvia os homens rindo, zombando dela ao tirar sua calça jeans e puxá-la por suas pernas bambas com as mãos imundas. Um deles montou em suas costas, pesado e coberto de suor que ela sentiu pingar sobre a sua pele.

Eu sou virgem, pensou. *É assim que vai ser a minha primeira vez*.

De repente, o homem pulou de cima dela e as provocações e risos maldosos se transformaram em gritos de raiva e medo. O suor morno que escorria pelas suas costas... de repente se tornou pegajoso... e começou a pingar no colchão, deixando manchas vermelhas.

Quando ela se virou para ver o que estava acontecendo, deparou com a velha da cebola meio descascada com a faca enferrujada na mão, de pé junto a seu agressor,

que agora sangrava profusamente de um ferimento nas costas.

A velha fulminou os outros dois rapazes com o olhar, brandindo a faca ensanguentada no ar até os três saírem correndo.

Sem dizer nada, ajudou Sienna a catar suas roupas e se vestir.

– *Salamat* – sussurrou Sienna, aos prantos. – Obrigada.

A velha senhora cutucou a própria orelha para indicar que era surda.

Sienna uniu as palmas das mãos, fechou os olhos e inclinou a cabeça em atitude de respeito. Quando tornou a abri-los, a mulher tinha sumido.

Foi embora das Filipinas no mesmo dia, sem nem ao menos se despedir dos outros membros do grupo. Nunca falou com ninguém sobre o ocorrido. Tinha esperanças de que, se ignorasse o incidente, ele fosse deixar de existir, mas essa atitude só pareceu piorar a situação. Meses depois, ela continuava a ser assombrada por terrores noturnos e já não se sentia segura em lugar nenhum. Começou a praticar artes marciais e, apesar de ter dominado rapidamente a técnica mortal do *dim mak*, ainda se sentia ameaçada em toda parte.

A depressão voltou, dez vezes pior do que antes e, com o tempo, ela não conseguia mais dormir. Sempre que escovava os cabelos, reparava que eles caíam em grandes tufos, cada dia mais. Para seu horror, em poucas semanas já estava quase careca, tendo desenvolvido sintomas que ela própria diagnosticou como eflúvio telógeno – uma alopecia relacionada ao estresse cuja única solução era a cura do estresse em si. Toda vez que se olhava no espelho, a visão do crânio careca fazia seu coração disparar.

Estou parecendo uma velha!

Por fim, não teve alternativa senão raspar a cabeça. Pelo menos não parecia mais uma velha: só doente. Como não queria ficar com o aspecto de alguém com câncer, comprou uma peruca loura que usava presa em um rabo de cavalo. Pelo menos assim se parecia outra vez com ela mesma.

Por dentro, contudo, Sienna Brooks havia mudado.

Estou estragada.

Em uma tentativa desesperada de mudar de vida, viajou para os Estados Unidos e começou a estudar para se tornar médica. Sempre tivera uma afinidade com a medicina e torcia para que a profissão lhe trouxesse a sensação de estar sendo útil... como se estivesse fazendo pelo menos *alguma coisa* para aliviar a dor daquele mundo combalido.

Apesar da carga horária puxada, a faculdade não lhe parecera nada difícil. Enquanto os colegas estudavam, ela arrumou um emprego de atriz em tempo parcial para ganhar algum dinheiro. Com certeza não era Shakespeare, mas sua facilidade para línguas e para a memorização fez com que, em vez de parecer um trabalho, atuar fosse como um santuário onde ela podia esquecer quem era... e ser *outra*

pessoa.

Qualquer pessoa.

Ela vinha tentando escapar da própria identidade desde que aprendera a falar. Quando criança, rejeitara seu primeiro nome, Felicity, preferindo adotar o do meio, Sienna. *Felicity* significava "felicidade", "fortuna", e ela sabia que estava muito longe disso.

Afaste o foco dos seus próprios problemas, costumava lembrar a si mesma. *Concentre-se nos problemas do mundo*.

O ataque de pânico nas ruas apinhadas de Manila despertara em Sienna uma profunda preocupação com o crescimento descontrolado da população mundial. Foi nessa época que descobriu os escritos de Bertrand Zobrist, geneticista que havia proposto algumas teorias muito progressistas sobre a questão.

Esse cara é um gênio, percebera ao ler o trabalho dele. Nunca havia sentido nada por nenhum outro ser humano. Quanto mais textos de Zobrist ela lia, mais tinha a sensação de estar olhando para dentro do coração de uma alma gêmea. Seu artigo intitulado "Você não pode salvar o mundo" trouxe à memória de Sienna aquilo que todos costumavam lhe dizer quando ela era pequena... só que Zobrist defendia exatamente o contrário.

Você PODE salvar o mundo, escrevia ele. *Se não você, quem? Se não agora, quando?*

Sienna estudou com afinco as equações matemáticas de Zobrist, informando-se sobre suas previsões de uma catástrofe malthusiana e do iminente colapso da espécie. Seu intelecto adorava aquelas especulações de alto nível, mas, conforme vislumbrava o futuro à sua frente... matematicamente garantido... tão óbvio... inevitável... ela sentia seu nível de estresse aumentar.

Por que ninguém está prevendo isso?

Por mais que as ideias de Zobrist a amedrontassem, Sienna ficou obcecada por ele: assistia a vídeos com suas apresentações, lia tudo o que ele escrevia. Quando ouviu dizer que ele daria uma palestra nos Estados Unidos, soube que precisava ir vê-lo falar. E foi nessa noite que o seu mundo se transformou.

Um sorriso iluminou seu rosto, um raro instante de felicidade, quando ela se lembrou daquela noite mágica... a mesma noite que havia recordado vividamente horas antes, sentada no trem junto com Langdon e Ferris.

Chicago. A tempestade de neve.

Mês de janeiro, seis anos atrás... mas parece que foi ontem...

Estou atravessando a duras penas a neve acumulada no trecho exposto ao vento da Michigan Avenue conhecido como Magnificent Mile, com a gola do casaco levantada para me proteger da violenta nevasca. Apesar do frio, repito em minha mente que nada poderá me impedir de chegar ao meu destino. Essa noite é a

minha chance de ouvir o grande Bertrand Zobrist falar... ao vivo.

O auditório está quase vazio quando Bertrand sobe ao palco. Ele é alto... tão alto... com vibrantes olhos verdes que parecem encerrar em suas profundezas todos os mistérios do mundo.

– Para o inferno com este auditório vazio! – esbraveja. – Meu hotel fica bem aqui ao lado. Vamos para o bar!

E então ali estamos nós, um grupo pequeno sentado em volta de uma mesa reservada, ouvindo-o falar sobre genética, população e sua mais recente paixão... o transumanismo.

Enquanto a bebida rola solta, minha sensação é de estar em um encontro particular com um astro do rock. Toda vez que Zobrist olha na minha direção, seus olhos verdes despertam em mim um sentimento inesperado... o forte magnetismo da atração sexual.

É uma sensação totalmente nova para mim.

E então ficamos sozinhos.

– Queria agradecer por esta noite – digo a ele, sentindo a leve embriaguez de algumas doses a mais. – O senhor é um professor incrível.

– Nada como uma boa massagem no ego. – Zobrist sorri e chega mais perto; nossas pernas agora se tocando. – Aí está uma chave que abre qualquer porta.

A cantada é obviamente inadequada, mas naquele hotel deserto de Chicago, com a neve caindo do lado de fora, minha impressão é de que o mundo parou de girar.

– Que tal uma saideira no meu quarto? – pergunta Zobrist.

Eu gelo, sabendo que devo parecer um animal encurralado. Não sei como agir em uma situação dessas!

Os olhos de Zobrist cintilam, tórridos.

– Deixe-me adivinhar – sussurra ele. – Você nunca esteve com um homem famoso.

Sinto-me enrubescer, lutando para disfarçar uma enxurrada de emoções – vergonha, excitação, medo.

– Com toda a sinceridade – respondo –, eu nunca estive com homem nenhum.

Zobrist sorri e chega mais perto ainda.

– Não sei bem o que você estava esperando, mas, por favor, permita que eu seja o primeiro.

Então todos os constrangedores medos e frustrações sexuais da minha infância desaparecem... simplesmente evaporam no ar.

E me vejo nua em seus braços.

– Relaxe, Sienna – sussurra ele enquanto, com as mãos pacientes, arranca do meu corpo inexperiente sensações que eu nunca sequer imaginei que fossem possíveis.

Aninhada no casulo do abraço de Zobrist, sinto que tudo no mundo está em seu devido lugar, e sei que minha vida tem um propósito.

Eu encontrei o Amor.

E irei segui-lo aonde quer que vá.

CAPÍTULO 80

No convés do *Mendacium*, Langdon segurou com força a amurada de teca envernizada do iate e firmou as pernas bambas, tentando recuperar o fôlego. A brisa do mar agora estava mais fria e o rugido de jatos comerciais voando baixo lhe indicava que eles se aproximavam do aeroporto de Veneza.

Preciso lhe contar algumas coisas sobre a Srta. Brooks.

Ao seu lado, junto à amurada, o diretor e a Dra. Sinskey se mantinham alertas e em silêncio, dando-lhe alguns segundos para se recuperar. O que haviam revelado a Langdon lá embaixo o deixara tão desorientado que Elizabeth Sinskey o levara até o convés para tomar um pouco de ar.

O mar do fim de tarde era revigorante, mas não foi suficiente para clarear a mente de Langdon. Tudo o que ele conseguia fazer era fitar o rastro turvo do iate com o olhar perdido, tentando encontrar algum fio de lógica na história que acabara de ouvir.

Segundo o diretor, Sienna Brooks e Bertrand Zobrist haviam tido um longo relacionamento. Os dois agiam juntos, numa espécie de movimento clandestino, o transumanismo. O nome todo dela era Felicity Sienna Brooks, mas ela também era conhecida pelo codinome FS-2080... suas iniciais e a data de seu centésimo aniversário.

Nada disso faz sentido!

– Conheci Sienna Brooks em circunstâncias diferentes e confiava nela – dissera o diretor a Langdon. – Portanto, quando ela me procurou ano passado me pedindo que encontrasse um possível cliente muito rico, eu aceitei. Era Bertrand Zobrist. Ele me contratou para lhe providenciar um lugar seguro onde pudesse trabalhar em segredo na criação de sua "obra-prima". Imaginei que estivesse desenvolvendo uma nova teconologia que não queria que ninguém copiasse, ou talvez realizando alguma pesquisa genética inovadora que contrariasse os regulamentos éticos da OMS. Não fiz perguntas, mas, acredite, nunca imaginei que ele estivesse criando... uma peste.

Atônito, Langdon conseguiu apenas assentir com uma expressão vazia.

– Como era fanático por Dante – prosseguiu o diretor –, Zobrist escolheu a cidade de Florença como refúgio. Assim, minha organização providenciou tudo de que ele precisava: um laboratório discreto com alojamentos, várias identidades falsas e meios de comunicação seguros, além de um assistente particular que cuidava de tudo, desde sua segurança pessoal até a compra de mantimentos. Zobrist nunca

usava os próprios cartões de crédito nem aparecia em público, por isso era impossível rastreá-lo. Chegamos até a lhe fornecer disfarces e documentos alternativos para que pudesse viajar incógnito. – Ele fez uma pausa. – E parece que ele fez isso quando foi depositar o saco de Solublon no local do vídeo.

A Dra. Sinskey bufou, sem se dar o trabalho de ocultar sua frustração.

– A OMS vinha tentando localizá-lo desde o ano passado, mas ele parecia ter sumido do mapa.

– Estava se escondendo até de Sienna – informou o diretor.

– Como assim? – Langdon ergueu os olhos e pigarreou, tentando desfazer o nó em sua garganta. – Pensei que tivesse dito que eles tinham um caso.

– E tinham, mas Zobrist cortou laços com ela de repente, assim que passou a viver na clandestinidade. Embora tenha sido Sienna quem o indicou para nós, meu acordo era com o próprio Zobrist. Parte do combinado era que, quando ele sumisse, seria para o mundo inteiro, até para ela. Parece que, depois de se esconder, ele lhe enviou uma carta de despedida dizendo que estava muito doente, que só tinha mais um ano de vida ou algo assim, e que não queria que ela visse sua saúde se deteriorar.

Zobrist abandonou Sienna?

– Ela me procurou em busca de informações, mas não atendi as suas ligações – acrescentou o diretor. – Tinha que respeitar os desejos do meu cliente.

– Há duas semanas – prosseguiu a Dra. Sinskey –, Zobrist entrou em um banco de Florença e alugou um cofre particular anonimamente. Depois que ele saiu, o pessoal responsável pela nossa lista de observação foi avisado de que o novo software de reconhecimento facial do banco identificara o homem disfarçado como Bertrand Zobrist. Minha equipe foi de avião a Florença e levou uma semana para localizar o tal cofre. Estava vazio, mas lá dentro encontramos indícios de que ele tinha criado alguma espécie de patógeno altamente contagioso e o escondido em algum outro lugar.

Ela fez uma breve pausa.

– Estávamos desesperados para encontrá-lo. Na manhã seguinte, antes de o sol nascer, ele foi visto caminhando à beira do Arno e na mesma hora começamos a persegui-lo. Foi então que Zobrist fugiu para o alto da torre da Badia e se matou, pulando lá de cima.

– Talvez esse fosse o seu plano desde o início – atalhou o diretor. – Estava convencido de que não tinha muito tempo de vida.

– Na verdade, acabamos descobrindo que Sienna também estava atrás dele – prosseguiu a doutora. – De alguma forma, ela descobriu que tínhamos nos deslocado para Florença e passou a acompanhar nossos movimentos, pensando que talvez nós o tivéssemos encontrado. Infelizmente, chegou bem a tempo de ver Zobrist pular. – Ela deu um suspiro. – Imagino que tenha sido um grande trauma para ela ver o namorado

e mentor se jogar para a morte.

Langdon sentiu um embrulho no estômago; mal conseguia compreender o que estava ouvindo. A única pessoa em quem confiava naquela história toda era Sienna, e agora Elizabeth Sinskey e o diretor lhe diziam que ela não era quem dizia ser? Eles podiam falar o que quisessem, mas Langdon não conseguia acreditar que Sienna compactuasse com o desejo de Zobrist de disseminar uma peste.

Ou estaria enganado?

Você mataria metade da população hoje para salvar nossa espécie da extinção?, ela lhe perguntara.

Langdon sentiu um calafrio.

– Depois que Zobrist morreu – explicou a doutora –, usei minha influência para obrigar o banco a abrir o tal cofre particular, que, por ironia, continha uma carta para mim... e um dispositivo estranho.

– O projetor – arriscou Langdon.

– Exatamente. A carta dizia que ele queria que eu fosse a primeira a visitar o marco zero, que ninguém jamais o encontraria a menos que seguisse o seu *Mapa do Inferno*.

Langdon visualizou em sua mente o quadro adulterado de Botticelli projetado pelo pequeno aparelho.

– Zobrist tinha me incumbido de entregar à Dra. Sinskey o conteúdo do cofre, mas só *depois* da data marcada; amanhã de manhã – acrescentou o diretor. – Como ela conseguiu acesso ao cofre antes disso, nós entramos em pânico e começamos a agir para tentar recuperar o projetor e a carta, conforme os desejos de nosso cliente.

A Dra. Sinskey olhou para Langdon.

– Eu não tinha grandes esperanças de entender o mapa a tempo, por isso convoquei o senhor para me ajudar. Consegue se lembrar de algumas dessas coisas agora?

Langdon fez que não com a cabeça.

– Nós o levamos discretamente até Florença de avião, onde o senhor tinha marcado um encontro com alguém que acreditava que poderia nos ajudar.

Ignazio Busoni.

– Foi se encontrar com essa pessoa ontem à noite e depois sumiu – concluiu. – Pensamos que alguma coisa tivesse acontecido com o senhor.

– E alguma coisa *de fato* lhe aconteceu – falou o diretor. – Numa tentativa de recuperar o projetor, mandamos uma agente minha segui-lo desde o aeroporto. Vayentha o perdeu de vista em algum lugar perto da Piazza della Signoria. – Ele fez uma cara feia. – Foi um erro grave. E ela teve a audácia de pôr a culpa em um pássaro.

– Como assim?

– O arrulhar de uma pomba. Segundo Vayentha, ela estava em uma posição perfeita, observando o senhor de dentro de um nicho escuro, quando um grupo de turistas passou. De repente, uma pomba arrulhou alto no caixilho de uma janela bem em cima dela, fazendo os turistas pararem e impedirem-na de sair. Quando finalmente conseguiu voltar ao beco, o senhor já tinha sumido. – Ele balançou a cabeça, contrariado. – Enfim, ela demorou horas para reencontrá-lo. Quando conseguiu, o senhor já estava acompanhado por outro homem.

Ignazio, pensou Langdon. *Devíamos estar saindo do Palazzo Vecchio com a máscara*.

– Ela conseguiu segui-los em direção à Piazza della Signoria, mas parece que vocês a viram e decidiram fugir em direções diferentes.

Faz sentido, pensou Langdon. *Ignazio fugiu com a máscara e a escondeu no batistério antes de ter um infarto.*

– Foi então que Vayentha cometeu um erro terrível – disse o diretor.

– Deu um tiro na minha cabeça?

– Não. Decidiu abordá-lo cedo demais. Ela o trouxe para ser interrogado antes de o senhor de fato saber alguma coisa. Precisávamos descobrir se tinha conseguido decifrar o mapa ou se havia revelado à Dra. Sinskey o que ela precisava saber. Mas o senhor se recusou a falar. Disse que preferiria morrer.

Eu estava à procura de uma peste mortal! Devo ter achado que vocês eram mercenários tentando obter uma arma biológica!

Foi então que os enormes motores do iate se reverteram, diminuindo a velocidade da embarcação que se aproximava da plataforma de atracamento do aeroporto. Ao longe, Langdon pôde ver a fuselagem discreta de um avião de transporte C-130 sendo reabastecido. No corpo da aeronave estava escrito: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE.

Brüder apareceu neste exato momento, com uma expressão sombria.

– Acabei de saber que a única equipe de intervenção qualificada a menos de cinco horas do local somos *nós*... ou seja, estamos sozinhos nessa.

A Dra. Sinskey ficou abatida.

– E a coordenação com as autoridades locais?

Brüder adotou uma expressão de cautela.

– É cedo demais. Pelo menos essa é a minha recomendação. Ainda não temos uma localização precisa, portanto não há nada que eles possam fazer. Além disso, uma operação de contenção está muito além da capacidade das autoridades locais e corremos um risco real de que, em vez de ajudar, elas acabem causando mais danos.

– *Primum non nocere* – sussurrou a doutora com um meneio de cabeça, recitando o preceito fundamental da ética médica: *Em primeiro lugar, não causar danos*.

– Para completar, ainda não tivemos nenhuma notícia sobre Sienna Brooks – disse Brüder. Ele olhou para o diretor. – O senhor sabe se ela conhece alguém em Veneza

que possa ajudá-la?

– Isso não me espantaria – respondeu o diretor. – Zobrist tinha discípulos por toda parte e, se bem conheço Sienna, ela vai se valer de todos os recursos disponíveis para conseguir o que quer.

– Vocês não podem deixá-la sair de Veneza – falou a Dra. Sinskey. – Não temos a menor ideia da condição atual do saco de Solublon. Se alguém o encontrar, a esta altura bastaria um simples toque para o plástico estourar e contaminar a água.

Houve alguns instantes de silêncio enquanto eles assimilavam a gravidade da situação.

– Infelizmente, acho que tenho mais notícias ruins – disse Langdon. – O *mouseion* dourado de santo saber. – Ele fez uma pausa. – Sienna sabe onde ele fica. Ela *sabe* para onde estamos indo.

– O quê?! – a voz da doutora se alterou, alarmada. – Pensei que o senhor tivesse falado que não teve oportunidade de dizer a ela o que havia descoberto! Apenas que estavam no país errado!

– E é verdade – respondeu Langdon. – Mas ela sabia que estávamos procurando o túmulo de Enrico Dandolo. Basta uma busca rápida na internet para descobrir a sua localização. E, quando ela encontrar esse túmulo, o recipiente solúvel não pode estar muito longe. O poema dizia para seguir o som da água correndo até o palácio afundado.

– Que droga! – explodiu Brüder antes de se retirar, pisando firme.

– Ela nunca vai conseguir chegar lá antes de nós – disse o diretor. – Estamos em vantagem.

Elizabeth Sinskey suspirou.

– Eu não teria tanta certeza. Nosso transporte é lento e Sienna Brooks parece ser muito engenhosa.

Enquanto o *Mendacium* atracava, Langdon se pegou olhando nervoso para o pesado C-130 na pista. O avião mal parecia capaz de voar e não tinha janelas. *Eu já voei nesse troço?* Não se lembrava de nada.

Não sabia se por causa do movimento do iate atracando ou de suas crescentes reservas em relação à aeronave claustrofóbica, foi subitamente acometido por uma onda de náusea.

Virou-se para a Dra. Sinskey.

– Acho que não estou me sentindo bem para voar.

– O senhor está bem – afirmou ela. – Passou por muita coisa hoje e é claro que seu organismo ainda não eliminou as toxinas...

– *Toxinas?* – Langdon deu um passo cambaleante para trás. – Que história é essa?

A doutora desviou o olhar. Era óbvio que tinha revelado mais do que pretendia.

– Professor, eu sinto muito. Infelizmente acabei de ser informada de que o seu

estado de saúde é um pouco mais complicado do que um simples ferimento na cabeça.

Langdon sentiu uma pontada de medo ao se lembrar da mancha escura na pele do peito de Ferris quando o homem havia desabado dentro da basílica.

– O que eu tenho? – exigiu saber.

A doutora hesitou, como se não soubesse muito bem como prosseguir.

– Primeiro, vamos embarcar no avião.

CAPÍTULO 81

Situado bem ao lado da espetacular igreja dos Frari, o Ateliê Pietro Longhi sempre fora um dos principais fornecedores venezianos de fantasias, perucas e acessórios de época. Sua lista de clientes incluía estúdios de cinema e companhias de teatro, bem como pessoas influentes que confiavam na experiência de seus funcionários para vesti-las para os bailes mais extravagantes do Carnevale.

O vendedor estava quase encerrando o expediente e fechando a loja quando a sineta da porta retiniu bem alto. Ao erguer os olhos, viu uma mulher bonita de rabo de cavalo louro entrar esbaforida. Estava ofegante, como se houvesse corrido muitos quilômetros. Aproximou-se depressa do balcão, seus olhos castanhos frenéticos e desesperados.

– Quero falar com Giorgio Venci – disse ela, sem ar.

E quem não quer?, pensou o vendedor. *Mas ninguém nunca vê o mago*.

Giorgio Venci – o principal artista do ateliê – só atuava por trás dos panos e, nas poucas ocasiões em que falava com os clientes, era sempre com hora marcada. Por ser muito rico e influente, era autorizado a ter determinadas excentricidades, como aquela paixão pela vida solitária. Jantava sempre sozinho, só viajava de avião particular e vivia reclamando do número cada vez maior de turistas em Veneza. Não era um homem que apreciasse companhia.

– Sinto muito – respondeu o vendedor com um sorriso ensaiado. – Infelizmente o *Signor* Venci não está. Quem sabe não posso ajudá-la?

– Giorgio está, sim – declarou a mulher. – O apartamento dele fica em cima da loja. Vi que a luz está acesa. Sou amiga dele. É urgente.

A mulher irradiava uma intensidade ardente. *Ela disse "amiga"?*

– E quem devo anunciar?

A mulher pegou um pedaço de papel no balcão e rabiscou uma série de letras e números.

– Mostre isto aqui a ele – falou, entregando o papel ao vendedor. – E, por favor, seja rápido. Não tenho muito tempo.

Hesitante, o vendedor levou o papel até o andar de cima e o pousou sobre a comprida mesa de trabalho, sobre a qual Giorgio estava curvado, concentrado, junto à máquina de costura.

– *Signor* – sussurrou o vendedor. – Uma moça está aqui para vê-lo. Ela disse que é urgente.

Sem interromper o serviço nem erguer os olhos, o homem estendeu uma das mãos e pegou o papel para ler o que estava escrito.

O barulho da máquina de costura cessou.

– Mande-a subir agora mesmo – ordenou Giorgio enquanto picava o papel em minúsculos pedacinhos.

CAPÍTULO 82

O grande avião de transporte C-130 continuava a subir, descrevendo uma curva para o sudeste, rugindo sobre o Adriático. A bordo, Robert Langdon sentia-se ao mesmo tempo confinado e à deriva – oprimido pela ausência de janelas da aeronave e perplexo com todas as perguntas sem resposta que rodopiavam em sua mente.

O seu estado de saúde, dissera-lhe Elizabeth Sinskey, *é um pouco mais complicado do que um simples ferimento na cabeça.*

A pulsação de Langdon se acelerou ao pensar no que ela talvez fosse lhe revelar, mas naquele momento a doutora estava ocupada discutindo estratégias de contenção com a equipe de SMI. Ali perto, ao telefone, Brüder falava com agências do governo sobre Sienna Brooks, mantendo-se informado acerca de todas as tentativas de localizá-la.

Sienna...

Langdon ainda tentava processar a informação de que ela estava envolvida até o pescoço naquela situação. Quando o avião enfim se estabilizou, o pequeno homem que se autointitulava diretor atravessou a cabine e foi se sentar à sua frente. Fez um triângulo com os dedos sob o queixo e franziu os lábios.

– A Dra. Sinskey me pediu que o informasse... que tentasse esclarecer um pouco mais a sua situação.

Langdon duvidava que aquele homem pudesse dizer algo capaz de lançar o mínimo de luz que fosse sobre aquela confusão.

– Como comecei a explicar mais cedo – falou o diretor –, boa parte do que está acontecendo começou depois que uma agente minha, Vayentha, trouxe o senhor para ser interrogado antes da hora. Não sabíamos que progresso já tinha feito para a Dra. Sinskey nem até que ponto havia compartilhado suas informações com ela. Mas temíamos que, se ela descobrisse a localização do projeto que nosso cliente havia nos contratado para proteger, fosse confiscar ou destruir o material. Tínhamos que encontrá-lo antes dela, por isso precisávamos que o senhor trabalhasse para *nós*... e não para a Dra. Sinskey. – Ele se deteve, batendo as pontas dos dedos umas nas outras. – Infelizmente, como já havíamos colocado as cartas na mesa, o senhor com certeza não confiava em nós.

– Então vocês me deram um tiro na cabeça? – perguntou Langdon, irritado.

– Bolamos um plano para fazer o senhor *confiar* em nós.

Langdon se sentiu perdido.

– Como é possível *fazer* alguém confiar em você... depois de ter sequestrado e interrogado essa pessoa?

O homem se remexeu, subitamente desconfortável.

– Professor, o senhor já ouviu falar em uma família de substâncias conhecidas como benzodiazepinas?

Langdon fez que não com a cabeça.

– É uma nova linha de fármacos usada, entre outras coisas, para tratar o estresse pós-traumático. Como deve saber, quando alguém passa por uma experiência terrível, como um acidente de carro ou uma agressão sexual, as memórias de longo prazo do ocorrido podem ter um efeito debilitante permanente. Com o uso das benzodiazepinas, os neurocientistas conseguem tratar o estresse pós-traumático antes mesmo de ele se instalar.

Langdon ouvia em silêncio, incapaz de imaginar o rumo que aquela conversa poderia tomar.

– Quando as lembranças novas se formam – prosseguiu o diretor –, os acontecimentos ficam armazenados na memória de curto prazo durante cerca de 48 horas antes de migrarem para a memória de longo prazo. Usando novas combinações de benzodiazepinas, é perfeitamente possível *atualizar* a memória de curto prazo... apagando seu conteúdo antes de as lembranças recentes migrarem e se transformarem em memórias de longo prazo. Por exemplo, se uma vítima de agressão for medicada com uma substância dessa família poucas horas depois do ocorrido, as lembranças podem ser eliminadas para sempre e o trauma jamais fará parte da sua psique. A única desvantagem é que vários dias da vida dela também serão apagados de sua memória.

Langdon o encarava com uma expressão incrédula.

– Vocês *provocaram* a minha amnésia!

O diretor deixou escapar um suspiro, como se pedisse desculpas.

– Infelizmente, sim. Usamos substâncias químicas para induzi-la. Um procedimento muito seguro. Mas, é verdade, sua memória de curto prazo foi apagada. – Ele fez uma pausa. – Enquanto estava desacordado, o senhor ficou balbuciando algo sobre uma peste e imaginamos que fosse apenas por ter visto as imagens do projetor. Nem nos passou pela cabeça que Zobrist tivesse criado uma peste de verdade. – Ele se calou por mais alguns instantes. – O senhor também não parava de balbuciar uma expressão que nos pareceu ser *Very sorry*. *Very sorry*.

Vasari. Àquela altura, isso devia ser a única coisa que Langdon havia compreendido em relação ao projetor. *Cerca trova*.

– Mas... Achei que a amnésia tivesse sido causada pelo ferimento à bala. Alguém me baleou.

O diretor fez que não com a cabeça.

– Ninguém o baleou, professor. O senhor não sofreu nenhum ferimento na cabeça.

– O quê?! – Por instinto, os dedos de Langdon foram até os pontos e o inchaço na parte de trás de seu crânio. – Então que porcaria é esta aqui?! – Ele levantou os cabelos para expor a parte raspada.

– Faz parte da farsa. Fizemos uma pequena incisão no seu couro cabeludo e imediatamente a fechamos com pontos. O senhor precisava acreditar que tinha sido atacado.

Isso na minha cabeça não é um ferimento à bala?!

– Quando acordasse – prosseguiu o diretor –, queríamos que o senhor acreditasse que havia pessoas querendo matá-lo... que estava correndo perigo.

– Mas *havia* pessoas tentando me matar!– gritou Langdon, sua fúria repentina atraindo olhares dos outros passageiros do avião. – Vi um médico ser morto a sangue-frio no hospital, o Dr. Marconi!

– Isso foi o que o senhor *viu* – insistiu o diretor, com um tom de voz impassível –, não o que de fato aconteceu. Vayentha estava trabalhando para mim. Ela tem uma habilidade incrível para esse tipo de trabalho.

– Matar pessoas? – perguntou Langdon.

– Não – respondeu o diretor, mantendo a calma. – *Fingir* que está matando pessoas.

Langdon passou um bom tempo encarando o outro homem enquanto visualizava o médico de barba grisalha e sobrancelhas fartas caído no chão com sangue esguichando do peito.

– A arma de Vayentha estava carregada com balas de festim – explicou o diretor. – Os tiros acionaram um estopim controlado por rádio que fez explodir um saco de sangue preso ao peito do Dr. Marconi. A propósito, ele está bem.

Langdon fechou os olhos, aturdido com o que ouvia.

– Mas... e o quarto do hospital?

– Um cenário improvisado às pressas – respondeu o diretor. – Professor, sei que isso tudo é muito difícil de processar. Estávamos correndo contra o tempo e o senhor estava grogue, então nada precisava ser perfeito. Quando acordou, viu o que queríamos que visse: objetos hospitalares cenográficos, uns poucos atores e uma agressão coreografada.

Langdon não conseguia acreditar.

– É isso que a minha empresa faz – disse o diretor. – Somos muito bons em criar ilusões.

– E Sienna? – indagou Langdon, esfregando os olhos.

– Precisei tomar uma decisão rápida e resolvi me aliar a ela. Minha prioridade era proteger o projeto do meu cliente da Dra. Sinskey, algo que tanto eu quanto Sienna

desejávamos. Para conquistar a sua confiança, Sienna o salvou da assassina e o ajudou a fugir por um beco nos fundos do hospital. O táxi que estava parado na rua também era nosso, com um segundo estopim controlado por rádio no para-brisa traseiro para criar um último efeito durante a sua fuga. O táxi levou vocês para um apartamento que havíamos montado às pressas.

O modesto apartamento de Sienna, pensou Langdon, entendendo por que ele parecia todo mobiliado com artigos de segunda mão. Isso também explicava a feliz coincidência de o "vizinho" dela ter roupas exatamente do seu tamanho.

Tudo não passara de uma grande encenação.

Até o telefonema desesperado da amiga de Sienna no hospital tinha sido falso. *Sienna, é Danikova!*

– Quando o senhor telefonou para o consulado dos Estados Unidos, ligou para um número que Sienna lhe deu – falou o diretor. – O telefone que tocou fica a bordo do *Mendacium*.

– Nunca cheguei a falar com o consulado...

– Não, nunca.

Não saia daí, dissera-lhe o falso funcionário. *Alguém irá buscá-lo agora mesmo*. Então, quando Vayentha apareceu, Sienna convenientemente a vira do outro lado da rua e ligara os pontos. *Robert, o seu próprio governo está tentando matá-lo! Não pode envolver nenhuma autoridade nessa história! Sua única esperança é descobrir o que significa aquele projetor.*

O diretor e sua misteriosa organização – fosse ela qual fosse – tinham reprogramado Langdon de forma muito eficaz, fazendo-o parar de trabalhar para a Dra. Sinskey e começar a trabalhar para eles. A farsa tinha sido um sucesso.

Sienna me enganou feito um patinho, pensou, sentindo mais tristeza do que raiva. Durante o curto tempo que haviam passado juntos, tinha se afeiçoado a ela. Para Langdon, o mais perturbador de tudo era o inquietante mistério de como uma pessoa tão inteligente e afetuosa quanto Sienna pudesse ser capaz de abraçar de corpo e alma a solução insana de Zobrist para o problema da superpopulação.

Posso lhe afirmar sem sombra de dúvida, dissera-lhe Sienna mais cedo, *que, se não houver alguma mudança drástica, o fim da nossa raça está próximo... A matemática é irrefutável*.

– E as matérias de jornal sobre Sienna? – indagou Langdon, lembrando-se do programa da peça de Shakespeare e dos artigos sobre seu QI excepcionalmente alto.

– Eram autênticas – respondeu o diretor. – As melhores ilusões são aquelas que contêm o maior número possível de elementos reais. Nosso tempo era curto, então o computador de Sienna e seus arquivos pessoais reais eram quase tudo que tínhamos à disposição. Na verdade, nem era para o senhor ter visto nada daquilo, a menos que começasse a duvidar da autenticidade dela.

– Tampouco deveria ter usado seu computador – disse Langdon.

– Sim. Foi por isso que perdemos o controle. Como Sienna não imaginava que a equipe de SMI de Elizabeth Sinskey fosse capaz de encontrar o apartamento, entrou em pânico e teve que improvisar. Na esperança de manter a farsa, fugiu de scooter com o senhor na garupa. Quando a missão foi por água abaixo, não tive alternativa senão desvincular Vayentha, embora depois ela tenha quebrado o protocolo e ido atrás de vocês mesmo assim.

– Ela quase me matou – disse Langdon, contando ao diretor o confronto no sótão do Palazzo Vecchio, quando Vayentha havia empunhado a arma e apontado para seu peito.

Só vai doer por um instante... mas você não me deixa alternativa. Então Sienna correra e a empurrara por cima da balaustrada, fazendo Vayentha mergulhar para a morte.

O diretor suspirou, refletindo sobre o que Langdon acabara de lhe contar.

– Duvido que Vayentha tenha tentando matá-lo... a arma dela só disparava tiros de festim. Àquela altura, sua única chance de redenção era capturá-lo. Deve ter achado que, se lhe desse um tiro de festim, o faria entender que afinal não era uma assassina e que o senhor estava vivendo uma farsa.

O diretor ficou calado por alguns instantes, pensativo, antes de prosseguir:

– Será que Sienna realmente queria matar Vayentha ou estava apenas tentando desviar o tiro? Não me atrevo a arriscar um palpite. Estou começando a perceber que não conheco Sienna Brooks tão bem quanto pensava.

Nem eu, pensou Langdon, mas, quando se lembrou da expressão de choque e remorso no rosto dela, teve a sensação de que o que ela fizera com a agente de cabelos espetados tinha sido um erro.

Langdon se sentia desnorteado... e completamente sozinho. Virou-se para onde deveria haver uma janela, ansiando olhar para o mundo lá embaixo, mas tudo o que viu foi a fuselagem da aeronave.

Preciso sair daqui.

– O senhor está bem? – indagou o diretor, encarando-o com um olhar preocupado.

– Não – respondeu Langdon. – Nem um pouco.

* * *

Ele vai sobreviver, pensou o diretor. *Só está tentando processar a nova realidade*.

O professor americano parecia ter sido arrebatado por um tufão, girado de um lado para outro e depois largado em uma terra desconhecida, aturdido.

Os alvos das atividades do Consórcio raramente desvendavam a realidade por trás das encenações que presenciavam e, quando isso acontecia, o diretor nunca estava

presente para ver as consequências. Desta vez, no entanto, além da culpa que sentia ao testemunhar em primeira mão a perplexidade de Langdon, ele também carregava nos ombros um avassalador senso de responsabilidade por aquela crise.

Aceitei o cliente errado. Bertrand Zobrist.

Confiei na pessoa errada. Sienna Brooks.

Agora, o diretor voava para o olho do furacão – o epicentro do que poderia muito bem ser uma peste mortal, com potencial para instaurar o caos no mundo inteiro. Se saísse vivo daquela situação, desconfiava que o seu Consórcio não fosse resistir às suas devastadoras consequências. Os inquéritos e acusações seriam infindáveis.

Será este o meu fim?

CAPÍTULO 83

Preciso de ar, pensou Robert Langdon. *De uma vista... qualquer coisa.*

A fuselagem sem janelas parecia se fechar ao seu redor. É claro que o estranho relato do que realmente lhe acontecera naquele dia não estava ajudando em nada. Seu cérebro latejava com tantas perguntas sem resposta... a maioria relacionada a Sienna.

Por mais estranho que parecesse, sentia falta dela.

Ela estava atuando, lembrou. *Estava me usando.*

Sem dizer nada, ele se afastou do diretor e da Dra. Sinskey e foi até a frente do avião. A porta do cockpit estava aberta e a luz natural que entrava por ali o atraiu feito um farol. Em pé no vão da porta, sem que os pilotos o notassem, deixou que a luz do sol aquecesse seu rosto. O espaço aberto à sua frente era como uma bênção. O céu azul e límpido lhe parecia muito tranquilo... imutável.

Nada é imutável, disse a si mesmo, ainda se esforçando para aceitar a catástrofe em potencial que eles estavam enfrentando.

– Professor? – chamou alguém atrás dele em voz baixa, e Langdon se virou.

De tão espantado, chegou a dar um passo para trás. À sua frente estava o Dr. Ferris. A última vez que o vira, o homem estava se contorcendo no chão da Basílica de São Marcos, sem conseguir respirar. Agora, estava dentro do avião, encostado na divisória, com um boné de beisebol na cabeça e o rosto todo cor-de-rosa e pastoso, coberto de Caladryl. Tinha o peito e o tronco envoltos em ataduras e respirava com dificuldade. Se Ferris estivesse mesmo com a peste, ninguém parecia muito preocupado que fosse transmiti-la.

– O senhor está... *vivo?* – perguntou Langdon, sem tirar os olhos dele.

Ferris assentiu, parecendo cansado.

– Mais ou menos. – Sua postura havia mudado radicalmente: ele agora estava bem mais relaxado.

– Mas eu achei... – Langdon não terminou a frase. – Na verdade, já não sei muito bem o que pensar.

Ferris lhe abriu um sorriso compreensivo.

– O senhor escutou várias mentiras hoje. Achei que deveria vir pedir desculpas. Como já deve ter adivinhado, eu não trabalho para a OMS nem fui recrutá-lo em Cambridge.

Langdon assentiu, tão esgotado que não conseguia se espantar com mais nada.

– O senhor trabalha para o diretor.

– Isso. Ele me enviou para dar suporte emergencial ao senhor e Sienna... e ajudá-los a escapar da equipe de SMI.

– Nesse caso, parece que executou seu trabalho com perfeição – disse Langdon, lembrando-se de como Ferris havia aparecido no batistério, convencendo-o de que trabalhava na OMS, e, em seguida, auxiliado Sienna e ele a saírem de Florença e fugirem da equipe de Elizabeth Sinskey. – O senhor não é médico, claro.

O homem balançou a cabeça.

– Não, mas hoje interpretei esse papel. Meu trabalho era ajudar Sienna a manter a farsa até o senhor descobrir para onde o projetor apontava. O diretor estava determinado a encontrar a criação de Zobrist para protegê-la da Dra. Sinskey.

– O senhor não imaginava que fosse uma peste? – indagou Langdon, ainda curioso em relação às estranhas erupções e à hemorragia interna de Ferris.

– É claro que não! Quando o senhor mencionou a peste, pensei que fosse apenas uma história que Sienna tivesse lhe contado para mantê-lo motivado. Então entrei no jogo. Pegamos o trem para Veneza... e foi aí que tudo mudou.

– Como assim?

– O diretor assistiu ao vídeo bizarro de Zobrist.

Isso explica tudo.

– E então percebeu que Zobrist era louco.

– Exatamente. Foi aí que ele entendeu no que o Consórcio havia se metido e ficou horrorizado. Na mesma hora exigiu falar com a pessoa que mais conhecia Zobrist, FS-2080, para ver se ela sabia o que ele tinha feito.

– FS-2080?

– Perdão, Sienna Brooks. Esse foi o codinome que ela escolheu para a operação. Parece que tem algo a ver com os transumanistas. E o único jeito de o diretor entrar em contato com Sienna era por meu intermédio.

– A ligação no trem – disse Langdon. – A sua "mãe doente".

– Bem, é claro que eu não podia atender a ligação do diretor na sua frente, então saí da cabine. Ele me contou sobre o vídeo e eu também fiquei apavorado. Ele esperava que Sienna tivesse sido enganada, mas, quando contei que o senhor e ela estavam falando sobre pestes e não pareciam ter nenhuma intenção de interromper a missão, o diretor concluiu que Sienna e Zobrist estavam juntos nisso. De uma hora para outra, ela virou uma adversária. Ele ordenou que eu o mantivesse informado sobre a nossa posição em Veneza... e disse que iria mandar uma equipe para capturá-la. O agente Brüder e seus homens quase a pegaram na Basílica de São Marcos, mas ela conseguiu escapar.

Langdon fitava o chão com um olhar perdido. Ainda podia ver os belos olhos castanhos de Sienna o encarando do alto do poço antes de ela fugir.

Eu sinto muito, Robert. Por tudo.

– Ela não é fácil – comentou Ferris. – Acho que o senhor não viu quando ela me atacou na basílica.

– Atacou?

– É. Quando os soldados apareceram, eu estava prestes a gritar para revelar onde Sienna estava, mas ela deve ter percebido. Foi então que aplicou um golpe com a base da mão bem no meio do meu peito.

– O quê?!

– Na hora, nem entendi o que havia me atingido. Ela deve ter usado algum golpe de artes marciais. Como eu já estava com um hematoma grave no peito, a dor foi insuportável. Precisei de cinco minutos para recuperar o fôlego. E Sienna arrastou o senhor para a sacada antes que alguma testemunha pudesse revelar o que ela fizera.

Atônito, Langdon se lembrou da senhora italiana que havia gritado para Sienna – *L'hai colpito al petto!* – e levado com força o punho cerrado contra o próprio peito.

Não!, retrucara Sienna. *Ressuscitação cardiopulmonar vai matá-lo! Olhe só para o peito dele!*

Ao repassar a cena em sua mente, Langdon percebeu como Sienna Brooks havia pensado depressa. Tivera a presença de espírito de traduzir errado o italiano da senhora. *L'hai colpito al petto* não era uma sugestão para que Sienna fizesse compressões no peito de Ferris... era uma acusação furiosa: *Você deu um soco no peito dele!*

No calor do momento, Langdon nem percebera.

Ferris lhe deu um sorriso sem graça.

– O senhor já deve ter ouvido falar que Sienna Brooks é muito inteligente.

Ele assentiu. *É, já ouvi falar*.

– Os homens de Elizabeth Sinskey me trouxeram de volta para o *Mendacium* e trataram das minhas lesões. O diretor pediu que eu os acompanhasse para dar suporte de inteligência, porque era a única pessoa, com exceção do senhor, que havia estado com Sienna hoje.

Langdon tornou a assentir. Estava distraído com a irritação na pele de Ferris.

– Mas e o seu rosto? – indagou. – E o hematoma no seu peito? Não é...

– A peste? – Ferris riu e fez que não com a cabeça. – Não sei se o senhor já percebeu, mas, na verdade, hoje eu interpretei *dois* médicos.

– Como assim?

– Depois que apareci no batistério, o senhor achou que eu lhe parecia vagamente familiar.

– É verdade. Acho que eram os olhos. O senhor me disse que era porque tinha ido me recrutar em Cambridge... – Langdon se deteve. – Mas agora sei que isso é mentira...

– Eu lhe parecia familiar porque nós já tínhamos nos encontrado. Só que não em Cambridge. – Os olhos do outro homem sondaram os de Langdon em busca de alguma indicação de reconhecimento. – Na verdade, fui a primeira pessoa que o senhor viu ao acordar hoje de manhã no hospital.

Langdon visualizou o deprimente quarto hospitalar. Estava zonzo e com a visão comprometida na hora, mas estava seguro de que a primeira pessoa que vira ao acordar fora um médico pálido, mais velho, de sobrancelhas grossas e barba desgrenhada e grisalha, que só falava italiano.

– Não – disse ele. – A primeira pessoa que vi foi o Dr. Marconi...

– *Scusi, professore* – interrompeu Ferris em um italiano impecável. – *Ma non si recorda di me?* – Ele curvou as costas como se fosse mais velho, alisou fartas sobrancelhas imaginárias e cofiou uma barba grisalha invisível. – *Sono il dottor Marconi*.

Langdon ficou de queixo caído.

– O Dr. Marconi... era *o senhor?*

– Foi por isso que os meus olhos lhe pareceram familiares. Eu nunca tinha usado barba nem sobrancelhas postiças e só percebi tarde demais que era gravemente alérgico à cola, um adesivo à base de látex, que deixou minha pele em carne viva. O senhor deve ter ficado horrorizado quando me viu... levando em conta que estava atento à possível eclosão de uma peste.

Langdon se limitou a encará-lo, lembrando como o Dr. Marconi havia coçado a barba antes de ficar estendido no chão do hospital, com o peito sangrando, após ser atacado por Vayentha.

– Para piorar – continuou Ferris, indicando as ataduras em volta do peito –, meu estopim saiu do lugar quando a operação já havia começado. Não consegui ajeitá-lo a tempo e na hora da detonação ele estava enviesado. Resultado: quebrou uma das minhas costelas e me deixou com um baita hematoma. Passei o dia inteiro sem conseguir respirar direito.

E eu pensando que o senhor estava com a peste.

Ferris inspirou fundo e fez uma careta.

– Na verdade, acho que é melhor eu me sentar outra vez. – Enquanto se afastava, ele apontou para trás de Langdon. – De toda forma, acho que o senhor agora tem companhia.

Langdon se virou e viu a Dra. Sinskey atravessando a cabine a passos largos, seus longos cabelos prateados esvoaçando atrás de si.

– Professor, eu estava à sua procura!

A diretora da OMS parecia exausta, mas, ao mesmo tempo, por mais estranho que fosse, Langdon detectou em seus olhos uma renovada fagulha de esperança. *Ela descobriu alguma coisa*.

– Desculpe tê-lo deixado sozinho – disse, aproximando-se. – Nós estávamos coordenando a operação e fazendo algumas pesquisas. – Ela indicou a porta aberta do cockpit. – Estou vendo que veio pegar um pouco de luz, não?

Langdon deu de ombros.

– Faltam janelas no seu avião.

Ela lhe exibiu um sorriso compreensivo.

– Por falar em luz, espero que o diretor tenha conseguido esclarecer os acontecimentos recentes.

– Conseguiu, sim, embora eu não tenho gostado nada do que ele me falou.

– Também não gostei – concordou ela, olhando em volta para se certificar de que os dois estavam sozinhos. – Confie em mim – sussurrou –, ele e sua organização vão enfrentar *sérias* consequências. Eu mesma vou garantir que isso aconteça. Mas, por ora, precisamos nos manter concentrados em localizar o recipiente antes que ele se dissolva e propague o agente infeccioso.

Ou antes que Sienna chegue lá e o ajude a se dissolver.

– Preciso falar com o senhor sobre a construção que abriga o túmulo de Dandolo.

Desde que entendera que aquele era o seu destino, Langdon vinha visualizando a espetacular estrutura. O *mouseion* de santo saber.

– Acabei de fazer uma descoberta animadora – disse Elizabeth Sinskey. – Falamos ao telefone com um historiador de lá. Ele nem imagina por que estamos interessados no túmulo de Dandolo, claro, mas eu lhe perguntei se ele por acaso sabia o que existe debaixo da sepultura, e adivinhe qual foi a resposta? – Ela sorriu. – Água.

Langdon se espantou.

– Sério?

– Sim, parece que os andares inferiores do edifício estão inundados. Ao longo dos séculos, o lençol freático debaixo dele subiu, submergindo pelo menos dois dos níveis mais baixos. Segundo o historiador, com certeza há vários bolsões de ar e espaços parcialmente submersos lá embaixo.

Meu Deus. Langdon pensou no vídeo de Zobrist e na caverna de iluminação estranha, em cujas paredes cheias de limo ele pudera identificar as tênues sombras verticais de colunas.

– É um recinto submerso.

– Exato.

– Mas, nesse caso... como Zobrist conseguiu descer até lá?

Os olhos da Dra. Sinskey brilharam.

– Isso é o mais impressionante. O senhor não vai acreditar no que acabamos de descobrir.

◆ ◆ ◆

Nesse exato momento, a menos de 2 quilômetros do litoral de Veneza, na ilha estreita conhecida como Lido, um jato Cessna Citation Mustang decolou da pista do aeroporto de Nicelli, riscando o céu cada vez mais escuro do crepúsculo.

Seu dono, o famoso criador de fantasias Giorgio Venci, não estava a bordo, mas instruíra os pilotos a levarem a jovem e atraente passageira aonde ela precisasse ir.

CAPÍTULO 84

Na antiga capital bizantina, a noite acabara de cair.

Por toda a extensão da orla do mar de Mármara, postes de luz se acendiam, iluminando uma paisagem de mesquitas reluzentes e minaretes delgados. Era a hora da *akşam*, por isso alto-falantes espalhados por toda a cidade reverberavam com os lamentos insistentes do *adhān*, o chamado para a prece.

La-ilaha-illa-Allah.

Não há outro deus senão Deus.

Enquanto os fiéis se apressavam a caminho das mesquitas, o resto da cidade seguia sua vida: universitários barulhentos tomavam cerveja, executivos fechavam negócios, comerciantes ofereciam temperos e tapetes, e turistas assistiam a tudo, maravilhados.

Era um mundo dividido, uma cidade de forças opostas: religiosas e seculares; antigas e modernas; orientais e ocidentais. Situada bem na fronteira geográfica entre Europa e Ásia, aquela cidade atemporal era literalmente a ponte que ligava o Velho Mundo... a um mundo mais velho ainda.

Istambul.

Embora não fosse mais a capital da Turquia, por muitos séculos a cidade fora o epicentro de três impérios distintos: Bizantino, Romano e Otomano. Por esse motivo, Istambul podia ser considerada um dos lugares com maior diversidade histórica no mundo. Do palácio de Topkapi à Mesquita Azul, passando pelo Castelo das Sete Torres, a cidade está repleta de relatos folclóricos de batalhas, glórias e derrotas.

Naquela noite, nas alturas do céu noturno, bem acima das multidões em alvoroço, um avião de transporte C-130 descia através de uma tempestade que se formava, preparando-se para aterrissar no aeroporto de Atatürk. No cockpit, preso pelo cinto de segurança ao assento retrátil atrás dos pilotos, Robert Langdon espiava pelo para-brisa da aeronave, aliviado por terem lhe oferecido um assento com janela.

Sentia-se um tanto revigorado depois de ter comido alguma coisa e cochilado na traseira do avião. Um descanso de quase uma hora, extremamente necessário.

Agora, à sua direita, podia ver as luzes de Istambul, uma península cintilante em forma de chifre que penetrava a mancha escura do mar de Mármara. Aquele era o lado europeu, separado de seu irmão asiático por uma sinuosa faixa de escuridão.

O estreito do Bósforo.

À primeira vista, o Bósforo parecia um talho largo que partia Istambul ao meio. Mas Langdon sabia que, na verdade, o canal era a artéria que alimentava o comércio da cidade. Além de lhe proporcionar dois litorais em vez de um só, o Bósforo permitia a passagem das embarcações do Mediterrâneo para o mar Negro, transformando Istambul em uma escala entre dois mundos.

Conforme o avião descia por uma camada de névoa, os olhos de Langdon vasculharam com atenção a cidade ainda distante, tentando detectar a imensa construção que tinham ido procurar.

O local do túmulo de Enrico Dandolo.

Na realidade, Enrico Dandolo – o traiçoeiro doge de Veneza – não estava enterrado na cidade que governara. Seus restos mortais estavam sepultados no coração do baluarte conquistado por ele em 1202 – o imenso centro urbano que se estendia lá embaixo. Como não poderia deixar de ser, Dandolo jazia no santuário mais espetacular que a cidade que capturara tinha a oferecer, um prédio que até hoje ainda era a joia da coroa daquela região.

Haghia Sophia. Santa Sofia.

Originalmente construído em 360 d.C., o templo tinha sido uma catedral cristã ortodoxa até 1204, quando Enrico Dandolo e a Quarta Cruzada tomaram a cidade e o converteram em igreja católica. Mais tarde, no século XV, após a conquista de Constantinopla pelo sultão Mehmed el-Fatih, a igreja virou mesquita, continuando a ser um local de devoção muçulmano até 1935, quando foi secularizada e transformada em museu.

O mouseion *dourado de santo saber*, pensou Langdon.

Haghia Sophia não apenas era enfeitada com mais mosaicos de ouro do que São Marcos, mas seu nome significava, literalmente, "Santo Saber".

Ele visualizou a colossal construção e tentou processar a ideia de que, em algum lugar debaixo dela, uma lagoa escura abrigava um saco submerso e ondulante, preso por um cordão, dissolvendo-se pouco a pouco, preparando-se para liberar seu conteúdo.

Rezou para não chegarem tarde demais.

– Os níveis inferiores do prédio estão inundados – anunciara Elizabeth Sinskey durante o voo, chamando Langdon com um gesto animado para segui-la até a traseira do avião, onde ficava sua área de trabalho. – O senhor não vai acreditar no que acabamos de descobrir. Já ouviu falar em um documentarista chamado Göksel Gülensoy?

Langdon fizera que não com a cabeça.

– Quando eu estava pesquisando a basílica de Santa Sofia, descobri que haviam feito um filme sobre o museu. Um documentário que Gülensoy dirigiu alguns anos atrás.

– Já houve dezenas de filmes sobre Santa Sofia.

– Sim, mas nenhum como esse – disse ela, chegando à área de trabalho. Virou o laptop para que ele pudesse ver. – Leia isso aqui.

Langdon se sentou e deu uma olhada no artigo – um apanhado de várias fontes jornalísticas, entre as quais o *Hürriyet Daily News* – que falava sobre o último filme de Gülensoy: *In the Depths of Hagia Sophia* (Nas profundezas de Santa Sofia).

Assim que começou a ler, entendeu por que a Dra. Sinskey estava tão animada. As primeiras três palavras já o fizeram erguer os olhos para ela, espantado. *Mergulho com cilindro?*

– Eu sei – disse a doutora. – Continue lendo.

Ele tornou a baixar os olhos para o artigo.

> MERGULHO COM CILINDRO SOB SANTA SOFIA: O documentarista Göskel Gülensoy e sua equipe de mergulhadores localizaram bacias inundadas a centenas de metros de profundidade sob a basílica de Santa Sofia, edifício religioso que é uma das maiores atrações turísticas de Istambul.
>
> Durante a exploração, foram descobertas inúmeras maravilhas arquitetônicas, entre elas túmulos afundados de crianças martirizadas com mais de oitocentos anos, bem como túneis submersos que ligam Santa Sofia ao palácio de Topkapi, ao palácio de Tekfur e às supostas extensões subterrâneas das Masmorras de Anemas.
>
> "Na minha opinião, o que há debaixo de Santa Sofia é ainda mais instigante do que o que se pode ver acima da superfície", explicou o diretor, que afirma ter tido a inspiração para o filme ao ver uma antiga fotografia de pesquisadores examinando os alicerces do templo de barco, remando por um salão parcialmente submerso.

– O senhor sem dúvida achou o edifício certo! – exclamou Elizabeth Sinskey. – E debaixo dele parece haver grandes bolsões de espaço navegável, muitos deles acessíveis sem equipamento de mergulho. Isso talvez explique o que vimos no vídeo de Zobrist.

Em pé atrás deles, o agente Brüder examinava o monitor do laptop.

– Parece também que os cursos de água sob o edifício se ramificam em direção a diversas áreas fora do prédio. Se o saco de Solublon se dissolver antes de chegarmos, não teremos como impedir que o conteúdo se espalhe.

– O conteúdo... – começou Langdon. – Vocês têm alguma ideia do que seja? *Exatamente?* Sei que se trata de um patógeno, mas...

– Nós analisamos as imagens com cuidado – respondeu Brüder – e elas sugerem que de fato seja algo biológico, não químico... ou seja, uma substância *viva.* A julgar pela pequena quantidade que está dentro do recipiente, calculamos que seja altamente contagiosa e tenha a capacidade de se replicar. Ainda não temos certeza se é algo que se propaga pela água, como uma bactéria, ou algo que, uma vez liberado, tem a capacidade de se propagar pelo ar, como um vírus. As duas coisas são possíveis.

– Agora estamos reunindo informações sobre a temperatura dos lençóis freáticos da região – disse a Dra. Sinskey – para tentar avaliar a que tipos de agentes infecciosos essas condições seriam favoráveis. Mas Zobrist era bastante talentoso e pode muito bem ter criado uma substância com capacidades únicas. Além disso, desconfio que tenha tido um motivo para escolher esse local específico.

Brüder meneou a cabeça, resignado, e compartilhou com eles sua análise do incomum mecanismo de dispersão – o saco de Solublon submerso –, que começava a parecer a todos ao mesmo tempo simples e brilhante. Ao suspender o saco tanto debaixo da terra quanto debaixo d'água, Zobrist havia criado um ambiente de incubação excepcionalmente estável: com temperatura constante, sem radiação solar, dotado de isolamento cinético e cem por cento reservado. Se escolhesse um saco de durabilidade adequada, ele podia deixar o agente infeccioso amadurecendo sozinho por um período antes de ele se autoliberar exatamente no momento programado.

Mesmo que Zobrist nunca voltasse ao local.

O súbito tranco do avião ao tocar o solo trouxe Langdon de volta para o seu assento retrátil no cockpit. Os pilotos frearam com força e, em seguida, taxiaram até um hangar afastado, onde pararam a imensa aeronave.

Langdon quase esperava ser acolhido por um exército de funcionários da OMS usando roupas de proteção. No entanto, a única pessoa que os aguardava era o motorista de uma grande van branca com o emblema de uma cruz vermelha com quatro braços do mesmo comprimento.

A Cruz Vermelha está aqui? Langdon teve que olhar outra vez para se dar conta de que outra organização também usava aquele símbolo. *A embaixada suíça.*

Tirou o cinto de segurança e foi procurar Elizabeth Sinskey enquanto todos se preparavam para desembarcar.

– Onde está todo mundo? – perguntou. – A equipe da OMS? As autoridades turcas? Já estão todos em Santa Sofia?

A Dra. Sinskey o fitou com uma expressão preocupada.

– Na verdade, decidimos não alertar as autoridades locais – explicou. – Já contamos com a melhor equipe de SMI do ECDC, então achamos que, por enquanto, o melhor era agir com discrição e não correr o risco de provocar um pânico generalizado.

Ali perto, Langdon pôde ver Brüder e seus homens fechando os zíperes de grandes bolsas de viagem pretas que continham todo tipo de equipamento anticontaminação: biotrajes, respiradores, aparelhos eletrônicos de detecção.

Brüder colocou sua bolsa sobre o ombro e se aproximou.

– Estamos prontos. Vamos entrar lá, encontrar o túmulo de Dandolo, tentar ouvir um barulho de água, como sugere o poema, e então minha equipe e eu vamos reavaliar a situação e decidir se pedimos ou não o apoio das autoridades.

Langdon logo viu que o plano tinha furos.

– Santa Sofia fecha na hora do pôr do sol. Não vamos conseguir entrar lá sem liberação das autoridades.

– Vamos, sim – interveio a doutora. – Tenho um contato na embaixada suíça que ligou para o curador do museu Santa Sofia e solicitou um tour VIP assim que chegássemos. O curador aceitou.

Langdon quase deu uma gargalhada.

– Um tour VIP para a diretora da OMS? E um exército de soldados com bolsas cheias de equipamento anticontaminação? A senhora não acha que vamos chamar um pouco a atenção?

– A equipe de SMI e o equipamento vão ficar no carro enquanto Brüder, o senhor e eu avaliamos a situação – respondeu Sinskey. – Além disso, só para deixar claro, o convidado VIP não sou eu. É *o senhor*.

– Como é que é?!

– Informamos ao museu que um célebre professor universitário americano tinha chegado a Istambul com uma equipe de pesquisa para escrever um artigo sobre os símbolos de Santa Sofia, mas que o voo dele tinha sofrido um atraso de cinco horas e chegado depois do horário de visitação. Como o professor e sua equipe iriam embora amanhã de manhã, nós esperávamos que...

– Está bem, já entendi – disse Langdon.

– O museu vai mandar um funcionário nos encontrar lá. Ao que parece, ele é um grande fã dos seus artigos sobre arte islâmica. – Elizabeth Sinskey lhe deu um sorriso cansado, obviamente se esforçando para parecer otimista. – Eles nos prometeram que o senhor vai ter acesso a todos os cantos do edifício.

– E o mais importante – declarou Brüder – é que estaremos totalmente sozinhos lá dentro.

CAPÍTULO 85

Robert Langdon olhava com uma expressão vazia pela janela da van, que disparava pela autoestrada litorânea entre o aeroporto de Atatürk e o centro de Istambul. Os oficiais suíços tinham dado um jeito de contornar a burocracia alfandegária, fazendo com que Langdon, a Dra. Sinskey e os outros membros do grupo conseguissem sair do aeroporto em questão de minutos.

Elizabeth Sinskey ordenara ao diretor e a Ferris que permanecessem a bordo do C-130 com vários funcionários da OMS para tentarem descobrir o paradeiro de Sienna Brooks.

Embora ninguém acreditasse mesmo que Sienna fosse conseguir chegar a Istambul a tempo, temia-se que ela pudesse telefonar para algum dos discípulos de Zobrist na Turquia e pedir ajuda para concluir seu plano louco antes de a equipe da Dra. Sinskey poder intervir.

Sienna seria mesmo capaz de cometer assassinato em massa? Langdon ainda tinha dificuldade em aceitar tudo o que acontecera naquele dia. Por mais que lhe doesse, no entanto, era obrigado a encarar a verdade: *Você nunca a conheceu, Robert. Ela o enganou.*

Uma leve chuva começava a cair sobre a cidade e ele sentiu um súbito cansaço, embalado pelo chiado repetitivo dos limpadores de para-brisa. À sua direita, no mar de Mármara, podia ver as luzes dos iates de luxo que passavam e dos colossais navios-tanque que iam e vinham do porto de Istambul mais à frente. Por toda a orla, minaretes iluminados despontavam, esguios e elegantes, acima das cúpulas das mesquitas – silenciosos lembretes de que, embora Istambul fosse uma cidade moderna e secular, seu núcleo sempre havia sido a religião.

Para Langdon, aquele trecho de 16 quilômetros de autoestrada sempre lhe parecera um dos mais bonitos da Europa. Exemplo perfeito do contraste entre velho e novo que existia em Istambul, a estrada margeava parte da muralha de Constantino, construída mais de dezesseis séculos antes do nascimento do homem que hoje dava nome à avenida: John F. Kennedy. O presidente americano tinha sido um grande admirador do projeto de Kemal Atatürk de fazer surgir uma república turca das cinzas de um império decaído.

Com vistas incomparáveis do mar, a avenida Kennedy serpenteava por espetaculares bosques e parques históricos, passava pelo porto de Yenikapi e, por fim, se embrenhava por entre os limites da cidade e o estreito de Bósforo, onde

prosseguia rumo ao norte até contornar todo o Chifre de Ouro. Era lá que, bem acima da cidade, erguia-se a fortaleza otomana do palácio de Topkapi. Com uma perspectiva privilegiada do curso do Bósforo, o palácio era um dos destinos preferidos pelos turistas, que o visitavam para admirar tanto a vista quanto a espantosa coleção de tesouros otomanos, da qual faziam parte o manto e a espada que supostamente haviam pertencido ao profeta Maomé.

Não iremos tão longe, pensou Langdon, visualizando seu destino: Santa Sofia, que se assomava no centro da cidade mais ou menos perto dali.

Quando saíram da avenida Kennedy e começaram a traçar um caminho sinuoso pela populosa cidade, Langdon olhou para as hordas de pessoas nas ruas e calçadas e voltou a se sentir assombrado pelas conversas que tivera ao longo do dia.

Superpopulação.

Peste.

As aspirações ensandecidas de Zobrist.

Embora entendesse desde o início qual era o destino daquela missão de SMI, só agora a processava por completo. *Estamos a caminho do marco zero.* Pensou no saco de fluido marrom-amarelado que se dissolvia aos poucos e perguntou-se como havia se permitido chegar àquela situação.

O estranho poema que Langdon e Sienna tinham descoberto atrás da máscara mortuária de Dante acabara por levá-lo até ali, a Istambul. Fora ele quem guiara a equipe de SMI até Santa Sofia e sabia que teriam mais a fazer quando chegassem lá.

Ajoelhai-vos no dourado mouseion de santo saber,
e levai ao chão vossa orelha,
para ouvir o som da água que corre.
Descei às profundezas do palácio afundado...
pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico,
submerso nas águas rubras de sangue...
da lagoa que não reflete as estrelas.

Sentiu-se inquieto por saber que o último canto do *Inferno* de Dante terminava com uma cena praticamente idêntica: após uma longa descida pelo mundo inferior, o poeta e Virgílio chegam ao ponto mais profundo do Inferno. Quando acreditam estar presos ali, ouvem um barulho de água correndo em meio às pedras debaixo dos seus pés e seguem o regato por entre fendas e frestas... até chegar à segurança.

Dante escreveu: *Existe lá embaixo um lugar... que com os olhos não se pode distinguir, mas sim pelo som de um regato a descer pelas fendas de uma rocha... por esse caminho oculto entramos, meu guia e eu, para ao mundo de luz retornar.*

Estava claro que a cena de Dante servira de inspiração ao poema de Zobrist, embora o geneticista parecesse ter feito tudo ao contrário. Langdon e seus companheiros de fato seguiriam um som de água corrente, mas, ao contrário do poeta, não estariam deixando o Inferno para trás... mas *entrando* nele.

Enquanto a van manobrava por ruas cada vez mais estreitas e bairros cada vez mais populosos, Langdon começou a perceber a lógica perversa que levara Zobrist a escolher o centro de Istambul como epicentro de uma pandemia.

Onde o Oriente encontra o Ocidente.

A encruzilhada do mundo.

Em diversas ocasiões ao longo da história, Istambul havia sido assolada por pestes mortais que dizimaram fatias imensas de sua população. Na realidade, durante a fase final da Peste Negra, passara a ser conhecida como o "núcleo difusor da peste" no império. Segundo relatos, a doença chegara a matar mais de dez mil habitantes por dia. Muitos quadros otomanos famosos mostravam cidadãos desesperados cavando valas comuns para enterrar montanhas de cadáveres nos campos de Taksim, que ficava nos arredores da cidade.

Langdon torceu para Karl Marx ter se enganado ao afirmar: "A história se repete."

Enquanto a chuva caía pelas ruas, as pessoas cuidavam de seus afazeres vespertinos sem desconfiar do que estava acontecendo. Uma turca bonita chamava os filhos para casa, pois era hora do jantar; dois velhotes bebiam juntos na varanda de um café; um casal bem-vestido caminhava de mãos dadas debaixo de um guarda-chuva; e um homem de smoking pulava de um ônibus e saía correndo pela rua, protegendo um violino sob o casaco, aparentemente atrasado para algum concerto.

Langdon se pegou estudando os rostos à sua volta, tentando imaginar as minúcias da vida de cada uma daquelas pessoas.

A massa é composta por indivíduos.

Fechou os olhos, virou a cabeça na direção oposta à janela e tentou se afastar do caminho mórbido pelo qual seus pensamentos haviam enveredado. O estrago, porém, já estava feito. Na escuridão de sua mente, uma imagem indesejada se materializou: a paisagem desolada do *Triunfo da Morte*, de Bruegel, uma representação hedionda da pestilência, da agonia e da tortura que devastavam uma cidade à beira-mar.

A van dobrou à direita na avenida Torun e, por um instante, Langdon pensou que eles haviam chegado. À esquerda, uma imensa mesquita se erguia em meio à bruma.

Só que aquela não era Santa Sofia.

A Mesquita Azul, percebeu ele assim que viu os seis minaretes do templo, afunilados, em formato de lápis, com suas múltiplas sacadas *şerefe* que subiam em direção ao céu até terminarem em pontas afiadas. Certa vez lera que o aspecto exótico e digno de um conto de fadas dos minaretes daquela mesquita havia inspirado o célebre castelo da Cinderela da Disney. A Mesquita Azul devia seu

nome ao esplendoroso mar de azulejos azuis que enfeitava suas paredes internas.

Estamos quase lá, pensou enquanto a van seguia depressa, virando na avenida Kabasakal e atravessando a vasta esplanada do parque de Sultanahmet, entre a Mesquita Azul e Santa Sofia, famosa pela vista que proporcionava dos dois monumentos.

Estreitou os olhos para enxergar através do para-brisa molhado, vasculhando o horizonte à procura do contorno de Santa Sofia, mas a chuva e os faróis dos outros veículos prejudicavam a visibilidade. Para piorar, o tráfego na avenida parecia ter parado.

Tudo que via era uma fila de luzes de freio.

– É algum tipo de evento – informou o motorista. – Um show, se não me engano. Talvez seja mais rápido ir à pé.

– Falta muito? – perguntou a Dra. Sinskey.

– Basta atravessar esse parque. Uns três minutos. É muito seguro.

Elizabeth Sinskey assentiu para Brüder, virando-se em seguida para a equipe de SMI.

– Fiquem na van. Cheguem o mais perto que puderem do monumento. O agente Brüder entrará em contato em breve.

Com essas palavras, ela, Brüder e Langdon saltaram e seguiram para o parque.

Enquanto o trio avançava depressa pelos caminhos margeados de árvores de Sultanahmet, as copas de folhas largas proporcionaram uma certa proteção do tempo cada vez pior. As trilhas eram pontuadas por placas que indicavam aos visitantes as muitas atrações do parque: um obelisco egípcio vindo de Luxor, a Coluna da Serpente do Templo de Apolo em Delfos e o marco Milion, que outrora servia como "ponto zero" para medir todas as distâncias no Império Bizantino.

Por fim, chegaram a um espelho d'água circular que marcava o centro do parque. Langdon ergueu os olhos para o leste.

Santa Sofia.

Mais do que uma construção, o templo era uma montanha.

A silhueta descomunal do monumento cintilava sob a chuva, como uma cidade dentro da cidade. O domo central – de uma largura inacreditável, estriado de cinza-prata – parecia repousar sobre uma série de outras construções com cúpulas que se aglomeravam ao seu redor. Quatro minaretes altíssimos – cada um dotado de uma única sacada e de uma ponta cinza-prata – erguiam-se dos cantos do edifício, tão distantes do domo central que mal era possível determinar se todos faziam parte de uma única estrutura.

Elizabeth Sinskey e Brüder, que até então vinham avançando em um trote regular e compenetrado, pararam de repente e voltaram os olhos para cima, erguendo-os cada vez mais alto, à medida que tentavam assimilar as dimensões da construção que se

assomava diante deles.

– Meu Deus! – exclamou Brüder, incrédulo. – É dentro *disso* que vamos fazer nossa busca?

CAPÍTULO 86

Estou aprisionado aqui: era essa a sensação que o diretor tinha enquanto andava de um lado para outro dentro do avião de transporte C-130. Concordara em acompanhar a Dra. Sinskey até Istambul para ajudá-la a evitar aquela crise antes que a situação fugisse totalmente ao controle.

O diretor sabia muito bem que cooperar com a OMS poderia ajudá-lo a mitigar quaisquer consequências punitivas que seu envolvimento involuntário naquele episódio pudesse acarretar. *Mas agora estou sob a custódia dela.*

Assim que o avião parou dentro do hangar reservado a aeronaves do governo no aeroporto de Atatürk, a Dra. Sinskey e sua equipe desembarcaram. A diretora da OMS então ordenou ao diretor e a seus poucos funcionários do Consórcio que permanecessem a bordo.

Quando tentou sair para respirar um pouco de ar puro, o diretor foi impedido pelos pilotos sisudos, que lembraram-lhe as ordens da Dra. Sinskey de que ninguém desembarcasse.

Não estou gostando nada disso, pensou, sentando-se e começando a perceber quanto seu futuro era incerto.

Havia muito tempo que estava acostumado a ser o mestre das marionetes, a ter total controle sobre os acontecimentos – mas, de repente, todo o seu poder lhe havia sido roubado.

Zobrist, Sienna, Sinskey.

Tinha sido afrontado por aqueles três... manipulado, até.

Agora, enjaulado naquela estranha cela sem janelas que era o avião da OMS, ele começou a imaginar se a sua sorte não teria se esgotado... e se por acaso aquela situação não seria uma espécie de expiação cármica por uma vida inteira de desonestidade.

Eu ganho a vida mentindo.

Sou um fornecedor de informações enganosas.

Embora não fosse a única pessoa no mundo a vender mentiras, o diretor havia chegado ao "topo da cadeia alimentar" em seu ramo de negócios. Seus concorrentes pertenciam a uma raça bem diferente e o simples fato de ser associado a eles lhe desagradava.

A internet estava repleta de organizações com nomes como Alibi Company, que faziam fortuna em todo o mundo proporcionando a cônjuges infiéis meios de trair

sem serem pegos. Com a promessa de "fazer o tempo parar" para permitir a seus clientes escapar durante um certo período de maridos, mulheres ou filhos, essas empresas eram mestres na arte de criar ilusões: inventavam congressos, consultas médicas e até mesmo casamentos – que sempre incluíam falsos convites, brochuras, passagens de avião e confirmações de reserva em hotéis, chegando até a fornecer números de telefone que tocavam nas centrais da Alibi Company, onde profissionais treinados se faziam passar por quaisquer recepcionistas ou contatos necessários à farsa.

O diretor, contudo, nunca perdera seu tempo com artifícios tão fúteis. Dedicava-se apenas às farsas em grande escala, atendendo a clientes dispostos a pagar milhões de dólares por serviços da mais alta qualidade.

Governos.

Grandes corporações.

Um ou outro milionário.

Para alcançar seus objetivos, esses clientes teriam à sua disposição todos os recursos e funcionários, toda a experiência e criatividade do Consórcio. Mas, acima de tudo, pagavam pela possibilidade de negar tudo – pela garantia de que qualquer ilusão fabricada para sustentar sua farsa jamais seria rastreada até eles.

Fosse para valorizar um mercado de ações, justificar uma guerra, ganhar uma eleição ou atrair um terrorista para fora de seu esconderijo, os poderosos do mundo dependiam da disseminação de informações enganosas para ajudar a moldar a opinião pública.

Era assim desde sempre.

Nos anos 1960, os russos haviam construído toda uma falsa rede de espionagem encarregada de transmitir informações ilegítimas que os britânicos passaram anos interceptando. Em 1947, a Força Aérea americana havia fabricado um complexo factoide envolvendo óvnis para desviar a atenção de um acidente aéreo ultrassecreto em Roswell, no Novo México. Mais recentemente, o mundo fora levado a acreditar na existência de armas de destruição em massa no Iraque.

O diretor passara quase três décadas ajudando os poderosos a proteger, conservar e aumentar seu poder. Embora tomasse muito cuidado com os contratos que fechava, sempre temera que um dia aceitasse o trabalho errado.

E agora esse dia chegou.

Ele era da opinião de que todo desastre de grandes proporções podia ser rastreado até um instante específico – um encontro fortuito, uma decisão equivocada, um olhar indiscreto.

Naquele caso, a seu ver, esse instante ocorrera uma década antes, quando ele contratara uma jovem estudante de medicina a fim de ganhar algum dinheiro. A argúcia, a incrível facilidade para idiomas e seu dom para improvisação fizeram com

que se destacasse sem demora no Consórcio.

Sienna Brooks era um talento nato.

Ela logo entendera a natureza das atividades do Consórcio e o diretor sentira que a moça tinha experiência em guardar segredos. Durante quase dois anos, havia trabalhando para a organização em troca de um generoso salário que a ajudava a pagar a faculdade de medicina. Então, sem qualquer aviso, anunciou que iria embora. Queria salvar o mundo e, segundo lhe dissera, não poderia fazer isso no Consórcio.

O diretor jamais imaginara que Sienna Brooks fosse reaparecer quase dez anos depois, trazendo consigo uma espécie de presente – um cliente em potencial, riquíssimo.

Bertrand Zobrist.

A lembrança enfureceu o diretor.

É tudo culpa de Sienna.

Ela participou do plano de Zobrist desde o início.

Ali perto, em volta da mesa de reunião improvisada do C-130, os funcionários da OMS falavam ao telefone e discutiam, suas vozes cada vez mais exaltadas.

– Sienna Brooks?! – indagou um deles, gritando ao telefone. – Tem certeza? – O homem escutou por alguns instantes com o cenho franzido. – Certo, descubra os detalhes para mim. Sim, eu espero.

Ele cobriu o fone com a mão e se virou para os colegas.

– Parece que Sienna Brooks saiu da Itália logo depois de nós.

Todos à mesa ficaram tensos.

– Como é possível? – perguntou uma funcionária. – Nós bloqueamos o aeroporto, as pontes, a estação ferroviária...

– Da pista de pouso de Nicelli – respondeu-lhe o colega. – No Lido.

– Não pode ser – retrucou a mulher, balançando a cabeça. – Nicelli é um ovo. Nenhum voo decola de lá. Eles só fazem passeios turísticos de helicóptero e...

– Sienna Brooks teve acesso a um jatinho particular. Eles ainda estão averiguando. – Ele tornou a levar o fone à boca. – Sim, estou aqui. O que vocês descobriram? – Enquanto a pessoa do outro lado da linha o atualizava, seus ombros foram se encurvando cada vez mais, até que ele acabou se sentando. – Entendi. Obrigado. – O funcionário desligou.

Seus colegas o encaravam com expectativa.

– O jato em que ela embarcou estava a caminho da Turquia – anunciou ele, esfregando os olhos.

– Então vamos ligar para o Comando Europeu de Transporte Aéreo! – exclamou alguém. – E mandar interceptarem a aeronave!

– Não adianta – respondeu o funcionário. – Ela pousou há doze minutos na pista

particular de Hezarfen, a apenas 25 quilômetros daqui. Sienna Brooks escapou.

CAPÍTULO 87

A chuva agora fustigava a cúpula ancestral de Santa Sofia.

Durante quase mil anos aquela havia sido a maior igreja do mundo e mesmo agora era difícil imaginar algo maior. Ao vislumbrá-la outra vez, Langdon lembrou que o imperador Justiniano, ao ver Santa Sofia concluída, recuara um passo e exclamara com orgulho: "Salomão, eu o superei!"

A Dra. Sinskey e Brüder marchavam cada vez mais decididos em direção à monumental construção, que parecia aumentar de tamanho conforme eles se aproximavam.

Os caminhos que conduziam à estrutura eram margeados pelas antigas balas de canhão usadas pelas forças de Mehmet, o Conquistador – um lembrete decorativo de que a história daquele edifício tinha sido repleta de violência, pois fora conquistado e readaptado para atender às necessidades espirituais de diversas potências vitoriosas.

Quando se aproximaram da fachada sul, Langdon olhou para a direita em direção aos três anexos em formato de silo, encimados por cúpulas, que pareciam brotar da construção principal: os mausoléus dos sultões. Rezava a lenda que um deles, Murad III, tivera mais de cem filhos.

O toque de um celular cortou o ar e Brüder pegou o telefone no bolso. Depois de checar o identificador de chamadas, atendeu, lacônico:

– Alguma novidade?

Escutando a resposta, começou a balançar a cabeça com incredulidade.

– Como pode? – Ouviu mais um pouco e bufou. – Entendido. Mantenham-me informado. Estamos quase entrando. – Ele desligou.

– O que houve? – perguntou Elizabeth Sinskey.

– Fiquem de olhos abertos – respondeu Brüder, olhando em volta. – É possível que tenhamos companhia. – Ele tornou a olhar para a doutora. – Parece que Sienna Brooks está em Istambul.

Langdon o encarou. Para começar, não conseguia acreditar que Sienna tivesse encontrado um meio de chegar à Turquia. Em segundo lugar, depois de fugir de Veneza, ela estava se arriscando a ser capturada e talvez até morta para garantir o sucesso do plano de Zobrist.

Igualmente alarmada, a Dra. Sinskey inspirou fundo, como se quisesse fazer mais perguntas a Brüder, mas pareceu mudar de ideia e se virou para Langdon.

– Para que lado?

Langdon apontou para a esquerda, depois da quina sudoeste do prédio.

– A Pia de Abluções fica por ali – falou.

O ponto de encontro com o funcionário do museu era um poço coberto por uma grade ornamentada, outrora usado para as abluções rituais que antecediam a prece muçulmana.

– Professor Langdon! – gritou uma voz de homem quando eles se aproximaram.

Um turco sorridente saiu de baixo da cúpula octogonal que encimava o poço. Agitava os braços com animação.

– Por aqui, professor!

Langdon e os outros caminharam depressa até lá.

– Olá. Meu nome é Mirsat – falou, com um inglês carregado e cheio de entusiasmo. Era um homem franzino, de cabelos ralos, que usava óculos de aspecto professoral e um terno cinza. – É uma grande honra recebê-lo.

– A honra é toda nossa – respondeu Langdon, apertando a mão de Mirsat. – Obrigado pela hospitalidade com tão pouca antecedência.

– Claro, claro!

– Prazer, Elizabeth Sinskey – disse a doutora, apertando a mão de Mirsat e fazendo um gesto em direção a Brüder. – E este é Christoph Brüder. Viemos ajudar o professor Langdon. Sinto muito pelo atraso do nosso avião. Foi muita bondade sua nos receber.

– Imaginem! Não é nada! – respondeu Mirsat, efusivo. – Para o professor Langdon, eu ofereceria um tour particular a qualquer hora. O pequeno livro dele, *Símbolos cristãos no mundo muçulmano*, é um dos mais procurados na loja de souvernirs do nosso museu.

Sério?, pensou Langdon. *Agora sei qual é o* único *lugar do mundo em que esse livro vende*.

– Podemos ir? – indagou Mirsat, acenando para que os outros o seguissem.

Os quatro atravessaram a passos rápidos um pequeno espaço aberto, passaram pela entrada normal de turistas e seguiram até aquela que originalmente havia sido a entrada principal do edifício – três arcos bem recuados com imensas portas de bronze.

Dois seguranças armados os esperavam. Ao verem Mirsat, destrancaram e abriram uma das portas.

– *Sağ olun* – disse o funcionário do museu, murmurando uma das poucas expressões em turco que Langdon conhecia: uma forma especialmente educada de agradecimento.

Assim que o grupo entrou, os seguranças fecharam as pesadas portas e o baque ressoou pelo interior de pedra.

Langdon e os outros três agora estavam no nártex de Santa Sofia – uma estreita antecâmara habitual nas igrejas cristãs que fazia as vezes de anteparo arquitetônico entre o divino e o profano.

Uma espécie de fosso, como os que protegem os castelos, só que espiritual, era como Langdon costumava descrevê-los.

O grupo seguiu em frente até um segundo conjunto de portas e Mirsat abriu uma delas. Do outro lado, em vez do santuário que esperava ver, Langdon deparou com um segundo nártex, um pouco maior que o primeiro.

Um nártex interior, percebeu o professor, que havia se esquecido de que o santuário de Santa Sofia tinha dois níveis de proteção do mundo externo.

Na intenção de preparar o visitante para o que o aguardava, o nártex interior era bem mais ornamentado que o exterior, com paredes de pedra polida que reluziam à luz de elegantes lustres. Do outro lado desse espaço sereno ficavam quatro portas e, acima delas, havia mosaicos espetaculares que Langdon se pegou admirando com atenção.

Mirsat foi até a maior das portas – um imenso portal revestido de bronze.

– A Porta Imperial – sussurrou, com a voz quase eufórica de tanta animação. – Na época bizantina, essa porta era reservada para uso particular do imperador. Os turistas em geral não passam por ela, mas hoje é uma noite especial.

Ele estendeu a mão para abri-la, mas se deteve.

– Antes de entrarmos – murmurou –, gostaria de saber uma coisa: há algo de especial que os senhores queiram ver lá dentro?

Langdon, a Dra. Sinskey e Brüder se entreolharam.

– Sim – respondeu Langdon. – Há muito que se ver, claro, mas, se possível, gostaríamos de começar pelo túmulo de Enrico Dandolo.

Mirsat inclinou a cabeça, como se não tivesse ouvido direito.

– Como? Os senhores gostariam de ver... o túmulo de Dandolo?

– Isso.

Mirsat pareceu decepcionado.

– Mas, professor... o túmulo de Dandolo é tão simples. Não tem símbolo nenhum. Temos coisas muito melhores a oferecer.

– Eu sei – respondeu Langdon com educação. – Mesmo assim, ficaríamos muito gratos se o senhor pudesse nos levar até lá.

Depois de passar algum tempo encarando Langdon, Mirsat ergueu os olhos para o mosaico logo acima da porta, que o americano havia admirado segundos antes. Era uma imagem do século IX do Cristo Pantocrator – a consagrada imagem de Jesus segurando o Novo Testamento na mão esquerda e dando a bênção com a direita.

Então, como se uma luz houvesse se acendido de repente na mente do guia, os cantos de seus lábios se curvaram num sorriso cúmplice e ele começou a agitar um

dedo.

– Esperto! O senhor é muito esperto!

Langdon se limitou a encará-lo.

– O quê?

– Não se preocupe, professor – respondeu Mirsat com um sussurro conspiratório. – Não vou contar a ninguém o que o senhor *realmente* veio fazer aqui.

Elizabeth Sinskey e Brüder lançaram olhares intrigados para Langdon.

Ele se limitou a dar de ombros enquanto Mirsat empurrava a pesada porta e os conduzia para o interior do templo.

CAPÍTULO 88

Aquele espaço já havia sido chamado de Oitava Maravilha do Mundo e, uma vez lá dentro, Langdon não se sentia inclinado a discordar.

Quando o grupo cruzou o limiar e entrou no colossal santuário, o professor foi lembrado de que Santa Sofia precisava de apenas um segundo para fazer os visitantes perceberem a impressionante magnitude de suas dimensões.

O recinto era tão amplo que, diante dele, até mesmo as grandes catedrais da Europa pareciam pequenas. Langdon sabia que a espantosa força de sua imensidão era em parte ilusão – um dramático efeito colateral de sua planta em estilo bizantino, com um *naos* centralizado que concentrava todo o espaço interior em um único ambiente quadrado, em vez de estendê-lo pelos quatro braços de uma planta cruciforme, estilo adotado nas catedrais posteriores.

Este edifício é setecentos anos mais antigo do que a Notre-Dame, pensou Langdon.

Depois de reservar alguns instantes para absorver a vastidão do espaço à sua volta, ele se permitiu erguer os olhos, lançando-os a mais de 50 metros de altura, até a imensa cúpula dourada que coroava o templo. Quarenta nervuras irradiavam do centro, como raios de sol, estendendo-se até uma arcada circular formada por quarenta janelas abobadadas. Durante o dia, a luz que entrava por essas janelas se refletia – mais de uma vez – nos cacos de vidro incrustados nos mosaicos dourados, criando a "luz mística" que tornara Santa Sofia tão famosa.

Langdon só tinha visto a atmosfera dourada daquele recinto reproduzida com exatidão em pintura uma única vez. *John Singer Sargent.* Não era de espantar que, ao pintar seu famoso quadro de Santa Sofia, o artista americano houvesse limitado sua paleta a múltiplos tons de uma mesma cor.

Dourado.

A cintilante cúpula, muitas vezes chamada de "o domo do próprio paraíso", era sustentada por quatro arcos monumentais, escorados por uma série de semicúpulas e tímpanos. Esses suportes, por sua vez, tinham como base outro nível de semicúpulas e arcadas ainda menores, criando um efeito em cascata de formas arquitetônicas que desciam do céu em direção à terra.

Cabos compridos desciam direto da cúpula, também do céu à terra, embora por um caminho mais direto. Um mar de lustres acesos pendia deles, parecendo pairar tão perto do chão que era como se os visitantes mais altos corressem o risco de

bater com a cabeça. Na verdade, isso era apenas mais uma ilusão causada pela magnitude do espaço, pois os lustres estavam a cerca de 4 metros de altura.

Como em todos os grandes santuários, o tamanho prodigioso de Santa Sofia tinha dois objetivos. Em primeiro lugar, servia para provar a Deus quanto o homem era capaz de se esforçar para prestar homenagem a Ele. Em segundo, funcionava como uma espécie de tratamento de choque para os fiéis – um espaço tão imponente que aqueles que nele entravam se sentiam diminuídos, seus egos aniquilados e sua existência física e importância cósmica reduzida ao tamanho de uma simples partícula diante de Deus... um átomo nas mãos do Criador.

Até o homem não ser nada, Deus nada pode fazer com ele. Martinho Lutero havia pronunciado essas palavras no século XVI, mas o conceito fazia parte da mentalidade dos construtores desde os primeiros exemplos de arquitetura religiosa.

Langdon olhou para Brüder e a Dra. Sinskey, que baixaram os olhos, antes erguidos para as alturas, até o nível do chão.

– Jesus! – exclamou Brüder.

– Sim! – respondeu Mirsat, animado. – E Alá e Maomé também!

Langdon deu uma risadinha quando o guia conduziu o olhar de Brüder até o altar-mor, onde um imenso mosaico de Jesus era ladeado por dois enormes discos que traziam gravados, em caligrafia rebuscada, os nomes em árabe de Alá e Maomé.

– Para lembrar aos visitantes os diversos usos deste espaço sagrado – explicou Mirsat –, este museu exibe tanto a iconografia cristã da época em que Santa Sofia era uma basílica quanto a iconografia islâmica de seus tempos de mesquita. – Ele sorriu com orgulho. – Apesar do conflito entre essas duas religiões no mundo real, achamos que os símbolos funcionam muito bem juntos. Sei que o senhor concorda conosco, professor.

Langdon assentiu com sinceridade, lembrando-se de que toda a iconografia cristã havia sido coberta com cal quando o edifício fora transformado em mesquita. O trabalho de restauração dos símbolos cristãos, agora lado a lado com os islâmicos, havia gerado um efeito hipnótico – em especial pelo fato de o estilo e a sensibilidade das duas iconografias serem inteiramente opostos.

A tradição cristã privilegiava imagens literais de Deus e santos, ao passo que o Islã se concentrava na caligrafia e nas formas geométricas para representar a beleza do universo de Deus. Segundo a tradição islâmica, como só Deus podia gerar a vida, não cabia ao homem criar imagens que a representassem – fossem elas de Deus, de pessoas ou mesmo de animais.

Langdon se lembrou de ter tentado explicar esse conceito a seus alunos certa vez:

– Um Michelangelo muçulmano, por exemplo, jamais teria pintado o rosto de Deus no teto da Capela Sistina. Em vez disso, teria escrito *o nome* de Deus. Retratar o rosto Dele teria sido considerado blasfêmia.

Em seguida, explicara por quê:

– Tanto o cristianismo quanto o islamismo são logocêntricos, ou seja, centrados na *Palavra*. Na tradição cristã, a Palavra se fez carne no livro de João: "Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós." Portanto, retratar a Palavra em forma humana era aceitável. Mas, na tradição islâmica, a Palavra *não* se fez carne, portanto, deve permanecer sob a forma de *palavra.* Na maioria dos casos, são representações caligráficas dos nomes das figuras sagradas do islamismo.

Um de seus alunos resumira a complexa história com uma nota de rodapé curiosamente precisa: "Cristãos gostam de rostos; muçulmanos gostam de palavras."

– Aqui os senhores podem ver uma mistura única de cristianismo e islamismo – prosseguiu Mirsat, indicando com um gesto amplo o espetacular recinto.

Ele se apressou em mostrar a fusão de símbolos na imensa abside, dentre os quais se destacava a Virgem e Menino com os olhos voltados para um *mirabe* – nicho semicircular que, nas mesquitas, aponta na direção de Meca. Ali perto, uma escadaria subia até um púlpito parecido com aqueles usados na declamação dos sermões cristãos, mas que na verdade era um *mimbar*, a plataforma sagrada a partir da qual o imame conduz as preces da sexta-feira. Da mesma forma, a estrutura em forma de tablado que se assemelhava à galeria de um coro cristão era de fato uma *dikka*, a plataforma elevada na qual o muezim se ajoelha para entoar o cântico em resposta às preces do imame.

– Mesquistas e catedrais são surpreendentemente parecidas – afirmou Mirsat. – As tradições de Oriente e Ocidente não são tão diferentes quanto se imagina!

– Mirsat? – pressionou Brüder com um tom impaciente. – Gostaríamos mesmo de ver o túmulo de Dandolo. É possível?

Mirsat pareceu um pouco irritado, como se a pressa do visitante demonstrasse certo desrespeito ao edifício.

– Sim – apoiou Langdon. – Lamento apressá-lo, mas nosso cronograma está muito apertado.

– Muito bem – disse Mirsat, apontando para uma sacada alta à sua direita. – Vamos subir e ver o túmulo.

– Subir? – repetiu Langdon, espantado. – Enrico Dandolo não está sepultado na cripta? – Ele se lembrava do túmulo em si, mas não de sua localização. Vinha imaginando as áreas escuras do subsolo.

Mirsat pareceu não entender a pergunta.

– Não, professor. Posso garantir que o túmulo de Enrico Dandolo fica lá em cima.

* * *

Mas o que está acontecendo aqui?, perguntou-se Mirsat.

Assim que Langdon pediu para ver o túmulo de Dandolo, ele teve a impressão de

que aquilo não passava de uma desculpa. *Ninguém quer ver o túmulo de Dandolo*. Imaginou que o professor estivesse interessado mesmo era no enigmático tesouro situado bem ao lado do túmulo do doge – o *Mosaico do Deesis* –, um Cristo Pantocrator antiquíssimo considerado uma das mais misteriosas obras de arte do museu.

Langdon está pesquisando esse mosaico e não quer que ninguém saiba, supôs Mirsat, imaginando que o professor estivesse escrevendo algum artigo secreto sobre o *Deesis*.

Agora, contudo, estava confuso. Era óbvio que Langdon sabia que o *Mosaico do Deesis* ficava no primeiro andar. Então por que estava agindo como se estivesse tão surpreso?

Será que ele está mesmo atrás do túmulo de Dandolo?

Intrigado, Mirsat guiou o trio na direção da escada, passando em frente a uma das duas célebres urnas de Santa Sofia – um mastodonte com capacidade para 1.250 litros, esculpido em uma única peça de mármore durante o período helenístico.

Subindo calado junto com os outros, Mirsat começou a se sentir um pouco inseguro. Os colegas de Langdon nem de longe pareciam acadêmicos. O homem lembrava uma espécie de soldado, musculoso e rígido, todo vestido de preto. Quanto à mulher de cabelos grisalhos, Mirsat tinha a impressão de que... já a tinha visto antes. *Teria sido na TV?*

Estava começando a desconfiar que o objetivo daquela visita não era o que eles diziam. *O que eles realmente estão fazendo aqui?*

– Ainda falta um lance – anunciou o guia com uma voz jovial quando o grupo chegou ao patamar. – Lá em cima fica o túmulo de Enrico Dandolo e, é claro... – Ele fez uma pausa e olhou para Langdon. – O célebre *Mosaico do Deesis*.

Nenhuma reação.

Pelo visto, Langdon não parecia estar ali por causa do mosaico. Ele e seus dois acompanhantes pareciam nutrir uma inexplicável fixação pelo túmulo de Dandolo.

CAPÍTULO 89

Enquanto Mirsat seguia na frente escada acima, Langdon pôde perceber que Brüder e a Dra. Sinskey estavam preocupados. De fato, subir ao primeiro andar parecia não fazer sentido. Langdon não parava de pensar no vídeo subterrâneo de Zobrist e no documentário sobre as áreas submersas debaixo de Santa Sofia.

Nós temos que descer!

No entanto, se era mesmo ali que ficava o túmulo de Dandolo, a única alternativa era seguir as instruções de Zobrist. *Ajoelhai-vos no dourado* mouseion *de santo saber, e levai ao chão vossa orelha, para ouvir o som da água que corre.*

Quando enfim chegaram ao primeiro piso, Mirsat os conduziu para a direita, ao longo parapeito da galeria, que proporcionava vistas incríveis do santuário no térreo. Langdon permaneceu compenetrado no caminho à sua frente.

Mirsat tornara a discorrer com fervor sobre o *Mosaico do Deesis*, mas Langdon não lhe deu atenção.

Já podia ver seu alvo.

O túmulo de Dandolo.

Era exatamente como ele se lembrava: uma peça de mármore branco retangular, incrustada no piso de pedra polida e protegida por colunas e correntes.

Langdon foi correndo examinar o texto gravado na pedra.

HENRICUS DANDOLO

Assim que os outros chegaram, ele entrou em ação, passando por cima da corrente de isolamento e pousando os pés bem em frente à lápide.

Mirsat protestou em voz alta, mas Langdon não se deteve, ajoelhando-se depressa como se estivesse prestes a rezar aos pés do traiçoeiro doge.

Então, com um movimento que arrancou gritos horrizados de Mirsat, ele espalmou as mãos sobre a lápide e se abaixou. Quando levou o rosto ao chão, percebeu que parecia estar se curvando na direção de Meca. Aparentemente espantado com o gesto, Mirsat se calou. Um silêncio repentino recaiu sobre todo o templo.

Respirando fundo, Langdon virou a cabeça para a direita e encostou com delicadeza a orelha esquerda na lápide. Sentiu a pedra fria em sua pele.

O barulho que escutou subindo pela pedra foi claro como a luz do dia.

Meu Deus.

O final do *Inferno* de Dante parecia ecoar lá embaixo.

Bem devagar, virou a cabeça e olhou para Brüder e a Dra. Sinskey.

– Estou ouvindo – sussurrou. – Um barulho de água correndo.

Brüder pulou por cima da corrente de isolamento e foi se agachar ao seu lado para escutar. Após alguns segundos, pôs-se a assentir com fervor.

Agora que estavam ouvindo a água, restava uma pergunta: *Para onde ela corria?*

A mente de Langdon foi inundada por imagens de uma caverna semissubmersa, banhada por uma luz vermelha sinistra... em algum lugar abaixo de onde estavam.

Descei às profundezas do palácio afundado...
pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico,
submerso nas águas rubras de sangue...

da lagoa que não reflete as estrelas.

Quando o professor se levantou e tornou a passar por cima da corrente, Mirsat o encarava com um olhar alarmado, como se tivesse sido traído. Com seus quase 30 centímetros a mais de altura, Langdon parou diante do guia turco.

– Mirsat – começou –, sinto muito. Como pode ver, esta é uma situação muito peculiar. Não tenho tempo para explicar, mas preciso lhe fazer uma pergunta muito importante sobre este edifício.

Mirsat conseguiu menear de leve de cabeça.

– Faça.

– Debaixo desse túmulo é possível ouvir um pequeno curso de água. Precisamos saber *para onde* essa água vai.

Mirsat balançou a cabeça.

– Não estou entendendo a pergunta. É possível ouvir água debaixo do piso em todos os cantos de Santa Sofia.

Os outros três se retesaram.

– Sim, principalmente quando chove – continuou Mirsat. – Santa Sofia tem mais de 9 mil metros quadrados de telhados cujas águas precisam escoar, o que pode levar dias. E é comum voltar a chover antes que o escoamento termine. O barulho de água corrente é bem comum por aqui. Os senhores devem saber que Santa Sofia fica em cima de grandes cavernas cheias de água. Foi feito até um documentário que...

– Sim, sim – disse Langdon –, mas sabe se a água que podemos ouvir aqui no túmulo de Dandolo corre para algum lugar *específico?*

– É claro – respondeu Mirsat. – O mesmo lugar para onde escoa *toda* a água de Santa Sofia. A cisterna da cidade.

– Não pode ser – declarou Brüder, saltando de volta a corrente. – Não estamos procurando uma cisterna. Estamos procurando um espaço grande e subterrâneo... com colunas, talvez?

– Exatamente – falou Mirsat. – A antiga cisterna da cidade é assim: um grande

espaço subterrâneo com colunas. Na verdade, é bem impressionante. Foi construída no século VI para armazenar a água da cidade. Hoje em dia, a água lá não passa de 1,20 metro de altura, mas...

– Onde fica esse lugar?! – perguntou Brüder, sua voz ecoando no recinto vazio.

– A cisterna? – respondeu Mirsat com um ar assustado. – Fica a um quarteirão daqui, a leste deste edifício. – Ele apontou para fora. – Chama-se Yerebatan Sarayi.

Sarayi?, estranhou Langdon. *Igual a Topkapi Sarayi*? Durante o trajeto de carro, ele vira inúmeras placas indicando o caminho para o palácio de Topkapi.

– Mas... *sarayi* não significa "palácio"?

Mirsat assentiu.

– Isso mesmo. Nossa antiga cisterna se chama Yerebatan Sarayi... *o palácio afundado*.

CAPÍTULO 90

Chovia torrencialmente quando a Dra. Elizabeth Sinskey saiu correndo de Santa Sofia acompanhada por Langdon, Brüder e Mirsat, seu guia atônito.

Descei às profundezas do palácio afundado, pensou ela.

Para chegarem à cisterna da cidade – Yerebatan Sarayi – eles precisavam voltar em direção à Mesquita Azul e, de lá, seguir um pouco para o norte.

Mirsat foi na frente.

A Dra. Sinskey não vira alternativa senão contar ao turco quem eles eram e que estavam correndo para evitar uma possível emergência de saúde dentro do palácio afundado.

– Por aqui! – chamou Mirsat, conduzindo-os pelo parque escuro.

Haviam deixado para trás a gigantesca basílica de Santa Sofia e podiam ver cintilar mais adiante as agulhas de conto de fadas da Mesquita Azul.

Correndo ao lado da doutora, o agente Brüder berrava no celular, passando as últimas informações à equipe de SMI e ordenando que fossem encontrá-lo na entrada da cisterna.

– Parece que o alvo de Zobrist é o sistema de abastecimento de água da cidade – disse, ofegante. – Vou precisar de plantas de toda a tubulação da cisterna. Vamos aplicar os protocolos de isolamento e contenção total. Precisaremos de barreiras físicas e químicas, além de um vácuo de...

– Espere um instante – gritou Mirsat. – O senhor não entendeu o que eu disse. A cisterna não fornece a água da cidade. Não mais!

Brüder abaixou o telefone e lançou um olhar fulminante para o guia.

– O quê?

– Antigamente a cisterna armazenava a água da cidade – explicou Mirsat. – Mas isso mudou. Nós nos modernizamos.

Brüder parou debaixo de uma árvore para se abrigar da chuva e os outros três o imitaram.

– Mirsat, tem certeza de que ninguém bebe a água da cisterna? – perguntou a Dra. Sinskey.

– Absoluta – respondeu o turco. – A água só fica ali parada... e, com o tempo, é absorvida pelo solo.

Elizabeth Sinskey, Langdon e Brüder trocaram olhares de incerteza. A diretora não sabia se devia sentir alívio ou temor. *Se ninguém tem contato frequente com a água,*

por que Zobrist iria querer contaminá-la?

– Décadas atrás, quando nós modernizamos nosso sistema de abastecimento de água – explicou Mirsat –, a cisterna caiu em desuso e virou apenas um grande lago subterrâneo. – Ele deu de ombros. – Hoje em dia, é só uma atração turística.

A doutora se virou para Mirsat. *Atração turística?*

– Espere um pouco... as pessoas podem *descer* até a cisterna?

– Claro – respondeu o turco. – Muitos turistas a visitam todos os dias. A caverna é fascinante. Há passarelas acima da água e até um pequeno café. Como não é muito bem ventilado, o ambiente é meio abafado e úmido, mas mesmo assim faz muito sucesso.

Quando olhou para Brüder, a Dra. Sinskey pôde ver que o agente especializado em SMI pensava a mesma coisa que ela: uma caverna escura e úmida, cheia de água estagnada na qual um patógeno estava sendo incubado. Para completar o pesadelo, o lugar era cheio de passarelas pelas quais turistas passeavam o dia inteiro, logo acima da superfície da água.

– Ele criou um bioaerossol – declarou o agente.

Elizabeth Sinskey assentiu e seus ombros caíram.

– E isso significa? – quis saber Langdon.

– Significa que o agente infeccioso é capaz de *se propagar pelo ar* – explicou Brüder.

Langdon se calou e a doutora pôde ver que ele agora estava entendendo a magnitude daquela emergência.

Não era de agora que a diretora cogitava a possibilidade de um patógeno que se propagasse pelo ar. Contudo, quando ainda acreditava que a cisterna abastecesse a cidade, torcera para que Zobrist tivesse escolhido um organismo vivo que se propagasse pela água. Bactérias que viviam na água eram robustas e resistentes a mudanças climáticas, mas, em compensação, sua propagação era lenta.

Patógenos que se progavam pelo ar se espalhavam depressa.

Muito depressa.

– Se o agente se propaga pelo ar, deve ser um vírus – afirmou Brüder.

Um vírus, concordou a Dra. Sinskey. *O patógeno de propagação mais veloz que Zobrist poderia ter escolhido*.

Liberar debaixo d'água um vírus que se propagava pelo ar sem dúvida era uma escolha estranha, mas havia muitas formas de vida que incubavam em líquido para depois eclodir no ar: mosquitos, esporos de mofo, as bactérias causadoras da legionelose, micotoxinas, marés vermelhas e até mesmo os seres humanos. Elizabeth Sinskey teve uma sombria visão do vírus permeando a lagoa da cisterna... e depois das microgotículas infectadas se espalhando pelo ar úmido.

Mirsat agora olhava para o outro lado de uma rua engarrafada com uma expressão

apreensiva. A doutora seguiu seu olhar até uma construção baixa de tijolos vermelhos e brancos cuja única porta de entrada se encontrava aberta, deixando entrever o que parecia o vão de uma escada. Algumas pessoas bem-vestidas pareciam aguardar do lado de fora, debaixo de guarda-chuvas, enquanto um porteiro controlava o fluxo de visitantes que descia a escada.

Será algum tipo de boate subterrânea?

Então viu a inscrição em letras douradas no prédio e sentiu um súbito aperto no peito. Entendeu por que Mirsat parecia tão preocupado, a menos que a boate se chamasse Cisterna e houvesse sido construída em 523 d.C.

– O palácio afundado – balbuciou o turco. – Parece... que há um concerto lá hoje.

Elizabeth Sinskey pareceu não acreditar.

– Um concerto dentro de uma cisterna?!

– É um ambiente fechado muito espaçoso – respondeu ele. – Muitas vezes é usado como centro cultural.

Brüder já parecia ter ouvido o suficiente. Foi correndo em direção ao prédio, esquivando-se do tráfego que congestionava a avenida Alemdar. Os outros saíram em disparada logo atrás dele.

Quando o grupo chegou à entrada da cisterna, a porta estava bloqueada por um grupo de espectadores que aguardava permissão para descer – um trio de mulheres de burca, um casal de turistas de mãos dadas e um homem de smoking. Estavam todos amontoados junto à porta, tentando se proteger da chuva.

A Dra. Sinskey escutou os acordes melodiosos de uma peça clássica vindos lá de baixo. *Berlioz*, foi o seu palpite, a julgar pela orquestração peculiar. Qualquer que fosse a música, porém, soava fora de lugar ali nas ruas de Istambul.

Assim que o grupo se aproximou da entrada, ela sentiu uma lufada de ar morno subir pela escada, vindo do fundo da terra e escapando da caverna fechada. O ar trazia até a superfície não apenas o som de violinos, mas os cheiros inconfundíveis de umidade e de pessoas aglomeradas.

Trouxe-lhe também um pressentimento funesto.

Quando um punhado de turistas emergiu da escada, conversando animadamente ao sair, o porteiro permitiu que o grupo seguinte descesse.

Na mesma hora, Brüder avançou para entrar, mas o porteiro o deteve com um aceno educado.

– Um instante, senhor. A cisterna está com a lotação máxima. O próximo visitante deve demorar menos de um minuto para sair. Obrigado.

Brüder pareceu prestes a entrar à força, mas a Dra. Sinskey pousou uma das mãos em seu ombro e o puxou de lado.

– Espere – ordenou ela. – Sua equipe está a caminho e você não vai conseguir fazer uma busca neste lugar sozinho. – Ela indicou com um gesto a placa que havia

na parede ao lado da porta. – A cisterna é imensa.

A placa informativa descrevia um recinto subterrâneo do tamanho de uma catedral, cujo comprimento equivalia a quase dois campos de futebol, e com um teto de mais de 9 mil metros quadrados sustentado por uma floresta de 336 colunas de mármore.

– Olhem só para isso – disse Langdon, parado a poucos metros de distância. – Vocês não vão acreditar.

A Dra. Sinskey se virou. Langdon apontou um cartaz na parede que anunciava o concerto.

Meu Deus.

A diretora da OMS havia acertado ao identificar o estilo da música que estava sendo executada; era de fato uma peça romântica. No entanto, não havia sido composta por Berlioz, mas por outro compositor do gênero: Franz Liszt.

Naquela noite, nas profundezas da terra, a Orquestra Sinfônica Estatal de Istambul estava executando uma das obras mais conhecidas de Franz Liszt – a *Sinfonia Dante* –, uma composição inteira inspirada pela descida de Dante Alighieri ao Inferno.

– Faz uma semana que a sinfônica está tocando esse concerto – disse Langdon, examinando as letras miúdas do cartaz. – É um espetáculo gratuito. Patrocinado por um doador anônimo.

Elizabeth Sinskey achava que sabia quem era o doador. Pelo visto, o pendor de Zobrist para a teatralidade era também uma impiedosa estratégia prática. Aquela semana de concertos gratuitos atrairia milhares de turistas a mais do que o normal para dentro da cisterna, colocando-os em uma área congestionada... onde iriam respirar o ar contaminado para em seguida retornar a suas casas, tanto em Istambul quanto no resto do mundo.

– Senhor? – disse o porteiro, chamando Brüder. – Temos lugar para mais duas pessoas.

O agente se virou para a Dra. Sinskey.

– Chame as autoridades locais. Independentemente do que encontrarmos lá embaixo, vamos precisar de ajuda. Quando a minha equipe chegar, peça que eles me chamem pelo rádio para que eu os atualize. Vou descer e ver se consigo descobrir onde Zobrist pode ter amarrado esse troço.

– Sem máscara de gás? – estranhou a doutora. – Você não tem como saber se o saco de Solublon está intacto.

Brüder fechou a cara e ergueu a mão para sentir o vento morno que subia pela porta.

– Detesto dizer isso, mas, se o agente infeccioso tiver sido liberado, calculo que todo mundo na cidade já deva estar infectado.

Elizabeth Sinskey estava pensando a mesma coisa, mas não quisera dizer nada na

frente de Langdon e Mirsat.

– Além do mais – acrescentou Brüder –, já vi o que acontece com multidões quando minha equipe chega usando roupas de proteção. Enfrentaríamos o pânico generalizado e uma debandada.

A diretora da OMS decidiu acatar a sugestão do agente; afinal ele era o especialista e não era a primeira vez que enfrentava uma situação como aquela.

– Nossa única alternativa realista é supor que lá embaixo ainda seja seguro, partir para a ação e tentar conter a ameaça – disse-lhe Brüder.

– Está bem – concordou a Dra. Sinskey. – Faça isso.

– Tem mais um problema – interveio Langdon. – E Sienna?

– O que tem ela? – indagou Brüder.

– Sejam quais forem as suas intenções aqui em Istambul, ela é muito boa com idiomas e deve falar um pouco de turco.

– E daí?

– Sienna sabe que o poema menciona o "palácio afundado" – continuou Langdon. – E, em turco, "palácio afundado" aponta literalmente... – Ele indicou a placa em cima da porta, que dizia "Yerebatan Sarayi" – ... para cá.

– É verdade – concordou Sinskey, parecendo esgotada. – Ela pode muito bem ter entendido isso sem nem precisar passar por Santa Sofia.

Brüder olhou para a única porta da cisterna e resmungou um palavrão.

– Certo, se ela estiver lá embaixo e planejar romper o saco de Solublon antes de conseguirmos isolá-lo, pelo menos não deve ter chegado há muito tempo. A área é imensa e ela provavelmente não faz a menor ideia de onde procurar. Além disso, com tanta gente por perto, talvez não consiga entrar na água sem ser notada.

– Senhor? – tornou a chamar o porteiro. – Gostaria de entrar agora?

Brüder viu outro grupo de espectadores atravessando a rua na direção deles e assentiu para o porteiro.

– Eu vou junto – disse Langdon, indo atrás dele.

Brüder se virou para encará-lo.

– Nem pensar.

Langdon assumiu um tom de voz inflexível:

– Agente Brüder, um dos motivos para estarmos nessa situação é o fato de Sienna Brooks ter passado o dia inteiro me enganando. E, como o senhor mesmo disse, talvez já estejamos todos infectados. Vou ajudá-lo, queira o senhor ou não.

Depois de encará-lo por alguns segundos, Brüder acabou cedendo.

◆ ◆ ◆

Quando Langdon atravessou a porta e começou a descer a escada íngreme atrás de Brüder, sentiu a rápida lufada de ar morno vinda das entranhas da cisterna. A

brisa úmida trazia consigo os acordes da *Sinfonia Dante* de Liszt, bem como um cheiro conhecido, mas indescritível: o de uma grande aglomeração de pessoas reunidas em um espaço fechado.

De repente, sentiu-se envolvido por uma mortalha espectral, como se dedos compridos, invisíveis, se estendessem das profundezas da terra para arranhar sua pele.

Essa música.

Nesse exato momento, o coro da orquestra sinfônica – composto por uma centena de vozes – entoava um trecho conhecido da peça, articulando cada sílaba do texto macabro de Dante.

– *Lasciate ogne speranza, voi ch'entrate*!

As seis palavras do verso mais famoso de todo o *Inferno* subiram pela escada como o agourento fedor da morte.

Acompanhado por um crescendo de trompetes e trompas, o coro tornou a entoar o mesmo alerta.

– *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!*

Abandonai toda esperança, vós que aqui entrais!

CAPÍTULO 91

Banhada em luz vermelha, a caverna subterrânea reverberava com as notas de uma música inspirada pelo próprio Inferno: lamento de vozes, guinchos dissonantes de cordas e o grave rufar de tímpanos trovejavam pela gruta como um tremor sísmico.

Até onde a vista de Langdon alcançava, o piso daquele mundo subterrâneo era um reluzente espelho d'água – escuro, imóvel e liso –, semelhante ao gelo negro de um lago congelado na Nova Inglaterra.

A lagoa que não reflete as estrelas.

Erguendo-se da água, meticulosamente dispostas em fileiras que pareciam não ter fim, centenas de grossas colunas dóricas, cada uma com cerca de 10 metros de altura, sustentavam o teto abobadado da caverna. Como eram iluminadas de baixo para cima por uma série de spots de luz, as colunas compunham uma floresta surreal de troncos realçados que se perdiam na escuridão distante, como uma espécie de ilusão multiplicada.

Langdon e Brüder pararam ao pé da escada, imobilizados por um instante no limiar da cavidade espectral à sua frente. Toda a caverna parecia reluzir em tons de vermelho e, enquanto assimilava aquela cena, Langdon mal conseguia respirar.

O ar lá embaixo era mais denso do que ele havia imaginado.

Mais adiante à sua esquerda, viu a multidão. O concerto acontecia bem no fundo daquele espaço subterrâneo, a meio caminho da parede mais afastada, e o público se acomodava sobre uma série de plataformas. Centenas de espectadores estavam sentados em anéis concêntricos dispostos em volta da orquestra, ao passo que outra centena de pessoas se postava de pé atrás desses assentos. Outras ainda haviam se posicionado nas passarelas próximas e, apoiadas nos sólidos parapeitos, fitavam a superfície da água, ouvindo a música.

Langdon se pegou percorrendo com os olhos aquele mar de silhuetas amorfas à procura de Sienna. Não havia nem sinal dela. Em vez disso, viu figuras usando smokings, vestidos de gala, *bishts*, burcas e até mesmo alguns turistas de short e moletom. Para Langdon, aquele conjunto variado de seres humanos reunidos sob a luz escarlate mais parecia estar celebrando algum tipo de missa negra.

Se Sienna estiver aqui embaixo, vai ser quase impossível encontrá-la, percebeu.

Nesse exato momento, um homem corpulento passou por eles e começou a subir a escada, tossindo. Brüder deu meia-volta e o observou partir, examinando-o com

atenção. Langdon sentiu uma leve coceira na garganta, mas disse a si mesmo que era apenas sua imaginação.

Brüder então deu um passo hesitante na passarela, avaliando as diversas alternativas que se apresentavam. O caminho à frente deles parecia a entrada do labirinto do Minotauro. Logo adiante, a passarela única se dividia em três, sendo que cada uma dessas três vias tornava a se dividir, criando um labirinto suspenso acima d'água, que ziguezagueava por entre as colunas e serpenteava rumo à escuridão.

Vi-me nas entranhas de uma floresta escura, pois o caminho reto perdido estava, pensou Langdon, lembrando o agourento Canto I da obra-prima de Dante.

Ele olhou por cima do parapeito em direção à água. A lagoa tinha mais de um metro de profundidade e era de uma limpidez supreendente. Era possível ver o fundo de lajotas de pedra coberto por uma fina camada de lodo.

Brüder também lançou um breve olhar para baixo e, com um resmungo, tornou a erguer os olhos para a caverna.

– Está vendo alguma coisa parecida com a área mostrada no vídeo de Zobrist?

Tudo, pensou Langdon, analisando as paredes úmidas que os cercavam. Fez um gesto em direção ao canto mais distante da caverna, bem à direita, longe da multidão que se aglomerava ao redor da orquestra.

– Meu palpite é que esteja mais lá para trás.

Brüder concordou.

– Foi o que pensei também.

Os dois atravessaram depressa a passarela e, quando ela se dividiu, pegaram o caminho da direita, afastando-se do público em direção aos confins do palácio afundado.

Enquanto caminhavam, Langdon percebeu como seria fácil se esconder ali para passar a noite. Zobrist poderia ter feito exatamente isso para gravar o vídeo. É claro que, se tivesse sido ele mesmo o generoso patrocinador daquela semana de concertos, também poderia apenas ter solicitado algum tempo sozinho dentro da cisterna.

Não que isso tenha alguma importância agora.

Brüder passara a andar mais rápido, como se acompanhasse de forma inconsciente o andamento da sinfonia, que havia se acelerado até uma série de semitons descendentes e pausados, imitando uma cascata.

A descida de Dante e Virgílio rumo ao Inferno.

Langdon examinava com atenção as paredes íngremes e cobertas de limo à sua direita, ainda distantes, tentando encaixá-las com o que vira no vídeo. A cada vez que a passarela se dividia, eles dobravam à direita, afastando-se mais e mais da multidão e se encaminhando para o canto mais remoto da caverna. Quando olhou para trás, Langdon ficou espantado com a distância que já haviam vencido.

Agora quase correndo, passaram por um punhado de visitantes desgarrados, mas, quando chegaram aos limites da cisterna, o número de pessoas havia se reduzido de tal forma que não restava mais ninguém.

Brüder e Langdon estavam sozinhos.

– É tudo igual – disse o agente, desesperado. – Por onde começamos?

Langdon sentia a mesma frustração. Lembrava-se com clareza do vídeo, mas nada ali se destacava do resto.

Conforme avançavam, foi estudando as placas informativas iluminadas por uma luz tênue que salpicavam a passarela. Uma delas descrevia a capacidade volumétrica da cisterna: 80 milhões de litros. Outra indicava uma coluna diferente das demais, roubada de uma estrutura próxima durante a obra. Uma terceira mostrava o diagrama de um antigo relevo: o símbolo do Olho do Pavão que Chora, que pranteava todos os escravos mortos na construção da cisterna.

Estranhamente, uma das placas exibia uma única palavra que fez Langdon parar na mesma hora.

Brüder fez o mesmo e se virou para trás.

– O que houve?

Langdon apontou.

Na placa, acompanhado por uma seta que apontava a direção, havia o nome de uma temível górgona – a infame mostruosidade da mitologia grega.

MEDUSA ⇒

Brüder leu a placa e deu de ombros.

– E daí?

O coração de Langdon estava acelerado. Ele sabia que a Medusa não era apenas a medonha criatura com cobras no lugar dos cabelos, cujo olhar tinha o poder de petrificar quem a encarasse. Era também uma integrante proeminente do panteão grego de espíritos subterrâneos... uma categoria específica conhecida como monstros ctônicos.

Descei às profundezas do palácio afundado...
pois lá, na escuridão, espreita o monstro ctônico...

Ela está apontando o caminho, compreendeu ele, saindo em disparada pela passarela. Brüder mal conseguia acompanhá-lo enquanto Langdon ziguezagueava rumo à escuridão, seguindo as placas da Medusa. Por fim, o professor chegou a uma pequena plataforma de observação junto à base da parede mais à direita da cisterna, depois da qual não havia como prosseguir.

Foi ali que deparou com uma incrível visão.

Um gigantesco bloco de mármore esculpido erguia-se de dentro d'água: a cabeça da Medusa, com as cobras se contorcendo em meio aos cabelos. O fato de a cabeça

estar ao contrário sobre o pescoço a tornava ainda mais bizarra.

Ela está invertida como as almas condenadas, entendeu Langdon, pensando no *Mapa do Inferno* de Botticelli e nos pecadores pintados no Malebolge.

Brüder chegou ofegante ao seu lado junto ao parapeito e encarou a cabeça invertida da Medusa com uma expressão atônita.

Langdon desconfiava de que aquela cabeça esculpida, que agora fazia as vezes de plinto e sustentava uma das colunas, devia ter sido saqueada de algum outro lugar e usada ali como material de construção barato. Sem dúvida estava invertida pela superstição de que isso privava a Medusa de seus poderes maléficos. Mesmo assim, ele não foi capaz de reprimir a enxurrada de pensamentos apavorantes que o assaltou.

O desfecho do Inferno *de Dante. O centro da Terra, onde a gravidade se inverte. A descida passa a ser subida.*

Sentindo uma premonição sinistra arrepiar sua pele, Langdon estreitou os olhos em direção à névoa avermelhada que rodeava a cabeça esculpida. A maior parte dos cabelos infestados de cobras da Medusa estava submersa, mas seus olhos se encontravam acima da superfície, virados para a esquerda, fitando a margem oposta da lagoa.

Tomado pelo medo, ele se inclinou por sobre o parapeito e virou a cabeça para acompanhar o olhar da estátua rumo ao conhecido canto vazio do palácio afundado.

Precisou apenas de um segundo para entender.

Era ali.

Aquele era o marco zero de Zobrist.

CAPÍTULO 92

O agente Brüder desceu sorrateiramente, deslizando por baixo do parapeito e entrando na água que lhe chegava ao peito. Quando o líquido frio encharcou suas roupas, a temperatura fez seus músculos se retesarem. O fundo da cisterna lhe pareceu escorregadio sob as botas, mas também firme. Ficou algum tempo parado, tentando se situar, enquanto observava os círculos concêntricos de água se afastarem de seu corpo e encresparem a superfície da lagoa.

Por alguns instantes, Brüder nem respirou. *Vá devagar*, disse a si mesmo. *Tente não agitar a água*.

Acima dele, junto ao parapeito, Langdon corria os olhos pelas passarelas ao redor.

– Tudo certo – falou. – Ninguém está vendo.

Brüder se virou e encarou a imensa cabeça invertida da Medusa, iluminada por um spot vermelho. Agora que estava no mesmo nível que ele, o monstro lhe pareceu ainda maior.

– Siga o olhar da Medusa pela lagoa – sussurrou Langdon. – Zobrist tinha talento para simbolismo e drama... Eu não me espantaria se ele tiver depositado sua criação bem na linha de seu olhar letal.

Mentes brilhantes pensam de um jeito parecido. Brüder sentiu-se grato pelo fato de o professor ter insistido em acompanhá-lo até ali embaixo. Foi graças aos conhecimentos dele que tinham chegado sem demora àquele canto afastado da cisterna.

Com os acordes da *Sinfonia Dante* reverberando ao longe, Brüder pegou sua minilanterna à prova d'água Tovatec e, depois de submergi-la, a acendeu. Uma forte luz halógena varou a água, iluminando o fundo da cisterna à sua frente.

Devagar, lembrou o agente a si mesmo. *Não faça movimentos bruscos*.

Sem dizer mais nada, ele iniciou sua cuidadosa jornada lagoa adentro, avançando em câmera lenta pela água, movendo a lanterna metodicamente de um lado para outro, como um caçador de minas submersas.

◆ ◆ ◆

No parapeito, Langdon havia começado a sentir uma constrição aflitiva na garganta. Apesar da umidade, o ar da cisterna lhe parecia viciado, quase irrespirável. Enquanto Brüder avançava com cautela pela lagoa, ele tentou se tranquilizar dizendo

a si mesmo que tudo correria bem.

Chegamos a tempo.

Está tudo intacto.

A equipe de Brüder vai conseguir conter a ameaça.

Mesmo assim, sentia-se nervoso. Como era claustrofóbico desde pequeno, sabia que ficaria ansioso naquele lugar, quaisquer que fossem as circunstâncias. *Deve haver milhares de toneladas de terra acima de onde estamos... sustentadas apenas por colunas em decomposição*.

Afastou esse pensamento e tornou a olhar para trás, a fim de ver se alguém demonstrava mais interesse do que devia pelo que Brüder e ele estavam fazendo.

Nada.

As únicas pessoas por perto, em pé sobre diversas outras passarelas, olhavam todas na direção oposta, para a orquestra. Ninguém parecia ter reparado no homem que avançava lentamente pela água naquele canto remoto da cisterna.

Langdon olhou de volta para o chefe da equipe de SMI, cujo facho de luz halógena submerso ainda oscilava à sua frente, fantasmagórico, iluminando o caminho.

Enquanto observava o agente, a visão periférica de Langdon captou de repente um movimento à sua esquerda – uma ameaçadora forma escura erguendo-se da água diante de Brüder. Langdon deu meia-volta e fitou a densa escuridão, quase esperando ver alguma espécie de leviatã emergir da água.

Brüder se deteve; parecia ter visto a mesma coisa que ele.

Na extremidade oposta, uma forma negra e tremeluzente se erguia uns 10 metros na parede. A silhueta espectral parecia quase idêntica à do médico da peste no vídeo de Zobrist.

É uma sombra, percebeu Langdon, soltando a respiração presa. *A sombra de Brüder.*

A sombra havia sido projetada quando o agente passara em frente a um spot de luz submerso na lagoa. Parecia que fora exatamente o que Zobrist fizera no vídeo.

– É o spot de luz – disse Langdon para Brüder. – Está bem aí perto.

Brüder assentiu e continuou a avançar devagar pela água. Langdon foi margeando o parapeito para acompanhá-lo. Conforme o agente se embrenhava mais na lagoa, Langdon deu outra olhada rápida em direção à orquestra para se certificar de que ninguém o vira.

Nada.

Quando olhou outra vez para a água, uma centelha de luz refletida atraiu seu olhar para a passarela a seus pés.

Ele olhou para baixo e viu uma pequena poça de líquido vermelho.

Sangue.

Para sua surpresa, estava pisando bem em cima dela.

Estou sangrando?

Não sentia dor, mas mesmo assim começou a se tatear freneticamente em busca de algum ferimento ou possível reação a algum tipo de toxina que pairasse no ar. Verificou o nariz para ver se havia hemorragia, depois as unhas das mãos e as orelhas.

Sem saber de onde viera aquele sangue, olhou em volta e confirmou que estava sozinho na passarela.

Porém, quando tornou a baixar os olhos para a poça, reparou em um minúsculo filete que escorria pela passarela até empoçar debaixo de seus pés. O líquido vermelho parecia vir de algum lugar mais à frente e escorria graças a uma inclinação no caminho.

Tem alguém ferido ali na frente, pressentiu. Relanceou os olhos para Brüder, que agora se aproximava do centro da lagoa.

Então Langdon começou a andar depressa pela passarela, seguindo o filete vermelho. À medida que avançava em direção ao final do caminho, o filete foi se alargando até passar a escorrer livremente. *O que é isso?* A essa altura, já estava diante de um pequeno riacho. Ele começou a correr e seguiu o líquido até junto à parede, onde a passarela terminava de forma abrupta.

Fim da linha.

Na escuridão turva, viu uma poça grande que cintilava, vermelha, como se alguém houvesse acabado de ser esquartejado ali.

Nesse instante, ao ver o líquido pingar da passarela para dentro da cisterna, percebeu que havia se enganado.

Não é sangue.

Aliadas ao tom avermelhado da passarela, as luzes que iluminavam o amplo espaço tinham criado uma ilusão, dando àquelas gotículas transparentes um tom entre o negro e o vermelho.

É só água.

Em vez de lhe trazer uma sensação de alívio, a revelação instilou em Langdon um medo profundo. Ele tornou a olhar para a poça e viu que o corrimão também estava molhado... e notou pegadas no chão.

Alguém saiu da água aqui.

Virou-se para chamar Brüder, mas o agente estava longe demais e a música havia se intensificado em um *fortissimo* de sopros e tímpanos. Era ensurdecedor. De repente, Langdon sentiu uma presença ao seu lado.

Não estou sozinho.

Em câmera lenta, virou-se para a parede na qual a passarela terminava. A 3 metros de onde estava, discerniu uma forma arredondada em meio a sombras escuras, como uma grande pedra envolta em panos pretos, pingando no meio de uma

poça d'água. A forma estava imóvel.

Então se mexeu de repente.

A silhueta se alongou e sua cabeça sem traços se virou para cima da pose curvada em que estava.

É uma pessoa de burca, percebeu Langdon.

Apesar de a veste tradicional islâmica cobrir o corpo inteiro e não deixar nenhum pedaço de pele aparente, quando o rosto velado se virou na sua direção, viu dois olhos escuros espiando pela fenda estreita da máscara da burca e se cravarem com intensidade nos seus.

Em um segundo, ele entendeu.

Sienna Brooks se levantou de onde estava escondida com um pulo que foi uma verdadeira explosão. Bastou-lhe um passo para começar a correr. Ela trombou com Langdon, derrubando-o no chão, e saiu desabalada pela passarela.

CAPÍTULO 93

Agora o agente Brüder estava parado no meio da lagoa. O facho de luz halógena da lanterna Tovatec acabara de captar o forte brilho de um objeto metálico mais à frente, no fundo da cisterna.

Quase sem conseguir respirar, Brüder deu um passo cauteloso mais para perto, tomando cuidado para não criar nenhuma agitação na água. Pela superfície vítrea, pôde discernir um retângulo de titânio brilhante chumbado ao chão.

A placa de Zobrist.

A água era tão clara que ele quase conseguiu ler a data do dia seguinte e o texto que a acompanhava:

NESTE LOCAL, NESTA DATA,
O MUNDO FOI TRANSFORMADO PARA SEMPRE.

Não tenha tanta certeza disso, pensou o agente, sentindo-se mais confiante. *Ainda temos várias horas para impedi-lo.*

Lembrando-se do vídeo, moveu a lanterna lentamente para a esquerda da placa em busca do saco de Solublon preso ao fundo. Quando o facho clareou a água escura, estreitou os olhos, sem entender o que via.

Não havia saco nenhum.

Moveu o facho ainda mais para a esquerda, até o ponto exato em que o saco aparecera no vídeo.

Nada ali tampouco.

Mas... estava bem aqui!

O maxilar de Brüder se contraiu e ele avançou mais um passo, hesitante, movendo a luz da lanterna por toda a área.

Não havia saco nenhum. Apenas a placa.

Por um breve instante de esperança, pensou que talvez aquela ameaça, como tantas coisas hoje em dia, não tivesse passado de ilusão.

Será que foi tudo um alarme falso?!

Será que Zobrist só queria nos assustar?!

E foi então que ele viu.

À esquerda da placa, quase invisível no fundo, havia uma cordinha solta. O barbante flácido parecia uma minhoca sem vida. A ponta mais afastada tinha uma pequena presilha de plástico à qual estavam presos alguns resquícios de plástico Solublon.

Brüder ficou olhando para os restos esfarrapados do saco transparente. Ainda presos à extremidade da cordinha, pareciam o nó rasgado de um balão estourado.

A verdade se instalou devagar em suas entranhas, pesada como chumbo.

Chegamos tarde.

Ele imaginou o saco submerso se dissolvendo, se rompendo... o conteúdo mortal se espalhando pela água... e borbulhando até a superfície da lagoa.

Com um dedo trêmulo, apagou a lanterna e ficou parado alguns instantes no escuro, tentando organizar os pensamentos.

Eles logo se transformaram em preces.

Que Deus nos ajude.

◆ ◆ ◆

– Repita por favor, agente Brüder! – gritou Elizabeth Sinskey no rádio, descendo até a metade da escada que conduzia à cisterna para tentar melhorar o sinal. – Não entendi!

O vento morno passou por ela, veloz, e subiu a escada em direção à porta aberta lá em cima. Na rua, a equipe de SMI já havia chegado e seus integrantes se preparavam atrás do edifício, tentando manter os equipamentos de proteção fora da vista do público enquanto aguardavam a avaliação de Brüder.

– ... saco rompido... – A voz de Brüder crepitava no aparelho de Sinskey – ... e... liberado.

O quê?! Rezando para ter entendido mal, ela desceu correndo mais um pedaço da escada.

– Repita! – Agora estava próxima do pé da escada, onde a música da orquestra era mais alta.

Dessa vez a voz do agente soou bem mais nítida:

– ... repetindo... o agente contaminante se dispersou!

A Dra. Sinskey se lançou para a frente e quase caiu ao pé da escada na entrada da cisterna. *Como é possível?!*

– O saco plástico se dissolveu – disse a voz de Brüder, bem audível. – O agente contaminante está na água!

A doutora sentiu um suor frio brotar de sua pele. Ergueu os olhos para tentar entender que vasto mundo subterrâneo era aquele que agora se estendia à sua frente. Em meio à névoa avermelhada, viu uma ampla superfície de água da qual brotavam centenas de colunas. Mais do que tudo, porém, viu pessoas.

Centenas de pessoas.

Ficou olhando para aquela multidão alheia ao perigo, presa na armadilha mortal subterrânea de Zobrist. Reagiu por instinto.

– Agente Brüder, suba imediatamente. Vamos começar a evacuar as pessoas agora

mesmo.

A resposta do agente foi instantânea.

– De jeito nenhum! Lacrem a porta! Não deixem ninguém sair!

Como diretora da OMS, Elizabeth Sinskey estava habituada a ter suas ordens acatadas sem questionamento. Por um segundo pensou que não havia entendido direito as palavras do chefe da equipe de SMI. *Lacrar a porta?!*

– Dra. Sinskey! – gritou o agente, mais alto que a música. – Está me entendendo?! Fechem a droga da porta!

Brüder repetiu a ordem, mas era desnecessário. A Dra. Sinskey sabia que ele estava certo. Diante de uma possível pandemia, a contenção era a única alternativa cabível.

Por reflexo, ela ergueu a mão e segurou com força o amuleto de lápis-lazúli. *Sacrificar poucos para salvar muitos*. Mais decidida, levou o rádio à boca.

– Confirmado, agente Brüder. Vou dar a ordem para lacrarem a porta.

Estava prestes a virar as costas para o horror da cisterna e dar a ordem de lacrar o recinto quando percebeu uma súbita confusão no meio das pessoas.

Não muito longe dali, uma mulher de burca preta corria na sua direção por uma passarela lotada, derrubando quem estivesse na sua frente. A mulher de véu parecia seguir diretamente para a Dra. Sinskey e para a saída.

Alguém a está perseguindo, pensou a diretora ao ver um homem correndo atrás da mulher.

Então gelou. *Mas aquele ali é Langdon!*

Voltou a olhar para a mulher de burca, que se aproximava depressa e agora gritava algo em turco para todos os que estavam na passarela. Elizabeth Sinskey não falava turco, mas, a julgar pela reação apavorada dos presentes, as palavras da mulher tinham tido o mesmo efeito de gritar "fogo" dentro de um teatro lotado.

Uma onda de pânico varreu a multidão e, de repente, não eram mais só a mulher de burca e Langdon que corriam para a escada. Eram todos.

A Dra. Sinskey deu as costas para a multidão desabalada que vinha na sua direção e começou a gritar desesperada para sua equipe no alto da escada.

– Tranquem a porta! – berrou. – Lacrem a cisterna! AGORA!

* * *

Quando Langdon dobrou uma quina para chegar à escada, derrapando por causa da velocidade, a Dra. Sinskey já havia subido até a metade e avançava aos tropeços em direção à rua, gritando descontroladamente para que fechassem a porta. Logo em seu encalço vinha Sienna Brooks, lutando contra a pesada burca molhada que dificultava sua subida.

Correndo atrás das duas, Langdon pôde sentir uma imensa maré de espectadores

aterrorizados crescer atrás dele.

– Lacrem a saída! – tornou a gritar Elizabeth Sinskey.

As pernas compridas de Langdon lhe permitiam subir os degraus de três em três, e ele estava diminuindo depressa a distância que o separava de Sienna. Lá em cima, viu a pesada porta dupla da cisterna começar a se mover para dentro.

Está devagar demais.

Então Sienna ultrapassou a Dra. Sinskey, agarrando-a pelo ombro e usando-a como alavanca para disparar na sua frente, passando por cima dela em direção à saída. A diretora da OMS tropeçou e caiu de joelhos na escada. Seu querido amuleto bateu no degrau de cimento e se partiu ao meio.

Langdon resistiu ao instinto de parar a fim de ajudá-la e passou correndo por ela, seguindo a toda a velocidade rumo ao patamar superior.

Sienna agora estava a poucos metros dele, quase ao seu alcance, mas já havia chegado ao topo e a porta não estava se fechando depressa o bastante. Sem diminuir a velocidade, virou o corpo esguio com desenvoltura e passou de lado pela abertura estreita.

Ainda estava passando quando sua burca agarrou em um trinco e a obrigou a parar, presa em plena soleira, a poucos centímetros da liberdade. Enquanto ela se contorcia para se soltar, Langdon estendeu a mão e pegou um pedaço da burca. Segurou com força e puxou para trás, tentando trazer Sienna de volta para dentro, mas ela se contorceu feito louca e de repente ele viu que segurava apenas um pedaço de pano molhado.

A porta se fechou em cima da burca e por pouco não imprensou a mão dele. A roupa embolada estava agora presa na porta, o que impedia os homens lá fora de fechá-la por completo.

Pela fresta estreita, Langdon viu Sienna Brooks correndo por uma rua movimentada; seu crânio calvo brilhava à luz dos postes. Ela ainda usava o mesmo suéter e a mesma calça jeans com os quais passara o dia inteiro, e Langdon de repente teve uma intensa e avassaladora sensação de ter sido traído.

A sensação durou apenas um segundo. Um peso súbito e esmagador o projetou com força para cima da porta.

A multidão em debandada o havia alcançado.

Gritos de terror e incompreensão começaram a ecoar pelo vão da escada ao mesmo tempo que a música da orquestra lá embaixo desafinava até virar uma cacofonia confusa. Langdon sentiu a pressão nas costas aumentar à medida que o funil se estreitava. Sua caixa torácica começou a ser dolorosamente imprensada contra a porta.

As duas folhas da porta então explodiram para fora e Langdon foi lançado para o ar noturno como a rolha de uma garrafa de champanhe. Cambaleou pela calçada e

quase caiu no meio da rua. Atrás dele, um rio de gente brotava da terra como formigas fugindo de um formigueiro envenenado.

Ao ouvir aquela algazarra caótica, os agentes de SMI saíram de trás do prédio. Sua aparição – todos paramentados com roupas de proteção e máscaras de gás – só fez aumentar o pânico.

Langdon se virou e olhou para o outro lado da rua, na direção em que Sienna fugira. Tudo o que conseguiu ver foi engarrafamento, luzes e confusão.

Então, por um instante fugaz, mais adiante à sua esquerda, o pálido brilho de uma careca fulgurou na noite, avançando em disparada por uma calçada apinhada e desaparecendo ao dobrar uma esquina.

Olhou para trás desesperado à procura de Elizabeth Sinskey, da polícia ou de um agente de SMI que não estivesse usando o trambolho de uma roupa de proteção.

Não viu ninguém.

Entendeu que estava sozinho.

Sem hesitar mais, saiu correndo atrás de Sienna.

◆ ◆ ◆

Bem lá embaixo, nos mais recônditos recessos da cisterna, o agente Brüder continuava sozinho, parado dentro da água. O barulho do pandemônio ecoava pela escuridão enquanto turistas e músicos se acotovelavam em um verdadeiro frenesi para tentar chegar à saída antes de desaparecerem escada acima.

A porta não foi lacrada, compreendeu ele, horrorizado. *A contenção fracassou.*

CAPÍTULO 94

Robert Langdon não era nenhum grande corredor, mas anos de natação haviam lhe garantido pernas fortes e suas passadas eram compridas. Em poucos segundos, dobrou a esquina e se viu numa avenida mais larga. Aflito, vasculhou as calçadas com os olhos.

Ela tem que estar aqui!

Tinha parado de chover e, daquela esquina, dava para ver toda a rua iluminada. Não havia onde se esconder.

Mesmo assim, Sienna parecia ter desaparecido.

Langdon parou com as mãos nos quadris. Ofegante, examinou a rua encharcada de chuva à sua frente. O único movimento que viu foi uns 50 metros adiante, onde um moderno *otobüs* de Istambul se afastava do meio-fio e começava a subir a avenida.

Será que Sienna embarcou em um ônibus?

Parecia-lhe arriscado demais. Será que ela iria mesmo se encurralar dentro de um ônibus quando sabia que todos estariam à sua procura? Mas, pensando bem, se achasse que ninguém a vira dobrar a esquina e se o ônibus por coincidência tivesse encostado naquele exato momento, proporcionando-lhe uma oportunidade cronometrada e perfeita...

Podia ser.

Uma placa em cima do ônibus informava o destino – um painel de luz programável que mostrava uma única palavra: GALATA.

Langdon subiu a rua correndo em direção a um elegante senhor idoso parado debaixo do toldo de um restaurante, vestido com uma túnica bordada e um turbante branco.

– Com licença – falou ao se aproximar, ainda ofegante. – O senhor fala inglês?

– Claro – respondeu o turco, parecendo abalado com a urgência em seu tom de voz.

– *Galata?!* Isso é um lugar?

– Galata? – repetiu o homem. – Ponte de Galata? Torre de Galata? Porto de Galata?

Langdon apontou para o *otobüs* que acabara de partir.

– Galata! Para onde aquele ônibus está indo!

O homem do turbante olhou para o coletivo que se afastava e o observou por alguns instantes.

– Ponte de Galata – respondeu. – Ela sai da cidade velha e vai até o outro lado.

Langdon soltou um grunhido e tornou a vasculhar a rua, mas não viu sinal algum de Sienna. Sirenes agora ecoavam por toda parte e veículos de emergência passavam em disparada rumo à cisterna.

– O que está acontecendo? – perguntou o senhor de turbante com ar alarmado. – Está tudo bem?

Langdon deu outra olhada em direção ao ônibus que partia e soube que seria uma aposta arriscada, mas não tinha alternativa.

– Não. Não está – respondeu. – Está havendo uma emergência e preciso de sua ajuda. – Acenou em direção ao meio-fio junto ao qual um manobrista acabara de estacionar um reluzente Bentley prata. – Esse carro é seu?

– É, sim, mas...

– Preciso de uma carona – disse Langdon. – Sei que nunca nos vimos antes, mas está havendo uma catástrofe. É uma questão de vida ou morte.

O senhor de turbante passou vários segundos encarando o professor como se lhe perscrutasse a alma. Por fim, assentiu.

– Então é melhor o senhor entrar.

Quando o Bentley se afastou do meio-fio com um rugido, Langdon se pegou agarrando com força o assento. Estava claro que o turco era um motorista experiente e o desafio de costurar no tráfego para brincar de gato e rato com o ônibus parecia lhe agradar.

Bastaram três quarteirões para o Bentley chegar bem atrás do *otobüs*. Langdon se inclinou para a fente e estreitou os olhos para ver melhor através da janela traseira do coletivo. A luz lá dentro era fraca, e tudo o que ele conseguiu distinguir foram as vagas silhuetas dos passageiros.

– Continue a seguir o ônibus, por favor – pediu ao turco. – O senhor tem celular?

O homem sacou um celular do bolso e o entregou a Langdon. Ele lhe agradeceu profusamente e só então se deu conta de que não fazia a menor ideia de para quem ligar. Não tinha os telefones da Dra. Sinskey nem de Brüder, e telefonar para o escritório da OMS na Suíça poderia ser demorado demais.

– Qual é o número da polícia daqui? – perguntou.

– Um cinco cinco – respondeu o motorista. – De qualquer lugar de Istambul.

Langdon digitou os três números e aguardou. Os toques do outro lado pareciam não terminar nunca. Por fim, uma gravação atendeu e disse, primeiro em turco e depois em inglês, que por causa do grande volume de chamadas era preciso aguardar. Langdon se perguntou se o motivo do volume de chamadas seria a crise na cisterna.

Àquela altura, o pandemônio no palácio afundado já devia ser completo. Pensou em Brüder avançando pela água da lagoa e se perguntou o que o agente teria

descoberto lá. Teve a desanimadora sensação de que já sabia.

Sienna tinha entrado na água antes dele.

Mais à frente, as luzes de freio do ônibus se acenderam e o coletivo encostou em um ponto junto ao meio-fio. O motorista do Bentley também encostou e ficou parado com o motor ligado uns 50 metros atrás, proporcionando a Langdon uma visão perfeita dos passageiros que embarcavam e saltavam. Apenas três pessoas desceram – todas do sexo masculino –, mas mesmo assim ele estudou cada uma delas com atenção, bem consciente dos talentos de Sienna para disfarces.

Seus olhos se voltaram novamente para a janela traseira. O vidro era escuro, mas o interior do ônibus estava agora bem iluminado e ele pôde ver melhor os passageiros. Inclinou-se para a frente, esticou o pescoço e aproximou bem o rosto do para-brisa do Bentley para tentar encontrar Sienna.

Por favor, não me diga que eu estava errado!

Então a viu.

Bem no fundo do ônibus, de costas para ele, um par de ombros esguios subia até a parte de trás de um crânio raspado.

Só pode ser ela.

Quando o ônibus acelerou, as luzes internas tornaram a diminuir. Na fração de segundo antes de sumir na escuridão, a cabeça virou para trás e olhou pela janela.

Langdon se abaixou no banco do carona para se esconder nas sombras do Bentley. *Será que ela me viu?* O motorista de turbante já estava saindo com o carro outra vez para voltar a seguir o ônibus.

A rua agora descia em direção à água, e mais à frente Langdon pôde ver as luzes de uma ponte baixa que se estendia por cima dela. A ponte parecia totalmente parada por causa do tráfego. Na verdade, toda a área próxima ao acesso à ponte parecia congestionada.

– O Bazar de Especiarias – explicou o turco. – É um programa concorrido nas noites de chuva.

Ele apontou para a beira d'água, onde um prédio de comprimento surpreendente se estendia à sombra de uma das mesquitas mais espetaculares da cidade: a Mesquita Nova – se Langdon não estivesse enganado, a julgar pela altura dos famosos minaretes gêmeos. O Bazar de Especiarias parecia maior do que a maioria dos shoppings americanos, e ele viu pessoas entrando e saindo pela imensa porta em arco.

– *Alo?!* – disse uma voz débil em algum lugar do carro. – *Acil Durum! Alo?!*

Langdon baixou os olhos para o celular em sua mão. *A polícia.*

– Ah, alô! – respondeu, erguendo o aparelho. – Meu nome é Robert Langdon. Estou trabalhando com a Organização Mundial da Saúde. Está havendo uma emergência grave na cisterna da cidade e estou seguindo a pessoa responsável. Ela

está a bordo de um ônibus perto do Bazar de Especiarias, a caminho da...

– Um instante, por favor – disse o atendente. – Vou passá-lo para a central.

– Não, escute! – Mas ele já havia sido posto em espera de novo.

O motorista do Bentley se virou para ele com um ar assustado.

– Uma emergência na cisterna?!

Langdon estava prestes a explicar quando o rosto do turco de repente se iluminou de vermelho, como o de um demônio.

Luzes de freio!

O motorista se virou depressa para a frente e o carro freou com uma leve derrapada logo atrás do ônibus. As luzes internas do coletivo tornaram a se acender e Langdon viu Sienna. Em pé junto à porta de trás, ela puxava a cordinha de parada de emergência e batia na porta para saltar.

Ela me viu, percebeu. Sem dúvida Sienna devia ter visto também o congestionamento na Ponte de Galata, entendendo que não podia ficar presa ali.

Langdon abriu a porta do carro na hora, mas Sienna já havia pulado para fora do ônibus e saído correndo pela noite. Ele jogou o celular de volta para o turco.

– Avise à polícia o que aconteceu! Mande cercarem a região!

O senhor de turbante assentiu, assustado.

– E obrigado! – gritou Langdon. – *Teşekkürler!*

Então ele disparou pela rua em declive no encalço de Sienna, que agora corria bem na direção das pessoas aglomeradas em volta do Bazar de Especiarias.

CAPÍTULO 95

Com trezentos anos de funcionamento, o Bazar de Especiarias de Istambul é um dos maiores mercados cobertos do mundo. O vasto complexo em forma de L tem 88 compartimentos em arco que abrigam centenas de barracas nas quais os vendedores oferecem com grande alarido uma variedade estarrecedora de prazeres gustativos vindos do mundo inteiro: especiarias, frutas, ervas e os doces típicos encontrados por toda a cidade, conhecidos como *lokums*.

A entrada do bazar – imenso portal de pedra encimado por um arco gótico – fica na esquina de Çiçek Pazari com a rua Tahmis. Diz-se que mais de trezentos mil visitantes passam por ela todos os dias.

Nessa noite, ao se aproximar da entrada apinhada de gente, Langdon teve a sensação de que todas as 300 mil pessoas estavam ali ao mesmo tempo. Ainda estava correndo, sem desgrudar os olhos de Sienna. Agora apenas uns 20 metros à sua frente. Ela corria em direção à entrada do bazar sem dar sinais de que iria parar.

Quando chegou ao portal em arco, Sienna deparou com a multidão. Começou a serpentear entre as pessoas para tentar abrir caminho. Assim que cruzou o limiar, olhou de relance para trás. Langdon viu em seus olhos uma garotinha amedrontada cuja fuga era impulsionada pelo medo... uma garotinha desesperada e fora de controle.

– Sienna! – gritou.

Mas ela mergulhou no mar de gente e sumiu.

Langdon se precipitou atrás dela, esbarrando, empurrando e esticando o pescoço até vê-la ziguezaguear pelo corredor ocidental do bazar, à esquerda de onde ele estava.

Barris cheios de especiarias exóticas margeavam o caminho – curry da Índia, açafrão do Irã, chá de flores da China –, e suas cores ofuscantes criavam um verdadeiro caleidoscópio de amarelos, marrons e dourados. A cada passo, Langdon sentia um cheiro diferente: cogumelos aromáticos, raízes amargas, óleos almiscarados, tudo flutuava pelo ar, misturando-se ao coro ensurdecedor de idiomas do mundo inteiro. O resultado era uma onda avassaladora de estímulos sensoriais... embalada pelo rumor incessante das pessoas.

Milhares de pessoas.

Uma sensação torturante de claustrofobia invadiu Langdon e quase o fez parar, mas ele se controlou e seguiu abrindo caminho pelo bazar. Viu Sienna logo à sua

frente, acotovelando-se em meio à multidão com uma força decidida. Era óbvio que ela não pararia de correr antes de chegar ao fim... qualquer que fosse o fim que a aguardasse.

Por um breve instante, Langdon se perguntou por que a estava perseguindo.

Por justiça? Levando em conta o que Sienna fizera, não conseguia sequer imaginar que tipo de punição ela teria que enfrentar caso fosse capturada.

Para impedir uma pandemia? O que tinha sido feito estava feito.

Enquando avançava aos empurrões por aquele mar de estranhos, Langdon de repente entendeu o que o fazia querer tanto alcançar Sienna Brooks.

Quero respostas.

Menos de 10 metros à frente, Sienna se dirigia para uma porta de saída no final do braço ocidental do bazar. Deu outra olhada rápida para trás e pareceu alarmada ao ver Langdon tão perto. Quando tornou a se virar para a frente, tropeçou e caiu.

Sua cabeça se projetou para a frente e colidiu com o ombro da pessoa que caminhava adiante. Ao cair, ela estendeu a mão direita em busca de qualquer coisa que pudesse aparar sua queda. Tudo o que encontrou foi a borda de um barril cheio de castanhas secas que agarrou em desespero, puxando-o sobre si e fazendo uma avalanche de castanhas se esparramar pelo chão.

Langdon precisou de três passos para chegar ao ponto em que Sienna caíra. Baixou os olhos para o chão, mas tudo o que viu foi o barril virado e as castanhas. Nem sinal dela.

O vendedor gritava feito um louco.

Onde ela se meteu?!

Langdon pôs-se a girar no mesmo lugar, mas Sienna dera um jeito de sumir. Quando ele olhou para a saída ocidental, a apenas 15 metros de onde estava, entendeu que aquele tombo espetacular não fora nenhum acidente.

Correu até a saída e irrompeu em uma imensa esplanada igualmente apinhada. Percorreu-a com os olhos, procurando em vão.

Bem à sua frente, do outro lado de uma via expressa de várias pistas, a Ponte de Galata se estendia por sobre o largo curso do Chifre de Ouro. Bem altos à sua direita, os minaretes gêmeos da Mesquita Nova brilhavam com intensidade acima da esplanada. E à sua esquerda não havia nada além de um espaço aberto... abarrotado de pessoas.

O barulho de buzinas furiosas tornou a atrair seu olhar para a frente, em direção à via expressa entre a esplanada e a água. Tornou a ver Sienna, já 100 metros distante, correndo por entre os carros e escapando por pouco de ser esmagada entre dois caminhões. Ela estava indo em direção à água.

À esquerda de Langdon, nas margens do Chifre de Ouro, um grande entroncamento de transportes fervilhava de atividade: barcas, *otobüsler*, táxis,

embarcações de turismo.

Langdon atravessou em disparada a esplanada em direção à via expressa. Chegando ao guarda-corpo, sincronizou o pulo com os faróis que se aproximavam e conseguiu saltar em segurança pela primeira de várias vias expressas de mão dupla. Durante quinze segundos, cegado pela luz ofuscante dos faróis e pelas buzinas iradas, conseguiu passar pelos canteiros sucessivos que separavam as pistas, parando, recomeçando a avançar e ziguezagueando até enfim pular por cima do último guarda-corpo e pisar a margem coberta de grama.

Embora ainda pudesse vê-la, Sienna já estava bem à sua frente. Havia passado pelo ponto de táxi e pelos ônibus que aguardavam para partir e seguia direto para o cais, onde Langdon viu vários tipos de embarcações chegando e partindo: barcas turísticas, táxis aquáticos, barcos de pesca particulares, lanchas. Do outro lado, as luzes da cidade cintilavam na margem ocidental do Chifre de Ouro e ele não teve dúvida de que, caso Sienna conseguisse chegar lá, não haveria esperança alguma de encontrá-la, nunca mais.

Quando finalmente chegou à beira d'água, ele virou à esquerda e pôs-se a correr pelo passeio, atraindo olhares de espanto dos turistas que faziam fila para embarcar em uma pequena frota de barcas-restaurante bem decoradas, dotadas inclusive de cúpulas semelhantes às de uma mesquita, adornos imitando ouro e guirlandas de neon.

Las Vegas no Bósforo, resmungou Langdon, passando em disparada.

Viu Sienna bem à frente. Ela não estava mais correndo. Havia parado no cais em uma área cheia de lanchas particulares e falava com um dos proprietários com gestos de súplica.

Não a deixe embarcar!

Quando se aproximou, pôde ver que o pedido de Sienna se dirigia a um rapaz em pé diante do leme de uma lancha esguia que se preparava para zarpar. Apesar de estar sorrindo, o rapaz balançava a cabeça educadamente, numa negativa. Sienna continuou a gesticular, mas o dono da lancha parecia decidido e tornou a se virar para seus comandos.

Langdon foi chegando mais perto e Sienna olhou para ele; seu rosto era uma verdadeira máscara de desespero. Abaixo de onde ela estava, os dois motores de popa da lancha aceleraram, fazendo a água espumar e afastando a embarcação do cais.

De repente, Sienna deu um pulo e saltou por cima d'água, aterrissando com estrondo na popa de fibra de vidro da lancha. O condutor sentiu o impacto e se virou com uma expressão incrédula. Puxou o acelerador para trás fazendo a lancha parar onde estava, a uns 20 metros do cais. Gritando, zangado, marchou até a traseira em direção à passageira indesejada.

Quando o condutor a alcançou, Sienna deu um passo ágil para o lado, segurou-o pelo pulso e usou a energia de seu próprio movimento para jogá-lo para o alto e por cima da amurada de popa. O rapaz caiu de cabeça na água. Instantes depois, subiu à superfície cuspindo e agitando freneticamente os braços enquanto soltava uma fieira do que sem dúvida eram vários palavrões em turco.

Sienna parecia tranquila ao lançar uma almofada de flutuação para ele, caminhar até a proa da lancha e empurrar os dois aceleradores para a frente.

Os motores rugiram e a lancha partiu em alta velocidade.

Parado no cais recuperando o fôlego, Langdon observou o casco branco lustroso se afastar, quase parecendo não tocar a água, e se transformar em uma sombra fantasmagórica na noite. Ergueu os olhos para o horizonte e entendeu que Sienna agora tinha acesso não somente à margem oposta, mas também a uma rede quase interminável de cursos de água que se estendia do mar Negro ao Mediterrâneo.

Ela se foi.

Ali perto, o dono da lancha saiu da água, pôs-se de pé e foi correndo chamar a polícia.

Langdon se sentiu muito sozinho vendo os faróis da lancha roubada ficarem cada vez mais fracos. O rugido potente dos motores também se distanciava.

Então, de uma hora para outra, os motores se calaram.

Ele estreitou os olhos, tentando enxergar ao longe. *Será que ela desligou o motor?*

Os faróis da lancha não estavam mais se afastando e agora se balançavam suavemente, embalados pelas ondas fracas do Chifre de Ouro. Por algum motivo misterioso, Sienna Brooks havia parado.

Será que acabou o combustível?

Langdon levou as mãos em concha a uma das orelhas e aguçou os ouvidos, distinguindo o débil rumor dos motores ligados.

Se o combustível não acabou, o que ela está fazendo?

Ele esperou.

Dez segundos. Quinze. Trinta.

Então, sem aviso, os motores tornaram a acelerar, primeiro relutantes, depois com mais decisão. Para assombro de Langdon, os faróis da lancha começaram a se inclinar em uma curva bem aberta, e a proa se virou na sua direção.

Ela está voltando.

Conforme a lancha se aproximava, viu Sienna ao volante, olhando para a frente com uma expressão vazia. A menos de 30 metros, ela desacelerou e devolveu a lancha com segurança ao cais do qual acabara de sair. Então desligou os motores.

Silêncio.

Logo acima, Langdon a encarava, incrédulo.

Sienna não ergueu os olhos.

Em vez disso, enterrou o rosto nas mãos. Começou a tremer, sentindo calafrios nos ombros curvados. Quando enfim olhou para Langdon, ele viu que seus olhos transbordavam de lágrimas.

– Robert – disse ela, soluçando. – Eu não posso mais fugir. Não tenho mais para onde ir.

CAPÍTULO 96

Pronto, espalhou-se.

Parada ao pé da escada da cisterna, Elizabeth Sinskey fitava o vazio da caverna evacuada. Tinha a respiração dificultada pela máscara de gás. Embora sem dúvida já houvesse sido exposta a qualquer patógeno que pudesse haver lá embaixo, sentiu-se aliviada por estar usando uma roupa de proteção quando ela e a equipe de SMI entraram no espaço deserto. Todos vestiam volumosos macacões brancos conectados a capacetes hermeticamente fechados e pareciam um bando de astronautas invadindo uma nave alienígena.

Ela sabia que, lá em cima, centenas de espectadores e músicos assustados continuavam aglomerados na rua, muitos sendo atendidos por conta de ferimentos sofridos durante a correria. Outros haviam fugido. Sentia-se com sorte por ter escapado apenas com um hematoma no joelho e o amuleto quebrado.

Só existe um contaminante que se propaga mais depressa que um vírus, pensou. *O medo*.

A porta da cisterna estava trancada, lacrada de modo a impedir a troca de ar e protegida pelas autoridades turcas. A Dra. Sinskey imaginara que haveria um conflito de jurisdição quando a polícia local chegasse, mas todos os possíveis enfrentamentos haviam se dissipado no instante em que os agentes viram o equipamento de risco biológico da equipe de SMI e ouviram seus alertas quanto a uma possível peste.

Estamos por nossa conta, pensou a diretora da OMS com o olhar perdido na floresta de colunas refletida na lagoa. *Ninguém quer descer aqui*.

Atrás dela, dois agentes estendiam um grande lençol de poliuretano no pé da escada, grudando-o à parede com o auxílio de uma pistola de calor. Dois outros haviam encontrado um espaço aberto nas passarelas e começavam a montar uma série de equipamentos eletrônicos, como quem se organiza para analisar a cena de um crime.

É exatamente isso que este lugar é, pensou a doutora. *A cena de um crime*.

Tornou a se lembrar da mulher de burca molhada que fugira da cisterna. Ao que parecia, Sienna Brooks havia arriscado a própria vida para sabotar os esforços de contenção da OMS e concluir a insana missão de Zobrist. *Ela veio aqui e rasgou o saco de Solublon...*

Langdon saíra correndo no encalço de Sienna, e Elizabeth Sinskey ainda não tivera

notícia alguma sobre o que acontecera com eles.

Tomara que o professor Langdon esteja bem, pensou.

◆ ◆ ◆

Em pé na passarela, pingando, o agente Brüder fitava com um olhar vazio a cabeça invertida da Medusa e se perguntava o que fazer.

Como agente de SMI, tinha sido treinado para pensar em nível macro, deixando de lado quaisquer preocupações éticas ou pessoais imediatas e se concentrando em salvar o máximo de vidas a longo prazo. Até aquele momento nem havia pensando nos riscos à própria saúde. *Eu entrei nessa água*, pensou, recriminando-se pela atitude arriscada, mas ciente de que não tivera alternativa. *Nós precisávamos de uma avaliação imediata*.

Forçou-se a se concentrar na tarefa mais urgente: implementar o Plano B. Infelizmente, em uma crise de contenção, o Plano B era sempre o mesmo: *aumentar o raio de ação.* Combater doenças contagiosas muitas vezes era como combater um incêndio na mata – de vez em quando era preciso recuar e dar por perdida uma batalha na esperança de vencer a guerra.

Àquela altura, Brüder ainda não descartara por completo a ideia de que uma contenção integral fosse possível. O mais provável era que Sienna Brooks houvesse rompido o plástico poucos minutos antes da histeria coletiva e da evacuação. Nesse caso, embora centenas de pessoas houvessem deixado o local, todas deviam estar longe o bastante do marco zero para terem sido contaminadas.

Com exceção de Langdon e Sienna, pensou Brüder. *Ambos estiveram no marco zero e agora estão soltos na cidade.*

Outra coisa também o preocupava: uma falha de lógica que não lhe saía da cabeça. Ele não havia encontrado o saco de Solublon rompido dentro d'água. O mais normal, se Sienna tivesse rasgado o saco, seria ter encontrado os vestígios boiando em algum lugar ali perto.

Mas ele não encontrara nada. Todos os vestígios do plástico pareciam ter desaparecido. Duvidava que Sienna o tivesse levado embora, pois a essa altura o saco devia ser apenas uma gosma pegajosa e parcialmente dissolvida.

Nesse caso, onde ele foi parar?

Brüder teve uma desconfortável sensação de estar deixando passar alguma coisa. Mesmo assim, concentrou-se na nova estratégia de contenção, que exigia resposta a uma pergunta crítica.

Qual é o atual raio de dispersão do agente contaminante?

Sabia que essa pergunta seria respondida em poucos minutos. Sua equipe havia montado nas passarelas uma série de unidades de PCR portáteis a distâncias cada vez maiores da água. Esses aparelhos usavam algo conhecido como reação em

cadeia da polimerase – PCR, na sigla em inglês – para detectar uma contaminação por vírus.

O agente de SMI ainda tinha esperança. Como a água da lagoa era parada e pouco tempo havia transcorrido, estava confiante de que os aparelhos detectariam uma área de contaminação relativamente pequena, que poderia ser tratada com substâncias químicas e sucção.

– Tudo pronto? – perguntou um técnico por um megafone.

Os agentes espalhados pela cisterna fizeram um sinal de positivo com o polegar.

– Podem analisar as amostras – chiou a voz.

Por toda a caverna, os peritos se agacharam e ligaram seus aparelhos de PCR. As máquinas começaram a analisar amostras do ponto da passarela em que estavam, espaçadas em arcos cada vez maiores ao redor da placa de Zobrist.

Um silêncio tomou conta do recinto enquanto todos aguardavam, rezando para ver apenas luzinhas verdes.

E então aconteceu.

Na máquina mais próxima de Brüder, uma luz de detecção viral vermelha começou a piscar. Ele tensionou os músculos e olhou para a máquina seguinte.

Nela também piscava uma luz vermelha.

Não.

Murmúrios estupefatos ecoaram pela caverna. Horrorizado, Brüder viu os aparelhos de PCR começarem a piscar com uma luz vermelha por toda a cisterna, um após outro, até a entrada.

Meu Deus. O mar de luzes vermelhas pintava um quadro inconfundível.

O raio de contaminação era enorme.

Toda a cisterna estava infestada de vírus.

CAPÍTULO 97

Robert Langdon encarava Sienna Brooks encolhida junto ao volante da lancha roubada e se esforçava para entender o que acabara de acontecer diante de seus olhos.

– Você com certeza deve me odiar – disse ela, ainda soluçando.

– Odiar?! – exclamou Langdon. – Eu nem faço ideia de *quem* você é! Você mentiu para mim o tempo todo!

– Eu sei – disse ela baixinho. – Desculpe. Eu estava tentando fazer a coisa certa.

– Disseminar uma peste?

– Não, Robert. Você não entende.

– Entendo *sim!* – retrucou ele. – Você entrou naquela água para romper o saco de Solublon! Queria liberar o vírus de Zobrist antes que alguém pudesse contê-lo!

– Saco de Solublon? – O olhar dela era de incompreensão. – Não sei do que você está falando. Robert, eu fui à cisterna *deter* o vírus de Zobrist. Pretendia *roubá-lo* e fazê-lo sumir para sempre... para que ninguém jamais pudesse estudá-lo, nem mesmo a Dra. Sinskey e a OMS.

– Roubá-lo? Por que esconder o vírus da OMS?

Sienna respirou fundo.

– Tem tanta coisa que você não sabe, Robert, mas agora não adianta mais nada. Chegamos tarde, muito tarde. Nunca tivemos uma chance sequer.

– É claro que nós tivemos uma chance! O vírus só seria liberado *amanhã!* Foi a data escolhida por Zobrist e, se você não tivesse entrado na água...

– Robert, eu *não* liberei o vírus! – gritou ela. – Quando entrei na água, estava tentando encontrá-lo, mas já era tarde. Não havia mais nada lá.

– Não acredito – disse Langdon.

– Eu sei que não. E não o condeno. – Sienna pôs a mão no bolso e pegou um folheto encharcado. – Mas talvez isto aqui possa ajudar. – Ela jogou o papel para ele. – Encontrei pouco antes de entrar na lagoa.

Langdon pegou o folheto e o abriu. Era o programa das sete apresentações da *Sinfonia Dante* marcadas para acontecer na cisterna.

– Veja as datas – disse ela.

Ele leu as datas uma vez e depois tornou a ler, intrigado. Por algum motivo, tivera a impressão de que o espetáculo daquela noite era a estreia – o primeiro de sete concertos naquela semana destinados a atrair pessoas para dentro de uma cisterna

infectada. Mas aquele programa dizia outra coisa.

– Hoje era o *encerramento?* – perguntou Langdon, desviando os olhos do papel. – A orquestra se apresentou a semana inteira?

Sienna assentiu.

– Fiquei tão surpresa quanto você. – Ela fez uma pausa. Sua expressão era sombria. – Robert, o vírus já foi liberado. Há uma semana.

– Não pode ser – insistiu Langdon. – A data é *amanhã*. Zobrist fez até uma placa.

– Sim. Eu a vi debaixo d'água.

– Então sabe que ele tinha uma fixação com o dia de *amanhã*.

Sienna suspirou.

– Robert, eu conhecia Bertrand muito bem. Mais do que admiti para você. Ele era um cientista. Para ele, o que importava era o resultado. Agora entendo que a data na placa não é o dia da *liberação* do vírus. É outra coisa, mais importante para o objetivo dele.

– O quê?

Da lancha, Sienna ergueu os olhos para ele, com um ar solene.

– É uma data de saturação global, uma projeção matemática de quando o vírus teria se espalhado pelo mundo inteiro... e infectado toda a população.

Essa ideia fez Langdon estremecer, mas ele não pôde deixar de suspeitar de que ela estivesse mentindo. Sua história tinha uma falha crucial e Sienna Brooks já provara ser capaz de mentir sobre qualquer coisa.

– Só tem um problema, Sienna – disse, encarando-a. – Se essa peste já se espalhou pelo mundo, por que as pessoas não estão adoecendo?

Ela virou a cabeça, subitamente incapaz de sustentar seu olhar.

– Se a peste foi liberada há uma semana, por que as pessoas não estão morrendo? – insistiu Langdon.

Ela tornou a se virar para ele devagar.

– Porque... – começou, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. – Porque Bertrand não criou uma peste. – Seus olhos tornaram a ficar marejados. – Ele criou uma coisa muito mais perigosa.

CAPÍTULO 98

Apesar do fluxo de oxigênio que entrava por sua máscara de gás, Elizabeth Sinskey estava tonta. Havia cinco minutos que os aparelhos de PCR de Brüder tinham revelado a pavorosa verdade.

Nossa janela de contenção já se fechou há muito tempo.

Ao que parecia, o saco de Solublon tinha se dissolvido em algum momento da semana anterior, mais provavelmente na noite de estreia do concerto cujas apresentações – ela agora sabia – haviam começado sete dias antes. Os poucos farrapos de Solublon ainda presos à cordinha só não tinham desaparecido por estarem revestidos com um adesivo que ajudara a prendê-los ao barbante.

O agente contaminante está no ar há uma semana.

Sem qualquer possibilidade de isolar o patógeno, os agentes de SMI se reuniram junto às amostras no laboratório improvisado da cisterna e adotaram a atitude alternativa habitual: análise, classificação e avaliação de risco. Até o momento, as unidades de PCR só tinham produzido uma única informação sólida, e essa descoberta não deixara ninguém surpreso.

O vírus se propagava pelo ar.

Pelo visto, o conteúdo do saco de Solublon havia borbulhado até a superfície, liberando partículas virais no ar por aerossol. *Não seria preciso muitas*, Elizabeth Sinskey sabia. *Principalmente em uma área tão confinada.*

Ao contrário de uma bactéria ou de um patógeno químico, um vírus podia se espalhar com velocidade e poder de penetração espantosos. Com um comportamento parasítico, os vírus entravam em um organismo e se vinculavam a uma célula-hospedeira num processo chamado adsorção. Então injetavam nela seu próprio DNA ou RNA, cooptando a célula invadida e forçando-a a replicar o vírus. Uma vez produzido um número suficiente de cópias, as novas partículas virais matavam a célula e rompiam sua membrana, saindo em busca de novas células para atacar e repetindo todo o processo.

Em seguida, um indivíduo infectado projetava gotículas respiratórias no ar por meio da expiração ou do espirro; essas gotículas permaneciam suspensas até serem inaladas por outros hospedeiros, e o ciclo recomeçava.

Crescimento exponencial, refletiu a Dra. Sinskey, recordando os gráficos de Zobrist que ilustravam a explosão demográfica. *Ele está usando o crescimento exponencial dos vírus para combater o crescimento exponencial da população.*

A pergunta mais urgente, porém, era a seguinte: Qual seria o comportamento desse vírus?

Friamente falando: *Como iria atacar seu hospedeiro?*

O Ebola comprometia a capacidade de coagulação do sangue, causando hemorragias impossíveis de conter. O hantavírus provocava falência pulmonar. Toda uma série de vírus conhecidos como oncovírus causava câncer. E o HIV atacava o sistema imunológico e causava a aids. Não era segredo na comunidade médica que, se o vírus HIV se propagasse por contágio aéreo, poderia ter causado a extinção da espécie humana.

Então o que faz esse vírus de Zobrist?

Fosse o que fosse, era óbvio que os efeitos demoravam a aparecer. Nenhum hospital das redondezas havia relatado casos de pacientes com sintomas fora do normal.

Ansiosa para obter respostas, Elizabeth Sinskey foi até o laboratório. Viu Brüder em pé junto ao poço da escada, onde seu celular conseguira captar um sinal fraco. O agente falava com alguém em voz baixa.

A diretora se aproximou depressa e chegou bem na hora em que ele encerrava a ligação.

– Certo, entendido – disse Brüder. Sua expressão transmitia uma emoção entre a incredulidade e o terror. – Vou repetir mais uma vez para que fique bem claro: essa informação é totalmente confidencial. Por enquanto, só *você* pode saber. Me ligue assim que tiver mais informações. Obrigado. – Ele desligou.

– O que está acontecendo? – perguntou a Dra. Sinskey.

Brüder expirou bem devagar.

– Acabei de falar com um velho amigo, um virologista de ponta no CDC de Atlanta.

A diretora da OMS fechou a cara.

– Você alertou o CDC sem a minha autorização?

– Achei que valia a pena correr esse risco – respondeu ele. – Meu contato sabe ser discreto e nós vamos precisar de dados bem mais específicos do que conseguiremos obter aqui neste laboratório improvisado.

Elizabeth Sinskey olhou para os agentes de SMI recolhendo amostras de água ou curvados junto a aparelhos eletrônicos portáteis. *Ele tem razão*.

– Meu contato no CDC está em um laboratório de microbiologia bem equipado – continuou Brüder – e já confirmou a existência de um patógeno viral altamente contagioso e nunca visto.

– Espere aí! – interrompeu a doutora. – Como conseguiu mandar uma amostra para ele tão depressa?

– Não mandei – respondeu Brüder, tenso. – Ele analisou o próprio sangue.

Elizabeth Sinskey só precisou de alguns instantes para processar o significado daquela informação.

O vírus já é global.

CAPÍTULO 99

Caminhando a passos lentos, Langdon se sentia estranhamente fora de seu corpo, como alguém que se move em um pesadelo mais vívido do que o normal. *O que poderia ser mais perigoso do que uma peste?*

Sienna permanecera calada desde que saltara da lancha e fizera sinal para que ele a seguisse por um caminho de cascalho tranquilo que saía do cais e ia se afastando cada vez mais da água e das multidões.

Embora tivesse parado de chorar, Langdon sentia que ela ainda guardava dentro de si uma enxurrada de emoções. Podia ouvir ao longe o silvo das sirenes, mas Sienna parecia não notar. Tinha os olhos cravados no chão e a expressão vazia, parecendo hipnotizada pelo som ritmado de seus pés sobre o cascalho.

Eles entraram em um pequeno parque e Sienna o conduziu até o meio de um denso bosque que os ocultava do mundo. Ali, sentaram-se em um banco de frente para a água. Do outro lado, a antiga Torre de Galata cintilava acima das tranquilas residências que pontuavam a encosta da colina. O mundo visto dali parecia estranhamente em paz, muito diferente do que Langdon imaginava estar acontecendo na cisterna. Àquela altura, desconfiava ele, Elizabeth Sinskey e a equipe de SMI já deviam ter percebido que haviam chegado tarde demais para deter a peste.

A seu lado, Sienna fitava a água.

– Robert, eu não tenho muito tempo – falou. – As autoridades vão acabar descobrindo para onde fui. Mas antes que isso aconteça preciso lhe contar a verdade... toda a verdade.

Langdon assentiu, em silêncio.

Ela esfregou os olhos e se remexeu no banco para ficar de frente para ele.

– Bertrand Zobrist... – começou. – Foi meu primeiro amor. E acabou se tornando um mentor para mim.

– Já me contaram isso, Sienna.

Ela pareceu espantada, mas continuou a falar, com medo de perder o embalo:

– Eu o conheci numa idade em que nos deixamos impressionar com facilidade, e as ideias e a inteligência dele me enfeitiçaram. Bertrand acreditava, assim como eu, que a nossa espécie está à beira do colapso... que enfrentaremos um fim horripilante que está vindo depressa em nossa direção, muito mais rápido do que qualquer um se atreve a aceitar.

Langdon não comentou nada.

– Passei a infância querendo salvar o mundo – continuou ela. – E todos me diziam: "Você não pode fazer isso, então não sacrifique a sua felicidade tentando." – Ela se calou, o rosto tenso, tentando conter as lágrimas. – Então conheci Bertrand, um homem lindo, inteligentíssimo, que me disse não só que salvar o mundo era *possível,* mas que era um imperativo moral. Ele me apresentou a todo um círculo de pessoas que pensavam da mesma forma, indivíduos com capacidades e intelectos impressionantes... gente que podia *mesmo* mudar o mundo. Pela primeira vez na vida, Robert, eu não me senti sozinha.

Ao ouvir seu tom sofrido, Langdon abriu um sorriso discreto.

– Já passei por algumas coisas horríveis na vida – prosseguiu Sienna com a voz cada vez menos firme. – Coisas que tive dificuldade de superar... – Ela desviou os olhos e passou a mão pelo crânio calvo com um gesto ansioso antes de se recompor e tornar a se virar para ele. – E talvez seja por isso que a única coisa que me faz seguir em frente é acreditar que podemos ser melhores do que somos... que podemos tomar atitudes para evitar um futuro catastrófico.

– E Bertrand também acreditava nisso? – indagou Langdon.

– Piamente. Sua esperança em relação à humanidade não tinha limites. Ele foi um transumanista que acreditava que estávamos no limiar de uma brilhante era "pós-humana"... uma era de genuína transformação. Tinha um raciocínio futurista e olhos capazes de enxergar à frente de maneiras que outros nem concebiam. Entendia os poderes notáveis da tecnologia e acreditava que, em algumas gerações, nossa espécie se tornaria um animal muito diferente: geneticamente aprimorado para ser mais saudável, mais inteligente, mais forte e até mais generoso. – Ela fez uma pausa. – Só havia um problema. Ele não achava que a nossa espécie fosse viver o suficiente para que esse futuro se concretizasse.

– Por causa da superpopulação – disse Langdon.

Ela assentiu.

– A catástrofe malthusiana. Bertrand costumava dizer que se sentia como São Jorge tentando matar o monstro ctônico.

Langdon não entendeu o que ela quis dizer.

– A Medusa?

– Metaforicamente falando, sim. A Medusa e todo o grupo de divindades ctônicas vivem no subterrâneo porque têm associação direta com a Mãe Terra. De um ponto de vista alegórico, os ctônios são sempre símbolos de...

– Fertilidade – completou Langdon, surpreso por não ter pensado antes naquele paralelo. *Frutificação. População*.

– Isso mesmo. Fertilidade. Bertrand usava a expressão "monstro ctônico" para se referir à perigosa ameaça da nossa própria fecundidade. Ele descrevia nossa produção exagerada de descendentes como um monstro à espreita no horizonte... um

monstro que precisávamos conter agora, antes que consumisse a todos.

Estamos ameaçados por nossa própria virilidade, entendeu Langdon. *O monstro ctônico.*

– E como Bertrand combateu esse monstro?

– Por favor, entenda – disse ela, na defensiva. – Esses não são problemas de fácil solução. A avaliação é sempre um processo confuso. Um homem que corta a perna de uma criança de 3 anos comete um crime hediondo... a menos que ele seja um médico e salve a criança da gangrena. Às vezes a única escolha possível é o menor de dois males. – Seus olhos tornaram a ficar marejados. – Na minha opinião, o objetivo de Bertrand era nobre, mas os seus métodos... – Ela desviou o olhar, prestes a cair em prantos.

– Sienna – sussurrou Langdon em tom brando. – Eu preciso entender tudo isso. Preciso que você me explique o que Bertrand fez. *O que foi* que ele soltou no mundo?

Sienna tornou a encará-lo e seus olhos castanhos suaves irradiavam agora um medo mais sombrio.

– Um vírus – respondeu ela, também com um sussurro. – Um tipo de vírus muito específico.

Langdon prendeu a respiração.

– Por favor, me explique.

– Bertrand criou um *vetor* viral. É um vírus fabricado de forma intencional para inserir informações genéticas na célula que está atacando. – Sienna fez uma pausa para permitir que ele racionalizasse o conceito. – Em vez de *matar* a célula hospedeira, um vírus-vetor insere nessa célula um fragmento de DNA predeterminado e basicamente *modifica* o genoma da célula.

Langdon teve que se esforçar para entender o que ela estava dizendo. *Esse vírus muda o nosso DNA?*

– A natureza insidiosa desse tipo de vírus está no fato de ninguém saber que foi contaminado – continuou ela. – Ninguém adoece. Não há sintomas claros que indiquem uma modificação genética.

Por alguns instantes, Langdon pôde sentir o sangue pulsando em suas veias.

– E que *mudanças* ele causa?

Sienna fechou os olhos por alguns instantes.

– Robert, na hora em que esse vírus foi liberado na água da cisterna, uma reação em cadeia se iniciou. Todos que desceram lá e respiraram aquele ar foram contaminados. Eles se tornaram hospedeiros, cúmplices involuntários, transmitindo o vírus para outras pessoas e iniciando uma proliferação exponencial da doença, que a esta altura já varreu o planeta como um incêndio florestal. O vírus já deve ter penetrado a população do mundo inteiro. Você, eu... *todo mundo*.

Langdon se levantou do banco e começou a andar na frente dela como um louco, de um lado para outro.

– E o que ele *faz*? – tornou a perguntar.

Sienna demorou um bom tempo para responder.

– Ele tem a capacidade de tornar o corpo humano... infértil. – Ela se remexeu, pouco à vontade. – Bertrand criou a praga da esterilidade.

As palavras atingiram Langdon de forma brutal. *Um vírus que nos torna estéreis?* Sabia que alguns vírus podiam causar esterilidade, mas um patógeno altamente contagioso por via aérea capaz de fazer isso alterando nossos *genes* parecia ser coisa de outro mundo... uma espécie de distopia do futuro à George Orwell.

– Bertrand muitas vezes teorizou sobre um vírus assim, mas nunca pensei que ele fosse tentar criá-lo... muito menos que conseguiria – disse Sienna, baixinho. – Quando recebi a carta e soube o que ele tinha feito, fiquei chocada. Tentei desesperadamente encontrá-lo e implorar para que destruísse sua criação. Mas cheguei tarde demais.

– Espere aí – interpôs Langdon, enfim recuperando a voz. – Se o vírus torna *todo mundo* infértil, não haverá novas gerações e a raça humana vai entrar em ameaça de extinção... imediatamente.

– É isso mesmo – concordou ela, com a voz tão baixa que era quase inaudível. – Só que a extinção não era o objetivo de Bertrand. Na verdade, o objetivo dele era o contrário. Foi por isso que ele criou um vírus que se ativa de maneira *aleatória.* Apesar de Inferno ser agora endêmico a todo DNA humano e embora ele vá ser transmitido por todos nós a partir desta geração, só será "ativado" em uma determinada porcentagem de pessoas. Em outras palavras, o vírus agora é carregado por toda a população do planeta, mas só vai causar esterilidade em uma *parcela* selecionada de forma aleatória.

– E... que *parcela* é essa? – indagou Langdon, sem acreditar que estava perguntando aquilo.

– Como você já percebeu, Bertrand tinha fixação pela Peste Negra, a praga que dizimou de modo indiscriminado um terço da população da Europa. Na opinião dele, a natureza sabia conter a si mesma. Quando fez as contas sobre infertilidade, ficou entusiasmado ao descobrir que a taxa de mortalidade da peste, *uma em cada três pessoas*, parecia ser exatamente o necessário para começar a selecionar a população mundial em um ritmo manejável.

Que monstruosidade, pensou Langdon.

– A Peste Negra diminuiu o rebanho e preparou o caminho para a Renascença – disse Sienna – e Bertrand criou Inferno como uma espécie de catalisador moderno para uma renovação global, uma Peste Negra transumanista, com a diferença de que os indivíduos que manifestarem a doença, em vez de morrer, apenas se tornarão

inférteis. Supondo que o vírus tenha pegado, um terço da população mundial agora é estéril... e um terço da população continuará estéril para sempre. O efeito seria semelhante ao de um gene recessivo, transmitido para todos os descendentes, mas que só se manifesta em uma pequena porcentagem.

As mãos de Sienna tremiam quando ela prosseguiu:

– Na carta que me escreveu, Bertrand parecia bastante orgulhoso e dizia que considerava Inferno uma solução muito elegante e humana para o problema. – Novas lágrimas brotaram de seus olhos e ela as secou. – Comparada à virulência da Peste Negra, reconheço que a abordagem dele tem certa compaixão. Não haverá hospitais transbordando de gente doente e agonizante, corpos apodrecendo nas ruas nem sobreviventes angustiados tendo que suportar a morte de seus próximos. Os seres humanos simplesmente vão parar de ter tantos filhos. Nosso planeta vai passar por uma diminuição gradual da taxa de natalidade até a curva populacional se inverter e a população começar a se reduzir. – Ela fez outra pausa. – O resultado será bem mais duradouro do que o da peste, que só controlou nosso número por um breve período, criando uma depressão temporária no gráfico do crescimento populacional. Com Inferno, Bertrand criou uma solução de longo prazo, permanente. Uma solução *transumanista*. Ele era um geneticista que manipulava células germinativas. Solucionava os problemas no nível mais elementar.

– Isso é terrorismo biológico... – sussurrou Langdon. – É mudar quem nós somos, quem sempre fomos, no nível mais fundamental.

– Bertrand não pensava assim. Ele sonhava ser capaz de consertar a falha crucial da evolução humana: o fato de a nossa espécie ser prolífica demais. Somos um organismo que, apesar do intelecto ímpar, parece incapaz de controlar a própria quantidade. Anticoncepcionais gratuitos, campanhas educativas, incentivos do governo, nada disso funciona, seja em que intensidade for. Querendo ou não, não paramos de ter filhos. Você sabia que o CDC acabou de divulgar que quase *metade* das gestações nos Estados Unidos não são planejadas? E nos países subdesenvolvidos esse número passa dos setenta por cento!

Apesar de já ter visto essas estatísticas, só agora Langdon começava a entender suas implicações. Como espécie, os seres humanos eram iguais aos coelhos introduzidos em certas ilhas do Pacífico e deixados livres para se reproduzir de modo desenfreado até destruírem o ecossistema e entrarem em extinção.

Bertrand Zobrist reprojetou nossa espécie: na tentativa de nos salvar, ele nos transformou em uma população menos fértil.

Langdon respirou fundo e deixou que seus olhos se perdessem nas águas do Chifre de Ouro, sentindo-se tão sem chão quanto os barcos que navegavam ao longe. As sirenes continuavam a soar mais altas e vinham agora de todas as direções do cais. Ele sentiu que o tempo estava se esgotando.

– O mais assustador de tudo *não* é o fato de Inferno causar infertilidade, mas de ter essa *capacidade* – declarou Sienna. – Um vetor viral transmitido por contágio aéreo é um salto quântico muitos anos à frente do nosso tempo. Da noite para o dia, Bertrand nos retirou da idade das trevas da engenharia genética e nos lançou de cabeça no futuro. Ele destravou o processo evolutivo e proporcionou à humanidade a capacidade de redefinir a espécie de forma ampla e abrangente. A caixa de Pandora se abriu e não há como tornar a fechá-la. Bertrand criou uma chave para modificar a raça humana e, se essa chave cair nas mãos erradas... Deus nos proteja! Essa tecnologia *nunca* deveria ter sido criada. Assim que li a carta em que Bertrand explicava como havia alcançado seus objetivos, eu a queimei. Então jurei encontrar o tal vírus e destruí-lo até o último vestígio.

– Não entendo – disse Langdon, deixando transparecer uma certa raiva em seu tom. – Se você queria destruir o vírus, por que não cooperou com a Dra. Sinskey e com a OMS? Deveria ter ligado para o CDC ou para *algum outro lugar*.

– Você não pode estar falando sério! As agências governamentais são as *últimas* organizações no mundo que deveriam ter acesso a uma tecnologia dessas! Pense um pouco, Robert. Ao longo de toda a história da humanidade, todas as tecnologias inovadoras desenvolvidas pela ciência foram transformadas em *armas*, do simples fogo à energia nuclear, e *quase sempre* pelas mãos de governos poderosos. De onde você acha que vêm nossas armas biológicas? Elas são criadas a partir de pesquisas realizadas em lugares como a OMS e o CDC. A tecnologia de Bertrand, um vírus pandêmico usado como vetor genético, é a mais poderosa arma já criada. Ela prepara o caminho para horrores que não podemos sequer imaginar, incluindo armas biológicas *com alvo definido*. Imagine um patógeno que ataque apenas pessoas cujo código genético contenha determinados marcadores étnicos. Isso possibilitaria uma limpeza étnica generalizada em nível genético!

– Entendo suas preocupações, Sienna, de verdade, mas essa mesma tecnologia não poderia ser usada para o bem? Essa descoberta não é uma dádiva para a medicina genética? Uma nova forma de ministrar vacinas em nível global, por exemplo?

– Pode ser. Mas infelizmente aprendi a esperar sempre o pior dos poderosos.

Ao longe, Langdon ouviu um zumbido de helicópteros que pareceu partir o ar em mil pedaços. Espiou por entre as árvores na direção do Bazar de Especiarias e viu as luzes de uma aeronave passarem depressa por sobre a colina e descerem em direção ao cais.

Sienna retesou o corpo.

– Tenho que ir – falou, levantando-se e olhando para o oeste, em direção à ponte de Atatürk. – Acho que consigo atravessar a ponte a pé e de lá chegar a...

– Sienna, você não vai embora – disse Langdon, com firmeza.

– Robert, eu voltei porque senti que lhe devia uma explicação. E agora já lhe dei

uma.

– Não, Sienna – rebateu ele. – Você voltou porque passou a vida inteira fugindo e finalmente entendeu que não pode mais continuar.

Ela pareceu encolher na sua frente.

– E que alternativa eu tenho? – indagou, observando os helicópteros percorrerem a água com seus faróis. – Assim que eles me encontrarem, vão me prender.

– Sienna, você não fez nada de errado. Não criou esse vírus, tampouco o disseminou.

– É verdade, mas me esforcei bastante para impedir que a OMS o encontrasse. Se eu não acabar numa prisão turca, serei processada em algum tipo de tribunal internacional, acusada de terrorismo biológico.

O ronco do helicóptero ficou mais alto e Langdon olhou para o cais à frente. Uma aeronave pairava no ar, vasculhando os barcos ancorados com suas luzes enquanto as hélices revolviam a superfície da água.

Sienna parecia prestes a sair correndo.

– Por favor, escute – continuou Langdon com a voz mais branda. – Sei que você passou por muita coisa e que está com medo, mas precisa considerar a situação como um todo. Quem criou esse vírus foi Bertrand. *Você* tentou detê-lo.

– Mas não consegui.

– Não. E agora que o vírus foi disseminado, a comunidade médica e científica vai precisar entender exatamente o que ele é. Você é a *única* pessoa que sabe alguma coisa a respeito dele. Talvez haja um jeito de neutralizá-lo ou de fazer algo para nos preparar para o que está por vir. – Seus olhos penetrantes se cravaram nos dela. – Sienna, o mundo *precisa* ter acesso ao que você sabe. Você não pode simplesmente desaparecer.

O corpo esguio dela agora tremia, como se as comportas da melancolia e da incerteza estivessem prestes a se romper.

– Robert, eu... eu não sei o que fazer. Nem sei mais quem eu sou. Olhe para mim. – Ela levou uma das mãos ao crânio careca. – Virei um monstro. Como vou poder enfrentar...

Langdon deu um passo à frente e a abraçou. Sentiu o corpo dela tremer e notou como ela era frágil encostada assim em seu peito. Sussurrou bem baixinho em seu ouvido:

– Sienna, sei que você quer fugir, mas não vou deixar. Mais cedo ou mais tarde você terá que começar a confiar em *alguém*.

– Eu não consigo... – Ela agora soluçava. – Não sei se tenho essa capacidade.

Langdon a apertou mais forte.

– Comece aos poucos. Dê um primeiro passo, bem pequenininho. Confie *em mim*.

CAPÍTULO 100

O retinir agudo de metal contra metal ecoou na fuselagem do C-130 sem janelas, assustando o diretor. Do lado de fora, alguém batia com o cabo de uma pistola na porta de carga do avião, pedindo para entrar.

– Continuem todos sentados – ordenou o piloto enquanto avançava em direção à porta. – É a polícia turca. Acabaram de chegar de carro.

O diretor e Ferris trocaram um olhar rápido.

A julgar pelo tumulto de ligações apavoradas dos funcionários da OMS a bordo, o diretor podia sentir que a missão de contenção havia fracassado. *Zobrist executou seu plano*, pensou. *E a minha empresa possibilitou isso*.

Do outro lado da porta de carga, vozes gritavam em turco, num tom autoritário.

O diretor se levantou com um pulo.

– Não abra a porta! – ordenou ao piloto.

O homem parou e o fitou com um olhar hostil.

– Por que não?

– A OMS é uma organização internacional de ajuda humanitária e este avião é território soberano! – respondeu o diretor.

O piloto fez que não com a cabeça.

– Não, senhor. Este avião se encontra estacionado em um aeroporto turco e, até deixar o espaço aéreo da Turquia, está subordinado às leis deste país.

Ele avançou até a saída e abriu a porta.

Dois homens de uniforme olharam para dentro. Suas expressões duras não davam o menor sinal de condescendência.

– Quem é o comandante desta aeronave? – perguntou um deles em inglês com forte sotaque.

– Sou eu – respondeu o piloto.

O policial entregou-lhe duas folhas de papel.

– Mandados de prisão. Esses dois passageiros terão que vir conosco.

O piloto passou os olhos pelos papéis e se virou para o diretor e para Ferris.

– Ligue para a Dra. Sinskey – ordenou o diretor ao piloto. – Fazemos parte de uma missão de emergência internacional.

Um dos policiais o encarou com um sorriso zombeteiro.

– A Dra. *Elizabeth* Sinskey? Diretora da OMS? Foi *ela* que mandou prendê-los.

– Não é possível – retrucou o diretor. – O Sr. Ferris e eu estamos aqui tentando

ajudar a Dra. Sinskey.

– Nesse caso não estão fazendo um bom trabalho – respondeu o segundo policial. – A Dra. Sinskey entrou em contato conosco e os acusou de serem cúmplices de um complô de bioterrorismo em solo turco. – Ele sacou algemas. – Ambos terão que ir conosco até a central para serem interrogados.

– Eu exijo um advogado! – gritou o diretor.

Trinta segundos depois, algemados, ele e Ferris, foram empurrados pela plataforma de embarque e jogados com violência no banco de trás de um sedã preto. O carro partiu a toda a velocidade e atravessou a pista até um canto afastado do aeroporto, onde parou diante de uma cerca de arame que havia sido cortada e afastada para permitir sua passagem. Passada a cerca que circundava o aeroporto, o sedã seguiu sacolejando por um terreno desolado e seco, cheio de equipamentos aeroportuários quebrados, até parar junto a um velho prédio de serviço.

Os dois agentes uniformizados desceram do carro e correram os olhos ao redor. Parecendo convencidos de que ninguém os seguira, despiram e jogaram no chão os uniformes da polícia. Então ajudaram Ferris e o diretor a saltar do carro e retiraram suas algemas.

O diretor esfregou os pulsos. *Realmente não me daria bem na prisão*, pensou.

– A chave do carro está debaixo do tapete – disse um dos homens indicando uma van branca estacionada ali perto. – Tem uma bolsa de viagem no banco de trás com tudo o que o senhor solicitou: documentos, dinheiro vivo, celulares pré-pagos, roupas e também algumas outras coisas que achamos que talvez pudesse apreciar.

– Obrigado – agradeceu o diretor. – Vocês são bons.

– Somos apenas bem treinados, senhor.

Os dois turcos tornaram a embarcar no sedã preto e foram embora.

Elizabeth Sinskey nunca me deixaria ir embora, o diretor disse a si mesmo. Ao pressentir isso a caminho de Istambul, enviara um alerta por e-mail à sucursal do Consórcio na cidade dizendo que talvez ele e Ferris precisassem ser resgatados.

– Acha que ela virá atrás de nós? – perguntou Ferris.

– A Dra. Sinskey? – O diretor assentiu. – É claro! Embora desconfie que ela agora deva ter outras preocupações.

Os dois embarcaram na van branca e o diretor vasculhou o conteúdo da bolsa para organizar sua documentação. Pegou um boné de beisebol e o enterrou na cabeça. Dentro do boné, enrolada em um pano, havia uma garrafinha de *single malt* Highland Park.

Esses caras são bons mesmo.

Encarou o líquido cor de âmbar e disse a si mesmo que deveria esperar até o dia seguinte. Logo em seguida, porém, pensou no saco de Solublon de Zobrist e se perguntou como seria o dia seguinte.

Eu violei minha regra fundamental, pensou. *Entreguei o cliente*.

Sentiu-se estranhamente à deriva, sabendo que nos dias que se seguiriam o mundo seria assolado pelas notícias de uma catástrofe na qual ele havia desempenhado um papel crucial. *Nada disso teria acontecido sem mim.*

Pela primeira vez na vida, a ignorância não lhe parecia mais uma garantia de moralidade. Rompeu o lacre da garrafa de uísque.

Saboreie bem, pensou. *Seus dias estão contados*.

Tomou um gole generoso da bebida e se deliciou com o calor que lhe desceu pela garganta.

De repente, a escuridão se acendeu com canhões de luz e com os lampejos azuis estroboscópicos de viaturas de polícia que os cercaram por todos os lados.

O diretor olhou em todas as direções, atarantado... e então ficou parado feito pedra.

Não tenho para onde fugir.

Enquanto policiais turcos cercavam a van, fuzis em riste, ele tomou um último gole do Highland Park e ergueu as mãos devagar acima da cabeça.

Dessa vez, os agentes não eram seus.

CAPÍTULO 101

O Consulado Suíço de Istambul fica em um arranha-céu reluzente e ultramoderno na Levent Plaza, nº 1. Sua fachada côncava de vidro azul se destaca dos prédios da antiga metrópole qual um monólito futurista.

Havia se passado quase uma hora desde que Elizabeth Sinskey deixara a cisterna para montar um centro de comando provisório nas salas do consulado. Canais de notícias da cidade transmitiam sem parar reportagens sobre o pânico e o corre-corre na última apresentação da *Sinfonia Dante*, de Liszt, na cisterna. Nenhum detalhe tinha sido divulgado até o momento, mas a presença de uma equipe médica internacional usando roupas de proteção havia gerado inúmeras especulações.

A Dra. Sinskey olhou pela janela para as luzes da cidade e se sentiu totalmente sozinha. Em um gesto instintivo, ergueu a mão para tocar o amuleto do pescoço, mas não o encontrou. O talismã estava agora em cima de sua mesa, partido ao meio.

A diretora da OMS havia acabado de agendar uma série de reuniões de emergência marcadas para acontecer em Genebra nas próximas horas. Especialistas de várias agências já estavam a caminho e a própria Elizabeth Sinskey planejava pegar um avião em pouco tempo para encontrá-los. Para sua felicidade, algum funcionário do turno da noite havia providenciado uma caneca de um genuíno café turco bem quente que ela logo esvaziara.

Um jovem funcionário do consulado esticou a cabeça pela porta aberta.

– Diretora? O professor Robert Langdon está aqui para falar com a senhora.

– Obrigada – respondeu ela. – Mande-o entrar.

Vinte minutos antes, Langdon lhe telefonara dizendo que Sienna Brooks tinha conseguido fugir depois de roubar uma lancha e partir para o mar. A Dra. Sinskey já ouvira a mesma notícia das autoridades turcas, que ainda estavam vasculhando a área, mas ainda não haviam encontrado nada.

Quando a silhueta alta de Langdon surgiu no vão da porta, ela mal o reconheceu. O professor vestia um terno sujo, tinha os cabelos despenteados e um olhar exausto e abatido.

– O senhor está bem, professor? – perguntou ela, levantando-se.

Langdon deu um sorriso cansado.

– Já tive noites mais tranquilas.

– Sente-se, por favor – disse a doutora, indicando uma cadeira.

– O agente contaminante de Zobrist – começou ele sem preâmbulo, assim que se

sentou. – Acho que ele talvez tenha sido liberado há uma semana.

Elizabeth Sinskey meneou a cabeça devagar.

– Sim, nós chegamos à mesma conclusão. Nenhum sintoma foi relatado ainda, mas já isolamos amostras e estamos nos preparando para conduzir intensas baterias de testes. Infelizmente, é possível que levemos dias ou semanas para entender o que esse vírus é de fato... e o que pode fazer.

– É um vírus-vetor – disse Langdon.

A doutora inclinou a cabeça de lado, espantada pelo fato de o professor conhecer aquele termo.

– Zobrist criou um vírus-vetor que se dissemina por contágio aéreo e tem o poder de modificar o DNA humano.

A diretora se levantou tão abruptamente que chegou a derrubar a cadeira. *Isso nem é possível!*

– Por que o senhor diria uma coisa dessas?

– Sienna – respondeu ele, baixinho. – Ela me contou. Há meia hora.

Ela apoiou as mãos na mesa e olhou para Langdon com súbita desconfiança.

– Mas ela não fugiu?

– *Fugiu*, sim – retrucou ele. – Ela estava livre, a bordo de uma lancha em alta velocidade em direção ao mar, e poderia muito bem ter desaparecido para sempre. Só que mudou de ideia. Voltou por livre e espontânea vontade. Sienna quer ajudar nesta crise.

Elizabeth Sinskey deixou escapar uma risada áspera.

– Me perdoe se eu não estiver disposta a confiar na Srta. Brooks, ainda mais diante de afirmação tão disparatada.

– Eu acredito nela – disse Langdon num tom inflexível. – E, se ela está dizendo que é um vírus-vetor, acho melhor a senhora levá-la a sério.

De repente a doutora sentiu-se exausta. Seu cérebro penava para analisar as palavras de Langdon. Ela foi até a janela e olhou para fora. *Um vetor viral capaz de alterar o DNA?* Por mais improvável e horripilante que essa possibilidade lhe soasse, tinha que admitir que havia nela uma certa lógica sinistra. Afinal, Zobrist era geneticista e sabia muito bem que a mais insignificante mutação em um único gene podia ter efeitos catastróficos no corpo: cânceres, falências de órgãos, anomalias sanguíneas. Até uma doença tão horripilante quanto a mucoviscidose, que afoga suas vítimas em muco, devia-se a nada mais do que uma minúscula falha em um gene regulador do cromossomo 7.

Os especialistas agora haviam começado a tratar esses distúrbios genéticos usando vírus-vetores rudimentares, injetados no paciente. Esses vírus não contagiosos eram programados para viajar pelo organismo e substituir os fragmentos de DNA danificados por outros. Mas essa nova ciência, assim como todas as

demais, também tinha seu lado obscuro. Dependendo das intenções do geneticista, os efeitos de um vírus-vetor podiam ser favoráveis ou destrutivos. Se fosse programado de maneira mal-intencionada para inserir DNA *danificado* em células saudáveis, os resultados seriam devastadores. Além disso, se o vírus destrutivo de alguma forma fosse manipulado para se tornar altamente contagioso por via aérea...

A possibilidade fez a Dra. Sinskey se arrepiar. *Que aberração genética Zobrist terá imaginado? Como ele planeja diminuir o rebanho dos homens?*

Sabia que poderia levar semanas para encontrar a resposta. O código genético humano continha um labirinto aparentemente infinito de permutações químicas. A ideia de vasculhar sua totalidade na esperança de encontrar a única alteração específica feita por Zobrist seria como procurar uma agulha num palheiro... sem nem ao menos saber em que planeta estava localizado o palheiro em questão.

– Dra. Sinskey? – A voz grave de Langdon a trouxe de volta ao presente.

A doutora se virou da janela e olhou para ele.

– Ouviu o que eu disse? – perguntou ele, ainda sentado e calmo. – Sienna queria destruir esse vírus tanto quanto a senhora.

– Duvido.

Langdon expirou e se levantou.

– Acho que a senhora deveria me escutar. Pouco antes de morrer, Zobrist escreveu uma carta para Sienna dizendo a ela o que tinha feito. Explicou exatamente como o vírus agia, como iria nos atacar e como atingiria seus objetivos.

Elizabeth Sinskey gelou. *Existe uma carta?!*

– Quando leu a descrição de Zobrist do que havia criado, ela ficou horrorizada. Quis impedi-lo. Achou esse vírus tão perigoso que não queria que *ninguém* tivesse acesso a ele, nem mesmo a OMS. Será que a senhora não entende? Sienna estava tentando destruir o vírus... não liberá-lo.

– Existe uma carta? – perguntou a Dra. Sinskey, agora muito concentrada. – Com *detalhes?*

– Sim, foi o que Sienna me disse.

– Nós *precisamos* dessa carta! Os detalhes podem nos poupar meses para entender o que é essa coisa e saber como lidar com ela.

Langdon balançou a cabeça.

– A senhora não entendeu. Quando Sienna leu a carta de Zobrist, ficou *apavorada*. Ela a queimou na mesma hora. Queria ter certeza de que ninguém...

Elizabeth Sinskey deu um tapa na mesa.

– Ela destruiu a única coisa que poderia nos ajudar a contornar esta crise? E o senhor quer que eu confie nela?

– Sei que é pedir muito, ainda mais diante da forma como ela agiu, mas, em vez de castigá-la, talvez seja útil lembrar que Sienna é dotada de uma inteligência ímpar

que inclui uma capacidade notável para se lembrar de fatos. – Langdon fez uma pausa. – E se ela conseguir recriar a carta de Zobrist o suficiente para ser útil a vocês?

A doutora estreitou os olhos e assentiu de leve.

– Bem, professor, nesse caso, o que o senhor sugere que eu faça?

Langdon indicou com um gesto a caneca vazia de café.

– Sugiro que peça mais café... e ouça a única condição que Sienna impôs.

A pulsação da Dra. Sinskey se acelerou e ela olhou para o telefone.

– O senhor tem como entrar em contato com ela?

– Tenho.

– Qual é a condição dela?

Langdon respondeu e Elizabeth Sinskey se calou, avaliando a proposta.

– Acho que é a coisa certa a fazer – acrescentou ele. – O que a senhora tem a perder?

– Se tudo o que o senhor está dizendo for verdade, eu lhe dou minha palavra. – A doutora empurrou o telefone na sua direção. – Por favor, entre em contato com ela.

Para sua surpresa, Langdon ignorou o telefone. Em vez disso, levantou-se e saiu da sala, afirmando que voltaria em um minuto. Intrigada, a Dra. Sinskey foi até o corredor e o viu atravessar a passos largos a recepção do consulado, empurrar as portas de vidro e chegar ao saguão do elevador. Por um instante pensou que ele fosse sair, mas então, em vez de chamar o elevador, entrou discretamente no banheiro feminino.

Alguns segundos depois, saiu de lá acompanhado por uma mulher que parecia ter 30 e poucos anos. Elizabeth Sinskey precisou de um tempo para se convencer de que aquela fosse mesmo Sienna Brooks. A bela moça de rabo de cavalo que vira mais cedo nesse dia parecia outra pessoa. Estava agora careca, como se o seu crânio houvesse sido raspado.

Os dois entraram na sala e se sentaram em frente à mesa da diretora, sem dizer nada.

– Me perdoe – disse Sienna depressa. – Sei que temos muito o que conversar, mas primeiro eu gostaria que a senhora me deixasse dizer uma coisa.

A Dra. Sinskey notou a tristeza em sua voz.

– Claro.

– A senhora é diretora da OMS – começou Sienna com a voz muito fraca. – Sabe melhor do que ninguém que somos uma espécie à beira do colapso, uma população fora de controle. Durante muitos anos, Bertrand Zobrist tentou conversar com pessoas influentes como a senhora sobre essa crise iminente. Visitou inúmeras organizações que acreditava poderem implementar mudanças: o Instituto Worldwatch, o Clube de Roma, a organização Population Matters, o Conselho de

Relações Exteriores. Mas nunca encontrou ninguém com coragem para ter uma conversa séria sobre alguma solução *real.* Vocês todos respondiam com planos para melhorar a educação sobre métodos anticoncepcionais, incentivos fiscais para famílias menores ou mesmo sugestões de colonizar a lua! Não é de espantar que Bertrand tenha ficado louco.

Elizabeth Sinskey a encarou sem reagir.

Sienna respirou fundo.

– Dra. Sinskey, Bertrand a procurou pessoalmente. Implorou que a senhora reconhecesse que estávamos à beira do abismo e que iniciasse algum tipo de diálogo. Mas a senhora, em vez de ouvir suas ideias, chamou-o de louco, pôs o nome dele em uma lista de pessoas a serem vigiadas e o obrigou a mergulhar na clandestinidade. – A voz de Sienna ficou carregada de emoção. – Bertrand morreu sozinho porque pessoas como a senhora se recusaram a ter a mente aberta o suficiente para ao menos admitir que a nossa situação catastrófica talvez precise de uma solução incômoda. Tudo o que ele fez foi dizer a verdade, nada mais... e foi proscrito. – Ela secou os olhos e encarou a Dra. Sinskey por cima da mesa. – Acredite, eu sei como é se sentir sozinho... e o pior tipo de solidão que existe é a solidão de ser incompreendido. Ela pode fazer as pessoas perderem a noção de realidade.

Sienna parou de falar e um silêncio tenso recaiu sobre a sala.

– Era só isso que eu queria dizer – sussurrou.

A doutora a estudou por um bom tempo e então se sentou.

– Tem razão, Srta. Brooks – falou, com a maior calma possível. – Eu posso não ter ouvido antes... – Ela uniu as mãos sobre a mesa e cravou os olhos nos de Sienna. – Mas estou ouvindo agora.

CAPÍTULO 102

Fazia muito tempo que o relógio do Consulado Suíço já batera a uma da manhã.

O bloco de notas sobre a mesa de Elizabeth Sinskey parecia agora uma colcha de retalhos de textos escritos à mão, perguntas e gráficos. Havia mais de cinco minutos que a diretora da OMS não se mexia nem dizia nada. Postada junto à janela, apenas fitava a noite lá fora.

Atrás dela, Langdon e Sienna aguardavam, sentados e em silêncio, segurando canecas com o que restava de seus cafés turcos, cujo forte aroma de pistache e grãos moídos dominava a sala.

O único barulho era o zumbido das lâmpadas fluorescentes no teto.

Sienna podia sentir o coração disparado e se perguntou o que a doutora estaria pensando depois de ouvir a verdade com todos os seus impiedosos detalhes. *O vírus de Bertrand é uma praga de infertilidade. Um terço da população humana vai ficar estéril*.

Havia passado toda a explicação estudando as emoções da outra mulher, que, embora contidas, tinham sido notáveis. A primeira fora uma aceitação estupefata de que Zobrist de fato havia criado um vírus-vetor que se disseminava por contágio aéreo. Em seguida, ao saber que o vírus não fora projetado para *matar*, demonstrara uma esperança passageira. Então, aos poucos, a doutora havia mergulhado em uma espiral de horror, conforme absorvia a verdade e compreendia que uma enorme porcentagem da população da Terra iria ficar estéril. Era evidente que a revelação de que o vírus atacava a *fertilidade* humana a afetava de forma profunda e pessoal.

A maior emoção de Sienna foi alívio. Ela agora havia compartilhado com a diretora da OMS todo o conteúdo da carta de Bertrand. *Não tenho mais segredos*.

– Doutora? – arriscou Langdon.

Lentamente Elizabeth Sinskey abandonou suas divagações. Quando olhou para os dois, tinha o rosto abatido.

– Sienna – começou ela com tom de voz neutro –, as informações que você me deu vão ser muito úteis na preparação de uma estratégia para lidar com esta crise. Obrigada pela sua sinceridade. Como sabe, os vetores virais pandêmicos vêm sendo discutidos *em teoria* como uma possível forma de imunizar grandes populações, mas todo mundo acreditava que a tecnologia ainda fosse levar muitos anos para ser desenvolvida.

Ela voltou para a mesa e se sentou.

– Me desculpem – falou, balançando a cabeça. – Isso tudo ainda está me parecendo ficção científica.

Não é de espantar, pensou Sienna. Todos os saltos quânticos em medicina haviam produzido aquela mesma sensação: a descoberta da penicilina, da anestesia, a primeira vez que um ser humano olhara por um microscópio e vira uma célula se dividir.

A diretora da OMS baixou os olhos para o bloco de notas.

– Em algumas horas vou a Genebra e serei bombardeada de perguntas. Não tenho dúvidas de que a primeira delas vai ser: existe ou não alguma forma de reverter esse vírus?

Sienna desconfiava que ela estivesse certa.

– E imagino que a primeira solução a ser proposta será analisar o vírus que Bertrand criou, entendê-lo o máximo possível e depois tentar criar uma segunda cepa, uma variação que possamos *reprogramar* para restituir o formato original de nosso DNA. – Quando ela olhou para Sienna, sua expressão não parecia otimista. – Resta descobrir se um contravírus será viável, mas, hipoteticamente falando, eu gostaria de saber o que você pensa dessa abordagem.

O que eu penso? Por puro reflexo, Sienna se virou para Langdon. O professor meneou a cabeça para ela. Seu recado era claro: *Você já veio até aqui. Diga o que acha. Compartilhe o seu ponto de vista*.

Sienna pigarreou, virou-se para a Dra. Sinskey e falou com uma voz nítida e forte:

– Eu frequentei o mundo da engenharia genética por muitos anos com Bertrand. Como a senhora sabe, o genoma humano é uma estrutura extremamente delicada, como um castelo de cartas. Quanto mais ajustes fazemos, maiores as chances de mexermos por engano na carta errada e jogarmos por terra a estrutura inteira. Minha crença é que tentar desfazer o que já foi feito é muito perigoso. Bertrand era um geneticista de perícia e visão excepcionais. Estava anos à frente de seus pares. Não tenho certeza se hoje eu confiaria em alguma outra pessoa para manipular o genoma humano na esperança de consertá-lo. Mesmo que vocês conseguissem criar algo que talvez pudesse funcionar, para testá-lo teriam que *reinfectar* a população inteira com outra coisa.

– É verdade – disse Elizabeth Sinskey, sem aparentar surpresa com o que acabara de ouvir. – Mas é claro que existe uma questão maior. Talvez nós nem *queiramos* reverter o vírus.

Aquelas palavras pegaram Sienna desprevenida.

– Como é que é?

– Eu posso até discordar dos métodos de Bertrand, mas a avaliação que ele fez da situação mundial procede. Nosso planeta está enfrentando uma questão populacional

séria. Se conseguirmos neutralizar o vírus dele sem um plano alternativo viável... vamos voltar à estaca zero.

O choque de Sienna deve ter sido aparente, pois Elizabeth Sinskey deu uma risadinha cansada e completou:

– Você não esperava me ouvir dizer isso, não é?

Sienna balançou a sabeça.

– Acho que eu não sei mais o que esperar.

– Então talvez eu vá surpreendê-la outra vez – continuou a Dra. Sinskey. – Como lhe disse mais cedo, líderes das principais agências de saúde mundiais vão se reunir em Genebra daqui a poucas horas para discutir esta crise e preparar um plano de ação. Até onde eu me lembre, é a reunião mais importante em todos os meus anos de OMS. – Ela encarou a jovem médica. – Sienna, eu gostaria que *você* participasse desse debate.

– Eu? – Sienna se encolheu. – Não sou geneticista. Já falei tudo o que sabia. – Ela apontou para o bloco da doutora. – Tudo com que posso contribuir está anotado aí.

– De jeito nenhum – interveio Langdon. – Qualquer debate significativo sobre esse vírus vai precisar de *contextualização*, Sienna. A Dra. Sinskey e sua equipe vão ter que montar um arcabouço moral para avaliar como devem reagir. Ela obviamente acredita que você está em uma posição privilegiada para contribuir com esse diálogo.

– Desconfio que o meu arcabouço moral não vá ser do agrado da OMS.

– Provavelmente não – retrucou Langdon. – E esse é mais um motivo para que você esteja lá. Você pertence a uma nova categoria de pensadores. Suas ideias são um contraponto. Você pode ajudá-los a entender a disposição mental de visionários como Bertrand: indivíduos brihantes cujas convicções, de tão fortes, os levam a tomar as rédeas da situação.

– Bertrand não foi o primeiro a fazer isso.

– Não. Nem vai ser o último – interveio Elizabeth Sinskey. – Todos os meses a OMS descobre novos laboratórios nos quais cientistas estudam as regiões obscuras da ciência. Há de tudo, desde a manipulação de células-tronco humanas até a criação de quimeras, espécies mistas que não existem na natureza. É inquietante. A ciência está progredindo tão depressa que ninguém mais sabe como estabelecer limites.

Sienna teve que concordar. Havia pouco tempo, dois respeitados virologistas – Fouchier e Kawaoka – haviam criado um vírus mutante H5N1 altamente patogênico. Apesar de sua intenção ser apenas acadêmica, a nova criação tinha determinadas capacidades que deixaram alarmados os especialistas em biossegurança e provocaram uma gigantesca controvérsia na internet.

– Meu medo é que essa situação fique cada vez mais confusa – disse a Dra.Sinskey. – Estamos prestes a descobrir novas tecnologias que ainda não conseguimos sequer imaginar.

– E novas filosofias também – acrescentou Sienna. – O movimento transumanista está a ponto de sair das sombras e virar tendência. Um de seus preceitos fundamentais é que nós, seres humanos, temos a obrigação moral de *participar* de nosso processo evolutivo, de usar nossas tecnologias para aprimorar a espécie e criar pessoas melhores: mais saudáveis, mais fortes, com cérebros mais funcionais. Em breve tudo será possível.

– E você não acha que essas crenças entram em conflito com o processo evolutivo?

– Não – respondeu Sienna sem hesitar. – Os seres humanos foram evoluindo aos poucos ao longo de vários milênios e inventaram novas tecnologias nesse tempo: esfregaram um graveto no outro para obter calor, desenvolveram a agricultura para se alimentar, inventaram vacinas para combater doenças. Agora criaram ferramentas genéticas para ajudar a adaptar nosso corpo de modo a nos tornarmos aptos a sobreviver neste mundo em mutação. – Ela fez uma pausa. – Na minha opinião, a engenharia genética é apenas mais um passo em uma longa lista de avanços da humanidade.

Elizabeth Sinskey ficou calada, imersa em pensamentos.

– Quer dizer que você acredita que devamos acolher essas ferramentas de braços abertos?

– Se *não* as acolhermos, seremos tão pouco merecedores da vida quanto um homem das cavernas que morre de frio por medo de acender uma fogueira – respondeu Sienna.

Suas palavras pareceram pairar por um bom tempo no ar antes que alguém voltasse a se manifestar.

Foi Langdon quem quebrou o silêncio.

– Não quero soar antiquado – começou ele –, mas fui criado ouvindo as teorias de Darwin e não consigo deixar de questionar a sensatez de tentar *acelerar* o processo natural de evolução.

– Robert, a engenharia genética não é uma aceleração do processo evolutivo – falou Sienna, enfática. – É o curso natural dos acontecimentos! Você está se esquecendo de que foi a *evolução* que criou Bertrand Zobrist. O intelecto superior dele era justamente o resultado do processo descrito por Darwin: uma evolução ao longo do tempo. Sua rara compreensão da genética não foi um clarão de inspiração divina, mas o resultado de anos de progresso intelectual da humanidade.

Langdon se calou e pareceu considerar a questão.

– Se você é darwinista – prosseguiu ela –, deve saber que a natureza sempre

encontrou uma forma de manter a população humana sob controle: pestes, fome, enchentes. Mas me diga uma coisa: não seria possível a natureza ter agora inventado uma forma diferente? Em vez de nos mandar desastres naturais e misérias terríveis, talvez, por meio do processo evolutivo, a natureza tenha criado um cientista que inventou um método diferente para reduzir nossa população ao longo do tempo. Sem peste. Sem morte. Apenas uma espécie mais adaptada ao ambiente.

– Sienna – interrompeu a Dra. Sinskey. – Está tarde. Temos que ir. Mas, antes de partirmos, preciso esclarecer uma última coisa. Você me disse várias vezes hoje à noite que Bertrand não era um homem mau, que ele amava a humanidade e que sua ânsia de salvar nossa espécie era grande a ponto de ele conseguir racionalizar a aplicação de medidas tão drásticas.

Sienna assentiu.

– Os fins justificam os meios – falou, em uma referência à teoria do famoso cientista político florentino Maquiavel.

– Então me diga: você acredita que os fins justificam os meios? Acredita que o objetivo de Bertrand de salvar o mundo era nobre a ponto de justificar a liberação desse vírus?

Um silêncio tenso se abateu sobre a sala.

Sienna se inclinou para a frente com uma expressão veemente.

– Dra. Sinskey, como já lhe disse, acho que os atos de Bertrand foram *temerários* e muito perigosos. Se eu pudesse ter impedido suas ações, teria feito isso sem pestanejar. *Preciso* que a senhora acredite em mim.

Elizabeth Sinskey estendeu o braço por cima da mesa e, com delicadeza, segurou as duas mãos da jovem.

– Eu acredito, Sienna. Acredito em cada palavra do que você me disse.

CAPÍTULO 103

No aeroporto de Atatürk, o ar que precedia a aurora estava frio e enevoado. Uma leve bruma havia se assentado rente ao chão, cobrindo a pista do terminal privativo.

Langdon, Sienna e a Dra. Sinskey chegaram num carro de luxo e foram recebidos em frente ao terminal por um funcionário da OMS que os ajudou a saltar.

– Estamos prontos. Partimos quando a senhora quiser, diretora – disse ele, guiando o trio para dentro do modesto prédio do terminal.

– E o voo do professor Langdon? – indagou ela.

– Um avião particular para Florença. A documentação de viagem temporária do professor já está a bordo.

Elizabeth Sinskey meneou a cabeça em agradecimento.

– E a outra questão sobre a qual conversamos?

– Já está sendo providenciada. A encomenda será despachada assim que possível.

A Dra. Sinskey agradeceu ao funcionário, que se afastou pela pista em direção ao avião. Então se virou para Langdon.

– Tem certeza de que não quer vir conosco? – Ela abriu um sorriso cansado e afastou do rosto os longos cabelos cor de prata, prendendo-os atrás das orelhas.

– Considerando toda a situação, não sei se um professor de História da Arte terá muito com que contribuir – respondeu ele num tom brincalhão.

– O senhor já contribuiu bastante – falou a Dra. Sinskey. – Mais do que imagina. E uma de suas maiores contibuições foi... – Ela fez um gesto para indicar Sienna ao seu lado, mas a moça já não estava mais ali.

Uns 20 metros mais atrás, Sienna estava parada diante de uma grande vidraça através da qual fitava o C-130 estacionado na pista. Parecia perdida em pensamentos.

– Obrigado por confiar nela – disse Langdon baixinho. – Sinto que ela não teve muito disso na vida.

– Desconfio que Sienna Brooks e eu teremos muito a aprender uma com a outra. – A diretora estendeu a mão. – Vá com Deus, professor.

– A senhora também – respondeu Langdon enquanto se cumprimentavam. – Boa sorte em Genebra.

– Obrigada. Vamos precisar mesmo – disse ela e em seguida meneou a cabeça na direção de Sienna. – Vou deixá-los a sós um instante. Diga para ela sair quando

tiverem acabado.

Enquanto atravessava o terminal, a doutora levou distraidamente a mão ao bolso e segurou as duas metades do amuleto quebrado, apertando-as com força.

– Não desista desse Bastão de Asclépio – disse Langdon em voz alta atrás dela. – Ele tem conserto.

– Obrigada – respondeu ela com um aceno. – Espero que tudo tenha.

• • •

Sozinha diante da vidraça, Sienna Brooks fitava as luzes na pista do aeroporto, que tinham um aspecto fantasmagórico graças à névoa rasteira e às nuvens que se adensavam no céu. No alto de uma torre de controle ao longe, a bandeira turca tremulava orgulhosa: um fundo vermelho com os antigos símbolos da lua crescente e da estrela, vestígio do Império Otomano ainda a se desfraldar, altivo, em pleno mundo moderno.

– Uma lira turca pelos seus pensamentos – disse uma voz grave atrás dela.

Sienna não se virou.

– Está vindo um temporal.

– Eu sei – respondeu Langdon, baixinho.

Depois de um bom tempo, Sienna ficou de frente para ele.

– E também que eu queria que você estivesse indo para Genebra conosco.

– É muita gentileza sua dizer isso – retrucou ele. – Mas você vai estar ocupada discutindo o futuro. A última coisa de que vai precisar é de um antiquado professor universitário atrapalhando.

Ela o encarou, intrigada.

– Você se acha velho demais para mim, não é?

Langdon deu uma gargalhada.

– Sienna, eu *com certeza* sou velho demais para você!

Ela se remexeu, sem graça.

– Tudo bem... mas pelo menos você sabe onde me encontrar. – Conseguiu dar de ombros com uma espontaneidade juvenil. – Quero dizer, se um dia quiser me ver de novo.

Ele sorriu.

– Seria um prazer.

Ela ficou mais animada, mas mesmo assim um longo silêncio se instalou entre eles. Nenhum dos dois sabia muito bem como se despedir.

Quando Sienna ergueu os olhos para o professor, foi tomada por uma onda de emoção que não estava acostumada a sentir. Impulsivamente, ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na boca. Quando se afastou, seus olhos estavam marejados.

– Vou sentir saudades – sussurrou.

Com um sorriso afetuoso, ele a envolveu nos braços.

– Eu também.

Ficaram assim um bom tempo, presos num abraço que nenhum dos dois parecia querer desfazer. Por fim, Langdon tornou a falar:

– Existe um ditado antigo, muitas vezes atribuído ao próprio Dante... – Ele fez uma pausa. – "Lembre-se desta noite, pois ela é o início da eternidade."

– Obrigada, Robert – disse Sienna, as lágrimas começando a correr. – Finalmente sinto que tenho um objetivo.

Langdon a abraçou mais forte.

– Você sempre disse que queria salvar o mundo, Sienna. Quem sabe esta não é a sua chance?

Ela deu um leve sorriso e se afastou. Enquanto caminhava sozinha rumo ao C-130 parado na pista, pensou em tudo o que havia acontecido, em tudo o que ainda poderia acontecer e em todos os futuros possíveis.

Lembre-se desta noite, *pois ela é o início da eternidade*, repetiu para si mesma.

Ao embarcar no avião, Sienna rezou para que Dante estivesse certo.

CAPÍTULO 104

O sol fraco da tarde se punha sobre a Piazza del Duomo, refletindo-se no mármore branco do campanário de Giotto e cobrindo com longas sombras a magnífica catedral florentina de Santa Maria del Fiore.

O funeral de Ignazio Busoni estava apenas começando quando Robert Langdon entrou discretamente na catedral e encontrou um lugar para sentar, satisfeito que a vida de Ignazio fosse ser homenageada ali, na basílica atemporal que tantos anos estivera sob os seus cuidados.

Apesar da fachada vibrante, o interior da catedral de Florença era simples, vazio e austero. Nesse dia, porém, o ascético santuário parecia irradiar uma atmosfera de celebração. Autoridades do governo, amigos e colegas do mundo da arte tinham vindo de toda a Itália e lotado a igreja para recordar o homem imenso e cheio de vida carinhosamente chamado de *il Duomino*.

Segundo a imprensa, Busoni morrera fazendo o que mais amava na vida: dando um passeio noturno pelos arredores do Duomo.

O tom do funeral foi muito positivo, com comentários bem-humorados de amigos e parentes. Um colega apontou que o amor de Busoni pela arte renascentista, segundo ele próprio, só se comparava a seu amor por espaguete à bolonhesa e *budino* de caramelo.

Depois da cerimônia, enquanto os convidados conversavam e se lembravam com carinho de episódios da vida de Ignazio, Langdon se pôs a vagar pelo interior do Duomo para admirar as obras que Busoni tanto amara: o *Juízo Final* de Vasari no teto da cúpula; os vitrais de Donatello e Ghiberti; o relógio de Uccello; e o muitas vezes negligenciado piso de mosaico que adornava o chão.

Em determinado momento, viu-se diante de um rosto conhecido: Dante Alighieri. Retratado por Michelino em sua lendária pintura, o célebre poeta aparecia em pé, com o monte Purgatório ao fundo, segurando nas duas mãos estendidas sua obra-prima, *A Divina Comédia*, como se a ofertasse com humildade.

Não pôde evitar imaginar o que Dante teria achado se soubesse da influência que seu poema épico viria a exercer no mundo séculos mais tarde, num futuro que nem mesmo o poeta florentino poderia ter vislumbrado.

Ele encontrou a vida eterna, pensou Langdon, lembrando-se do conceito de fama dos antigos filósofos gregos. *Enquanto o teu nome for dito, tu jamais morrerás*.

A noite já caía quando ele atravessou a Piazza Sant'Elisabetta e voltou ao

elegante Hotel Brunelleschi. Ao chegar ao quarto, ficou aliviado por encontrar um grande pacote à sua espera.

Enfim havia chegado.

A encomenda que fiz a Elizabeth Sinskey.

Cortou às pressas a fita adesiva que lacrava a caixa e retirou o precioso conteúdo, aliviado ao ver que ele fora embalado com esmero e envolto em plástico-bolha.

Para sua surpresa, no entanto, a caixa continha alguns outros objetos além do esperado. Pelo visto, Elizabeth Sinskey usara sua considerável influência para recuperar um pouco mais do que ele pedira. A caixa continha as roupas de Langdon: sua camisa, sua calça social e seu surrado paletó Harris Tweed, todos lavados e passados. Até os sapatos sociais estavam ali, recém-engraxados. Também ficou satisfeito ao encontrar dentro da caixa seu passaporte e sua carteira.

Mas foi a descoberta de um último objeto que o fez dar uma risadinha. Sua reação em parte foi causada pelo alívio de recuperá-lo... e em parte pela vergonha de lhe dar tanta importância.

Meu relógio do Mickey Mouse.

Na mesma hora pôs o relógio de colecionador no pulso. O contato da pulseira de couro gasta na pele lhe causou uma estranha segurança. Quando terminou de vestir as próprias roupas e calçou de volta seus sapatos, Robert Langdon quase se sentiu ele mesmo outra vez.

Saiu do hotel carregando o embrulho delicado dentro de uma bolsa do Brunelleschi emprestada pelo concierge. A noite estava quente para aquela época do ano, o que tornou ainda mais onírica sua caminhada pela Via dei Calzaiuoli em direção à solitária torre do Palazzo Vecchio.

Ao chegar, Langdon se registrou na sala de segurança, onde seu nome estava em uma lista para encontrar Marta Alvarez. Ele então foi conduzido até o Salão dos Quinhentos, ainda apinhado de turistas. Chegou bem na hora marcada e imaginou que Marta fosse estar à sua espera na entrada, mas não havia nem sinal dela.

Chamou um funcionário que passava por ali.

– *Scusi?* – disse Langdon. – *Dove posso trovare Marta Alvarez?*

O homem abriu um sorriso largo.

– *Signora Alvarez?!* Ela não está! Teve bebê! *Catalina! Molto bella!*

Langdon ficou feliz ao receber aquela notícia.

– *Ahh... che bello* – respondeu. – *Stupendo!*

Enquanto o funcionário se afastava a passos rápidos, Langdon se perguntou o que deveria fazer com o embrulho que carregava.

Não demorou a se decidir: atravessou o Salão dos Quinhentos, passou debaixo do mural de Vasari e subiu em direção ao museu do *palazzo*, tomando cuidado para não ser visto por nenhum segurança.

Por fim, chegou diante do estreito *andito* do museu. A passagem estava escura, isolada por colunas de metal com cordões e uma placa de CHIUSO/FECHADO.

Langdon olhou para um lado, depois para o outro, e então passou por baixo do cordão e entrou no espaço mal iluminado. Enfiou a mão na bolsa e pegou com cautela o delicado embrulho, retirando em seguida o plástico-bolha.

Quando terminou de desenrolar o plástico, a máscara mortuária de Dante tornou a encará-lo. A frágil peça de gesso continuava dentro do Ziploc. Tinha sido recuperada, conforme instruções de Langdon, no guarda-volumes da estação ferroviária de Veneza. Parecia em perfeito estado, tirando um pequeno detalhe: um poema inscrito em uma elegante espiral no verso.

Langdon olhou para o antigo mostruário. *A máscara mortuária de Dante fica exposta de frente... ninguém vai notar.*

Tirou a máscara do Ziploc com cuidado. Então, bem devagar, tornou a colocá-la no gancho dentro da vitrine. A máscara se encaixou no lugar, aninhando-se no familiar fundo de veludo vermelho.

Langdon fechou o mostruário e ficou parado alguns instantes fitando o semblante pálido de Dante, uma presença fantasmagórica no recinto escuro. *Enfim em casa.*

Antes de sair, ele removeu as colunas, o cordão e a placa na entrada do *andito*. Ao atravessar a galeria, abordou uma jovem funcionária:

– *Signorina?* Vocês precisam acender as luzes em cima da máscara mortuária de Dante. É muito difícil vê-la no escuro.

– Sinto muito, senhor, mas essa parte do museu está fechada – respondeu a moça. – A máscara mortuária de Dante não está mais aqui.

– Que estranho. – Langdon fingiu surpresa. – Eu a estava admirando agora mesmo.

A mulher exibiu uma expressão confusa.

Enquanto ela seguia apressada em direção ao *andito*, Langdon escapuliu do museu sem chamar atenção.

Dez mil metros acima da superfície escura do golfo da Biscaia, o voo noturno da Alitalia para Boston seguia rumo a oeste pela noite enluarada.

A bordo, Robert Langdon estava entretido com um exemplar brochura da *Divina Comédia*. O ritmo musicado dos versos em terça rima, aliado ao zumbido das turbinas do avião, o embalara até um estado quase hipnótico. As palavras de Dante pareciam saltar das páginas, ressoando em seu coração como se tivessem sido escritas especialmente para aquele momento de sua vida.

O poema de Dante, como a releitura o fizera lembrar, falava menos sobre as agonias do Inferno e mais sobre a capacidade do espírito humano de suportar qualquer provação, por mais aterrorizante que fosse.

Lá fora, uma lua cheia surgira no céu, deslumbrante e resplandecente, ofuscando todos os outros corpos celestes. Langdon fitou a imensidão e se deixou levar pela lembrança de tudo o que havia acontecido nos últimos dias.

Os lugares mais sombrios do Inferno são reservados àqueles que se mantiveram neutros em tempos de crise moral. Para ele, o significado dessas palavras nunca estivera tão claro: *Em situações de perigo, não existe pecado maior do que a omissão.*

Sabia que ele próprio, assim como milhões de outras pessoas, carregava essa culpa. No que dizia respeito à situação do mundo, a negação havia se tornado uma pandemia global. Langdon prometeu a si mesmo nunca esquecer isso.

Conforme o avião seguia, pensou nas duas corajosas mulheres em Genebra, encarando o futuro sem medo e lidando com as complexidades de um mundo que nunca mais seria o mesmo.

Pela janela, uma massa de nuvens surgiu no horizonte e se deslocou devagar pelo céu até ficar bem em frente à lua e bloquear sua luz intensa.

Robert Langdon se recostou na cadeira, sentindo que era hora de dormir.

Ao apagar a luz de leitura, voltou os olhos uma última vez para o céu. Lá fora, na escuridão que acabava de cair, o mundo havia se transformado. O firmamento era agora uma reluzente tapeçaria de estrelas.

Dan Brown é autor de *O Código Da Vinci*, um dos romances mais lidos de todos os tempos, além dos sucessos internacionais *O Símbolo Perdido*, *Anjos e Demônios*, *Ponto de Impacto* e *Fortaleza Digital*. Mora na Nova Inglaterra com a esposa.

Meu mais humilde e sincero obrigado:

Como sempre, em primeiro e primordial lugar, a meu editor e caro amigo Jason Kaufman, por sua dedicação e talento, mas sobretudo por seu inesgotável senso de humor.

A Blythe, minha extraordinária esposa, por seu amor e paciência com o processo de escrita, bem como por seu incrível instinto e sua sinceridade como editora em primeira mão.

A Heide Lange, minha incansável agente e amiga de confiança, por conduzir com perícia mais conversas em mais países e sobre mais assuntos do que eu jamais virei a saber. Por sua capacidade e por sua energia, serei eternamente grato.

A toda a equipe da Doubleday, por seu entusiasmo, criatividade e esforço na edição dos meus livros, com um obrigado especial a Suzanne Herz (por assumir tantas tarefas... sempre de forma tão eficaz), Bill Thomas, Michael Windsor, Judy Jacob, Joe Gallagher, Rob Bloom, Nora Reichard, Beth Meister, Maria Carella, Lorraine Hyland, e também ao inesgotável apoio de Sonny Mehta, Tony Chirico, Kathy Trager, Anne Messitte e Markus Dohle. Ao incrível pessoal do departamento de vendas da Random House: vocês são incomparáveis.

A Michael Rudell, meu sábio conselheiro, por seu instinto infalível em todas as questões, grandes e pequenas, e também por sua amizade.

A Susan Morehouse, minha insubstituível assistente, por sua graça e vitalidade; sem ela, tudo vira caos.

A todos os meus amigos na Transworld, em especial Bill Scott-Kerr, por sua criatividade, apoio e bom-humor, e também a Gail Rebuck por sua fantástica liderança.

À Mondadori, minha editora italiana, em especial Ricky Cavallero, Piera Cusani, Giovanni Dutto, Antonio Franchini e Claudia Scheu; e à Altin Kaplar, minha editora turca, em particular Oya Alpar, Erden Heper e Batu Bozkurt, pelos serviços especiais dispensados no que diz respeito aos lugares citados neste livro.

A meus excepcionais editores estrangeiros por sua paixão, seu comprometimento e seu trabalho árduo.

Por sua impressionante organização dos escritórios de tradução em Londres e Milão, a Leon Romero-Montalvo e Luciano Guglielmi.

À radiosa Dra. Marta Alvarez, por passar tanto tempo conosco em Florença e dar vida à arte e arquitetura da cidade.

Ao incomparável Maurizio Pimponi, por tudo o que fez para incrementar nossa estadia na Itália.

A todos os historiadores, guias e especialistas que generosamente me dedicaram seu tempo em Florença e Veneza para compartilhar seus conhecimentos: Giovanna Rao e Eugenia Antonucci, da Biblioteca Medicea Laurenziana; Serena Pini e a equipe de funcionários do Palazzo Vecchio; Giovanna Giusti, da Galleria degli Uffizi; Barbara Fedeli, do Battistero e Il Duomo; Ettore Vio e Massimo Bisson, da Basílica de São Marcos; Giorgio Tagliaferro, do Palácio dos Doges; Isabella di Lenardo, Elizabeth Carroll Consavari e Elena Svalduz por toda Veneza; Annalisa Bruni e equipe da Biblioteca Nazionale Marciana; e meu sincero obrigado aos muitos outros que deixei de mencionar nesta curta lista.

A Rachael Dillon Fried e Stephanie Delman, da Sanford J. Greenburger Associates, por tudo o que fazem tanto nos Estados Unidos quanto no exterior.

Às mentes excepcionais dos Drs. George Abraham, John Treanor e Bob Helm, por seu conhecimento em medicina.

A meus primeiros leitores, que, ao longo do percurso, contribuíram com seus pontos de vista: Greg Brown, Dick e Connie Brown, Rebecca Kaufman, Jerry e Olivia Kaufman, John Chaffee.

Ao fera em internet Alex Cannon, que, junto com a equipe da Sanborn Media Factory, mantém todo o mundo on-line em perfeito funcionamento.

A Judd e Kathy Gregg, por me proporcionarem um santuário tranquilo em Green Gables para escrever os capítulos finais deste livro.

Ao fantástico acervo digital dos sites Dante Project (Universidade de Princeton), Digital Dante (Universidade de Columbia) e World of Dante.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



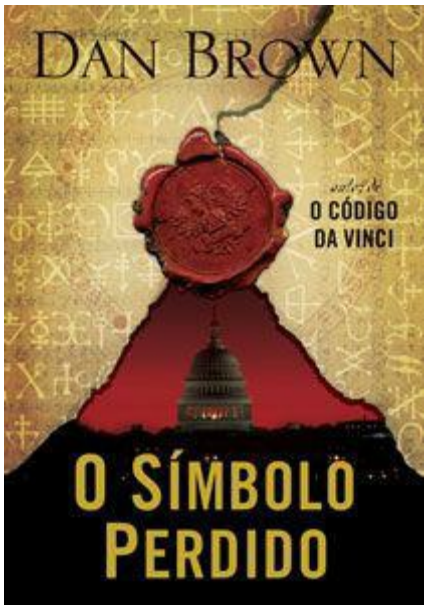
O Código Da Vinci

Um assassinato dentro do Museu do Louvre traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo que foi protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. Com a ajuda da criptógrafa Sophie Neveu, o professor de Simbologia Robert Langdon segue as pistas ocultas nas obras de Da Vinci e se debruça sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – da natureza do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal. Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, esse livro consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade.



Anjos e Demônios

Às vésperas do conclave que vai eleger o novo Papa, Robert Langdon tenta impedir que uma antiga sociedade secreta destrua a Cidade do Vaticano. Correndo contra o tempo, Langdon se lançará com Vittoria Vetra, uma bela cientista italiana, numa caçada frenética por criptas, igrejas e catedrais, desvendando enigmas e seguindo uma trilha que pode levar ao covil dos Illuminati – um refúgio secreto onde está a única esperança de salvação da Igreja nesta guerra entre ciência e religião.



O Símbolo Perdido

O célebre professor de Harvard é convidado por seu amigo e mentor Peter Solomon a dar uma palestra no Capitólio dos Estados Unidos. Ao chegar lá, descobre que caiu numa armadilha e, ao que tudo indica, Solomon está correndo grande perigo. Para salvá-lo, Langdon se lança num labirinto de verdades ocultas, códigos maçônicos e símbolos escondidos. Nas mãos de Dan Brown, Washington se revela tão fascinante quanto o Vaticano ou Paris. Nesse livro ele desperta o interesse dos leitores por temas tão variados como noética, teoria das supercordas e grandes obras de arte.

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.
Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br
 facebook.com/editora.arqueiro
 twitter: @editoraarqueiro
Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Table of Contents

Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73

Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Capítulo 101
Capítulo 102
Capítulo 103
Capítulo 104
Epílogo
Sobre o autor
Agradecimentos
Conheça outros títulos do autor
Informações sobre os próximos lançamentos